



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Jaqueline Vieira de Aguiar

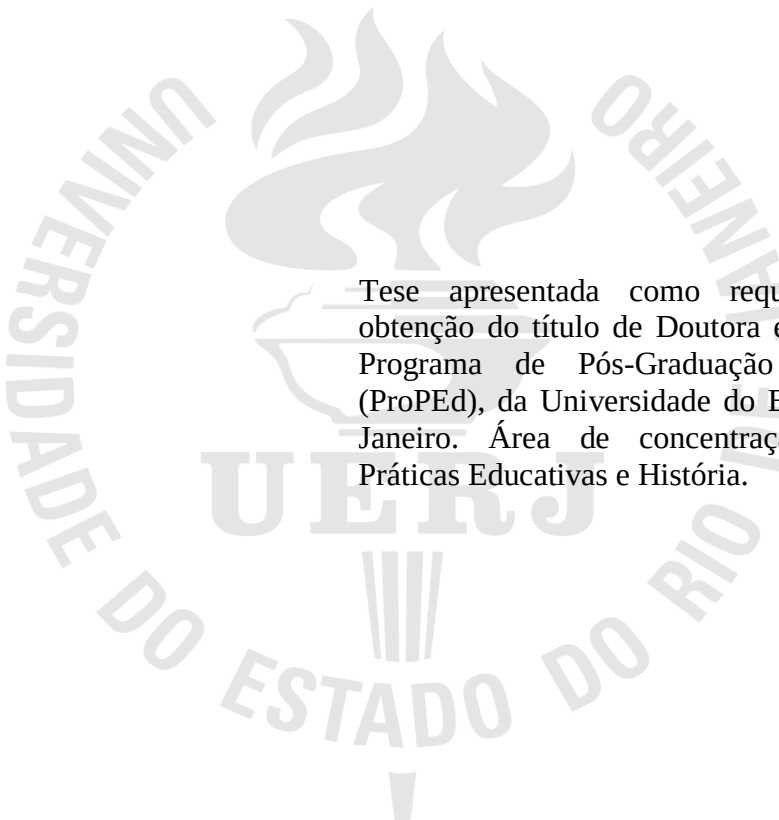
**Cadernos de Lições: a educação das Princesas Isabel e Leopoldina nos
Paços Imperiais (1850-1864)**

Rio de Janeiro

2020

Jaqueline Vieira de Aguiar

**Cadernos de Lições: a educação das Princesas Isabel e Leopoldina nos Paços Imperiais
(1850-1864)**



Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação, ao Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Instituições, Práticas Educativas e História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Celi Chaves Vasconcelos

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

A282	Aguiar, Jaqueline Vieira de. Cadernos de Lições: a educação das Princesas Isabel e Leopoldina nos Paços Imperiais (1850-1864) / Jaqueline Vieira de Aguiar. – 2020. 346 f.

Orientador: Maria Celi Chaves Vasconcelos.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação.

1. Educação – Teses. 2. Brasil – História – Império, 1822-1889 – Teses. 3. Isabel, Princesa do Brasil, 1846-1921 – Teses. 4. Leopoldina, Princesa do Brasil, 1847-1871 – Teses. I. Vasconcelos, Maria Celi Chaves. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

es

CDU 327(675)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Jaqueline Vieira de Aguiar

**Cadernos de Lições: a educação das Princesas Isabel e Leopoldina nos Paços Imperiais
(1850-1864)**

Tese apresentada, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação, ao Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPED), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Instituições, Práticas Educativas e História.

Aprovada em 14 de fevereiro de 2020.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Maria Celi Chaves Vasconcelos (Orientadora)
Faculdade de Educação - UERJ

Prof^o Dr^o Pablo Álvarez Domínguez
Facultad Ciencias de la Educacion- US-SEV- España

Prof^a Dr^a Maria Helena Camara Bastos
Faculdade de Educação e de História - PUC-RS

Prof^a Dr^a Maria Teresa Santos Cunha
Faculdade de Educação e de História - UDESC

Prof^a Dr^a Ana Chrystina Venancio Mignot
Faculdade de Educação - UERJ

Rio de Janeiro
2020

DEDICATÓRIA

Às Famílias e Instituições que preservam cadernos de lições.

À Família Imperial e seus nobres descendentes.

Às Famílias Pimentel Kloh e Fernandes dos Santos pelos grandes amigos que me proporcionaram.

À Família de onde vim: meus pais, Jorge Carreiro de Aguiar e Tania Maria Vieira de Aguiar, e meus quatro irmãos, Daniela, Flávia, Márcio e Renato Aguiar.

À Família que com a graça de Deus construí: meu marido Adriano Melo dos Santos e minhas filhas Camille Aguiar dos Santos e Yasmim Aguiar dos Santos.

AGRADECIMENTOS

A palavra que define meu doutorado cursado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Rio de Janeiro (ProPEd) é superação. Superação profissional, familiar, física e intelectual: superação profissional para dar conta da regência em turmas do Ensino Médio na Rede Estadual de Ensino, lotada no Ciep 165 Brigadeiro Sérgio Carvalho em Campo Grande – RJ; superação familiar para conseguir administrar o lar como mãe, esposa, filha e irmã; superação física para contornar as debilidades do corpo e da alma, causadas pelas longas jornadas diante do computador, cerca de 18 horas diárias, seja em casa, no “depósito” – um escritório adaptado em meio ao jardim – ou no Museu Imperial, em Petrópolis, pesquisando; superação intelectual para me dedicar à leitura de um imenso aporte teórico e documental, cursar as disciplinas e o estágio supervisionado nas turmas de graduação em Pedagogia da UERJ, elaborar os trabalhos, participar dos congressos no Brasil e no exterior, publicar e apresentar cerca de vinte trabalhos em menos de quatro anos; superação intelectual para dominar o conhecimento de línguas estrangeiras, seja para o ingresso no curso, e/ou para realizar a leitura de textos e, principalmente, escrever mais de trezentas páginas, buscando me conter para não ultrapassar esse número. E, se hoje estou escrevendo os agradecimentos, é porque consegui me superar testando meus próprios limites. Todavia, não conseguiria enfrentar tantas dificuldades se Ele não estivesse sempre ao meu lado, por isso, meu primeiro agradecimento é a Deus e as intercessoras Santa Rita de Cássia e Nossa Senhora Aparecida por renovarem minhas forças diariamente para tornar este sonho uma realidade. Também é hora de agradecer a todas as pessoas que me ajudaram a chegar até aqui, e se me esquecer de alguém, peço desculpas, a essa altura já me faltam forças e lembranças.

Ao meu marido, Adriano Melo dos Santos, e minhas filhas, Camille Aguiar dos Santos e Yasmim Aguiar, por terem suportado minha ausência e me incentivarem a continuar seguindo adiante. Sem o apoio de vocês, jamais conseguiria terminar o curso, muito obrigada! Vocês definem a verdadeira essência do que é ser família, amo-os muito!

Aos meus pais, Jorge e Tania Aguiar, minhas irmãs, Flávia e Daniela Aguiar, e meus sogros, Francisco e Zenaide. Muito obrigada!

Às minhas avós, Irene Carreiro e Maria do Manto (*in memoriam*), pelo exemplo de mulheres fortes e determinadas.

Ao meu tio José Lino, por me incentivar a estudar desde a graduação, sempre acreditando em meu potencial.

A minha prima, a historiadora Fernanda Castro, pelo apoio diário, jamais conseguirei retribuir tamanha generosidade e auxílio durante a pesquisa, a você, meu agradecimento especial!

A minha amiga e madrinha, Lúcia Maria, pelo incentivo em todos os momentos.

A meu grande amigo, Mauro Fernandes, meu guia em tantos aspectos e incentivador de todas as horas. Muito bom poder contar com sua amizade, seu apoio e seus conhecimentos intelectuais. Foram dias, horas e anos compartilhando as várias emoções que um doutorado promove na vida de um doutorando. Como você sempre diz: somente quem já passou por esta experiência acadêmica pode compreender as dificuldades para entrar e se manter no mestrado e no doutorado.

À conquista dos amigos: Fabiana Kloh, Eveline Viterbo, Beatriz Leal, Vinícius Santos, Gilmara Cunha, Karine Tomaz e Vanessa Novaes, alguns dos presentes do doutorado. Juntos trocamos experiências, consolos, apoio, momentos especiais, tristes e alegres, seja na UERJ durante as aulas, ou nos Congressos. Amizades que ultrapassaram a simples relação de colegas do grupo de estudo, já que nos dedicamos a ler os textos uns dos outros e enriquecê-los com a visão e a bagagem cultural de cada um. Fabiana, o destino nos uniu como duas irmãs, jamais esquecerei seu apoio incondicional em todos os momentos. Você abriu as portas do seu coração, da sua casa e da sua família, muito obrigada! Eveline, entramos juntas: eu no doutorado e você no mestrado! Agradeço muitíssimo pela oportunidade de conviver com alguém tão inteligente, simpática, amiga e de bem com a vida! Com você aprendi a viver a vida de forma mais leve ou, ao menos, tentei ser assim; Beatriz, que pessoa maravilhosa! Consegue ser simpática, inteligente, generosa e humana, que alegria ter a honra de te chamar de amiga; Vinícius, nosso intelectual e mentor do grupo, agradeço por todas as vezes em que se dispôs a ler meu trabalho e me direcionar nos rumos da pesquisa, e, também, pelos momentos de apoio, amizade e descontração. Gilmara, desde o início vi em você uma amiga, guerreira e batalhadora, obrigada por compartilhar comigo tantos momentos nos arquivos históricos, na UERJ e nos congressos dentro e fora do Brasil. Karine, você é uma mulher fantástica, que orgulho poder acompanhar seu crescimento intelectual, você sempre tem as palavras e o ombro certo, obrigada, amiga! Querida Vanessa, você é dotada de um grande talento intelectual, agradeço muitíssimo pelas palavras de conforto. Queridos amigos, vocês foram fundamentais na realização deste trabalho, as contribuições de todos são inestimáveis.

À orientadora Prof^a. Dr^a. Maria Celi Chaves Vasconcelos (UERJ), por ter me incentivado a continuar os estudos iniciados no mestrado. Ao seu lado, cresci e amadureci muito nesses dez anos de convívio. Sempre me surpreendendo com suas orientações que me

incentivaram a ir além, agradeço por sua confiança em meu trabalho e por tirar o melhor de mim. Muito obrigada!

Aos membros das bancas de qualificação e defesa: Prof^a. Dr^a. Maria Celi Chaves Vasconcelos (UERJ); Prof^a. Dr^a. Ana Chrystina Venancio Mignot (UERJ); Prof^a. Dr^a. Maria Teresa Santos Cunha (UDESC); Prof^o. Dr^o. Pablo Álvarez Domínguez (US); Prof^a. Dr^a. Maria Helena Camara Bastos (PUC-RS). Agradeço pelas orientações, indicações de textos e, principalmente, de caminhos a serem trilhados. Agradeço por tudo! Vocês não apontaram o mais fácil, mas aquilo que acreditavam que fosse o melhor a ser feito.

Aos professores do ProPed, especialmente aos professores José Gondra, Márcia Cabral, Alexandra Lima, Lia Faria e Roberto Conduru.

Aos colegas do grupo de pesquisa que de alguma forma me ajudaram a chegar até aqui.

Ao colega Paulo Rezzutti por suas obras históricas, encantadoras e envolventes, que me ajudaram a compreender alguns personagens tratados neste texto.

Ao Príncipe D. Pedro Carlos de Orléans e Bragança e Bourbon, bisneto da Princesa Isabel e trineto de D. Pedro II, agradeço pela confiança em meu trabalho, permitindo a consulta e a digitalização de fontes do Arquivo Grão Pará. Também agradeço à secretária Cristina, por sua transparência, competência e profissionalismo ao tratar das solicitações junto ao diretor do Arquivo Grão Pará.

Ao Príncipe D. Carlos Tasso de Saxe-Coburgo e Bragança, bisneto da Princesa Leopoldina e trineto de D. Pedro II pelo apoio na indicação de fontes documentais e bibliográficas e pela troca de e-mails tão simpáticos e solícitos.

Aos profissionais do Museu Imperial: Jorge, George Milek, Luís, Beatriz Pena, Pedro, Cleber e Maria Celina. E ainda, ao diretor Maurício Ferreira, Neibe Cristina, Fátima Argon, Ana Luísa Camargo, Aline Maller, Márcio Cardoso, Cláudia Costa e Alessandra Fráguas, que já me acompanham há dez anos e nesse tempo me indicaram fontes, caminhos e respostas. Os diferenciais da pesquisa foram o carinho e a atenção dispensados em todo o tempo. Como esquecer as tardes com café e biscoitos amanteigados, seguidos por longas horas debruçadas em cadernos e cartas com diferentes línguas e caligrafias? Já sinto vontade de retornar...

Aos funcionários da Biblioteca Nacional, do Arquivo Nacional e do IHGB, pela competência e profissionalismo no atendimento.

À Dayane, pela revisão ortográfica e gramatical, mas, também, pela paciência em fazê-la da melhor forma possível e em curtos espaços de tempo.

À Michele Villela, pela tradução e correção de textos em espanhol citados na tese e em outros trabalhos acadêmicos realizados ao longo do curso, sempre disponível e com grande simpatia, o que parece ser a marca da família.

A minha filha Camille Aguiar, a primeira a ler meus textos e a opinar ainda na construção dos mesmos. Agradeço pela colaboração na revisão ortográfica e gramatical preliminar e na tradução dos textos em língua inglesa.

À amiga e Professora Julliana de Fátima dos Santos Silva Almeida pela revisão dos textos traduzidos em língua inglesa.

Aos diretores Luís Cláudio, Tatiana, Rafael, Rodrigo, Priscila e Keli, aos professores e alunos do CIEP 165 - Brigadeiro Sérgio Carvalho, por todo o apoio recebido.

Aos Professores de História do Colégio Pedro II, especialmente Luiz Fernando Limia, Alessandro Paz Ferreira e Bruno Marques Silva, pelo incentivo e apoio recebido desde o momento em que fui aprovada até a conclusão do curso.

Ao colega Carlo Pagani, pela tradução do caderno em italiano, mesmo estando na Itália realizando seu pós-doutorado, você me atendeu prontamente, muito obrigada!

À Professora Janete Almeida, às Arquivista Thais Martins, Maria Celina e de seu pai Fernando Py, pela tradução de textos em língua francesa com muito talento e dedicação.

À Professora Monica Reis Dyckerhoff pelo esforço em tentar compreender e traduzir os escritos em alemão investigados nessa tese de doutorado.

Ao Professor Pedro por ter ajudado com a tradução de algumas lições de latim.

Aos Professores de Literatura: Ataulpa, Priscila Menezes, Elaine Oliveira e Margarete Saisse pelas explicações sobre esse apaixonante campo do saber.

Ao Professor de Geografia, Euler, pelo auxílio na compreensão de mapas do século XIX.

Ao designer gráfico, Samuel Carvalho, pelo tratamento fotográfico digital realizado com todas as imagens dispostas nesta tese, um trabalho feito com profissionalismo e esmero.

À Angela Girão, Rossilênio Lopes, Mauro Barbosa, Renata Rangel, Betis Dias, Jone Chebom, Viviane Almeida e Débora, profissionais extremamente prestativos que, ao longo da pesquisa, me auxiliaram a tomar as decisões acertadas e possíveis em cada momento.

À Seeduc, pela licença permitida, mesmo com dois anos de atraso, consentida a partir da chegada do Secretário de Estado de Educação, Pedro Fernandes.

A UERJ e a CAPES, pela bolsa concedida nos últimos dois anos, sem esse apoio seria mais difícil arcar com as despesas que um curso de doutorado requer.

A todos vocês, meu muito obrigada!

O Caderno

Sou eu que vou seguir você

Do primeiro rabisco até o bê-a-bá

Em todos os desenhos

Coloridos vou estar

A casa, a montanha

Duas nuvens no céu

E um sol a sorrir no papel

Sou eu que vou ser seu colega

Seus problemas ajudar a resolver

Sofrer também nas provas bimestrais

Junto a você

Serei sempre seu confidente fiel

Se seu pranto molhar meu papel

Sou eu que vou ser seu amigo

Vou lhe dar abrigo

Se você quiser

Quando surgirem seus primeiros raios de mulher

A vida se abrirá num feroz carrossel

E você vai rasgar meu papel

O que está escrito em mim

Comigo ficará guardado

Se lhe dá prazer

A vida segue sempre em frente

O que se há de fazer?

Só peço a você um favor, se puder

Não me esqueça num canto qualquer

Toquinho

RESUMO

AGUIAR, Jaqueline Vieira de. *Cadernos de lições: a educação das princesas Isabel e Leopoldina nos paços imperiais (1850-1864)*. 2020. 346 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

A educação de Príncipes herdeiros é uma das preocupações dos países que adotam a monarquia como regime de governo. No século XIX, essa preocupação esteve no cerne das atenções do Imperador D. Pedro II, que objetivava formar as filhas, a fim de transformá-las em duas mulheres capazes de assumirem, no tempo oportuno, o governo constitucional do Império do Brasil. Esta pesquisa tem por objeto de estudo a educação formal das Princesas Isabel e Leopoldina. O problema consiste em investigar, a partir dos cadernos de lições das duas meninas, quais eram os conteúdos de ensino da área de *Humanidades* que D. Pedro II entendia como necessários à formação das herdeiras do Trono brasileiro, realizada nos Paços Imperiais de São Cristóvão e de Petrópolis, entre os anos de 1850 e 1864. Logo, o presente estudo tem por objetivo analisar o que estudavam as Princesas Isabel e Leopoldina, no intuito de compreender como se dava a educação para o governo da nação, uma vez que, na falta do pai Imperador, Isabel, como primeira na linha sucessória, precisava estar apta a assumir o comando do país, assim como Leopoldina, na ausência da irmã. Dentre os objetivos específicos, destacam-se examinar os cadernos das Princesas, depositados no arquivo pessoal da Família Imperial, no intuito de apreender traços da trajetória educacional de suas autoras, e interpretar os conteúdos de ensino da área de *Humanidades* julgados mais importantes, de acordo com a hierarquia do tempo de estudos, do volume de matérias e da frequência que estudavam tais conhecimentos. O referencial teórico é composto por escritos de autores que estudam o processo de “fabricação” de um soberano na Sociedade de Corte, e pesquisadores que se debruçam sobre o estudo de cadernos em seus aspectos intrínsecos e extrínsecos. A pesquisa qualitativa e histórico-documental tem como principal fonte os cadernos das filhas de D. Pedro II, oriundos do arquivo pessoal da Família Imperial do Brasil. A contribuição da pesquisa está na identificação e análise dos documentos de estudos das Princesas, escritos da infância à adolescência, configurando-se numa expressiva amostra do que era ensinado no Brasil Imperial. A partir dessa relevante documentação da História da Educação, foi possível conhecer o currículo e as práticas de ensino e aprendizagem adotadas por mestres brasileiros e estrangeiros que atuaram não apenas na formação das herdeiras do Trono, mas também na instrução de outros alunos da Corte Brasileira, em meados do século XIX. A análise dos cadernos de lições revelou que o pai-mestre D. Pedro II, a partir da adolescência das Princesas passou a ter o firme propósito de formar duas mulheres educadas para governar, priorizando ensinamentos voltados para as humanidades, ciências, letras e, sobretudo, economia política, com orientações e conselhos posteriores de como melhor governar.

Palavras-chave: Cadernos de Lições. Princesa Isabel e Princesa Leopoldina. Educação. Corte do Império do Brasil. Arquivos Pessoais.

ABSTRACT

AGUIAR, Jaqueline Vieira de. *Lesson books: the education of princesses Isabel and Leopoldina in the Imperial Palace (1850-1864)*. 2020. 346 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

The hereditary Princes' education is one of the concerns of countries that adopt the monarchy as a government regime. In the 19th century, this topic was one of the Emperor D. Pedro II's biggest concerns as well, aiming to train his daughters in order to transform them into two women capable of assuming, in due time, the constitutional government of the Brazilian Empire. This research has as object of study the formal education of Princesses Isabel and Leopoldina. The problem consists in investigating, from the lesson notebooks of the two girls, which were the teaching contents of the Humanities area that D. Pedro II judged as necessary for the formation of the Brazilian Throne heirs', occurred in the Imperial Palace of São Cristóvão and Petrópolis, between the years 1850 and 1864. Therefore, the present study has the general objective of analyzing what the Princesses Isabel and Leopoldina studied, in order to understand how education for the nation government was conducted, because Isabel, as the first in the line of succession, needed to be able to take control of the country, as well as Leopoldina, in the absence of her sister. Among the specific objectives, we highlight to examine the notebooks of the Princesses, deposited in the personal file of the Imperial Family in order to understand traces of the educational trajectory of their authors, and to interpret the teaching contents of the Humanities area considered most important, according to the hierarchy of the study time, volume of subjects and frequency of studying such knowledge. The theoretical framework consists of writings by authors who study the process of "manufacturing" a sovereign in the Court Society, and researchers who focus on the study of notebooks in their intrinsic and extrinsic aspects. This qualitative and historical-documentary research's main source is the notebooks of the daughters of D. Pedro II, from the personal archives of the Imperial Family of Brazil. The research's contribution is in the identification and analysis of the study documents of the Princesses, written from childhood to adolescence, configuring an expressive sample of what was taught in Imperial Brazil. From this relevant documentation of the History of Education, it was possible to know the curriculum and the teaching and learning practices adopted by Brazilian and foreign masters who acted not only in the formation of the heirs of the Throne, but also in the instruction of other students of the Brazilian Court, in the middle of the 19th century. The analysis of the lesson notebooks revealed that the father-master D. Pedro II, from the adolescence of the Princesses, had the central purpose of forming two women educated to govern, prioritizing teachings focused on the humanities, sciences, languages and, above all, political economy, by further guidance and advice on how to govern well.

Keywords: Lesson Notebooks. Princess Isabel and Princess Leopoldina. Education. Court of the Empire of Brazil. Personal Archives.

RESUMEN

AGUIAR, Jaqueline Vieira de. *Cuadernos de lecciones: la educación de las princesas Isabel y Leopoldina en los Pazos imperiales (1850-1864)*. 2020. 347 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

La educación de los Príncipes herederos es una de las preocupaciones de los países que adoptan la monarquía como régimen de gobierno. En el siglo XIX, esa preocupación estuvo en el centro de las atenciones del Emperador D. Pedro II, que pretendía formar a las hijas, a fin de volverlas dos mujeres capaces de asumir, en el tiempo oportuno, el gobierno constitucional del Imperio de Brasil. Esta investigación tiene por objeto de estudio la educación formal de las Princesas Isabel y Leopoldina. El problema consiste en analizar, a partir de los cuadernos de lecciones de las dos niñas, cuáles eran los contenidos de enseñanza del área de Humanidades que D. Pedro II entendía como necesarios para la formación de las herederas del Trono brasileño, realizada en los Pazos Imperiales de San Cristóbal y de Petrópolis, entre los años 1850 y 1864. Así que, el presente estudio tiene como objetivo examinar qué estudiaban las Princesas Isabel y Leopoldina, a fin de comprender cómo se impartía la educación para el gobierno de la nación, ya que, a la falta del padre Emperador, Isabel, como primera en la línea sucesoria, necesitaba ser capaz de asumir el mando del país, al igual que Leopoldina, en ausencia de su hermana. Entre los objetivos específicos se destaca examinar los cuadernos de las princesas, guardados en el archivo personal de la Familia Imperial para comprender los rastros de la trayectoria educativa de sus autoras, e interpretar los contenidos de enseñanza del área de Humanidades que se consideran más importantes, de acuerdo con la jerarquía del tiempo de estudios, del volumen de asignaturas y de la frecuencia que estudiaban dichos conocimientos. El referencial teórico está compuesto por escritos de autores que estudian el proceso de “fabricación” de un soberano en la Sociedad de Corte, y examinadores que se inclinan hacia el estudio de cuadernos en sus aspectos intrínsecos y extrínsecos. La investigación cualitativa e histórico-documental tiene como principal fuente los cuadernos de las hijas de D. Pedro II, provenientes del archivo personal de la Familia Imperial de Brasil. La contribución de la investigación está en la identificación y análisis de los documentos de estudios de las Princesas, escritos desde la niñez hasta la adolescencia, configurándose en una expresiva muestra de lo que se enseñaba en el Brasil Imperial. A partir de esa relevante documentación de la Historia de la Educación, fue posible conocer el currículo y las prácticas de enseñanza y aprendizaje adoptadas por maestros brasileños y extranjeros que actuaron no sólo en la formación de las herederas del Trono, sino en la instrucción de otros alumnos de la Corte Brasileña, a mediados del siglo XIX. El análisis de los cuadernos de lecciones reveló que el padre maestro D. Pedro II, desde la adolescencia de las Princesas pasó a tener el firme propósito de formar a dos mujeres educadas para gobernar, priorizando enseñanzas centradas a las humanidades, ciencias, letras, y principalmente, economía política, con orientaciones y consejos posteriores de cómo mejor gobernar.

Palabras clave: Cuadernos de Lecciones. Princesa Isabel y Princesa Leopoldina. Educación. Corte del Imperio de Brasil. Archivos Personales.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Princesa Leopoldina e Princesa Isabel - 1860	23
Figura 2 -	Princesa Isabel e Princesa Leopoldina entre cadernos e livros -1858.....	27
Figura 3 -	Arquivo deslizante vertical com fontes documentais - 2018	37
Figura 4 -	Gaveta da mapoteca horizontal - 2018.....	38
Figura 5 -	Caderno de Latim da Princesa Isabel - Século XIX.....	41
Figura 6 -	Arquivo deslizante vertical e Mapoteca horizontal - 2018.....	44
Figura 7 -	Fachada do Museu Imperial - 2011	83
Figura 8 -	Prédio do Arquivo Histórico do Museu Imperial - 2018	84
Figura 9 -	Caderno de Ditado em francês da Princesa Isabel - 1857	91
Figura 10 -	Livros que pertenceram à Família Imperial	103
Figura 11 -	Livro Resumo da História do Brasil -1855	104
Figura 12 -	Livro Nova História Sagrada - 1857	105
Figura 13 -	Caderno-diário da Princesa Isabel -1856 - 1857	106
Figura 14 -	Cartas das Princesas ao pai - 1858/1861	107
Figura 15 -	A Augusta Família Imperial do Brasil - 1860.....	110
Figura 16 -	Princesa Isabel e Princesa Leopoldina com livros - 1861	112
Figura 17 -	A Imperatriz Teresa Cristina e seus filhos, Pedro Afonso, Leopoldina e Isabel - 1849	115
Figura 18 -	D. Amélia - Século XIX.....	116
Figura 19 -	D. Francisca, Princesa de Joinville - Século XIX	118
Figura 20 -	Vista do Palácio de São Cristóvão - [Século XIX]	125
Figura 21 -	Palácio Imperial - Petrópolis - c.1860.....	127
Figura 22 -	Trecho do documento “Atribuições da Aia” com informações sobre atividades cotidianas das Princesas - [1856 -1857].....	130
Figura 23 -	Vista da Cascata do Itamaraty - Petrópolis - [Século XIX]	133
Figura 24 -	Boneca de porcelana - [1860].....	135
Figura 25 -	Luiz A. Boulanger - 1871.....	148
Figura 26 -	Visconde de Sapucahy - 1861	150
Figura 27 -	Boletim com notas das Princesas referente às lições do mestreValdetaro - 1859.....	153
Figura 28 -	Francisco Freire Alemão de Cisneiros [Século XIX].....	157
Figura 29 -	Cândido Batista de Oliveira - 1861	160

Figura 30 - Joaquim Manuel de Macedo - Século XIX	161
Figura 31 - José de Santa Maria Amaral - Século XIX.....	162
Figura 32 - Carlos Carneiro de Campos Século XIX.....	163
Figura 33 - Condessa de Barral - 1882	164
Figura 34 - <i>Mademoiselle</i> Templier - 1871.....	166
Figura 35 - Boletim da Princesa Isabel com caligrafia de Victorine Templier- [1862/63]	169
Figura 36 - “Regulamento das horas de Trabalho” - Século XIX	175
Figura 37 - Caderno, tinteiro e pena - Século XIX	178
Figura 38 - Exercício de Caligrafia da Princesa Isabel - 1860.....	183
Figura 39 - “Indicações das Lições” - Planejamento do Mestre Valdetaro - 1858.....	185
Figura 40 - “Indulgência - Clemência” - Lição de Caligrafia e Ortografia da Princesa Leopoldina - 1859	186
Figura 41 - “Graça - Mercê - Favor” - Exercício de Caligrafia e Ortografia da Princesa Leopoldina -1859.....	187
Figura 42 - Exercício de Caligrafia e Orografia da Princesa Isabel - 1859	192
Figura 43 - Página do Caderno de História Santa da Princesa Isabel - 1858.....	196
Figura 44 - Capa e Folha de Rosto do Caderno de 1 ^{os} Conhecimentos em Língua Francesa da Princesa Isabel.....	210
Figura 45 - Caderno dos 1 ^{os} Conhecimentos em Língua Francesa da Princesa Isabel com textos de Astronomia - 1856	211
Figura 46 - Lição de Ortografia Francesa da Princesa Leopoldina - 1856	213
Figura 47 - Lição de Estilo e Ortografia Francesa da Princesa Isabel - 1858.....	214
Figura 48 - Lição de Estilo e Ortografia Francesa da Princesa Leopoldina - [1857].....	215
Figura 49 - Lição de Estilo e Ortografia Francesa da Princesa Isabel - [1856]	216
Figura 50 - Lição de Estilo e Ortografia Francesa da Princesa Leopoldina - [1856].....	217
Figura 51 - Estudo de Gramática Francesa da Princesa Leopoldina - [1860].....	218
Figura 52 - Cadernos de Língua Inglesa da Princesa Isabel - 1859.....	220
Figura 53 - Cadernos de Latim da Princesa Isabel – Século XIX.....	225
Figura 54 - Caderno de Latim da Princesa Isabel – 1862 - 1864.....	226
Figura 55 - Caderno de Grego da Princesa Isabel - Século XIX	230
Figura 56 - Página do Caderno de Língua Grega da Princesa Isabel - Século XIX	231
Figura 57 - Caderno de Língua Italiana da Princesa Isabel - [1863]	234
Figura 58 - de Língua Alemã da Princesa Isabel - 1863.....	238

Figura 59 -	Caderno de Língua Alemã - 1862-1864.....	239
Figura 60 -	Pássaro - Desenho da Princesa Isabel - Século XIX	242
Figura 61 -	Paisagem Campestre - Desenho da Princesa Leopoldina - 1862	248
Figura 62 -	L' Inocente Priére - Desenho da Princesa Isabel - 1864	249
Figura 63 -	Busto Infantil - [Desenho do Mestre Mariano] - Século XIX.....	251
Figura 64 -	Busto Infantil - Desenho da Princesa Leopoldina - 1864.....	252
Figura 65 -	“Madona da Cadeira” - Desenho da Princesa Isabel - 1864.....	253
Figura 66 -	Braço Feminino - Desenho da Princesa Isabel -1864.....	255
Figura 67 -	Pés e Tornozelos Femininos - Desenho da Princesa Isabel - 1864	256
Figura 68 -	Rosas - Desenho da Princesa Isabel – Século XIX	257
Figura 69 -	“Mulher ao piano” - Desenho da Princesa Isabel - 1864	258
Figura 70 -	Caderno de Teatro da Princesa Isabel - [1863]	263
Figura 71 -	Programa de Três Representações no Teatro de São Cristóvão - 1863.....	264
Figura 72 -	Princesas Isabel e Leopoldina com amigos - 1860.....	266
Figura 73 -	Caderno de História do Consulado e Império da Princesa Isabel - 1863.....	273
Figura 74 -	Cadernos de História de Portugal da Princesa Isabel - 1862 - 1863	275
Figura 75 -	Caderno da Princesa Isabel com um amor-perfeito seco - 1856.....	283
Figura 76 -	Árvore Genealógica da Família Imperial Brasileira.....	341
Figura 77 -	Boletim da Princesa Isabel - 1864.....	342
Figura 78 -	Madona da Cadeira e S.J. Batista Menino - 1514	343
Figura 79 -	Rouget de L'Isle e Dietrich em 1792 interpretando o hino que deu origem A Marselhesa - 1849	344
Figura 80 -	Mapa da Itália em processo de unificação - 1858	345
Figura 81 -	Mapa da Grécia - [1862]	346

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estudos biográficos selecionados contendo informações sobre a formação educacional formal das Princesas Isabel e Leopoldina e de seus cadernos de lições, ou o silêncio desses	51
Quadro 2 - Coleção de 24 cadernos da Princesa Isabel	92
Quadro 3 - Coleção de estudos das Princesas Isabel e Leopoldina: cadernos, exercícios, desenhos, boletins e folhas avulsas	97
Quadro 4 - Cadernos de lições das Princesas selecionados para análise, contendo textos, desenhos e exercícios relativos a conteúdos ensinados pelos mestres.....	99
Quadro 5 - Servidoras que trabalhavam nos quartos das Princesas (1858-59) - funções, ordenados e gratificações.....	143
Quadro 6 - Mestres das Princesas Isabel e Leopoldina de 1850 a 1864.....	145
Quadro 7 - Notas presentes nos estudos das Princesas.....	154
Quadro 8 - Dias e horários das matérias estudadas pelas Princesas no ano de 1862	168
Quadro 9 - Matérias, Notas e Procedimentos de Ensino constantes no boletim da Princesa Imperial - 1858 - 1864	170
Quadro 10 - Matérias, Notas e Procedimentos de Ensino relativos à Instrução Elementar ofertada às Princesas entre os anos de 1858 e 1859	172
Quadro 11 - Cadernos de línguas ensinadas às Princesas Isabel e Leopoldina	181
Quadro 12 - Literatura Portuguesa: autores e composições (Século XII - XIX).....	199
Quadro 13 - Alguns Títulos e Notas do “Caderno de Ditado” da Princesa Isabel - [1862]	206
Quadro 14 - Desenhos das Princesas - 1862-1864	246
Quadro 15 - Estudos de Economia Política na segunda metade do século XIX	279
Quadro 16 - Lista de livros que pertenceram à Família Imperial Brasileira, depositados na Biblioteca do Museu Imperial - 1776 -1891.....	319
Quadro 17 - Lições do “Velho Testamento” abordadas no livro de história sagrada que pertenceu à Princesa Isabel.....	336
Quadro 18 - Lições do “Novo Testamento” abordadas no livro de história sagrada que pertenceu à Princesa Isabel.....	337
Quadro 19 - Títulos do livro <i>Lições de História do Brasil</i> de Joaquim Manuel de Macedo, mestre das Princesas Isabel e Leopoldina	338
Quadro 20 – Títulos da obra: <i>Resumo da História do Brasil</i> de Henrique L.H. Bellegarde, livro que pertenceu à Princesa Isabel - 1855.....	339

LISTA DE ABREVIATURAS

AB	<i>Assez Bien</i>
Art	Artigo
Att ^a	Atenciosa
Aum.	Aumentada
B	<i>Bien</i>
Bb	Beaucoup Bien
Cal.	Caligrafia
Cel	Coronel
Cor.	Corrigida
D'hontem	De ontem
Doc.	Documento
D'uã	De uma
D'um	De um
Ex.	Exame
E. e H. Laemmert	Eduardo e Henrique Laemmert
Ex ^{mo} Sen ^{or}	Excelentíssimo Senhor
F.C.V.	Francisco Crispiniano Valdetaro
F ^o	Filho
G/m ²	Gramas por metro
L. A. Boulanger	Louis-Alexis Boulanger
I. C.	Isabel Christina
L. T.	Leopoldina Teresa
M	<i>Moyen</i>
M ^a	Minha
Mad ^{lle}	<i>Mademoiselle</i>
M ^{lle}	<i>Mademoiselle</i>
M ^{rs.}	Senhora
Mt ^o	Muito
Mt ^o Aff ^a	Muito Afetuosa
N'algun	Em algum
Obid ^e Vend ^{ora}	Obediente Veneradora

Obid ^e	Obediente
Obrig ^{mo}	Obrigadíssimo
Opt.	Optimo
Ort.	Ortografia
P	<i>Parfait</i>
P.D.I.	Princesa Dona Isabel
P ^a	Para
Pl ^o	Pelo
Pl ^{as}	Pelas
Pr	Por
P ^{te}	Parte
Q.	Que
R. ^{bi}	Recebi
S. C	São Cristóvão
S. A. I.	Sua Alteza Imperial
S. Christovão	São Christovão
S.M.	Sua Majestade
S. M. I.	Sua Majestade Imperial
S ^{nr}	Senhor
S ^o	Servo
S. S. A. A.	Suas Altezas
S. S. A. A. I. I.	Suas Altezas Imperiais
S. S. M. M. I. I	Suas Majestades Imperiais
Sua Att ^a Vend ^{ora} e Obd ^e Sua Atenciosa Veneradora e Obediente	
S ^a Excelência	Sua Excelência
TB	<i>Très Bien</i>
TM	<i>Très Moyen</i>
Tomb.	Tombo
V.	Você
Vendr ^{ora}	Veneradora
V Ex ^{cia}	Vossa Excelência
V Ex ^{cia} Obrig ^{mo} S ^o	Vossa Excelência Obrigadíssimo Senhor
V Exci ^a	Vossa Excelência
X ^{bro}	Dezembro

2 ^a	Segunda-feira
3 ^a	Terça-feira
4 ^a	Quarta-feira
3 ^a F ^{ra}	Terça-feira
4 ^a F ^{ra}	Quarta-feira
5 ^a F ^{ra}	Quinta-feira
6 ^a F ^{ra}	Sexta-feira
7 ^{bro}	Setembro
8 ^{bro}	Outubro
9 ^{bro}	Novembro
10 ^{bro}	Dezembro
1/2	30 minutos
1/4	15 minutos
1 ³ / ₄	13h45 minutos
4 ¹ / ₂	4h30 minutos
5 ¹ / ₂	5h30 minutos
7 ¹ / ₂	7h30 minutos
8 ¹ / ₄	8h15 minutos
9 ¹ / ₄	9h15 minutos
10 ¹ / ₄	10h15 minutos

LISTA DE SIGLAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
AHMI	Arquivo Histórico do Museu Imperial
AIBA	Academia Imperial de Belas Artes
AGP	Arquivo Grão Pará
AN	Arquivo Nacional
ANPUH	Associação Nacional de História
APB	Arquivo Paulo Barbosa
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBHE	Congresso Brasileiro de História da Educação
CTAV	Centro Técnico Audiovisual da Funarte no Rio de Janeiro
CEMUPE	Centro-Museu Pedagógico da Universidade de Salamanca
CIPA	Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica
DAMI	Digitalização do Acervo do Museu Imperial
FBN	Fundação Biblioteca Nacional
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
INCE	Instituto Nacional de Cinema Educativo
IML	Instituto Moreira Salles
Ibram	Instituto Brasileiro de Museus
POB	Arquivo da Casa Imperial do Brasil Pedro de Orleans e Bragança
ProPEd	Programa de Pós-Graduação em Educação
SBHE	Sociedade Brasileira de História da Educação
PUC- RJ	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUC-RS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
UCP	Universidade Católica de Petrópolis
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UMET	UMET - Universidad Metropolitana para la Educación y el Trabajo
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNESP	Universidade Estadual Paulista
USP	Universidade de São Paulo
USS	Universidade Severino Sombra
US-SEV- España	Universidade de Sevilha - Espanha

SUMÁRIO

	“NASCI NO PAÇO DE SÃO CRISTÓVÃO”: ABRINDO OS CADERNOS.....	23
1	ENTRE PRATELEIRAS E GAVETAS: CADERNOS DE PRINCESAS COMO FONTES DE UMA EDUCAÇÃO PARA O GOVERNO DA NAÇÃO	44
1.1	O que falam de “nós”?	46
1.2	O que falam da educação de outros Príncipes?	65
1.3	A “Fabricação”/formação das soberanas brasileiras e os cadernos como fontes.....	71
1.4	Chegada dos “papéis do Imperador” e dos cadernos das Princesas	81
1.5	Encontro com os cadernos	90
1.6	Para além dos cadernos... ..	101
2	MESTRES DAS LIÇÕES: A EDUCAÇÃO DE UMA INFÂNCIA IMPERIAL NOS PAÇOS DE SÃO CRISTÓVÃO E DE PETRÓPOLIS... ..	112
2.1	Tornando-se herdeiras de uma nação: a busca por uma preceptora à altura.....	114
2.2	Atribuições da Aia: “a educação não deve diferir da que se dá aos homens, combinada com a do outro sexo”	123
2.3	Detentores de uma nobre missão: mestres, aias e damas	142
2.4	Ensinamentos das aias, M ^{me} de Barral e M ^{elle} Templier: as “encarregadas da educação”	164
3	DA PENA AO PAPEL: CADERNOS DE LÍNGUAS PARA A FORMAÇÃO DE UMA SOBERANA.....	178
3.1.1	<u>A língua materna, do estudo das “belas letras” à literatura portuguesa</u>	<u>182</u>
3.1.1.1	Questões de Estado e história santa nos traços da caligrafia e ortografia	183
3.1.1.2	Literatura para ler, escrever, conhecer e governar	197
3.1.2	<u>“Todas as pessoas de qualidade falam francês”</u>	<u>208</u>
3.1.3	<u>“Você já sabe como falar em inglês?”</u>	<u>219</u>
3.1.4	<u>“Mostra que está compreendendo a índole da língua latina”</u>	<u>224</u>
3.1.5	<u>De alfa à ômega, alfabeto grego no caderno da Princesa Imperial</u>	<u>229</u>
3.1.6	<u>“Começaram as lições de italiano”.....</u>	<u>233</u>
3.1.7	<u>“Então eu vi-me obrigada a fazer dictée alemão”</u>	<u>236</u>

4	“ESTUDEI MINHAS LIÇÕES”: DAS ARTES À ECONOMIA POLÍTICA, CONHECIMENTOS E ORIENTAÇÕES PARA GOVERNAR.....	242
4.1	Lições de artes: o desenhar de soberanas.....	243
4.1.1	<u>Desenhos e pinturas: “uma vez que se expõe alguma coisa, é melhor expor uma coisa bem feita e feita só pela pessoa”</u>	244
4.1.2	<u>Teatro: a arte de falar em público.....</u>	260
4.2	“Humanidades”: lições de história, geografia e economia política nos cadernos da Princesa Imperial.....	268
4.2.1	<u>“Dei minhas lições: escrevi pela primeira vez a história antiga ... dei a geografia...”</u>	269
4.2.2	<u>Exercícios de economia política: “a ciência que ensina como as riquezas são produzidas, distribuídas e consumidas na sociedade”</u>	278
	UM “AMOR-PERFEITO” ENTRE A PESQUISA E O OBJETO: FECHANDO OS CADERNOS	283
	REFERÊNCIAS	298
	APÊNDICE A - Lista de livros que pertenceram à Família Imperial Brasileira	319
	APÊNDICE B - Regulamento sobre a educação das filhas de D. Pedro I.....	329
	APÊNDICE C - Regulamento sobre a educação das filhas de D. Pedro II e “Atribuições da Aia”	334
	APÊNDICE D - Quadro 17 com títulos de lições do “Velho Testamento” abordadas no livro de história sagrada que pertenceu à Princesa Isabel	336
	APÊNDICE E - Quadro 18 com títulos de lições do “Novo Testamento” abordadas no livro de história sagrada que pertenceu à Princesa Isabel	337
	APÊNDICE F - Quadro 19 com títulos do livro <i>Lições de História do Brasil</i> presentes nas obras de Joaquim Manuel de Macedo, mestre das Princesas Isabel e Leopoldina	338
	APÊNDICE G - Quadro 20 com títulos da obra: <i>Resumo da História do Brasil</i> de Henrique L.H. Bellegarde, livro que pertenceu à Princesa Isabel	339
	ANEXO A - Ilustração da Árvore Genealógica da Família Imperial Brasileira	341
	ANEXO B - Imagem do Boletim da Princesa Isabel referente ao mês de setembro do ano de 1864.....	342

ANEXO C - Imagem da obra <i>Madona da Cadeira e S.J. Batista Menino</i> de Rafael Sanzio - original usado pela Princesa Isabel para produção de seu desenho - 1514.....	343
ANEXO D - Imagem da obra <i>Rouget de L'Isle e Dietrich em 1792 interpretando o hino que deu origem A Marselhesa</i> de Isidore Pils – 1849, original usado pela Princesa Isabel para produção de seu desenho.....	344
ANEXO E - Imagem do mapa da Itália em processo de unificação desenhado pela Princesa Isabel no ano de 1858.....	345
ANEXO F - Imagem do mapa da Grécia encontrado entre os estudos da Princesa Isabel.....	346

“NASCI NO PAÇO DE SÃO CRISTÓVÃO”: ABRINDO OS CADERNOS

Figura 1 - Princesa Leopoldina e Princesa Isabel - 1860



Fonte: Arquivo Dom Carlos.¹

¹ Na Figura 1, a Princesa Leopoldina apoia seu braço esquerdo no ombro da Princesa Isabel, sua irmã mais velha, amiga e confidente. Nessa imagem, as filhas do soberano do Brasil, D. Pedro II, contam aproximadamente, 13 e 14 anos de idade e trajam longos vestidos escuros com manga debruada em tom claro. Os vestidos são trabalhados com bordados, sianinhas e passamanarias – aviamentos com formato ondulado usado para enfeitar tecidos.

Deveres d'uma Princesa

Uã Princesa deve ser primeiramente amiga de sua patria, liberal, generosa e boa; deve ser instruída [...]. Não deve ser orgulhosa, não deve ter caracter baixo e rasteiro; deve tratar com muito respeito e amor seus superiores e aquelles que se deparam de seu espirito e sua saúde. Cumpre a uã Princesa tratar de possuir, ao menos, alguã d'estas qualidades para ser justamente considerada por seus compatriotas. (B) [...]²

Isabel Christina

O fragmento acima constitui-se trecho do caderno de ditado em língua portuguesa da Princesa Isabel, que desde 1850 tornou-se definitivamente, a primeira na linha sucessória da Família Imperial Brasileira (Anexo A)³. A autora escreve com letra cursiva e caneta tinteiro preta em folha não pautada e não numerada. Em alguns trechos, a leitura do texto torna-se comprometida, porque a caligrafia se apresenta com difícil compreensão, passando a impressão de que esse seja um caderno de rascunho e que escapou do descarte comum a objetos dessa natureza. Ou, ainda, que o texto não datado tenha sido escrito na fase da adolescência de Isabel, já que, naquele período, sua letra acompanhava as transformações sofridas por seu corpo, tornando-se um tanto ilegível. De qualquer forma, a redação presente nesse caderno sofreu intervenções e alterações a lápis, realizadas pelo mestre Candido José de Araújo Viana⁴, responsável por lecionar a matéria⁵, a quem a Princesa menciona em suas cartas como “mestre Sapuchy” ou “Visconde”, numa alusão ao título de nobreza que ele possuía na época: Visconde de Sapucaí. O mestre corrigiu e avaliou o texto, ao qual conferiu, também a lápis, a nota “B”, ou seja, “*Bien*” em língua francesa e “Bom” em língua portuguesa. Ao corrigir o texto, o professor não só demonstrou o objetivo de ensinar a escrita da língua portuguesa, idioma oficial do Brasil, mas, principalmente, tratou de moldar o caráter

² Trecho do Caderno de Ditado em Língua Portuguesa da Princesa Isabel nº 12. Arquivo Grão Pará.

³ No Anexo A (página 341), encontra-se *Árvore Genealógica da Família Imperial Brasileira*.

⁴ Destacado político do Império do Brasil e também mestre de língua portuguesa, literatura e latim. Sobre o assunto ver: AGUIAR; VASCONCELOS. *Marquês de Sapucaí, street name and carnival theme: the contributions of a teacher to the consolidation of the brazilian empire*. In: ISCHE INTERNATIONAL STANDING CONFERENCE FOR THE HISTORY OF EDUCATION, 39 2017a, Buenos Aires. *Anais... Educación y emancipación*. Buenos Aires: UMET, 2017a. v. 1. p. 1-1. Disponível em: <<http://eventosacademicos.filo.uba.ar/index.php/ische/39ische/paper/view/671>>. Acesso em: 25 jan. 2018; AGUIAR, Jaqueline Vieira de. Candido José de Araújo Viana, o marquês de sapucaí: político e mestre da casa imperial do Brasil. In: *X Congresso brasileiro de história da educação* 2019, Belém. Eixo 5 - Educação e Gerações. *Anais...* 2019b. v. 1. p. 3044 - 3056.

⁵ Em suas cartas, as Princesas mencionam o termo *matéria* quando se referem aos conteúdos de ensino, portanto, esse é o conceito adotado nesse estudo. De acordo com Chervel (1990), o conceito de *disciplina* expressando conteúdos de ensino surge apenas no século XX, após a Primeira Guerra Mundial (1914 -1918).

de sua aluna com valores morais⁶, o que deve ter acontecido em consonância com o projeto educacional desejado por D. Pedro II às suas futuras sucessoras.

Ao examinar o conteúdo, é possível depreender os ensinamentos propostos pelo mestre, sobre os quais fica claro que a “Princesa”, detentora desse título e herdeira do Trono, possui responsabilidades para com sua pátria, da qual deve ser amiga, liberal⁷, instruída e não orgulhosa, ter caráter “não baixo e nem rasteiro”, tratar com respeito e amor aos seus superiores, que no momento em que escreveu poderiam ser seus pais e seus mestres, para justamente ser considerada e respeitada por seus compatriotas, os quais por ela seriam governados no futuro. Esses são alguns dos conteúdos de ensino constantes nos cadernos das Princesas brasileiras, Isabel e Leopoldina, educadas por mestres durante quatorze anos (1850-1864), no espaço doméstico da “casa”⁸, sob a orientação de D. Pedro II e a supervisão da preceptora Condessa de Barral⁹. Sobre essa fase de sua vida, Isabel fez o seguinte registro:

Nasci no Paço de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, em 29 de julho de 1846, passei a minha infância e juventude com a minha irmã mais nova e com os meus amados pais. Dificilmente deixava o Rio no inverno ou Petrópolis no verão. O Paço de São Cristóvão fica nas aforas do Rio, numa ligeira elevação no centro de um lindo e enorme parque. Na minha infância, o parque era extraordinário principalmente pelas alamedas... E, ainda menina eu corria por elas com a minha irmã e minhas amigas ... No verão, nos mudávamos de São Cristóvão para Petrópolis... ha, embarcávamos na galeota a vapor de meu pai e passávamos uma hora navegando por entre ilhas verdejantes e pitorescas até Mauá, deixando o Pão de Açúcar e a Fortaleza de Santa Cruz, sobre a colina, que guarda a entrada do Rio. E diante de nós erguiam-se as belas montanhas denominadas Serra dos Órgãos, cujos picos se assemelham a tubos de órgãos. Em Mauá, tomávamos o trem e, duas horas depois estávamos em Petrópolis, a nossa residência de verão, uma encantadora moradia: jardins floridos, canais que atravessavam a cidade, belas casas, colinas cobertas de bosques,

⁶ Na sua origem, o conceito de “valor” era usado para qualificar algo do ponto de vista econômico. Com o tempo, o conceito se ampliou e passou a designar aquilo que, de alguma forma, vale para o homem, não apenas em termos de valores econômicos, mas também morais – aquilo de que ele se sente carente, que o completa ou satisfaz a sua necessidade, que preenche a sua falta. No campo educacional o “aperfeiçoamento pessoal” como agregação de valor é natural ao ser humano. Esse “aprimoramento”, o faz “sentir-se valendo mais” e acontece pela transformação intelectual do sujeito que resulta da aquisição de valores. Sobre o assunto ver: WERNECK, Vera Rudge. *Cultura e valor*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

⁷ No século XVIII, o liberalismo defendia a propriedade privada, “a liberdade comercial, do trabalho livre, do princípio da representatividade, do constitucionalismo. Mas, apesar de certos elementos comuns, o ideário liberal nasceu múltiplo e contraditório e o processo de formação das sociedades burguesas foi marcado por ritmos diversos no tempo e no espaço, além de necessariamente reinterpretado ao se difundir nas sociedades coloniais” (VAINFAS, 2002, p. 476). Portanto, o liberalismo, quando chega às Américas, é apropriado de forma distinta aos ideais ventilados no continente europeu. No Brasil, por exemplo, “os senhores de escravos brasileiros, calcados na ideia liberal de inviolabilidade da propriedade, defendiam a manutenção do trabalho compulsório, exatamente escravo” conforme seus interesses. Sobre o assunto ver: NEDER, Gislene. *Os compromissos conservadores do liberalismo no Brasil*. Curitiba: Prismas, 2015, p. 48.

⁸ Conceito apresentado na obra de VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. *A casa e seus mestres: a educação no Brasil de oitocentos*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

⁹ Luísa Margarida Portugal de Barros, a Condessa de Barral, foi encarregada da educação das Princesas no período de 1856 a 1864. A seguir, encontram-se alguns dos autores que se dignaram a escrever sobre a vida da preceptora: (SODRÉ, 1956); (MAGALHÃES JUNIOR, 1956); (CERQUEIRA, 1963); (DEL PRIORE, 2008); (ALBUQUERQUE, 2016) e (FRANCISCO, 2017).

montanhas ao longe, algumas de granito, cujos flancos o sol tingia de rubros ao entardecer ... No dia em que nasci Dona Rosa de Sant'Anna Lopes, depois Baronesa de Sant'Anna, foi nomeada dama de honor junto à minha pequenina pessoa. A Condessa de Barral e Mademoiselle Templier chegaram depois para supervisionar a minha educação. Às três, o meu reconhecimento carinhoso e agradecido...¹⁰

No início do século XX, Isabel, a Condessa D'Eu e Princesa Imperial do Brasil, com aproximadamente 60 anos de idade, escreve de Paris e rememora saudosamente a infância e juventude vividas no Rio de Janeiro, sua terra natal. A Princesa, que na época já seria a Imperatriz do Brasil, caso a república não tivesse sido proclamada, escreve em cinco folhas de papel duplo, pautado e numerado com caneta tinteiro de cor preta e na língua do país que a acolheu após o exílio: a França.

Isabel inicia a escrita legível e bem desenhada do documento por ela denominado *Joies et Tristesses* ou *Alegrias e Tristezas*, que, posteriormente, seria reconhecido como sua autobiografia, compondo, assim, o acervo do Arquivo Histórico do Museu Imperial. É por meio da escrita que Isabel recorda os momentos vividos no Paço de São Cristóvão e de Petrópolis em companhia da Princesa Leopoldina, sua irmã inseparável e um ano mais nova. Em seus escritos, a Princesa descreve a arquitetura dos Paços e relembra os jardins, onde viveu momentos inesquecíveis com a irmã e as amigas, mas também com os mestres, a preceptora Condessa de Barral, a auxiliar *Mademoiselle* Templier¹¹ e sua dama de honra, a quem chama carinhosamente de M^a Roza¹². No texto, Isabel faz uma avaliação de sua vida e registra seu agradecimento àquelas que sempre estiveram ao seu lado durante sua formação educacional.

Na página seguinte, é possível adentrar o Palácio por meio de duas fotografias do ano de 1858, efetuadas por Victor Frond, num momento em que as Princesas aparecem devidamente produzidas para as cenas a serem representadas: Isabel contando 12 anos de idade (imagem da esquerda) e Leopoldina 11 (imagem da direita), cada uma em seu espaço, trajando vestido imponente, longo, claro e bordado, aparentemente em um dos momentos de lições já que encontra-se entre cadernos e livros, símbolos de sabedoria e de aplicação aos estudos. Tal imagem, de certa forma, passa tranquilidade aos súditos e boa impressão às gerações futuras que teriam contato com as fotografias, visto serem Princesas herdeiras do Trono sendo formadas para um dia estarem à frente do poder político do país.

¹⁰ Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo POB - Maço 204 Doc. 9335. Alegrias e Tristezas - Autobiografia da Princesa Isabel [1905] – Original em francês, trecho traduzido pela pesquisadora.

¹¹ Victorine Templier auxiliou a Condessa de Barral durante a educação das Princesas no período de 1857 a 1864.

¹² Rosa de Sant'Anna Lopes tornou-se dama de honra da Princesa Isabel a partir do seu nascimento em 1846.

Figura 2 - Princesa Isabel e Princesa Leopoldina entre cadernos e livros -1858



Fonte: FBN.¹³

Do período em que ocorreu a educação de Isabel e de sua irmã Leopoldina, restaram não apenas fotografias, mas uma coleção de cadernos pertencentes aos herdeiros da Família Imperial do Brasil e ainda vários outros materiais de estudos das duas meninas. Os cadernos foram escritos pela pena das Princesas por meio de anotações efetuadas dia após dia nos Paços Imperiais. Consistem em testemunhos do aprendizado das herdeiras do Trono que, por muito tempo, permaneceram esquecidos e silenciados pela historiografia brasileira, e, hoje, a partir deste estudo, podem ser conhecidos e contemplados pelo grande público.

Meu encontro com os cadernos das Princesas ocorreu em circunstâncias bastante específicas, quando já cursando o mestrado, buscava vestígios da educação das mesmas. No entanto, para iniciar a narrativa que vai introduzir essa tese de doutorado é preciso retroceder e buscar elos entre universos tão dissonantes: o meu, e o das duas mulheres herdeiras do Imperador D. Pedro II, considerando os imensos distanciamentos temporais, políticos e sociais que nos separam.

Vim ao mundo mais de um século após o nascimento das Princesas, já na república, a monarquia havia ficado no passado. Diferente de Isabel e Leopoldina, não nasci Princesa, mas, assim como elas, nasci no Rio de Janeiro, portanto, também sou carioca. A infância e

¹³ A Figura 2 é composta por fotografias da Princesa Isabel e da Princesa Leopoldina que pertencem ao acervo da Fundação Biblioteca Nacional.

juventude vivi com meus pais e quatro irmãos. Minha formação educacional não aconteceu na casa com preceptores e mestres, mas em instituições públicas dos governos municipal e estadual do Rio de Janeiro. As aulas ocorriam de segunda a sexta-feira e, geralmente, no turno da manhã, em turmas compostas por aproximadamente 35 alunos dos gêneros masculino e feminino. Para minha tristeza, os cadernos de estudos produzidos durante a minha vida escolar não sobreviveram ao tempo.

Um incêndio ocorrido na casa dos meus pais, no ano de 2002, dizimou as poucas unidades conservadas. Desse tempo não possuo testemunhos escritos, guardo apenas a memória do vivido em sala de aula entre a infância e a juventude, período em que me preparava para a construção de um “futuro melhor”. Também contrária à Princesa Isabel, minha disciplina favorita não estava entre as ciências naturais, mas entre as ciências humanas. Assim, tornei-me Professora de História e Historiadora e tive a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a História do Brasil e, conseqüentemente, sobre a vida educacional das Princesas Isabel e Leopoldina, ao cursar o Mestrado em Educação na Universidade Católica de Petrópolis (UCP), entre os anos de 2009 e 2012.

Ao realizar o recorte temático da dissertação de mestrado, defini que a pesquisa abordaria a educação das Princesas Isabel e Leopoldina, pelo fato de ambas serem irmãs e terem recebido a mesma educação. A busca por fontes e documentos me levou ao Arquivo Histórico do Museu Imperial (AHMI), localizado no município de Petrópolis, estado do Rio de Janeiro. Nesse espaço, além dos documentos do acervo do Museu Imperial, que tem como um dos principais fundos arquivísticos o Arquivo da Casa Imperial do Brasil (POB), formado pela documentação de caráter privado da Família Real de Portugal e Imperial do Brasil, está também depositado, em regime de comodato, parte do acervo do Arquivo Grão Pará (AGP) pertencente aos descendentes da Família Imperial. E, para ter acesso à pesquisa com digitalização de imagens, solicitei autorização, por escrito, ao diretor do Arquivo Grão Pará, o Príncipe D. Pedro Carlos de Orléans e Bragança, bisneto da Princesa Isabel que concedeu a autorização necessária.

A pesquisa deu origem à dissertação de mestrado intitulada: *Mulheres educadas para governar: o cotidiano das lições nas cartas das Princesas Isabel e Leopoldina*¹⁴. Entre os vários documentos consultados para a escrita da dissertação de mestrado, destacam-se as cartas das Princesas, cujos escritos revelaram aspectos significativos para a realização do

¹⁴ AGUIAR, Jaqueline Vieira de. *Mulheres educadas para governar: o cotidiano das “lições” nas cartas das Princesas Isabel e Leopoldina*. 2012. 286 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2012 (a). Da dissertação de mestrado resultou a obra: AGUIAR, Jaqueline Vieira de. *Princesas Isabel e Leopoldina: mulheres educadas para governar*. Curitiba: Appris, 2015.

estudo, que tinha como problemática central a educação das herdeiras do Trono, Isabel e Leopoldina. Entretanto, questões relativas aos conteúdos para a formação das Princesas não foram desenvolvidas e, agora, me permito ampliá-las como principal foco da investigação da tese de doutoramento.

O doutorado e, conseqüentemente, a retomada dos estudos tornou-se possível após aprovação e ingresso como aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no ano de 2016, no campo da História da Educação e sob a orientação da professora Maria Celi Chaves Vasconcelos. Dessa forma, me integrei ao Grupo de Pesquisa *História e Memória das políticas educacionais no território fluminense* vinculado à Linha: *Instituições, práticas educativas e história*. O apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) ocorreu nos dois anos seguintes por meio de uma bolsa de doutorado. O estudo desenvolve-se a partir de uma intensa investigação realizada com os cadernos das Princesas. Assim, cheguei ao título da tese: *Cadernos de lições: a educação das princesas Isabel e Leopoldina nos paços imperiais 1850-1864*.

A tese parte de premissa anterior de que havia nas cartas trocadas entre os soberanos e as Princesas Isabel e Leopoldina, ao longo de sua infância e adolescência, uma intenção e uma preocupação do pai com a educação das filhas, porque sabia que elas viriam a governar o país. Logo, esta pesquisa tem por objeto de estudo a educação formal¹⁵ das Princesas Isabel e Leopoldina presente em seus próprios cadernos de lições. O problema consiste em investigar, a partir dos cadernos de lições das duas meninas, quais eram os conteúdos¹⁶ de ensino da área de *Humanidades*¹⁷ que D. Pedro II entendia como necessários à formação das herdeiras do Trono brasileiro, realizada nos Paços Imperiais de São Cristóvão e de Petrópolis, entre os

¹⁵ A educação formal é compreendida como aquela que se desenvolve com mestres, segundo normas educativas e no âmbito escolar (GOHN, 2010). No entanto, mesmo que as Princesas Isabel e Leopoldina não tenham frequentado escolas, o processo formativo e educacional ocorrido entre os anos de 1850 e 1864 nos espaços do conhecimento existentes na casa possuía características dessa modalidade de ensino, pois realizou-se com professores que buscaram desenvolver metodologias de trabalho e conteúdos presentes nos cadernos das duas meninas previamente normatizados, de acordo com as determinações de D. Pedro II e os *Regulamentos da Instrução Pública* primária e secundária da época. Logo, interpreto a educação doméstica proporcionada às Princesas como formal. Contudo, cabe ressaltar que esse termo não era usado no século XIX, tendo em vista que a educação doméstica era reconhecida mesmo nos regulamentos de ensino como equivalente à instrução pública.

¹⁶ “Os conteúdos designam o conjunto de conhecimentos ou formas culturais cuja assimilação e apropriação pelos alunos e alunas é considerada essencial para o seu desenvolvimento e socialização.” (COLL, Cesar *et al*, 2000, p. 12).

¹⁷ As *Humanidades* são vistas por diversos autores com áreas diferenciadas de conhecimento. Nesse estudo, serão focalizados os saberes voltados para línguas, literatura, história sagrada, artes, história, geografia e economia política, os quais compõem esse campo de ensino, mas não representam sua totalidade, e sim, o que era predominante no currículo educacional das Princesas Isabel e Leopoldina.

anos de 1850 e 1864, data do início e término da formação educacional formal respectivamente.

Complementando a questão principal, outras perguntas se fizeram presentes: quais os cadernos de lições das Princesas que sobreviveram ao tempo? Onde e por que foram armazenados? Ao se comprometer em propiciar às filhas uma “educação de homem” e também de “senhoras que viriam a governar um Império”, teria D. Pedro II se inspirado em algum exemplo de governante? Como era a vida educacional de uma Princesa herdeira do Trono? Tratando-se de pai e monarca comprometido com seu país, que escolhas D. Pedro II fez a respeito? Que professores contratou para alcançar os objetivos por ele definidos? Quais conteúdos foram ensinados às futuras governantes?

Ao consultar a legislação oitocentista, percebi que o *Decreto das Escolas de Primeiras Letras*, de 1827, expressa uma tentativa formal de organização da instrução primária na época, conforme se verifica nos artigos a seguir:

Art. 1º Em todas as cidades, villas e logares mais populosos, haverão as escolas de primeiras letras que forem necessarias. [...].

Art 4º As escolas serão de ensino mutuo nas capitães das provincias; e o serão também nas cidades, villas e logares populosos dellas, em que fôr possível estabelecerem-se. [...].

Art. 6º Os Professores ensinarão a ler, escrever, as quatro operações de arithmetica, pratica de quebrados, decimaes e proporções, as noções mais geraes de geometria pratica, a grammatica da lingua nacional, e os principios de moral christã e da doutrina da religião catholica e apostolica romana, proporcionandos á comprehensão dos meninos; preferindo para as leituras a *Constituição do Imperio e a Historia do Brazil*. [...].

Art. 11 Haverão escolas de meninas nas cidades e villas mais populosas, em que os Presidentes em Conselho, julgarem necessario este estabelecimento.

Art. 12 As mestras, além do declarado no art 6º, com exclusão das noções de geometria e limitando a instrucção da arithmetica só as suas quatro operações, ensinarão também as prendas que servem á economia domestica; e serão nomeadas pelos Presidentes em Conselho, aquellas mulheres, que sendo brasileiras e de reconhecida honestidade, se mostrarem com mais conhecimentos nos exames feitos na fórmula do art. 7º. [...]. Palacio do Rio de Janeiro aos 15 dias do mez de Outubro de 1827, 6º da Independencia e do Imperio. IMPERADOR com rubrica e guarda.¹⁸

De acordo com a legislação acima, os professores deveriam ensinar os meninos: a ler e a escrever; as quatro operações de aritmética; frações, decimais e proporções; geometria; gramática portuguesa; os princípios da moral cristã e a doutrina da religião católica e apostólica romana. Para as meninas, conforme o artigo 11, somente haveria escolas específicas nas cidades e vilas mais populosas, desde que os presidentes de conselho julgassem necessário. No artigo 12, não se considerou importante para as meninas o ensino da geometria, das frações, dos números decimais e proporções, portanto, da aritmética elas

¹⁸ Decreto Imperial de 15 de outubro de 1827. [Grifo meu].

estudavam somente as quatro operações. As meninas também eram instruídas quanto às “prendas domésticas”, visando a preparação para o casamento e a criação dos filhos.

Aproximadamente três décadas após o *Decreto das Escolas de Primeiras Letras*, já no ano de 1850, D. Pedro II, o monarca-educador¹⁹, principiou os ensinamentos às filhas, mas, em seguida, contratou mestres e, em 1856, a preceptora Condessa de Barral como encarregada da educação das Princesas. Ela recebeu a missão de ensinar às meninas, coordenar e supervisionar os mestres que as educariam de acordo com as orientações de D. Pedro II.

No documento denominado *Atribuições da Aia*, elaborado pelo próprio Imperador a partir da chegada da Condessa de Barral ao Palácio, consta a determinação de D. Pedro II sobre o tipo de instrução que as Princesas deveriam receber:

Quanto á educação só direi que o character de qualquer das princezas deve ser formado tal qual convem a Senhoras que poderão ter que dirigir o governo constitucional d'um Império como o do Brazil. A instrucção não deve differir da que se dá aos homens, combinada com a do outro sexo; mas de modo que não soffra a primeira. **Convirá conformar se quando for de proveito, aos regulamentos da instrução publica primaria e secundaria.**²⁰

Em meados do século XIX, D. Pedro II precisava formar duas mulheres capazes de dirigir o “governo constitucional do Império do Brasil”. Ele afirma no documento entregue à aia, que a instrução não deveria diferir daquelas proporcionadas aos homens, ou seja, deveria ser pautada no conhecimento das “ciências e letras”. É importante enfatizar que, no oitocentos, a função de administrar o país era normalmente desempenhada por eles, os homens. Porém, com a perda dos dois filhos varões, só restaram, ao soberano do Brasil, as Princesas Isabel e Leopoldina, as quais precisavam ser preparadas para o desempenho da nobre missão administrativa que teriam no futuro. Outrossim, D. Pedro II se preocupou em propiciar às filhas o ensino das “prendas domésticas”, conhecimentos habitualmente conferidos às mulheres, oferecendo-lhes a combinação dos diferentes saberes.

É curioso notar que, mesmo a formação das Princesas tendo ocorrido no ambiente doméstico com mestres e preceptores contratados, o soberano cuidou para que os ensinamentos se dessem conforme os *Regulamentos da Instrução Pública Primária e Secundária* da época. Ao buscar maiores informações sobre a legislação vigente no período em que as Princesas estavam sendo formadas, encontrei o *Regulamento de Instrução Primária e Secundária do Município da Corte*, aprovado pelo Decreto nº 1.331-A, de 17 de

¹⁹ Conceito apresentado em trabalho anterior, (AGUIAR, 2016).

²⁰ Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo POB - Maço 29, Doc. 1038. Atribuições da aia [1856 - 1857]. [Grifo meu].

fevereiro de 1854, conhecido como *Reforma Couto Ferraz*,²¹ que introduziu várias modificações nos Ensinos Primário e Secundário das Instituições Públicas e Particulares do Rio de Janeiro. Dentre as mudanças destaca-se a divisão do Ensino Primário das escolas públicas em duas classes: *Instrução Elementar*, definida como Escolas do Primeiro Grau e a *Instrução Primária Superior*, que eram as Escolas do Segundo Grau²². O leitor poderá conferir, a seguir, o currículo²³ aplicado nas Escolas do Primeiro e Segundo Grau de acordo com a Reforma instituída pelo governo.

Art. 47. O ensino primario nas escolas publicas comprehende:

A instrucção moral e religiosa,

A leitura e escripta,

As noções essenciaes da grammatica,

Os principios elementares da arithmetica,

O systema de pesos e medidas do municipio.

Póde comprehender tambem:

O desenvolvimento da arithmetica em suas applicações praticas,

A leitura explicada dos Evangelhos e noticia da historia sagrada,

Os elementos de historia e geographia, principalmente do Brasil,

Os principios das sciencias physicas e da historia natural applicaveis aos usos da vida,

A geometria elementar, agrimensura, desenho linear, noções de musica e exercicios de canto, gymnastica, e hum estudo mais desenvolvido do systema de pesos e medidas, não só do municipio da Côrte, como das provincias do Imperio, e das Nações com que o Brasil tem mais relações commerciaes.

Art. 48. As escolas publicas primarias serão divididas em duas classes.

A huma pertencerão as de instrucção elementar, com a denominação de escolas do primeiro gráo.

A outra as de instrucção primaria superior com a denominação de escolas do segundo gráo.

Art. 49. O ensino nas do primeiro gráo será restrictamente o que se acha marcado na primeira parte do Art. 47: nas do segundo gráo comprehenderá demais as materias da segunda parte do mesmo Artigo, que por deliberação do Governo, sobre proposta do Inspector Geral, e ouvido o Conselho Director se mandarem adoptar.

Art. 50. Nas escolas para o sexo feminino, além dos objectos da primeira parte do Art. 47, se ensinarão bordados e trabalhos de agulha mais necessarios.

²¹ Luís Pedreira do Couto Ferraz, Visconde do Bom Retiro (1818/RJ-1886/RJ) foi advogado e político brasileiro responsável pela “metodização e oficialização” do Ensino Primário e Secundário na Corte do Rio de Janeiro, realizada por meio da Reforma que levou seu nome. A *Reforma Couto Ferraz* teve como modelo as *Reformas de François Guizot* (1833) e de *Alfred de Falloux* (1850), ambos ministros da educação na França (VECHIA e LORENZ, 1998). No aspecto geral, essas Reformas francesas incentivaram em seu país a criação de escolas para a formação de alunos e de professores. No entanto, a *Reforma de Falloux* também se destacou por suscitar o ensino católico nos estabelecimentos primários e tornar obrigatória a abertura de escolas para meninas nas comunas com mais de 800 habitantes.

²² Cf. Decreto Imperial de 17 de fevereiro de 1854. [Grifo meu].

²³ Durante muito tempo, o conceito de currículo se restringiu ao programa educativo, grade curricular, matérias, disciplinas, conteúdos, cargas horárias cumpridas e atividades desenvolvidas com os alunos. Neste estudo, considero todos esses aspectos, contudo, aproprio-me de um conceito mais amplo, no qual o currículo é visto como “uma prática discursiva, uma prática de poder, mas também uma prática de significação, de atribuição de sentidos. Ele constrói a realidade, nos governa, constrange nosso comportamento, projeta nossa identidade, tudo isso produzindo sentidos. Trata-se, portanto, de um discurso produzido na interseção entre diferentes discursos sociais e culturais que ao mesmo tempo, reitera sentidos postos por tais discursos e os recria”. Sobre o assunto ver: (LOPES; MACEDO, 2011, p. 19 - 42).

Poder-se-hão também ensinar as materias da segunda parte do citado Artigo, que o Governo designar, sobre proposta do Inspector Geral com audiencia do Conselho Director, conforme as diversas localidades em que forem situadas e sua importancia.

Art. 51. Em cada parochia haverá pelo menos huma escola do primeiro gráo para cada hum dos sexos.

Art. 52. A designação das escolas do primeiro e segundo gráo, e de seu programma de ensino será feita por deliberação do Conselho Director, com aprovação do Governo.²⁴

O artigo 47 do *Regulamento de Instrução Primária e Secundária do Município da Corte* define os conteúdos a serem proporcionados aos meninos. Com relação às meninas, o artigo 50, do mesmo Regulamento, determina que, além do constante na primeira parte do artigo 47 (Primeiro Grau), eram oferecidos os “trabalhos de agulha”. Quanto à instrução relativa ao Segundo Grau, era concedida às meninas apenas “sobre proposta do Inspector Geral com audiencia do Conselho Director, conforme as diversas localidades em que forem situadas e sua importância”. Isto é, passadas quase três décadas do *Decreto das Escolas de Primeiras Letras*, a educação das mulheres ainda enfrentava obstáculos para se afirmar, o que ainda perduraria por mais de um século. Daí o motivo do Imperador D. Pedro II enfatizar que a educação a ser proporcionada às filhas seria àquela comumente ofertada aos homens, combinada com a do outro sexo.

Sobre o Ensino Secundário, o *Regulamento de Instrução Primária e Secundária do Município da Corte* estabeleceu que, enquanto não fosse criado um externato pretendido pela Lei de 17 de setembro de 1851, este seria realizado no Colégio Pedro II²⁵ e também nas *Aulas Públicas* existentes. Abaixo, encontram-se os artigos 79 e 80 da *Reforma Couto Ferraz* com as “cadeiras” que comporiam o currículo do Ensino Secundário realizado em sete anos, o que posteriormente foi objeto de um Regulamento próprio do Colégio Pedro II.

Art. 79. Haverá no Collegio as seguintes cadeiras: 2 de latim, 1 de grego, 1 de inglez, 1 de francez, 1 de allemão, 1 de philosophia racional e moral, 1 de rhetorica e poetica, que comprehenderá também o ensino da lingua e litteratura nacional, 2 de historia e geographia, ensinando o professor de huma a parte antiga e media das referidas materias, e o da outra a parte moderna, com especialidade a historia e geographia nacional, 1 de mathematicas elementares, comprehendendo arithmetica,

²⁴ Decreto Imperial de 17 de fevereiro de 1854. [Grifo meu].

²⁵ O Colégio Pedro II foi assim batizado em homenagem ao Imperador-menino no dia de seu aniversário, 2 de dezembro, sendo oficializado por Decreto Imperial em 20 de dezembro do mesmo ano, como decorrência da reorganização do *Seminário de São Joaquim*. A instituição de ensino público federal localiza-se no estado do Rio de Janeiro correspondendo ao terceiro mais antigo dentre os colégios em atividade no país. O estabelecimento de ensino reserva algumas especificidades quanto à sua denominação: no Decreto de fundação consta: “Collegio de Pedro II”; no primeiro regulamento de 1838, encontra-se identificado como “Collegio de Pedro Segundo”; porém, nos programas de ensino, aparece a denominação: “Imperial Collegio de Pedro II”. No ano de 1890, já na república, passou a chamar-se “Gymnasio Nacional”, em 1911, “Collegio Pedro II” e posteriormente, a mudança na grafia: “Colégio Pedro II”, identificação que será utilizada no presente estudo. Cf. cruzamento de informações provenientes de (VECHIA; LORENZ, 1989, p. VII) e COLÉGIO PEDRO II – HISTÓRICO. Disponível em: <<http://www.cp2.g12.br/ocolegio/historico.htm>>. Acesso em: 16 out. 2019.

algebra até equações do 2º gráo, geometria e trigonometria rectilinea, 2 de sciencias naturaes, sendo huma de historia natural com as primeiras noções de zoologia, botanica, mineralogia e geologia, e outra de elementos de physica e chimica, comprehendendo somente os principios geraes e os mais applicaveis aos usos da vida.

Art. 80. Além das materias das cadeiras mencionadas no Artigo antecedente, que formão o curso para o bacharelado em letras, se ensinarão no Collegio huma das linguas vivas do meio dia da Europa²⁶, e as artes de desenho, musica e dansa. Farão os alumnos exercicios gymnasticos, debaixo da direcção de hum mestre especial. Poderão ser creadas, quando as circumstancias o permittirem, huma cadeira de elementos de mechanica, e de geometria descriptiva; e bem assim separar-se da cadeira de historia moderna a historia e geographia nacional, formando esta huma aula especial.²⁷

Ao visualizar os conteúdos ofertados no Ensino Secundário do Colégio Pedro II, percebo uma grande aproximação com o currículo proporcionado tanto à Princesa Isabel, quanto à Princesa Leopoldina, o que será retomado adiante nesta tese de doutoramento. Todavia, é significativo considerar que os ensinamentos propostos pela Instituição no oitocentos, destinavam-se exclusivamente à formação de homens.

De acordo com Rosana Alves, no Colégio Pedro II “foram homens os seus dirigentes e todos os seus professores. A sua clientela estudantil restringiu-se aos meninos e rapazes, embora tal restrição não constasse do Decreto de fundação do Colégio de 2 de dezembro de 1837” (2009, p.1). Logo, a presença feminina no Colégio durante a vigência do sistema monárquico, ocorreu em situações muito específicas e em curtos espaços de tempo. Como, por exemplo, em algumas das tardes de maio do ano de 1866, quando esteve no Brasil o suíço conferencista Jean Louis Rodolphe Agassiz, um zoólogo e geólogo combatente das ideias de Charles Darwin. Na ocasião, acompanhava-o sua esposa Elizabeth Cary Agassiz, primeira mulher a adentrar no espaço até então masculino. A dita senhora teve a proeza de incentivar a presença de outras mulheres ao evento, e o interessante é que ela não estava sozinha na empreitada, pôde contar com a participação das Princesas brasileiras Isabel e Leopoldina e da Imperatriz Teresa Cristina, que acompanhava o Imperador D. Pedro II, o grande incentivador daquelas tardes culturais realizadas no Colégio Pedro II, ícone da cultura na Corte carioca oitocentista (ALVES, 2009)²⁸.

Nesse sentido, o presente estudo tem por objetivo geral analisar o que estudavam as Princesas Isabel e Leopoldina, no intuito de compreender como se dava a educação para o governo da nação, uma vez que, na falta do pai Imperador, Isabel como primeira na linha

²⁶ Os países que se encontram “na região do meio dia da Europa” segundo divisão política da época: Espanha, Portugal, Saboia, Sardenha, Itália, Turquia e Tartária. E no caso, a “língua moderna” da Europa adotada no Colégio Pedro II era o “italiano”. Sobre o assunto ver: (AMENO, 1813, p. 153).

²⁷ Decreto Imperial de 17 de fevereiro de 1854. A organização do currículo do Colégio Pedro II foi discutida e definida pelo Decreto nº. 1.556 de 17 de fevereiro de 1855.

²⁸ A presença feminina no Colégio Pedro II efetivou-se a partir da década de 1920, já no sistema republicano. (ALVES, 2009, p. 1).

sucessória, precisava estar apta a assumir o comando do país, assim como Leopoldina na ausência da irmã. Em um plano mais específico, busca-se: examinar os cadernos das Princesas, como objeto da cultura escrita, depositados no arquivo pessoal da Família Imperial e silenciados pelo tempo; depreender traços da trajetória educacional das autoras dos cadernos, a partir de seus escritos pessoais realizados durante o período em que cada Princesa esteve submetida ao processo de “fabricação”/formação de futura soberana na Sociedade de Corte; verificar quais eram os conteúdos presentes nos cadernos, e julgados mais importantes, de acordo com a hierarquia do tempo de estudos, do volume de matérias e da frequência que estudavam tais conhecimentos; ler e interpretar os conteúdos de ensino da área de *Humanidades* disseminados em ditados, textos, exercícios, anotações, rabiscos e correções realizadas por meio da pena das meninas e de seus mestres.

Meu primeiro contato com os cadernos das Princesas aconteceu por meio da leitura de uma carta escrita por Isabel e enviada ao pai. Era uma tarde fria de inverno e eu me encontrava no Arquivo Histórico do Museu Imperial, na cidade de Petrópolis, para pesquisar sobre a educação das Princesas. Naquele dia, como de costume, solicitei às arquivistas as cartas de Isabel e Leopoldina para dar prosseguimento ao exame das mesmas, como vinha fazendo há meses.

Enquanto aguardava a chegada do material, olhei para a parede envidraçada do arquivo de frente para o Palácio e verifiquei a chegada de uma silenciosa neblina²⁹ que, aos poucos, ocupava os espaços do Museu Imperial. Não me inibi, sabia que havia muito a fazer, peguei meu cachecol e iniciei a análise das cartas, algumas, inclusive, descreviam o clima da cidade petropolitana, o qual experimentava naquele exato momento. Foi quando me deparei com uma epístola da Princesa Isabel, cujo teor despertou minha atenção. Na carta consta a seguinte mensagem:

S. C. 8 de 8^{bro} de 1859.

Meu querido Papae

Estes dias tenho passado bem. O Valadão veio hoje cá. Tenho muitas saudades de meus Caros Paes mas enfim uã semana já se passou. Diga ao Visconde que não me esqueci do seu Latim pois que hoje repassei a 1^a e a 2^a lição. A Condessa lhe manda o mappa das notas da semana. Adeus meu querido Papae aceite um abraço e um beijo bem deite a sua benção sobre o coração esta sua filha do coração. Isabel Christina. M^a Rosa, Domitilia, a Condessa, a M^{lle} beijão-lhe a mão. O Candido Baptista veio 3^a e 5^a feira.³⁰

Olhando para os papéis de cartas das Princesas, recordei-me dos que colecionava na adolescência. Eram impressos, temáticos, coloridos e até perfumados. Até o final do século

²⁹ Névoa densa e baixa específica do estado fluminense brasileiro, também conhecida na região pelo nome de “ruço”.

³⁰ AGP - XLI-3 - Carta da Princesa Isabel a D. Pedro II. São Cristóvão, 8 de outubro de 1859. Arquivo Grão Pará.

XX, era muito comum as pessoas escreverem cartas umas para as outras. As meninas e moças costumavam adquirir papéis de cartas para enviar a alguém especial e/ou para trocar com as amigas, principalmente, os repetidos. Alguns desses papéis tornavam-se tão especiais e significativos que dificilmente saíam das pastas nas quais ficavam armazenados. A escola era um dos locais preferidos para a realização da troca de papéis de cartas entre as colegas de turma, o que poderia acontecer no horário do “recreio”, ou, até mesmo, entre uma aula e outra. Esse foi um hábito que se perdeu ao longo do tempo, assim como o da escrita de cartas de próprio punho e com o uso de caneta esferográfica. Hoje, devido a era digital, dificilmente são manuscritas o que inviabiliza o conhecimento da caligrafia uns dos outros.

Voltando-me para os papéis de cartas oitocentistas das Princesas, percebo que se diferenciam dos usados no século XX e também dos escritos pelos demais membros da Família Imperial. O citado anteriormente, por exemplo, é delicado, decorado com uma vinheta em motivos florais, personalizado com o símbolo da Coroa Imperial do Brasil e o nome *Isabel* em alto relevo. A missiva foi enviada pela Princesa Imperial ao pai, do Paço de São Cristóvão, no ano de 1859, quando este estava com a Imperatriz em viagem às províncias do “Norte”. Com caneta tinteiro preta e letra cursiva, Isabel inicia a escrita informando estar bem, ainda que com muitas saudades de seus “Caros Paes”. Ao que tudo indica, Candido José de Araújo Viana, o Visconde de Sapucaí, senador do Império do Brasil e, também, mestre de língua portuguesa, literatura e latim das Princesas, estivesse ao lado dos soberanos na importante viagem. Isso fica claro quando Isabel pede ao pai para avisá-lo de que havia repassado a 1ª e a 2ª lição de latim, provavelmente uma orientação do professor enquanto permanecesse ausente.

Após a leitura da carta, fiquei alguns minutos contemplando-a e refletindo sobre a importância dessas lições na vida de Isabel e de Leopoldina por estarem na posição de Princesas herdeiras do Trono. Logo fui tomada por grande curiosidade quanto ao conhecimento e à investigação das lições de latim mencionadas por Isabel na epístola e da possibilidade de conhecer os demais saberes ofertados às filhas do soberano. Foi quando resolvi perguntar às funcionárias do Arquivo Histórico do Museu Imperial pelos materiais de estudos das Princesas. E assim, fui apresentada a uma coleção de 24 cadernos da Princesa Isabel, pertencente ao Arquivo Grão Pará. Isso aconteceu num fim de tarde, o Arquivo Histórico estava prestes a fechar, e eu mal conseguia me conter diante daqueles cadernos cuidadosamente envelopados com papel, amarrados com cordões e acondicionados em prateleiras do arquivo deslizante vertical,³¹ como no exemplo da Figura 3.

³¹ Conjunto de documentos acondicionado em objeto que desliza, perpendicular ao plano do horizonte.

Figura 3 - Arquivo deslizante vertical com fontes documentais - 2018



Fonte: Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.

No dia seguinte, fui a primeira consulente a chegar ao Arquivo Histórico. Estava extremamente interessada em abrir os cadernos. Solicitei os mesmos para a pesquisa, coloquei as luvas e peguei a lupa, procedimentos necessários para a devida preservação e compreensão de documentos com mais de cento e cinquenta anos de existência e tão valiosos para a história. A cada caderno que abria, um novo conhecimento surgia com a devida importância formativa à vida das Princesas. As matérias contempladas nos cadernos foram: ortografia portuguesa e alemã, cosmografia, língua francesa, gramática portuguesa, ditado em língua portuguesa, língua grega, mitologia, mineralogia, anatomia, língua italiana, botânica, história de Portugal, latim, língua inglesa, filosofia, teatro, história do consulado e do império da França e gramática francesa.

Ao chegar em casa, no Rio de Janeiro, lembrei-me de que alguns meses antes, durante as pesquisas, havia compartilhado a mesa do Arquivo Histórico do Museu Imperial com um distinto senhor. Fomos apresentados e para minha surpresa tratava-se de D. Carlos Tasso de Saxe-Coburgo e Bragança, bisneto da Princesa Leopoldina. Na ocasião, ele se colocou a disposição para ajudar no que fosse necessário à realização da pesquisa. Ele é brasileiro, mas não mora no Brasil, e naquele momento, encontrava-se em sua terra natal para realizar pesquisas, já que também é escritor.

Diante desta recordação resolvi enviar um correio eletrônico a D. Carlos Tasso indagando sobre os cadernos da Princesa Leopoldina. Ele estava na Áustria, e de forma muito gentil afirmou não saber da localização dos materiais de estudo de sua bisavó e até sugeriu algumas casas de guardas onde poderiam estar depositados. Mas, ao entrar em contato com os

arquivos citados, os cadernos não foram encontrados. Nesse momento, cheguei a pensar que tivessem sido descartados e/ou jogados em uma fogueira, prática desenvolvida por alguns descendentes de mulheres que não desejam ter a vida de seu antepassado à exposição, conforme estudo desenvolvido por Michelle Perrot (2005, 2007). Foi quando resolvi retornar a Petrópolis e ao Arquivo Grão Pará para fazer nova busca pelos cadernos da Princesa Leopoldina, até que, finalmente, a arquivista me apresentou uma mapoteca horizontal³² (Figura 4), formada por várias gavetas, duas delas repletas por documentos de estudos acondicionados em “pastas temáticas”³³.

Figura 4 - Gaveta da mapoteca horizontal - 2018



Fonte: Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.

Na mapoteca horizontal encontrei vários cadernos da Princesa Isabel e também da Princesa Leopoldina, embora em menor número. Cheguei ao número aproximado de 52 cadernos, sendo 2 cadernos-diários e 50 cadernos de lições, assim compreendidos por conterem lições, ou seja, conteúdos ministrados pelos mestres às Princesas. Dali em diante, comecei a investigação para minha tese de doutorado.

A metodologia que melhor identifica o estudo é afeita a uma pesquisa qualitativa e histórico-documental, tomando como fontes principais os cadernos de estudos da Princesa

³² Local, ou dispositivo, onde se guardam documentos, cuja direção é paralela ao horizonte terrestre.

³³ Folha de papel ou papelão dobrado, no qual são acondicionados documentos organizados conforme determinada temática ou assunto. Nessas pastas encontram-se estudos das Princesas divididos por matérias.

Isabel e da Princesa Leopoldina pertencentes ao Arquivo Grão Pará e ao Arquivo Histórico do Museu Imperial, os quais se configuram como contendo uma expressiva e relevante documentação tanto para a História da Educação oitocentista brasileira quanto para a História Cultural³⁴. A contribuição do trabalho está na identificação e análise dos documentos de estudos das Princesas, por meio dos quais foi possível conhecer o currículo educacional e as práticas educativas utilizadas pelos mestres brasileiros e estrangeiros que atuaram na formação das herdeiras do Trono na Corte Brasileira, em meados do século XIX.

A presente pesquisa é histórica, mas ao longo da coleta de dados, considerei alguns aspectos da metodologia etnográfica, com ênfase no princípio indutivo, ou seja, no acúmulo descritivo de detalhes, uma prática muito utilizada pelos antropólogos Marcel Mauss (1872-1950) e Clifford Geertz (1926-2006).³⁵ Assim, passei a descrever não só os documentos, mas também as circunstâncias nas quais efetuava as observações e análises dos mesmos. A apropriação desse método se fez necessária devido ao fato do universo da pesquisa contemplar o Museu Imperial, antigo Palácio Imperial de Petrópolis, um dos locais onde, no século XIX, ocorria o aprendizado cotidiano das Princesas. Ao ter contato com o que restou dos espaços do conhecimento³⁶ das duas meninas, cheguei a sentir a presença enigmática das duas estudantes e a compreender algumas das práticas vivenciadas por elas conforme seus próprios comentários em diários, cartas e cadernos. Então, acabei por descrever também o contexto da realização da pesquisa.

O trabalho do historiador em arquivos deve ser criterioso, minucioso, investigativo, discreto, cuidadoso e perseverante, pois nem sempre se encontra exatamente o que se deseja no dia e na hora pretendida. Além disso, as fontes dificilmente estão disponíveis e ordenadas de acordo com a necessidade do pesquisador. Nesse aspecto, fazem-se necessários o auxílio e a atuação do (a) arquivista. Até porque, é ele (a) quem conhece os documentos inventariados e a natureza organizacional do arquivo. Também é preciso compreender que as fontes não falam por si só, deve-se olhar, interrogar e contextualizar, e enfim, estar atento aos

³⁴ Sobre o assunto ver: BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Trad. Sergio Goes de Paula. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

³⁵ MAUSS, Marcel. *Manuel d'ethnographie*. 2ª ed. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1967; MAUSS, Marcel. *Introducción a la etnografía*. 2ª ed. Madrid: Ediciones ISTMO, 1974; e GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Gen/LTC, 2018.

³⁶ Para maiores informações consultar: AGUIAR, Jaqueline Vieira de. *Princesas Isabel e Leopoldina: mulheres educadas para governar*. Curitiba: Appris, 2015; AGUIAR, Jaqueline Vieira de _____. De palácio a museu: uma visita a espaços do conhecimento de Isabel e Leopoldina. In: *ANUÁRIO DO MUSEU IMPERIAL* / Museu Imperial - Nova Fase. vol. 1. Petrópolis: Museu Imperial/ Ministério do Turismo, 2020, p. 103-122.

“indícios”³⁷. Sobre o trabalho do historiador e do arquivista, Fraguas e Martins (2011) fazem importantes considerações,

Os dois campos do conhecimento, História e Arquivologia, quando observados sob a ótica de Arquivos, constroem uma relação de constante reciprocidade. Enquanto o trabalho inicial do arquivista proporciona as bases técnicas para a construção da História, a análise crítica e a contínua participação do pesquisador dentro do Arquivo, permitem a abordagem dos documentos sob diferentes pontos de vista, fazendo com que novas interpretações sejam suscitadas e criando novas hipóteses de pesquisa, que beneficiarão pesquisadores futuros quando da abordagem de determinados assuntos sob prismas diversificados (p. 5-6).

É importante enfatizar o não conhecimento exato da quantidade de cadernos escritos pelas duas Princesas. Acredito que vários deles possam ter se perdido ou sido descartados ao longo do tempo. Portanto, a coleção investigada representa apenas uma amostra do desenvolvido no cotidiano educativo das duas irmãs. Diante disso, considere o fato de não comportarem tudo o que foi estudado pelas Princesas, até porque, muito dos ensinamentos não ganhou o papel, pois foi dito, cantado e praticado, mas não registrado. E nem tudo que está anotado foi apreendido. Contudo, os cadernos hoje preservados em arquivos tornaram-se fonte privilegiada da pesquisa por revelar vestígios, indícios e sinais da educação de Isabel e Leopoldina.

A Figura 5 na página seguinte, traz a imagem do caderno de latim da Princesa Isabel, aquele que acabou por despertar o interesse pela presente pesquisa. Esse, como os demais cadernos das Princesas, possuía a nobre missão de proporcionar às duas meninas o contato com os mais variados saberes, visto que, no futuro elas se transformariam em mulheres capazes de se colocarem à frente do governo, ou melhor, dos homens, afinal, a política a eles pertencia. Por isso, precisavam estar suficientemente preparadas para conseguirem conquistar seu espaço e honrar com os desígnios dos Príncipes herdeiros: dar continuidade à monarquia, e, muito mais do que isso, “fazer a felicidade do país que as viu nascer”, já dizia D. Pedro II³⁸.

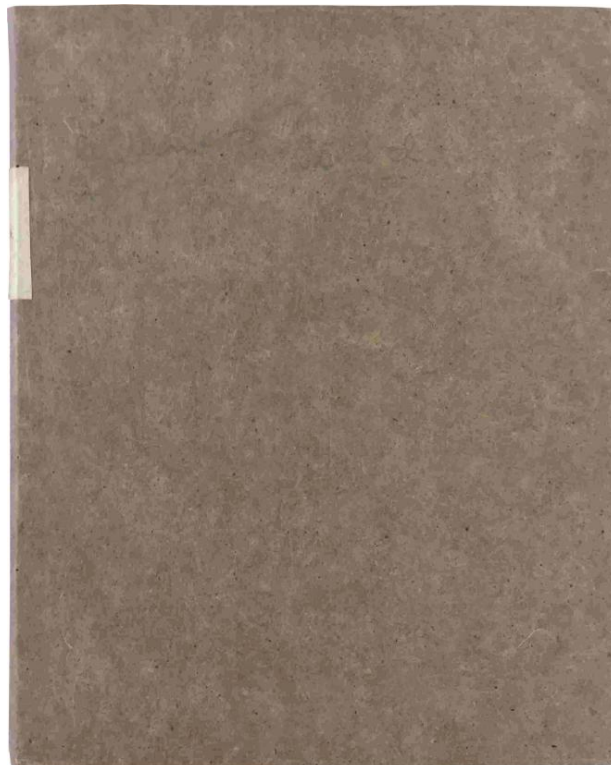
Isabel e Leopoldina enfrentaram um árduo cotidiano educativo, e embora brigassem entre si de vez em quando, comportamento normal entre irmãos, havia um laço de amor, amizade e cumplicidade entre as duas que nem a distância após o casamento, conseguiu dissolver. O companheirismo existente entre as irmãs, certamente, atenuou as dificuldades encontradas dia a dia. Até porque, é preciso lembrar que antes de serem Princesas, Isabel e Leopoldina são duas meninas do século XIX, sonhadoras e alegres como tantas outras de sua

³⁷ Sobre o assunto ver: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução: Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

³⁸ Cf. Carta de D. Pedro II a Joaquim Teixeira Macedo enviada em janeiro de 1850 apud BARMAN, Roderick. *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX*. São Paulo: UNESP, 2005, p. 45.

época, porém, marcadas pelo destino de serem as herdeiras do Trono do Imperador D. Pedro II e com grandes responsabilidades para com o país. Elas cresceram e se formaram num tempo marcado pelo poder dos barões do café, pelo trabalho escravo, pelas charretes, pela iluminação a óleo de baleia e a gás, pela pompa monárquica, mas, também, pela educação na casa, pelos cadernos costurados manualmente e ornados conforme o gosto de seu detentor. Este é o cenário histórico oitocentista em que a pesquisa está inserida, instigando o leitor a (re)conhecer as marcas de um século que ainda desperta interesse e saudosismo.

Figura 5 - Caderno de Latim da Princesa Isabel
- Século XIX



Fonte: Arquivo Grão Pará.

A tese está organizada em quatro Capítulos. A introdução “*Nasci no Paço de São Cristóvão*”: *abrindo os cadernos* faz referência às Princesas Isabel e Leopoldina e aos seus cadernos, escritos nos Paços Imperiais a partir da pena das meninas, as quais, dia após dia, anotavam as lições, página por página, em folhas costuradas ou encadernadas, ou ainda, em folhas soltas que posteriormente poderiam ser agrupadas. Na introdução, é apresentada a delimitação temática e temporal, a justificativa, os objetivos, as fontes e os procedimentos teórico-metodológicos adotados no estudo.

O Capítulo 1 intitulado *Entre prateleiras e gavetas: cadernos de princesas como fontes de uma educação para o governo da nação* mostra os caminhos percorridos durante a

pesquisa, iniciando com a revisão da literatura e a seguir, a revisão teórica. Apresento, ainda, por meio de quadros, alguns dados da materialidade dos cadernos, além da historicidade das casas de guardas consultadas, especialmente do Arquivo Histórico do Museu Imperial e do Arquivo Grão Pará, desde a idealização do espaço físico a sua concretização com o retorno dos “papéis do Imperador” para o Brasil e a inauguração do Museu Imperial na cidade de Petrópolis, onde, hoje, esses documentos encontram-se acondicionados e conservados. Demonstro, também, os cadernos de lições e demais documentos de estudos das Princesas, objetos da cultura escrita que carregam consigo traços do vivido e do apreendido por suas autoras no cotidiano das lições. Ao término do capítulo, são destacadas as demais fontes utilizadas como: os livros da Família Imperial; o documento intitulado *Atribuições da Aia*; o caderno-diário escrito durante a infância de Isabel; os boletins das duas meninas; a iconografia e as cartas trocadas entre as Princesas, seus pais, familiares e mestres entre os anos de 1854 a 1864; documentos oficiais, como o *Livro de Assentamento dos Mestres de Sua Majestade o Imperador e Sereníssimas Senhoras Princezas, Folhas dos Vencimentos dos Mestres da Imperial Família*, entre outros.

A seguir, o Capítulo 2 denominado *Mestres das lições: a educação de uma infância imperial nos paços de São Cristóvão e de Petrópolis* enfoca as especificidades do processo de “fabricação”/formação de futura soberana na Sociedade de Corte. Apresento, inicialmente, as circunstâncias nas quais as Princesas Isabel e Leopoldina tornaram-se herdeiras ao Trono do Brasil. Em seguida, volto-me aos seus mestres, aias e damas: homens e mulheres detentores de uma nobre missão. E, a partir de manuscritos como o caderno-diário de Isabel e as cartas das duas filhas de D. Pedro II, o leitor é convidado a “caminhar” pelas salas, corredores e jardins dos Paços de São Cristóvão e de Petrópolis e apropriar-se dos espaços do conhecimento daquelas que, um dia, estiveram destinadas a conduzir o futuro de seu país. Nesse aspecto, as autoras dos cadernos de lições são vistas como alunas estudando cotidianamente com seus mestres a fim de construírem a educação de uma infância Imperial.

O Capítulo 3 designado *Da pena ao papel: cadernos de línguas para a formação de uma soberana* aborda as aprendizagens voltadas às “línguas”. São destacados os saberes relativos às “letras” com base em leituras clássicas e de cunho político, e os ensinamentos concernentes à história santa, que marcam a influência da religião católica nos países que adotam a monarquia como sistema de governo. Ao longo dos parágrafos são apresentados os conteúdos disseminados em ditados, textos, exercícios, anotações, rabiscos e correções realizadas por meio da pena das meninas e de seus mestres. Entre as fontes contempladas,

destacam-se: os cadernos das diferentes línguas ensinadas às Princesas: portuguesa, francesa, inglesa, italiana, alemã, grega e latim, e, ainda, o caderno de história santa.

O último Capítulo intitulado “*Estudei minhas lições*”: *das artes à economia política, conhecimentos e orientações para governar* evidencia como as Princesas respondiam ao ensino das artes, da geografia, da história e da economia política, durante o processo educativo, por meio do qual estavam sendo formadas. Também é depreendido, como absorviam o estudo de história, uma vez que os ensinamentos propostos compreendiam principalmente a trajetória de sua própria família. Para tanto, são investigados: os cadernos de desenho e pintura, teatro, história, geografia e economia política.

Termino o estudo apresentando as considerações finais da minha pesquisa “fechando os cadernos” que ficam à espera do olhar de outros pesquisadores, após uma longa jornada de trabalho em acervos da e sobre a Família Imperial, esperando ter contribuído com a escrita de parte da história silenciada de mulheres, cuja trajetória, repercutiu no próprio destino da nação.

1 ENTRE PRATELEIRAS E GAVETAS: CADERNOS DE PRINCESAS COMO FONTES DE UMA EDUCAÇÃO PARA O GOVERNO DA NAÇÃO

Figura 6 - Arquivo deslizante vertical e Mapoteca horizontal - 2018



Fonte: Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.³⁹

Quanto da vida⁴⁰ e dos saberes educacionais de duas Princesas pode estar guardado em cadernos escritos da infância à adolescência? Compartilho com o leitor uma das inquietações que senti na primeira vez em que estive diante dos cadernos de lições de Isabel e Leopoldina, devidamente conservados e armazenados no Arquivo Histórico do Museu Imperial conforme Figura 6. A casa de guarda carrega consigo documentos e artefatos da Família Imperial, cujas vidas podem ser diariamente conhecidas e examinadas por cada visitante ou pesquisador que se propõem a debruçar-se sobre traços e impressões presentes em manuscritos e objetos encontrados nos espaços frequentados pela nobre família durante suas existências no Brasil monárquico oitocentista.

O recorte histórico deste estudo é a formação das Princesas presente em seus cadernos de lições. A pesquisa acontece principalmente por meio de cadernos, objetos que, por mais de um século, foram “negligenciados” como fontes históricas pela comunidade de historiadores. No entanto, sobreviveram ao tempo e agora tenho o privilégio e a grata missão de investigá-

³⁹ A Figura 6 é composta por imagens do arquivo deslizante vertical e da mapoteca horizontal, ambas pertencentes ao acervo do Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.

⁴⁰ Sobre o termo ver também: Vasconcelos, 2018.

los a partir de discussões da própria historiografia, a exemplo dos *Annales*, com seus “novos problemas”, que se tornaram fundamentais para descortinar parte da educação oitocentista planejada pelo pai Imperador e proporcionada às filhas herdeiras de seu Trono.

Os cadernos são analisados com o olhar do presente, mas sem necessariamente projetá-lo, até porque, de acordo com Marc Bloch (2001, p. 55), a História é a ciência “dos homens no tempo” e o que norteia o estudo da História é o presente, linha epistemológica que tem sua origem na chamada “história problema”, formulada por Lucien Febvre, que também pertence à geração dos *Annales*⁴¹. Assim, a coleção de cadernos das Princesas é investigada no presente, porém com os olhos voltados para o passado, no sentido de revisitá-lo ciente de que,

O conhecimento histórico é sempre mais do que aquilo que se encontra nas fontes. Uma fonte pode existir previamente ao início da investigação ou ser descoberta por ela. Mas ela também pode não existir mais. Assim, o historiador vê-se na necessidade de arriscar proposições. Mas o que impede o historiador de se assegurar da história do presente ou do passado por meio, unicamente, da interpretação de fontes não é apenas sua escassez (ou, no caso da história moderna, o excesso de oferta). Toda fonte ou, mais precisamente, todo vestígio que se transforma em fonte por meio de nossas interrogações nos remete a uma história que é sempre algo mais ou algo menos que o próprio vestígio, e sempre algo diferente dele. Uma história nunca é idêntica à fonte que dela dá testemunho. Se assim fosse, toda fonte que jorra cristalina seria já a própria história que se busca conhecer (KOSELLECK, 2006, p.186).

Neste capítulo, jogo luzes em documentos dispostos entre prateleiras e gavetas, vestígios e fontes de uma educação para o governo da nação. Analiso, inicialmente, os textos deixados por aqueles que se dignaram a escrever sobre as Princesas, a fim de buscar as concepções dos biógrafos das herdeiras do Trono a respeito da formação educacional das duas meninas e de seus cadernos de lições, produzidos no período em que estiveram submetidas aos ensinamentos dos mestres, da preceptora e de seu próprio pai, o Imperador do Brasil. Em seguida, disserto sobre questões teórico-metodológicas desenvolvidas por autores que estudam o processo de “fabricação” de um soberano na Sociedade de Corte e os cadernos como fontes dessa formação.

Ao fim do capítulo, apresento um pouco da historicidade das casas de guardas consultadas e narro meu encontro com os escritos das Princesas: seus cadernos de lições e demais documentos diante dos quais aponto os caminhos metodológicos utilizados no estudo.

⁴¹ No início do século XX, questionava-se muito sobre uma historiografia baseada em instituições e nas elites, a qual dava muita relevância a fatos e datas, de uma forma positivista, sem aprofundar grandes análises de estrutura e conjuntura. Em 1929, surge na França a revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch, a partir de então a historiografia passou por grandes modificações metodológicas que permitiram maior conhecimento do cotidiano do passado, através da incorporação de novos tipos de fontes de pesquisa. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/escola-dos-annales/>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

1.1 O que falam de “nós”?

Não se pode imaginar, lendo seus programas de estudos, tão repletos de aulas e obrigações, ter tido a Princesa Isabel uma infância como todas as crianças de seu tempo. [...]⁴²

Lourenço Luiz Lacombe

[...] O programa de instrução concebido por D. Pedro II mantinha suas filhas ocupadas, na sala de aula, nove horas e meia por dia, seis dias por semana. A gama de matérias acadêmicas que estudavam incluía as línguas latina, francesa, inglesa e alemã, a história de Portugal, da França e da Inglaterra, a literatura portuguesa e a francesa, geografia e geologia, astronomia, química, física, geometria e aritmética. [...].⁴³

Roderick J. Barman

[...] A verdade é que, apesar de muitas aulas, a princesa não absorvia todos os conteúdos.⁴⁴

Mary Del Priore

E se em pleno século XXI as Princesas Isabel e Leopoldina retornassem ao “país que as viu nascer”? Chegando ao Brasil, se surpreenderiam com os avanços da humanidade em vários setores e aspectos e se perguntariam: “será que ainda se lembram de nós?” Ao perceberem que a monarquia continua a permear o pensamento dos brasileiros se indagariam: “o que falam de nós?”. E pensando nas lembranças da infância e do cotidiano educativo também se recordariam de seus cadernos, companheiros inseparáveis. E, então, se questionariam: nossos cadernos de lições foram guardados? As Princesas se encantariam com a coleção de cadernos preservada, mas, também, se espantariam com a diversidade, a imaginação e a criatividade dos diferentes relatos e interpretações a respeito de suas histórias de vida, e, particularmente, sobre a formação educacional por elas recebida. Os fragmentos acima são apenas algumas dessas interpretações realizadas por biógrafos que se ocuparam em escrever sobre a vida da filha mais velha de D. Pedro II e acabaram por mencionar, também, a filha caçula do Imperador.

⁴² (LACOMBE, 1989, p. 44).

⁴³ (BARMAN, 2005, p. 67).

⁴⁴ (DEL PRIORE, 2013, p. 47).

A revisão da literatura, a partir de trabalhos biográficos das Princesas, deve-se ao fato de não haver conhecimento, até o presente momento, de livros específicos sobre os cadernos das herdeiras de D. Pedro II, já que quase todos os elegidos como fontes principais para o estudo em pauta são inéditos. Entretanto, antes de “mergulhar” nas biografias, é preciso considerar as palavras de Maria Helena Werneck (2008, p.11), “veja bem, isto é impossível”. O “impossível” refere-se à ilusão de biógrafos que acreditam na possibilidade de se recompor uma vida por meio de um livro. Uma biografia é feita de recortes de fatos da vida do biografado, em consequência, escolhas e silenciamentos são realizados. Diante disso, é preciso questionar os trabalhos selecionados, sejam eles biográficos ou autobiográficos, pois, segundo Bourdieu (2006), tanto o sujeito quanto o objeto da biografia, ou seja, o investigador e o investigado, intencionam dar sentido à “existência narrada” de forma coerente, e a vida nem sempre acontece de forma coerente. As memórias evocadas e registradas podem não seguir uma linearidade ou, até mesmo, não condizer com a realidade dos fatos. Nenhum documento está livre de uma reminiscência idealizada ou inventada. E, para não cair nas “malhas do feitiço”⁴⁵, é necessário que o pesquisador esteja atento ao realizar a leitura, a interpretação e o cruzamento de fontes, dados e informações.

Os trabalhos publicados até o ano de 2012, anteriormente consultados e analisados na revisão de literatura apresentada na dissertação de mestrado, foram revisitados para a escrita da tese, a partir da compreensão de que fontes históricas podem ser lidas, relidas, interpretadas e reinterpretadas de acordo com o problema e o ponto de vista do pesquisador e/ou historiador (BLOCH, 2001), e a cada leitura realizada, uma nova apropriação⁴⁶ se constitui pelo leitor.

Também foram acrescentados os recentes trabalhos publicados sobre a temática. Nos últimos anos, houve um acentuado interesse pela leitura, escrita e publicação sobre a vida de membros da Família Imperial, especialmente biografias sobre a Princesa Isabel. A importância dada nesse momento de nossa história, à memória da filha mais velha do soberano, pode estar relacionada com o seu processo de beatificação⁴⁷ e/ou com a crise política e econômica por qual passou o país após o *impeachment* da presidenta do Brasil Dilma Rousseff no ano de 2016, provocando no povo certa nostalgia em relação ao sistema de

⁴⁵ Expressão cotidiana usada para a questão do envolvimento que se tem com os arquivos (GOMES, 1998).

⁴⁶ Conceito desenvolvido por Roger Chartier ao interpretar a prática da leitura e, especialmente, o modo como os leitores se apropriam diversamente de um mesmo texto (CHARTIER, 2017, p. 8 -22).

⁴⁷ “No ano de 2011 Dom Orani Tempesta, Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, recebeu formalmente o pedido de beatificação e canonização da princesa Isabel, caso o processo chegue ao final ela poderá ser chamada de Santa Princesa Isabel ou Santa Isabel do Brasil”. Disponível em: <<http://institutobentoxvi.blogspot.com.br/2016/05/processo-de-beatificacao-da-princesa.html>>. Acesso em: 11 set. 2017.

governo adotado no oitocentos, com a proliferação de grupos e estudos relacionados ao período monárquico, o que tem aumentado ao longo dos últimos anos⁴⁸.

Ademais, verifico um apelo da mídia em geral à monarquia por meio de telenovelas brasileiras, dentre elas destaco: *Novo Mundo*⁴⁹, *Deus salve o Rei*⁵⁰ e *O Tempo não para*⁵¹, exibidas pela Rede Globo de televisão entre os anos de 2017 e 2018 e com considerável audiência do público. Para o primeiro semestre de 2020 está prevista na mesma emissora, *Nos tempos do Imperador*⁵², novela que aborda justamente o período da chegada da Condessa de Barral à Corte Carioca. Esse fenômeno vai ao encontro do fato de que parte dos brasileiros almeja relembrar um tempo de nossa história guardado no século XIX, período que tem aguçado a curiosidade, o interesse e o desejo de reviver o passado longínquo, misterioso e, em

⁴⁸ Não há censo atual sobre o quantitativo de pessoas que se definam “monarquistas”, mas nos últimos anos tenho percebido um crescimento acentuado e gradativo de grupos e movimentos monarquistas, principalmente nas redes sociais.

⁴⁹ *Novo Mundo*, telenovela brasileira produzida pela Rede Globo no período de 22 de março a 25 de setembro de 2017. A obra foi escrita por Thereza Falcão e Alessandro Marson, com colaboração de Duba Elia, João Brandão e Renê Belmonte. A produção teve direção de Guto Arruda Botelho, Bruno Safadi, André Câmara, Pedro Brenelli, Vinícius Coimbra e João Paulo Jabur. A trama acontece especialmente na fase do Primeiro Reinado do Brasil (1822-1831), mas a ênfase fica por conta dos relacionamentos amorosos tanto de D. Pedro I, quanto da professora de língua portuguesa de D. Leopoldina. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Novo_Mundo_\(telenovela\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Novo_Mundo_(telenovela))>. Acesso em: 29 mar. 2020.

⁵⁰ *Deus Salve o Rei*, escrita por Daniel Adjafre, com colaboração de Sérgio Marques, Angélica Lopes, Dino Cantelli, Cláudia Gomes, Cristina Biscaia e Pérciles Barros, com supervisão de texto de Ricardo Linhares, e direção geral de Luciano Sabino. Trata-se de uma telenovela brasileira produzida pela Rede Globo, exibida de 9 de janeiro a 30 de julho de 2018. A história medieval se passa por volta do ano de 1300, traz a disputa pelo Trono entre dois Reis; uma Princesa antagonista que anseia em tomar todo poder para si, e ainda, a paixão entre uma plebeia e um Príncipe como romance principal. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Deus_Salve_o_Rei>. Acesso em: 30 mar. 2020.

⁵¹ *O Tempo não para*, foi uma telenovela brasileira produzida pela Rede Globo, exibida de 31 de julho de 2018 a 28 de janeiro de 2019. O enredo se inicia no ano 1886, fim do Segundo Reinado do Brasil (1840-1889), e apresenta a família Sabino Machado, moradora de São Paulo e proprietária de diversas terras para exploração de ouro e minério, além de investimentos em telefonia. A família e alguns de seus acompanhantes, dentre eles escravizados, embarca no navio Albatroz, rumo à Europa. Entretanto, o navio naufraga e, devido à baixa temperatura da água, alguns dos passageiros acabam congelando. Em 2018, 132 anos depois, treze dos congelados despertam e precisam enfrentar a nova realidade econômica, política e social do Brasil do século XXI. A obra foi escrita por Mário Teixeira e seus colaboradores, e a direção geral ficou a cargo de Marcelo Travesso e Adriano Melo. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Tempo_N%C3%A3o_Para_\(telenovela\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Tempo_N%C3%A3o_Para_(telenovela))>. Acesso em: 30 mar. 2020.

⁵² *Nos Tempos do Imperador* é uma telenovela brasileira produzida pela Rede Globo com previsão de estreia pela emissora para o primeiro semestre de 2020, mas, devido à pandemia do novo coronavírus (COVID-19), as gravações foram interrompidas por tempo indeterminado. A obra foi escrita por Thereza Falcão e Alessandro Marson e seus colaboradores; a direção geral é de João Paulo Jabur. Conforme *teaser* divulgado pela emissora, a telenovela será centrada no Brasil Imperial, abordando parte do Reinado de Dom Pedro II (1840-1889). O enredo inicia no ano de 1856, com o Imperador D. Pedro II casado com a Imperatriz D. Teresa Cristina ao lado das filhas Isabel e Leopoldina que recebem nesse ano a preceptora Condessa de Barral. A trama pretende abordar temas históricos como a luta abolicionista, os primeiros atos dos direitos da mulher e as causas que levaram a Guerra do Paraguai. As gravações se iniciaram em janeiro de 2020 utilizando como cenários a Chapada Diamantina, na Bahia, e cidades do interior fluminense como Barra do Piraí, Rio das Flores e Petrópolis. Há ainda, uma cidade cenográfica reproduzindo locais do Rio de Janeiro no oitocentos, como o Cais do Valongo, a Rua do Ouvidor, o Passeio e o interior dos Palácios da Família Imperial. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Nos_Tempos_do_Imperador> Acesso em: 31 mar. 2020.

alguns casos, fantasioso e romantizado da monarquia brasileira. E mesmo que o tempo histórico evocado pelos brasileiros esteja distante por dois séculos, ele se faz presente com grande força, especialmente após o incêndio ocorrido no ano de 2018 no Museu Nacional,⁵³ antiga casa do Imperador D. Pedro II e sua família, cenário da formação educacional das Princesas Isabel e Leopoldina, autoras dos cadernos de lições, principais fontes de estudo dessa tese de doutoramento. Portanto, a presente pesquisa é produzida num período no qual se vivencia, um *revival* do Império, isto é, um renascimento dos ideais monárquicos por parte da sociedade brasileira: uma “ressonância” seguida por um “encantamento”. Segundo Greenblatt (1991a), a “ressonância” pode ser interpretada como algo que evoca forças culturais complexas e dinâmicas de onde elas emergiram, no caso, no Brasil de oitocentos. E “encantamento” refere-se ao poder que um objeto exposto tem de fazer o espectador “parar de andar” ao despertar uma atenção exaltada⁵⁴.

O que não significa que não haja vozes contrárias aos movimentos monarquistas. No carnaval carioca do ano de 2019, por exemplo, assim como tivemos a escola de samba Unidos de Vila Isabel com o enredo *Em nome do pai, do filho e dos santos, a vila canta a cidade de Pedro*, numa clara exaltação à monarquia, seus personagens políticos e à cidade de Petrópolis, também tivemos a escola de samba Estação Primeira de Mangueira com o enredo *História pra ninar gente grande*, uma severa crítica à história que enaltece os “grandes homens” e esquece do povo brasileiro ao roubar seu protagonismo. De acordo com o enredo da Estação Primeira de Mangueira:

Ao dizer que o Brasil foi descoberto e não dominado e saqueado; ao dar contorno heroico aos feitos que, na realidade, roubaram o protagonismo do povo brasileiro; ao selecionar heróis “dignos” de serem eternizados em forma de estátuas; ao propagar o mito do povo pacífico, ensinando que as conquistas são fruto da concessão de uma “princesa” e não do resultado de muitas lutas, conta-se uma história na qual as páginas escolhidas o ninam na infância para que, quando gente grande, você continue em sono profundo.⁵⁵

⁵³ Sobre o assunto ver: INCÊNDIO DE GRANDES PROPORÇÕES DESTRÓI O MUSEU NACIONAL, NA QUINTA DA BOA VISTA. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/09/02/incendio-atinge-a-quinta-da-boa-vista-rio.ghtml>>. Acesso em: 9 nov. 2018.

⁵⁴ A tradução da língua estrangeira é: “By resonance I mean the power of the reach out beyond its formal boundaries to a larger world, to evoke in the viewer the complex, dynamic cultural forces from which it has emerged and for which it may be taken by a viewer to stand. By wonder I mean the power of the displayed object to stop the viewer in his or her tracks, to convey an arresting sense of uniqueness, to evoke an exalted attention.” GREENBLATT, Stephen. Ressonance and wonder. In: KARP, Ivan; LAVINE, Steven L. (Ed.). *Exhibiting cultures: the poetics and politics of museums display*. Washington: Smithsonian Institution Press, 1991a. p. 42-56. Sobre o assunto ver também: (GREENBLATT, 1991b).

⁵⁵ Cf. SINOPSE 2019 - GRES ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA. ENREDO: “HISTÓRIA PRA NINAR GENTE GRANDE”. Disponível em: <<http://www.mangueira.com.br/carnaval-2019/enredo>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

É importante considerar que as duas escolas de samba foram extremamente aclamadas pelo público e conseguiram estar entre as seis melhores escolas do carnaval carioca do ano de 2019, com destaque para a Estação Primeira de Mangueira, que galgou o primeiro lugar. A escola de samba vencedora não só critica a historiografia tradicional, uma prática ainda vigente nos estabelecimentos escolares de ensino, como mostra o reflexo da ambiguidade de ideias políticas do povo brasileiro, um fenômeno complexo e marcante no Brasil contemporâneo e/ou na História do Tempo Presente.

Na revisão da literatura realizada para a escrita desta tese, foi dada ênfase aos procedimentos metodológicos apresentados nas obras: *O projeto de pesquisa em história: da escolha do tema ao quadro teórico* (BARROS, 2010) e *Revisão da literatura e sistematização do conhecimento* (CARDOSO, ALARCÃO E CELORICO, 2010)⁵⁶. Entre as várias definições e conceitos oferecidos pelos autores mencionados, foi possível compreender que a revisão da literatura consiste num “mapeamento do campo ou área temática”. E não deve se constituir numa simples lista de nomes, citações e/ou descrição da obra, sem espírito crítico, mas sim numa exposição clara “de uma realidade complexa, nos seus elementos e no modo como eles se articulam; implica um processo de ‘garimpagem’” (Pimentel apud CARDOSO, ALARCÃO E CELORICO, 2010, p. 15). Essa garimpagem deve ser criteriosa e sem descuidos ou excessos, de forma que o pesquisador não omita trabalhos relevantes ou se torne um ser seduzido pelas obras e acabe por acreditar que deva dialogar com todos os textos existentes sobre o tema pesquisado e até mesmo que elas, as fontes documentais, falam por si só. Ou, ainda, abordar temas muito explorados acrescentando pouco ao conhecimento científico. Para Barros (2010), apenas os trechos dos textos mais relevantes devem ser apresentados, analisados e criticados. Essa medida permite a não dispersão do leitor em relação aos reais objetivos da pesquisa. A criteriosa revisão da literatura contribui para assinalar lacunas a serem percorridas de forma inovadora e funciona “como fonte de inspiração para o delineamento de um recorte temático original” (BARROS, 2010, p. 55).

Assim, após ter contato com aproximadamente sessenta trabalhos sobre as Princesas Isabel e Leopoldina foram selecionados para a revisão da literatura quatorze estudos biográficos produzidos entre os anos de 1941 e 2016. Desses, seis surgiram no século XX, num espaço de tempo de sessenta anos. Os oito restantes foram produzidos nas duas primeiras décadas do século XXI, isto é, num intervalo de vinte anos. Essa informação confirma o

⁵⁶ Os trabalhos citados visam contribuir com os pesquisadores tanto da graduação como da pós-graduação, no que se refere à “metodologia científica”. Para maiores informações ver: (BARROS, 2010) e (CARDOSO; ALARCÃO; CELORICO, 2010).

interesse, despertado nos últimos anos, pela escrita e leitura de textos sobre a Família Imperial, com destaque para a figura da Princesa Isabel.

A seguir, encontra-se o Quadro 1, com a lista de estudos biográficos eleitos, tratados como principais referências para a revisão da literatura.

Quadro 1 - Estudos biográficos selecionados contendo informações sobre a formação educacional formal das Princesas Isabel e Leopoldina e de seus cadernos de lições, ou o silêncio desses

Ano	Autor (a)	Título	Categoria	Editora/Produtora	DF	Páginas/Duração
1941	Pedro CALMON	A princesa Isabel: a “redentora”	Livro	Cia Editora Nacional	SP	319p.
1941	Hermes VIEIRA	A princesa Isabel no cenário abolicionista do Brasil	Livro	São Paulo Editora	SP	419p.
1942	Humberto MAURO	O despertar da redentora	CD	INCE	RJ	13min.
1966	Diná Silveira de QUEIROZ	A princesa dos escravos: Isabel para a juventude	Livro	Record	RJ	139p.
1989	Hermes VIEIRA	A princesa Isabel, uma vida de luzes e sombras	Livro	GRD	SP	267p.
1989	Lourenço Luiz LACOMBE	Isabel: a princesa redentora	Livro	Instituto Histórico de Petrópolis	RJ	296p.
2005	Roderick BARMAN	Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX	Livro	UNESP	SP	352p.
2007	Robert DAIBERT JR	Princesa Isabel (1846-1921): a “política do coração” entre o trono e o altar	Tese/História	UFRJ	RJ	302p.
2009	Maria Luiza de Carvalho MESQUITA	“O terceiro reinado”: Isabel de Bragança, a imperatriz que não foi	Dissertação/História	USS	RJ	189p.
2012	Carlos Tasso de Saxe-Coburgo e BRAGANÇA	A intriga: retrospecto de intricados acontecimentos históricos e suas consequências no Brasil imperial	Livro	Editora Senac São Paulo	SP	383p.
2013	Mary DEL PRIORE	O castelo de papel: uma história de Isabel de Bragança, princesa imperial do Brasil, e Gastão de Orléans, Conde D’Eu	Livro	Rocco	RJ	320p.
2014	Regina ECHEVERRIA	História da princesa Isabel: amor, liberdade e exílio	Livro	Versal	RJ	360p.
2015	Marcos COSTA	O reino que não era deste mundo: crônica de uma república não proclamada	Livro	Valentina	RJ	272p.
2016	Eduardo Oliveira Henriques de ARAÚJO	O masculino e o feminino imperiais: uma análise sistêmico-funcional da biografia: “o castelo de papel”	Dissertação Letras	UFPE	PE	130p.

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

A *Princesa Isabel: a Redentora* (1941) é a primeira biografia da Princesa Isabel, publicada vinte anos após sua morte, de autoria do professor, historiador e político Pedro

Calmon, membro de várias instituições científicas, entre elas a Academia Brasileira de Letras (ABL)⁵⁷ e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)⁵⁸, por meio do qual publicou diversas obras.⁵⁹ No prefácio de sua obra, Calmon relata o motivo pelo qual sentiu a necessidade de escrever a biografia da Princesa Isabel. Segundo o autor, o interesse surgiu logo após a escrita da história da vida de seu pai, o Imperador D. Pedro II, na última das três biografias dos “reis brasileiros”⁶⁰. Na ocasião, Calmon, recebeu de forma enfática a advertência do Conde de Afonso Celso⁶¹, presidente do IHGB: “faltava à galeria um retrato de mulher. Devia completá-la escrevendo a história da Princesa Isabel, três vezes regente do Império, única Senhora que, na América, teve um dia, nas mãos tão femininas, o destino de um povo e as rédeas de um governo...” (CALMON, 1941, p. 9).

Dessa forma, Calmon inicia a “difícil tarefa” de escrever sobre a vida de Isabel, a filha mais velha de D. Pedro II e acaba por evidenciar também alguns traços da filha mais nova do soberano, a Princesa Leopoldina. Em sua obra, ele esclarece que, diferentemente dos três reis biografados anteriormente - D. João VI, D. Pedro I e D. Pedro II, não havia, até então, uma biografia sobre a figura da Princesa Isabel que, nas palavras do biógrafo, “carece de nitidez no recorte dos acontecimentos, dissimula-se numa penumbra simpática, de modéstia, e apenas sobressai, clara e viva, na atormentada fase da Abolição” (CALMON, 1941, p. 9-10).

O trabalho do autor contempla principalmente fontes documentais como a correspondência da Família Imperial e a recém-publicada, na época, biografia do Conde D’Eu⁶², marido da Princesa, cuja autoria pertence a Alberto Rangel⁶³. Os documentos

⁵⁷ Instituição literária brasileira fundada na cidade do Rio de Janeiro em 20 de julho de 1897, por vários escritores, entre eles Machado de Assis que desde a origem foi aclamado presidente. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academia/fundacao>>. Acesso em: 15 set. 2017.

⁵⁸ O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fundado no ano de 1838, surgiu da necessidade de se ter uma instituição que refletisse a nação brasileira, cujo país buscava se afirmar após sua recente conquista pela emancipação política. O Imperador D. Pedro II foi seu patrono e recebeu o título de “Protetor”.

⁵⁹ Pedro Calmon também foi ministro da educação e saúde durante o governo do presidente da república Eurico Gaspar Dutra (1946-51) e atuou como professor de História em instituições como a Universidade do Distrito Federal (1935), a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1940) e o Colégio Pedro II (1955).

⁶⁰ A “trilogia” de obras escritas por Pedro Calmon sobre os “Reis Brasileiros” é formada por: CALMON, Pedro. *O rei cavaleiro: vida de D. Pedro I*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1933; CALMON, Pedro. *O rei do Brasil: vida de D. João VI*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1935 e CALMON, Pedro. *O rei filósofo: vida de D. Pedro II*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1938.

⁶¹ Afonso Celso foi contemporâneo da Princesa Isabel, cursou a Faculdade de Direito de São Paulo, concluindo-a no ano de 1880. Dedicou-se ao magistério e ao jornalismo, colaborando durante mais de trinta anos com o Jornal do Brasil e outros periódicos. Ingressou no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1892, na qualidade de sócio efetivo, sendo eleito presidente perpétuo dessa instituição de 1912 a 1938. Faleceu nesse mesmo ano, sem vivenciar a repercussão da publicação do trabalho da primeira biografia da Princesa Isabel. Cf. cruzamento de informações oriundas de dados biográficos apresentados por Bruno de Cerqueira na obra: (FIGUEIREDO JÚNIOR, 2013); e do site Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/afonso-celso/biografia>>. Acesso em: 16 set. 2017.

⁶² Luis Filipe Maria Fernando Gastão de Orléans, nobre francês nascido no Castelo de Neuilly, França. Marido da Princesa Isabel a partir de 15 de outubro de 1864.

consultados por Calmon são denominados por ele como “um cotejo de fontes arquivísticas, esparsa e copiosa bibliografia” (CALMON, 1941, p. 10). Na obra, ele assegura a ausência “de defesa ou de combate” da biografada. “Do nascimento à morte, temos assim, pela primeira vez em obra de tomo, a interpretação duma longa existência vinculada, desde o berço, à sorte da Pátria” afirma Calmon (1941, p. 10). Todavia, destaca-se o fato de que o autor acompanhou, mesmo à distância, a fase final da vida da Princesa Isabel, o que pode explicar a narrativa descritiva, romanceada, apologética, sentimental e emocionada da obra.

No mesmo período em que Calmon (1941) escreve a primeira biografia de Isabel, o paulista, historiador e sociólogo, Hermes Vieira, também se debruça sobre a vida da Princesa Imperial e publica a biografia intitulada: *A princesa Isabel no cenário abolicionista* (1941), trabalho para o qual dedica cinco anos de sua vida, em “esforços contínuos” e “com requintado gosto”, afirma Vieira (1941, p. 10). Com a intenção de compor a primeira edição da obra, Vieira (1941, p.11) fundamenta o estudo em documentos oriundos de arquivos oficiais, como o Itamaraty, localizado na cidade do Rio de Janeiro, mas também em arquivos pessoais pertencentes aos descendentes de pessoas “próximas” à Família Imperial, entre eles o Visconde de Macaé⁶⁴ e o Conde de Lages⁶⁵. Essa obra será analisada adiante num comparativo com a segunda edição.

Também na década de 40 do século XX foi produzido o curta-metragem *O Despertar da Redentora*, pelo INCE – Instituto Nacional de Cinema Educativo (1942), sob direção de Humberto Mauro⁶⁶ e baseado no conto de Maria Eugênia Celso⁶⁷. A produção biográfica retrata uma possível cena das vidas da Princesa Isabel e da Princesa Leopoldina no ano de 1862, quando contavam 16 e 15 anos de idade respectivamente.

O curta metragem se inicia com o soar de um fundo musical peculiar ao período em que foi produzido, Maria Eugênia Celso, a própria autora do conto, abre o documentário exaltando a criação e a reconstituição “fidedigna” de alguns dos cômodos do Palácio Imperial

⁶³ Sobre a obra ver: (RANGEL, 1935).

⁶⁴ Amaro Velho da Silva, (RJ/1780 - 1845). Foi negociante, Tenente-coronel de milícias e Visconde com as honras de grandeza de Macaé.

⁶⁵ João Vieira de Carvalho (Portugal/1791 - RJ/1847). Foi tenente-general do exército e nove vezes ministro da guerra, principalmente no Primeiro Reinado. Como militar, participou das *Campanhas no Prata*, em 1811 e 1816.

⁶⁶ Humberto Mauro foi cineasta, diretor e escritor. “Entre 1936 e 1967 foi o responsável pela realização de 357 filmes do Instituto Nacional de Cinema Educativo, criado pelo Ministério da Educação e Saúde de Gustavo Capanema e dirigido pelo antropólogo Edgard Roquette-Pinto até 1947”. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-28976/biografia/>>. Acesso em: 24 mai. 2019.

⁶⁷ “Maria Eugênia Celso Carneiro de Mendonça (1886 - 1963), filha do Conde e Condessa de Afonso Celso, neta do Visconde de Ouro Preto que presidia o Gabinete Imperial quando da deposição do Imperador D. Pedro II. Sua família radicou-se em Petrópolis e a menina cursou o Colégio Sion”. Disponível em: <http://www.antoniomiranda.com.br/Iberoamerica/brasil/maria_eugenia_celso.html>. Acesso em: 24 mai. 2019.

de Petrópolis e da antiga Fazenda Imperial.⁶⁸ Na cena seguinte, a narradora desaparece e é substituída por imagens de alguns dos espaços externos e internos da residência de verão de D. Pedro II e da família, e o espectador tem a impressão de estar caminhando pelos corredores e cômodos do Palácio.

De uma forma inesperada, a Princesa Isabel surge em seu quarto e, imediatamente, chama pela irmã, a Princesa Leopoldina. As duas trajam vestidos e chapéus em estilo oitocentista e se aprontam para sair. Elas percorrem o Palácio e avistam a preceptora Condessa de Barral educando duas prováveis amigas das meninas, afinal aquele era um dos momentos de lições das Princesas que em algumas ocasiões era compartilhado com filhas de dignitários da Corte. Nesse dia, Isabel mostra-se determinada a não participar da lição, convencendo a irmã Leopoldina de sua decisão. Durante os ensinamentos proporcionados às amigas das Princesas, a preceptora mostra um álbum com imagens da produção de cana de açúcar realizada com mão de obra escravizada. Sem a Condessa perceber, a Princesa Isabel sinaliza às amigas a intenção de sair e, assim, se retiram do Palácio completamente sozinhas, o que não era comum para a época, pois, geralmente, estavam acompanhadas por suas damas. O destino das duas era a mata ao redor do Palácio, conhecida nos dias de hoje como: “Bosque do Imperador”.

Ao chegarem na mata, a aventura tem início e as Princesas se mostram encantadas com a natureza. É nesse momento que surge em fuga, uma menina escravizada. A pequena pede ajuda e fala do cativoiro. Imagens da escravidão brasileira são exibidas em tela para o espectador. A proprietária da menina escravizada também chega acompanhada pelo capataz, ela mostra-se furiosa e realiza ameaças à garota mal vestida, que diz sentir fome. Isabel protege a criança, e é nesse momento que acontece o “despertar da redentora” para a realidade social do Brasil. De acordo com o conto, a impressão que se tem, é de que, até aquele momento, a Princesa desconhecia o regime escravocrata vigente no país que governaria no futuro ou não tinha sentido a escravidão tão perto de si.

O episódio se encerra com a chegada da preceptora aflita com o sumiço das duas Princesas, a defesa da criança por parte de Isabel e a sua promessa a Deus de um dia acabar com essa “coisa horrível”, que é a escravidão existente em seu país. E assim, sua mão é visualizada anos mais tarde assinando a Lei Áurea e, imediatamente, as correntes do cativoiro se partem no Brasil.

⁶⁸ Nesse período o Palácio Imperial de Petrópolis, residência de verão dos Imperadores do Brasil, estava se constituindo como Museu Imperial o que aconteceu a partir do apoio do presidente da república Getúlio Vargas.

No ano de 1966, Dinah Silveira de Queiroz⁶⁹ publica a biografia, *A princesa dos escravos: Isabel, para a juventude*. Na obra, a figura de Isabel é exaltada logo na abertura: “Seu destino prometia ser sempre constelado de glórias, no trono do Brasil, regido pelos bons sentimentos que uma esmerada educação cristã apurara.” E é acrescentado, “ela não reinou como Isabel I, mas ficou nas páginas da história como a Redentora. Três vezes regente do trono, que D. Pedro II lhe confiara com muitos conselhos por escrito, a fim de a ir familiarizando com os negócios públicos...” A biografia é romanceada e direcionada à juventude brasileira, dispensando excessos de erudição e imbuída de “uma pitada de imaginação e dons poéticos da autora”⁷⁰. Ainda assim, contribui com esta tese para ampliar o conhecimento sobre a educação das Princesas herdeiras e o contexto em que foram formadas.

Queiroz (1966), deixa implícito no texto que consultou o arquivo pessoal da Família Imperial, ainda que as fontes não estejam referendadas. Em seu trabalho, o termo caderno não é encontrado, apenas o título de algumas das matérias estudadas é mencionado, fato que se repete com a maioria das biografias consultadas. O que chama a atenção no trabalho de Queiroz (1966) é, mais uma vez, o enfoque dado ao “despertar da redentora” para o sistema escravista predominante em seu país, numa alusão ao curta metragem produzido por Humberto Mauro (1942).

Desta vez, os maus tratos sofridos pelos escravizados se passa no cais do porto da Corte do Rio de Janeiro. Nesse dia, as duas Princesas passeavam acompanhadas por sua aia, e, enquanto Leopoldina mostra-se distraída com as gaivotas que sobrevoavam o lugar, Isabel está atenta à forma perversa como os negros que ali trabalhavam eram tratados pelo feitor. Com os olhos cheios de lágrimas, a Princesa Imperial expressa grande compaixão pela triste cena que presencia e faz uma comparação do sofrimento dos negros que conduziam pesada carga em seus ombros, ao sofrimento de Jesus Cristo, ao carregar sua pesada cruz. Interessante constatar que nada é encontrado a respeito nas cartas e no diário de Isabel, o que não significa que não tenha acontecido.

Quase cinquenta anos depois da publicação da primeira edição de sua obra, Hermes Vieira anuncia a segunda edição. De acordo com o biógrafo, “inteiramente reformulada”, pois até mesmo o título foi modificado para: *Princesa Isabel: uma vida de luzes e sombras* (1989). O segundo trabalho de Vieira (1989), deveria ser publicado em comemoração ao centenário da abolição da escravatura, mas, “por motivo independente de sua vontade”, chegou ao

⁶⁹ Ocupante da Cadeira 7 da Academia Brasileira de Letras a partir de 10 de julho de 1980.

⁷⁰ Trechos escritos por Raymundo Magalhães Júnior (1907-1981) na apresentação da obra de Queiroz (1966, p. 7).

público somente em 1989, centenário da proclamação da república e banimento da Família Imperial do Brasil, observa ele (1989, p. VII). A segunda edição conserva a nomenclatura da maioria dos títulos usados nos capítulos da primeira obra, que, de uma forma geral, se apresentam mais condensados. Outrossim, verifica-se que a questão abolicionista está mais presente, já que a obra visa atender ao apelo daquele momento: “o centenário da abolição da escravidão”. E, tanto na primeira como na segunda edição, o biógrafo, ao escrever, transmite um forte fervor patriótico e não poupa adjetivos à Princesa Isabel. Dessa forma, a obra é por ele justificada como uma obrigação de “restauração da memória dos ilustres mortos já um tanto esquecidos no nosso calendário cívico...” (VIEIRA, 1989). E, assim, apela para a importância de se valorizar o que é nosso e de se evocar a “história dos grandes homens” para, finalmente, conseguir a “formação da nossa nacionalidade” (VIEIRA 1941, p. 10).

Para compreender essas palavras, é preciso abarcar o contexto histórico em que o historiador escreve, o que nos remete ao auge da Segunda Guerra Mundial⁷¹, ou seja, a um período em que as nações “respiram” um nacionalismo/patriotismo exacerbado⁷², não só no Brasil, mas no mundo. O discurso de Vieira (1941) é o retrato da corrente historiográfica tradicional, predominante até o terceiro quartel do século XX. A partir dessa visão, fica mais fácil compreender seus escritos, afinal, como afirmara Lucien Febvre “a história é filha de seu tempo”⁷³. E assim, observo que, até mesmo para exaltar o papel feminino na história, o autor sente a necessidade de equiparar os feitos da Princesa Isabel com os dos grandes homens, o que mostra que os pensamentos de Vieira (1941) vão ao encontro de um homem do seu tempo histórico, ou melhor, o início do século XX, quando a mulher era vista apenas como o “segundo sexo”⁷⁴.

Na segunda edição são acrescentados à obra documentos provenientes do arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Quanto aos arquivos pessoais, destaca-se que os descendentes consultados por Vieira, ao disponibilizarem seus arquivos no final da década de 30 do século XX, proporcionam ao historiador o contato com fotografias e cartas trocadas entre seus antepassados e a Família Imperial, no período anterior e posterior à proclamação da república. Além de que, Vieira (1941, p. 11) colhe depoimentos dos descendentes de pessoas que conviveram com a Família Imperial, com o objetivo de

⁷¹ A Segunda Guerra Mundial foi um grande conflito armado ocorrido entre os anos de 1939 e 1945, envolvendo vários países e deixando muitos mortos.

⁷² É importante ressaltar que durante a Segunda Guerra Mundial a maioria dos jornais brasileiros mais do que “informava, educava para/sobre a guerra. E juntamente com matérias de destaque acerca de manifestações escolares e propagandas patrióticas, assim o governo procurava construir um ideal de brasilidade...”. Sobre o assunto ver: (SILVA, 2016).

⁷³ Conforme menção realizada por Lilia Moritz Schwarcz na apresentação da obra de Bloch (2001, p. 7).

⁷⁴ Sobre o assunto ver: (BEAUVOIR, 1960).

“compreender a vida íntima da Princesa Isabel”, e percebo que o faz não só fundamentado em documentos, mas também com base na história oral obtida por meio dos pósteros, uma prática historiográfica que se intensifica na primeira década do século XXI.

Isabel, a Princesa Redentora, de autoria de Lourenço Luiz Lacombe, é mais uma biografia da Princesa Imperial, escrita em tom romanceado e apologético, e que também chega às mãos do público leitor no ano de 1989, centenário da proclamação da república. No entanto, o autor afirma, na introdução de seu trabalho, que não teve pressa para escrever o texto final, que ficou pronto naquela data apenas porque há algum tempo uma editora havia solicitado a biografia. Diplomado em Biblioteconomia pela Biblioteca Nacional, Lacombe (1989) tornou-se frequentador assíduo do Museu Imperial a partir da inauguração dessa casa de guarda na década de 40 do século XX, com o objetivo de realizar pesquisas, aliás, grande parte delas, sobre a Princesa Isabel. Ele acabou sendo nomeado, em 1967, pelo ministro da Educação Tarso de Moraes Dutra⁷⁵, para o cargo de diretor do Museu Imperial, função que conservou até 1991, quando então se aposentou.⁷⁶ Portanto, a obra chega para “coroar” sua carreira profissional e é apresentada ao leitor pelo próprio neto da Princesa Isabel: D. Pedro Gastão de Orléans e Bragança que, em nome de sua descendência, agradece a Lacombe por conseguir “mostrar a todos o verdadeiro retrato de uma Princesa corajosa, boa esposa, boa mãe, exemplo de uma vida cristã...”⁷⁷.

Lacombe baseou suas pesquisas em uma grande quantidade de documentos provenientes do acervo particular da Família Imperial, “conservado pelo Príncipe D. Pedro Gastão de Orléans e Bragança, no seu Palácio Grão Pará” (LACOMBE, 1989, p. 9). O texto mostra uma grande diversidade iconográfica e cartas trocadas entre os membros da Família Imperial e seus parentes europeus. Dessa forma, compreende-se que as fontes utilizadas ainda não estavam abertas ao grande público para pesquisa, fato que acontece na última década do século XX, conforme se verificará adiante.

Já no século XXI, mais precisamente no ano de 2002, o canadense Roderick Barman publicou pela editora Scholarly Resources, em Wilmington, cidade mais populosa do estado norte-americano de Delaware, a obra: *Princess D. Isabel of Brazil: gender and power in the nineteenth century*. A versão brasileira veio três anos depois, pela Editora

⁷⁵ Paulo de Tarso de Moraes Dutra (RS/1914 - 1983). Como advogado, especializou-se em direito civil e direito administrativo. Em 1951, ele iniciou seu primeiro mandato como deputado federal e em 1967 se tornou ministro da educação.

⁷⁶ Na ocasião da aposentadoria, Lacombe foi homenageado por vários diretores dos Museus Nacionais e da Associação Brasileira de Museologia, que lhe ofereceram uma placa alusiva aos cinquenta anos em que trabalhou no Museu Imperial.

⁷⁷ Conforme apresentação realizada por D. Pedro Gastão de Orléans e Bragança na obra de Lacombe (1989, p.1).

UNESP, com o mesmo título: *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX* (2005), cuja capa foi modificada graficamente em apelo à flora do país da biografada. Mas por que um estrangeiro se interessaria pela vida da Princesa brasileira? Barman é membro do Departamento de História da *University of British Columbia* (Canadá) desde 1971. Seu interesse inicial era pela vida do Imperador D. Pedro II sobre quem publicou, em 1999, a biografia *Citizen Emperor: Pedro II and the Making of Brazil, 1825- 1891*⁷⁸. Mas, enquanto pesquisava a extensa correspondência trocada entre o Imperador e a herdeira do Trono, percebeu que Isabel também merecia ser biografada. Para realizar suas pesquisas, além do Arquivo Grão Pará depositado no Arquivo Histórico do Museu Imperial, Barman consultou o “Arquivo Histórico e Geográfico Brasileiro, o Arquivo Nacional, a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e a Biblioteca da Universidade Federal de Pernambuco. Na Inglaterra, ele consultou o *Royal Archives at Windsor*”.

Em seu trabalho, o autor buscou compreender a reciprocidade entre o gênero e o poder no século XIX ao abordar como as mulheres viviam moldadas em uma “estrutura cultural, social e econômica plasmada pelos homens e baseada na subordinação e na exploração da mulher” (BARMAN, 2005, p. 11). O autor apresenta a infância “fechada” das Princesas Isabel e Leopoldina desde o nascimento até o casamento, acentuando a figura do Imperador e da Imperatriz na educação das duas. Também destaca a atuação dos mestres, da preceptora Condessa de Barral e das damas que acompanhavam as Princesas. Para ele, a vida de Isabel após o casamento era dividida entre o seio familiar e as regências políticas.

De acordo com Barman (2005), nove mulheres estiveram à frente do governo de seus respectivos países nos oitocentos, são elas: Maria II, de Portugal; Vitória, da Grã- Bretanha; Isabella II, da Espanha; Liliuokalani, do Havaí; Guilhermina, da Holanda. E as regentes: Maria Cristina de Bourbon, Nápoles; D. Isabel, do Brasil; Maria Cristina, de Habsburgo; Emma, de Waldeck e Pyrmont. Uma delas foi a Princesa Isabel, que conseguiu influenciar decisivamente a gestão dos negócios públicos no Brasil ao desempenhar um papel masculino por definição. De acordo com Barman, (2005, p. 16-17), por mais que se reconhecesse que ela não possuía as “qualidades inatas” a um homem exigiam-lhe mesmo comportamento e mesmo padrão de desempenho de seus predecessores masculinos.

A tese defendida no ano de 2007, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), *Princesa Isabel (1846-1921): a “política do coração” entre o trono e o altar* de Daibert Jr teve por objetivo analisar a religiosidade católica na identidade e nas atitudes da Princesa

⁷⁸ O trecho correspondente na tradução é: “O imperador cidadão: D. Pedro II e a construção do Brasil, 1825-1891”.

Isabel. O autor apresenta a afinidade entre as visões de sociedade, política e governo da Princesa Imperial e as propostas da Igreja entre meados do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX. Ele acompanha a formação educacional da Princesa Isabel ao lado de sua irmã caçula, além de sua “movimentação” como herdeira do Trono, tanto no Brasil quanto no exterior, no período em que esteve na condição de Princesa Imperial. O autor investiga, especificamente, as ações formais e efetivas de Isabel no sentido de obter o projeto de lei assinado em 13 de maio de 1888, entendendo-as como pontos culminantes de suas bases circundadas num projeto ultramontano⁷⁹ de sociedade e de sua relação com o possível Terceiro Reinado.

No Capítulo 2, *D. Isabel de Bragança e Bourbon: educação e formação católica da Princesa Imperial Brasileira*, Daibert Jr (2007), retrata a educação da herdeira de D. Pedro II utilizando como fontes principais a correspondência ativa e passiva da Princesa Isabel, suas anotações sobre as lições de história santa efetuadas no diário pessoal, alguns cadernos e folhas soltas com exercícios e estudos. As matérias ensinadas referem-se aos anos de 1854 a 1863. São eles: ditado em português, ortografia, caligrafia, estilo em português e economia política. O autor também realiza um contraste dos ensinamentos presentes nesses materiais de estudos e os encontrados nos documentos de estudos pertencentes a D. Pedro II e suas irmãs no período em que estiveram sob a tutoria do Marquês de Itanhaém⁸⁰.

Segundo Daibert Jr (2007, p.68), o Marquês de Itanhaém, tutor responsável pelos herdeiros de D. Pedro I, acreditava que para a devida formação de seus pupilos “a religião deveria estar em acordo e harmonia com a política e as ciências. Nem exaltados nem desmerecidos por completo, os valores cristãos deveriam se fazer presentes...”. Dessa forma, os valores religiosos precisavam ser filtrados nos moldes da herança ilustrada portuguesa (DAIBERT JR, 2007, p. 69). Ao pesquisar uns dos cadernos de estudos da Princesa Isabel e de seu pai quando criança, Daibert Jr (2007, p. 76), constata que ela e o pai receberam a mesma orientação educacional com características ilustradas, isto é, voltada para a valorização das ciências e das letras. Apesar disso, Isabel enxergava os inventos tecnológicos de seu tempo como bençãos divinas ofertadas aos homens, enquanto o Imperador relacionava tais descobertas às ciências naturais. O autor conclui a partir da análise de textos contidos em

⁷⁹ Projeto partidário da autoridade absoluta do papa em matéria de fé e disciplina. O ultramontanismo surgiu na França na primeira metade do século XIX. Sua ideologia reforça e defende o poder e as prerrogativas do Papa em matéria de disciplina e fé, configurando-se numa doutrina política católica que tem em Roma sua principal referência. Sobre o assunto ver: (DAIBERT JR, 2007, p. 94 -106).

⁸⁰ Manuel Inácio de Andrade Sotomaior Rendon Pinto Coelho da Cunha foi encarregado da tutela de D. Pedro II por Decreto de 14/12/1833, substituindo José Bonifácio de Andrada e Silva.

alguns dos cadernos da Princesa Isabel que ela, ao estudar os problemas de seu tempo, vê nas reflexões religiosas a resolução para os mesmos. De acordo com Daibert (2007, p. 106),

[...] Ao longo de sua infância e adolescência, ela sustentava a crença na superioridade de valores cristãos como fundamento de um bom governo e, conseqüentemente, de uma boa sociedade. A aquisição de tais valores, ao longo de sua infância e adolescência, viria proporcionar um terreno fértil para absorção de ideais ultramontanos em sua vida adulta. Ao aproximar-se dos mesmos, ela expressaria em sua maturidade, uma leitura romanizada acerca das relações entre Igreja e Estado e ainda a respeito da forma de intervenção dos governos na resolução das questões sociais.

A aquisição de valores morais ao longo da infância e da adolescência e, especialmente, durante a formação educacional formal de qualquer pessoa, costuma ter ressonância nas ações por ela desempenhadas na fase adulta, o que não seria diferente com as Princesas. No caso de Isabel, essa ressonância chegou à sua atuação nas regências políticas, já que esteve à frente do governo brasileiro por aproximadamente três anos e meio, substituindo o pai em momentos em que esse precisou se ausentar das responsabilidades administrativas do país.

O próximo trabalho analisado é de autoria de Maria Luiza de Carvalho Mesquita, formada em História pela Universidade Cândido Mendes (2005). A autora ingressou no Mestrado em História Social pela Universidade Severino Sombra cuja dissertação recebeu o título: *O “terceiro reinado”: Isabel de Bragança, a imperatriz que não foi* (2009), e hoje é um dos estudos elencados no Quadro 1 para a revisão da literatura desta tese de doutoramento. O trabalho constitui-se em biografia da Princesa Isabel, com destaque para sua atuação política nos últimos vinte e cinco anos do Império Brasileiro, perpassando pelos períodos em que atuou como Princesa Regente. O principal *corpus* documental é formado por cartas, diários e jornais. A partir de tais fontes, Mesquita (2009) investiga a atuação política de Isabel associando-a à adesão do projeto reformista dos abolicionistas da Corte, com a finalidade última de dar uma sustentação mais “popular” ao seu Reinado. Ela também analisa as reformas políticas e sociais a serem postas em prática durante o “Reinado” de Isabel. Mesquita (2009) busca romper com a visão de uma Isabel “quase santa, piedosa e redentora”, acumulada pelos biógrafos do século passado e focaliza uma mulher de seu tempo com autonomia e visão política própria, ciente do papel que deveria desempenhar no cenário político brasileiro (MESQUITA, 2009).

A obra *A intriga: retrospecto de intricados acontecimentos históricos e suas conseqüências no Brasil Imperial* de autoria de Bragança (2012, p. 9) teve como objeto de pesquisa a “intriga” entre Isabel e Leopoldina, “duas jovens cujas núpcias sempre estiveram envolvidas por uma neblina de suposições” (BRAGANÇA, 2012, p. 9). Ciente da vasta

publicação sobre a vida da Princesa Isabel, o autor afirma privilegiar em sua obra a juventude da Princesa Leopoldina, a vida familiar como mãe abnegada que ainda assim buscava seguir de perto os acontecimentos de seu país. Para tanto, utilizou-se de ampla documentação nacional e internacional para consultar os mais variados arquivos históricos, além de fontes particulares de membros de sua própria família (BRAGANÇA, 2012, p. 9-13).

D. Carlos Tasso de Saxe-Coburgo e Bragança (Áustria/1931-) foi registrado na Embaixada do Brasil e optou pela manutenção da nacionalidade brasileira dos seus antepassados. Trineto de Dom Pedro II e bisneto da Princesa Leopoldina,⁸¹ efetuou seus estudos na Áustria, na Itália e no Brasil. Publicou mais de 40 ensaios sobre a História do Brasil. Bragança é membro efetivo do IHGB, da Academia Portuguesa da História, de *La Real Academia Espanhola de la História*, dos Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, Pernambuco, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Maranhão, Santa Catarina, Petrópolis e de outras entidades culturais, no Brasil e no exterior.

Bragança (2012) realça a “severidade e o amor” com os quais o Imperador conduziu os estudos das filhas. Assegura que D. Amélia, ex-Imperatriz do Brasil, não aceitou o cargo de preceptora das Princesas, quando convidada por D. Pedro II, por ser uma pessoa ativa e acreditar estar muito acima da função proposta pelo “filho” Imperador. No entanto, o autor cita trechos de cartas em que D. Amélia, mesmo distante, se mostra interessada pelo estudo das meninas, “suas netas”.

Mary Lucy Murray Del Priore é a autora da obra *O castelo de papel: uma história de Isabel de Bragança, Princesa Imperial do Brasil e Gastão de Orléans conde D’Eu* (2013). Atualmente é professora de História e possui vários livros publicados, grande parte deles sobre membros da Família Imperial do Brasil, o que parece ser seu tema de preferência.

Por meio de narrativa romanceada, Del Priore (2013) escreve a biografia “entrecruzada” da Princesa Isabel e de seu marido, o Conde D’Eu. A autora dedicou apenas algumas páginas à educação de Isabel e de sua irmã Leopoldina, proporcionalmente bem mais às regências políticas da filha mais velha de D. Pedro II. A autora retrata Isabel como aquela que, na infância, colecionava “figurinhas de rainhas beatificadas”, assinalando, portanto, a religiosidade da Princesa. Assim como Barman (2005), Del Priore (2013) aponta a “vida fechada” que as Princesas levavam afastadas do público. Enumera os conteúdos de ensino por

⁸¹ D. Carlos Tasso é filho de Lamoral Alexandre Taxis de Bordogna e Valnigra da Casa dos Príncipes Tasso, e de Theresa-Christina Maria Josefa Inácia Benícia Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga, bisneta do Imperador D. Pedro II e filha do Príncipe brasileiro D. Augusto e de Dona Carolina Maria, Arquiduquesa da Áustria. É casado com D. Walburga Rosa de Habsburgo Lorena, Arquiduquesa da Áustria, trineta do Imperador Francisco José e da Imperatriz Elisabeth da Austria. Tem oito filhos, todos de nacionalidade brasileira.

elas estudadas, enfatiza a obediência e a docilidade de Isabel e acredita que “apesar de muitas aulas, a princesa não absorvia todos os conteúdos”, mas, é preciso ponderar que dificilmente um aluno retém 100% dos ensinamentos proporcionados durante as aulas. A autora destaca cartas com questionamentos da Princesa Imperial e os interpreta como alguém que estudava uma grande gama de conteúdo, mas que não sabia exatamente o que fazer com ele. E, também, cita trechos de escritos da mesma Princesa, com o intuito de afirmar que, para fugir das lições, ela “inventava resfriados” e a preceptora precisava fazer ameaças de “castigos leves” para incentivá-la a estudar. De acordo com a autora, D. Pedro II parecia incapaz de aceitar Isabel como sua sucessora.

História da Princesa Isabel: amor, liberdade e exílio (2014) é de autoria de Regina Echeverria, jornalista e especialista na escrita de perfis de personalidades da música e cultura brasileira, tema sobre o qual publicou diversos livros. Para escrever *As primeiras letras e o Brasil no meados do século XIX*, capítulo 3 de sua obra, recorreu à publicação dos primeiros biógrafos da Princesa Isabel, mencionados anteriormente, dentre eles Calmon (1941), Vieira (1989) e Lacombe (1989). Ao abordar a educação de Isabel e da irmã caçula, cita como fonte as cartas da Princesa Imperial, cujos trechos são transcritos ao final do texto. Echeverria não dialoga com as fontes e pouco acrescenta sobre a formação educacional das Princesas, apenas reproduz o que os autores citados já haviam concluído. Segundo a autora, a Condessa de Barral rotula Isabel como menina “comportada” e Leopoldina como menina “pimenta”, ela salienta as visitas realizadas pelas Princesas juntamente com a Condessa de Barral aos orfanatos, institutos de meninos cegos e casas de irmãs de caridade.

Em *O reino que não era deste mundo: crônica de uma república não proclamada* (2015), o historiador, mestre e doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marcos Costa aborda a vida da Princesa Isabel definindo-a como a estrategista política que, ao invés de se apoiar nos detentores do poder político e econômico que ditavam as regras no Brasil Imperial, preferiu estabelecer suas bases entre libertos, jovens burgueses e senhoras oitocentistas que não votavam e, portanto, não a sustentariam politicamente. Afinal, entre a possibilidade de se ter um Terceiro Reinado chefiado por uma mulher casada com um Príncipe francês, ambos com ideias emancipacionistas, os políticos e militares da época preferiram destituir a monarquia e estabelecer um novo sistema de governo conforme seus próprios interesses, já que, de acordo com Aristides Lobo, não houve participação popular, e “o povo assistiu bestializado à proclamação da república”⁸².

⁸² Sobre o assunto ver: (CARVALHO, 2018).

Costa (2015) escreve o trabalho, a partir de fontes documentais extraídas de biografias anteriormente publicadas, privilegiando as cartas trocadas entre a Princesa Isabel e o pai, o Imperador D. Pedro II. O autor não se ocupa da formação educacional formal de Isabel e de Leopoldina e muito menos de seus cadernos de lições, mas fala do aprendizado prático da Princesa Imperial nas viagens realizadas ao lado do marido, o Conde D’Eu, com o intuito de espelhar seu Reinado nas nações europeias ditas civilizadas, o que jamais aconteceu de fato.

A última obra selecionada é *O masculino e o feminino imperiais: uma análise sistêmico-funcional da biografia “o castelo de papel”*, título da dissertação de Mestrado defendida no ano de 2016, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), por Eduardo Oliveira Henriques de Araújo, professor assistente de Letras da mesma instituição. Araújo (2016) trabalha a temática desde a graduação em Letras (2014), quando em seu trabalho final se debruçou sobre a vida da Princesa Isabel. Na tese, Araújo (2016) teve por finalidade pesquisar a forma como as personagens feminina e masculina são construídas e identificadas no texto biográfico a partir da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), método em que o texto é compreendido de acordo com o contexto social em que a língua está inserida. Além disso, o autor investigou o comportamento autoral frente à biografia da Princesa e de seu marido, a fim de identificar se há ou não, alguma marca de hierarquização de gênero ou de condicionamento de gênero no tratamento das personagens. O estudo teve como *corpus* documental a biografia *O castelo de papel: uma história de Isabel de Bragança, princesa imperial do Brasil, e Gastão de Orléans, Conde D’Eu*, obra anteriormente revisada. Araújo (2016) conclui que no texto biográfico há um persuasivo destaque da figura do Príncipe em detrimento à figura da Princesa, o que pode ser compreendido como uma constância das estruturas sociais de privilégio do “masculino” sobre o “feminino”.

As obras elencadas no Quadro 1 foram investigadas com a intenção de se encontrar informações sobre a formação educacional formal das Princesas e de seus cadernos de lições. Os trabalhos produzidos no século XX seguem a historiografia tradicional num tom romanceado e apologético. É visível, já nos títulos, a necessidade de os autores exaltarem a figura da Princesa Isabel a partir de seu grande feito: a abolição da escravatura. Nesse aspecto, Isabel é enfocada como “misericordiosa” e “quase santa”. Não é à toa que seu processo de beatificação se encontra em pleno andamento junto à Igreja Católica. Quanto às obras escritas no século XXI, são produzidas por acadêmicos que apresentam trabalhos escritos a partir de outras tendências historiográficas e que tratam a documentação a partir de outros olhares às fontes.

De uma forma geral, há, nos estudos biográficos eleitos e analisados para essa tese, um parco interesse dos autores sobre a educação das Princesas e os conteúdos expressos em seus cadernos de lições. A temática ocupa poucas páginas dos livros e ainda se mostra como uma lacuna historiográfica. A exceção ficou por conta de tese de doutorado, *Princesa Isabel (1846-1921): a “política do coração” entre o trono e o altar* de Daibert Jr (2007), que apresenta ao menos alguns dos trechos oriundos dos cadernos de Isabel e a forma como ela interpretava tais ensinamentos.

Para Daibert Jr (2007), a religiosidade adquirida como valor durante a formação educacional na infância de Isabel foi incisiva para sua assinatura no projeto de lei de 13 de maio de 1888, contudo, é preciso considerar que o autor citou um número restrito de cadernos de estudos da Princesa Isabel, penso que seja necessário estender o olhar para o que “dizem” os ensinamentos contidos nos demais cadernos da Princesa Imperial e, no caso dessa pesquisa, também para os cadernos da Princesa Leopoldina.

Ao longo da investigação, verifiquei que o arquivo pessoal dos descendentes da Família Imperial, assim como os relatos orais dos pósteros que conviveram com as Princesas foram fundamentais para a escrita dos trabalhos selecionados. Também constatei que algumas biografias chegam a mencionar as matérias estudadas no percurso da instrução formal das filhas de D. Pedro II, porém, há um profundo silêncio quanto ao *processo de construção das soberanas na Sociedade de Corte*, aos conteúdos de ensino e a apropriação dos saberes presentes nos *cadernos* das Princesas.

Ao revisar 14 trabalhos, pretensamente baseados em fontes documentais e/ou de ficção, percebo que as visões dos autores sobre as Princesas são diversas. Da mesma forma como alguns biógrafos dão à Isabel uma conotação e adjetivação de “redentora”, “feminina”, “corajosa”, “boa esposa”, “boa mãe”, “exemplo de vida cristã”, “autônoma”, “obediente”, “dócil”, “comportada”, “conciliadora”, “estrategista política”, “estadista”, “misericordiosa”, “quase santa”, “resistente”, “mulher e governante”, “cautelosa”, outros apresentam inúmeras dúvidas sobre sua conduta considerando-a uma “política frágil”, “impulsiva”, “dividida entre o trono e o altar”, “apagada”, “fechada”, “insegura” e “subordinada”, seja à Condessa de Barral, ao marido ou ao pai. Quanto à Leopoldina, esta é vista como a “Princesa desconhecida”, “menina pimenta” e “mãe abnegada que, ainda assim, buscava acompanhar de perto os acontecimentos de seu país”.

Nesta tese, não tenho por objetivo tecer considerações sobre aspectos das personalidades das duas Princesas, mas abordar notadamente a educação. Portanto, meu foco estará na infância e na adolescência das pretensas futuras soberanas e na formação que

receberam, tal como consta registrada em seus cadernos de lições. Até porque, diferentemente dos outros autores, meu intuito não é adjetivá-las como boas ou más, conciliadoras ou desagregadoras, culpadas ou inocentes pelo fim da monarquia, idealizadoras ou não da abolição da escravatura, mas entender a formação que elas receberam para que tivessem se tornado as mulheres que foram, para além do que os outros já falaram delas.

1.2 O que falam da educação de outros Príncipes?

Para ampliar o conhecimento sobre a formação de crianças nobres e principescas debrucei-me sobre o trabalho de autores que se propuseram a desvelar parte da educação dessas crianças, que, como Isabel e Leopoldina, foram educadas para governar, mas, diferentemente das Princesas Imperiais, tornaram-se, de fato, os soberanos de seu país ou, ao menos, estiveram à frente da administração política de um pequeno Reino ou Ducado.

Os governantes e seus respectivos Reinados são: Ferdinando, Duque de Parma (1765-1802); Vitória, Rainha da Inglaterra (1837-1901); D. Pedro II, Imperador do Brasil (1841-1889); D. Maria da Glória, Rainha de Portugal (1826-1828/1834-1853) e irmã de D. Pedro II. Além desses, incluí ao estudo aspectos da formação do Infante D. Afonso e seu irmão D. Carlos (1889-1908) Rei de Portugal, visto que se formaram em espaços de tempo próximos ao período em que se realizou a instrução das Princesas do Brasil.

O Duque de Parma, Ferdinando Maria Filipe Luís Sebastião Francisco Jaime de Bourbon-Parma, era neto do Rei Luís XV⁸³ e herdeiro de um Ducado sob tutela da França. Sua educação foi baseada em valores iluministas, seguindo por um caminho diferente da maioria dos programas proporcionados aos herdeiros do Trono de sua época. Os filósofos Keralio⁸⁴ e Condillac⁸⁵ assumiram a função de tutor e preceptor do Infante, respectivamente. (BADINTER, 2009).

Ferdinando, segundo pessoas que conviviam com ele, sempre se mostrou como um Infante tímido, comportado e muito inteligente e, por isso, cativou logo de início o carinho daqueles que o serviam e dos escolhidos como tutor e preceptor. Segundo Badinter (2009), os dois aplicaram a ele suas filosofias, a fim de fazer surgir “um Príncipe esclarecido, religioso,

⁸³ Rei francês (1715-1774) nascido no Palácio de Versalhes, bisneto de Luís XIV. Seu Reinado caracterizou-se pelas rebeliões cortesãs e pelos fracassos da política externa que afetaram o prestígio da Coroa e contribuíram para preparar a “Revolução Republicana” (1789).

⁸⁴ Louis-Felix Guinement de Kéralio (Rennes/1731 - Groslay/ 1793). Foi soldado, escritor e filósofo. Atuou como tutor do Infante de Parma junto com Condillac e lecionou na École Militaire até 1776.

⁸⁵ Étienne Bonnot de Condillac (Grenoble/1714 - Beaugency/1780), foi filósofo e abade de Mureaux, mas não exerceu funções eclesiásticas, preferia a vida literária. Em 1757 tornou-se preceptor de Ferdinando de Parma (neto de Luís XV) e compôs para ele o *Curso de estudos* em treze volumes.

mas racional, capaz de impor sua lei ao Clero Todo-Poderoso de Parma”. Até os 10 anos, o rapaz já havia lido textos religiosos, peças teatrais de Racine⁸⁶, obras de Molière⁸⁷ e Corneille⁸⁸, Despréaux⁸⁹, Voltaire⁹⁰ e Newton⁹¹.

Como os valores cristãos já não eram mais vistos como suficientes para o exercício de um bom governo, a devoção católica do jovem foi muito vigiada desde os mais tenros anos. Muitas das vezes, Ferdinando era punido fisicamente por passar muito tempo com assuntos da Igreja, assistindo missas ou rezando o rosário no horário destinado aos estudos. (BADINTER, 2009, p. 40). Além disso, mantinha uma relação próxima com guardas e criados do Palácio. Embora fosse advertido, esses costumes não foram deixados de lado, mas disfarçados e feitos às escondidas, desenvolvendo uma personalidade mentirosa e dissimulada em seu aluno. (BADINTER, 2009, p.48).

Os primeiros “frutos” da educação do Príncipe foram muito bons, com elogios vindo de todas as direções quanto a sua postura e inteligência precoces, no entanto, eles não duraram muito. Quando assume o Trono do Ducado de Parma (1765-1802), Ferdinando demonstra extrema infantilidade, “carolice” e uma certa “covardia” quanto à política. Segundo Badinter (2009), com o passar do tempo, Parma se afundou em dívidas e já não chamava atenção do resto da Europa como antes, apenas negativamente. A culpa do fracasso do governo de Ferdinando recaiu sobre sua educação e, conseqüentemente, sobre seus educadores Keralio e Condillac. A infantilidade do Duque teria sido resultado de uma infância não vivida, nem aproveitada no momento certo, pois lhe era imposta uma rotina de estudos muito rígida, com temáticas muito além da sua idade, fazendo com que ele se cansasse e se desinteressasse em relação às lições, além de sofrer punições com tamanha severidade, extrapolando o que era comum para a época, fazendo surgir nele um temor inato. Para Badinter (2009), a espiritualidade de Ferdinando se aprofundou ainda mais nesse período, sendo uma tentativa de fuga dos mestres, dos estudos e das responsabilidades políticas.

⁸⁶ Jean Baptiste Racine (Aisne/1639 - Paris/1699). É considerado, juntamente com Pierre Corneille, um dos maiores dramaturgos clássicos da França.

⁸⁷ Jean-Baptiste Poquelin, mais conhecido como Molière (Paris/1622 - 1673) foi dramaturgo e ator, considerado um dos mestres da comédia satírica. Teve um papel de destaque na dramaturgia francesa, até então muito dependente da temática da mitologia grega.

⁸⁸ Pierre Corneille (Rouen/1606 - Paris/1684) fez seus primeiros estudos com os jesuítas. Após rápida formação jurídica, tornou-se advogado junto ao Parlamento de Rouen. Além disso, foi um dos grandes dramaturgos de sua época.

⁸⁹ Nicolas Boileau-Despréaux (Paris/1636 - 1711) foi crítico e poeta. Publicou seu primeiro volume de sátiras em 1666. Foi apresentado à Corte francesa em 1669, após publicação de seu *Discurso sobre a sátira*.

⁹⁰ Voltaire é o pseudônimo de François-Marie Arouet (Paris/1694 - 1788). Foi um filósofo e escritor francês, além de um dos grandes representantes do Movimento Iluminista na França.

⁹¹ Isaac Newton (Inglaterra/ 1643-1727), considerado um dos maiores físicos do seu tempo.

Os filósofos da época se decepcionaram com o governante que Ferdinando havia se tornado. Em 1767, D'Alembert⁹² escreve para Voltaire: “Eu esperava alguma coisa do Infante de Parma, considerando a boa educação que recebeu; mas onde não existe alma a educação nada pode”, insinuando que o Infante não havia absorvido a educação recebida devido à ausência de uma alma nele e que esse seria o motivo de seu fiasco (BADINTER, 2009, p.79).

No entanto, o Duque Ferdinando não tinha dificuldades para assimilar conteúdos, já que até mesmo Dutillot⁹³, primeiro-ministro por ele deposto, já havia reconhecido “um fundo real de inteligência e conhecimento” no mesmo (BADINTER, 2009, p.73). O problema de Ferdinando estava na falta de diálogo e de preocupação, por parte dos que o cercavam, com seu estado emocional. Ferdinando se sentia cansado, aflito e até sozinho depois da morte de seus pais e da partida de suas duas irmãs para se casarem, porém, também se sentia coagido e temeroso aos “socos, pontapés, bastonadas” que recebia, segundo ele mesmo mencionou anos mais tarde em sua autobiografia.

A próxima governante a ter a formação educacional revisitada é a Rainha Vitória da Inglaterra. A sobrinha e herdeira de Guilherme IV⁹⁴ era uma soberana de destaque no século XIX. Segundo Lehzen⁹⁵, governanta de Vitória, a Princesa descobriu sobre sua posição na árvore genealógica da família Real Britânica aos 10 anos de idade, enquanto folheava a “Tabela dos Reis e Rainhas da Inglaterra” e percebeu que “estava mais próxima do Trono do que imaginava” (BAIRD, 2018, p.61). Naquele momento se virou a sua dama e disse: “Ora, muitas crianças se gabariam, mas não conhecem as dificuldades. O esplendor é grande, mas a responsabilidade é maior”, e, em seguida, num misto de medo e coragem, “ergueu o indicador ao ar e declarou: ‘Eu serei boa!’” (BAIRD, 2018, p. 61). Mesmo com uma ação tão obstinada para a idade, a Princesa ainda temia seu futuro como governante.

Alexandrina Vitória, como foi batizada, teve uma educação muito solitária, sua mãe⁹⁶ e o secretário dela, Sir Conroy⁹⁷, implementaram o “método Kensington”, que consistia em

⁹² Jean le Rond d'Alembert (Paris/1717-1783) foi filósofo, matemático e físico e um dos autores da *Encyclopédie*, a primeira enciclopédia publicada na Europa.

⁹³ Léon Guillaume (du) Tillot (Bayonne/1711 - Paris/1774) político infundido nos ideais liberais do Iluminismo. Foi ministro do Ducado de Parma durante os governos de Filipe e Ferdinando, Duques de Parma.

⁹⁴ Guilherme IV (Londres/1765 - Windsor/1837) foi Rei do Reino Unido e Hanôver de 1830 até sua morte. O terceiro filho de Jorge III e irmão de Jorge IV, Guilherme foi o penúltimo monarca britânico da Casa de Hanôver.

⁹⁵ Johanna Clara Louise Lehzen (Hanôver/1784 - Buckeburgo, 1870), mais conhecida por Baronesa Louise Lehzen, foi governanta e, mais tarde, conselheira e companheira da Rainha Vitória do Reino Unido.

⁹⁶ Maria Teresa Louise Victoria (Coburgo/ 1786 - Frogmore House/1861), Duquesa de Kent, foi a mãe da Rainha Vitória da Inglaterra.

⁹⁷ Sir John Conroy (1786 - 1854) foi um oficial do exército britânico que se tornou atendente-mor do Duque e da Duquesa de Kent, pais da Rainha Vitória. Quando o Duque morreu, tornou-se controlador da casa da Duquesa. Juntos, criaram o método *Kesington*, um sistema de regras austeras para educação da futura Rainha.

regras impostas à Princesa para vigiá-la, evitando que a mesma ficasse sozinha, além de lhe passar a sensação de perseguição, já que a mesma não podia fazer muitas coisas com a justificativa de que isso seria para protegê-la de “pessoas que a queriam morta”. Ao isolá-la, a Duquesa estaria traçando um caminho à nomeação de John Conroy como Secretário particular de sua filha, assim como a garantia de que a Princesa assinasse um decreto de regência a sua mãe, o que não aconteceu (BAIRD, 2018).

Com professores particulares, acompanhada por Lehzen sua governanta e, muitas vezes, por sua mãe, Vitória recebeu lições de geografia, história, ciências naturais, inglês, latim, italiano, francês, alemão, moral cristã, dança, desenho, canto, música e pintura (BAIRD, 2018). A menina sempre se mostrou uma grande apreciadora das artes, sendo exímia pintora e desenhista, além de amar tocar o piano, assistir peças, óperas e dançar, costumes muito bem trabalhados e exemplificados no filme dirigido por Vallée (2009)⁹⁸, com vários momentos da Princesa assistindo ou comentando sobre apresentações de ópera.

Numa sociedade patriarcal como a do século XIX, o temperamento difícil da Princesa foi visto por muitos como um traço muito negativo de sua personalidade e não faltaram esforços para tentar domar a menina. Segundo Baird (2018), Lehzen foi considerada como a grande culpada de cultivar a atitude independente e, talvez, até teimosa, de sua pupila. Porém, a Baronesa acreditava ter apenas “alimentado sua determinação inata” e “nutrido na Princesa uma qualidade a qual é avaliar, considerar e defender com firmeza aquilo que julga bom e correto”, pois acreditava serem características importantes para uma soberana, já que, segundo esta, “podia perdoar a maldade numa Rainha, mas não a fraqueza (BAIRD, 2018, p. 62).

Ao mesmo tempo em que Vitória era formada na Inglaterra, o futuro Pedro II (1840 até 1889) era educado do outro lado do oceano Atlântico. D. Pedro I, seu pai, se preocupava com a educação que deveria ser proporcionada a ele. Em seus primeiros anos de vida, o pequeno Pedro de Alcântara (RJ/1825-1891/Paris), órfão de mãe, recebeu das mãos de sua aia, D. Mariana Carlota de Verna Magalhães Coutinho, a obra “Pequeno Catecismo Histórico”. O texto de autoria da própria dama disserta sobre como a *Religião Cristã* deveria ser um dos pilares das suas decisões, além de contar diversas qualidades que um soberano cristão deveria demonstrar, como a preocupação com a felicidade de seus súditos (DAIBERT, 2007, p. 67).

⁹⁸ A JOVEM RAINHA VITÓRIA. Direção de Jean-Marc Vallée. Reino Unido: INCE, 2009. (105 min.), DVD, Cor. Oscar 2010 - Melhor Figurino.

Na década de 30 do século XIX, o Marquês de Itanhaém, tutor de Pedro de Alcântara junto ao preceptor Frei Pedro de Santa Mariana, redigiu um documento com instruções aos mestres sobre a educação literária e moral do menino. “Era uma mistura de iluminismo, humanismo e moralismo. Itanhaém queria formar um monarca humano, sábio, justo, honesto, constitucional, pacifista, tolerante” (CARVALHO, 2007, p. 27). Assim, além da educação moral constante em textos e na metodologia empregada pelos mestres, D. Pedro recebeu lições de caligrafia, geografia, pintura, dança, música, português, inglês, francês, latim, grego, história, equitação, esgrima, ciências práticas e naturais, alemão, italiano, matemática, dentre outras (REZZUTTI, 2019). Durante sua instrução, o Príncipe herdeiro tinha uma rotina de estudos extremamente rigorosa, contando com apenas duas horas de descanso, no entanto, o horário regado fez com que criasse hábitos de pontualidade e disciplina (CARVALHO, 2007). O futuro Imperador se mostrava muito interessado em se instruir e muitas vezes foi encontrado até as mais altas horas da noite lendo e fazendo exercícios, tanto que deu continuidade ao costume do constante estudo, mesmo quando sua preparação já havia sido findada (LYRA, 1977). A educação recebida por D. Pedro II fez com que se tornasse um monarca encorajador dos avanços em pesquisas e instituições escolares, como o IHGB e o colégio que recebeu seu nome, Colégio Pedro II (REZZUTTI, 2019).

D. Pedro I também se preocupava com a educação que sua filha, D. Maria da Glória, receberia. O pai dos futuros soberanos reconhecia a importância de uma boa instrução para o exercício do poder e fazia questão de que lhes fosse proporcionado os saberes que ele não recebeu (REZZUTTI, 2019). Assim, D. Maria da Glória obteve uma educação que se iniciou no Brasil e deu continuidade na Inglaterra, o que não impediu o pai de supervisionar os conteúdos estudados pela filha e até a rotina de seus estudos.

A primeira preceptora da futura soberana da nação lusitana foi a inglesa Maria Graham⁹⁹, que não ficou muito tempo com a Princesa. Era uma mulher nobre, inteligente e com um ar de graça e superioridade, que se projetou em sua atuação no Paço de São Cristóvão, transpassando um espírito de soberania aos empregados brasileiros (REZZUTTI, 2017). Condenou muitos costumes que a Princesa cultivava, no entanto, reconhecia na pupila uma alma viva, enérgica e engraçada, além de muito inteligente e de saber muito bem como se comportar durante aparições públicas, fazendo jus a sua posição como Princesa Imperial (WITTE, 2019, p. 43 - 45).

⁹⁹ Sobre o assunto ver: (GRAHAM, 1990).

Numa carta a sua irmã, a Imperatriz D. Leopoldina, mãe da pequena Maria da Glória, fala sobre as habilidades já adquiridas por sua filha “já lê fluentemente na língua materna e em francês e sabe de cor quase todas as falas de *La Fontaine*, agora está começando em Geografia e a Bíblia” (REZZUTTI, 2017, p. 274). No entanto, mesmo com os bons resultados, a preceptora Maria Graham pediu demissão de sua função após intrigas palacianas.

Em 1825, D. Pedro I reconheceu o recém-nascido Pedro Alcântara como o herdeiro do Trono brasileiro e, assim, D. Maria passou a ser herdeira apenas do trono português. Todavia, isso não diminuiu as cobranças quanto à formação da menina, que agora seria a futura Rainha de Portugal. D. Pedro I decide enviar a Princesa à Viena, mas resolve mudar o destino para a Inglaterra devido a questões familiares. Lá não foi muito bem recebida pela Corte Britânica num primeiro momento, mas conquistou o coração daqueles nobres com sua inteligência e classe, portando-se como uma legítima Rainha.

Em terras inglesas, a Princesa teve lições de geografia, aritmética, história, desenho, pintura, leitura e escrita em português, ciências naturais, inglês, francês, dança e labores (trabalho com agulhas) (WITTE, 2019). Como no caso de seu irmão, Pedro II, é possível ver claramente a influência de seus mestres e educadores na formação de uma Rainha esclarecida, que reconhecia a importância da educação e a valorizava, preocupando-se e se encarregando de conferir a melhor instrução a seus filhos. Durante seu Reinado, mostrou-se uma governante voltada prioritariamente para essa área, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino primário para as crianças de regiões onde havia escolas, além de ter sido responsável por atualizar o ensino secundário e criar outras instituições escolares, medidas que fizeram com que a mesma recebesse o cognome de *Educadora*.

A década de 1870 foi um período de transformações no sistema educacional de Portugal, e foi justamente nesse momento que aconteceu a formação educacional dos Príncipes D. Carlos e D. Afonso, netos de D. Maria da Glória. Mesmo com dois anos de diferença entre os irmãos, e certamente, uma cobrança muito maior sobre o Príncipe herdeiro, eles passavam juntos a maior parte de suas lições, já que na ausência de D. Carlos, seu irmão, D. Afonso, também deveria estar apto a assumir o Trono. Os meninos recebiam não apenas as lições obrigatórias nos liceus nacionais, como “português, latim, francês, alemão, inglês, geografia, história, matemática, ciências naturais, filosofia e desenho, mas também de matérias importantes para sua formação como soberanos: direito, italiano, grego, música, instrução militar, esgrima, equitação e ginástica” (GUEDES; GODINHO, 2004, p. 107). Além disso, os Príncipes tinham uma formação moral por meio, principalmente, da literatura e de ditados, nos quais continham frases como “quem ama a verdade, ama a Deus porque

Deus é a mesma verdade” (GUEDES; GODINHO, 2004, p.116). Os domingos eram destinados aos estudos da doutrina católica e à preparação para os futuros sacramentos que receberiam. Possuíam uma rotina de estudos rigorosa, assim como instruções sobre o comportamento que deveriam manter enquanto estavam com os mestres. Seus professores faziam relatórios semanais quanto ao andamento das lições e a atuação dos Príncipes nas mesmas, dedicando-lhes notas de *sofrível* a *ótimo*, mostrando a preocupação com a forma que os meninos estavam lidando com sua preparação para os cargos futuros. Além disso, os próprios Príncipes também relatavam sobre o andamento de suas aulas à mãe por meio de cartas (GUEDES; GODINHO, 2004, p. 109).

Segundo Guedes e Godinho (2004, p. 97), o percurso educacional dos dois Príncipes foi “singular e inovador na educação Real”. Muito provavelmente, esses atributos se devem à forte presença de artifícios práticos no desenrolar da formação deles, buscando ampliar os horizontes dos jovens e não os limitando apenas ao domínio de teorias, podendo assim ter um maior entendimento sobre determinados assuntos, como também diferir a importância deles para sua vida pessoal e política.

Outro projeto que retrata o interesse em materializar o desenvolvido com os mestres foi uma grande viagem pela Europa, passando por importantes cidades, monumentos, museus e outras Instituições. A viagem cultural, inicialmente realizada pelos dois irmãos, quando o mais velho completou seus 18 anos, foi planejada para durar mais de seis meses, a rota da viagem passaria por países europeus como Espanha, França, Itália, Áustria, Alemanha, Inglaterra e outros. Os jovens foram escoltados por mestres e acompanhantes, para guiá-los e servi-los enquanto estivessem nessa jornada. Contudo, o Infante D. Afonso não permaneceu junto ao irmão até o fim do itinerário planejado, voltando para Lisboa com pouco menos de dois meses de viagem acompanhado de sua mãe.

1.3 A “Fabricação”/formação das soberanas brasileiras e os cadernos como fontes

Finalizada a revisão da literatura no que se refere à formação das Princesas brasileiras e ao breve levantamento sobre a educação de outros Príncipes, elegi duas categorias de análise, igualmente compreendidas como eixos norteadores do estudo, são elas: *o processo de construção de uma soberana na Sociedade de Corte* e *os cadernos como fontes para a elucidação dessa formação*. As obras apresentadas, a seguir, buscam embasar teoricamente a produção desta tese de doutoramento, que tem por objeto de estudo a educação formal das Princesas Isabel e Leopoldina, presente em seus próprios cadernos de lições.

Em *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*, Burke (2009, p.13) toma como objeto de estudo justamente a formação da imagem pública de Luís XIV durante os 72 anos em que o monarca governou a França (1643-1715). O eixo central da obra volta-se para as “representações” do Rei em seu tempo, sua personificação retratada materialmente, na pedra ou no bronze, mas principalmente sua imagem metafórica, “projetada por textos, poemas, peças teatrais, histórias e por outros meios, como balés, óperas, rituais da Corte e outras formas de espetáculo” (BURKE, 2009, p. 13). De acordo com Burke, Luís XIV, “o Rei Sol”, que afirmava ser o próprio “Estado”, não agia sozinho, seus conselheiros também se preocupavam com a figura pública do governante. Havia todo um jogo de interesses no qual as principais figuras políticas do governo disseminavam uma imagem “fabricada” do monarca pelos meios de comunicação da época, com o intuito de reforçar as relações de poder e a “construção simbólica da autoridade” (BURKE, 2009, p. 22). Questão compartilhada por Revel (2009, p. 190) ao afirmar que: “todo o esforço da Corte é para proclamar a majestade e a glória pessoais do monarca glorificado”.

Entre história e memória: a Corte da França é o último capítulo da obra *Proposições: ensaios de história e historiografia* de autoria de Jacques Revel. Nesse capítulo o autor analisa a Sociedade de Corte numa “concepção superdimensionada do poder do soberano” que ele traduz como: “um palco sobre o qual se deve impor sua imagem e ostentar seus efeitos, distribuindo a cada um seu papel”, isto é “um jogo fútil e sério: a representação de uma representação do poder” (REVEL, 2009, p. 265). Para exemplificar a Sociedade de Corte, Revel recorre a Diderot que descreve o cenário e as principais personagens de um grupo considerado “o centro da civilidade de uma nação” na *Encyclopédie*:

Corte, História moderna e antiga, é sempre o lugar que um soberano habita; ela é constituída de príncipes, princesas, ministros, nobres e altos funcionários. Não é, portanto, surpreendente que ela seja o centro da civilidade de uma nação. A civilidade aí subsiste pela igualdade em que a extrema grandeza de um só congrega todos aqueles que o rodeiam, e o gosto é apurado aí por um uso contínuo das superfluidades da fortuna. Entre essas superfluidades, encontram-se necessariamente produções artificiais da perfeição mais requintada. O conhecimento dessa perfeição se estende sobre outros objetos mais importantes; ele passa pela linguagem, pelos julgamentos, pelos sentimentos, pela atitude, pelas maneiras, pelo tom, pelo gracejo, pelas obras de espírito, pela galanteria, pelos ornamentos, pelos próprios costumes (DIDEROT apud REVEL, 2009, p. 193).

Diderot (apud REVEL, 2009, p. 293) ressalta “as produções artificiais da perfeição mais requintada” de uma Corte. Ele explica que o conhecimento dessa perfeição se estende à linguagem, julgamentos, sentimentos, atitudes, maneiras e costumes praticados por um grupo

social em destaque: o monarca seguido por seus Príncipes, Princesas, conselheiros, ministros, nobres e altos funcionários, todos integrantes de um modelo de sociedade absolutista.

Burke (2009), na mesma linha de pensamento de Revel, assinala algumas atitudes e rituais praticados pelo Rei durante sua vida. Segundo o autor, era como se Luís XIV estivesse, a maior parte do tempo, a representar seus atos públicos diante de seus súditos. E assim ditava a moda e o comportamento. Sua aparência era simbólica, composta por vestes em tecidos de grande luxo e exuberância, peruca e saltos altos emblemáticos do poder e da glória.

Pensar a construção das soberanas no Império do Brasil é ter como pano de fundo as problemáticas e particularidades dessa sociedade. Os comportamentos e hábitos da sociedade no Antigo Regime são temas centrais da obra de Elias (2001): *A Sociedade de Corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de Corte*, na qual procurou estudar não um monarca em particular, mas o ofício de Rei numa rede de pressões em que está inserido.

É a partir dos cadernos de lições das Princesas Isabel e Leopoldina, segunda categoria de análise desse estudo, que se pretende interpretar o processo de construção das futuras governantes na Sociedade de Corte. Para tanto, busquei por estudos que pudessem elucidar as informações encontradas nessa relevante fonte de pesquisa e assim me deparei com a obra: *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita* (2008). Nesse trabalho, o caderno é apresentado como um artefato cultural que diariamente adentra a vida educacional de professores e alunos que buscam desenvolver a escrita e produzir conhecimento. Seu uso é tão habitual e frequente que acabamos por não dar tanto valor “a sua história, que se entrecruza com a História da Educação” (MIGNOT, 2008, p.7). A importância do caderno não se define apenas em palavras, mas em vestígios deixados ao longo do tempo. Ele carrega consigo os indícios do aprendizado traduzidos em “letras trêmulas, borrões de tintas, traços vermelhos, decalques, exercícios, frases edificantes, bilhetes, elogios e reprimendas - marcas de aprendizagem e do exercício da escrita” (MIGNOT, 2008, p. 7).

Ainda nessa obra, Viñao Frago chama a atenção para a complexidade dos cadernos como fonte de estudo ao proporcionar o cruzamento de três campos historiográficos: “a história da infância, a da cultura escrita e a da educação, já que os cadernos são ao mesmo tempo uma produção infantil, um espaço gráfico e um produto da cultura escolar” (VIÑAO FRAGO, 2008, p. 15).

Na mesma linha de pensamento de Viñao Frago (2008), os autores Martín Fraile e Ramos Ruiz (2015) tomam como objeto e fonte de estudo os cadernos escolares como expressão da cultura escrita, cujas reflexões deram origem ao livro: *La historia contada em*

los cuadernos escolares: escrituras al margen. Na obra os autores não privilegiam apenas a análise dos conteúdos, mas, também, o encontrado nas “margens” dos cadernos e que muito têm a “falar”. São investigados cadernos de crianças, professores, inspetores e até mesmo os registros feitos por pais ou responsáveis (MARTÍN FRAILE; RAMOS RUIZ, 2015, p. 12, tradução nossa)¹⁰⁰. Nos trechos a seguir, encontram-se mais explicações:

O estudo dos cadernos escolares, através dos “escritos da margem”, melhora a dimensão educacional do patrimônio histórico-educacional, resultando em interesse e conscientização pública, cumprindo assim a orientação da UNESCO de desenvolver abordagens interdisciplinares visando revitalizar de forma coordenada o patrimônio cultural, natural, material e imaterial. (MARTÍN FRAILE; RAMOS RUIZ, 2015, p. 13-14, tradução nossa).¹⁰¹

Objetos de memória falam a quem sabe perguntar. As escrituras marginais são narrativas dinâmicas, unidades intermediárias que permitem a transferência da cultura patrimonial para a sociedade de forma lúdica e atrativa e, ao mesmo tempo, permitem a conexão entre as experiências pessoais e a memória dos outros, que foram os autores dessas histórias. (VIÑAO FRAGO apud MARTÍN FRAILE; RAMOS RUIZ, 2015, p. 14, tradução nossa).¹⁰²

Na Espanha, mais precisamente em Salamanca, tem ocorrido um movimento de conscientização e esforço no sentido de proteger os objetos escolares como legado cultural para as gerações futuras. No Centro-Museu Pedagógico da Universidade de Salamanca (CEMUPE) é mantido um patrimônio histórico-educacional composto por: mobiliário, material escolar e suprimentos, manuais, cadernos e fotografias datados do último terço do século XIX até o final do Século XX. Segundo Martín Fraile e Ramos Ruiz (2015, p. 11), a partir desse material é possível “escutar as vozes” dos professores e as memórias escolares que falam por si mesmas se conseguimos parar calmamente para realizar um exercício de reflexão e interpretação. “Com essa perspectiva, há no espaço mencionado, um processo de construção de museus e recuperação do patrimônio histórico-educacional em que contamos o que o passado deixou nos textos, nas imagens, nos objetos e nas vozes dos protagonistas da escola” (MARTÍN FRAILE; RAMOS RUIZ, 2015, p. 13, tradução nossa).¹⁰³

¹⁰⁰ A tradução da língua estrangeira é: *Los cuadernos forman parte integrante de la cultura material escolar. Este libro incide en el estudio de la cultura escrita, con los cuadernos escolares. Cuadernos de niños, maestros, inspectores y, a veces, padres o adultos que fueron dejando su marca personal en el papel...*

¹⁰¹ A tradução da língua estrangeira é: *“El estudio de los cuadernos escolares, a través de las “escrituras al margen”, potencia la dimensión educativa del patrimonio histórico- educativo, dando como resultado el interés y la conciencia ciudadana, cumpliéndose así el consejo de la UNESCO de desarrollar- enfoques interdisciplinares destinados a revitalizar de manera coordinada el patrimonio cultural y natural, material e inmaterial...”*

¹⁰² A tradução da língua estrangeira é: *“Los objetos de memoria hablan a quien sabe preguntar. Las escrituras al margen son narrativas dinámicas, unidades intermediarias que permiten la transferencia de la cultura patrimonial a la sociedad de una manera lúdica, atractiva y, a la vez, permiten la conexión entre las vivencias personales y el recuerdo de otros, que fueron los autores de dichos relatos...”*

¹⁰³ A tradução da língua estrangeira é: *“En los últimos tiempos el valor patrimonial de la cultura material de la educación se está realizando como consecuencia de una mayor conciencia ciudadana del legado hitórico- educativo y también de una ampliación del concepto de patrimonio cultural, que se acerca hacia campos*

Sobre cultura escrita, especialmente cadernos, debruçam-se Hébrard e Castillo Gómez, a partir dos artigos: *Por una bibliografía material das escritas ordinárias o espaço gráfico do caderno escolar (França – Séculos XIX e XX)* (2001)¹⁰⁴ e *Educação e cultura escrita: a propósito dos cadernos e escritos escolares* (2012). O primeiro analisa as práticas metodológicas das escolas francesas cujas instituições, na segunda metade do século XIX, adotaram o caderno escolar em substituição às folhas avulsas de papel. O caderno torna-se, a partir de então, o espaço de escrita no qual ficam registradas as aprendizagens. “O aluno descobre aí não somente como ordenar o espaço bidimensional próprio à ordem gráfica, mas também como, pela escritura, dominar o tempo de seus trabalhos e de seus dias” (HÉBRARD, 2001). O segundo aborda o protagonismo dos cadernos e outros escritos escolares no âmbito das pesquisas na área da História da Educação com ênfase nos aspectos gráficos, materiais e textuais (CASTILLO GÓMEZ, 2012).

Em *Cadernos e escritas ordinárias de um professor catarinense (Século XX)*, Cunha e Souza (2015), trabalham os cadernos como objeto e fonte de pesquisa. No estudo, são investigados 45 cadernos de autoria do professor Victor Márcio Konder (1920-2005), cujos objetos da cultura escrita compreendem um acervo pessoal doado pela viúva após o falecimento de seu cônjuge. Os cadernos contêm “aulas ministradas, conteúdos trabalhados, expectativas, valores e crenças vigentes na sociedade em que foram produzidos e circularam” e, segundo as autoras, sua análise contribui “para compreensão da vida de um sujeito pelas práticas de escrita” (CUNHA; SOUZA, 2015, p. 15).

Com a finalidade de realizar a leitura e a interpretação dos conteúdos de ensino, presentes nos cadernos investigados e, principalmente, compreender a amplitude desse conceito, apropriei-me da obra: *Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes* (2000) de autoria de Coll, Pozo, Sarabia e Valls, pesquisadores das Universidades de Madri e de Barcelona – Espanha. De acordo com os

como la etnografía y la escuela. La constitución de este patrimonio como objeto historiográfico abre nuevas vías para la investigación que no pueden circunscribirse a las tradicionales y descriptivas sino que, antes bien, supone un salto cualitativo para estudiarlo de una manera más flexible y abierta...” “En nuestro esfuerzo por concienciar a la ciudadanía de la existencia de un patrimonio educativo que les pertenece y que deben proteger como un legado para futuras generaciones, presentamos este estudio, donde analizamos el contenido de los cuadernos escolares desde el último tercio del siglo XIX hasta finales del siglo XX. En los espacios del Centro- Museo Pedagógico de la Universidad de Salamanca (CEMUPE) se custodia un importante patrimonio histórico - educativo, tanto de carácter tangible (mobiliario, enseres y utillaje escolar, manuales, cuadernos, fotografías, etc.) como intangible (las voces de los docentes y los recuerdos escolares) que nos hablan por sí mismos si somos capaces de detenernos tranquilamente a realizar un ejercicio de reflexión e interpretación. Un proceso de construcción museística y de recuperación de patrimonio histórico - educativo en el cual contamos lo que el pasado ha dejado en los textos, en las imágenes, en los objetos y en las voces de los protagonistas de la escuela.”

¹⁰⁴ Sobre o assunto ver também: (HÉBRARD, Jean. In: MIGNOT, 2000).

autores, os conteúdos são um conjunto de conhecimentos ou formas culturais, cuja assimilação e apropriação são consideradas essenciais para o desenvolvimento e a socialização dos alunos. Esses saberes culturais ou conteúdos de ensino compreendem “conceitos, explicações, raciocínios, habilidades, linguagens, valores, crenças sentimentos, atitudes e interesses, modelos de conduta, etc.” (COOL *et al.*, 2000, p. 12-13).

Os autores chamam a atenção para *fatos e conceitos*, explicando que são apenas tipos de conteúdo e que, juntamente com eles, devem ser considerados outros tipos como *procedimentos e atitudes*, valores e normas. Nesse sentido, defendem não haver motivo para se ater à designação de conteúdo, como tem sido feito tradicionalmente, apenas à categoria de *fatos e conceitos* (COOL *et al.*, 2000). Além disso, ressaltam que os seres humanos não se desenvolvem num vazio, mas num contexto social e cultural determinado (COOL *et al.*, 2000, p. 14-15). Logo,

o crescimento pessoal deve ser entendido como o processo através do qual os seres humanos tornam seus os conhecimentos e formas culturais do grupo social ao qual pertencem. Essa assimilação, entretanto, não consiste em uma incorporação passiva do conhecimento historicamente construído e culturalmente organizado, mas em uma reconstrução e reelaboração do mesmo. É assim que através da assimilação dos conhecimentos culturais e apesar de eles serem, em princípio, os mesmos para todos os integrantes de um grupo social, cada um dos seus membros acaba se tornando o indivíduo único e irrepetível, (COOL *et al.*, 2000, p.12).

Ao realizar a análise dos cadernos de lições, deparei-me não somente com conteúdos conceituais, mas, também, atitudinais e procedimentais ofertados às Princesas em conformidade com o “horizonte de expectativa”¹⁰⁵ vislumbrado por D. Pedro II e consolidado no princípio de formar, em meio a uma Sociedade de Corte oitocentista, duas mulheres educadas para governar o Brasil. Também considerei o fato de que, embora Isabel e Leopoldina tenham sido instruídas num mesmo tempo e contexto, isso não significa que assimilaram e se apropriaram dos conteúdos de forma igual, já que “a assimilação dos conhecimentos culturais é única e irrepetível”.

Investigar os conteúdos constantes nos cadernos de lições das Princesas herdeiras implica conhecer, ao menos em parte, os saberes proporcionados aos alunos daquele tempo e contexto, tarefa que me fez lançar mão de escritos dos franceses André Chervel, Marie-Madeleine Compère e Annie Bruter. Os trabalhos eleitos foram: *História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa* (1990); *As humanidades no ensino* (1999); e *Um exemplo de pesquisa sobre a história de uma disciplina escolar: a história ensinada do século XVII* (2005).

¹⁰⁵ Conceito apresentado na obra: (Koselleck, 2006).

Segundo Chervel e Compère (1999), dois tipos de formação são comumente oferecidos à juventude de classes dirigentes ou às classes abastadas de diferentes épocas: “Uma fundada sobre a natureza, sobre as coisas e sobre o universo, permitindo ao homem se situar no mundo, nele multiplicar suas marcas, índices, inscrever sua ação” e outra, “apoiada em textos de longa tradição e sobre a língua necessária à comunicação, à persuasão, suporte indispensável, até mesmo consubstancial do pensamento” (CHERVEL; COMPÈRE, 1999, p. 149).

Em aproximadamente quatro séculos, foi preponderante na educação francesa, a segunda tradição referente às chamadas *Humanidades*, o que transcendeu regimes políticos, constituindo-se no alicerce sólido, constitutivo da cultura francesa (1999, p. 149), essa formação francesa humanística, considerada modelo, teve ressonância na educação concebida em diversos países, inclusive o Brasil. Sobre as *Humanidades* Chervel e Compère explicam,

Do homem honesto das idades clássicas ao homem cultivado da época contemporânea, o indivíduo que essa tradição forma é aquele que pela prática dos textos e dos autores, pelo contato com as civilizações fundadoras, pelo exercício da tradução, da imitação e da composição, adquiriu o gosto, o senso crítico, a capacidade de julgamento pessoal e a arte de se exprimir oralmente e por escrito, conforme as normas recebidas. Certamente, o ideal visado conhece, no curso dos séculos definições diversas: este homem que se perfila no horizonte das humanidades é alternadamente o cristão do colégio jesuíta, o cidadão das luzes, o republicano dos liceus modernos. Porém, a formação adquirida nos estabelecimentos secundários por uma parte limitada da população francesa, há muito tempo do século XVI ao XIX aproximou as gerações numa cultura comum. No ensino tradicional francês as humanidades clássicas definem-se antes e principalmente, por uma educação estética, retórica mas também igualmente moral e cívica (1999, p. 149).

As *Humanidades* concernem às artes liberais antigas nos moldes da formação fixada por Isócrates¹⁰⁶, na Atenas do século IV a.C., e herdada pelos romanos, saberes predominantes do Antigo Regime ao século XIX, afirmam Chervel e Compère (1999, p. 150). Os autores também esclarecem que o termo *Humanidades* reflete várias “filiações ou contaminações lexicológicas” e aponta ao menos três dessas filiações. A primeira delas volta-se para o neologismo *humanistas* por meio do qual Varron¹⁰⁷ e Cícero¹⁰⁸ traduzem o grego

¹⁰⁶ Isócrates (Atenas/436 a.C. - 338 a.C.). Foi orador e escritor, criando uma escola de retórica em 393 a.C., sendo responsável por implementar essa prática ao currículo escolar ateniense. Com suas concepções sobre a educação, a paideia ou, como Cícero se referiria posteriormente, *humanitas*, era uma obra que defendia a educação majoritariamente literária, visando também uma formação política, indo na direção contrária à matematização e à pretensão platônica e dialética.

¹⁰⁷ Marco Terêncio Varrão [Varron] (Roma - 116 a.C. - 27 a.C.) Estudou em Roma e foi um filósofo e antiquário romano da expressão latina. Publicou muitas obras, mas infelizmente salvaram-se apenas uma completa, *De re rustica* (*Das coisas do campo*) e outra incompleta, *De lingua latina* (*Sobre a língua latina*). Muito do que se conhece sobre ele, vem de Cícero e até de Santo Agostinho. Assim como Cícero, desempenhou a função de levar a filosofia grega para o mundo latino.

paideia, consistindo numa educação que coloca como objetivo a formação do homem, no sentido pleno do termo. A segunda é originária da tradição cristã, que diferencia as *litterae humaniores*¹⁰⁹ das *litterae divinae* ou *sacrae*, da mesma forma que a literatura profana distingue-se da *Escritura*. A terceira volta-se para os *humanistas*, termo que nasce no berço da *Renascença* e que corresponde aos sábios e aos escritores da *Antiguidade Grega e Romana* (CHERVEL; COMPÈRE, 1999, p.150). Ainda sobre o conceito de *Humanidades* o autor reitera:

Na origem, portanto, o nome de *humanidades* foi dado pelos jesuítas aos estudos intermediários entre os de gramática e os de retórica, isto é, uma denominação própria para a Universidade de Paris, que será adotada, na França, para os estudos secundários, nomeados também como *estudos de poesia*. A organização escolar, que se fixa no fim do século XVI, é a mesma para o conjunto dos colégios franceses, tanto seculares como jesuítas ou, mais tarde, de outras congregações de professores. Ela define cinco cursos: três de gramática, um de humanidades e um de retórica (CHERVEL; COMPÈRE, 1999, p. 150 -151).

De acordo com Chervel e Compère (1999), o uso do termo *Humanidades* surgiu no século XVI, na Universidade de Paris, seus conteúdos são variáveis ao longo dos séculos e, geralmente, priorizam a gramática, a retórica, o latim e o grego, mas, também, compreendem a geografia, a história, a botânica, a zoologia, a mineralogia e a matemática. Para Annie Bruter (2005), os saberes são essencialmente universais, integrados numa perspectiva “não disciplinar”¹¹⁰ e visam desenvolver as capacidades políticas dos alunos por meio da leitura de textos clássicos e da arte de falar em público.

Da Universidade de Paris, mas originário dos jesuítas, esse modelo de ensino denominado *Humanidades*, chega ao Brasil, e tais saberes tornaram-se essenciais por auxiliarem na formação patriótica e cívica dos súditos, do recém-emancipado país monárquico que no século XIX procurava se afirmar entre as nações. Essa ressonância cultural se materializa, principalmente, por meio da fundação do IHGB (1838) e do Colégio Pedro II (1837), fortemente inspirados na educação francesa das *Humanidades*. Tal forma de ensino mais uma vez reverberou, justamente na educação das Princesas Leopoldina e Isabel

¹⁰⁸ Marco Túlio Cícero (106 - 43 a.C.) foi advogado, político, escritor, orador e filósofo da república romana, e cônsul a partir de 63 a.C. Segundo Michael Grant, “A influência de Cícero sobre a história da literatura e das ideias europeias em muito excede a de qualquer outro escritor em prosa de qualquer língua”. Ele introduziu os romanos às principais escolas da filosofia grega criando um vocabulário filosófico. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%ADcero>>. Acesso em: 30 dez. 2019.

¹⁰⁹ Na *Ratio Studiorum* jesuíta, por exemplo. Sistema de ensino adotado pelos jesuítas a partir de 1599, no qual era priorizada a retórica e a leitura de autores greco-romanos como Cícero e Aristóteles, mas, também, pensadores vinculados ao pensamento oficial da Igreja como Tomás de Aquino. Para mais informações ver: (FRANCA, 1952).

¹¹⁰ Conceito apresentado em: (BRUTER, 2006). Sobre a *História das Disciplinas* ver também: (CHERVEL, 1990).

(1850 -1864), num diálogo com as práticas educativas dessas Instituições e de seus mestres, conforme ver-se-á adiante por meio dos cadernos de lições das duas Princesas.

Os cadernos selecionados como fontes principais dessa tese de doutoramento encontram-se conservados no arquivo pessoal de seus descendentes. “Tornar visíveis as narrativas produzidas por meio dos acervos documentais” é um dos temas tratados no livro *Arquivos pessoais: reflexões interdisciplinares e experiências de pesquisa* (2013). Nessa obra organizada por Travancas, Joelle e Heymann, verifica-se que o conteúdo constante nos acervos documentais importa, mais igualmente “a motivação, os gestos – a seleção, a classificação, o ordenamento; mais que as biografias, a materialidade das práticas mais que os eventos memorizáveis, a captura do extraordinário” (ARTIÈRES In: TRAVANCAS; JOELLE; HEYMANN, 2013, p. 8).

Adentrar a intimidade de arquivo de Príncipes em fins da Idade Média era algo permitido apenas a um seleto grupo de eruditos, e de preferência para que pudesse forjar uma história de glórias da dinastia reinante. Essa é uma das conclusões da autora Margareth da Silva em, *O arquivo e o lugar: custódia arquivística e a responsabilidade pela proteção aos arquivos* (2017). É possível que tal mentalidade ainda permeie o pensamento de grande parte dos chefes das casas reinantes que sobreviveram às revoluções e guerras dos últimos séculos. E o temor de que algo impróprio seja revelado também é sentido. Esse sentimento pode explicar a dificuldade de se conseguir chegar ao arquivo pessoal de Príncipes. Mas, ao mesmo tempo, também serve de estímulo aos pesquisadores que se aventuram a decifrar a construção de futuros soberanos, aqueles que estariam predestinados a conduzir o destino de sua nação.

Martín Abad (2006, p. 11) inicia a apresentação do livro *Seminario de Archivos Personales*, conceituando “arquivo pessoal” como “um plano de fundo”, tomando como exemplo um livro manuscrito, definido por ele como “um conjunto histórico de testemunhos escritos” (MARTÍN ABAD, 2006). Segundo o autor, quando se descobre a qual conjunto o livro manuscrito pertence, situando-o no tempo e no espaço, afirma-se que ele seja de determinado “fundo”, ainda que esteja separado, compondo uma coleção ou fora dela. O autor também diferencia fundo e coleção. Para ele “um fundo é um conjunto de manuscritos relacionados que permite conhecer a história intelectual de uma coletividade, mas também a de um indivíduo”, já a coleção, “simplesmente agrupa peças” (MARTÍN ABAD, 2006, tradução nossa)¹¹¹.

¹¹¹ A tradução da língua estrangeira é “*Un libro manuscrito se nos presenta frecuentemente como elemento de un conjunto histórico de testimonios escritos. Descubrimos que pertenece a tal o cual conjunto cuando logramos situarlo en un tiempo y espacio concretos, y podemos relacionarlo con otros libros manuscritos.*”

Em tal perspectiva, esta tese de doutoramento volta-se para a linha de raciocínio desenvolvida por Martín Abad (2006), ao tomar como fonte principal documentos oriundos do Arquivo Grão Pará e do Arquivo Pedro de Orléans e Bragança, pertencentes a um mesmo fundo: a documentação privada da Família Imperial do Brasil e Real Portuguesa, conservados no Arquivo Histórico do Museu Imperial. As fontes selecionadas permitem o conhecimento de parte da vida educacional das Princesas Isabel e Leopoldina na Sociedade de Corte Brasileira.

No Brasil, os arquivos “escolares” são extremamente raros. Parece não haver interesse por parte do poder público e da sociedade brasileira em guardar a memória do cotidiano educativo, o que se torna um problema não somente para o pesquisador, mas para os brasileiros como um todo. A falta de preservação dos registros cria lacunas na historiografia da educação, o que tende a se acentuar com o tempo, pelo fato de vivermos na era digital, período em que papéis não são mais tão valorizados quanto antes, e os arquivos de dados digitais não considerados relevantes são facilmente deletados dos computadores e dificilmente resgatados. Logo, o Brasil vive na contramão da preservação do patrimônio histórico e educacional que vem ocorrendo na Espanha. Aqui, poucos são os cadernos que se encontram devidamente conservados. A grande maioria foi descartada e os “sobreviventes” permanecem esquecidos “em gavetas, caixas e armários”, conforme explicitado por Mignot (2008, p.7) e compartilhado por Cunha e Souza (2015, p. 18).

Sobre a preservação da memória escolar ou educativa, volto-me para a coleção de cadernos a ser examinada nesta tese de doutoramento: ela pertence a duas Princesas e está conservada em arquivo pessoal. Mas será que estaria resguardada caso pertencesse a uma criança do povo ou mesmo das classes mais altas educada na casa? Provavelmente não. Primeiro porque, possuir um aio ou um preceptor era dispendioso para que crianças do povo e com baixas condições econômicas usufríssem de tais possibilidades. Segundo porque, no século XIX já não havia consciência da sociedade brasileira quanto à preservação das memórias educativas para as futuras gerações, fossem elas da elite ou das classes populares. Muito do vivido por crianças oitocentistas durante a formação instrutiva se perdeu pelo tempo. Quando se tem notícia é por meio de relatos feitos por adultos em jornais, cartas,

Decimos entonces que pertenece a un fondo, aunque lo hayamos localizado separado de él, dentro de la colección o alejados de ella. [...] Un fondo es, pues, un conjunto de manuscritos relacionados que nos permiten conocer la historia intelectual de una colectividad pero igualmente la de un individuo [...] La colección simplemente agrupa piezas”. “Un archivo personal es sencillamente un fondo.”

diários ou pela literatura da época,¹¹² raramente tratam-se de escritas infantis. No caso da educação ocorrida em estabelecimentos escolares, parte do que se sabe é proveniente do “olho e da mão da autoridade”, quer dizer, do *Livro de visitas*¹¹³ preenchido pelos inspetores da instrução pública ao comparecerem aos prédios escolares.

A preservação de documentos como cadernos e diários nem sempre acontece, porque, na maioria das vezes, são interpretados como “escritas ordinárias”. Em outras palavras são compreendidas como sem importância, produzidas por “pessoas comuns” que não as elaboram com o objetivo de “fazer uma obra para ser impressa”¹¹⁴, sendo geralmente dizimadas por seus autores ou por seus descendentes que não querem a vida de seu antepassado exposta.

A coleção de cadernos das Princesas Isabel e Leopoldina, a ser questionada neste estudo, apresenta a singularidade de se tratar de um dos poucos resquícios de escritos de meninas que documentaram da infância à adolescência o que era ensinado no Brasil Imperial. E acredito que foram preservados, escapando da fogueira ou da destruição, por serem escritos de membros da Família Imperial Brasileira e especialmente de Princesas herdeiras. Afinal, como se verificará adiante, D. Pedro II e seus descendentes não se desfaziam de uma carta que fosse, o que tornou possível a realização da presente pesquisa no Arquivo Grão Pará e no Arquivo Histórico do Museu Imperial, localizados na cidade de Petrópolis.

Nos parágrafos a seguir, convido o leitor a conhecer um pouco mais sobre o Museu Imperial, este relevante patrimônio histórico, a origem dos seus papéis e consequentemente, a chegada dos cadernos das Princesas a essa Instituição.

1.4 Chegada dos “papéis do Imperador” e dos cadernos das Princesas

O Palácio Imperial de Petrópolis foi construído em meados do século XIX com recursos pessoais do Imperador D. Pedro II (LACOMBE, 2007)¹¹⁵. O projeto original foi elaborado pelo arquiteto Koeler¹¹⁶. A edificação serviu, originalmente, de residência de verão

¹¹² Sobre o uso da literatura como fonte para História da Educação ver: VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. *A casa e seus mestres: a educação no Brasil de oitocentos*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005, p. 97.

¹¹³ De acordo com Vinícius Santos (2017), o *Livro de Visitas*, ou *Livro de Inspeção Escolar* possuía o intuito de registrar as fiscalizações realizadas pelos diversos inspetores nas escolas primárias públicas fluminenses, ao longo das décadas oitocentistas, normatizadas pelos Regulamentos da Instrução (SANTOS, 2017, p. 314 - 315).

¹¹⁴ Conforme Cunha e Souza (2015, p. 17), esse conceito é trabalhado por (FABRE, 1993).

¹¹⁵ Sobre o assunto ver também: HISTÓRIA DO MUSEU IMPERIAL. Disponível em: <<http://www.museuimperial.gov.br/historico-personagens.html>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

¹¹⁶ Júlio Frederico Koeler, arquiteto alemão e naturalizado brasileiro nascido na cidade de Mognúncia, (1804-1847). Iniciou em 1843, a construção do Palácio Imperial, hoje Museu Imperial, sendo nomeado três anos

da Família Imperial, local onde as Princesas Isabel e Leopoldina passavam temporadas com seus pais e, também, com suas damas, médicos, mestres e a preceptora Condessa de Barral (AGUIAR, 2015).

No final do oitocentos, após o banimento da Família Imperial do Brasil, a Princesa Isabel ao herdar o Palácio Imperial de Petrópolis e todo o complexo existente em seu entorno¹¹⁷, alugou um espaço a duas instituições escolares, primeiramente ao Educandário Notre Dame de Sion (1893 - 1908) e em seguida ao Colégio São Vicente de Paulo (1909 - 1939). E foi justamente um ex-aluno do Colégio São Vicente de Paulo que mudou o destino da antiga casa de veraneio do Imperador, ao colaborar para que o espaço se transformasse num museu, afinal de contas, esse era seu sonho. Alcindo de Azevedo Sodré¹¹⁸ conseguiu, a partir de 29 de março de 1940, junto ao presidente Getúlio Vargas, que o Decreto-Lei nº 2.096 viabilizasse a criação do Museu Imperial, de onde foi o primeiro diretor¹¹⁹.

Entretanto, é importante realçar que, em 1920, ainda na república oligárquica, ocorreu a revogação do banimento da Família Imperial do Brasil, o que, segundo Fraguas (2019), na década seguinte, durante o Estado Novo, passou a ser de grande interesse aos projetos políticos e culturais do presidente da república, Getúlio Vargas. Além da criação do Museu Imperial, Vargas autorizou a criação de outros dois museus: o Museu da Inconfidência, situado em Ouro Preto, Minas Gerais, e o Museu das Missões, localizado na cidade de São Miguel das Missões no Rio Grande do Sul. Conquanto, era conveniente a Getúlio Vargas, associar sua imagem à figura de D. Pedro II, que “após a revogação do banimento, foi devidamente reabilitado pela república como servidor ideal do país e cidadão número um”¹²⁰ logo, a criação de um Museu Imperial (Figura 7), viria em bom momento.

depois superintendente da então Imperial Fazenda de Petrópolis. Participou do projeto da primeira linha férrea do Brasil, a Rio-Petrópolis, promovida pelo Barão de Mauá (1854), e da estrada União e Indústria, iniciativa de Mariano Procópio entre a Raiz da Serra, (atualmente Inhomirim, RJ), e Juiz de Fora, MG.

¹¹⁷ No ano de 1920 a Princesa Isabel doou parte dos terrenos do entorno do Palácio Imperial de Petrópolis para a construção do Grupo Escolar D. Pedro II, atualmente Colégio Estadual D. Pedro II. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Centro_de_Ensino_Integrado_de_Petr%C3%B3polis>. Acesso em: 01 fev. 2018.

¹¹⁸ Alcindo de Azevedo Sodré (RS/1895 - RJ/1952), concluiu os estudos no Colégio São Vicente de Paulo, em Petrópolis, Rio de Janeiro. Em 1916, formou-se em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro e cinco anos depois em medicina. Em 1938, foi nomeado para o cargo de diretor do Museu Histórico de Petrópolis, sem ônus para a prefeitura.

¹¹⁹ Cf. HISTÓRIA DO MUSEU IMPERIAL. Disponível em: <<http://www.museuimperial.gov.br/historico-personagens.html>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

¹²⁰ Sobre o assunto ver: (SANTOS, 2012, p. 347).

Figura 7 - Fachada do Museu Imperial - 2011



Fonte: Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/nº34/2019.

Durante o processo de criação do Museu Imperial e a abertura ao público, Alcindo Sodré liderou uma equipe técnica que estudou a história da edificação e a localização dos objetos e peças pertencentes à Família Imperial com a finalidade de ilustrar o dia a dia de membros da Dinastia dos Bragança que lá viveram durante o século XIX. Ao trabalho juntaram-se consideráveis colecionadores nacionais que doaram objetos de interesse histórico e artístico. Assim, surgia o Museu Imperial, inaugurado em 16 de março de 1943, estabelecido no antigo Palácio Imperial de Petrópolis, prédio adquirido pelo governo aos descendentes da Princesa Isabel com um significativo acervo relativo ao período Imperial Brasileiro.¹²¹

Mas, e quanto ao Arquivo Histórico do Museu Imperial e seus papéis? De acordo com Sodré (1950, p.156), no início, competia à Secretaria do Museu Imperial “a manutenção de um pequeno arquivo de documentos”, que funcionava em uma sala do próprio prédio do Museu Imperial. Não obstante, o Decreto nº 21.008, de 22 de abril de 1946, ampliou consideravelmente a finalidade da instituição que passava a “recolher e classificar documentos manuscritos, relativos à monarquia brasileira, sob a forma de arquivo” (SODRÉ, 1950). Começam a surgir, então, as doações de papéis, primeiramente os documentos provenientes dos primórdios da administração municipal de Petrópolis; em seguida, cartas

¹²¹ Conforme cruzamento de informações oriundas do site: HISTÓRIA DO MUSEU IMPERIAL. Disponível em: <<http://www.museuimperial.gov.br/historico-personagens.html>>. Acesso em: 14 jan. 2018; e da obra: LACOMBE, Lourenço Luiz Lacombe. *Biografia de um Palácio*. Petrópolis: Museu Imperial, 2007.

trocadas por D. Pedro II entre personalidades do oitocentos como o Marquês de Paranaguá¹²², o Barão de Capanema¹²³ e a Condessa de Barral, preceptora das Princesas. Além desses, vieram os livros da Mordomia da Casa Imperial do Brasil, os primeiros documentos são calculados em aproximadamente vinte mil (SODRÉ, 1950), mas ainda faltavam chegar os documentos da Família Imperial do Brasil e Real Portuguesa.

Figura 8 - Prédio do Arquivo Histórico do Museu Imperial - 2018



Fonte: Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.

Quanto às instalações físicas do Arquivo Histórico, ele foi “abrigado” em pelo menos três espaços diferentes desde a inauguração do museu em 1943 até o presente momento. De acordo com o indicado anteriormente, primeiro funcionou no próprio Palácio Imperial, em seguida, passou para um imponente prédio em estilo modernista, cuja construção fora concluída no final dos anos de 1950, local onde encontra-se a Biblioteca, mais precisamente, no “Bosque do Imperador”. O Arquivo Histórico permaneceu junto à Biblioteca até o limiar do século XX, quando então foi transferido para o prédio onde se encontra hoje, (Figura 8).

Esta edificação (Figura 8), foi inaugurada em 1 de dezembro de 1972, por ocasião da comemoração do sesquicentenário da coroação de D. Pedro I, a princípio era destinada à administração do Museu. Atualmente, além da Diretoria e demais setores administrativos, o

¹²² João Lustosa da Cunha Paranaguá (1821-1912), 2º Visconde e Marquês de Paranaguá, atuou durante quarenta anos na política, de 1850 à implantação da república, em 1889. Foi deputado à Assembleia Geral de 1850 a 1864, e eleito, em 1865, senador vitalício, cargo que ocupou até à queda do Império

¹²³ Guilherme Schüch Capanema, primeiro e único Barão de Capanema, foi responsável pela instalação da primeira linha telegráfica do Brasil. Foi mestre de mineralogia e geologia das Princesas Isabel e Leopoldina a partir de 1860, e de física e de mineralogia na Escola Militar. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil.

prédio abriga dois setores técnicos, o Arquivo Histórico e a Museologia, a Reserva Técnica, o Arquivo Administrativo, os setores de Promoção e Imprensa, assim como o Setor de Digitalização (DAMI).

Sobre os documentos da Família Imperial que hoje se encontram no Arquivo Histórico do Museu Imperial, Sodré (1950, p. 2) conta um pouco de sua história e lembra, que na ocasião em que ocorreu a queda da monarquia e o banimento dos soberanos do Brasil, grande parte dos pertences da família estavam no Palácio Imperial de Petrópolis, inclusive “os papéis” do Imperador que, mesmo diante do desterro de sua pátria e do momento difícil pelo qual passava, não os esqueceu. O que é extremamente compreensível, visto se tratar de seus documentos, seu passado, sua história. Abaixo encontra-se carta do Conde D’Eu ao mordomo José Calmon Nogueira Vale da Gama, manuscrita a bordo do vapor *Alagoas* indo do Rio de Janeiro à São Vicente das Ilhas de Cabo Verde, em 23 de novembro de 1889, uma semana após o banimento do Brasil, na qual solicita:

[...] Rogo-lhe também queira mandar indagar do destino dos papéis que S. M. o Imperador ultimamente tinha em mãos no palácio de Petrópolis, ou no da Cidade, ou mesmo deixado na Tijuca, talvez, e arrecadando-os todos os remeta para S. M. o Imperador em Lisboa. Convém que o senhor indague a tal respeito dos particulares Pedro Paiva e Adolfo, pois tiveram ordens do imperador de trazer esses papéis para bordo e o certo é que por qualquer motivo não o fizeram.¹²⁴

Após o pedido do Conde D’Eu em favor dos papéis da Família Imperial já em pleno regime republicano no Brasil, o governo provisório organizou uma comissão para separar os documentos oficiais dos considerados de caráter privado. Todavia, apenas no ano seguinte à chegada da carta do Príncipe, o ministro da Instrução Pública, Correios e Telégrafos, Benjamin Constant¹²⁵, informa ao ministro do Interior a nomeação de uma “comissão de funcionários para examinar, escolher e indicar os livros, os manuscritos, as obras, os artefatos, todos os objetos, em suma, [...] pertencentes à ex-Casa Imperial” (ARGON, 2001). Fato que não aconteceu tão rapidamente, assim os meses se passam e D. Pedro II não recebeu de imediato seus papéis. Somente em 10 de julho de 1891, quase dois anos depois, o ministro do Interior, esclareceu como deveria acontecer a separação dos documentos oficiais dos privados:

¹²⁴ Carta do Conde D’Eu ao mordomo José Calmon Nogueira Vale da Gama, a “bordo do vapor *Alagoas* rumo a São Vicente das Ilhas de Cabo Verde em 23 de novembro de 1889, apud (Sodré, 1950, p. 1).

¹²⁵ Benjamin Constant Botelho de Magalhães (1833 -1891) foi militar e político brasileiro. Idealizador da expressão “Ordem e Progresso” da bandeira brasileira, teve importante papel no processo da proclamação da república ao presidir a sessão que decidiu pela queda da monarquia.

Considerar-se-ão de caráter privado: I Cartas particulares; II Minutas e cópias não autenticadas; III Memórias ou peças literárias; IV Escritos avulsos sem denominação especificada. Considerar-se-ão de caráter público: I Petições; II Representações; III Ofícios de quaisquer funcionários públicos; IV Consultas do Conselho de Estado; V Pareceres sobre assuntos da administração nacional; VI Memórias sobre objeto de serviço público.¹²⁶

Enquanto realizava-se a separação de documentos oficiais dos privados, D. Pedro II, o Imperador exilado, aguardava seus papéis, certamente concebidos como memórias familiares guardadas por diversas gerações. Inclusive, a valorização dos documentos de cunho pessoal e familiar era algo transmitido ao longo do tempo pelos seus descendentes, o que fica explícito pelas palavras de seu bisneto, D. Pedro Gastão de Orléans e Bragança, quando afirma ser “costume dos Bragança e dos Orléans não jogar uma carta fora”¹²⁷. Sobre o apego da Família Imperial a esses documentos, Fátima Argon (2001), cita em seus estudos, algumas notícias publicadas em jornais, justamente na época em que o soberano destronado aguardava o envio de seus papéis à Europa, local de seu exílio:

Quanto a seus papéis, o ex-monarca entende que lhe devem ser entregues integralmente. O que neles houver de interesse para a história da pátria, inclusive muitos documentos relativos a Tiradentes, o Sr. D. Pedro não terá a menor dúvida em doá-los a algum estabelecimento público; mas não assim sua correspondência particular e papéis de família, muitos dos quais recebeu de seus pais e cujo conteúdo reservado ele mesmo não conhece bem.¹²⁸

Em nome da nação podemos tirar ao Imperador o trono, mas a desapropriação forçada dos bens, e principalmente dos livros, e a publicação dos manuscritos sem o consentimento do seu autor - só por autoridade própria o poderá fazer, o governo.¹²⁹

De acordo com os fragmentos dos periódicos citados, o ex-monarca não se importava que ficassem no Brasil os documentos de interesse público, mas reclamava seu arquivo pessoal. Finalmente, após dois anos do banimento da Família Imperial do Brasil, os papéis foram separados e os de caráter privado devolvidos à família, remetidos à Europa, ao Castelo D’Eu, na França. E os de natureza oficial depositados em casas de guarda como o Arquivo Nacional e o Itamaraty.

Já no século XX, mais precisamente na década de 1930, no Castelo D’Eu, na França, os documentos privados da Família Imperial, inéditos para pesquisa, até então, começaram a ser franqueados a pesquisadores pelo Príncipe do Grão-Pará. Os primeiros a consultar a documentação privada foram: Pedro Calmon autor da “trilogia” de obras sobre os “reis brasileiros (D. João VI, D. Pedro I e D. Pedro II) e também biógrafo da Princesa Isabel;

¹²⁶ Ofício Imperial de 10/07/1891, citado por: (ARGON, 2001).

¹²⁷ Conforme afirmação do bisneto de D. Pedro II, D. Pedro Gastão de Orléans e Bragança, no texto de apresentação da obra de Lacombe (1989, p. 1)

¹²⁸ *Jornal do Commercio* de 26/11/1890, citado por: (ARGON, 2001).

¹²⁹ *Tribuna* - de 22/08/1890, citado por: (ARGON, 2001).

Heitor Lyra (1938)¹³⁰ e o biógrafo de D. Pedro II Alberto Rangel¹³¹ (1935), que escreveu a história da vida do Conde D’Eu. Na época, esse último escritor foi contratado pelo Príncipe do Grão-Pará, para inventariar os papéis de caráter privado da Família Real de Portugal e Imperial do Brasil. O trabalho foi publicado, em dois tomos, com 14 mil verbetes e aproximadamente 40 mil documentos, pela Biblioteca Nacional, em 1939¹³² (FRAGUAS, 2019). Apesar disso, o inventário não inclui a correspondência mais íntima entre os membros da família, portanto, tudo indica que, antes da disponibilização dos documentos para serem inventariados pelo escritor, tenha sido feita uma seleção e separação.¹³³

Nos próximos parágrafos será explicado como chegaram ao Arquivo Histórico do Museu Imperial o POB e o AGP e, conseqüentemente, os cadernos das Princesas, num intervalo de cinquenta anos respectivamente.

Retomando à revogação da Lei do Banimento da Família Imperial em 1920, alguns anos depois começa a acontecer no Brasil um movimento para que a documentação privada da Família Real de Portugal e Imperial do Brasil “retornasse” ao país. Em 1940, período em que museu estava sendo composto para abrir as portas ao público, o IHGB aprovou uma moção apelando para que estes documentos fossem trazidos para o Brasil, mas a eclosão da Segunda Guerra Mundial e a morte do Príncipe do Grão Pará retardariam o processo. É importante destacar que durante as duas Guerras Mundiais, houve riscos à integridade física da documentação, que poderia ser destruída, caso o castelo fosse bombardeado, por exemplo (FRAGUAS, 2019). Abaixo, encontra-se a transcrição da moção realizada, assim como a assinatura dos principais membros do IHGB envolvidos,

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, considerando que o arquivo da família imperial, relacionado intimamente com a tradição do Brasil, se acha, desde a proclamação da república, com outros objetos valiosos, guardado com o maior carinho, no castelo d’Eu, em França; Considerando que já não se pode fazer a revisão da História do Brasil, sem o conhecimento prévio desse precioso arquivo nacional, de mais de 14.000 documentos, devidamente catalogados e quase inteiramente inéditos, cujo inventário foi há pouco publicado; Considerando ainda os superiores propósitos em que estão os dignos herdeiros dos augustos imperantes do Brasil, de facilitar ainda mais a consulta desses inestimáveis documentos a todos os pesquisadores, como aliás sempre o fizeram em França, num gesto de requintado cavalheirismo, transportando-os para o Brasil, como era intenção declarada do nosso saudoso consócio, S. A. I. o Sr. d. Pedro de Orleans e Bragança, para ser confiado à guarda da própria nação, através de uma instituição cultural de caráter permanente;

¹³⁰ Sobre o assunto ver: (LYRA, 1938).

¹³¹ Alberto do Rego Rangel (PB/1871-RJ/1945). De 1930 a 1935, Rangel teve acesso ao Arquivo da Família Imperial durante a pesquisa no Castelo D’Eu, na França, delas resultando a biografia do *Último Conde d’Eu* (1935) e *Educação do Príncipe* (1945).

¹³² Estes dois volumes formam o inventário com descrições resumidas dos documentos com o qual se trabalha até hoje no Arquivo Histórico do Museu Imperial.

¹³³ Sobre o assunto consultar também: (AGUIAR; VASCONCELOS, 2017b).

Considerando que o castelo d'Eu se acha situado num ponto geográfico da França, propício agora às investidas da guerra; Considerando que nas guerras modernas, não é possível limitar o bombardeio por armas aéreas, às trincheiras e a determinados objetivos militares, levando-o muitas vezes pela violência das explosões e dos incêndios, a pontos da retaguarda, mesmo os menos próximos, embora sem finalidade diretamente ligada aos propósitos das operações; Considerando assim o risco imediato que corre, a toda hora, esse rico acervo, colecionado durante mais de 70 anos, pelos nossos ex-imperadores e ali preciosamente guardado, por mais meio século, pelos seus dignos herdeiros; Formula o mais veemente apelo ao governo do país, no sentido da aquisição imediata dos referidos objetos e documentos e de obter, com a aquiescência prévia da família imperial, a sua remoção para outro ponto da França, mais ao abrigo dessas incursões condenáveis, e logo em seguida, o seu transporte para o Brasil, ainda por conta da nação, que lhe dará o melhor destino, confiando sua guarda e consulta ao “Museu Imperial” de Petrópolis, em tão boa hora recém-criado. Rio de Janeiro, 31 de maio de 1940. – José Carlos de Macedo Soares, Augusto Tavares de Lira, Max Fleuiss, Oliveira Viana, Braz do Amaral, Feijó Bittencourt, João da Costa Ferreira, Wanderley Pinho, Elmano Cardim, Alfredo Nascimento Silva, Jônatas Serrano, frei Pedro Sinzig, O. F. M., Rodrigo Otávio Filho, Tasso Fragoso, Sousa Doca, Pedro Calmon, Hermenegildo de Barros, Virgílio Corrêa Filho, A. Leôncio Pereira Ferraz, Ernesto de Sousa Campos e Cláudio Ganns.¹³⁴

Enfim, após a moção acima citada, a criação do Museu Imperial, bem como sua inauguração e abertura ao público em 1943, o Arquivo da Casa Imperial do Brasil - Pedro de Orléans e Bragança (POB) foi doado ao recém-criado museu, em 1948, por D. Pedro Gastão de Orleans e Bragança, bisneto de D. Pedro II. As negociações para a doação foram concluídas em 1949, conforme processos 675/1947 e anexos e 123/1949 (FRAGUAS, 2019).

No entanto, apenas em 1999 parte dos documentos íntimos da Família Real de Portugal e Imperial do Brasil que formam o Arquivo Grão Pará (AGP) foi disponibilizada sob a custódia do Arquivo Histórico do Museu Imperial em regime de comodato, ou seja, os documentos não pertencem ao museu, mas, este é responsável por sua guarda, conservação e disponibilização aos pesquisadores. O AGP é formado por acervo museológico, bibliográfico e arquivístico, e pertence aos descendentes de D. Pedro II. Os papéis, dentre eles os cadernos das Princesas, são de foro íntimo, e conforme visto anteriormente, esses documentos não foram totalmente catalogados por Alberto Rangel, apenas o que ele identificou como “Catálogo C”, compreendidos como manuscritos raros e ainda em poder da família.

Assim, temos num mesmo local o Arquivo da Casa Imperial do Brasil - Pedro de Orléans e Bragança (POB) e o Arquivo Grão Pará (AGP), que dizem respeito a uma mesma pessoa: Pedro de Orléans e Bragança, o Príncipe do Grão-Pará. E em termos arquivísticos, conceitualmente, o POB e o AGP formam um mesmo fundo: a documentação privada da Família Real de Portugal e Imperial do Brasil. Lembrando que, de acordo com Martín Abad

¹³⁴ Moção realizada por membros do IHGB, solicitando a retirada do arquivo da Família Imperial do Castelo D'Eu, e retorno ao Brasil a fim de ser depositado no Museu Imperial de Petrópolis, conforme interesse dos descendentes familiares e do Brasil. Rio de Janeiro, 31 de maio de 1940. Citado em: (SODRÉ, 1950).

(2006, p. 11, tradução nossa), “um fundo é um conjunto de manuscritos relacionados que nos permitem conhecer a história intelectual de uma coletividade, mas também a de um indivíduo”¹³⁵. Entretanto, é importante frisar que nem todos os documentos pertencentes aos herdeiros de D. Pedro II e oriundos do AGP foram entregues ao arquivo histórico, há ainda vários outros em poder da família, especialmente os de caráter iconográfico.

Atualmente, o Arquivo Histórico do Museu Imperial contempla em torno de 250.000 documentos, desses, cerca de 30.000 provenientes do AGP, formado basicamente pela correspondência íntima dos membros da Família Imperial, os cadernos e materiais de estudos de Isabel e Leopoldina identificados como “Trabalhos Escolares das Princesas”, além de fotografias e outros documentos bastante significativos do período monárquico. Já o POB compõe-se por aproximadamente 40.000 documentos ou 22,03 metros lineares, relativos ao período de 1249 a 1932, mais os documentos sem data. Entre esses documentos estão correspondências do Imperador com cientistas e intelectuais, com políticos, militares e diplomatas, minutas de documentos oficiais, resumos das reuniões do conselho de estado, além dos diários da Imperatriz Teresa Cristina e os de D. Pedro II. Há ainda no Arquivo Histórico do Museu Imperial outros fundos como a *Coleção Barral-Montferrat*, o *Arquivo Pedro Paranaguá*, a *Coleção Américo Jacobina Lacombe*, a *Coleção Martins Pinheiro* e vários outros documentos predominantemente de caráter familiar e pessoal. Todos os acervos são armazenados no arquivo vertical e/ou na mapoteca horizontal.

Pesquisadores do Brasil e do mundo podem ter acesso ao Arquivo Histórico do Museu Imperial, uma documentação majoritariamente de cunho privado. Grande parte dos pesquisadores que buscam pelo acervo realizam suas pesquisas e estudos à distância, para isso, basta enviar um correio eletrônico informando sobre a demanda. Outros preferem ir pessoalmente ao arquivo e ter contato direto com as fontes. Ou ainda, pesquisar no site do Museu Imperial, através do *link* do Projeto DAMI – DIGITALIZAÇÃO DO ACERVO DO MUSEU IMPERIAL¹³⁶ – que vem disponibilizando, desde 2010, algumas coleções, democratizando e ampliando o acesso ao acervo. Para o uso de imagem das fontes é preciso solicitar autorização ao diretor do Arquivo Histórico do Museu Imperial, atualmente cargo ocupado pelo historiador Maurício Ferreira.

¹³⁵ O texto em língua estrangeira é: “*Um fondo es, pues, un conjunto de manuscritos relacionados que nos permiten conocer la historia intelectual de una colectividad pero igualmente la de in individuo*”.

¹³⁶ O Projeto DAMI - Digitalização do Acervo do Museu Imperial - disponibiliza ao usuário/pesquisador, imagens do acervo do Museu Imperial, por meio de uma base de dados na internet. O projeto é fruto da evolução das tecnologias digitais do final do século XIX ao início do século XXI, e surgiu da necessidade de modernização e disponibilização dos acervos históricos pelas instituições culturais públicas e privadas. Link para consulta: <<http://museuimperial.museus.gov.br/dami/>>.

Quanto à parte do AGP, que lá se encontra em regime de comodato, a consulta também é livre, ainda assim, a solicitação de autorização por escrito se faz necessária para reprodução de imagens de documentos em quaisquer publicações que os cite. Embora os documentos sejam privados, eles retratam a vida de pessoas públicas de extremo interesse para a sociedade brasileira. Nos últimos anos, o acesso para reprodução de documentos ficou mais restrito, provavelmente pelo fato do acervo ser de natureza íntima. Logo, há uma preocupação maior de seus detentores em relação às informações que são divulgadas sobre a vida pessoal de seus antepassados, o que é perfeitamente compreensível, o acervo possui extenso material inédito e extremamente raro sobre os principais protagonistas da monarquia brasileira e precisam ser devidamente preservados.

A solicitação de autorização para digitalização dos documentos do AGP deve ser encaminhada a D. Pedro Carlos de Orleans e Bragança, bisneto da Princesa Isabel e diretor do arquivo. Para a presente pesquisa a solicitação se fez necessária principalmente devido à complexidade das fontes selecionadas, já que os cadernos elegidos compreendem sete idiomas diferentes. Dessa forma, para realizar a leitura dos cadernos de lições torna-se fundamental o conhecimento dessas línguas e o domínio de técnicas de compreensão da escrita oitocentista, marcada pelas constantes abreviaturas. Até mesmo os escritos em língua portuguesa são de difícil compreensão, devido à especificidade da caligrafia das duas meninas, igualmente quanto às correções realizadas pelos mestres e o pai/mestre D. Pedro II. Isso acontece porque a escrita costuma falar por si ao desvelar parte da personalidade, do humor, dos hábitos e comportamentos de seu autor, mas principalmente por manifestar traços, ideias e pensamentos de uma época.

É importante lembrar que a coleção de cadernos não representa a totalidade do ensinado às Princesas, mas o que foi preservado contribuiu para ampliar a compreensão sobre os conteúdos de ensino oferecidos no processo de formação daquelas que conduziram o país na ausência do pai, o Imperador do Brasil. Assim, após a primeira década da chegada dos documentos de estudos das Princesas ao Arquivo Histórico do Museu Imperial em 1999, e de sua catalogação como parte integrante do Arquivo Grão Pará, iniciei a pesquisa que privilegia como fontes os cadernos de lições de Isabel e Leopoldina.

1.5 Encontro com os cadernos

Para localizar com precisão o “lugar” de encontro com os cadernos (Figura 9), fui tecendo uma primeira imagem sobre a formação educacional das Princesas vistas sob olhar de

outros pesquisadores. A partir de então, passei a vê-las por meio de seus próprios escritos, e daquilo que se depreendia de suas anotações que pudesse me levar até o problema desta tese: investigar, a partir dos cadernos de lições das duas meninas quais eram os conteúdos de ensino da área de *Humanidades* que D. Pedro II entendia como necessários à formação das herdeiras do Trono brasileiro, realizada nos Paços Imperiais de São Cristóvão e de Petrópolis, entre os anos de 1850 e 1864. Apresento a seguir, a metodologia e as fontes utilizadas no estudo.

Figura 9 - Caderno de Ditado em francês da Princesa Isabel - 1857



Fonte: Arquivo Grão Pará.

Durante pesquisa realizada no Arquivo Histórico do Museu Imperial, tomei conhecimento por meio de uma epístola da Princesa Isabel sobre a existência de seus cadernos de lições. Num “arquivo deslizante vertical”, entre várias prateleiras, encontrei armazenada uma coleção de 24 cadernos da Princesa Isabel, pertencente ao Arquivo Grão Pará e catalogada como: “Trabalhos Escolares das Princesas”. Ao examinar os cadernos, verifiquei se tratarem de fontes que expressam parte do ensinado e vivido pela Princesa Imperial do Brasil.

No Quadro 2, na página seguinte, está exposta uma primeira amostra de cadernos que se encontra organizada pelo arquivo e recebeu os números de 1 a 24. A coleção pertence ao Arquivo Grão Pará e está identificada como sendo de autoria da Princesa Isabel, ainda que nem todos contenham sua assinatura.

Quadro 2 - Coleção de 24 cadernos da Princesa Isabel

Código/ Arquivo	Identificação	Autoria	Data/ Período	Dimensão (cm)	Total de Páginas	Texto	Desenho
1 - AGP	Caderno com Exercícios de Ortografia Portuguesa e Alemã	Princesa Isabel	1862-1864	22,0 x 18,0	196	x	
2 - AGP	Caderno de Cosmografia	Princesa Isabel	1857	22,5 x 18,0	180	x	
3 - AGP	Caderno dos 1 ^{os} Conhecimentos em francês e Lições de Gramática Portuguesa	Princesa Isabel	1856	22,0 x 15,0	212	x	
4 - AGP	Diário da Princesa Isabel	Princesa Isabel	1856	21,0 x 15,0	178	x	
5 - AGP	Caderno de Língua Francesa	Princesa Isabel	S/D	20,5 x 15,5	38	x	
6 - AGP	Caderno de Ditado em português	Princesa Isabel	S/D	21,0 x 13,5	14	x	
7 - AGP	Caderno de Grego	Princesa Isabel	S/D	20,5 x 15,0	216	x	
8 - AGP	Caderno de Ditado em português [Latim]	Princesa Isabel	1862-1864	22,0 x 14,5	120	x	
9 - AGP	Caderno de Mitologia grega em francês	Princesa Isabel	S/D	22,7 x 19,0	210	x	
10 - AGP	Caderno de Mineralogia	Princesa Isabel	1862	22,5 x 18,6	156	x	x
11 - AGP	Caderno de Anatomia	Princesa Isabel	1859-1861	22,5 x 18,6	214	x	
12 - AGP	Caderno de Ditado em Português	Princesa Isabel	S/D	19,5 x 12,5	310	x	
13 - AGP	Caderno de Italiano	Princesa Isabel	[1863]	22,5 x 18,5	118	x	
14 - AGP	Caderno de Botânica	Princesa Isabel	S/D	24,5 x 21,0	140	x	x
15 - AGP	Caderno de História de Portugal	Princesa Isabel	1862-1863	22,0 x 14,0	150	x	
16 - AGP	Caderno de Latim	Princesa Isabel	S/D	22,5 x 18,5	150	x	
17 - AGP	Caderno de Inglês	Princesa Isabel	1859	22,3 x 17,5	252	x	
18 - AGP	Caderno de Filosofia	Princesa Isabel	[1863]	20,8 x 15,5	200	x	
19 - AGP	Caderno de Teatro	Princesa Isabel	[1863]	21,0 x 15,5	200	x	
20 - AGP	Diário de viagem de lua-de-mel a Europa escrito a D. Pedro II	Princesa Isabel	1865	21,0 x 15,7	204	x	x
21 - AGP	Caderno de História de Portugal	Princesa Isabel	1862-1863	22,4 x 18,0	206	x	
22 - AGP	Caderno de Estilo em francês	Princesa Isabel	S/D	22,7 x 18,5	202	x	
23 - AGP	Caderno de História do Consulado e Império	Princesa Isabel	1863	22,0 x 18,5	196	x	
24 - AGP	Caderno de Gramática Francesa	Princesa Isabel	1863	22,0 x 27,0	236	x	

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.¹³⁷

¹³⁷ O Quadro 12 foi construído com base nos cadernos da Princesa Isabel - AGP. A ortografia da escrita, presente nos cadernos, foi atualizada no quadro para a língua portuguesa atual.

Os cadernos acomodados em prateleiras do arquivo deslizante vertical e apresentados no Quadro 2 possuem tamanhos variados, medindo em média 22 cm x 18 cm. Os cadernos estão conservados em invólucros de papel e amarrados com cordões. A maioria apresenta um número de páginas bem diversificado, em que a média é de 200. Muitos estão em brochura, mas há alguns encadernados (capa dura).

Mignot (2008, p.7) destaca a relevância dos cadernos para a compreensão da História da Educação, afinal, segundo a autora, eles “falam dos alunos, dos professores, dos pais, dos projetos pedagógicos, das práticas avaliativas, dos valores disseminados em palavras e imagens, bem como das prescrições e interdições que conformam sua produção, sua circulação e seus usos”. Assim, por meio dos cadernos, “é possível examinar conteúdos, metodologias e avaliações utilizadas cotidianamente nas salas de aulas” (MIGNOT, 2008, p. 13), estejam essas “salas” localizadas na escola ou no ambiente doméstico da casa, como no caso das Princesas educadas nos espaços do conhecimento existentes nos Paços Imperiais de São Cristóvão e de Petrópolis.

Os cadernos das Princesas eram adquiridos principalmente em dois estabelecimentos: “*Agra e Irmão – Mercadores de Papel*”, localizado na Rua do Ouvidor, 85, no Rio de Janeiro, e “*Ao Livro Verde – Olive Irmãos*”, situado na Rua do Imperador, 21 em Petrópolis. E era por meio de cartas aos pais que as meninas informavam a necessidade de compra desses materiais de estudo.

Dos 24 cadernos listados no Quadro 2, 22 são compreendidos neste estudo como cadernos de lições, em razão de possuírem conteúdos com fins educativos disseminados por meio de desenhos, textos e/ou exercícios ensinados pelos mestres e até avaliados por eles. Os outros dois são interpretados como cadernos-diários, pois carregam consigo registros dos acontecimentos do dia a dia, ou seja, aquilo que seu autor elegeu como mais importante a documentar, sua escrita íntima e pessoal. Ambos foram identificados com os números 4 e 20. Os cadernos de lições e os cadernos-diários estão catalogados pelo “Inventário Físico do Arquivo Grão Pará” como “Trabalhos Escolares das Princesas”. Não obstante, conforme informado anteriormente, Isabel e Leopoldina não frequentaram escolas durante sua formação educacional, que ocorreu na casa das próprias meninas, portanto, o termo “escolar” não será utilizado nesse estudo quando se tratar da educação das Princesas.

Viñao Frago (2008, p. 19) trabalha o conceito estrito do caderno como sendo “um conjunto de folhas encadernadas ou costuradas de antemão em forma de livro que forma uma unidade ou volume e que são utilizadas com fins escolares”. Ele esclarece que, de acordo com o material encontrado pelo pesquisador durante a investigação, se segue um conceito mais

amplo que inclui os exercícios e trabalhos realizados em folhas e, posteriormente, costurados. Também explica que esse mesmo caderno pode ser usado para outras finalidades, como diário, anotações ou contas.

Para Castillo Gómez (2012, p. 69), a aquisição de cadernos para o processo de ensino-aprendizagem costuma acontecer após o conhecimento das “primeiras letras”. Essa afirmação pode explicar a existência de folhas soltas, geralmente encontradas junto aos cadernos em arquivos, cujos papéis podem ou não ser costurados futuramente de acordo com o interesse de seu detentor. A afirmação de Castillo Gómez (2012) vai ao encontro dos estudos de Hebrárd (2001), que acredita na importância do caderno para o aprendizado do espaço gráfico e também da organização do tempo destinado à realização das atividades desenvolvidas no âmbito educativo, o que normalmente ocorre após o domínio das “primeiras letras” e de certa maturação intelectual do estudante. De acordo com o autor,

O caderno escolar, que substituiu a simples folha de papel, torna-se o espaço de escrita no qual acontecem as aprendizagens. O aluno descobre não somente como ordenar o espaço bidimensional próprio à ordem gráfica, mas também como, pela escritura, dominar o tempo de seus trabalhos e de seus dias. Misturando ao texto esquemas, figuras e mesmo imagens, ele se dá os meios de dispor de um instrumento próprio a organizar a enciclopédia de seus conhecimentos [...] (HÉBRARD, 2001, p.115).

Hébrard (2001, p. 118) enfatiza a importância do caderno, por meio do qual o aluno aprende a dominar as linhas e as margens, e a “organizar seus conhecimentos”. Esclarece ainda, que o “caderno” enquanto espaço gráfico, é um instrumento comum do aluno de colégio desde o século XIV. No *Ratio studiorum*, sistema de ensino jesuítico, ele é frequentemente designado pelo termo ‘livro branco’”. Essa expressão decerto se traduz pelo fato de o aluno receber o caderno com folhas em branco, que serão manuscritas por ele ao longo dos ensinamentos cotidianos proporcionados por seu(s) mestre(s).

O uso do caderno nas salas de aula como suporte didático e pedagógico ganhou fôlego no século XX, tornando-se um dos principais métodos e práticas aplicadas pelos professores no processo de ensino-aprendizagem e ocupando lugar de destaque na formação de crianças e adolescentes, visto que aprender supõe também ter a capacidade de registrar e compreender o cotidiano vivido durante as aulas. E Mignot (2010, p. 2) alerta, justamente, para as mudanças ocorridas nas últimas décadas envolvendo o caderno:

Ao longo do tempo, os cadernos escolares sofreram modificações em função da modernização do parque gráfico, do barateamento do custo do papel, da expansão da indústria caderneira e do aumento substantivo de estudantes nos bancos escolares. Deixaram de ser costurados e colados e passaram a ser grampeados ou espiralados. Desapareceram também das capas os nomes dos autores, as indicações para adoção e

a assinatura dos ilustradores que sinalizavam para a importância atribuída aos cadernos escolares, num momento no qual ainda tinham centralidade no processo ensino-aprendizagem. [...] Apesar de tantas mudanças, em tempos de escrita digital, nos cadernos escolares, os alunos ainda aprendem e exercitam a escrita imposta e regulada pela instituição escolar ou transgridem as normas instituídas.

Segundo Mignot (2010), o caderno se modifica ao longo do tempo, mas não perde a importância no processo de ensino-aprendizagem, no final, é por meio desse suporte do saber que os alunos “aprendem e exercitam a escrita imposta e regulada pela instituição escolar” (MIGNOT, 2010, p. 2). E, no tocante às Princesas, essa prática não ocorreu em instituições de ensino, mas na casa, ou seja, no ambiente domiciliar das meninas, e lá a escrita também poderia ser controlada e imposta pela preceptora, Condessa de Barral, pelos mestres e até mesmo pelo Imperador, como mestre e idealizador de todo o processo educacional de suas filhas, o que corrobora com as palavras de Montino (In PASSEGI, 2008, p. 115) ao afirmar, “as crianças são objetos de processos educativos e de formação decidida e dirigida pelos adultos”.

É importante realçar que na segunda década do século XXI, em pleno desenvolvimento tecnológico e digital, o caderno começou a perder espaço para o *laptop*, *tablet*, *ipad* e até mesmo para o celular com *android* e editor de textos. E, se antes os alunos apreciavam o ato de copiar textos escritos pelo professor no antigo quadro negro, hoje, muitos preferem fotografar por meio do celular o que é apontado pelo mestre no quadro branco ou até mesmo no *data show*. Assim, acredito que com o tempo o crescente desinteresse dos discentes pelo uso do caderno, levará à diminuição e até a extinção de seu uso nas classes.

Conforme exposto anteriormente por Viñao Frago (2008, p. 19) e verificado no Quadro 2, o caderno não é usado apenas com “fins escolares” ou de estudos/formação, ele igualmente pode assumir o propósito de um diário pessoal. Ele alerta que as autobiografias realizadas durante a infância, adolescência ou juventude costumam ter uma perspectiva “histórico-educativa”¹³⁸ e, em alguns casos, a instrução do autor se constitui no tema central de seu diário (VIÑAO FRAGO, 2000, p.11), o que tem despertado o interesse de pesquisadores de todas as áreas, mas principalmente os da História da Educação.

Os cadernos das Princesas corroboram a argumentação desenvolvida por Viñao Frago (2000), na medida em que o caderno-diário de número 4, pertencente à Isabel, escrito entre os

¹³⁸ O texto em língua estrangeira é: “*Las autobiografías y memorias de infancia, adolescencia y juventud específicas, propiamente tales, revisten, desde la perspectiva histórico-educativa, un mayor interés. Sobre todo cuando, como sucede en algunos casos, los temas educativos constituyen uno de los aspectos centrales de las mismas*”.

anos de 1856 e 1857, está impregnado do cotidiano educativo vivido por ela e pela irmã nos Paços Imperiais.

Para entender o conceito de diário, um artefato tão almejado pelas mulheres oitocentistas, recorri a alguns dos pesquisadores que têm se debruçado sobre esse documento da cultura material escrita. A definição apresentada por Foisil (2010, p. 334) para especificar os diários é de que eles são “escritos no dia a dia [...], baseiam-se num esquema simples, o da vida de cada dia em seu ritmo, seus mais prosaicos aspectos materiais, suas atividades mais comuns, registradas numa escritura elementar, em fórmulas que se repetem”. Para Cunha (2019, p. 101), são “confidentes fiéis, companheiros das horas de intimidade, [...] um instrumento eficaz de apropriação da palavra e criação de um discurso, constituindo-se, ao mesmo tempo, em modos de conhecer e de se fazer conhecer”. Segundo Vasconcelos (2015, p. 105), “excetuando-se os diários já impressos, a grande maioria dos egodocumentos¹³⁹ datados do século XIX e início do século XX, ainda está em seu estado original, manuscrito, sob a guarda de alguma instituição ou de uma coleção privada”, o que revela a raridade desse tipo de fonte. E esse é justamente o caso dos diários e cadernos das Princesas: contemplam uma coleção preservada no Arquivo Histórico do Museu Imperial.

Desde o final do século XX o uso do diário vem perdendo gradualmente sua relevância e centralidade na vida das meninas, moças e mulheres de uma forma geral. Acontece que por algum motivo elas diminuíram a constância ou realmente pararam de confidenciar suas vidas ao amigo diário. É possível que a mudança de comportamento dessas mulheres, esteja relacionada com o ritmo acelerado da vida atual, marcado pela tecnologia digital. E, se antes o diário guardava o silêncio da intimidade, hoje, para muitas e muitos, o antigo suporte de papel vem sendo substituído pelo *Facebook* e até mesmo pelo *WhatsApp*, aplicativos por meio dos quais é possível postar aquilo que seu autor ou usuário, considerou mais significativo expor em público, funcionalidade extremamente adversa dos diários manuscritos, antigos guardiões de segredos íntimos.

Por meio dos cadernos e diários expostos no Quadro 2, foi possível conhecer parte da instrução proporcionada às Princesas. Nos cadernos são abordados conteúdos de ensino voltados para as ciências e letras. Num primeiro momento, ao analisar as lições, o que chama a atenção é o ensino das mais variadas línguas.

¹³⁹ Egodocumento pode ser compreendido como escrita íntima em que o autor fala de si mesmo, podendo se apresentar por meio de diário, caderno de memória, carta, escritos trocados entre estudantes, autobiografia entre outros. Os egodocumentos marcam no tempo alguns eventos, dando-lhes determinada importância e transmitindo uma dimensão emocional destinada a entes queridos ou gerações futuras. Sobre o assunto ver: (CALLAC, 1994; FABRE, 1993; AMELANG, 2005; CASTILHO GÓMEZ, 2013).

Diante dos 24 cadernos da Princesa Isabel, me questionei quanto a existência dos cadernos da Princesa Leopoldina. Sabia que as duas haviam recebido a mesma educação. Após contato com o bisneto da Princesa Leopoldina D. Carlos Tasso e investigação nos demais arquivos por ele sugeridos, nada encontrei. A resposta viria algum tempo depois ao retornar ao Arquivo Histórico do Museu Imperial, no qual achei em gavetas da mapoteca horizontal, materiais de estudos das duas Princesas pertencentes tanto ao Arquivo Grão Pará quanto ao Arquivo Histórico do Museu Imperial catalogados no Quadro 3, abaixo.

Quadro 3 - Coleção de estudos das Princesas Isabel e Leopoldina: cadernos, exercícios, desenhos, boletins e folhas avulsas

Arquivo	Identificação	Autoria	Data/ Período	Número de Documentos
AGP	Exercícios de Ortografia	Princesa Isabel	1856-1863	52
AGP	Estudos de Ortografia Francesa e Portuguesa	Princesa Leopoldina	1856-1859	4
AGP	Estudos de Música	Princesas Isabel/ Princesa Leopoldina	1856-1857	4
AGP	Estudos de Estilo e Ortografia	Princesa Isabel/ Princesa Leopoldina	1857-1859	9
AGP	Caderno de Ditado em francês e folhas avulsas	Princesa Isabel	1857- 1860	4
AHMI	Desenho e Pintura	Princesa Isabel/ Princesa Leopoldina	1857-1867	53
AGP	Estudos de Álgebra	Princesa Isabel	1858	1
AGP	Caderno de História Santa	Princesa Isabel	1858-1863	4
AGP	Estudos de Geografia	Princesa Isabel	1858	1
AGP	Estudos de Desenho das Princesas	Princesa Isabel/ Princesa Leopoldina	1858-1860	11
AGP	Boletins com as notas e horários de estudos das Princesas-Indicações de Lições	Princesa Isabel	1858-1864	24
AGP	Caderno de Aritmética	Princesa Isabel	1859	2
AGP	Caderno de Gramática Portuguesa	Princesa Isabel	1859	2
AGP	Estudos de Gramática Francesa	Princesa Isabel	1860	4
AGP	Estudos de Literatura Portuguesa	Princesa Isabel	1862	2
AGP	Caderno de Química	Princesa Isabel	1863	10
AGP	Exercícios de Alemão	Princesa Isabel	1863	3
AGP	Estudos de Economia Política	Princesa Isabel	[1863]	2
AGP	Caderno de Filosofia	Princesa Isabel	[1863]	1
AGP	Estudos de Zoologia	Princesa Isabel	S/D	1
AGP	Caderno de Análise Lógica e folhas avulsas	Princesa Isabel	S/D	3
AGP	Caderno de Latim	Princesa Isabel	S/D	1
AGP	Caderno de Inglês	Princesa Isabel	S/D	1
AGP	Caderno de Teatro	Princesa Isabel	S/D	1
AGP	Caderno de Análise Gramatical em francês e ortografia	Princesa Isabel	S/D	6
AGP	Caderno de Análise Gramatical em francês	Princesa Isabel	S/D	2

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.¹⁴⁰

¹⁴⁰ A ortografia da escrita, presente nos documentos, foi atualizada no quadro para a língua portuguesa atual.

No Quadro 3, está listada a segunda amostra de cadernos elegidos como fontes privilegiadas nesta tese de doutoramento. Os materiais de estudos pertencem às duas Princesas, filhas do Imperador D. Pedro II. Grande parte dos documentos achados nos arquivos mencionados são por eles inventariados como “desenhos”, “cadernos”, “estudos”, “exercícios”, “boletins” ou até mesmo “folhas avulsas” das duas Princesas. Os cadernos exibem tamanhos que variam de 4,5 x 5,5 a 21 x 27,7. Alguns estão costurados, mas a maioria é formada por folhas dobradas e/ou avulsas.

É possível conjecturar que as folhas avulsas contendo desenhos, textos ou exercícios, e hoje conservadas em pastas temáticas, viessem a ser costuradas num “futuro passado”¹⁴¹, formando um único volume. Ou, talvez, o destino desses papéis fosse, apenas, o de permanecer como estão: soltos. Assim, considere as duas possibilidades, a de que alguns desses estudos possam estar soltos porque fazem parte do aprendizado das “primeiras letras”, conforme defendido por Castillo Gómez (2012) e Hebrárd (2001), que acontece principalmente quando o aluno ainda não tem total domínio gráfico da escrita para poder manusear um caderno; e também a de que outros, talvez a maioria, tenham sido produzidos para permanecerem exatamente como estão, soltos. De fato, jamais se saberá a finalidade exata que as Princesas, seus mestres, sua preceptora ou até mesmo seus pais pensaram para essas folhas. Sobre o assunto, Viñao Frago (2008) chama a atenção para o fato de que, muitas vezes, de acordo com o material encontrado pelo pesquisador durante a investigação, o termo caderno adquire um conceito mais amplo e inclui os exercícios e trabalhos realizados em folhas que supostamente seriam costuradas.

No trato com o acervo e diante da quantidade e heterogeneidade das fontes, a princípio, tive relativa dificuldade para separar organizar, identificar e classificar os cadernos designados. O obstáculo maior relaciona-se aos cadernos provenientes da mapoteca horizontal, na qual se encontram acomodados em gavetas e inventariados pelo arquivo como “desenhos” “cadernos”, “estudos”, “exercícios” e até mesmo “folhas avulsas”.

Nesta perspectiva, conforme informado anteriormente, estando as folhas avulsas/soltas ou costuradas, ambas serão conceituadas na pesquisa como cadernos de lições, visto que contêm ensinamentos teóricos disseminados por meio de desenhos, textos, redações e exercícios. Quanto aos cadernos da Princesa Isabel com anotações informais e cotidianas sobre o vivido e confidenciado por sua autora, serão identificados como cadernos-diários.

¹⁴¹ Conceito apresentado na obra: Koselleck, R. *Futuro Passado: contribuições à semântica dos tempos históricos*. RJ: Contraponto: Ed PUC-Rio, 2006.

Após análise e contagem das folhas avulsas, costuradas e manuscritas pelas Princesas, hoje acondicionadas entre prateleiras (cadernos apresentados no Quadro 2) e gavetas (cadernos e estudos listados no Quadro 3), cheguei ao quantitativo aproximado de 52 cadernos, sendo 2 cadernos-diários e 50 cadernos de lições. No Quadro 4, a seguir, encontram-se listados cerca de 39 cadernos selecionados para a pesquisa em pauta:

Quadro 4 - Cadernos de lições das Princesas selecionados para análise, contendo textos, desenhos e exercícios relativos a conteúdos ensinados pelos mestres

Unidade/ Arquivo	Identificação	Autoria	Data/Período
2 – AGP	Cadernos de Caligrafia e Ortografia em Língua Portuguesa	Princesa Isabel/ Princesa Leopoldina	1854-1863
1 – AGP	Caderno dos 1 ^{os} Conhec. em Língua Francesa e Gramática Portuguesa	Princesa Isabel	1856
2 – AGP	Cadernos de Música	Princesa Isabel/ Princesa Leopoldina	1856-1857
2 – AGP	Cadernos de Ortografia em Língua Francesa	Princesa Isabel/ Princesa Leopoldina	1856-1864
2 – AGP	Cadernos de Estilo e Ortografia Francesa	Princesa Isabel/ Princesa Leopoldina	1857-1859
1 – AGP	Caderno de Ditado da Língua Francesa	Princesa Isabel	1857-1860
2 – AHMI 2 – AGP	Cadernos de Desenho e Pintura	Princesa Isabel/ Princesa Leopoldina	1857-1864
1 – AGP	Caderno de História Santa	Princesa Isabel	1858-1863
1 – AGP	Caderno de Geografia	Princesa Isabel	1858
1 – AGP	Caderno de Gramática Portuguesa	Princesa Isabel	1859
2 – AGP	Cadernos de Língua Inglesa	Princesa Isabel	1859 S/D
2 – AGP	Cadernos de Gramática Francesa	Princesa Leopoldina/ Princesa Isabel	1860 1863
1 – AGP	Caderno com Exercícios de Ortografia Portuguesa e Alemã	Princesa Isabel	1862-1864
1 – AGP	Caderno de Literatura Portuguesa	Princesa Isabel	[1862]
3 – AGP	Cadernos de Latim	Princesa Isabel	1862-1864 S/D S/D
1 – AGP	Caderno de Economia Política	Princesa Isabel	[1863]
1 – AGP	Cadernos de Língua Italiana	Princesa Isabel	[1863]
1 – AGP	Caderno de História do Consulado e Império	Princesa Isabel	1863
2 – AGP	Cadernos de Teatro	Princesa Isabel	[1863] S/D
2 – AGP	Cadernos de História de Portugal	Princesa Isabel	1862-1863 1862-1863
1 – AGP	Caderno de Língua Francesa	Princesa Isabel	S/D
2 – AGP	Cadernos de Ditado em Língua Portuguesa	Princesa Isabel	S/D
1 – AGP	Caderno de Língua Grega	Princesa Isabel	S/D
1 – AGP	Caderno de Mitologia	Princesa Isabel	S/D
1 – AGP	Caderno de Análise Gramatical em Língua Francesa	Princesa Isabel	S/D

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.¹⁴²

¹⁴² A ortografia da escrita, presente no documento, foi atualizada no quadro para a língua portuguesa atual.

É importante lembrar que o presente estudo focaliza os saberes voltados para línguas, literatura, história sagrada, artes, história, geografia e economia política, conhecimentos que integram as *Humanidades* e são predominantes no currículo educacional oferecido às Princesas Isabel e Leopoldina. Logo, os cadernos listados no Quadro 4 são compreendidos como fontes principais analisadas nessa tese de doutoramento, quase todos inéditos, contendo informações ainda não conhecidas sobre a educação das filhas de D. Pedro II e D. Teresa Cristina.

Grande parte dos cadernos apresentados está catalogado e organizado pelo arquivo no qual encontram-se armazenados. Contudo, para aplicar o conceito de cadernos de lições, foi necessário reorganizar os materiais de estudo, principalmente folhas avulsas e manuscritas das Princesas, para, então, compreender a essência dos documentos. Adotei, inicialmente, o método de separar e de identificar a quem pertencia cada um deles, a partir da assinatura de suas autoras.

A pesquisa em pauta tem como foco a educação formal das Princesas que aconteceu entre os anos de 1850 a 1864, portanto, essa é a delimitação temporal do estudo. A metodologia que melhor identifica este trabalho é afeita a uma pesquisa qualitativa e histórico-documental, que toma como fontes principais os cadernos das Princesas Isabel e da Princesa Leopoldina, pertencentes ao acervo do Arquivo Grão Pará (AGP) e do Arquivo Histórico do Museu Imperial (AHMI). Os cadernos que compõem o Quadro 4 compreendem o período de 1854 a 1864, embora alguns não tenham sido datados e possam ter sido escritos após a educação formal das Princesas.

Ao separar os cadernos a serem investigados, percebi que muitos não estavam organizados de acordo com suas autorias. Exemplo disso é o caderno de lições de caligrafia da Princesa Isabel que estava misturado ao caderno de estilo e ortografia da Princesa Leopoldina. Constatei ainda, a existência de cadernos dispersos e não visíveis, fato ocorrido com o caderno de teatro, que se encontrava dentro do caderno de ortografia. A partir de então, resolvi separá-los de acordo com autoria, matéria e data.

Durante a organização das fontes voltei-me para as palavras de Certeau (2007, p. 81),

Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira. Essa nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em produzir tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e seu estatuto. Este gesto consiste em ‘isolar’ um corpo, como se faz em física, em ‘desfigurar’ as coisas para constituir-las com peças que preencham lacunas de um conjunto, proposto a priori. Ele forma a ‘coleção’.

Seguindo os passos de Certeau (2007), iniciei a análise dos aspectos intrínsecos e extrínsecos dos cadernos de lições, realizada de acordo com o objetivo da pesquisa: analisar o que estudavam as Princesas Isabel e Leopoldina, no intuito de compreender como se dava a educação para o governo da nação, uma vez que, na falta do pai Imperador, Isabel como primeira na linha sucessória, precisava estar apta a assumir o comando do país, assim como Leopoldina na ausência da irmã.

Ao longo da pesquisa, as fontes não foram tomadas como “verdades absolutas”, até porque não são neutras. O fato de ter havido, por parte dos detentores do arquivo, uma prévia seleção do que seria descartado, conservado e disponibilizado já afasta a possibilidade de imparcialidade e/ou neutralidade das fontes. Logo, é possível conjecturar o porquê da ausência de grande parte dos cadernos da Princesa Leopoldina em relação aos da Princesa Isabel, produzidos em igual período. Quando finda a educação das herdeiras do Trono, ambas são desposadas, e Leopoldina, a filha caçula do Imperador, passa a se dedicar exclusivamente aos filhos e ao marido, e acaba por se despedir da vida muito cedo, mais precisamente aos 23 anos de idade. Quanto à Isabel, esta também se entrega aos afazeres domésticos, filhos e marido, mas, como primeira na linha sucessória, se divide entre o lar e a regência política do Brasil por, pelo menos, três anos e meio de sua vida, que é longa e cheia de expectativas quanto ao Terceiro Reinado a ser trilhado por ela. Fato que pode justificar a necessidade de exaltação de sua memória a partir de seus escritos muito bem resguardados.

Para Vinícius Santos (2017, p. 50), a leitura dos documentos se “configura como um processo que envolve uma postura de percepção da historicidade do próprio texto, o que implica observar a relação das fontes históricas com questões políticas, ideológicas, culturais, econômicas e sociais”. O autor corrobora Reis e Gomes (1998, p.10) que afirmam: “o mais sensato é cumprir o bê-á-bá do historiador, lendo criticamente os documentos, identificando as circunstâncias e as intenções dos escribas, o que esconde nas entrelinhas, explorando pequenos indícios, tentando mesmo ouvir os silêncios”.

É importante salientar que os cadernos investigados nesse estudo nem sempre foram utilizados por completo, por vezes, apenas um fragmento ou outro, e, em alguns casos, apenas seus aspectos extrínsecos foram considerados.

1.6 Para além dos cadernos...

Para a escrita da tese, além dos cadernos de lições, foi necessário o cruzamento com outras fontes. Destaco especialmente: os livros da Família Imperial; o documento intitulado

Atribuições da Aia; o diário de infância de Isabel; os boletins das duas meninas; a iconografia e as cartas trocadas entre as Princesas seus pais, familiares e mestres entre os anos de 1854 e 1864; o *Livro de Assentamento dos Mestres de Sua Majestade o Imperador e Sereníssimas Senhoras Princezas, Folhas dos Vencimentos dos Mestres da Imperial Família; Livro de Pagamentos dos Servidores da Casa Imperial* e a Legislação Imperial.

Ao iniciar a análise dos cadernos, considerei a possibilidade de que os escritos tenham se originado do caderno de planejamento de alguns dos mestres contratados, mas a informação não pôde ser confirmada, já que o único material de trabalho dos professores que se aproxima de um plano de aula são os “Indicativos das Lições” do mestre Valdetaro, o que poderá ser conferido no Capítulo 3. Também constatei que a maioria dos conteúdos registrados nos documentos de estudos das Princesas são oriundos de livros nacionais e internacionais. Então, solicitei à Biblioteca do Museu Imperial livros de membros da Família Imperial¹⁴³ mais próximos às filhas do soberano com o objetivo de verificar se alguns dos textos e exercícios presentes nos cadernos das duas meninas são originários dessas obras, um acervo que antes compunha a biblioteca particular de D. Pedro II e da Princesa Isabel e que hoje encontra-se pulverizado e depositado em casas de guarda.

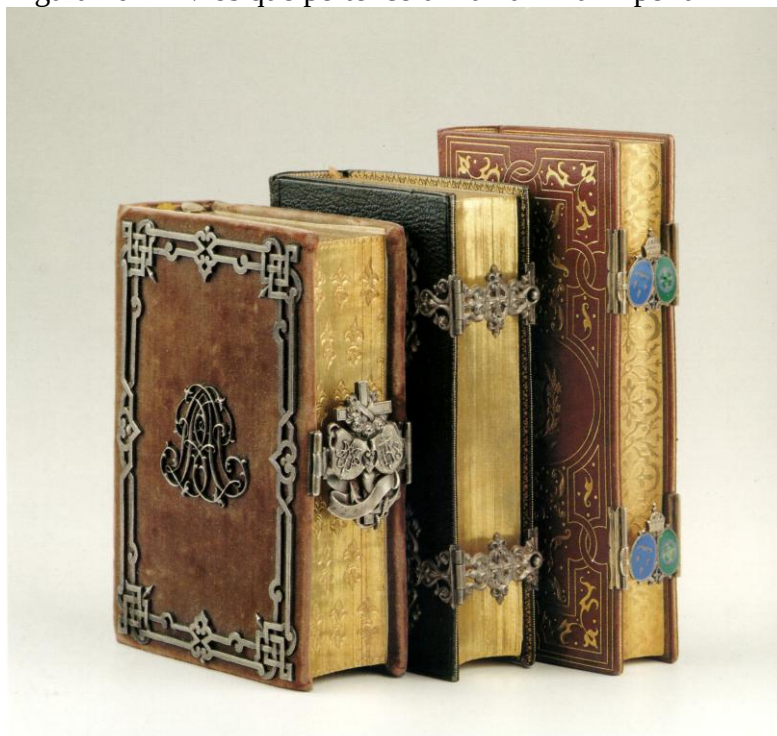
Na Biblioteca do Museu Imperial, foram selecionados aproximadamente 60 livros pertencentes à D. Pedro II, D. Teresa Cristina, Princesa Isabel e Conde D’Eu (Apêndice A), mas não representam a totalidade dos livros da Família Imperial. Há outros preservados, mas sem a identificação de seu proprietário, apenas a menção de que fazia parte da coleção de livros do soberano e/ou de membros de sua família. A maioria está em língua portuguesa, mas há, também, em francesa, italiana, inglesa e latim. Tudo indica que durante os estudos, as Princesas tiveram contato com obras provenientes da biblioteca de seus pais, daí a importância de investigar e contrastar os conteúdos dos cadernos com os dos livros dos Imperadores do Brasil. Além disso, consultei os os livros do Conde D’Eu, pelo fato de haver indícios de que, após o término da instrução formal, Isabel tenha doado e/ou emprestado seu acervo bibliográfico ao marido, para que aprendesse a língua e a história do país do qual passou a fazer parte pelo matrimônio contraído. Não foram encontrados livros da Princesa

¹⁴³ Os livros que pertenceram a membros da Família Imperial e que hoje compõem o acervo da Biblioteca do Museu Imperial foram adquiridos por compra ou doação. No período após o banimento, a coleção de livros da Família Imperial do Brasil era composta por aproximadamente 31.670 livros em vários idiomas. No ano de 1891, ao ser consultado no exílio sobre o destino dessas obras, D. Pedro II pediu que sua biblioteca fosse dividida entre o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e a Biblioteca Nacional (FBN) com o nome da Imperatriz Teresa Cristina. No entanto, a divisão ficou da seguinte forma: 24.270 foram para a Biblioteca Nacional, 7.048 para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e 352 para a Biblioteca do Museu Nacional (CUNHA, 1966 apud DANTAS, 2007).

Leopoldina, nem de seu marido, o Duque de Saxe-Coburgo-Gotha¹⁴⁴, então, trabalhei com a perspectiva de que as irmãs estudaram as mesmas obras e autores, visto terem recebido a mesma educação.

Diante da coleção de livros, selecionei apenas aqueles que tratassem de temas relacionados às matérias abordadas nos cadernos das Princesas e priorizei a análise dos que tivessem sido usados por elas e logicamente publicados até o ano de 1864, quando finda a educação formal das herdeiras do Trono. Dentre os trabalhos consultados destacam-se dois livros depositados, no ano 2018, na Biblioteca do Museu Imperial e catalogados na lista de “obras raras”. Abaixo encontra-se a Figura 10 que traz livros que pertenceram a alguns dos membros da Família Imperial, e hoje fazem parte do acervo da Biblioteca do Museu Imperial na cidade de Petrópolis:

Figura 10 - Livros que pertenceram à Família Imperial



Fonte: Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/ nº02/2020.¹⁴⁵

O doador adquiriu os livros de um amigo livreiro numa feira em Portugal, na década de 1970 do século XX. Na ocasião da compra, foi informado de que as obras eram originárias do *Castelo D'Eu* na França e que os livros haviam pertencido à Princesa brasileira Isabel

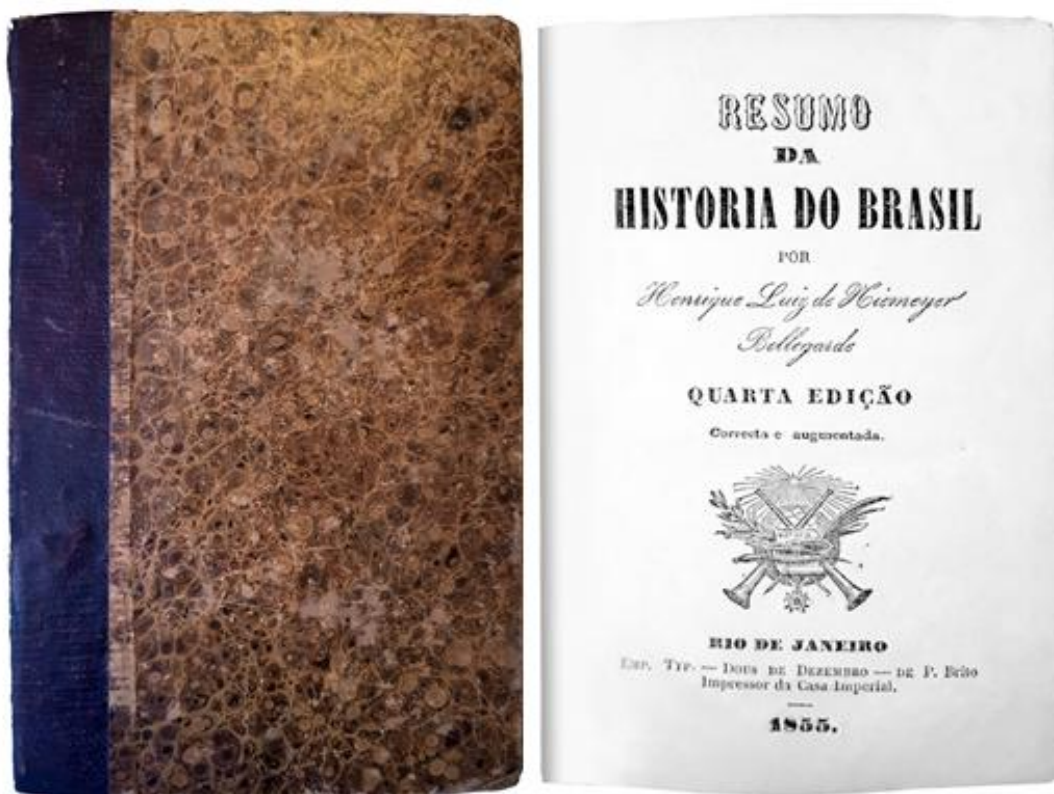
¹⁴⁴ Príncipe Luís Augusto Maria Eudes, Duque de Saxe-Coburgo-Gotha, marido da Princesa Leopoldina a partir de 15 de dezembro de 1864.

¹⁴⁵ Os livros que compõem a Figura 10 são: *Livre d'heures complet en latin et en français: A l'usage de Paris et des diocèses qui suivent le rit parisien*, 1838. *Imitation de Jésus-Christ*. Traduction du R. P. de Gonnellieu de la Compagnie de Jésus avec une pratique et une prière a la fin de chaque chapitre. 1853; *Paroissien*: elzevir; Rite Romain. 1870 - Museu Imperial /Ibram/Ministério do Turismo.

Christina de Bragança conforme monograma da Coroa Imperial expresso em uma de suas páginas. Ele esteve em poder dos livros por aproximadamente cinquenta anos, e diante de tal “preciosidade”, afirmou sentir a necessidade de doá-los a uma instituição que os recebesse, conservasse e disponibilizasse ao público. Dessa forma, viajou até a cidade de Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro, com o objetivo de realizar a doação pessoalmente.

Até o início do ano de 2019, as obras recém-chegadas à Biblioteca do Museu Imperial haviam se ausentando do local somente para o *Setor de Conservação* e não constava em sua ficha de registro empréstimos ou consultas concedidas a pesquisadores. O primeiro livro selecionado intitula-se: *Resumo da Historia do Brasil* (1855)¹⁴⁶, e pode ser conhecido por meio da Figura 11, a seguir:

Figura 11 - Livro *Resumo da História do Brasil* -1855



Fonte: Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/nº34/2019.¹⁴⁷

A partir da Figura 11, é possível conhecer a capa e a folha de rosto de *Resumo da História do Brasil* de autoria de Henrique Luís de Niemeyer Bellegarde (1855), cuja obra apresenta-se em brochura, com 296 páginas e 16 centímetros. O exemplar contém a assinatura

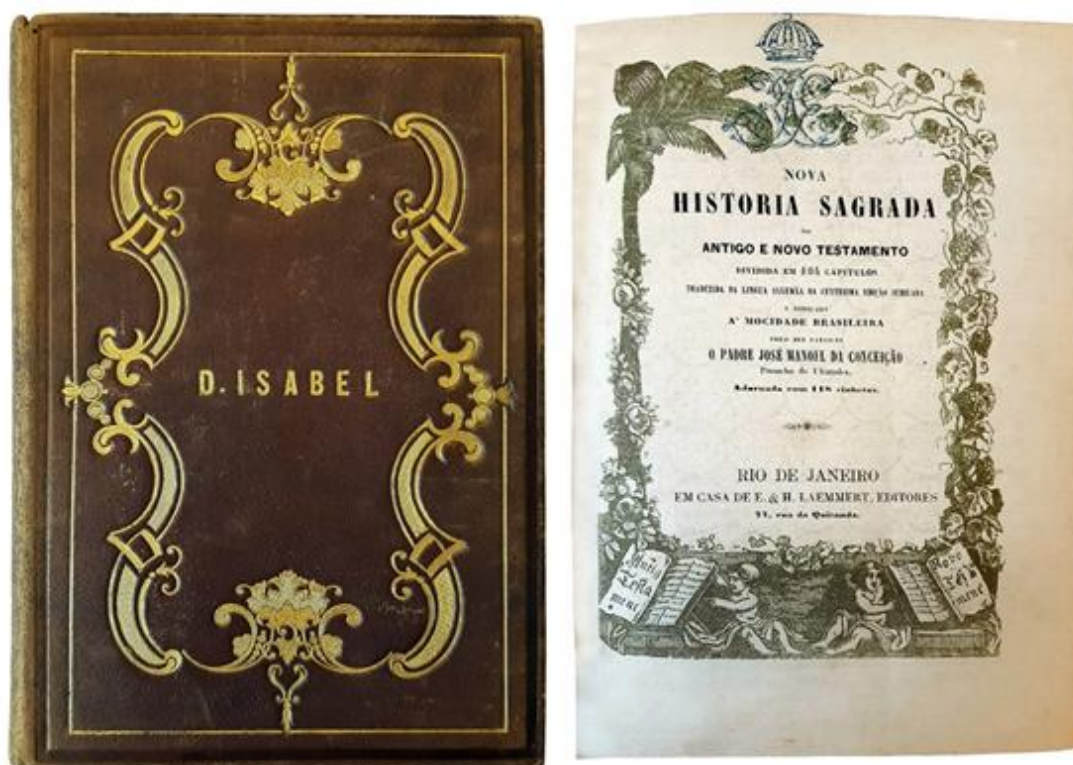
¹⁴⁶ BELLEGARDE, Henrique Luís de Niemeyer. *Resumo da historia do Brasil*. 4.ed.corr.aum. Rio de Janeiro: Emp. Typ. Dous de Dezembro de P. Brito, 1855. 296 p., 16 cm.

¹⁴⁷ A Figura 11 é composta por imagens da capa e folha de rosto do livro *Resumo da historia do Brasil* que pertence ao acervo do Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.

de sua proprietária: “Isabel Christina”, que o datou em “2/7/1859”, provavelmente o dia em que o recebeu. No livro, há o monograma da Princesa Isabel e na contra capa o selo do estabelecimento onde foi adquirido: “Agra e Irmão – Mercadores de Papel”, mesmo estabelecimento no qual costumavam ser comprados os cadernos das duas meninas.

O título do segundo trabalho selecionado é *Nova História Sagrada do Antigo e Novo Testamento dividida em 104 capítulos narrando em resumo e por ordem chronologica os sucessos mais notáveis desde a criação do mundo até a propagação do evangelho pelos apóstolos* (1857)¹⁴⁸, também de propriedade da filha mais velha de D. Pedro II, o qual pode ser apreciado por meio da Figura 12:

Figura 12- Livro Nova História Sagrada - 1857



Fonte: Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/nº34/2019 -2019¹⁴⁹

A Figura 12 mostra a centésima edição jubilada de *Nova História Sagrada do Antigo e Novo Testamento* [...] de origem alemã, cujo texto foi traduzido pelo padre José Manoel da Conceição, pároco de Ubatuba, no ano de 1857. A obra encadernada em couro e detalhes dourados, contém a inscrição “D. Isabel” ao centro, e é constituída por 242 páginas com 17,5 centímetros e 118 vinhetas e na folha de rosto está o monograma da Princesa Isabel. O

¹⁴⁸ CONCEIÇÃO, José Manoel da. *Nova historia sagrada do antigo e novo testamento* [...] Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1857. 242p., il., 17,5 cm.

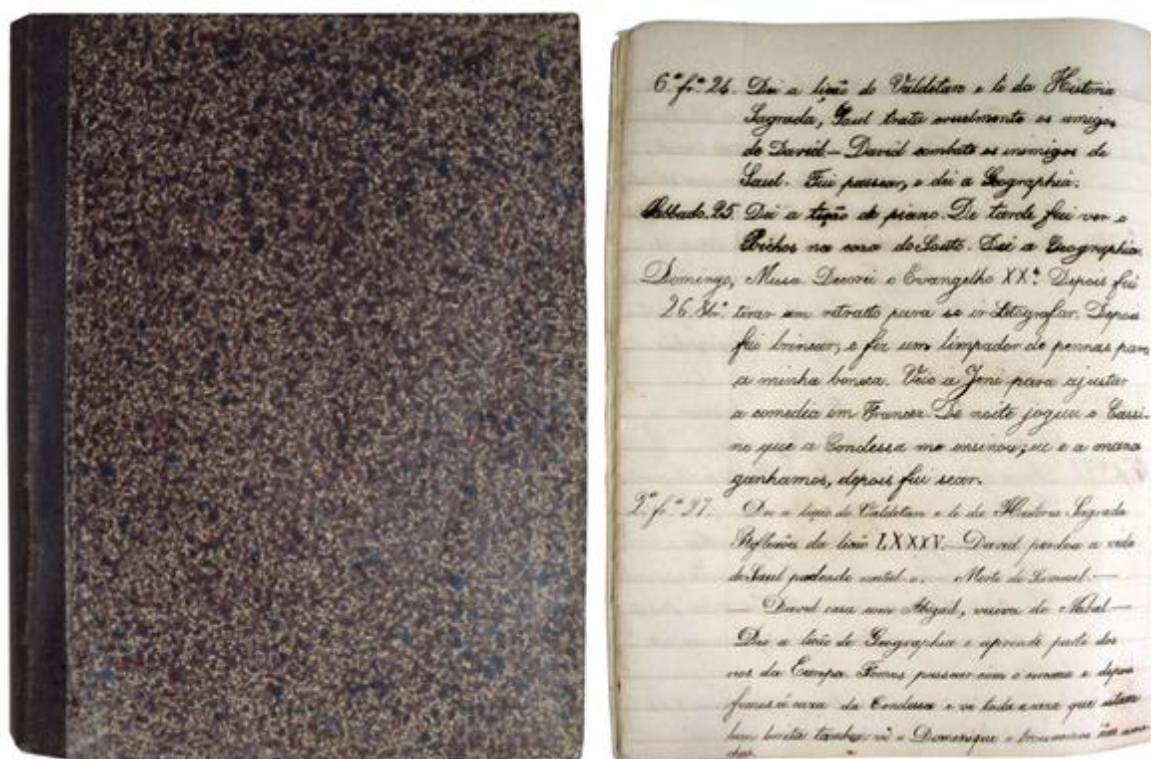
¹⁴⁹ A Figura 12 é composta por imagens da capa e folha de rosto do livro *Nova historia sagrada do antigo e novo testamento* que pertence ao acervo do Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.

exemplar foi produzido na tipografia “Eduardo e Henrique Laemert”, localizada à Rua da Quitanda, 77, Rio de Janeiro, também na capital do Império do Brasil.

História e história sagrada são conteúdos abordados nos cadernos da Princesa Isabel e, inclusive, as lições de história sagrada são muito comentadas no caderno-diário da filha mais velha de D. Pedro II.

Catalogado junto aos cadernos de lições das Princesas, o caderno-diário de Isabel (AGP) foi escrito entre os anos de 1856 e 1857, quando a menina contava 10 anos de idade. Nesse manuscrito, a Princesa narra os acontecimentos do cotidiano por ela vivenciado e elegidos como dignos de serem registrados. O fato de ter o dia marcado por atividades educativas colaborou para que o diário contivesse predominantemente anotações sobre as lições ensinadas pelos mestres.

Figura 13 - Caderno-diário da Princesa Isabel -1856 - 1857



Fonte: Arquivo Grão Pará.¹⁵⁰

Na página do caderno-diário (Figura 13) Isabel escreve com detalhes os ensinamentos de história sagrada relativos ao período de 24 a 27 de outubro de 1856. É importante destacar que, diferentemente dos cadernos-diários, os cadernos de lições das Princesas nem sempre

¹⁵⁰ A Figura 13 é composta por imagens da capa e de uma das páginas do caderno-diário da Princesa Isabel, documento que pertence ao acervo do Arquivo Grão Pará.

possuem datas, desse modo, o cruzamento entre as duas fontes possibilita acesso aos conteúdos ensinados em dias específicos do ano.

Assim como o caderno-diário de Isabel, a correspondência das duas Princesas depositadas no Arquivo Grão Pará, também retrata o cotidiano das lições das duas meninas e auxilia na compreensão da dimensão da formação recebida pelas herdeiras do Trono. É por meio das cartas que se tem noção das orientações de D. Pedro II sobre o modo como a preceptora deveria organizar o roteiro educativo diário das meninas; da forma como os conteúdos precisariam ser ministrados; das avaliações realizadas; das notas recebidas e, principalmente, das impressões das estudantes sobre os ensinamentos por elas vivenciados. Num universo de mais de cinco mil cartas foram selecionadas em torno de trezentos e cinquenta¹⁵¹, que referem-se a educação das Princesas. Duas podem ser conhecidas a seguir:

Figura 14 - Cartas das Princesas ao pai - 1858/1861



Fonte: Arquivo Grão Pará.¹⁵²

¹⁵¹ A utilização de cartas como fontes será complementar, pois não se trata do objeto desta tese.

¹⁵² A Figura 14 é composta por imagem da carta da Princesa Leopoldina (XLVIII -1- AGP), e imagem da carta da Princesa Isabel (AGP - XLI-3), ambas pertencem ao acervo do Arquivo Grão Pará. XLVIII -1- AGP - Carta da Princesa Leopoldina a D. Pedro II. São Cristóvão 2 de dezembro de 1858. Arquivo Grão Pará. O original da carta da Princesa Leopoldina encontra-se em língua francesa e foi traduzido por Thais Martins Lepeteur. Transcrição da tradução: “São Cristóvão 2 de dezembro de 1858. Meu Caro Papai, Eu aproveito o dia do seu nascimento para exprimir todos os meus votos para a sua felicidade. Eu peço a Deus que conserve

O problema central desta tese consiste em investigar, a partir dos cadernos de lições das duas meninas, quais eram os conteúdos de ensino da área de *Humanidades* que D. Pedro II entendia como necessários à formação das herdeiras do Trono brasileiro, realizada nos Paços Imperiais de São Cristóvão e de Petrópolis, entre os anos de 1850 e 1864. Nessa lógica, além dos cadernos, livros e cartas apontados anteriormente, os boletins das duas Princesas (AGP) escolhidos como fontes, tornaram-se fundamentais para elucidar qualitativamente os conteúdos ministrados e dimensionar quantitativamente as notas obtidas e a recepção dos diferentes saberes por parte das duas meninas.

Uma outra fonte de grande relevância é o documento *Atribuições da Aia* (Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo), o qual sinaliza como o Imperador idealiza a formação de suas filhas, ao delegar poderes à preceptora não somente para educar, mas para coordenar as atividades instrutivas realizadas pelos mestres.

O quadro de professores responsáveis pela educação das Princesas constante no Capítulo 2, desse estudo, é constituído, principalmente, a partir de documentos oficiais como: *Livro de Pagamentos dos Servidores da Casa Imperial* (AGP), *Livro de Assentamento dos Mestres de Sua Majestade o Imperador e Sereníssimas Senhoras Princezas*, *Folhas dos Vencimentos dos Mestres da Imperial Família* depositados no Arquivo Nacional (AN), na cidade do Rio de Janeiro.

Dentre as fontes citadas, destaca-se ainda, a iconografia que é interpretada, no estudo, de acordo com conceitos apreendidos das seguintes obras: *História e imagens* de autoria de Eduardo Paiva (2006) e *Testemunha ocular: história e imagem* de Peter Burke (2004). São analisadas, pinturas, desenhos, aquarelas, fotografias, litografias, figuras e demais imagens.

De acordo com Paiva (2006, p. 17), a iconografia é uma fonte histórica das mais ricas, traz embutida as escolhas do produtor e todo o contexto no qual foi concebida, idealizada, forjada ou inventada. Para o autor, a imagem se configura como uma fonte, e precisa ser explorada com muita cautela para que os pesquisadores e historiadores não caiam em “armadilhas metodológicas” ao acreditar que, pelo fato delas retratarem uma época, um

para mim por longo tempo um pai tão bom, que cuida tanto de minha educação, e eu espero através de minha aplicação poder um dia lhe provar meu reconhecimento. Essa carta é uma pequena amostra do meu estilo em francês mas eu confesso francamente que ela foi corrigida. Sua respeitosa e afetuosa filha, Leopoldina Teresa”.

AGP - XLI-3 - Carta da Princesa Isabel a D. Pedro II. Sem Local, 27 de março de 1861. Arquivo Grão Pará. Transcrição: “27 de março de 1861. 6 ¼. Meu querido Papae, Recebi as participações telegraphicas e talvez amanhã irão os figos para Papae e Mamãe. Eu lhe mando as minhas notas. Eu lhe escrevo agora porque logo indo às Trevas às 7 horas e tendo que estudar a minha lição talvez que não tivesse bastante tempo. A figura já está feita e muito bem feita. Papae há de a mostrar muito bem, porque tudo está bem legível. Adeus meu querido Papae aceite um abraço e um beijo bem grande d’esta Sua filha do coração. I. C. Todos lhe beijão a mão”.

acontecimento, um determinado costume, possam ser tomados como verdades históricas (PAIVA, 2006, p. 17). Com esse procedimento, ele leva o pesquisador a questionar sua própria prática metodológica e faz uma reflexão na qual destaca alguns pontos pertinentes ao ofício do historiador no trato com as fontes iconográficas, que pode ser conferido no trecho abaixo:

A imagem não é o retrato de uma verdade, nem a representação fiel de eventos ou de objetos históricos, assim como teriam acontecido ou assim como teriam sido. Isso é irreal e muito pretensioso. A História e os diversos registros históricos são sempre resultados de escolhas, seleções e olhares de seus produtores e dos demais agentes que influenciaram essa produção. Esses registros também são vistos e compreendidos de maneiras diferentes pelos historiadores, pelos professores de História, por alunos, e por observadores em geral, muitos anos depois. Isso significa que as fontes nunca são completas, nem as versões historiográficas são definitivas. São, ao contrário, sempre lidas diversamente em cada época [...]. Por isso, as fontes também são construídas pelos historiadores, da mesma forma que ocorre quando são escritas as versões da história (PAIVA, 2006, p. 19 - 20).

A partir do acervo iconográfico, são interpretadas as “figurações da memória”, conceituadas como “aquelas que trazemos conosco, em nosso cotidiano, muitas vezes sem percebermos, e que nem sempre têm uma representação plástica e invariável” (PAIVA, 2006, p.14). São realçadas as representações que permearam os pensamentos das Princesas durante o processo de construção de futuras soberanas. O leitor verificará que as “figurações da memória”, em alguns momentos, se tornam materializadas, explícitas e facilmente identificáveis em trechos dos cadernos de Isabel e Leopoldina, contudo, em outros instantes, tornam-se implícitas e, para alcançá-las, é preciso transpor o imaginário expresso nas entrelinhas e muito além das escritas. Nesse sentido, a iconografia é contemplada no trabalho como:

[...] fonte que contribui, também, para o melhor entendimento das formas por meio das quais, no passado, as pessoas representaram sua história e historicidade e se apropriaram da memória cultivada individual e coletivamente. Essa fonte nos possibilita ainda, por meio de outros valores, interesses, problemas, técnicas e olhares, compreender, enfim, essas, construções históricas. Refiro-me às representações iconográficas, às imagens construídas historicamente que, associadas a outros registros, informações, usos e interpretações, se transformaram, em um determinado momento em verdadeiras ‘certidões visuais’ do acontecido, do passado. Essas imagens são, geralmente e não necessariamente de maneira explícita, plenas de representações do vivenciado e do visto e, também, do sentido, do imaginado, do sonhado, do projetado. São, portanto, representações que se produzem nas e sobre as variadas dimensões da vida no tempo e no espaço (PAIVA, 2006, p. 13-14).

Burke chama a atenção para a crítica e a problematização da fonte iconográfica. Segundo o autor, as imagens são visões contemporâneas do mundo sobre o qual se deseja adentrar, portanto, precisam estar inseridas em seu contexto histórico, de forma que o historiador possa “ler e observar cada detalhe” (BURKE, 2004, p. 236-238). Nessa perspectiva, as imagens são compreendidas como ilustrações de “evidências históricas” que

registram atos de “testemunho ocular”. Ainda que se acredite estar tudo dito e explicado textualmente, as imagens sempre têm algo a acrescentar, elas são discursos e ampliam o olhar do pesquisador, visto que, este, passa a ter acesso a aspectos do passado que outras fontes não alcançam, como na gravura exibida por intermédio da Figura 15 abaixo:

Figura 15 - A Augusta Família Imperial do Brasil - 1860



Fonte: Acervo da Pinacoteca do Estado de S.P- Brasil.

Na imagem acima, os Imperadores do Brasil e suas filhas encontram-se, aparentemente, na *Biblioteca do Palácio* ou no *Gabinete do Imperador*, espaços do conhecimento preferidos pelo soberano. E é possível supor que D. Pedro II estivesse ministrando algumas das lições, ação que se repetiu por inúmeras vezes, afinal, ele não só orientava e supervisionava os estudos das filhas como também as educava pessoalmente na casa.

A Figura 15 é uma litografia sobre *chine collé* de Sebastien Auguste Sisson e tem sua origem na fotografia de Victor Frond. A iconografia é composta pela Família Imperial representada em uma cena doméstica dentro de uma sala de estudos. Ao centro e em primeiro

plano, da esquerda para direita: Princesa Isabel, D. Pedro II, Princesa Leopoldina e D. Teresa Cristina. A Princesa Leopoldina encontra-se em pé, enquanto os demais estão sentados. Todos têm na mão um livro, um caderno ou uma prancha para desenho. À esquerda ao fundo, sobre um pedestal de mármore, o busto de D. Pedro I. Ao centro um mapa do mundo e à direita uma estante com vários livros. A sua frente uma mesa com um globo terrestre e uma cadeira.

No espaço do conhecimento evocado pela iconografia, visualiza-se cadernos, livros, folhas soltas e todo um aparato instrucional usado durante as lições, compreendidos nessa pesquisa como vestígios e fontes de uma educação para o governo da nação. Certamente, essa era a imagem que D. Pedro II desejava passar à posteridade: a do governante que consolidou o Império do Brasil e que preferia os livros às festas; a de homem das ciências, das artes e das letras e porque não dizer, monarca educador e pai/mestre das Princesas, que por tantas vezes se colocou à disposição das filhas para ensinar ou assistir as lições a elas ministradas nos Paços de São Cristóvão e de Petrópolis como se pode inferir no Capítulo 2 a seguir.

2 MESTRES DAS LIÇÕES: A EDUCAÇÃO DE UMA INFÂNCIA IMPERIAL NOS PAÇOS DE SÃO CRISTÓVÃO E DE PETRÓPOLIS

Figura 16 - Princesa Isabel e Princesa Leopoldina com livros - 1861



Fonte:¹⁵³ (DO LAGO, P. C. *et al*, 2013).

A nobreza feminina do século XIX tinha três vertentes de Princesas. A primeira formada por Princesas consortes, mulheres destinadas a casar com outros nobres que não teriam cargo de governo. Essas Princesas viviam de rendas pagas pelos súditos e eram educadas sob rituais monárquicos, sempre acompanhando seus maridos. Sua vida era limitada às convenções sociais de uma Corte cadenciada por rituais aristocráticos e nobres: acordar, almoçar, receber, visitar, passear, jantar, tocar, cantar, dançar, jogar e viajar.

A segunda vertente de Princesas era composta por mulheres que teriam uma outra atuação, eram aquelas que se casavam com os governantes e que iriam se tornar de alguma forma, Rainhas, e numa amplitude maior, Imperatrizes. Uma terceira vertente é a de Princesas herdeiras de um Reino ou de um Império por nascimento. Essas tinham extremas

¹⁵³ A Figura 16 é composta por fotografias da Princesa Isabel e da Princesa Leopoldina publicadas na obra: (DO LAGO, P. C. *et al*, 2013, p. 36). A partir dessas imagens conseguimos adentrar no cotidiano das lições das Princesas. Tratam-se de dois “retratos” do ano de 1861 efetuados por Klumb, mestre de fotografia de Isabel e sua irmã. O professor-fotógrafo registra o interior do Paço de São Cristóvão, no qual as meninas aparecem produzidas para a imagem que desejavam passar para a posteridade: à esquerda, Isabel com seus 15 anos de idade, e a direita, Leopoldina com 14 anos, cada Princesa em seu espaço, trajando vestido imponente, longo, escuro e bordado, mostrando-se compenetrada ao objeto que carrega, um livro.

responsabilidades, porque já possuíam o destino traçado: ser Rainha ou Imperatriz do seu próprio país. Daí a importância da educação dessas Princesas que possuíam um Reino para governar e deviam, ao menos, estar instruídas para administrá-lo no tempo oportuno. Isso é o que se espera daquelas (es) que estão predestinadas (os) a liderar seu povo, já dizia Martinho Lutero [1483-1546] (1995, p. 318), no período quinhentista, auge do sistema monárquico absolutista europeu: “sabemos, ou deveríamos saber, o quanto é necessário e útil e o quanto agrada a Deus quando um príncipe, senhor, conselheiro ou outra pessoa que deve governar é instruída...”. De forma semelhante, pensava D. Pedro II [1825-1891] no oitocentos, conforme carta direcionada à Princesa Isabel: “*as ciências naturaes são o alimento mais delicado da intelligencia, e os Principes devem pelo menos saber honrar os que se avantajão ao estudo d’ellas*”.¹⁵⁴

Embora D. Pedro II tenha mencionado a relevância das ciências na vida de um Príncipe, terá ele, juntamente com a preceptora Condessa de Barral formado as Princesas imaginando situações que as pusessem a frente de decisões importantes a serem tomadas? Terá tido ele noção da importância dessa formação? Terá ele preparado as filhas inspirado em algumas das mulheres governantes no oitocentos, como a irmã Maria II de Portugal (1826-28/1834-53), e a prima Vitória da Inglaterra (1837-1901)? Ao se comprometer em propiciar às filhas uma “educação de homem”, teria D. Pedro II pensado em uma formação iluminista, como a de seu Tio Bisavô Ferdinando, o Duque de Parma (1765 - 1802)? Ou será que pensou em sua própria formação como exemplo de governante? Nesse estudo, não tenho por objetivo abordar a vida política das Princesas Isabel e Leopoldina, mas mostrar o que estudavam duas mulheres predestinadas ao governo da nação.

Esse capítulo aborda as especificidades do processo de “fabricação”/formação de futura soberana na Sociedade de Corte. O texto instiga o leitor a conhecer as circunstâncias nas quais as duas meninas tornaram-se Princesas herdeiras ao Trono do Brasil. Em seguida, são apresentados seus mestres, aias e damas, homens e mulheres detentores de uma nobre missão. E, a partir de manuscritos como o caderno-diário de Isabel e das cartas das duas filhas de D. Pedro II, o leitor é convidado a “caminhar” pelas salas, corredores e jardins dos Paços de São Cristóvão e de Petrópolis e apropriar-se dos espaços do conhecimento daquelas que, um dia, estiveram destinadas a conduzir o futuro de seu país. Logo, as Princesas são vistas como alunas estudando cotidianamente com os mestres das lições, a fim de construírem da pena ao papel, a educação de uma infância Imperial.

¹⁵⁴ AGP -XXXIX -1 - Carta de D. Pedro II à Princesa Isabel. Sem local, 17 de janeiro de 1862.

2.1 Tornando-se herdeiras de uma nação: a busca por uma preceptora à altura

Senhor Macedo. Dê as ordens necessárias para que, com toda a comodidade, venham para S. Cristóvão esses filhos que me restam, e estimo mais que a vida... Foi o golpe o mais fatal que poderia receber, decerto a ele não resistiria se não me ficassem ainda mulher e duas crianças, que tenho a educar para que possam fazer a felicidade do país que as viu nascer e é [...] também uma de minhas consolações [...]¹⁵⁵

Pedro II

O fragmento expressa o sentimento do pai que recebeu o “golpe fatal”, a notícia do falecimento de seu último filho varão, herdeiro de seu Trono e de sua Coroa. O pai é D. Pedro II, o soberano do Brasil, que se encontrava no Paço São Cristóvão quando soube da morte do filho. O Príncipe Imperial Pedro Afonso despediu-se da vida em 9 de janeiro de 1850, aos dois anos de idade, na Fazenda de Santa Cruz, uma das residências de veraneio da Família Imperial, situada a 60 km da Corte do Rio de Janeiro. Sua morte selou o destino dos brasileiros e, em especial, o de duas meninas: as Princesas Isabel e Leopoldina, irmãs de Pedro Afonso. Desde então, elas tornaram-se as únicas herdeiras do Império do Brasil.

Na época do falecimento do filho, o monarca ficou muito abalado, era a segunda vez que perdia um descendente varão. Diante de mais um drama em sua vida mostrou-se extremamente preocupado com a sucessão ao Trono, por isso enviou uma mensagem ao responsável pela Imperial Fazenda de Santa Cruz solicitando, “Senhor Macedo. Dê as ordens necessárias para que, com toda a comodidade, venham para S. Cristóvão esses filhos que me restam, e estimo mais que a vida...”¹⁵⁶.

Nas palavras do próprio Imperador, Isabel e Leopoldina precisavam vir imediatamente ao seu encontro, as meninas passaram a significar ainda mais para seus pais, afinal eram a esperança da continuidade da dinastia Bragança no Trono brasileiro. Além disso, precisavam ser educadas para no futuro “fazerem a felicidade dos brasileiros,” principiando, então, ele próprio a preparação das futuras sucessoras. Em seguida contratou mestres, por ele escolhidos e nomeados, e a Assembleia ficou responsável pelos ordenados a serem pagos pelo Tesouro

¹⁵⁵ Trecho da Carta de D. Pedro II a Joaquim Teixeira Macedo, enviada em janeiro de 1850, apud BARMAN, 2005, p. 45.

¹⁵⁶ Trechos da Carta de D. Pedro II a Joaquim Teixeira Macedo, enviada em janeiro de 1850, apud BARMAN, 2005, p. 45.

Nacional, visto se tratar da educação de legítimas Princesas herdeiras ao Trono do Brasil¹⁵⁷. Na Figura 17, é possível ver o Príncipe junto à mãe e às irmãs.

Figura 17 - A Imperatriz Teresa Cristina e seus filhos, Pedro Afonso, Leopoldina e Isabel - 1849



Fonte: Arquivo da Família Imperial - F. Krumholz.¹⁵⁸

A pintura de Ferdinand Krumholz (Figura 17) retrata uma das últimas imagens de Pedro Afonso no colo de sua mãe, a Imperatriz D. Teresa Cristina, rodeado pelas irmãs, as Princesas Isabel (em pé) e Leopoldina (sentada). Com a morte do segundo filho varão de D. Pedro II, Isabel, sendo a filha mais velha, recebeu o título de Princesa Imperial e o tratamento de Alteza Imperial, já Leopoldina continuou com o título de Princesa e o tratamento de Alteza, conforme os artigos 105, 116 e 117 da Constituição de 1824, abaixo transcritos:

Art. 105. O Herdeiro presumptivo do Imperio terá o Titulo de "Principe Imperial" e o seu Primogenito o de "Principe do Grão Pará" todos os mais terão o de "Principes". O tratamento do Herdeiro presumptivo será o de "Alteza Imperial" e o mesmo será o do Principe do Grão Pará: os outros Principes terão o Tratamento de Alteza. [...].

Art. 116. O Senhor D. Pedro I, por Unanime Acclamação dos Povos, actual Imperador Constitucional, e Defensor Perpetuo, Imperará sempre no Brazil.

¹⁵⁷ Art. 110 da Constituição de 1824: *Os Mestres dos Principes serão da escolha, e nomeação do Imperador, e a Assembléa lhes designará os Ordenados, que deverão ser pagos pelo Thesouro Nacional.*

¹⁵⁸ Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:A_imperatriz_e_filhos.jpg> Acesso em: 10 fev. 2020.

Art. 117. Sua Descendencia legitima succederá no Throno, Segundo a ordem regular do primogenitura, e representação, preferindo sempre a linha anterior ás posteriores; na mesma linha, o gráo mais proximo ao mais remoto; no mesmo gráo, o sexo masculino ao feminino; no mesmo sexo, a pessoa mais velha á mais moça.¹⁵⁹

Segundo o artigo 117 da Constituição de 1824, a sucessão ao Trono deveria ocorrer conforme a ordem regular de primogenitura: no mesmo grau, do sexo masculino ao feminino; no mesmo sexo, da pessoa mais velha à mais moça. Portanto, não havendo mais herdeiro varão e sendo Isabel a filha mais velha, tornou-se ela a herdeira presuntiva da Coroa, dando continuidade à dinastia fundada por D. Pedro I.

Conforme as tradições da Corte Portuguesa, ao completar sete anos de idade o Príncipe-herdeiro deveria ter um aio ou preceptor dirigindo sua educação (BARMAN, 2005). Diante desse fato o Imperador sentiu a necessidade de encontrar uma preceptora para desempenhar a importante função de instruir aquelas que, no futuro, viriam a substituí-lo. Assim, inicia a “tarefa difícilíssima” de encontrar uma senhora digna de dirigir a educação de suas filhas”. Para assumir essa difícil missão, ele somente conseguia pensar em sua madrastra, D. Amélia de Leuchtenberg (Figura 18), segunda esposa de D. Pedro I, a quem chamava carinhosamente de “mãe”.

Figura 18 - D. Amélia - Século XIX



Fonte: MuseuImperial /Ibram /Ministério do Turismo/nº34/ 2019

¹⁵⁹ Constituição Imperial de 1824, artigos 105, 116 e 117.

Para tratar da contratação da aia, o soberano do Brasil enviou no ano de 1853, uma carta à Imperatriz-viúva que encontrava-se em Portugal, mas não obteve sucesso, ela não aceitou o convite feito por D. Pedro II. Talvez tenha recusado por se sentir muito acima da função proposta pelo “filho” Imperador, o que Bragança (2012) interpreta como “altivez” de sua parte. No entanto, é preciso atentar para o fato de que na época do convite, D. Amélia também vivia um drama em sua vida, a morte de sua única filha, a Princesa Maria Amélia¹⁶⁰. Assim, mesmo diante de tal sofrimento a Imperatriz-viúva responde ao “filho” que assumiria a incumbência de “escolher na Europa uma dama capaz sob todos os aspectos de se encarregar da educação de suas 2 filhas”¹⁶¹. Porém, as exigências de D. Pedro II eram imensas e curiosamente as características da candidata eram espelhadas na pessoa de D. Amélia. A candidata deveria ser:

[...] alemã, católica romana e religiosa, viúva, sem filhos menores, maior de quarenta annos, sem pretensão, nem direito a esses de qualidade nenhuma sem interesses na Europa sabendo bem as línguas mais usadas, também entendendo o portuguez ou que venha depois de saber alguma coisa d'elle, para não estar sem occupação quando aqui chegar; tendo genio dócil, maneiras delicadas e conhecendo perfeitamente os diversos misteres em que as senhoras passam as suas horas vagas. Quanto á instrução não exijo muito porque as minhas filhas hão de ter os mestres. [...] ¹⁶²

De acordo com o estudo anterior (AGUIAR, 2015, p. 64), intensa era a troca de correspondências entre D. Amélia e D. Pedro II. “Apenas no Arquivo Grão Pará estão catalogadas 390 enviadas por Amélia ao enteado no período de 1832 a 1872”. Ainda hoje não foram encontradas as cartas escritas por D. Pedro II a D. Amélia, contudo, é a partir das cartas da Imperatriz-viúva ao enteado, que se consegue alcançar a forte relação maternal existente entre os dois missivistas.

Foram pelo menos três anos de buscas pela preceptora ideal. Na ocasião D. Amélia chegou a pedir indicação até mesmo à Carolina Carlota Augusta da Baviera, Imperatriz da Áustria, e à Maria Amélia, Rainha destronada da França, mas sem sucesso algum. Era difícil encontrar uma senhora que atendesse a todas as condições exigidas. “A busca da Imperatriz-viúva por uma preceptora parecia interminável, até que ela resolve pedir ao ‘filho’ que encarregasse também sua irmã, a Princesa Francisca de Joinville, de fazer essa procura” (AGUIAR, 2015, p. 72). A Princesa de Joinville (Figura 19), era a quarta irmã de D. Pedro II,

¹⁶⁰ Sobre o assunto ver: VASCONCELOS, Maria Celi Chaves; FRANCISCO, Ana Cristina Borges López Monteiro. Entre cadernos e pincéis: a obra inacabada na educação da princesa-flor. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, v. 3, p. 578-590, 2018.

¹⁶¹ AGP - Carta de D. Amélia a D. Pedro II. Lumiar, 13 de outubro de 1853 - Original em francês com tradução de Thaís Martins.

¹⁶² Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo - POB Cat. B, Maço 29, Doc. 1046 - Carta (Rascunho) de D. Pedro II a Imperatriz D. Amélia, Imperatriz do Brasil, [1853].

cresceu ao seu lado, dividindo com ele e as irmãs Maria da Glória, Januária e Paula, as alegrias e as tristezas vividas no Paço de São Cristóvão “além de ter compartilhado os mesmos mestres com D. Pedro II” (LYRA, 1977, p. 51).

Figura 19 - D. Francisca, Princesa de Joinville - Século XIX



Fonte: Museu Imperial/ Ibram/Ministério do Turismo/nº34/2019

A Princesa Francisca (Figura 19) estava casada com o Príncipe de Joinville, filho do Rei destronado Luís Felipe da França, e vivia com a família do marido ao sul da Inglaterra com o consentimento da Rainha Vitória. Em janeiro de 1856, a Princesa de Joinville envia uma epístola ao irmão Pedro II, de Richmond, na Inglaterra, onde passava o inverno com a família. Ela informa ter tomado conhecimento da busca pela preceptora de suas sobrinhas, as Princesas Isabel e Leopoldina, e indica sua antiga dama, aquela que tanto contribuiu para o seu sucesso na Corte do Rei Luís Felipe, seu nome: Luísa Margarida Portugal de Barros, a Viscondessa de Barral. Abaixo é possível conhecer a carta escrita por Francisca, na qual apresenta a candidata exaltando suas qualidades:

Meu querido Mano Pedro
 Vou começar esta carta falando-te logo do que nos interessa tanto da escolha da Aia. Creio que não podias escolher melhor do que a Barral a qual não é só mui bem educada como maneiras e princípios solidos em tudo. Mas tambem sabe bastante.

Ella fala perfeitamente bem o francês, inglês e a sua língua. O piano também é muito forte. Toca perfeitamente bem. E creio que com mestres debaixo da sua vista e direção tudo poderá ir como o desejás e teres para suas filhas uma educação excellente. Creio que a Barral não hade poder seguir a educação a todos os instantes como faria uma institutrice que não tivesse interior, de maneira que creio que é indispensável de teres uma pessoa nessa posição e inteiramente debaixo das suas ordens. Duvido que aches alguém no Rio capaz disso e submetendo-se a ficar inteiramente debaixo das suas ordens, pudesse na Europa mas isto ainda hade ser difficil. O que eu acho indispensavel é de mudar inteiramente com a vinda da Barral o pessoal que está ao pé das tuas filhas. O que eu temo é que a Barral não aceite o posto tendo o seu marido e sobre tudo o seu filhinho que ella mesma nunca deixa sozinho. Creio que lhe debes fazer o sacrificio de teres ao pé do paço o seu ménage do qual creio que ella nunca hade se separar sendo muito unido como elle é. É absolutamente necessario que ella tenha alguém em que se possa fiar inteiramente para ter horas no dia, ou puder ter a tarde e a noite para passar no seu ménage. Vejo que não pensas na fortuna que elles administrão elles mesmos [...] de maneira que isto pode ainda ser um motivo para que lhes seja mais difficil aceitar o lugar. Para concluir o que eu penso, creio que deve lhes propor uma posição mui boa para que ella possa em tudo ficar o que ella deve ser ao pé das tuas filhas, senão tenho muito medo que as outras não se ponhão todas a querer subir por cima della e então fazer-lhe intrigas de todas as maneiras que ella seja obrigada a deixar o lugar e isto é sempre bem mau as mudanças continuas na regra da educação. Eu espero que a Barral aceite. Tanto que outra vez se quizeres que trate negocios para ti, desejo que me falles com mais detalhes e que possa saber quaes são as proposições que fazes a pessoa pois com isso poderia arranjar os negocios melhor sabendo o que posso dizer e do que vou tratar [...]. Adeus meu Caro Pedro. Aceite um abraço bem do coração. Desta tua bem affectuosa Mana Francisca.¹⁶³

Segundo a carta acima e os estudos realizados anteriormente (AGUIAR, 2015), a candidata Luísa Margarida Portugal de Barros era brasileira e com requintada formação educacional realizada em Paris, na França. Ela atendia a grande parte das exigências do soberano, apenas não era viúva, sem filhos e alemã. Mas, em contrapartida, dominava as línguas portuguesa, francesa e inglesa, tocava piano muito bem e estava por completar seus quarenta anos,¹⁶⁴ outra condição imposta pelo Imperador.

Após ler a epístola de Francisca contendo a exaltação das qualidades da futura aia, D. Pedro II não hesitou em acatar a sugestão, ordenando ao mordomo Paulo Barbosa¹⁶⁵ que formalizasse o pedido por meio de missiva encaminhada à candidata. Prontamente atendeu o mordomo enviando a correspondência à Viscondessa de Barral, convidando-a para ser a preceptora das Princesas. Após alguns meses, a Viscondessa de Barral responde:

¹⁶³ AGP - XXVIII-1 - Carta da Princesa Francisca a D. Pedro II. Richmond, 7 de janeiro de 1856. Arquivo Grão Pará.

¹⁶⁴ Luísa Margarida Portugal de Barros nasceu em 13 de abril de 1816, na cidade de São Salvador da Bahia de Todos os Santos. (DEL PRIORE, 2008; FRANCISCO, 2017).

¹⁶⁵ Paulo Barbosa da Silva era Mordomo Interino da Casa Imperial desde a sua reforma como Tenente-General do Corpo de Engenheiros Militares, em 1833. O Mordomo desempenhava funções voltadas para assuntos de cerimonial e etiqueta e também atuava junto aos funcionários reconhecidos como “criados particulares e empregados honoríficos — damas, veadores, guarda-joias, aios, camaristas, gentis-homens, enfim o séquito que circulava em torno da família imperial. O Mordomo tinha acesso direto ao Imperador desde quando este era apenas um menino. Era inclusive um dos responsáveis por introduzir o Paço de São Cristóvão, na década de 1830, os encarregados de cuidar da educação dos Príncipes, com padre Pedro de Santa Maria Mariana e o tutor Marquês de Itanhaém (VAINFAS, 2002, apud AGUIAR, 2015, p. 87-88).

Ex^{mo} Sen^{or},

Minha curiosidade tão vivamente despertada pl^o impenho que V Ex^{cia} tinha em haver uma resposta minha tanto à carta vinda pl^o Snr' Aguiar, como por outra sua ao Cel Bezerra, ficou satisfeita hontem, sómente, pondo-me na mais cruel perplexidade não sabendo como responder a tão bonitas expressões, a tantas couzas honrosas leizonjeiras a meu amor proprio. Confesso-lhe de todo meu coração que foi a couza mais inesperada possível, e se não fosse a humilde opinião que de mim tenho, me teria tornado de repente a pessoa mais vaidosa do mundo. Agora diga-me V. como meu amigo velho, como poderia eu aceitar semelhante cargo! Sou cazada com um Francez, e só morei na Bahia enquanto elle por sua bondade me permitteo de fazer companhia a meu Velho Pay nos seus últimos annos de vida; Deos depois de me pôr velha quiz dar-me uma grande consolação mandando-me do Cêo um anjinho por filho; d'elle com amor de Maen e cegueira quase de Avó, vivo occupada de dia e de noite; devemos infalivelmente voltar para a França, e se não fossem uns negócios atrapalhados de Alexandre Borges (que quer se fazer reconhecer filho de meu Pay sem que n'esse sentido fallasse seu testamento) já estaríamos na Europa. Nossas propriedades, nossa fortuna estão na Bahia e em França, como poderíamos de repente largar tudo p^a começar Vida Nova no Rio? Que peso fez V Ex^{cia} cahir sobre meu coração dizendo que não aceitando eu esse Cargo caber-me-ia parte da responsabilidade dos males que podem vir ao Brasil! Essa unica consideração me faz hesitar se a consciência do meu pequeno merito não apagasse os fogachos que V Ex^{cia} quiz ascender. Meu Marido, hoje quase Brasileiro, se se capacitasse da verdade de seu ditto não recuaria diante de grandes sacrificios, mas entre tanto p^a não encorrer na pecha di precipitada não respondo ainda hoje officialmente a V Ex^{cia} e p^a faze-lo devo lhe pedir todos os esclarecimentos possíveis p^a não haver engano. Qual meu lugar e posição na Corte diariamente, e em dias de Gala? Ao que me engajaria eu? Quem escolheria a *Institutrice*¹⁶⁶ que em minha auzencia deveria acompanhar as Princezas e lhes dar sempre as lições? De quem dependeria essa Senhora em tudo e por tudo? Onde moraria eu? Sendo cazada não seria possível morar no Paço. Explique-me qual é o ceremonial e etiqueta da Corte do Brazil — com quem jantaria eu, e a custa de quem? Qual meu *traitement*? Isto conversando não he nada, por carta é de uma grande difficuldade, mas fazendo-lhe essas perguntas obedeço a minha Princesa, que em carta tambem recebida hontem me aconselha a saber tudo bem exatamente antes di me decidir. Se suas cartas não me tivessem cauzado um dos momentos mais gratos de m^a vida, me terião cauzado a mais pungente dôr, porque creia que estou afflictissima com a lembrança que de mim teve S. M. o Imperador, não podendo obedecer-lhe logo como mandava meu dever e meu coração todo Brasileiro e cheio de dedicação a minha Patria e a meu Soberano [...] Sua Att^a Vend^{ora} e Obid^e Viscondessa de Barral - Bahia 4 de Abril 1856.¹⁶⁷

A futura aia das Princesas não aceitou o convite imediatamente, preferiu solicitar maiores informações sobre a função que desempenharia na Corte do Império do Brasil. Também se preocupava com as propriedades que administrava na Bahia e com “fortuna e propriedades” deixadas na Europa. O fato de ter um filho de dois anos de idade a preocupava bastante, já que não entendia como aceitaria o cargo sendo casada com um francês, devendo, portanto, retornar com a família ao país do marido. Concomitantemente dizia se preocupar com a afirmação do mordomo de que se não aceitasse caber-lhe-ia “parte da responsabilidade dos males que podem vir ao Brasil” tamanha a responsabilidade de um preceptor de Príncipe.

¹⁶⁶ Palavra francesa que significa professor, mas na correspondência da Condessa ela se refere a pessoa que a auxiliaria na preceptoría.

¹⁶⁷ Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo - APB -Tomb: 2860/97. Carta da Viscondessa de Barral a Paulo Barbosa. Bahia, 04 de abril de 1856. [Grifo da autora].

A carta da Viscondessa de Barral não possui, de fato, uma resposta, na verdade, ela coloca seus questionamentos e vários motivos para negar a proposta, conseguindo mais tempo para pensar e avaliar a viabilidade do convite recebido.

O mordomo recebeu as dúvidas de Luísa e tratou de encaminhá-las ao Imperador, assim que tomou conhecimento dos questionamentos, D. Pedro II escreveu um rascunho estabelecendo as condições a serem propostas à futura aia das Princesas¹⁶⁸. Essas anotações auxiliaram Paulo Barbosa na redação de nova carta enviada à Viscondessa, repleta por abreviaturas, um costume da época,

R.bi [recebi] a carta de V Ex^a, de 4 'de Abril, Pr [por] ella vejo a sua irresolução de q. me felicito, Pr me confirmar ainda mais, na boa ideia e estima que sempre lhe consagrei. Como esclarecimentos, devo dizer lhe q. no cazo d'acceitar, será V Ex^a nomeada Dama de S.M. a Imperatriz, p^a assim ter uma cathegoria igual á maior q. tem as Senhoras no Paço. As Damas de S.S.A.A.I.I. continuarão no serviço domestico e publico, mas sob a influencia e vigilancia de V Ex^a, em tudo o q., mesmo indirectamente, possa influir sobre a Educação das Princezas. Terá V Ex^a apposenthos separados, e independentes e uma sege¹⁶⁹. As Liçoens são dadas Pr mestres; contudo reconhecendo-se a necessidade d'uma institutriz será ella nomeada Pr [por] S.M. o Imp. Sendo ouvida V Ex^a e ficará, depois da nomeação, dependendo, em tudo, de V Ex^a; não podendo porem contrariar as liçoens dos Professores. O seo sustento será as expensas de S.M. o Imperador, e nos apposentos de V. Exa. Terá 12:000\$00 por anno, e metade d'esta somma depois de acabada a educação das Princezas. Mil recados affectuosos aos Senor De Barral Pai e F^o tanto da m^a p^{te} como da m^a mulher, sou com particular estima, respeito, consideração e amisade De V Ex^a Obrig^{mo} S^o.¹⁷⁰

Na missiva, o mordomo esclarece as várias dúvidas de Luísa, especialmente os deveres e direitos a serem concedidos, além da posição que ocuparia na Corte do Império do Brasil. Os esclarecimentos ajudaram-na a tomar a decisão, que pode ser conhecida abaixo por meio de carta enviada ao mordomo em 25 de maio de 1856,

Ex^{mo} Sen^{or},
Não por descuido meo, mas por falta de vapor p^a essa Corte, vai tardiamente a presente resposta: **Tenho pensado maduramente, tenho pensado mt^o sobre o negócio e objecto das cartas de V Excia e posso assegurar-lhe que estou resolvida a aceitar a honroza missão que S.M.I. me quer confiar.** Se tal tarefa por um lado vem todo de honra e glorias, por outro vai ferir gravemente meos interêsses. E mesmo pois que vencendo toda minha repugnância para negócio de natureza que parecia meio comercial, e, contrario a meu character e costumes, exponho toda via a V Excia algumas condiçoens claras, precisas e das quaes não poderei prescindir. Ninguém melhor que V Excia sabe, que a Corte do Brazil exige

168 Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo - APB - 2865/97. Bilhete de D. Pedro II a Paulo Barbosa. Sem assinatura, data e local.

¹⁶⁹ Sege - carruagem antiga e de luxo, com duas rodas, único assento, puxada por dois cavalos. Cf. DICIONÁRIO INFORMAL. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/sege/>> Acesso em: 20 fev. 2018.

¹⁷⁰ Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo - APB - Tomb: 2862/97. Carta de Paulo Barbosa à Viscondessa de Barral. Sem local, sem data. A carta possui a caligrafia de Paulo Barbosa, embora ele não a tenha assinado.

p^a qualquer mediano tratamento, quantias fortes iguaes às que em taes posiçoens se gastão em Pariz e Londres. Tenho eu de effectuar uma quase completa mudança desta cidade p^a ahi, e tenho família, que não é mt^o pequena, muito deva gastar em transporte... Uma mudança de tal natureza é cara, difficil, e pesada, e mais difficil ainda é o deixar 3 aviltadas propriedades d'Engenho com mtos escravos entregues a estranhos e talvez não muito competentes p^a administração. Não se poderá effectuar isso sem grandes prejuízos e lucros cessantes. Em vista destas e outras considerações que não podem escapar a perspicacia de V Excia, não me parece demasiada exigencia pedir ordem aos vapores p^a que seja eu, e minha família, e todos os meus parentes p^a hai transportados. ____ Que se me dá uma caza mobilhada, sege decente, e 12 contos pr anno. Não as pediria como remuneração, mas como meio de compensar prejuízos inevitaveis, e auxilio de parte de m^a despesa ahi, dispensando que se me mande alimentos ao meo aposento, nutrindo-me eu à minha própria custa. — Finda a educação de minhas Princesas aceitarei a pensão que por sua generosidade S.M.I. me quer me conceder de 6 mil francos annuaes. ____ Se eu hoje fora só iria sem a menor exigencia por-me ao lado das Princesas, e servir ao meu Soberano, porem, hoje tenho outros deveres a cumprir como Maen, zelando e promovendo o futuro de meu Filhinho, e buscando deixar-lhe posição feliz. Aceitos estes meos pedidos, partirei qdo S.M.I. julgar conveniente, e quando não possão ter lugar estas condiçoens, restar me há tranquilla a consciencia de haver cumprido e conciliado todos os meus deveres, e pedir a V Excia, a bondade de obter de S.M.I. toda a desculpa. Sou de V Excia Mt^o Aff^a e Obid^e Vend^{ora} Viscondessa de Barral. Bahia- 25 de Maio 1856.¹⁷¹

Desejando aceitar o cargo de encarregada da educação das Princesas, Luísa informa sua decisão ao mordomo Paulo Barbosa, no entanto, solicita um “vapor” para transportá-la com a família até a Corte. Também enfatiza o pedido da “casa mobiliada, carruagem e dos 12 contos por ano”, benefícios vistos por ela não como remuneração, mas como forma de compensar os “prejuízos inevitáveis” que teria ao aceitar o cargo de aia das Princesas.

Paulo Barbosa recebeu mais uma vez as solicitações da Viscondessa e recorreu ao Imperador, já ansioso pela finalização do negócio em andamento, no qual visava a contratação da preceptora de suas filhas. E esclarece ao mordomo, por meio de um bilhete,¹⁷² a importância da aia para as Princesas, concedendo grande parte das exigências da candidata. Contudo, deixou para decidir ulteriormente quanto à moradia, pois não sabia se a acomodava no Paço ou numa casa separada. A dúvida do soberano é perfeitamente compreensível, afinal, ele não estava contratando mais uma mestra para dar lições na casa em horários marcados, mas uma preceptora, uma profissional que se diferenciava em vários aspectos, inclusive, “morar na mesma casa de seus alunos é um deles”, conforme palavras de Vasconcelos (2005, p.12-13),

Preceptores – eram mestres ou mestras que moravam na residência da família, às vezes, estrangeiros, contratados para a educação das crianças e jovens da casa (filhos, sobrinhos, irmãos menores). Por vezes, encontram-se preceptores denominados de aios ou amos, aias ou amas, principalmente quando se trata da nobreza portuguesa. Ainda encontramos preceptoras atuando como governantas da

¹⁷¹ Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo - APB - Tomb: 2863/97. Carta da Viscondessa de Barral a Paulo Barbosa. Bahia, 25 de maio de 1856. [Grifo meu].

¹⁷² Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo - APB - Tomb: 2865/97. Bilhete de D. Pedro II a Paulo Barbosa. [Petrópolis, 1856].

casa, ou seja, não só administrando a educação das crianças, como administrando também a casa. Os mestres preceptores caracterizam-se pelo fato de viverem na mesma casa de seus alunos, constituindo-se, assim, dentro da realidade da educação doméstica, naqueles que parecem ter o maior custo para as famílias, sendo encontrados nas classes mais abastadas [Grifo meu].

Finalmente, na Bahia, em 22 de junho de 1856, é postada a carta com a resposta da preceptora, grifada pelo luto, expresso pelas bordas pretas presentes na correspondência. Luísa informa o falecimento do sogro e a ascensão do marido Eugênio de Barral ao título de Conde, por ser filho primogênito, assim, ela também se tornava Condessa. Comunica ainda, o que D. Pedro II ansiava saber, a data de sua partida da Bahia e provável chegada ao Rio de Janeiro.

A chegada da Condessa de Barral foi noticiada no Jornal do Commercio da seguinte forma: “Por Decreto de 31 de agosto de 1856 foi nomeada dama de S.M. a Imperatriz a Sr.^a Condessa de Barral. A Sr.^a de Barral, aia de Suas Altezas Imperiais, veio de passagem no vapor *Recife*” (DEL PRIORE, 2008, p. 136). A Condessa e sua família chegam à Corte do Império do Brasil e instalam-se perto do Paço de São Cristóvão, mais precisamente na Rua Nova do Imperador, posteriormente denominada Avenida Pedro IV e atual Pedro II (BARRAL e da PEDRA BRANCA, 1977, p. 21).

No mês seguinte, Luísa começa a desempenhar a nobre função de preceptoria, conforme registro realizado por Isabel em seu caderno-diário: “9 de 7^{bro} 1856 Veio hoje pela primeira vez minha aia a Condessa de Barral e dei com Ella principio ao estudo da lingua franceza, dei lição de piano; as três horas fomos passear á quinta, e de tarde estudei a lição de piano”¹⁷³. A Condessa de Barral foi contratada como dama da Imperatriz D. Teresa Cristina, e encarregada da educação das Princesas. Suas principais funções eram instruir Isabel e Leopoldina, coordenar e supervisionar o trabalho dos demais mestres, estando subordinada apenas aos pais das suas alunas.

2.2 Atribuições da Aia: “a educação não deve diferir dá que se dá aos homens, combinada com a do outro sexo”

27 [7^{bro} 1856] Estudei minhas lições; e dei a lição de piano; e depois fui a missa. As quatro horas fomos passear com o *cerceau*. [...]

¹⁷³ Diário da Princesa Isabel - 1856 -1857. Arquivo Grão Pará.

3^a Fra 7. [8^{bro}1856] Dei a lição de piano. Antes de ir passear li a lição do Valdetaro; depois fui passear, e trouxe o filho de minha boa aia Condessa de Barral, e depois do passeio dei a Geographia. [...]

6^a Fra 10. [8^{bro}1856] Levantei-me e fui passear no jardim. Dei a lição do Valdetaro, e li da Historia Sagrada, primeira desobediência de Saul que lhe fez perder a autoridade real sobre Israel - *dictée Francaise* [...]

3^a Fra 28. de 8^{bro} Dei a lição de piano. Escrevi o *dictée premier conjugaison en er*. De tarde fui passear e a Condessa trouxe o Dominique e uã merenda eu comi a metade d'um bolinho e a mana a outra. Papai veio ver a Geographia. [...]¹⁷⁴

Isabel Christina

“Estudei minhas lições”. É assim que Isabel inicia o seu caderno-diário escrito durante a infância Imperial vivida em companhia da irmã Leopoldina nos Paços de São Cristóvão e de Petrópolis e sob os cuidados da aia, a Condessa de Barral. Com letra cursiva e bem desenhada, a filha mais velha de D. Pedro II minuta sobre as atividades realizadas nos meses de setembro e outubro de 1856. Nos pequenos textos, Isabel deixa explícita a relevância das lições desenvolvidas com os mestres e a aia, dia após dia, no espaço doméstico da casa.

Um dos professores mencionados no caderno-diário é Francisco Crispiniano Valdetaro, contratado como mestre da Casa Imperial do Brasil no ano de 1854, com a função de lecionar Instrução Elementar e história santa. Entre os valores morais trabalhados pelo mestre nas lições de história sagrada no dia 8 de outubro de 1856, está a obediência, sem a qual há severas punições, “como a perda da autoridade real sobre Israel”, penalidade aplicada à desobediência de Saul.

No caderno-diário, Isabel faz referência a outros conteúdos de ensino como: música, língua francesa e geografia. Todas possuem seus respectivos cadernos de lições conservados no Arquivo Grão Pará. O mestre incumbido pelo ensino de música, especialmente o piano, foi Isidoro Bevilacqua, contratado no ano de 1855. Já a língua francesa e a geografia eram ministradas pela preceptora, Luísa Margarida Portugal de Barros, que também ensinava piano às duas meninas.

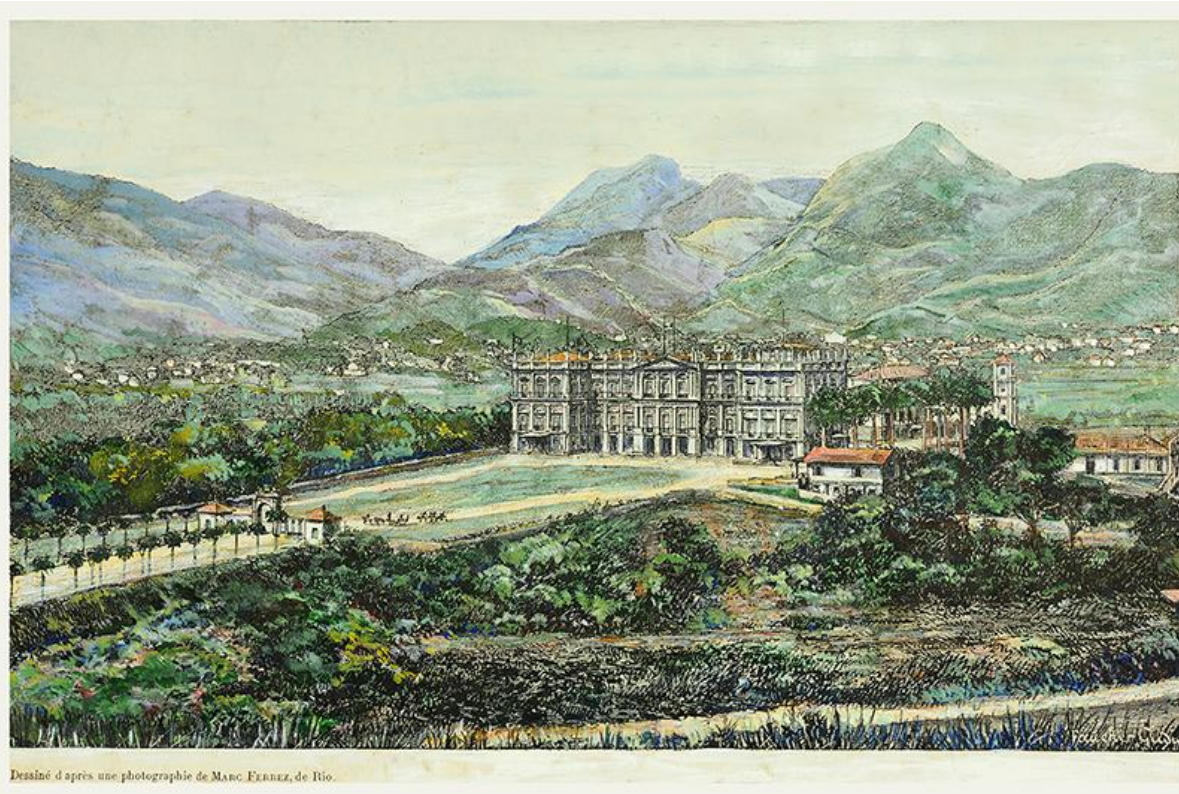
Nota-se que Isabel, a autora do caderno-diário, informa outras atividades realizadas nos intervalos das aulas com destaque para a “merenda”, os “passeios” e as brincadeiras

¹⁷⁴ Diário da Princesa Isabel - 1856 - 1857. Arquivo Grão Pará. [Grifo meu].

efetuadas dentro e fora do Palácio e, em alguns casos, com Dominique, o filho da aia de apenas dois anos de idade. Há ainda, menção a visita do pai D. Pedro II, no horário das lições para “ver a Geographia”. Certamente o soberano não queria “ver a Geographia”, mas acompanhar de perto como a aia, recém chegada à Corte do Império do Brasil, estava conduzindo a educação de suas filhas.

A Condessa de Barral chegou ao Paço de São Cristóvão para lecionar em 9 de setembro de 1856 numa terça-feira, e continuou a fazê-lo diariamente por oito anos, afinal, no oitocentos, as crianças oriundas de famílias abastadas, nobres e principescas estudavam na casa. Ao examinar as anotações constantes no caderno-diário da Princesa Imperial é possível verificar que em 18 de setembro de 1856, ela escreveu, “minha boa aia não veio por se achar doente”¹⁷⁵, e dois dias depois: “lembrei-me com saudades de minha boa aia Condessa de Barral”¹⁷⁶. Em tão pouco tempo do início das lições com a preceptora, Isabel já adjetivava Luísa como “boa aia” e sentia sua ausência. Iniciava-se ali, não somente uma relação de trabalho, mas também de amizade que perduraria pelo resto de suas vidas.

Figura 20 - Vista do Palácio de São Cristóvão - [Século XIX]



Fonte: Museu Imperial/Ibram/Ministério da Cidadania/nº34/2019¹⁷⁷.

¹⁷⁵ Diário da Princesa Isabel - 1856-1857. Arquivo Grão Pará.

¹⁷⁶ Diário da Princesa Isabel - 1856-1857. Arquivo Grão Pará.

¹⁷⁷ A Estampa foi colorida a mão posteriormente.

Leopoldina e Isabel viveram grande parte de suas vidas no Paço de São Cristóvão, também denominado Palácio de São Cristóvão ou Quinta da Boa Vista (Figura 20). A propriedade foi doada por um comerciante¹⁷⁸ ao Príncipe Regente D. João VI, bisavô das duas meninas que chegou ao Brasil com sua Corte em 1808 (BARMAN, 2005, p. 44). O Paço alojou a Família Real enquanto esteve no Brasil, e posteriormente, tornou-se residência oficial da Família Imperial, conforme a vontade de D. Pedro I, e assim mantido por D. Pedro II, seu filho e sucessor.

A casa das Princesas (Figura 20) localizava-se no bairro de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, e possuía uma vista privilegiada: de um lado para a floresta da Tijuca e o Corcovado e do outro para o mar, daí o nome *Quinta da Boa Vista*. Ao contemplar o *Palácio de São Cristóvão*, é possível compreender as palavras da Princesa Isabel quando já na fase adulta de sua vida e exilada de seu país, rememora saudosamente a residência deixada no Brasil, “o Paço de São Cristóvão fica nas aforas do Rio, numa ligeira elevação no centro de um lindo e enorme parque. Na minha infância, o parque era extraordinário principalmente pelas alamedas... E, ainda menina eu corria por elas com a minha irmã e minhas amigas ...”¹⁷⁹.

A Figura 20 é um desenho realizado por Faucher Gudin e tem sua origem na fotografia do francês Marc Ferrez, um dos mestres das Princesas, responsável justamente pelo ensino da arte de fotografar. Por várias vezes as duas meninas “estiveram presentes” nessa paisagem imortalizada da Quinta da Boa Vista, cujos momentos foram registrados em bilhetes, cartas, e caderno-diário, como se pode conferir a seguir,

9 de 7^{bro} de 1856. [...] Dei lição de piano; as tres horas fomos passear à **quinta**, e de tarde estudei a lição de piano.

10 de outubro de 1856. Levantei-me e fui passear no jardim. Dei a lição do Valdetaro, e li a Historia Sagrada [...] Passeio na **quinta** onde brinquei à cache-cache, de volta a caza Geographia. Aprendi parte dos rios da Europa. A condessa nos ensinou a cantarolla *du pont d' Avignon*.

1 de novembro de 1856. Fui ver a primeira comunhão das meninas [...] De tarde fui na **quinta**.¹⁸⁰

Nos fragmentos Isabel fala do aprendizado na residência oficial e das brincadeiras e passeios que aconteciam no jardim da “Quinta” com a “mana” e as amigas no intervalo das lições. Mas as Princesas não viviam apenas no Paço de São Cristóvão, elas passavam os meses mais “quentes” do ano na residência de verão, o Palácio Imperial de Petrópolis (Figura

¹⁷⁸ Elie Antun Lubbus, também conhecido como Elias Antonio Lopes, era um comerciante luso-libanês. Ele adquiriu a propriedade dos Jesuítas num leilão realizado após a expulsão dos padres (LACOMBE, 2007, p.12).

¹⁷⁹ Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo - POB - Maço 204 Doc. 9335 - Alegrias e Tristezas - Autobiografia da Princesa Isabel [1905] - Trecho traduzido pela pesquisadora.

¹⁸⁰ AGP - Diário da Princesa Isabel -1856-1857. Arquivo Grão Pará. [Grifo meu].

21). E, quando para lá se dirigiam, estavam acompanhadas por seus mestres, aias, damas, médicos e ainda vários outros Servidores da Casa Imperial, os quais tinham como objetivo garantir às duas meninas uma estadia instrutiva, segura e confortável no Palácio Imperial.

Figura 21 - Palácio Imperial - Petrópolis - c.1860



Fonte: Instituto Moreira Salles - TCCIA nº427/2020.

Um dos responsáveis pela construção do Palácio Imperial de Petrópolis (Figura 21), e da própria cidade, tendo em vista a colonização alemã, foi o Major Koeler, que escreveu um artigo no *Jornal do Commercio* enaltecendo o clima serrano, visto como um subterfúgio para os que moravam na Corte,

Uma das maiores necessidades que experimentam os habitantes da Corte e da Capital do Rio de Janeiro é a de poderem aliviar-se do intenso calor que sofrem durante os meses de verão. A Serra da Estrela, uma das mais elevadas da cordilheira, lhes oferece este refrigério, tanto pelo seu clima sumamente saudável e temperado, como pela comodidade e rapidez com que é possível efetuar-se a mudança de uma atmosfera abracadora para outra temperadíssima.¹⁸¹

Na Figura 21, visualiza-se a casa de verão da Família Imperial na serra, cercada por exuberante natureza. “A escolha de D. Pedro II pela região serrana, como casa de veraneio, ocorreu após a morte do Príncipe Imperial Pedro Afonso em 1850, na fazenda de Santa Cruz,

¹⁸¹ *Jornal do Commercio*, 1845. Citado por *O Museu Imperial*. São Paulo: Banco Safra, 1992, p. 313.

igualmente residência de férias” (AGUIAR, 2015, p. 148) Na mesma época, Isabel com apenas 3 anos de idade também ficou doente e D. Pedro II decidiu levar a família para a Fazenda do Córrego Seco, herdada de seu pai, cujo local recebeu em sua homenagem, o nome de Petrópolis. Dali em diante, o Palácio Imperial de Petrópolis passou a ser um dos principais cenários do aprendizado das herdeiras ao Trono e autoras dos cadernos de lições.

Sobre os momentos vividos na serra, a Princesa Isabel recordou em sua autobiografia: “no verão, nos mudávamos de São Cristóvão para Petrópolis... a nossa residência de verão, uma encantadora moradia: jardins floridos, canais que atravessavam a cidade, belas casas, colinas cobertas de bosques, montanhas ao longe, algumas de granito...”¹⁸². E mais adiante: “No dia em que nasci Dona Rosa [...] foi nomeada *dama de honor* junto à minha pequenina pessoa. A Condessa de Barral e M^{elle} Templier chegaram depois para supervisionar a minha educação. Às três, o meu reconhecimento carinhoso e agradecido”¹⁸³.

No Arquivo Histórico do Museu Imperial há uma pasta intitulada *Educação das filhas*, com informações sobre as atribuições daquelas que se ocupavam com a educação e afazeres domésticos do toucador¹⁸⁴ de uma Princesa. Dentre os documentos existentes no interior da pasta estão: o *Regulamento que há de ser observado no quarto das minhas filhas, tanto por ellas como pelas criadas* (Apêndice B), assinado por D. Pedro I, e *Atribuições da Aia* (Apêndice C), com caligrafia de D. Pedro II e ainda cópia manuscrita por D. Teresa Cristina, sua esposa (LACOMBE, 1946, p. 242). Tratam-se de papéis com instruções sobre como conduzir a educação e serviço de quarto das filhas¹⁸⁵ dos dois Imperadores do Brasil.

O documento intitulado *Regulamento, que há de ser observado no quarto de minhas filhas, tanto por ellas como pelas criadas* é composto por duas folhas e foi escrito com tinta preta por Francisco Gomes da Silva (LACOMBE, 1946), conhecido como Chalaça.¹⁸⁶ Ao

¹⁸² Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo - POB - Maço 204 Doc. 9335. Alegrias e Tristezas - Autobiografia da Princesa Isabel [1905]. Original em francês, trecho traduzido pela pesquisadora.

¹⁸³ Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo - POB - Maço 204 Doc. 9335. Alegrias e Tristezas - Autobiografia da Princesa Isabel [1905]. Original em francês, trecho traduzido pela pesquisadora.

¹⁸⁴ “Local normalmente cercado ou fechado, usado como vestiário.” Cf. TOUCADOR. Disponível em: <www.dicio.com.br/toucador/> Acesso em: 10 Ago. 2019.

¹⁸⁵ As filhas de D. Pedro I e D. Leopoldina foram: Maria da Glória Joana Carlota Leopoldina da Cruz Francisca Xavier de Paula Isidora Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de Bragança e Áustria (1819-1853. Januária Maria Joaquina Carlota Leopoldina Cândida Francisca Xavier de Paula Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de Bragança e Áustria (1822-1901); Paula Mariana Joana Carlota de Bragança e Áustria (1823-1833); e Francisca Carolina Joana Carlota Leopoldina Romana Xavier de Paula Micaela Rafaela Gonzaga de Bragança e Áustria (1824-1898). As filhas de D. Pedro II e D. Teresa Cristina foram: Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de Bragança e Bourbon (1846-1921) e Leopoldina Teresa Francisca Carolina Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de Bragança e Bourbon (1847-1871). Cf. ZÚQUETE, Afonso Eduardo Martins. *Nobreza de Portugal e do Brasil*. Vol. II, Editora Zairol Lda., Lisboa, 1989.

¹⁸⁶ Francisco Gomes da Silva (1791-1852 Lisboa), chegou ao Rio de Janeiro em março de 1808 e foi nomeado *moço de reposteiro* por D. João. Em 1812, aos 21 anos, já recebia algumas vantagens por sua atuação em

longo do texto, é possível verificar intervenções com a caligrafia do primeiro Imperador do Brasil e sua assinatura na última página. O manuscrito contém 36 artigos e não foi datado, mesmo assim corroboro Lacombe (1946), pesquisador que acredita que tenha sido produzido entre os anos de 1822 e 1825.

Atribuições da Aia foi redigido com tinta ferrogálica¹⁸⁷ em folha dupla, o estado de conservação é ruim, há perda de suporte, o que não comprometeu a leitura e a compreensão. O documento foi elaborado a partir da chegada da preceptora Condessa de Barral entre os anos de 1856 e 1857. Tudo indica que ao construí-lo, D. Pedro II consultou, e até mesmo se inspirou, no regulamento produzido por seu pai, D. Pedro I, que estabeleceu regras para a educação de suas irmãs, as Princesas Maria da Glória, Januária, Paula e Francisca. Em alguns trechos é possível encontrar proximidade entre os dois regulamentos conforme análise elucidada adiante. E, pelo que se pôde compreender, formular normas para a educação das filhas era uma preocupação constante entre os Chefes da Casa Imperial do Brasil.

Ao assumir a nobre missão de educar duas Princesas herdeiras ao Trono, a Condessa de Barral recebeu o documento *Atribuições da Aia* com as determinações de D. Pedro II sobre como deveria conduzir a formação de suas filhas. Nesse regulamento ou manual, o Imperador informa detalhadamente as atividades cotidianas a serem desenvolvidas por Isabel e sua irmã sob a supervisão da aia, organização que perdurou até o final da década de 50 do século XIX, quando, nos anos seguintes, acontece a chegada de outros mestres e, conseqüentemente, a ampliação e modificação no quadro de horário, o que será contemplado posteriormente.

Na próxima página, encontra-se imagem digitalizada de parte do documento *Atribuições da Aia* (Figura 22), relativo ao trecho: *Distribuição das horas do dia*. O manuscrito, extremamente amarelado, possui a caligrafia de D. Teresa Cristina, Imperatriz do Brasil, e é composto por folha dupla na cor branca, não pautada. É visível na parte superior esquerda, o carimbo seco em alto relevo da marca CANSON¹⁸⁸ e ao centro, o carimbo do

serviços reservados prestados ao Príncipe Regente. Foi expulso do Paço por comportamento inadequado, mas algum tempo depois retornou tornando-se conselheiro e amigo confidente do Príncipe D. Pedro I que o apelidou de Chalaça. Cf. AFINAL, QUEM ERA O CHALAÇA? Disponível em:

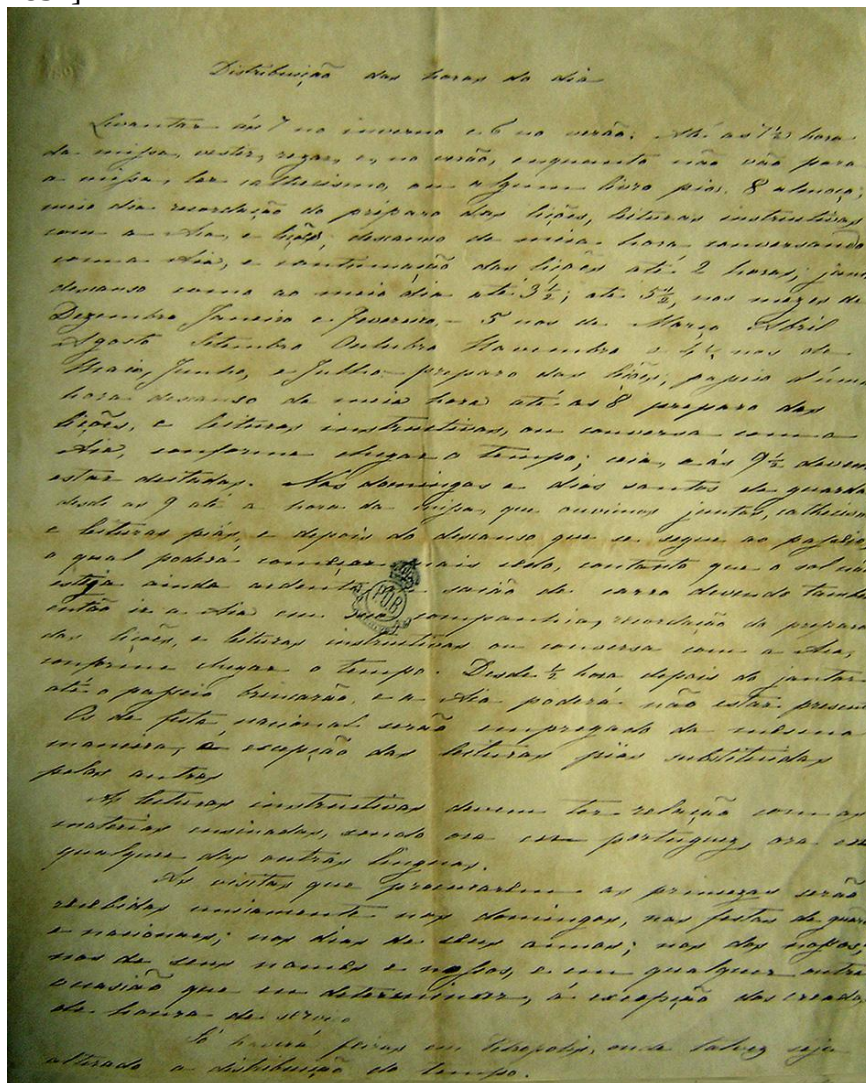
<<https://constelar.com.br/astrologia-aplicada/personalidades/quem-era-o-chalaca/>>. Acesso em 29 jul. 2019.

¹⁸⁷ Composto de sulfato de ferro, ácido galotânico e um aglutinante, em geral a goma-arábica dissolvida em água. Era a tinta padrão usada na Europa entre os séculos V e XIX, permaneceu em uso até o século XX, e ainda hoje é vendida. Por ser feita à base de ferro, este tipo de tinta costuma causar um processo de corrosão no papel, tornando-se uma ameaça aos documentos em arquivos e bibliotecas. Cf. Cruzamento de informações provenientes dos sites: TINTA FERROGÁLICA, Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Iron_gall_ink>; <<http://ahpoa.blogspot.com/2013/05/os-fatores-internos-de-degradacao-do.html>>. Acessos em 20 fev. 2020.

¹⁸⁸ Papel francês muito usado no século XIX devido a inovação em cores, desenhos e texturas. *Canson – Espaços livres de criatividade*. Disponível em: <<http://www.canson.com.br/interno.html>>. Acesso em: 31. jul. 2019.

Arquivo POB. Essa é a cópia do original escrito pelo Imperador, evidenciando que a mãe das Princesas participou de sua elaboração.

Figura 22 - Trecho do documento “Atribuições da Aia” com informações sobre atividades cotidianas das Princesas - [1856 - 1857]



Fonte: Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/nº44/2019¹⁸⁹

¹⁸⁹ Transcrição da Figura 22, cópia do documento *Atribuições da Aia*, com informações sobre atividades cotidianas do período: “**Distribuição das horas do dia** Levantar às 7 no inverno e 6 no verão. Até as 7 ½, hora da missa, vestir, rezar e, no verão, enquanto não vão para a missa, ler cathecismo ou algum livro pio. 8 almoço; meio dia recordação do preparo das lições, leituras instructivas com a Aia e lições; descanso de meia hora conversando com a Aia, e continuação das lições até 2 horas; jantar; descanso como ao meio-dia até 3 ½; até 5 ½, nos meses de Dezembro, Janeiro e Fevereiro, - 5, nos de Março, Abril, Agosto, Setembro, Outubro, Novembro, e 4 ½ nos de Maio, Junho, e Julho - preparo das lições; passeio d’ uma hora; descanso de meia hora; até as 8 preparo das lições, e leituras instructivas, ou conversa com a Aia, conforme chegar o tempo; ceia, e às 9 ½ devem estar deitadas. **Nos domingos e dias santos de guarda**, desde às 9 até a hora da missa, que ouvimos juntos, cathecismo e leituras pias, e depois do descanso que se segue ao passeio, o qual poderá começar mais cedo, contanto que o sol não esteja ainda ardente, ou sairão de carro devendo também então ir a Aia em sua companhia, recordação do preparo das lições e leituras instructivas ou conversa com a Aia, conforme chegar o tempo. Desde ½ hora depois do jantar até o passeio brincarão e a Aia poderá não estar presente até chegar o tempo. **Os [dias] de festa nacional** serão empregados da mesma maneira, à exceção das leituras pias substituídas pelas outras. As leituras instructivas devem ter relação com as matérias

De acordo com programa educativo estabelecido por D. Pedro II, a “distribuição das horas do dia” das Princesas ocorria da seguinte forma: no inverno, de segunda a sexta, elas levantavam às 7h. A manhã era ocupada com higiene pessoal e ensinamentos religiosos, dentre os quais se destacavam a reza e a missa. No verão, elas mantinham as mesmas atividades, mas acordavam um pouco mais cedo às 6h e preenchiam essa hora extra com a leitura do catecismo ou de algum outro livro pio e, curiosamente, o almoço era servido às 8h da manhã. Ao meio-dia, as estudantes eram incumbidas de fazer uma espécie de revisão das lições e leituras instrutivas com a aia que, em seguida, ministrava novas lições.

Um breve descanso de meia hora era permitido, no entanto, esse tempo deveria ser aproveitado para conversas com a aia, geralmente, num outro idioma e, até às 2h da tarde, quando era servido o jantar. As meninas descansavam “até 3 ½; até 5 ½, nos meses de Dezembro, Janeiro e Fevereiro, - 5, nos de Março, Abril, Agosto, Setembro, Outubro, Novembro, e 4 ½ nos de Maio, Junho, e Julho”¹⁹⁰. Novas lições eram ministradas seguidas por passeio de uma hora e repouso de meia hora e, ao passo que essas findavam, era servido um lanche. Até às 8h da noite, aconteciam as lições e leituras instrutivas ou conversas com a aia sobre as lições, ceia, e às 9h30 da noite as Princesas se recolhiam para dormir.

Aos domingos, dias santos e de guarda, Leopoldina e Isabel participavam da missa às 9h juntamente com seus pais. Em seguida, realizavam o catecismo e outras leituras pias. Os passeios eram permitidos em companhia da aia dentro do horário marcado e, em alguns casos, elas utilizavam o carro¹⁹¹ como meio de transporte. No caderno-diário encontram-se anotações de alguns dos passeios realizados pelas Princesas, e essas ocasiões eram descritas com entusiasmo.

15 [de 7^{bro} de 1856] **Primeira saída de carro descoberto para Botafogo com Valdetaro.** Escrevi a meu Caros Paes, e tive o consolo de receber uma carta de Mamãe que se lembrou de nos mandar maçãs e uvas. **Visita ao Museu.**

16 [de 7^{bro} de 1856] Piano, Francês, Photographia, passeio. [...]

Sábado 4 [de 8^{bro} de 1856] Piano, francês, **passeio a Igrejinha dos portos por ocasião da festa de Nossa Senhora do Rosário.** Levei minha esmolinha trouxe meu Registro. Attiraram-me foguetes, repicaram o sino.

Sabado d' Alleluia 11 [de abril de 1857] Levantei às 5 para ir a Cascata de Itamarati, fui com a M^a. Rosa, a Condessa, eu, a mana, a Totonha, a Chica e a Eulalinha. Eu fui de Petropolis a pé até a Cascata de Itamarati, A Mana andou um pouco á cavallo cheguei e achei a cascata muito bonita, ella tinha 3 quedas d'agua. Almocei muito

ensinadas, sendo ora em portuguez, ora em qualquer das outras linguas. As visitas que [...] procurarem as princezas serão recebidas unicamente nos domingos; nas festas de guarda e nacionaes; nos dias dos seus annos; nos dos nossos; nos de seus nomes e nossos, e em qualquer outra ocasião que eu determinar, à excepção dos creados de honra e serviço. Só haverá férias em Petropolis, onde talvez seja alterada a distribuição do tempo.” [Grifo meu].

¹⁹⁰ Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo - POB - Maço 29, Doc. 1038. Atribuições da aia [1856 - 1857].

¹⁹¹ Forma como D. Pedro II se refere ao principal meio de transporte da Família Imperial, a sege, carruagem antiga e de luxo.

bem quando voltei para caza montei no cavallo 2 vezes. Cheguei ás 11 1/2 e já tinha apparecido aleluia. Dei as minhas lições TB.¹⁹²

Por meio da pena, Isabel registra em seu caderno-diário momentos dos quais jamais se esqueceria: os passeios realizados em companhia da “mana”, da aia, dos mestres e das damas. As anotações aludem a passeios realizados em localidades próximas aos Paços de São Cristóvão e de Petrópolis e em quatro dias dos anos de 1856 e 1857. Inicialmente, há menção a “primeira saída de carro descoberto para Botafogo” em companhia do mestre Valdetaro e, ainda, visita realizada ao museu¹⁹³. No dia seguinte, a Princesa cita as lições dadas, *piano, francês e photographia*” e ainda um passeio, sobre o qual não há maiores informações.

Passado um mês, Isabel relata o passeio à igreja de Nossa Senhora do Rosário localizada próximo ao Porto do Rio de Janeiro. Nesse dia, levou sua “esmolinha”, uma prática constante no oitocentos e muito incentivada pelo pai D. Pedro II, o qual via grande importância no ato da caridade. A Princesa Isabel foi recebida com foguetes e repicar dos sinos, lembrando-a de sua posição: herdeira do Trono e futura Imperatriz do Brasil.

O último fragmento selecionado no caderno-diário a respeito dos passeios realizados pelas Princesas é o mais entusiasmado, e não podia ser diferente, afinal trata-se do *Sábado de Alleluia*, data extremamente importante para a Igreja Católica, religião oficial do Brasil monárquico oitocentista e muito praticada por Isabel e Leopoldina. Esse passeio especial

¹⁹² Diário da Princesa Isabel - 1856-1857. Arquivo Grão Pará. [Grifo meu].

¹⁹³ Provavelmente a Instituição visitada seja o *Museu Imperial e Nacional*, na época estabelecido as antigas ruas Nova do Conde e dos Ciganos, atuais Visconde do Rio Branco e da Constituição, na região conhecida como Campo de Santana, na Corte do Rio de Janeiro. A visita das Princesas ao museu é descrita em suas cartas aos pais. Em sua correspondência, “Leopoldina ateve-se à ‘giboya’ e as ‘casinhas’, pensando em suas bonecas e deixando aflorar toda a sua infância. Isabel, por sua vez, confirma ter gostado das casinhas mencionadas por Leopoldina, mas ao mesmo tempo, apressa-se em demonstrar ao pai seus conhecimentos de mineralogia, informando o nome das ‘pedras’ observadas” (AGUIAR, 2015, p.145 - 146).

Transcrição da carta de Leopoldina sobre a visita ao museu: “Meus Caros Paes. Estimo que Mamãe e o Papae estejam bons. Eu fui hontem no Museu e vi uã cobra giboya pequinina e eu do que gostei muito foi de uãs casinhas que tinha vontade de ter para a minha boneca. Aceitem um abraço de Sua filha do coração Leopoldina Teresa. 16 de 7^{bro} de 1856. Minha Rita e a Condessa mandam beijar a mão de Mamãe e a do Papae. Saudades á Jozefina”. AGP - XLI-3 - Carta da Princesa Isabel a D. Pedro II. [São Cristóvão] Petrópolis, 16 de setembro de 1856. Arquivo Grão Pará.

Transcrição da carta de Isabel sobre a visita ao museu: “Meus Caros Paes. Recebi hontem a sua cartinha que muito prazer me causou, eu tenho muitas saudades Suas, estimarei muito que meus Caros Paes continuem a passar bem. Eu estou boa. Agora vou-lhes contar o meu passeio de d’hontem; fui ao Museu e logo que lá cheguei vi a entrada da porta uã giboya dormindo com um filhinho, e no patamar da escada havia uã gaiola uã águia muito bonita, e grande; lá em cima vi uã mumia com os pés de fóra muito engraçada, um brilhante bruto do feitiu de uma pitanga, uã pedra roxa muito bonita que se chama Fluvina, e outra pedra bonita de muitas côres porem não me lembro do nome, lá também estavam duas casinhas que muito gostei. Adeus meus Caros Paes acceitem um abraço. De sua filha do coração. Isabel Christina. 16 de 7^{bro} de 1856. A Condessa, minha Roza e Domitila beijão a mão do Papae”. AGP XLVIII -1- Carta da Princesa Leopoldina a D. Pedro II. [São Cristóvão], 16 de setembro de 1856. Arquivo Grão Pará.

aconteceu na Cascata do Itamarati (Figura 23)¹⁹⁴, situada a 5km do Palácio Imperial de Petrópolis.

Figura 23 - Vista da Cascata do Itamaraty - Petrópolis - [Século XIX]



Fonte: Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/nº34/2019

Nos caderno diário, Isabel informa orgulhosa ter feito o trajeto à pé, diferentemente de sua irmã, que preferiu seguir à cavalo. As impressões de Isabel sobre o passeio foram as melhores possíveis: *a cascata é muito bonita, ella tinha 3 quedas d'agua*. Participaram da aventura juntamente com as Princesas, a dama Rosa de Sant'Anna, a aia Condessa de Barral e as amigas “Totonha, Chica e Eulalinha”. O retorno foi marcado pelo cumprimento das lições recebendo a nota, *TB*.

Durante o percurso dos passeios, a aia era incumbida de recordar junto a suas alunas as lições ministradas e ainda realizar leituras ou conversas instrutivas, de acordo com o tempo da viagem. Além disso, o Imperador solicitava para que as Princesas se mantivessem afastadas do forte sol e/ou do vento e da chuva, revelando sua preocupação com as duas. Um cuidado

¹⁹⁴ A fotografia mostra a Cascata do Itamaraty no Rio Piabanha, um importante ponto turístico localizado na Serra de Petrópolis muito frequentado na estação do verão por famílias abastadas da Corte que desejavam fugir do forte calor no oitocentos. “A cachoeira ainda existe mas é atualmente conhecida como a Cascata de Bulhões. A maior parte de suas águas é canalizada, subterraneamente, sobre a Rua Hermogênio Silva, no centro da cidade”. Cf. BIBLIOTECA DIGITAL MUNDIAL - CASCATA DO ITAMARATY. Disponível em: <<https://www.wdl.org/pt/item/1376/>>. Acesso em: 11 ago. 2019.

perfeitamente compreensível, já que havia passado pelo drama da perda de dois filhos varões e receava que o mesmo acontecesse com suas únicas filhas. Ao retornarem, acontecia o jantar e, decorridos trinta minutos, as filhas do soberano tinham a oportunidade de fazer o que qualquer criança faz e/ou tem o direito de fazer, sendo ela da nobreza ou não: brincar. E esse era um dos poucos momentos em que a aia tinha permissão para não participar. Porém, passada a meia hora destinada às brincadeiras concedida às meninas, as atividades educativas começavam.

Abaixo seguem trechos do caderno-diário sobre brincadeiras vividas na infância Imperial das duas Princesas. Nas anotações, realizadas por Isabel é possível sentir sua animação ao viver intensamente os dias referentes aos anos de 1856 e 1857. A Princesa minuta sobre as lições do dia, mas dedica muito mais atenção às brincadeiras permitidas em horários determinados pelo Imperador. Contudo, o leitor deve estar se perguntando: como era a diversão de crianças da nobreza no oitocentos? Basta conferir:

23 [de 7^{bro} de 1856.] Estudei minhas lições, e dei a lição de piano; e escrevi *La belle au bois dormant* [A bela adormecida]. As quatro horas fui passear com o *cerceau* [aro] e corri m^{to}. A noite trabalhei um pouco. [...]

26 de outubro de 1856. [...] A noite joguei o cassino que a condessa me ensinou; Eu e a mana ganhamos, depois fui cear. [...]

11 de janeiro de 1857. Dei o evangelho e a lição de cor *T.B.* Papai chegou as 9 horas. Ouvimos missa. Depois dei a lição de dança e estive cá o Dominique. De tarde brinquei com as minhas bonecas e as da Mana e demos um banquete. De tarde não fui passear porque estava chovendo e ventando. [...]

Domingo, 25 de janeiro de 1857. Domingo 25 Dei o **Evangelho T.B.** Ouvi **Missa** com a **Mamãe** e a **Mana**. **Dei a Lição de cor T.B.** Depois fui brincar com a **Condessa** e arranjamos uma caça, e quando fui jantar a **Condessa** mandou buscar o aparelho do **Dominique** e pozemos nos pratinhos arroz, carneiro, batatas, um bocado de empada, farinha nas xicras, água na leiteira, a cafeteira fingindo que tinha café, uma troxa de ovos, geleia de marmello, e quando a Minha **Rosa** foi jantar me trouxe dois pecegos, e tinha também limões, maçãs, e jarras de flores. Enquanto a **Condessa** jantou, estudei a **Geographia** e **Lição de cor**. Depois que a **Condessa** jantou trouxe a **Chiquinha** com ella, estava com dor de dentes, fingiu que tinha muita febre, então a **Condessa** receitou um vomitorio e depois ficou boa, e ela fingiu chamar-se **Jertrudes**, e depois **Antonia**. Demos um baile e convidamos a **Mamãe** e de repente veio a minha **Rosa** e a **Condessa** com um rabecão e depois com um tambor, e **Papae** tocou rabecão e **Eu** e **Mana** tocamos tambor. E depois a minha **Rosa** tocou rabecão. **Eu** e a **Mana** também tocamos; Jogamos jogos de prendas com **Papae** e **Mamãe**, um era *le mer etait agitée* [o mar está agitado] e outro dos leques. De noite tornei a estudar a lição de cor e a Mamãe veio ver se estava certa.¹⁹⁵

Para Leopoldina e Isabel, como toda criança de seu tempo, o mais importante era brincar e se divertir, seja entretendo-se com um objeto ou interagindo com seu semelhante. Dentre os objetos de entretenimento utilizados pelas Princesas destacam-se: o livro *La belle au bois dormant* (A bela adormecida), o *cerceau* (aro), a boneca (Figura 24), os jogos do

¹⁹⁵ Diário da Princesa Isabel - 1856 - 1857. Arquivo Grão Pará. [Grifo da autora].

cassino e de prendas, o aparelho [para fazer comidinha], instrumentos musicais como o rabecão e o tambor, mas principalmente, muita alegria e imaginação.

Figura 24 - Boneca de porcelana - [1860]



Fonte: Registro: 74.289. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/01439.000220/2018-93¹⁹⁶.

Ao tomar conhecimento dos jogos e brinquedos descritos por Isabel, percorri os espaços do Museu Imperial, antiga residência das Princesas, em busca de tais objetos, mas nada encontrei. No dia seguinte, retornei ao local ciente de que os museus costumam expor apenas 10% de seu acervo, assim, me dirigi ao Setor de Museologia em busca de mais informações e, para minha surpresa, encontrei a boneca de porcelana (Figura 24), um presente da Princesa Isabel a uma criança da colônia alemã, estabelecida em Petrópolis. A graciosa boneca está vestida com roupa de menina da época de 1860.

Diante dos apontamentos realizados por Isabel em seu caderno-diário sobre as brincadeiras, verifiquei a interação das duas meninas com o Dominique, filho da Condessa de Barral, e também com amigas de sua faixa-etária, como a “Chiquinha”. Mas, o que mais

¹⁹⁶ A boneca traja vestido de crepe branco, saia com dois babados de renda e fitas. A gola e as mangas são de crepe com manguitos de filó e entremeios. O chapéu possui os mesmos tecidos. Borzeguins (sapatos) de camurça branca. Dimensão: Altura de 0,377 m.

despertou minha atenção foi justamente a interação com os adultos, sejam eles Servidores da Casa Imperial, como a dama Rosa de Sant'Anna e a aia, ou os Imperadores do Brasil, D. Teresa Cristina e D. Pedro II, que nesse momento eram somente pais das meninas. E, talvez por estar muito alegre e querer chamar a atenção, em 25 de janeiro de 1857, num domingo, a Princesa fez questão de grafar em seu texto com caneta tinteiro de cor vermelha, cada personagem real ou fictício que com elas brincou. Isso porque, após a missa e entre as lições, todos se dispuseram a divertir-se com as herdeiras do Trono, seja lendo, jogando, tocando ou encenando... afinal, a principal ordem do dia era brincar.

Retomando a *Distribuição das horas do dia* constante em *Atribuições da Aia*, verifica-se no documento a determinação do soberano de que em datas comemorativas e de festa nacional as tarefas cotidianas fossem empregadas da mesma forma que aos domingos, dias santos e de guarda. O que mudavam eram as leituras pias sendo substituídas por outras leituras instrutivas e relacionadas às matérias ensinadas. Além disso, os idiomas das leituras eram alternados: em alguns momentos em língua portuguesa, noutros em língua estrangeira. Quanto a visitas às Princesas, D. Pedro II era enfático: *serão recebidas unicamente nos domingos; nas festas de guarda e nacionais; nos dias dos seus annos; nos dos nossos; nos de seus nomes e nossos, e em qualquer outra ocasião que eu determinar*¹⁹⁷. A exceção ficava por conta dos criados de honra e de serviço como os médicos da Casa Imperial, que visitavam as Princesas periodicamente. As férias aconteciam na casa de veraneio, na cidade de Petrópolis, e, geralmente, entre o *Natal* e a chegada do *Ano Bom*. Lá, o soberano permitia relativa flexibilização da rotina de estudos de suas filhas.

D. Pedro II, ao escrever a *Distribuição das horas do dia* pensou nos afazeres das filhas durante todos os dias e meses do ano, incluindo feriados santos e festivos, nos quais as Princesas realizavam leituras “pias” e/ou “instrutivas”. O tempo era organizado de acordo com a claridade do dia, rigorosamente aproveitada para as aprendizagens. E quando a luz natural se despedia, a artificial se fazia presente por meio dos lampiões de vidro¹⁹⁸, essenciais à promoção da iluminação nos momentos de leitura e escrita de cartas e cadernos.

As atividades “[...] deveriam ser realizadas pelas Princesas sob a orientação da Condessa de Barral, pois o sucesso do roteiro educativo dependia de sua atuação como preceptora. Ela precisava cuidar para que todas as tarefas estabelecidas fossem realmente

¹⁹⁷ Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo - POB - Maço 29, Doc. 1038. Atribuições da aia [1856 - 1857].

¹⁹⁸ Lacombe (2007, p. 45), ao escrever a obra *Biografia de um palácio*, afirma não ter encontrado referências sobre a iluminação no Palácio Imperial de Petrópolis, “...a não ser a compra de um carcel de três luzes para o vestibulo”.

desempenhadas [...]” (AGUIAR, 2015, p.113). E várias eram as atribuições de Luísa na função de aia das Princesas, motivo pelo qual D. Pedro II procurou registrá-las por escrito, o que pode ser conferido a seguir,

Atribuições Da Aia Só ella poderá intervir directa, ou indirectamente, na educação de minhas filhas, lembrando-me a mim, e á imperatriz, tudo o que puder facilitar o preenchimento d’este dever do seu cargo, e a nossa direcção superior exercer-se-á quanto as circumstancias o consentirem, por intermédio d’ella, para que não fique prejudicada a força moral de sua autoridade. Inspeccionará o ensino dos differentes mestres, e fará a mim só as reflexões que lhe parecerem acertadas, quando o caso permitir demora, assim como me proporá tudo o que fôr a bem da instrucção de minhas filhas, mesmo relativamente ao que se acha disposto n’este regulamento. Quanto á educação só direi que o character de qualquer das princezas deve ser formado tal qual convem a Senhoras que poderão ter que dirigir o governo constitucional d’um Império como o do Brazil. A instrucção não deve differir da que se dá aos homens, combinada com a do outro sexo; mas de modo que não soffra a primeira. Convirá conformar-se quando fôr de proveito aos regulamentos da instrucção publica primaria e secundaria. Poderá impôr castigos, e quando fôrem leves sem meu conhecimento prévio, devendo minha filhas não saber que o tenho, quando isto não fôr convenientes, sendo o maior d’elles a reclusão em um dos quartos dos respectivos aposentos, assim como representar-nos mesmo perante nossas filhas sobre a justiça da consessão de algum premio. [...]

Obrigações da Aia

Deverá acompanhar quando lhe for possível, as minhas filhas, desde as 9 horas da manhã até 8 da noite, com a exceção adiante permitida, inspecionando os mestres, guiando-as no preparo das lições, lendo com ellas, aproveitando até o tempo de descanso e de recreio para aumentar lhes a instrucção. A língua francesa, e depois a inglesa, deve ser empregada utilmente nas explicações, conversa e em qualquer outra ocasião. Não receberá visitas durante as horas do exercicio efetivo de seu cargo.¹⁹⁹

A Condessa de Barral era incumbida de executar as determinações constantes no documento *Atribuições da Aia*, mas ao mesmo tempo desfrutava de certa autonomia para propor mudanças que contribuíssem com o desenvolvimento das atividades educativas. Também possuía o poder de premiar ou castigar as alunas por bom e mal comportamento, sendo o maior deles a reclusão em um dos quartos dos respectivos aposentos. É curioso notar que essa mesma punição foi aplicada por D. Pedro I às filhas nos casos de desobediência.

Luísa, a preceptora das Princesas, possuía um modo próprio de educar suas alunas, ela sabia o momento de premiar e de punir as duas, se fosse necessário. Uma anotação no caderno-diário de Isabel no dia 5 de outubro de 1856 traz mais esclarecimentos sobre a questão: *Missa. Decorei o Evangelho XX depois do pentecostes, em que se trata do filho doente de Cafarnaum, como fui boa menina, tive licença de brincar com minhas panellinhas e até de frijir ovos. Fui passear de carro ao Rio Comprido...*²⁰⁰. De acordo com a Princesa, o tempo destinado à brincadeira e ao passeio ocorreu por ela ter sido “boa menina”, afirmação

¹⁹⁹ Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo - POB - Maço 29, Doc. 1038. Atribuições da aia [1856 - 1857].

²⁰⁰ Diário da Princesa Isabel - 1856-1857. Arquivo Grão Pará.

provavelmente enfatizada pela aia ao incentivar as boas atitudes como: ir à missa, comportar-se e decorar o evangelho.

Contudo, em caso de mau comportamento a aia também castigava ou corrigia suas discípulas. Ela colocava uma cruz na *sagesse* (sabedoria). Cada cruz anotada por Luísa correspondia a um ponto negativo recebido por alguma atitude indevida como: “teimosias”, “raivinhas” etc. Em algumas cartas de Isabel ao pai por exemplo, a menina informa satisfeita “até agora não tenho tido ponto na *sagesse*”²⁰¹, ou ainda, “eu acho que hoje não estive má na *sagesse*”²⁰². Nas epístolas da preceptora a D. Teresa Cristina, há outras informações a respeito do método de avaliação moral aplicado.

Senhora [...] **Uma cruz no mappa da Princezinha quer dizer uma raivinha que ela teve por eu supprimir um certo Salva vida que lhe hia custando a vida no banheiro do Trapicheiro.** Felizmente a Mana aguentou-a pelo pé privando-a de beber bastante agoa. Era pé de Ella dar grandes pulos das pedras dentro d’agoa etc. etc. para fugir dos perigos não se levam mais os Salva vidas. **A outra cruz foi lá um barulho com Mad^{le} Templier por falta de ser attenciosa nas suas expressões, mas nada de bem grave.** [...] Criada humilde e muito devotada Condessa de Barral. 28 de 9^{bro} de 1859.²⁰³

11 de Janeiro de 1860.

Senhora, Vossa Majestade não pode imaginar de que alegria ficam todos cheios quando recebem novas de Vossas Majestades, e como todos querem a um tempo saber a época fixa de volta! ... **Desde que Vossa Majestade mandou seu retrato às Princesas, nunca mais Elas se separaram dele. Vossa Majestade assiste às lições, e até fica dependurada no piano quando estudam. O maior castigo que eu tenho prometido e de que tenho tirado o maior proveito, é dizer: que ficará privada de olhar para o retrato Aquela que não trabalhar bem. Ainda não foi preciso usar desse meio cruel para uma amante filha.** Estão os retratos mui semelhantes e preferíveis a todos os que até agora tínhamos visto -Nunca tive tanta vontade de empurrar o tempo para diante, chegue minha Senhora, e se o que por cá se diz for verdade, venha ainda mais depressa nos dar esse alegrão. Vossa Majestade já deve estar farta de Te-Deum, e muita bondade é necessária para viver tantos meses em semelhante rebuliço ... O consolo é o bem que tem feito a essa Sua pobre gente. Suas Altezas tiveram poucas visitas de boas festas [...] Suas Altezas ficam perfeitamente boas. Sempre nos dão tanta pressa que não há tempo senão para beijar a mão de Vossa Majestade por mim e o Dominique. Condessa de Barral.²⁰⁴

Em correspondência enviada à Imperatriz em 28 de novembro de 1859, a preceptora explica o motivo da Princesa Leopoldina ter recebido uma cruz na *sagesse*, ou seja, um ponto negativo no mapa de avaliação moral elaborado por Luísa e enviado à mãe das meninas que encontrava-se em viagem ao “Norte” do país. A aia refere-se a travessura de Leopoldina no *Trapicheiro*, um rio situado na região conhecida como Tijuca, na Corte do Rio de Janeiro.

²⁰¹ AGP- XLI-3 - Carta da Princesa Isabel a D. Pedro II. Petrópolis, 12 de março de 1858. Arquivo Grão Pará.

²⁰² AGP- XLI-3 - Carta da Princesa Isabel a D. Pedro II. Petrópolis, 23 de março de 1861. Arquivo Grão Pará.

²⁰³ AGP - CCCXXXVII-7- Carta da Condessa de Barral a D. Teresa Cristina. [São Cristóvão], 28 de novembro de 1859. [Grifo meu].

²⁰⁴ AGP - CCCXXXVII-7 - Carta da Condessa de Barral a D. Teresa Cristina. [Petrópolis], 11 de janeiro de 1860. Arquivo Grão Pará. [Grifo meu].

Neste local, existiam termas para “banhos e duchas” frequentados diariamente pelas Princesas quando estavam em São Cristóvão. Os banhos tinham relação com rituais medicinais e são muito comentados nas cartas das meninas. No dia mencionado pela aia, Leopoldina, ao tomar banho dispensou sua “salva vida”, ou melhor, sua dama Rita Francisca Roze e por pouco não se afogou, felizmente foi salva por Rosa de Sant’Anna, dama de Isabel. O acontecimento deixou a Condessa de Barral bem preocupada. Em outra epístola enviada à mãe das Princesas nos dois meses seguintes, a aia torna a falar sobre seu método de avaliação moral: “o maior castigo que eu tenho prometido e de que tenho tirado o maior proveito, é dizer: que ficará privada de olhar para o retrato [da mãe], aquela que não trabalhar bem. Ainda não foi preciso usar desse meio cruel para uma amante filha.”²⁰⁵

Ao que tudo indica, não empregar a punição parece ter sido um alívio para a preceptora que após três anos do exercício de sua função, mostra-se extremamente afeiçoada às Princesas. Além do mais, nas cartas selecionadas para este estudo, não foram encontradas referências sobre a aplicação do maior dos castigos constante em *Atribuições da Aia*, “a reclusão em um dos quartos dos respectivos aposentos”, o que não significa que não tenha sido aplicado.

A similaridade no tipo de castigo constante nos regulamentos dos dois Imperadores do Brasil não é a única, há outros indícios de que D. Pedro II tenha de fato consultado o *Regulamento que há de ser observado no quarto das minhas filhas, tanto por ellas como pelas criadas* elaborado pelo pai D. Pedro I, com a finalidade de redigir o manual educativo: *Atribuições da Aia*. Dentre as semelhanças encontradas nos dois regulamentos destinados a *Educação das Filhas*, além do castigo, realço: a importância da participação diária na missa, a valorização da religiosidade e o temor a Deus, o horário das refeições, a aprendizagem de idiomas por meio de conversas informais realizadas com a aia e os “mestres de línguas”, o cuidado para que as Princesas estivessem “asseadas”, assistidas por médicos e em todos os momentos acompanhadas por suas damas.

Todavia, são encontradas também diferenças nos regulamentos com destaque para os horários de estudos e o tipo de educação priorizada pelos dois Imperadores do Brasil. D. Pedro I recomendava que as lições ocorressem “das dez horas da manhã até às quatro da tarde, sem contar a hora e meia de jantar, e sesta”. Solicitava, ainda, que a governanta ensinasse suas filhas a “... rezar, a ouvir missa, a coser, a bordar, e a tudo mais que constitui

²⁰⁵ AGP - CCCXXXVII-7 - Carta da Condessa de Barral a D. Teresa Cristina. [Petrópolis], 11 de janeiro de 1860. Arquivo Grão Pará. [Grifo meu].

uma senhora ordinária bem prendada, pois que muito convém, que saiba tudo”²⁰⁶. Além do que, preocupava-se com a formação do caráter das meninas, ao estabelecer:

Artigo 7º [...] a governanta cuidará da educação física da pessoa de que está encarregada, dar-lhe-á bons conselhos e exemplos, explicar-lhe-á a razão porque lhe nega certas coisas, ou lhes proíbe, não consentirá que se lhe meta medos com coisa alguma, só sim lhe infundirá temor de Deus, respeito, e amor a seu pai e mãe, e humanidade para com seu próximo, não lhe deixando fazer mal, mesmo a animal algum, para que o seu coração não se endureça [...].²⁰⁷

No Artigo 7º acima citado, o primeiro Imperador do Brasil instituiu que a governanta cuidasse da educação física e moral das Princesas. Assim, ela seria a responsável por dar bons conselhos, explicar o porquê de se negar “certas coisas”, incutir nas mesmas o temor a Deus, o respeito e amor a seus pais e ao seu próximo, a fim de enobrecer o coração de suas filhas. D. Pedro II, por sua vez, não se preocupou em registrar tais questões em seu manual educativo, até porque ele era muito presente na vida das filhas e quando encontrava-se distante, os ensinamentos morais realizavam-se por meio de epístolas enviadas às duas Princesas, segundo cartas a seguir,

[Leopoldina] Não tem obrigação d’estudar senão durante o tempo que marquei, porem quem estuda mais sabe mais, e você conhece qual meu desejo, e que sempre fui muito respeitador de meus mestres. O exercício também é necessário; mas você não deve se cansar muito por causa de suas pernas; em summa, lembre-se de que ainda não tem bastante experiência para não [...] attender ás prescripções dos mais velhos, e q não sou eu só quem deseja o seu bem. [...].²⁰⁸

Rio 15 de Abril de 1862

Cara Izabel Estimo que não brincasses hontem nas lições. Quantos versos traduzirão com o Sapucahy? A tua letra está muito máo, escreve-me com muito pouco cuidado. As filhas do Leal consta-me que são bem educadas mas o que devias fazer se for preciso dizer alguma cousa era declarar que as não convidavas para brincar contigo porque eu ainda não tinha sido ouvido sobre esse convite. Ninguém te levaria a mal e pelo contrario te louvarão esse modo de fallar. [...] Receba a saudosa benção de teu Pae extremoso Pedro. Lembranças á tua Rosa e aos mais.²⁰⁹

Nas cartas D. Pedro II chama a atenção das filhas e acentua alguns valores por ele concebidos como de grande importância para as duas, dentre eles sobressaem: a obediência, o respeito, o comprometimento e a aplicação aos estudos. Quando diz a Leopoldina que não era só ele quem desejava o seu bem, o pai se referia a todos aqueles que estavam ao lado das meninas trabalhando para que estivessem assistidas em todo o tempo. Em sua concepção, o

²⁰⁶ Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo - Maço 29 - Doc. 1038 - Regulamento, que há de ser observado no quarto de minhas filhas, tanto por ellas como pelas criadas. S/D.

²⁰⁷ Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo - Maço 29 - Doc. 1038. Regulamento, que há de ser observado no quarto de minhas filhas, tanto por ellas como pelas criadas.S/D.

²⁰⁸ AGP - XLVIII- 1 - Trecho escrito por D. Pedro II na carta da Princesa Leopoldina a ele dirigida. [São Cristóvão, 1862], sem assinatura. Arquivo Grão Pará.

²⁰⁹ AGP - XXXIX- 1- Carta de D. Pedro II à Princesa Isabel. Rio de janeiro, 14 de abril de 1862. Arquivo Grão Pará.

cumprimento do programa educativo por ele estabelecido era fundamental para o triunfo de suas sucessoras no futuro. Talvez por isso a clara diferença entre os regulamentos dos dois soberanos do Brasil, principalmente no tipo de educação proporcionada às Princesas Isabel e Leopoldina. Logo, D. Pedro II definiu que as atividades educativas de suas filhas se estenderiam até as 8h da noite, mas com as devidas pausas para o asseio, a missa, as refeições e o descanso, carga horária que é ampliada na década seguinte. Ademais, todo o “tempo livre” entre uma atividade e outra era aproveitado para a ampliação da instrução. Sobre os ensinamentos propostos estabeleceu que a educação não devia diferir da que se dava aos homens, combinada com a do outro sexo, mas de forma que não sofresse a primeira.²¹⁰

O Imperador estava consciente de que o cargo a ser ocupado por Isabel (e Leopoldina na falta da irmã), como herdeira presuntiva da coroa exigia uma educação à altura, assim, diferentemente de D. Pedro I que priorizou às filhas os ensinamentos voltados para as “prendas domésticas”, o segundo Imperador do Brasil, ofertou às Princesas de acordo com seus cadernos de lições, a dupla educação composta por “ciências e letras”, conhecimentos comumente destinados aos homens como futuros governantes, e “prendas domésticas”, atribuída àquelas que seriam mães e esposas.

Essa decisão mostra que D. Pedro II entendia que apenas os ensino das “primeiras letras” e das “prendas domésticas” oferecidos às poucas mulheres que estudavam no oitocentos não eram suficientes à futura Imperatriz do Brasil. Logo, organizou ele próprio, um programa de estudos que acreditava ser compatível com a função. E os traços desse programa cuidadosamente formulado pelo monarca educador podem ser encontrados em folhas soltas, boletins, desenhos, textos e cadernos de lições das Princesas, os quais podem ser conferidos nos Capítulos 3 e 4 desse estudo.

Seguindo as determinações do soberano de formar duas mulheres educadas para governar, a aia acompanhava as Princesas das 9h da manhã até as 8h da noite e não era autorizada a receber visitas durante o exercício do seu trabalho. Coordenava e inspecionava os mestres, lia com as Princesas e também orientava-as no preparo das lições. Aproveitava o tempo de descanso e passeio das alunas para “ampliar a instrução” com conversas em língua francesa e inglesa respectivamente. Até porque, no século XIX, o idioma francês era muito requisitado às meninas e moças que desejavam mostrar status e destacar-se na Sociedade de Corte.

²¹⁰ Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo - POB - Maço 29, Doc. 1038. Atribuições da aia [1856 - 1857].

2.3 Detentores de uma nobre missão: mestres, aias e damas

Na Corte, os sentimentos costumavam ser impenetráveis e as ações dissimuladas. O indivíduo agia contra os seus próprios anseios ao sorrir para o inimigo, dominando o mau-humor, disfarçando as suas paixões e rejeitando o que desejava de fato fazer ou pronunciar (LA BRUYÈRE apud ELIAS, 1993, p. 226). Embora recém-chegada ao palácio, a preceptora Condessa de Barral tinha obrigações e responsabilidades da maior importância, a ela foram conferidos plenos poderes de atuação sobre a educação das filhas do soberano, causando certo “incômodo” às demais servidoras (AGUIAR, 2015). Um bilhete enviado por D. Pedro II ao mordomo Paulo Barbosa traz maiores explicações sobre o assunto,

Sua Majestade o Imperador espera que a dama e a açafta do quarto de Sua alteza Imperial não continuarão a contrariar por seus atos ou palavras a influencia que deve a Condessa de Barral ter sobre a educação de Suas Altezas que por Sua Majestade o Imperador lhe foi comettida, evitando assim que o mesmo Augusto Senhor, se veja obrigado a tomar medida severa.²¹¹

No manuscrito, “Sua Majestade o Imperador” mostra-se insatisfeito com a dama e a açafta do quarto de Sua Alteza Imperial a Princesa Isabel, senhoras que continuam a desobedecer suas ordens quanto à “influência que deve a Condessa de Barral ter sobre a educação de suas Altezas”. As palavras do soberano do Brasil acentuam a dimensão do papel da Condessa de Barral junto às suas filhas, o que é perfeitamente compreensível. Educada na França, país símbolo de civilidade e modernidade no oitocentos, Luísa se destacava, pois convivia com europeus numa época em que a Sociedade de Corte Europeia influía determinadamente na “modelação da conduta civilizada no Ocidente como o exemplo de uma boa sociedade” (ELIAS, 1993, p. 254-258; AGUIAR, 2015).

O bilhete do Imperador demonstra a ingerência que Luísa possuía na Corte Brasileira, ao desempenhar a função de encarregada da educação das herdeiras do Trono. É importante lembrar que a preceptora trazia consigo hábitos, comportamentos e valores vistos como instrumentos de prestígio, igualmente interpretados como mecanismo de poder. (AGUIAR, 2015, p. 182). Por consequência, ela ficava logo abaixo da figura dos soberanos do Brasil e se apresentava como autoridade máxima diante das duas meninas. E essa autoridade se estendia também aos mestres e demais pessoas que serviam as Princesas, como damas, açaftas, retretas e “moças do quarto”.

²¹¹ Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo - APB - Tomb: 2876/97 - Bilhete de D. Pedro II a Paulo Barbosa. Sem local, sem data.

No Quadro 5, abaixo, registram-se algumas dessas senhoras que trabalhavam nos quartos das Princesas conforme *Livro de Pagamentos dos Servidores da Casa Imperial*:

Quadro 5 - Servidoras que trabalhavam nos quartos das Princesas (1858-59) - funções, ordenados e gratificações

Servidora da Casa Imperial	Função	Ordenado e Comedoria	Gratificação	Gratificação por estar a Serviço de S.A.I.	Gratificação por estar a Serviço de S.A. D. Leopoldina	Total
Roza de Sant' Anna Lopes	Dama	80.000	20.000	40.000	-	140.000
Domitília Francisca de Abreu Brandão	Açafata	60.000	15.000	30.000	-	105.000
Anna Joaquina de Almeida	Retreta	40.000	-	20.000	-	60.000
Carlota Maria do Carmo Araújo	Retreta	40.000	-	-	20.000	60.000
Joanna Pinto de Mendonça	Moça do quarto	30.000	-	10.000	-	40.000
Leopoldina Valester	Moça do quarto	30.000	-	-	10.000	40.000
Rita Francisca Roze	Dama	80.000	20.000	-	40.000	140.000
Maria Amália Azambuja Carvalho de Moraes	Dama	80.000	20.000	-	40.000	140.000

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.²¹²

No Quadro 5, encontram-se identificadas as mulheres que serviam às filhas de D. Pedro II e D. Teresa Cristina. Dentre elas estão Rosa de Sant'Anna Lopes e Rita Francisca Roze, as damas de Isabel e Leopoldina, respectivamente, elas acompanhavam as duas meninas e supervisionavam as açafatas, retretas e “moças do quarto”, incumbidas dos afazeres domésticos do toucador de cada Princesa. As damas recebiam por tal atividade laboral o ordenado de 140\$000 réis anuais²¹³, vencimento superior ao das demais servidoras listadas no quadro acima.

No documento *Atribuições da Aia*, são instituídos alguns dos deveres das damas e criadas,

Das senhoras e outras pessoas dos quartos
As criadas de honra e de serviço dos quartos terão as atribuições e deveres que indicam suas respectivas denominações e velarão sobre as pessoas de minhas filhas assim como a aia que poderá acompanhá-las sempre.²¹⁴

²¹² A moeda corrente no Brasil Império era o mil-réis, que se escrevia, 1\$000. Mil mil-réis correspondiam a um conto de réis e eram grafados desta forma: 1:000\$000. Este valor equivalia a 55 centavos de dólar em 1846, ano do nascimento da Princesa Isabel. O valor do mil-réis flutuou muito no século XIX, alcançando a cotação máxima de 59 centavos de dólar no ano de 1851 (BARMAN, 2005, p. 14-35). A ortografia da escrita, presente nos documentos consultados, foi atualizada no quadro para a língua portuguesa atual.

²¹³ AGP - L. 110. *Livro de Pagamento dos Servidores da Casa Imperial*. 1858-1859. Arquivo Grão Pará.

²¹⁴ Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo POB - Maço 29, Doc. 1038. *Atribuições da aia* [1856 -1857].

As damas são frequentemente citadas no caderno-diário de Isabel e nas cartas das Princesas enviadas aos pais entre os anos de 1854 a 1864. Dez anos após a conclusão da educação formal das filhas de D. Pedro II, a dama de Isabel recebeu o título de Baronesa de Sant'Anna pelo reconhecimento dos serviços prestados à Princesa Imperial do Brasil (BARMAN, 2005, p. 41- 49). Já a dama de Leopoldina, Rita Francisca Roze faleceu²¹⁵ no decorrer da formação educacional das duas, sendo substituída por Maria Amália Azambuja Carvalho de Moraes, contratada como “Dama de Palacio Honorária”, por meio do Decreto²¹⁶ de 3 de junho de 1863 (AGUIAR, 2015, p. 69).

Na pasta *Educação das filhas* existente no acervo do Arquivo Histórico do Museu Imperial, encontra-se um documento com a caligrafia de D. Pedro II e que traz maiores informações sobre as incumbências de D. Maria Amália como dama da Princesa Leopoldina,

Maria Amália Azambuja Carvalho de Moraes dama ao serviço de minha filha Leopoldina, terá as mesmas regalias e deveres que a dama no serviço de minha filha Izabel. Dirigirá o serviço do quarto de minha filha em tudo o que não entender com sua instrução. Acompanhará minha filha Leopoldina durante o tempo que não fôr das lições e estudo...²¹⁷

Segundo D. Pedro II, ainda que fossem muito “cuidadosas”²¹⁸, as damas não atendiam às exigências para pleitear o cargo de preceptora de suas filhas, o que ficou claro quando ele contratou Maria Amália Azambuja para exercer a mesma função de Rosa de Sant'Anna, estabelecendo que a dama cuidaria do serviço do quarto de sua filha Leopoldina em tudo o que não se relacionasse com as “lições e estudos”.²¹⁹ Afinal, para realizar a instrução das Princesas foram contratados mestres sob a coordenação e supervisão da preceptora Condessa de Barral, que também ensinava às filhas do monarca brasileiro.

No Quadro 6, a seguir, são identificados mestres escolhidos por D. Pedro II para educar suas filhas no período de 1850 a 1864.

²¹⁵ Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo - POB - Maço 38 Doc. 1058 - Diário da Imperatriz D. Teresa Cristina - 30 de maio de 1864. O documento original encontra-se em italiano e foi traduzido por Thaís Martins.

²¹⁶ Arquivo Nacional - Casa Imperial - Caixa 16 - Pacote 2. Ofício do Marquês de Olinda (Pedro de Araújo Lima) ao Senhor Paulo Barbosa da Silva em 3 de junho de 1863.

²¹⁷ Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo - Maço 29 - Doc. 1038 - Papéis relativos à educação das Princesas. 12 páginas de texto, algumas por letra de D. Pedro II. [Grifo meu].

²¹⁸ Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo - POB Cat. B, Maço 29, Doc. 1046. Carta (Rascunho) de D. Pedro II a Imperatriz D. Amélia, Imperatriz do Brasil [1853].

²¹⁹ Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo - Maço 29 - Doc. 1038 - Papéis relativos à educação das Princesas. 12 páginas de texto, algumas por letra de D. Pedro II. [Grifo meu].

Quadro 6 - Mestres das Princesas Isabel e Leopoldina de 1850 a 1864

Início das Lições	Mestres	Nacionalidade	Matérias
1850	Luiz Aleixo Boulanger	Francês	Caligrafia - Geografia
1850	Alexandre Antonio Vandelli	Português	Botânica - Ciências Naturais
1850	Candido José de Araújo Vianna	Brasileiro	Língua Portuguesa - Literatura - Latim
1850	Fortunato Mazziotti	Italiano	Música
1854	Francisco Crispiniano Valdetaro	Brasileiro	Instrução Elementar - História Santa
1855	Isidoro Bevilacqua	Italiano	Música
1856	Luísa Margarida Portugal de Barros	Brasileira	Francês - Geografia - História - Teatro - Filosofia Dança - Música - Literatura - Inglês - Caligrafia - Matemática - Canto
1856	Felix Emilio Taunay	Francês	Francês
1856	Julio Toussaint	Francês	Dança
1857	Victorine Templier	Francesa	Francês - História - Dança - Música
[1857]	Antônio Manuel de Melo	Brasileiro	Física - Astronomia
1857	Francisco Freire Alemão e Cisneiros	Brasileiro	Botânica - Retórica
1857	Jenny Diémer	Francesa	Bordado - Costura - Pintura
[1857]	Cândido Batista de Oliveira	Brasileiro	Física - Matemática - Astronomia
1858	Luiz Rozsanyi	Austro-Húngaro	Equitação
1859	Marcos Neville	Francês	Inglês
1860	Marianno Jose de Almeida	-	Desenho - Pintura
[1860]	Guilherme Schüch de Capanema	Brasileiro	Mineralogia e Geologia
1860	Guilherme Schulze	Alemão	Alemão
[1860]	Joaquim Manuel de Macedo	Brasileiro	História - Literatura
[1860]	Marc Ferrez	Brasileiro	Fotografia
1861	Revert Henri Klumb	Francês	Fotografia
[1862]	Francisco de Paula Cândido	Brasileiro	Física - Química
[1862]	Francisco Ferreira de Abreu	Brasileiro	Física - Química
1863	José de Santa Maria Amaral	Brasileiro	História da Filosofia
1863	Luís Vicente de Simoni	Italiano	Italiano
1863	Carlos Carneiro de Campos	Brasileiro	Economia Política

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.²²⁰

No Quadro 6, encontram-se listados 27 mestres, sendo 13 brasileiros, 7 franceses, 1, português, 3 italianos, 1 austro-húngaro, 1 alemão, e 1 que não teve sua nacionalidade identificada (Marianno Jose de Almeida), mas é possível conjecturar que fosse português ou brasileiro. Portanto, constata-se uma predominância de mestres brasileiros, desses, muitos eram filhos de estrangeiros e priorizaram sua formação no exterior, com destaque para Portugal e França. Dos 27 mestres listados, 24 são do gênero masculino e 3 do gênero feminino, são elas: a preceptora Luísa Margarida, sua auxiliar Victorine Templier e a mestra

²²⁰ O Quadro 6 tem origem em estudos anteriores (AGUIAR, 2015, p. 188). Na nova versão foram incluídos os mestres: Antônio Manuel de Melo, mestre de física e astronomia; Guilherme L. Schulze (Wilhelm L. Schulze), professor de alemão. A identificação contou com colaboração de Fátima Argon e Neibe Cristina respectivamente. Os dados presentes no quadro acima, foram obtidos "principalmente com base no cruzamento de informações extraídas das correspondências trocadas entre as Princesas e seus pais no período de 1854 a 1864 (AGP), dos cadernos das Princesas, do diário da Princesa Isabel (AGP), do diário do Imperador (POB), dos apontamentos existentes nos *Livro de Pagamentos dos Servidores da Casa Imperial*, (AGP), do *Livro de Assentamento dos Mestres de Sua Majestade o Imperador e Sereníssimas Senhoras Princezas* (AN) e das *Folhas dos Vencimentos dos Mestres da Imperial Família* (AN). A ortografia da escrita, presente nos documentos consultados, foi atualizada no quadro para a língua portuguesa atual.

Jenny Diémer. Dentre os 24 mestres do gênero masculino, 5 já haviam sido professores particulares de D. Pedro II e deram continuidade ao seu contrato, como é o caso de Luiz Aleixo Boulanger, Alexandre Antonio Vandelli, Candido José de Araújo Vianna, Fortunato Mazziotti e Felix Emilio Taunay.

Mestres ou professores particulares ensinavam alunos nas casas e eram pagos pela família contratante conforme as matérias e cursos que lecionavam (VASCONCELOS, 2005). Entretanto, os professores de Isabel e de sua irmã foram pagos pelo Tesouro Nacional, atendendo ao Artigo 110 da Constituição de 1824, que determinava: *os Mestres dos Príncipes serão da escolha, e nomeação do Imperador, e a Assembléa lhes designará os Ordenados, que deverão ser pagos pelo Thesouro Nacional*²²¹. Contudo, ao longo da investigação, foi observado que nem todos os mestres que atuaram na formação das herdeiras do Trono foram registrados no *Livro de Assentamento dos Mestres de sua Majestade o Imperador e Sereníssimas Senhoras Princezas* (AN), no *Livro de Pagamento dos Servidores da Casa Imperial do Brasil* (AGP) e nem nas *Folhas dos Vencimentos dos mestres da Imperial Família* (AN), mas foram considerados neste estudo como professores das Princesas que compuseram o Quadro 6.

No Quadro 6, constam os nomes, a nacionalidade, as matérias ensinadas e as datas estimadas do início das atividades laborais de cada mestre e/ou preceptor identificado como professor da Casa Imperial do Brasil, contratados a partir do ano de 1850, permanecendo na função até o ano de 1864, quando finda a educação formal das Princesas, sendo que alguns faleceram antes do término de seu contrato.

A maioria dos mestres principiou suas atividades no Palácio após a chegada da preceptora, o que nos leva a concluir que D. Pedro II sentiu-se mais seguro após a vinda de Luísa Margarida para o Palácio, confiando a ela um maior número de mestres sob seu encargo e/ou conforme as meninas iam crescendo, houve a necessidade de ampliar o conjunto de matérias a elas ensinadas (AGUIAR, 2015, p. 190). Os professores lecionavam uma, duas ou mais matérias de diferentes áreas, a preceptora, por sua vez, “reforçava” tais saberes chegando a ministrar até doze matérias semanalmente.

Cabe lembrar, porém, que nem toda matéria listada no Quadro 6 possui caderno conservado no Arquivo Histórico do Museu Imperial, o que pode estar relacionado com a natureza prática do saber ensinado, como a retórica, a dança, a fotografia, o canto, a costura, o bordado e a equitação; ou, ainda, com a natureza essencialmente teórica, característica da

²²¹ Art. 110 da Constituição de 1824.

História do Brasil. Nessa perspectiva, o mestre pode ter optado por utilizar metodologicamente apenas livros de textos em suas aulas. Também existe a possibilidade de que essas matérias tenham sido ensinadas por meio de cadernos, mas, por algum motivo, foram descartados ao longo do tempo por suas autoras, seus pais e/ou descendentes, apagando parte dos vestígios da vida educativa das meninas, uma prática usual da população brasileira como um todo.

A seguir, serão focalizados aspectos biográficos de alguns dos mestres presentes no Quadro 6, encarregados de educar as Princesas sob a direção de D. Pedro II e da Condessa de Barral. Serão apresentadas as matérias lecionadas, a formação dos professores, a relação de trabalho com a Casa Imperial do Brasil, a metodologia aplicada nas aulas, as impressões das Princesas sobre os ensinamentos propostos e o local onde realizavam as lições. Tratam-se de informações relevantes, sabendo que os conhecimentos, as ideias e os valores ensinados por um professor podem ter forte ressonância na trajetória de vida de seu educando.

O francês Luiz Aleixo Boulanger²²² (França/1798 - 1874) chegou ao Brasil em 1827 e dois anos depois montou sua oficina litográfica situada na Rua da Ajuda, nº 173 na Corte Carioca. Em seu estabelecimento, produzia e comercializava papéis litograficamente impressos como etiquetas com desenhos e papéis timbrados²²³. Boulanger logo se revelaria “um artista dotado de requintada educação” e, assim, atraiu clientes ilustres como o Imperador D. Pedro I e o Príncipe Augusto de Eichstadt, Duque de Leuchtemberg, irmão da Imperatriz D. Amélia, recém-chegado ao Rio de Janeiro (AGUIAR, 2015, p. 191).

A partir de maio de 1829, o futuro mestre de Príncipes passou a divulgar, nos mais influentes periódicos da época, sua oficina litográfica e também o trabalho como professor no mesmo endereço: *L. A. Boulanger [...], de 2 de Junho em diante, dara as suas lições; as quaes terão lugar nas terças, quartas, sextas feiras e sabbados, de cada semana, das 6 até 8 horas da noite*²²⁴. Essa notícia chegou ao conhecimento do tutor José Bonifácio de Andrada e Silva²²⁵, que já tinha conhecimento do trabalho do mestre por meio do primeiro Imperador do Brasil, cujo soberano havia estado em sua oficina litográfica.

²²² *Louis-Alexis Boulanger* é seu nome de registro na França.

²²³ Para maiores informações ver: (AGUIAR, Jaqueline Vieira de; VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. Um professor para a corte brasileira: aspectos biográficos de Luiz Aleixo Boulanger. In: *Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica (VII CIPA)*, 2016, Cuiabá. Eixo 4 - (Auto)biografias, narrativas digitais, história, literatura e artes. Salvador: Biograph, 2016. v. 1. p. 1-13.

²²⁴ *Jornal do Commercio*. Folha comercial e politica. Edição 00484. Rio de Janeiro, sexta-feira 29 de maio de 1829. Página 3 de 4.

²²⁵ Político de grande atuação no Primeiro Reinado, ficou conhecido como o “Patriarca da Independência do Brasil”. Além disso, foi tutor do pequeno Imperador Pedro II até ser substituído, em 1833, pelo marquês de Itanhaém.

Figura 25 - Luiz A. Boulanger - 1871



Fonte: Fotografia - Museu Imperial/Ibram/
Ministério do Turismo/nº34/2019.

O tutor convidou Boulanger (Figura 25), para ser mestre de caligrafia, desenho e geografia dos filhos de D. Pedro I, sendo registrado no *Livro de Assentamento dos Mestres de Sua Majestade o Imperador e Sereníssimas Senhoras Princezas*²²⁶ em 17 de julho de 1833, com o vencimento de 400\$000 réis anuais e gratificação de 350\$000 réis, valor elevado em 1835 para 600\$000 anuais. No livro, também consta a dispensa do mestre em 1º de maio de 1839, mas, de acordo com as *Folhas dos Vencimentos dos Mestres da Imperial Família* relativas ao período de 1833 a 1862, seu vencimento continuou a ser pago, o que leva a crer que ele tenha permanecido na função de professor até o ano de 1862, visto que, segundo Lacombe (1989, p. 37-38), a partir de 1850, atuou como mestre de caligrafia e geografia das Princesas Isabel e Leopoldina.

Além disso, num anúncio encontrado no *Almanaque Laemmert* na década de 1840, Boulanger fazia propaganda de suas atividades artísticas e empresariais de desenho, de retratos e brasões para a “Nobreza e Fidalguia do Império” e se apresentava como mestre da Família Imperial:

Luiz Aleixo Boulanger, mestre de escrita e geografia da família imperial, familiarizado com os trabalhos heráldicos, encarrega-se de solicitar do governo de S. M. o Imperador licença para o uso de Brasões de Armas; fazer as cartas de nobreza e

²²⁶ Arquivo Nacional - Mordomia da Casa Imperial - Códice 01 - Volume 81 - Livro de Assentamento dos Mestres de Sua Majestade o Imperador e Sereníssimas Senhoras Princezas - 1833-64.

fidalgua, os desenhos conforme os apelidos, ou compor armas novas. Rua dos Barbonos 69.²²⁷

De acordo com estudo anterior (AGUIAR, 2015), Boulanger, o mestre de caligrafia da Família Imperial obteve mais sucesso com as alunas Leopoldina e Isabel que se preocupavam em escrever de forma legível, diferentemente de seu aluno precedente, o pai das meninas, alvo de várias reclamações das filhas e até da preceptora por traçar suas letras de forma ilegível em várias cartas enviadas as mesmas. Mas D. Pedro II não parecia se preocupar com sua escrita e, sim, com a das filhas, cobrando dedicação aos estudos conforme epístola abaixo:

Rio, 14 de Abril de 1862. Cara Izabel Estimo que tenhas passado bem. **Vi as tuas notas que não são boas. A letra de tuas cartas é muito má, e escripta muitissimo á pressa. Já sei que me vens chamar mansinho, porem hei de por fim confessar que nunca sou tão bonzinho para ti do que quando te faço estudar,** e Deos quer antes que empregues o resto da 5^a e 6^a feira n'algum estudo de que nada faças. Mando o discurso do Barra Delfim sobre a Associação de São Vicente de Paulo para a Condessa lhes ler. Adeus! Receba a saudosa benção de seu Pae extremoso Pedro. Lembranças á Condessa, ao Dominique, tua Rosa e os mais.²²⁸

A caligrafia fazia parte do currículo das meninas, que precisavam atentar para a importância de uma letra legível e das boas notas, considerando a função de Princesas herdeiras. Ao afirmar: *nunca sou tão bonzinho para ti do que quando te faço estudar*. O Imperador chama a atenção da filha para a importância do aprendizado como algo essencial, principalmente pela função que exerceria no futuro.

A dedicação aos estudos é assunto de várias correspondências enviadas às filhas, o que certamente era reforçado pessoalmente. Daí a obsessão do soberano com a caligrafia, a arte da escrita, fundamental para facilitar o aprendizado, tornando os textos mais agradáveis e compreensíveis aos professores, aos seus pais e às próprias autoras. Preocupado com a estética dos textos de suas filhas e com a qualidade ortográfica e gramatical do mesmo, o Imperador contratou em 1850 um mestre digno de ensinar às Princesas a língua materna, o idioma nacional. Desse modo, o Imperador confiou ao seu antigo professor, o brasileiro Cândido José de Araújo Viana²²⁹ (MG/1793 - RJ/1875), futuro Visconde e Marquês de Sapucaí (Figura 26), a nobre missão de ensinar língua portuguesa, literatura e latim às Princesas.

²²⁷ Almanaque Laemmert apud MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. n. 3. Rio de Janeiro, 1939, p. 147.

²²⁸ AGP - XXXIX - 1- Carta de D. Pedro II à Princesa Isabel. Rio de Janeiro, 14 de abril de 1862. Arquivo Grão Pará. [Grifo meu].

²²⁹ Durante algum tempo, assinava Cândido Cardoso Canuto da Cunha, adotando posteriormente o nome Cândido José de Araújo Viana. Sobre a trajetória do mestre ver também: AGUIAR, Jaqueline Vieira de. Cândido José de Araújo Viana, o Marquês de Sapucaí: político e mestre da Casa Imperial do Brasil. In: *X Congresso Brasileiro de História da Educação*, Eixo 5 - Educação e Gerações. Belém: SBHE, 2019. v. 1.

Figura 26 - Visconde de Sapucahy - 1861



Fonte: Prancha de Sebastião A. Sisson - Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/nº34/2019.

Cândido José de Araújo Viana formou-se bacharel em direito no ano de 1821. Ao longo do seu curso, buscou aprender grego, latim e os clássicos da literatura portuguesa; conhecimentos fundamentais para atuar na Casa Imperial do Brasil como mestre da primeira e da segunda geração de Príncipes brasileiros. Sua nomeação ocorreu em 11 de janeiro de 1839, pelo Marquês de Itanhaém com o ordenado de 1:000\$ réis e gratificação de 1:400\$ réis anuais.²³⁰

O mestre Sapucaí foi mais um professor que não chegou a sair da *Folha dos Vencimentos dos Mestres da Imperial Família* (AN), apenas deu continuidade ao contrato vigente, até porque, D. Pedro II, seu ex-discente, era frequentador assíduo das aulas ministradas às Princesas (AGUIAR, 2015).

Além de professor, Cândido José de Araújo Viana era político e exerceu vários cargos públicos, dentre eles: presidente de província, ministro, senador, presidente do senado, magistrado e conselheiro de estado do Império do Brasil. Abaixo, encontram-se mais informações sobre a atuação do mestre e político.

²³⁰ Arquivo Nacional - Mordomia da Casa Imperial - Códice 01 - Volume 81. Livro de Assentamento dos Mestres de Sua Majestade o Imperador e Sereníssimas Senhoras Princezas - 1833-64, p. 10.

[...] Pessoa moderada e orientada pela tolerância e pelo zelo em se empenhar no estímulo e desenvolvimento do progresso moral do seu País como nação, pode-se dizer que não era do Partido Conservador, mas da escola conservadora, pelo tanto que se mostrava sincero e verdadeiramente tolerante, brando, condescendente e obsequioso para com seus adversários políticos.²³¹

Na política, Cândido era tímido, mas, também, “decisivo”, “moderado”, “tolerante” e “zeloso” com seus adversários em prol do “progresso moral do seu país como nação”. O mestre e político era conhecido como “fonte de sabedoria” e respeitado por seus pares, características muito valorizadas pelo pai das Princesas. D. Pedro II, seu discípulo, teve contato direto com tais qualidades, ficando fácil compreender o motivo da escolha do Visconde de Sapucaí para mestre de suas herdeiras. Afinal, Candido contribuiria com a formação de mulheres que, no futuro, exerceriam um cargo que exige, além de tudo, a habilidade política.

Quando os Imperadores se encontravam em viagens oficiais com o Visconde de Sapucaí na condição de ministro, senador ou conselheiro de estado, a Princesa Isabel escrevia aos pais para que felicitassem o professor em seu nome, como no trecho, a seguir, da carta em que solicita: *Papae dê de minha parte lembranças ao Visconde de Sapucahy*²³²; palavras que demonstram a dimensão do carinho sentido pelo mestre.

O mestre Sapucaí também era sensível à cultura de seu país, tanto que foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), instituição da qual tornou-se presidente perpétuo. Ao término da formação educacional das Princesas, em 1864, foi convidado para ser padrinho de casamento de sua aluna Leopoldina com o Duque de Saxe-Coburgo-Gotha, o que mostra, mais uma vez, o quão grande era o prestígio que possuía junto à Família Imperial. Ademais, dado tanto prestígio, conquistou, ao longo de sua vida, títulos de nobreza e diversas condecorações como a de Cavaleiro da Ordem da Rosa e a de Cavaleiro da Ordem de Cristo.

O próximo professor, relacionado no Quadro 6, acima, é o brasileiro Francisco Crispiniano Valdetaro (RJ/1805-1862), incumbido de lecionar Instrução Elementar e história santa às Princesas como visto no início desse Capítulo. O mestre iniciou suas atividades na Casa Imperial em 1º de maio de 1854, recebendo pelos serviços prestados, a gratificação de 100\$000 réis mensais. Três anos depois, seu ordenado foi elevado à quantia de 1:200\$000 réis

²³¹ Cf. A HISTÓRIA DA CÂMARA DOS DEPUTADOS - CANDIDO JOSÉ DE ARAÚJO VIANNA. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/conheca/historia/presidentes/candido_viana.html> Acesso em: 02 Set. 2019.

²³² AGP- XLI-3 - Carta da Princesa Isabel a D. Pedro II. São Cristóvão, 20 de outubro de 1859. Arquivo Grão Pará. [Grifo meu].

e a gratificação de 800\$000 réis anuais.²³³ Como os demais professores particulares, Valdetaro educava as Princesas na casa, seja no Paço de São Cristóvão ou no de Petrópolis. Tanto que, quando era preciso se deslocar do Rio de Janeiro até a serra petropolitana para “dar lições”, o Imperador fornecia semanalmente a quantia de 26\$000 réis como auxílio transporte²³⁴. Valdetaro não era apenas professor particular, mas, também, doutor e possuía um colégio “altamente disciplinador” (CALMON, 1941, p. 19), além de “exímio pedagogo” e escritor, atuou como secretário da Sociedade de Instrução Elementar²³⁵ e foi um dos fundadores do periódico *A Aurora Fluminense*, jornal político e literário criado no ano de 1827²³⁶.

O mestre estava muito ciente de seu dever para com a nação: formar duas mulheres a herdar o Trono brasileiro. Ele era extremamente responsável em sua profissão, tinha uma grande afeição por suas alunas e um modo todo especial de ensinar as Princesas. As lições do mestre Valdetaro aconteciam duas vezes por semana e as atividades educativas desenvolvidas com as Princesas eram constantemente avaliadas. Semanalmente ele entregava os boletins com as notas à preceptora que os encaminhava aos pais das meninas. A partir da Figura 27, é possível conhecer um dos boletins das filhas do Imperador.

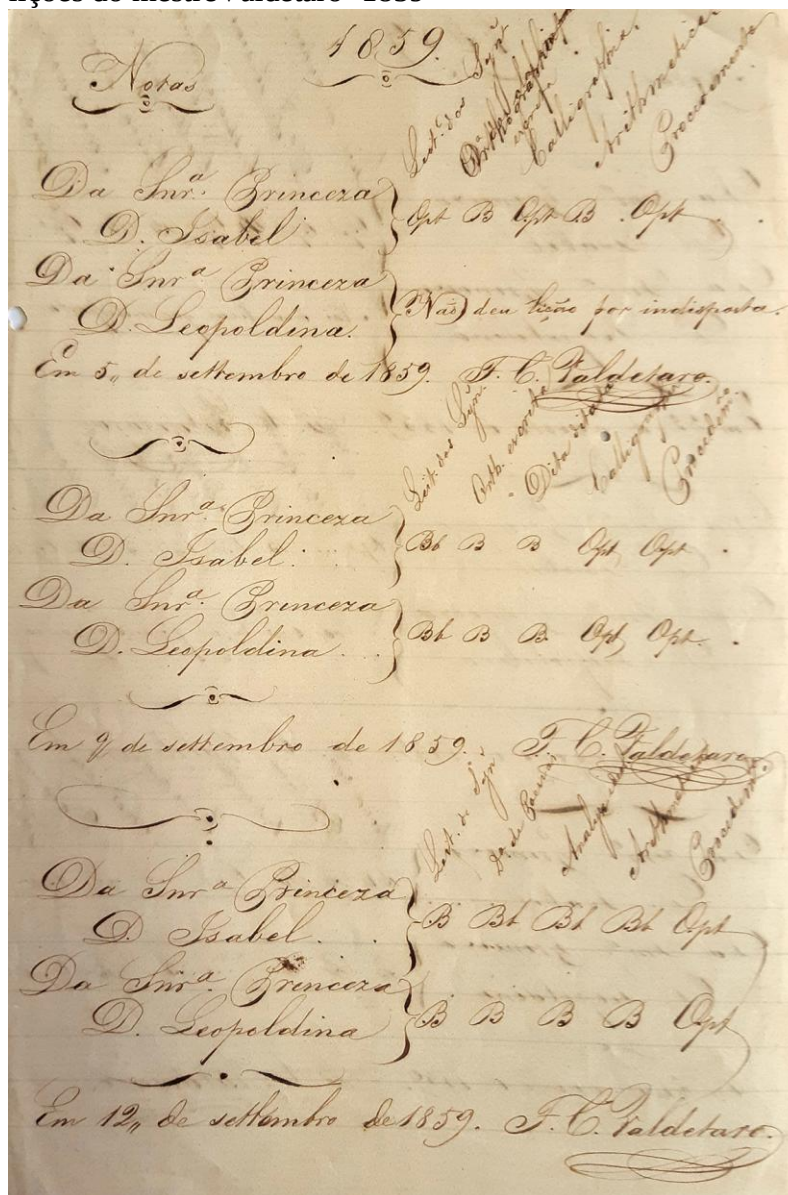
²³³ Arquivo Nacional - Mordomia da Casa Imperial - Códice 01 - Volume 81 - Livro de Assentamento dos Mestres de Sua Majestade o Imperador e Sereníssimas Senhoras Princezas- 1833 - 64, p. 13.

²³⁴ AGP - XLI-3 - Carta da Princesa Isabel a D. Pedro II. Petrópolis, 17 de março de 1858. Arquivo Grão Pará. Transcrição das duas páginas: Petropolis, 17, de março de 1858 Meus Caros Paes Estimo muito que estejam bons. Eu estou boa, e hoje de manhã fui ao banho. De tarde choveu. Recebi a sua carta que muito estimei. Eu tive hoje 6 TB, 2 B e 1 AB. O Valdetaro propoz que como o seu filhinho está sempre doente e que elle assim não pode vir a Petrópolis com o espirito socegado e que os médicos dizem que lhe fará bem mudar de ares, elle pede que os 26\$000 que lhe dão todas as semanas para sua condução multiplicadas por 4 fazem 104\$000 e lhe paguem com isto por mez uã casinha para elle com a sua família durante o tempo da nossa estada em Petropolis. Estou suspirando pelo Domingo. Adeus meus Caros Paes aceitem um abraço e um beijo e deem a sua benção sobre esta sua filha do coração Isabel Christina Todos lhe beijão as mãos. Saudades á Jozefina e á Bebê. Peça á Janinha notícias do peixe grande da Tijuca, dos pequenos, e dos passarinhos.

²³⁵ FBN- I-48,32,35 - Participação a João Dias Camargo, sobre sua nomeação como membro da comissão do exame, e a data da próxima reunião - Manuscrito.

²³⁶ *Aurora Fluminense* foi fundado por José Francisco Xavier Sigaud, Francisco Crispiniano Valdetaro e José Apolinário Pereira de Moraes. Evaristo Ferreira da Veiga se juntou a eles e em 1829 se tornou o único redator do Jornal, dando a esse os contornos políticos da linha moderada, projetando-o na carreira política (GUIMARÃES, 2015. v. 1, p. 5).

Figura 27 - Boletim com notas das Princesas referente às lições do mestre Valdetaro - 1859



Fonte: Arquivo Grão Pará.

A Figura 27 traz um boletim com notas das “Princezas D. Isabel e D. Leopoldina”, forma respeitosa como o mestre Valdetaro se dirigia às herdeiras do Trono, suas alunas. Com caligrafia extremamente caprichada, para dar bom exemplo, o mestre avaliou no boletim os conhecimentos: *Leitura dos synonymos, orthografia, calligraphia, arithmetica, procedimento, ditado, poesia e analyse gramatical*. Conforme as notas recebidas, as meninas foram bem-sucedidas, ainda que Leopoldina tenha faltado um dia por se encontrar indisposta, observação anotada pelo mestre no próprio boletim.

Para melhor compreensão do leitor, encontra-se, a seguir, o Quadro 7, com explicações sobre as notas aplicadas aos trabalhos das Princesas.

Quadro 7 - Notas presentes nos estudos das Princesas

Sigla das Notas	Definição em Francês/latim	Definição em Português
M	Moyen	Razoável
TM	Très Moyen	Bastante Razoável
AB	Assez Bien	Suficientemente Bom
B	Bien	Bom
Bb	Beaucoup Bien	Muito Bom
TB	Très Bien	Muito Bom
Opt	Optimo	Ótimo
P	Parfait	Perfeito

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

No Quadro 7, observa-se a denominação das notas geralmente atribuídas às matérias ensinadas. As nomenclaturas estão nos idiomas francês ou latim e apresentam-se da avaliação mais baixa (M - *Moyen* - Razoável) para a mais alta (P - *Parfait* - Perfeito). Vale lembrar que as notas constantes no quadro acima são aquelas que mais se aproximam do que era aferido pelos mestres durante as avaliações. Ademais, há menção sobre as notas nos cadernos de lições das duas Princesas conforme será visto nos Capítulos 3 e 4.

Francisco Crispiniano Valdetaro, Luiz Aleixo Boulanger e Candido José de Araújo Viana foram mestres que deram continuidade a alfabetização das Princesas, iniciada por D. Pedro II, logo após o reconhecimento oficial de Isabel como Princesa Imperial. Valdetaro, por exemplo, dedicou oito anos de sua vida à formação das filhas do soberano (1854-1862) e é o mais citado no caderno-diário de Isabel e nas cartas das Princesas ficando atrás apenas da aia, Condessa de Barral. Ele interrompeu sua missão de educador somente quando se despediu da vida, em 10 de janeiro de 1862, sendo sepultado²³⁷ no Cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro. Alguns dias depois, Isabel e Leopoldina, que devem ter sentido a perda do mestre, rezaram por ele, o que foi informado ao pai em carta: “Ouvimos a missa pelo Valdetaro”²³⁸.

O próximo grupo de professores analisado do Quadro 6, pertence às áreas *Ciências Naturais e Matemática*. Sendo estes: Alexandre Antonio Vandelli, mestre de botânica e ciências naturais; Francisco Freire Alemão e Cisneiros encarregado das lições de botânica e retórica; Cândido Batista de Oliveira que ministrava física, matemática, e astronomia às herdeiras do Trono.

²³⁷ Colégio Brasileiro de Genealogia. *Grandes mestres servindo aos reis e príncipes. A nobreza da nobreza:1734-1889*. Disponível em: <http://www.cbg.org.br/arquivos_genealogicos_m_05.htm> Acesso em: 17 set. 2019.

²³⁸ AGP- XLI-3 - Carta da Princesa Isabel a D. Pedro II. Petrópolis, 15 de janeiro de 1862. Arquivo Grão Pará.

O português Alexandre Antonio Vandelli (1784-1862), professor de botânica e ciências naturais, foi mais um funcionário que iniciou suas atividades na Casa Imperial como mestre de D. Pedro II e de suas irmãs, e continuou a lecionar às filhas de seu ilustre aluno. O professor foi nomeado pelo tutor Marques de Intanhaém em 1º de julho de 1839, com o ordenado de 1:000\$000 réis e gratificação de 1:400\$000 réis por ano.²³⁹ Dois anos depois foi condecorado Comendador da Ordem da Rosa pelo próprio Imperador (MARQUES, 2010, p. 111-127).

No ano de 1850, Vandelli tornou-se mestre das Princesas Leopoldina e Isabel. No mesmo ano, fundou com Francisco Freire Alemão de Cisneiros, também professor de botânica das Princesas, a *Sociedade Vellosiana de Ciências Naturais*, cujo objetivo era “incentivar a pesquisa voltada para as ciências naturais, especialmente nas áreas da zoologia, botânica e mineralogia, reunindo-se nas dependências do Museu Imperial e Nacional²⁴⁰, conforme autorização do Governo Imperial”.²⁴¹

“As ciências naturais são o alimento mais delicado da inteligência, e os Príncipes devem pelo menos saber honrar os que se avantajão ao estudo delas,”²⁴² trecho da epístola enviada por D. Pedro II à Isabel, constante na abertura deste Capítulo. Como se pode analisar, o monarca brasileiro era profundamente fascinado pelas ciências naturais, ele acreditava que tais ciências promoveriam grandes descobertas à humanidade. Na fase adulta, continuaria incentivando sua herdeira a ler. Depois, passou a pedir que Isabel lesse também notícias sobre acontecimentos nas províncias e no Brasil como um todo.²⁴³ Assim, buscou suscitar em suas herdeiras o mesmo interesse, obtendo sucesso ao menos com sua sucessora direta: a Princesa Isabel.

²³⁹ Livro de Assentamento dos Mestres de Sua Majestade o Imperador e Sereníssimas Senhoras Princezas – 1833-64 - Mordomia da Casa Imperial – Códice 01 – Volume 81- Arquivo Nacional, p. 12.

²⁴⁰ Instituição na época estabelecida às antigas ruas Nova do Conde e dos Ciganos, atuais Visconde do Rio Branco e da Constituição conforme nota explicativa na página 132.

²⁴¹ Cf Sociedade Vellosiana de Ciências Naturais - Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930) Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz. Disponível em: <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/P/verbetes/socvelrj.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

²⁴² AGP - XXXIX - Carta de D. Pedro II à Princesa Isabel. Sem local, 17 de janeiro de 1862. Transcrição: “Rio, 17 de Janeiro de 1862 Isabel, As suas notas não forão como desejo que ellas sejam sempre. Já encomendei o livro botanico que talvez possa ir amanhã. Mando-lhe os jornais francezes para lerem as noticiias científicas. Vejão de que utilidade não são a chimica e a phisica! Quem diria qto electro-magnetismo reunirá já o Atlantico ao Pacifico, e talvez dentro em poucos annos girando em torno do globo, em poucas horas! A Astronomia ainda mais engrandece o espirito que pode por meio das mathematicas advinhar a existencia de planetas e pezal-os. Em fim, as ciências naturaes são o alimento mais delicado da intelligencia, e os principes devem pelo menos saber honrar os que se avantajão ao estudo d’ellas. Ainda não tive tempo opportuno para ver a sua resolução do problema algébrico; mas hei de talvez mandar-lhe até sábado as minhas observações esperando que não se descuide dos problemas que lá deixei. Attente sua Mana para também procurar resolvêl-os, e quando ella o peça não lhe negue as explicações que julgue poder dar. Adeus! Mando-te a benção de seu Pae extremoso. Lembranças a seus creados. Pedro.”

²⁴³ PEDRO II, Imperador do Brasil. *Conselhos à filha Isabel*. [S.l.: s.n.], 1871. 27p., 24cm.

Vejamos na carta abaixo, algumas das impressões da Princesa Imperial sobre as matérias voltadas para as ciências naturais, conhecimentos ministrados pelo mestre Vandelli e demais professores da área.

Petropolis, 28 de março de 1858.

Meus Caros Paes

Recebi suas cartinhas que muito prazer me causou sabendo que estavam bons. Eu estou boa. O Freire diz que a madeira phosphorecente pertence mais á chimica do que á botanica e que elle não se ocupou d'essa matéria. Diz mais, que logo que as madeiras apodrecem muitas dá esse phenomeno. Ele não conhece que pao é. Pode ser canelleira, mas elle duvida. A semana passada olhávamos o céu com o Mello, agora com o Freire olharemos para a terra. As lições tem sido boas e creio que não tem havido razão de queixa de meu procedimento.

Adeus meus Caros Paes aceitem um abraço e um beijão e deem a sua benção sobre esta Sua filha do coração Isabel Christina.

A M^a Rosa a Domitila, a Condessa, a M^{lle} Templier e a Therezinha Dremmano beijão as mãos de meus Caros Paes. Saudades á Jozefina e á Bebé.²⁴⁴

Na enviada por Isabel, de Petrópolis, aos pais, a Princesa agradece as notícias recebidas e busca confortá-los sobre seu estado de saúde, acrescentando ainda uma análise das lições recebidas: com o mestre de física e astronomia “olhávamos o céu”, com o professor de botânica “olharemos para a terra”. Ao escrever na primeira pessoa do plural, Isabel evidencia estar acompanhada pela irmã caçula Leopoldina, sua companheira de todos os momentos.

Durante os estudos das ciências naturais, Isabel procurava refletir sobre as diferentes matérias ensinadas, “principalmente sobre as especificidades de cada uma delas, conforme as orientações dos mestres de astronomia e de botânica” (AGUIAR, 2020, p. 105). O mestre Alexandre Antonio Vandelli manteve contrato com a Casa Imperial até o fim de sua vida, no ano de 1862, de certa forma, com seu trabalho também concluído, pois havia conseguido despertar o interesse pelas ciências naturais em alguns de seus alunos, membros da Família Imperial, tarefa que pôde ser completada por outros mestres da área como o Melo e o Freire Alemão (Figura 28), citados na carta de Isabel.

O mestre Francisco Freire Alemão de Cisneiros (1797-1874) nasceu em Campo Grande, no arrabalde da Corte do Rio de Janeiro. Por não ter recursos financeiros necessários para dedicar-se à carreira científica, tornou-se sacristão da Igreja Nossa Senhora do Desterro.

²⁴⁴ AGP - XLI-3 - Carta da Princesa Isabel a D. Pedro II. Petrópolis, 28 de março de 1858.

Figura 28 - Francisco Freire Alemão de Cisneiros
[Século XIX]



Fonte: Museu Nacional.

Em março de 1817, o mestre Freire Alemão ingressou no Seminário Episcopal São José, onde teve a oportunidade de estudar: história da igreja, teologia moral e dogmática, grego, francês, inglês, espanhol, hebraico, latim, física e mecânica. Sem vocação para a carreira sacerdotal, optou pelo abandono da mesma, mas continuou na Corte atuando como professor particular de Latim para rapazes e de primeiras letras para moças. Foi lecionando que ele conseguiu manter seu próprio sustento. Algum tempo depois, auxiliado pelo irmão mais velho e estudante de medicina, ingressou na Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro formando-se médico em 1827, mas o carioca desejava ir além e, ajudado pelo “naturalista Georges Léopold Chrétien Frédéric Dagobert, o Barão Cuvier (1769-1832), doutorou-se em medicina na *Faculte de Médecine de Paris*, em 1831, com defesa da tese intitulada *Dissertation sur le goitre*”. Ao retornar, tornou-se professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro de 1833 a 1853.²⁴⁵

²⁴⁵ Cf. Cruzamento de informações oriundas dos sites: FRANCISCO FREIRE ALEMÃO DE CISNEIROS - Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930) Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Disponível em: <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/P/verbetes/cisfranfrei.htm#trajetoria>>; COLÉGIO BRASILEIRO DE GENEALOGIA. Grandes mestres servindo aos reis e príncipes. A nobreza da

Francisco Freire Alemão de Cisneiros foi, ainda, suplente de deputado na Assembleia Legislativa Provincial do Rio de Janeiro, sendo a primeira legislatura entre 1835 e 1837, e médico da Imperial Câmara, cargo que ocupou após “curar o Imperador D. Pedro II, acometido de ameaça de congestão cerebral”. No ano de 1843, o médico integrou a comitiva incumbida de trazer ao Brasil a Imperatriz D. Teresa Cristina.²⁴⁶

Quando o Imperador precisou de um professor particular para lecionar retórica e botânica às Princesas²⁴⁷, lembrou-se do médico, mestre e pesquisador Freire Alemão, que se dividiu entre a arte de medicar, lecionar e pesquisar. Entre os anos de 1859 e 1861, além de todas as atividades que vinha exercendo, integrou a Comissão Científica responsável por explorar as Províncias do “Norte”, e, mesmo distante por algum tempo, era muito comentado nas cartas das herdeiras do Trono, que concluíram sua formação no ano de 1864. Pela dedicação profissional às várias funções que exerceu ao longo da vida, o mestre conseguiu mais uma conquista: foi nomeado diretor do Museu Imperial e Nacional, função que exerceu até 1870; quando, já idoso, retornou à Fazenda do Mendanha em Campo Grande, falecendo no ano de 1874, no mesmo local onde nasceu.

Também integrante das áreas *Ciências Naturais e Matemática*, o professor Cândido Batista de Oliveira (RS/1801 - 1865/BA) (Figura 29), assim como seu colega de trabalho Francisco Freire Alemão de Cisneiros, no ano de 1817, na fase da adolescência, foi enviado ao Seminário de São José para estudar. Todavia, também, não possuía vocação para o sacerdócio, então partiu para Portugal em busca de seu sonho. Lá, matriculou-se na Universidade de Coimbra, formando-se em matemática e filosofia no ano de 1824 (SISSON, 1861, p. 104).

Almejando obter maior qualificação profissional, o brasileiro Cândido Batista de Oliveira dirigiu-se à França, onde conseguiu permissão do governo para visitar os estabelecimentos de instrução pública, especialmente a Escola Politécnica. Ao retornar ao Brasil, no começo do ano de 1827, foi nomeado lente substituto da Academia Militar e escolhido vice-presidente do IHGB no ano de 1839. Cândido Batista de Oliveira pertencia ao

nobreza: 1734-1889. Disponível em: <http://www.cbg.org.br/arquivos_genealogicos_m_05.htm>. Acessos em: 5 set. 2019.

²⁴⁶ Cf. Cruzamento de informações oriundas dos sites: FRANCISCO FREIRE ALEMÃO DE CISNEIROS - Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930) Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Disponível em: <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/P/verbetes/cisfranfrei.htm#trajetoria>>; COLÉGIO BRASILEIRO DE GENEALOGIA. Grandes mestres servindo aos reis e príncipes. A nobreza da nobreza: 1734-1889. Disponível em: <http://www.cbg.org.br/arquivos_genealogicos_m_05.htm>. Acessos em: 5 set. 2019.

²⁴⁷ Confirmam a atuação do mestre: (FILGUEIRAS, 2004; LACOMBE, 1989).

Partido Conservador, por meio do qual ocupou vários cargos políticos como: deputado, senador, ministro, conselheiro de estado e diplomata, (SISSON, 1861, p. 105 - 109).

A partir de 1857, o mestre Cândido Batista iniciou as lições de física, matemática e astronomia às Princesas Leopoldina e Isabel, e foi justamente nesse período que começou a ser citado nas correspondências das Princesas. A seguir, encontram-se três epístolas enviadas por D. Pedro II às filhas,

Recife 18 de 10^{bro} de 1859 1 da madrugada. Cara Izabel [...] **Mande me dizer o que indica que uma equação é do 2º grau, e qual a formula de resolvel-a.** Fale-me também dos logaritmos dizendo-me o que são e para que servem. Quando responderes não entres senão contigo mesma, tendo-me escrito o Candido Baptista que já lhe explicou estas matérias ...²⁴⁸

Rio 24 de março de 1861 6 horas da manhã. Caras Filhas [...] Não s' esqueção da minha **figura geometrica** e passem esta semana tão santinhas como Ella...²⁴⁹

Rio 28 de março de 1861 Minhas Caras Filhas [...] Ahi vae um abraço por boas festas e domingo terão as caixinhas de amêndoas que eu mesmo escolherei para serem bonitas. Não me conterão só com a **figura geometrica**; quero também uma semana, pelo menos, de lições muito bem dadas...²⁵⁰

A primeira carta acima citada, foi postada por D. Pedro II quando este estava em viagem às províncias do “Norte”, realizada entre os meses de outubro de 1859 e janeiro de 1860. Era durante a madrugada que encontrava tempo para escrever às Princesas cobrando atenção às lições. As aulas de matemática ministradas pelo mestre Candido Batista aconteciam na “quinta-feira”, conforme minuta escrita pelo Imperador: “na cidade farei o que faço aqui com exceção das lições de geometria que passam para as 5^{as} dada pelo C. Batista”.²⁵¹

O segundo e terceiro extrato de carta acima, referem-se às datas de 24 e 31 de março de 1861, período em que se celebrou naquele ano, a “Semana Santa”, ou seja, a morte e ressurreição de Jesus Cristo. Essas datas são consideradas para os católicos como dias santos. No entanto, D. Pedro II cobrou às filhas o desenho de “figuras geométricas” e, ainda, comportamento condizente com a semana, logo, deveriam se portar adequadamente e realizar as atividades educativas da melhor forma possível. As meninas obedeciam ao pai, não

²⁴⁸ AGP- XXXIX-1- Carta de D. Pedro II à Princesa Isabel. Recife, 18 de dezembro de 1859. Arquivo Grão Pará. [Grifo meu].

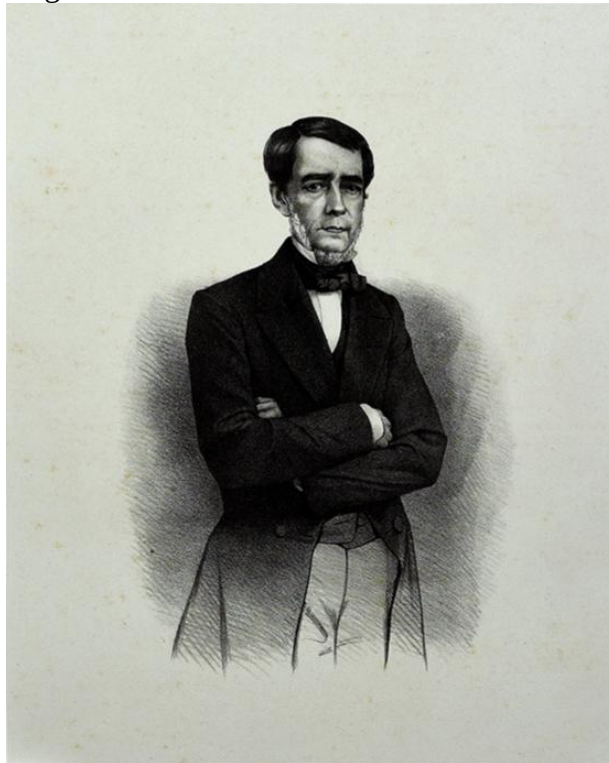
²⁴⁹ AGP- XXXIX-1, Carta de D. Pedro II à Princesa Isabel. Rio de Janeiro, 24 de março de 1861. Arquivo Grão Pará. [Grifo meu].

²⁵⁰ AGP- XXXIX-1, Carta de D. Pedro II à Princesa Isabel. Rio de Janeiro, 28 de março de 1861. Arquivo Grão Pará. [Grifo meu].

²⁵¹ Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo - Maço 29 - Doc. 1038 - Papéis relativos à educação das Princesas. 12 páginas de texto, algumas por letra de D. Pedro II.

parando de estudar nem mesmo em dias considerados de guarda. D. Pedro II, por sua vez, mesmo de tão longe, buscava acompanhar “de perto” o trabalho dos mestres das lições.

Figura 29 - Cândido Batista de Oliveira - 1861



Fonte: MuseuImperial/Ibram/Ministério do Turismo/nº34/2019.

Candido Batista de Oliveira (Figura 29) concluiu a formação das Princesas no ano de 1864 e faleceu no ano seguinte a bordo do *Pelouse*, na costa da Bahia, província onde foi sepultado. Ele é um dos mestres não registrados no *Livro de Assentamento dos Mestres de Sua Majestade o Imperador e Sereníssimas Senhoras Princezas* (AN) e nem nas *Folhas dos Vencimentos dos Mestres da Imperial Família* (AN). Mas os traços do seu trabalho sobreviveram ao tempo, a partir de manuscritos e cadernos de lições das Princesas, os quais nos mostram um pouco da atuação desse mestre.

O último grupo de professores constante no Quadro 6, analisado neste estudo é composto por: Joaquim Manuel de Macedo (Figura 30), professor de história e literatura, José de Santa Maria Amaral (Figura 31), mestre de história da filosofia, e de Carlos Carneiro de Campos (Figura 32), docente de economia política. Os conhecimentos proporcionados por este mestres, tornaram-se fundamentais àquelas que ocupariam o cargo de governantes, tendo portanto, a oportunidade de decidir e influir diretamente no futuro de seus conterrâneos e súditos.

Figura 30 - Joaquim Manuel de Macedo
- Século XIX



Fonte: Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/nº44/2019.²⁵²

Joaquim Manuel de Macedo (RJ/1820 - 1882) formou-se em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro em 1844, chegou a clinicar, mas não foi como médico que ganhou reconhecimento nacional. O reconhecimento veio como autor de *A Moreninha*, romance que provocou uma verdadeira “revolução literária” no Brasil em meados do século XIX. Macedo deixou a medicina e tornou-se romancista, professor de história e geografia do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Também atuou na política como integrante do “Partido Liberal, servindo-o com lealdade e firmeza de princípios, como o provam seus discursos parlamentares. Foi deputado provincial e deputado geral (1850-1868)”. Outrossim, foi membro atuante do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Conselho Diretor da Instrução Pública da Corte.²⁵³

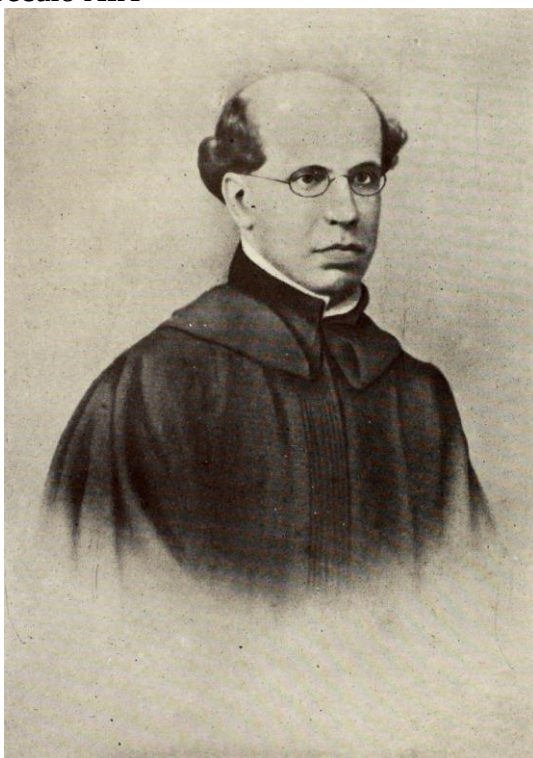
O Imperador era frequentador assíduo do Colégio Pedro II e, provavelmente, tomou conhecimento do trabalho do professor Joaquim Manuel de Macedo com quem já devia ter se encontrado nas sessões da Câmara dos Deputados do Rio de Janeiro. O médico e romancista

²⁵² A imagem original encontra-se bem desgastada pela ação do tempo e por isso recebeu tratamento fotográfico digital.

²⁵³ Cf. JOAQUIM MANUEL DE MACEDO - BIOGRAFIA. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/joaquim-manuel-de-macedo/biografia>>. Acesso em: 5 Set. 2019.

acabou tornando-se professor de história e literatura de Leopoldina e Isabel²⁵⁴, tudo indica que isso tenha ocorrido a partir de 1860 (LACOMBE, 1989, p. 42), embora não tenha sido registrado no *Livro de Assentamento dos Mestres de Sua Majestade o Imperador e Sereníssimas Senhoras Princezas* (AN) e nem nas *Folhas dos Vencimentos dos Mestres da Imperial Família* (AN). O brasileiro Joaquim Manuel de Macedo foi, ainda, mestre dos filhos da Princesa Isabel, mas, com o passar dos anos, ficou muito doente, vindo a falecer em 1882, no Rio de Janeiro, e imortalizado como patrono da cadeira de número 20 da *Academia Brasileira de Letras*.

Figura 31 - José de Santa Maria Amaral - Século XIX



Fonte: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Em 1863, faltando um ano para findar a educação formal das Princesas, foram contratados os mestres, José de Santa Maria Amaral e Carlos Carneiro de Campos²⁵⁵, este Terceiro Visconde com Grandeza de Caravelas, título conferido a ele em 1872. Já o primeiro era frei junto ao Mosteiro de São Bento e sua chegada ao Palácio foi registrada no diário da Imperatriz “Veio, pela primeira vez o monge Santa Maria dar lições a minhas filhas”²⁵⁶; o

²⁵⁴ Disponível em: <http://www.cbg.org.br/arquivos_genealogicos_m_05.htm>. Acesso em: 5 Set. 2019.

²⁵⁵ Arquivo Nacional - Doc. 20 - Cx.16 - Pacote 2. Casa Real e Imperial - Mordomia Mor - Ofício com o decreto de nomeação de Frei José de Santa Maria Amaral como mestre de História da Filosofia de Suas Altezas Imperiais em 03/3/1863.

²⁵⁶ Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo - POB- Maço 38 Doc. 1058. Diário da Imperatriz D. Teresa Cristina. O documento original encontra-se em italiano e foi traduzido por Thaís Martins.

mestre ministrava lições de história da filosofia às Princesas. Há, inclusive, dois cadernos de filosofia no Arquivo Grão Pará.

O mestre e frei José de Santa Maria Amaral (Figura 31), formado em mosteiro e seminários, possuía experiência em docência, pois já havia trabalhado como professor no Colégio Pedro II, onde ensinou filosofia e latim, instituição da qual posteriormente tornou-se reitor (1866 a 1874) (MASSINI, 1993, p. 66).

Figura 32 - Carlos Carneiro de Campos
Século XIX



Fonte: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Quanto ao mestre Carlos Carneiro de Campos (BA/1805-1878), iniciou sua carreira profissional como cadete do batalhão de D. Pedro I, chegou a cursar dois anos da Escola Militar, porém não se identificou com o “mundo das armas” preferindo o “mundo das ideias”. Deu baixa e seguiu rumo a Paris, doutorando-se em direito em 1827. Ao retornar ao Brasil foi nomeado lente de economia política da Academia de Direito de São Paulo (1829), da qual veio a ser diretor (1833 a 1835).²⁵⁷ E foi justamente como mestre de economia política que Carlos Carneiro de Campos passou a fazer parte do seleto grupo de professores da Casa Imperial do Brasil, profissionais conhecidos como “a nobreza da nobreza”.

²⁵⁷ Disponível em: <<https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/CCCampos.html>>. Acesso em: 05 set. 2019.

Os saberes políticos do mestre Carlos Carneiro de Campos (Figura 32), contudo, não se limitavam à teoria, estendiam-se à prática. O mestre também foi deputado geral em quatro legislaturas, senador, presidente de província, ministro e conselheiro de Estado. Ademais, “foi eleito sócio correspondente do IHGB em 24 de agosto de 1839”. Das lições ocorridas nos Paços de São Cristóvão e de Petrópolis, restou o caderno de economia política da Princesa Isabel, que será conferido no Capítulo 4 deste estudo.

2.4 Ensinaamentos das aias, M^{me} de Barral²⁵⁸ e M^{elle} Templier: as “encarregadas da educação”

Figura 33 - Condessa de Barral - 1882



Fonte: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Por meio da imponente Figura 33, é possível visualizar a mulher incumbida de coordenar e supervisionar todos os mestres das Princesas, seu nome: Luísa Margarida Portugal de Barros, a brasileira, Condessa de Barral, contratada como encarregada da educação de Isabel e Leopoldina. Na imagem, Luísa traz em suas mãos seu principal instrumento de trabalho: o livro. Ela precisava estar sempre aprimorando seus conhecimentos e capacitando-se para ensinar às filhas do soberano caligrafia, francês, inglês, geografia,

²⁵⁸ Para maiores informações sobre a Condessa de Barral, consultar: (FRANCISCO, 2017).

história, dança, música, literatura, filosofia, teatro, canto e matemática. Seu ordenado na Casa Imperial do Brasil era de 1:000\$000 réis mensais²⁵⁹, tendo a sua disposição carruagem da Casa Imperial e duas moradias junto às Princesas: uma próxima ao Paço de São Cristóvão e a outra no entorno do Palácio Imperial de Petrópolis. O vencimento da preceptora também era mais alto do que de todos os mestres, porque, além de coordenar os professores, “reforçava” o aprendizado por eles proporcionado e, ainda, acompanhava suas alunas nas atividades educativas no horário das “9 horas da manhã até 8 da noite”.

Para realizar o encargo de aia das Princesas, a Condessa solicitou uma auxiliar, denominada *Institutrice*. Pois, diferentemente de outras aias²⁶⁰, Luísa não morava na mesma residência de suas pupilas, mas em casa separada com marido e filho pequeno. Motivo pelo qual, ainda na época da negociação de seu cargo, havia colocado, dentre outras, a condição de contratação de uma preceptora auxiliar, tal como encontra-se na minuta, a seguir, a respeito, redigida pelo próprio Imperador.

Se [...] fôr necessária a Institutrice será ella escolhida por mim, sobre a proposta de M^{me} de Barral, e assim como esta, acompanhará por toda parte as Princezas. M^{me} de Barral e a Institutrice, que dependerá d’ella em tudo e portudo, encontrarão de nossa parte toda a coadjuvação em tudo o que puder influir sobre a educação, na qual nunca poderão intervir as outras criadas....²⁶¹

No documento acima transcrito, D. Pedro II estabelece que a *Institutrice* seja escolhida por ele sob sugestão da Condessa de Barral. Quem auxilia os dois nessa busca é a Rainha Maria Amélia de Orléans, viúva de Luís Felipe, Rei da França destronado, conforme carta trocada entre o mordomo Paulo Barbosa e o Imperador a respeito da contratação da *Institutrice*.²⁶² Em fevereiro de 1857, chega uma epístola da Rainha Maria Amélia, com informações mais precisas sobre o assunto:

Claremont, 7 de fevereiro de 1857. Meu caro sobrinho, Devo lhe dizer que segundo o desejo que você me exprimiu em sua carta de 15 de dezembro de 1856, Madame Templier aceita o posto que você a propõe e tendo alguns arranjos de família a terminar antes de se expatriar por muitos anos, ela só partirá pelo navio em 9 de maio, para se colocar à disposição da Condessa de Barral para a ajudá-la a preencher a importante tarefa de educar suas caras filhas. A partir do que você me escreveu eu a assegurei que você teve a bondade de pagar sua viagem [...]. De sua dedicada santa e amada Maria Amélia.²⁶³

²⁵⁹ AGP- Livro de Pagamento dos Servidores da Casa Imperial. Arquivo Grão Pará.

²⁶⁰ De acordo com Vasconcelos (2005), no oitocentos, uma das características das aias é residir na casa do (a) aluno (a).

²⁶¹ Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo - APB - 2864/97. Minuta de D. Pedro II, sem assinatura, sem data e sem local. [Grifo do autor].

²⁶² Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo - APB - 2878/97. Carta de D. Pedro II a Paulo Barbosa, sem data e sem local.

²⁶³ AGP - CCXIX-1 - Carta da Rainha Maria Amélia (França) a D. Pedro II. Claremont, 7 de fevereiro de 1857. Arquivo Grão Pará. O documento original em francês foi traduzido por Thaís Martins.

A soberana informa na correspondência enviada a D. Pedro II que a futura *Institutrice* havia aceitado o cargo e já tinha data marcada para vir ao Brasil colocar-se à disposição da Condessa de Barral. Ela também escreve para Luísa a respeito da preceptora auxiliar, afirmando “[...] ela sabe muito bem que lhe será subordinada em tudo que lhe for indicado e pedido”²⁶⁴. Sobre as características da *Institutrice* (Figura 34), a soberana pondera: “ela tem um rosto regular, sem ser bonita, é piedosa, bem instruída, simples em suas maneiras e sem pretensões”²⁶⁵. A Imperatriz D. Teresa Cristina é quem registra em seu diário a chegada da auxiliar francesa da Condessa de Barral em 3 de junho de 1857: “Chegou [...] La Templier”²⁶⁶.

Figura 34 - *Mademoiselle* Templier - 1871



Fonte: (DO LAGO *et al*, 2013).

A *Institutrice* Victorine Templier tornou-se “empregada na educação das Princesas”, conforme *Livro de Pagamento dos Servidores da Casa Imperial* (AGP) com a incumbência de auxiliar a preceptora em tudo o que fosse necessário, estando subordinada a mesma e ainda ministrando lições de francês, dança, história e música, em troca recebendo um ordenado de 350\$000 réis mensais²⁶⁷.

²⁶⁴ Carta da Rainha Maria Amélia (França) à Condessa de Barral (apud LACOMBE, 1989, p. 33).

²⁶⁵ Carta da Rainha Maria Amélia (França) à Condessa de Barral (apud LACOMBE, 1989, p. 33).

²⁶⁶ Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo - POB - Maço 38 Doc. 1058 - Diário da Imperatriz D. Tereza Cristina - 3 de junho de 1857. O documento original em italiano foi traduzido por Thaís Martins.

²⁶⁷ AGP - Livro de Pagamentos dos Servidores da Casa Imperial. - L.110 - 1858-1859.

Quando a Condessa de Barral estava ausente, Victorine era quem respondia pela educação das Princesas, o que parece ter acontecido em março de 1862. Na ocasião, a *Institutrice* enviou às Princesas uma epístola mencionando o sofrimento de Luísa, passando a impressão de que assumiria as funções da preceptora até que a mesma retornasse. Abaixo, encontra-se transcrição da correspondência traduzida, cujo original foi escrito na língua francesa, com tinta ferrogálica preta em folha de papel duplo de baixa gramatura e na cor branca.

Minhas Caras Princesas

Fico muito contente por revê-las na segunda-feira e espero que nada impedirá vosso retorno [...]. Queiram minhas Caras Princesas, dizer a suas Majestades que eu os beijo respeitosamente a mão. **Beijo ternamente as vossas e vos peço que lembrem-se de mim como uma boa lembrança de todas essas damas. Estou aflita que Madame, a Condessa, tenha sofrido.** Sou obrigada a terminar [...] minha carta. Creiam, Minhas Caras Princesas em meus sentimentos devotos e respeitosos. Vossa tão humilde serva. V. Templier Petrópolis, 26 de março de 1862.²⁶⁸

A *Institutrice* foi muito necessária à educação das Princesas, até porque, no final da década de 50 do século XIX, o número de professores contratados pela Casa Imperial ampliou consideravelmente, o que pode ser constatado no Quadro 6²⁶⁹. Consequentemente, D. Pedro II precisou reorganizar a *Distribuição das horas do dia* de suas filhas, para que conseguissem realizar as atividades educativas por ele definidas. É o que se pode depreender do documento constante na pasta *Educação das Filhas*, uma espécie de programa de estudos das Princesas escrito por Templier em idioma de sua terra natal, a França. Acredito que o manuscrito tenha sido ditado pelo Imperador à auxiliar francesa, que anotou as informações por ele definidas num momento em que a preceptora Condessa de Barral estivesse impossibilitada de executar suas funções.

A seguir, o Quadro 8 com os dias e horários das matérias estudadas pelas Princesas no ano de 1862,

²⁶⁸ AGP-CCCX-1- Carta de Victorine Templier à Princesa Isabel. Petrópolis, 26 de março de 1862. Arquivo GrãoPará. [Grifo meu]. O documento original em francês foi traduzido por Thaís Martins, arquivista do Museu Imperial (2010-2014).

²⁶⁹ Exposto na página 145.

Quadro 8 - Dias e horários das matérias estudadas pelas Princesas no ano de 1862

Horário	Dias da Semana	Horário	Dias da Semana
	Segunda-feira		Quinta-feira
7-7 ½	Estudo da História de Portugal	7-7 ½	Geografia
7 ½ a 9	Caminhada, Almoço, Visita da mãe Imperatriz	9-10	Dever de estilo Alemão e Francês
9-10	Estudo do Piano	10-11	Aula de Inglês
10-11	Dever de Latim - Ditado francês	11-11 ½	Camões
11	Gramática Francesa - Homônimos	11 ½ a 14	História de Portugal, Inglaterra e Geografia
12-14	Desenho	15-16	Escrita da História da Inglaterra
14-15	Jantar	16-17	O Sr. Candido Baptista
15-16	Aula de Alemão	19-19 ½	Latim com Imperador
16-17	Aula de Latim com o Visconde	19 ½ - 20	Jantar – Oração
17-18	Andar - Recreação	20-21½	Gramática- Versos portugueses
19-19 ½	Leitura de Barros		
19 ½ - 20 8:	Ceia - Oração		
20-21½	História da França - Dever de Inglês		
	Terça-feira		Sexta-feira
7-7 ½	Estudo de verso Francês	7-7 ½	Estudo da História de Portugal
7 ½ a 9	Almoço	9-10	Estilo Português - Aritmética
9-10	Dever de Alemão e de Latim.	10-11	Cópia da Cosmografia
10-11	Aula de Inglês	11-14	Piano - Inglês - Latim com o Imperador Latim com o Imperador
11-11 ½ ½:	Camões	15-16	Alemão
11 ½ -14	Piano - História de Portugal e da França - Madame de Barral	16-17	Literatura Portuguesa com o Visconde
14-15	Jantar	19-21	Barros Princesas.
15-16	Lição de Física	21-22	<i>Tableau</i> da Idade Média- Francês
16-17	Botânica aprendida e recitada		
17-19	Recreação		
19-19 ½	Latim com Imperador		
19 ½ -20	Ceia – Oração		
20-21	<i>Tableau</i> da Idade Média - Francês		
	Quarta-feira		Sábado
7-7 ½	Estudo da História da Inglaterra	7- 9	Missa na Glória- Evangelho no carro
7 ½ a 9	Almoço	9-10	Alemão - Latim com o Imperador
9-10	Estudo do Piano	10-11	Inglês
10-11	Estilo em Português- Inglês	11-14	Camões – Exames
11-12	Mitologia - História Sagrada	15-16	Física
12-14	Desenho	16-17	Piano
15-16	Alemão	19-19 ½	Latim com o Imperador
16-17	Literatura Portuguesa com o Visconde	20-21½	Desenho - Leitura religiosa/divertida
19-19 ½	Barros		
19 ½ -20	Ceia – Oração		
20-21	História de Portugal - Problemas		

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.²⁷⁰

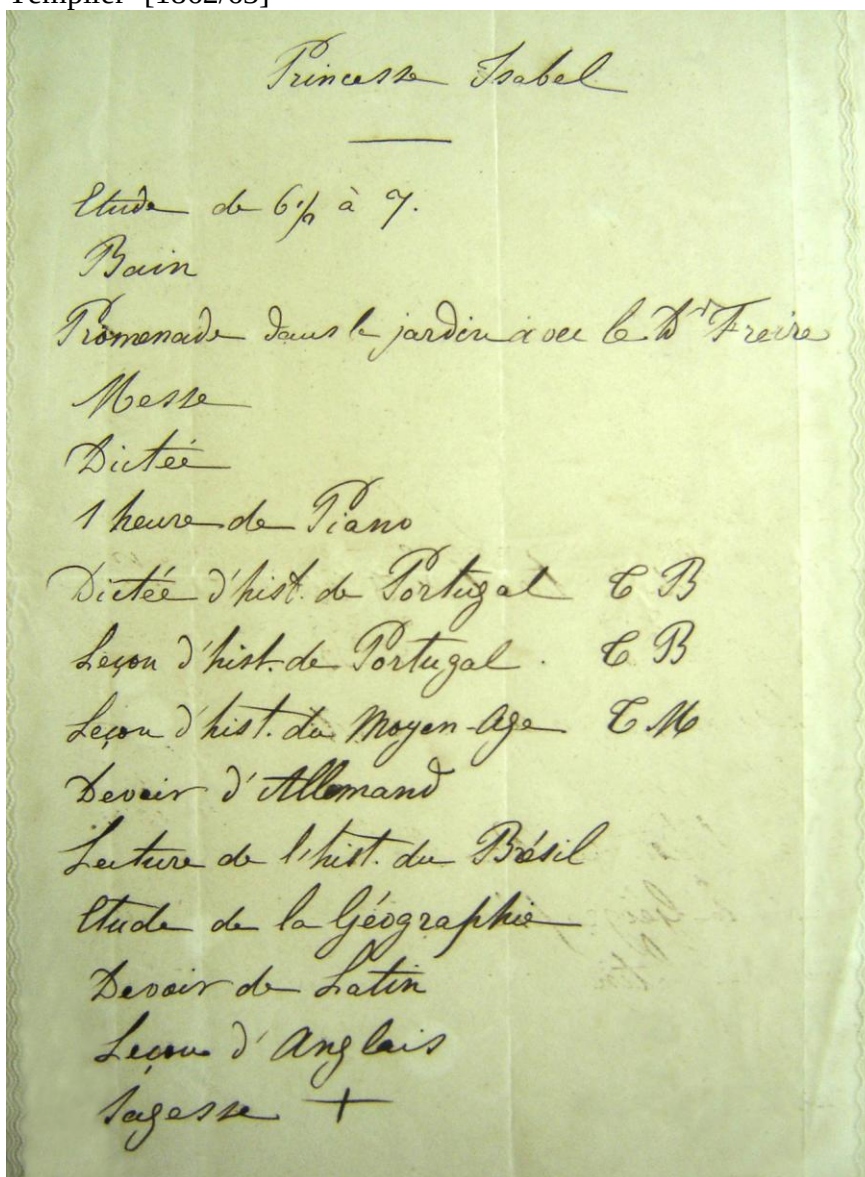
O Quadro 8 mostra algumas das peculiaridades do cotidiano educativo das Princesas em 1862, ano em que a maioria dos mestres relacionados no Quadro 6 encontravam-se em plena atividade nos Paços Imperiais em prol da formação educacional das Princesas. No entanto, este quadro não reflete todos os conteúdos estudados pelas meninas e pode ter sido

²⁷⁰ A ortografia da escrita, presente no documento, foi atualizada no quadro para a língua portuguesa atual.

aplicado apenas numa temporada em Petrópolis ou até mesmo, durante uma semana do ano de 1862.

A seguir, encontra-se a Figura 35, um boletim da Princesa Isabel manuscrito por Victorine Templier no mesmo período em que escreveu as atividades presentes no Quadro 8.

Figura 35 - Boletim da Princesa Isabel com caligrafia de Victorine Templier- [1862/63]



Fonte: Arquivo Grão Pará.

O boletim (Figura 35), escrito no idioma francês com tinta ferrogálica, cita ou faz menção às seguintes matérias: botânica, música, história de Portugal, história da idade média, história do Brasil, alemão, geografia, latim e inglês. Nota-se que história do Brasil e botânica constantes no Boletim (Figura 35), não são referidas no Quadro 8 e, diante da necessidade de ampliar a compreensão sobre os conteúdos ministrados às Princesas já que nem todos

possuem cadernos, analisei os boletins das duas meninas conservados no Arquivo Grão Pará, com os quais elaborei os Quadros 9 e 10 abaixo:

Quadro 9 - Matérias, Notas e Procedimentos de Ensino constantes no boletim da Princesa Imperial - 1858 - 1864

Matérias nos Boletins de 1858	Notas 1858	Matérias nos Boletins de 1863	Notas 1863	Matérias nos Boletins de 1864	Notas 1864
Sabedoria	B	Sabedoria	-	Sabedoria	-
Poesia Portuguesa	TB	Poesia Portuguesa	-	Poesia Portuguesa	-
Escrita/Caligrafia	TB	Escrita/Caligrafia	AB-M	Escrita/Caligrafia	AB
Leitura Portuguesa	B	Leitura Portuguesa e Francesa	-	Leitura Portuguesa e Francesa	-
Ortografia	TB	Ortografia	B	Ortografia	AB - B - TB
Poesia Francesa	TB	Poesia Francesa	B	Poesia Francesa	TB
Gramática	B	Literatura Portuguesa	-	Literatura Portuguesa	Lição
Análise [Gramatical]	B	Estilo em Português	Dever	Estilo em Português	Dever - TB
Gramática	TB	Estilo em Francês	AB	Estilo em Francês	B
Leitura Francesa	B	Latim	Dever - B	Latim	Dever
Ortografia	TB	Italiano	Dever M - AB	Italiano	Dever
-		Grego	TM	Grego	TB
-		Alemão	Dever	Alemão	Lição/Dever
-		Retórica	-	Retórica	Estudo
Aritmética	TB	Álgebra e Geometria	Estudo	Álgebra e Geometria	Estudo
-		História do Brasil	-	História do Brasil	Estudo
-		História de Portugal	-	História de Portugal	AB
-		História Moderna	-	História Moderna	TB - B
-		História da França	B	História da França	AB
-		História da Inglaterra	TM	História da Inglaterra	AB - TB
-		História do Consulado e do Império	-	História do Consulado e do Império	-
História Antiga	TB	História Antiga	-	História Antiga	-
		História de Roma	-	História de Roma	B
				História da América	TB
Geografia	TB	Geografia	-	Geografia	M
-		Filosofia	Leitura Lição	Filosofia	Dever - Aprovada
-		Economia Política	Leitura	Economia Política	Lição
-		Física	Leitura	Física	Leitura
-		Química	Exame com louvor	Química	-
Cosmografia	TB	Cosmografia/Astronomia	Leitura	Cosmografia/Astronomia	-
-	-	Mineralogia	1 hora	Mineralogia	Leitura
Botânica	TB	Botânica	-	Botânica	-
-	-	-	-	Zoologia	Leitura
Evangelho	TB	Evangelho/ Catecismo	-	Evangelho/ Catecismo	TB
História Santa	TB	História Eclesiástica	-	História Eclesiástica	-
		Tableau	-	Tableau	-
Bordado	TB	-	-		
Dansa	TB	Piano	Estudo	Piano	1 h. - TB
Piano	TB	Desenho	Lição	Desenho	Lição

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.²⁷¹

²⁷¹ A ortografia da escrita, presente nos boletins, foi atualizada no quadro para a língua portuguesa atual.

Para a construção do Quadro 9, dirigi-me ao Arquivo Histórico do Museu Imperial e solicitei às arquivistas todos os boletins das Princesas que lá se encontram. Cheguei ao número aproximado de 40 boletins sendo 30 de Isabel e 10 de Leopoldina, os quais foram escritos com ao menos quatro caligrafias diferentes. Após um dia inteiro debruçada sobre eles, lendo, separando e analisando, resolvi contrastá-los com as caligrafias constantes em cartas dos mestres das Princesas, para identificar as autorias, pois nem todos foram assinados. Dessa forma, consegui descobrir alguns dos autores, são eles: a Condessa Barral, Victorine Templier, o mestre Valdetaro e Isabel. A Princesa Imperial provavelmente solicitou permissão para copiar as notas do documento original anexando essa mesma cópia à correspondência dos pais, até porque, as notas estão num papel de carta decorado com vinheta floral, Coroa Imperial e seu nome.

Dentre os 40 boletins selecionados, 23 estão assinados e datados pelo mestre Valdetaro, sete foram datados por Templier e os 10 restantes escritos majoritariamente pela Condessa de Barral, ainda que não possuam data e nem assinatura. Não descarto a possibilidade de que alguns desses documentos denominados como boletins sejam apenas indicativo de lições realizadas em determinado dia, já que alguns informam atividades cotidianas como “missa”, “banho”, não possuem notas, apenas a observação de que se fizesse “leitura” e “dever”. Além do que, há outras especificidades nos boletins encontrados, como por exemplo, os escritos pelas aias contêm matérias ensinadas por elas e principalmente pelos mestres os quais coordenavam; já os boletins escritos por Valdetaro, referem-se às matérias que somente ele ministrava na condição de Professor de Instrução Elementar das Princesas. A partir dessa informação, senti a necessidade de separar os boletins feitos pelas aias (17), os quais compuseram o Quadro 9, exposto na página anterior, dos manuscritos por Valdetaro (23), que deram origem ao Quadro 10, na página seguinte. Ademais, apenas os boletins datados foram eleitos para compor o Quadro 9, e por esse motivo somente os de Isabel foram contemplados, sendo três do ano de 1858 (fevereiro, março e abril), um do ano de 1863 (dezembro) e quatro de 1864 (abril, maio, setembro²⁷² e outubro). As notas lançadas em ambos os quadros, são as que mais se repetem nos boletins dos respectivos anos.²⁷³

²⁷² Esse pode ser visualizado no Anexo B, na página 342.

²⁷³ O procedimento adotado é “moda”, entendido como “aquele em que a medida de tendência central consiste no valor observado com mais frequência em um conjunto de dados”. Disponível em: <<http://clubes.obmep.org.br/blog/tratamento-da-informacao-medidas-de-tendencia-central/medidas-de-tendencia-central-passando-a-limpo-as-ideias/>>. Acesso em: 25 mar. 2020. Tal metodologia, aplicada na elaboração dos Quadros 9 e 10, pode explicar a não existência da nota *parfait* (*perfeito*). Essa nota é visualizada nos boletins da Princesa Isabel emitidos por Victorine Templier no ano de 1858, relativa às seguintes matérias: cosmografia, aritmética, ortografia, catecismo, análise [gramatical], gramática e história antiga, todavia, essa não é a nota mais frequente, motivo pelo qual não consta no Quadro 9. O Quadro 10, por

É importante lembrar que os boletins constantes no Quadro 9 foram confeccionados por Templier, o que explica o idioma francês, ainda que tenham sido traduzidos pela pesquisadora. Nesse quadro, comparando as notas do ano de 1858 com as dos anos de 1863 e 1864, interpreto uma grande mudança nesses dois últimos anos. Vejamos: enquanto Isabel ficava com médias de B a TB no primeiro ano (1858), passou a tirar notas como AB, M e até TM nos anos posteriores, notas mais baixas. Alguns boletins não trazem notas, apenas a anotação de que ela lesse sobre as matérias em questão e realizasse deveres. A queda no rendimento de Isabel, provavelmente, deve-se ao quantitativo excessivo de lições e a carga horária exaustiva para uma adolescente. Há um boletim da Princesa Leopoldina não datado, nem assinado, mas, pelas matérias contidas, suponho que seja do ano de 1862, e, ao examiná-lo, percebo que ela teve ainda mais dificuldade em relação à irmã.

Abaixo, encontra-se o Quadro 10 com matérias estudadas, notas e procedimentos de ensino relativos à Instrução Elementar, correspondentes aos anos de 1858 e 1859:

Quadro 10 - Matérias, Notas e Procedimentos de Ensino relativos à Instrução Elementar ofertada às Princesas entre os anos de 1858 e 1859

Matérias nos Boletins da Princesa Isabel 1858 -1859	Notas da Princesa Isabel	Matérias nos Boletins da Princesa Leopoldina 1858 -1859	Notas da Princesa Leopoldina
Caligrafia	Opt	Caligrafia	Opt
Sinônimos	Opt	Sinônimos	B
Ditado dos Clássicos	Opt - Bb	Ditado dos Clássicos	Bb
Ortografia	Bb - B	Ortografia	B
Poesias de cór	B - Opt	Poesias de cór	-
Princípios de Gramática	Opt	Princípios de Gramática	-
Análise Gramatical	Opt	Análise Gramatical	Bb
Versos	Opt	Versos	-
Poesias Ditadas	Opt	Poesias Ditadas	B
Ditado falado	Opt - B	Ditado falado	Bb - B
Análise Ideológica	Opt	Análise Ideológica	B
Aritmética	B	Aritmética	B
Procedimentos	Opt	Procedimentos	Opt

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.²⁷⁴

O Quadro 10 é formado por matérias e notas provenientes dos 23 boletins manuscritos por Valdetaro, sendo 14 deles da Princesa Isabel e os outros nove da Princesa Leopoldina. Esses boletins foram datados e referem-se às matérias ensinadas no período de agosto de 1858 a setembro de 1859. Ao observar os conteúdos ensinados, percebo uma ênfase em *poesia*, *ortografia*, *gramática* e nos “*clássicos*”, ficando clara a fundamentação humanista, ainda

sua vez, é composto por notas atribuídas às duas Princesas pelo mestre Valdetaro nos boletins de 1858 e 1859, e o professor não fazia uso do termo *parfait* (perfeito), e sim do ótimo (ótimo), como nota máxima.

²⁷⁴ A ortografia da escrita, presente nos boletins, foi atualizada no quadro para a língua portuguesa atual.

muito presente na educação do oitocentos. Também é possível se verificar, no quadro acima, o rendimento das meninas, ficando nítido que o aproveitamento de Isabel era superior ao da irmã caçula, talvez, esse resultado se devesse às ausências de Leopoldina nas aulas do mestre Valdetaro, já que, por cinco vezes ela não foi avaliada nos boletins consultados por estar “indisposta”, conforme observação feita pelo próprio mestre no documento.

Ao comparar os dados dos Quadros 8, 9 e 10, com informações contidas em *Distribuição das horas do dia*, analisado nas páginas anteriores, ficam evidentes as mudanças realizadas na educação das Princesas entre as décadas de 50 e de 60 do século XIX, principalmente, em termos de carga horária e do currículo oferecidos a elas. Visto que, na década de 1850, elas acordavam por volta de 7h, com uma manhã dedicada à missa, ao catecismo, à oração e às leituras pias, para em seguida estudar: ortografia, leitura francesa gramática, análise [gramatical], poesia francesa, leitura portuguesa, caligrafia, poesia portuguesa, aritmética, botânica, cosmografia, geografia, história antiga, piano, dança e bordado.²⁷⁵

Na década seguinte, passaram a acordar mais cedo, pois às 7h estavam prontas para aprender: alemão, grego, italiano, latim, estilo em francês, estilo em português literatura portuguesa, poesia francesa, ortografia, leitura portuguesa e francesa, poesia portuguesa, caligrafia, economia política, filosofia, geografia, história antiga, história moderna, história da América, história de Roma, história do consulado e do império, história da Inglaterra, história da França, história de Portugal e história do Brasil, retórica, zoologia botânica, mineralogia cosmografia química, física, álgebra e geometria, história eclesiástica, evangelho/catecismo, desenho e piano, conhecimentos voltados para diferentes áreas do conhecimento, organizados conforme o planejamento de horário. Ou seja, na década de 1860, prevalecem, hierarquicamente no currículo, as matérias voltadas para a área de linguagens, com uma grande diversidade de idiomas ensinados, seguidos por matérias de história, tanto a antiga, medieval, moderna, da América e do Brasil, quanto a contemporânea²⁷⁶. Além disso, foi priorizada a história de países que pudessem consolidar parcerias comerciais com o Brasil, dentre eles destacam-se: Inglaterra, França e Portugal. Também foi ampliada a gama de matérias das ciências naturais e matemática. Para conseguirem realizar todas as atividades previstas, a manhã de estudos das meninas foi estendida, com ênfase nos conteúdos das

²⁷⁵ No Quadro 9, ortografia e caligrafia se repetem, possivelmente, devido à grande importância dada, ou por serem notas concebidas por diferentes mestres.

²⁷⁶ Não consta esta nomenclatura para as matérias ensinadas nos Quadros 9 e 10, no entanto, alguns cadernos consultados contêm fatos históricos que se sucedem até o encerramento das aulas formais, período contemporâneo às Princesas. Esses conhecimentos são abordados no Capítulo 4 deste estudo.

ciências e das letras, e também políticos, em detrimento dos conhecimentos sagrados, que não chegaram a ser excluídos do currículo, mas tiveram sua intensidade de lições diminuídas, diferentemente do que, talvez, tenha acontecido com os trabalhos de agulha²⁷⁷, esses deixam de ser registrados nos boletins encontrados da década de 1860. O horário de estudos noturnos foi ampliado, seu término passou das 20h para 21h30, tendo podido chegar às 22h sob luz de lampião. Quanto à missa, esta ficou restrita às manhãs de sábado e aos domingos, dia tradicionalmente conhecido pelos católicos como de guarda e de dedicação ao “Senhor”.

Uma mudança visualizada no Quadro 8, refere-se à iniciativa de que as Princesas praticassem alguma atividade física, é o que se depreende dos termos “caminhada” e “andar”, práticas inseridas no dia a dia de Isabel e Leopoldina na década de 1860 e não mencionadas na década anterior, assim como os tempos destinados ao passeio, à recreação e ao lazer foram reduzidos.

É curioso constatar no Quadro 8 que os Imperadores D. Pedro II e D. Teresa Cristina tinham horário marcado para visitar as filhas. A mãe visitava as Princesas na segunda-feira, geralmente no período do almoço, talvez para não atrapalhar as lições (AGUIAR, 2019a). O pai visitava as filhas, com o objetivo de ministrar lições de latim, às terças e quintas das 19h às 19h30; às sextas-feiras das 11h às 14h, horário que era dividido entre as lições de piano e inglês; aos sábados das 9h às 10h, tempo também dividido entre as lições de alemão, e de 19h a 19h30. Lembrando que o pai-mestre, D. Pedro II, também ensinava às Princesas língua portuguesa, matemática, literatura, história, astronomia e física. E os horários das “lições dadas” pelo soberano faziam parte de sua agenda ou de seu “Regulamento das horas de trabalho”, conforme Figura 36, na página seguinte.

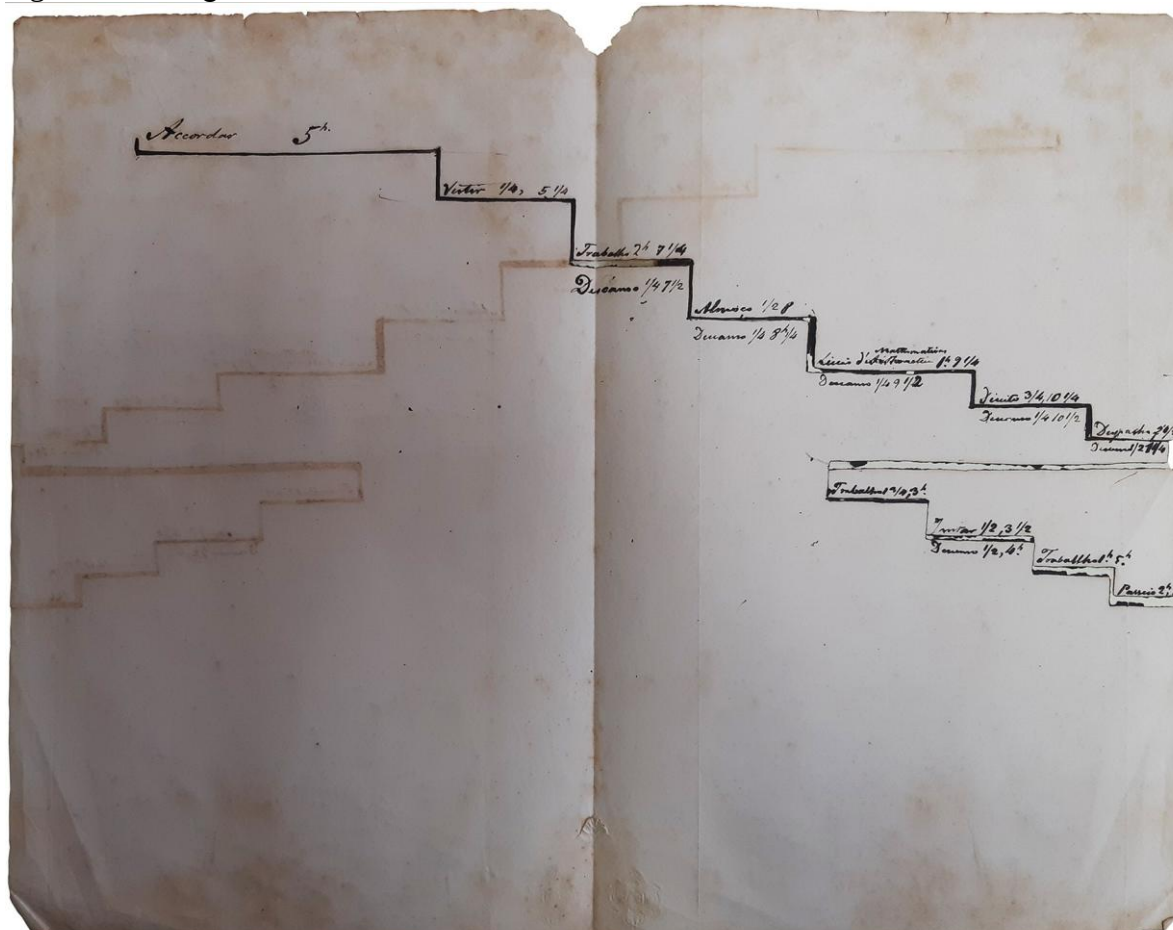
A partir do documento “Regulamento das horas de Trabalho”, manuscrito por D. Pedro II, constato que “dar lições” de matemática às filhas era um compromisso do monarca brasileiro previsto em sua agenda pessoal de “8h $\frac{1}{4}$ a 9 $\frac{1}{4}$ ”. Na agenda do soberano (Figura 36), cada atividade era minuciosamente anotada: acordar, vestir, trabalhar, descansar, despachar, lecionar, estudar, jantar e passear.

Ao analisar o Quadro 8 e o “Regulamento das horas de Trabalho” de D. Pedro II, percebo que, assim como o pai, as Princesas também possuíam uma extensa agenda de compromissos, no entanto, o principal compromisso delas era aprender. Como visto nos parágrafos anteriores, elas estudavam diariamente das 7h às 21h30 ou até 22h que perfaz um

²⁷⁷ Como visto no Quadro 9, na década de 1860, os trabalhos com agulha (bordado e costura) deixam de constar nos boletins, talvez tenham diminuído sua importância. Também nesse período, Isabel solicita a mãe por meio de epístolas, permissão para costurar a noite após as lições.

total de aproximadamente 15 horas diárias, ao descontar as 4 horas de intervalo destinados ao asseio, à oração, às refeições e à recreação, chega-se à média de 11 horas diárias dedicadas às lições, uma carga horária extensa para duas meninas cumprirem e aprenderem uma grande variedade de conhecimentos. Acredito que essa rotina de estudos tenha se mantido até 1864, com alterações realizadas apenas no tipo de matéria ministrada.

Figura 36 - “Regulamento das horas de Trabalho” - Século XIX



Fonte: Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/nº44/2019.²⁷⁸

Chamo a atenção do leitor para o fato de que as aulas das Princesas eram contínuas, pois, ainda que os mestres se ausentassem entre a última semana do mês de dezembro e a primeira dezena de janeiro, por motivo de férias, a Condessa de Barral, a auxiliar Victorine Templier e D. Pedro II permaneciam ensinando-as para que não interrompessem as lições (AGUIAR, 2015), e todo o programa educativo das Princesas acontecia na casa, nos Paços de

²⁷⁸ Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo - Maço 29 - Doc. 1038 - Papéis relativos à educação das Princesas. 12 páginas de texto, algumas por letra de D. Pedro II. Transcrição do documento: “Regulamento das horas de Trabalho”: Accordar 5h., Vestir 1/4, 5 1/4, Trabalho 2h 7 1/4, Descanso 1/4 7 1/2, Almoço 1/2 8, Descanso 1/4 8h 1/4, Licão d’ Arithimetica, Mathematicas 1h 9 1/4, Descanso 1/4 9 1/2, Direito 3/4, 10 1/4, Descanso 1/4 10 1/2, Despacho [...], Descanso [...], Trabalho 1h 3/4, 3h, Jantar 1/2, 3 1/2, Descanso 1/2, 4h, Trabalho 1h 5h, Passeio.

São Cristóvão e de Petrópolis, isso porque a educação doméstica era uma prática muito comum em famílias abastadas, nobres e principescas no oitocentos, bem diferente de hoje, quando o ensino é ministrado majoritariamente em estabelecimentos oficiais.²⁷⁹ Contudo, no caso das Princesas brasileiras, não havia apenas um espaço para que os ensinamentos ocorressem, os vários ambientes existentes nos Palácios se transformavam em espaços do conhecimento, o que fazia com que o aprendizado de Isabel e de Leopoldina estivesse muito além da sala de aula de nossa contemporaneidade (AGUIAR, 2020). Basta lembrar da aula de botânica com o mestre Freire²⁸⁰, num contato prático com o solo e a vegetação, momentos que, ocorriam nos jardins dos Palácios. Ademais, para elas, nem o céu era o limite já que eram incentivadas a estudá-lo, não só com o mestre de astronomia, mas, também, com D. Pedro II, que constantemente se permitia contemplar o cosmos e seus mistérios com seus “óculos de alcance”, conhecido como telescópio e, atualmente, exposto no *Gabinete de Estudos do Imperador* no Museu Imperial, um dos espaços do conhecimento das Princesas.

Havia ainda outros espaços na casa a serem utilizados pelas alunas e pelos mestres das lições, como, por exemplo: quando precisavam aprender a se comportar à mesa, elas se dirigiam ao *Salão de Jantar*; se desejavam ler, iam à *Biblioteca*; as experiências químicas se realizavam no *Gabinete de Química*; para contemplar o cosmo havia o *Observatório Astronômico*, local mais alto do Paço de São Cristóvão, que também era um ótimo lugar para fotografar ou “tirar vistas” com o mestre ou com o pai, um apaixonado por aquela arte. E ainda tinham acesso ao *Museu do Imperador*, onde tinham a oportunidade de conservar espécies coletadas da flora e da fauna; a *Sala de Teatro*, onde podiam dar vida a peças teatrais encenadas, geralmente, em língua francesa; a *Sala de Visitas e do Piano da Imperatriz*, onde aprendiam a tocar piano e receber convidados; a *Sala de Música e Baile*, onde cantavam, tocavam e dançavam; a *Sala de Costura*, ambiente propício à costura e ao bordado, um passatempo feminino e uma necessidade da mulher no oitocentos, e a *Sala de Arte Sacra*, um espaço onde os ensinamentos de história santa ganhavam um sentido todo especial²⁸¹. Quanto às lições de línguas, literatura, matemática, história, geografia, filosofia, economia política,

²⁷⁹ É importante considerar que algumas famílias têm procurado resgatar a prática da educação domiciliar oitocentista, já que existem no Brasil atualmente, cerca de 15 mil crianças adeptas ao *Homeschooling*, ou seja, sendo educadas na casa. Segundo Kloh (2016, p. 354), “as motivações pessoais das famílias são de naturezas diversas. Passam por questões religiosas e financeiras; por questões referentes ao direito fundamental da família em escolher o tipo de educação que deseja para seus filhos; pelo desejo, enfim, de participarem mais ativamente da educação de seus filhos através de espaços formativos diferentes da escola”. Disponível em: <<https://revistacrescer.globo.com/Crianças/Escola/noticia/2017/01/homeschooling-brasil-jatem-6-mil-criancas-sendo-educadas-em-casa.html>>. Acesso em: 26 ago. 2019. Para maiores informações ver também: (VASCONCELOS, 2017; KLOH, 2020).

²⁸⁰ Carta citada na página 156.

²⁸¹ Sobre os *espaços do conhecimento* consultar os trabalhos anteriores: (AGUIAR, 2015) e (AGUIAR, 2020).

entre outras, podiam ser ministradas em qualquer um dos espaços do conhecimento existentes nos Palácios Imperiais, conforme a preferência de seus mestres. Enquanto meninas, elas instruíram-se nesses ambientes, todavia, após o casamento, mais precisamente no ano de 1871, Isabel passou a frequentar o Senado Imperial como Princesa Regente nos períodos em que substituiu o pai²⁸², tornando-se também naquele ano a primeira senadora do Brasil. Dessa forma, a Princesa Imperial obtinha a experiência necessária para desempenhar no futuro, o cargo de Imperatriz.

É interessante notar que toda a mudança na vida das Princesas começou no ano de 1850, com o reconhecimento oficial de Isabel como primeira na linha sucessória, o que acabou por afetar Leopoldina, que recebeu a mesma educação da irmã, afinal, D. Pedro II temia que Isabel tivesse o mesmo destino de seus irmãos varões e a dinastia Bragança perecesse por falta de herdeiros, com isso, a vida das Princesas tomou um novo sentido, não estavam mais destinadas a serem apenas sombras dos maridos, acompanhando-os em rituais monárquicos da Sociedade de Corte. Isabel e Leopoldina, (esta caso viesse a substituir a irmã), teriam luz própria e precisavam estar preparadas para o que o destino reservava a elas.

Diante deste fato me pergunto: quais conhecimentos teóricos foram escolhidos como dignos de formar a futura Imperatriz do Brasil? Convido o leitor a continuar a leitura, já que a resposta para esses e outros questionamentos está nos cadernos de lições analisados nos Capítulos a seguir.

²⁸² Isabel tornou-se Princesa Regente aos 24 anos de idade e, posteriormente, tomou posse do cargo de senadora do Império. Os períodos de sua Regência foram: Primeira Regência – (25/05/1871 a 31/03/1872), 2ª Regência – (26/03/1876 a 25/09/1877), 3ª Regência – (30/06/1887 a 21/08/1888). “Os Príncipes da Casa Imperial tinham direito a assento nesta Casa [Senado Imperial], tão logo completassem 25 anos [Art. 46 Constituição de 1824]. Por esse critério, a Princesa Isabel foi a primeira senadora do Brasil. O Senado foi palco de importantes acontecimentos no Império: falaram em sua sede D. Pedro I, D. Pedro II e a Princesa Isabel, no início das sessões legislativas, em discursos que ficaram conhecidos como ‘As Falas do Throno’. Esse documento foi incluído no Programa *Memória do Mundo* da Unesco.” Sobre o assunto ver: O SENADO NO IMPÉRIO. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/institucional/documentos/sobre-o-senado/historia/o-senado-no-imperio>> Acesso em: 24 dez. 2019.

3 DA PENA AO PAPEL: CADERNOS DE LÍNGUAS PARA A FORMAÇÃO DE UMA SOBERANA

Figura 37 - Caderno, tinteiro e pena - Século XIX



Fonte: AGP/Museu Imperial Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/nº02/2020.

Nesse capítulo, convido o leitor a ir ao encontro das “letras”, ou melhor, das línguas ensinadas às Princesas. Mas, imagino que deva estar se perguntando: por que iniciar a análise dos cadernos justamente pelas línguas? O aprendizado da língua e consequentemente das letras constitui uma realidade primeira, apropriada ainda no seio familiar, uma herança social. A linguagem e sua relação com o pensamento, definem a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo como processos construídos culturalmente e fundados sócio historicamente e não somente persuadido pelo contexto cultural (VIGOTSKI, 2008; 2009).

Além disso, a linguagem é capaz de promover a interação entre as matérias, não se restringindo ao conteúdo e propondo um diálogo e uma integração entre as áreas do conhecimento, daí a importância de se iniciar a instrução pela alfabetização e pelas línguas, procedimento adotado com as Princesas. Nas próximas páginas, serão abordados conteúdos em seus sentidos e aspectos mais amplos, disseminados em textos, exercícios, rabiscos e correções realizadas por meio da pena das meninas e de seus mestres.

3.1 Estudo das línguas: necessidade de ampliar o conhecimento e se comunicar com outros soberanos

Vantagens do estudo das línguas

O estudo das línguas é de grande vantagem para os homens. Para sabermos bem portuguez necessitamos do estudo da lingua latina, e não será um dos maiores empenhos de um Brasileiro o de saber a fundo sua língua. Pelo conhecimento das línguas podemos tratar com os estrangeiros. O cardeal Mezzofanti possuía no maior grao a facilidade de apprender línguas falando a cada um dos que o vinhão visitar na sua própria língua. Alem de outras vantagens não será este estudo de tanto proveito para a amizade [...] e para as sciencias?²⁸³

Isabel Christina

“Vantagens do estudo das línguas” é o título da redação constante no caderno de ditado da Princesa Isabel, aparentemente, um caderno de rascunho, devido ao pouco zelo com a caligrafia, a existência de várias intervenções, alterações e descarte de palavras. A produção textual era um dos métodos utilizados pelo professor Candido José de Araújo Viana para ensinar às meninas a língua portuguesa, idioma oficial de seu país. A autora escreve com caneta tinteiro preta em folha não pautada e não numerada. É interessante observar a criatividade do mestre responsável pela matéria, ele não só ensina essa língua, como também chama a atenção de suas alunas para as vantagens de se estudar diferentes idiomas. De acordo com o texto supracitado, era a partir do conhecimento de outras línguas latinas que as Princesas compreendiam melhor o português. Para incentivá-las ao conhecimento dos mais variados idiomas, o mestre destaca uma personalidade da época: o cardeal Mezzofanti²⁸⁴, um renomado linguista e hiperpoliglota.

Ao final do texto, Isabel reconhece uma outra conveniência do aprendizado das línguas: a possibilidade de se estabelecer relações de amizade não apenas com pessoas próximas, mas de diferentes nacionalidades e, ainda, ampliar o conhecimento por meio do contato e da leitura de jornais, revistas e livros estrangeiros sobre os principais acontecimentos e descobertas científicas, aptidões condizentes com o exercício político de soberanas que, no futuro, teriam a oportunidade de firmar tratados, alianças e acordos

²⁸³ Trecho do Caderno de Ditado em Língua Portuguesa da Princesa Isabel nº 12 - AGP.

²⁸⁴ Giuseppe Gasparo Mezzofanti (Bolonha, 1774 - Roma, 1849) foi um ilustre cardeal, linguista e hiperpoliglota. Ele entrou para a história dos recordes por conhecer perfeitamente 56 idiomas. Disponível em: <<http://jardimdepicuro-apollonivs.blogspot.com/2012/02/cardeal-giuseppe-mezoffanti-o-maior.html>>. Acesso em: 25 ago. 2019.

diplomáticos com outros chefes de estado trazendo benefícios para seu próprio país, colaborando e influenciando no cenário internacional. Questões certamente apontadas pelo Imperador, e, também, pelo experiente político e mestre Visconde de Sapucaí, corroborando a afirmação de que os processos educativos infantis acontecem conforme os múltiplos objetivos e interesses dos adultos, sejam eles pais ou professores.

Entre os objetivos de D. Pedro II estava o desejo de que as filhas aprendessem vários idiomas, essa é a impressão que se tem ao analisar o Quadro 11 a seguir, com os cadernos de línguas. Contudo, na concepção do segundo Imperador do Brasil, o aprendizado dos mais variados idiomas também deveria ser estendido aos seus súditos, ao menos àqueles que conseguissem estudar no Colégio Pedro II, frequentado majoritariamente por alunos oriundos das famílias mais abastadas e do gênero masculino. Em tempo, é importante destacar que essa instituição se sobressai, ainda nos dias de hoje, por sua excelência em educação.

Na época, o Colégio adotou o Regulamento de Instrução Primária e Secundária do Município da Corte (1854), também denominado *Reforma Couto Ferraz*, por meio do qual ficava estabelecido que o aluno do curso secundário deveria estudar sete idiomas: 2 [cadeiras] de latim, 1 de grego, 1 de inglez, 1 de francez, 1 de allemão, 1 de philosophia racional e moral, 1 de rhetorica e poetica, que comprehenderá tambem o ensino da lingua e litteratura nacional [...] Se ensinarão no Collegio huma das linguas vivas do meio dia da Europa”²⁸⁵.

O Colégio Pedro II era constantemente visitado e influenciado pelo pai das Princesas que assegurou a esse alunado especificamente, além do conhecimento do idioma nacional (língua portuguesa), o aprendizado da língua francesa, inglesa, alemã, grega, do latim e da italiana. Essa última reconhecida como uma das “línguas vivas do meio dia da Europa”²⁸⁶, de acordo com o exposto no regulamento acima.

É preciso salientar que a *Reforma Couto Ferraz* (1854) e o documento *Atribuições da Aia* [1856-1857] foram escritos em épocas próximas. Era de interesse do Imperador que o projeto educativo por ele estabelecido para suas filhas concordasse, quando fosse conveniente, com os *Regulamentos da Instrução Pública*. Nesse aspecto, imagino que o leitor esteja se questionando: quais as línguas ensinadas às Princesas? Do mesmo modo, quais desses idiomas possuem cadernos das duas meninas, preservados por seus descendentes no Arquivo Grão Pará?

O Quadro 11 a seguir, oferece uma noção das línguas estudadas pelas Princesas Isabel e Leopoldina.

²⁸⁵ Decreto Imperial de 17 de fevereiro de 1854.

²⁸⁶ Conforme nota explicativa da página 34, os países que se encontram “na região do meio dia da Europa” segundo divisão política da época: Espanha, Portugal, Saboia, Sardenha, Itália, Turquia e Tartária. E no caso, a “língua moderna” da Europa adotada no Colégio Pedro II era “italiano” (AMENO, 1813, p.153).

Quadro 11 - Cadernos de línguas ensinadas às Princesas Isabel e Leopoldina

Cadernos de Língua Portuguesa			
Unidade Arquivo	Matéria	Autoria	Data/ Período
2 – AGP	Cadernos de Caligrafia e Ortografia em Língua Portuguesa	Princesa Isabel/ Princesa Leopoldina	1854-1863
1 – AGP	Caderno de Gramática Portuguesa	Princesa Isabel	1859
1 – AGP	Caderno de Literatura Portuguesa	Princesa Isabel	[1862]
2 – AGP	Cadernos de Ditado em Língua Portuguesa	Princesa Isabel	S/D S/D
Cadernos de Língua Francesa			
Unidade/ Arquivo	Matéria	Autoria	Data/ Período
1 - AGP	Caderno dos 1 ^{os} Conhecimentos em Língua Francesa e de Lições de Gramática Portuguesa	Princesa Isabel	1856
2 – AGP	Cadernos de Ortografia em Língua Francesa	Princesa Isabel/ Princesa Leopoldina	1856-1864
2 – AGP	Caderno de Estilo e Ortografia Francesa	Princesa Isabel/ Princesa Leopoldina	1857-1859
1 – AGP	Caderno de Ditado da Língua Francesa	Princesa Isabel	1857-1860
2 – AGP	Cadernos de Gramática Francesa	Princesa Isabel/ Princesa Leopoldina	1860 1863
1 – AGP	Caderno de Língua Francesa	Princesa Isabel	S/D
1 – AGP	Caderno de Análise Gramatical em Língua Francesa	Princesa Isabel	S/D
Cadernos de Língua Inglesa			
Unidade Arquivo	Matéria	Autoria	Data/ Período
2 - AGP	Cadernos de Língua Inglesa	Princesa Isabel	1859 S/D
Cadernos de Latim			
Unidade Arquivo	Matéria	Autoria	Data/ Período
3 - AGP	Cadernos de Latim	Princesa Isabel	S/D S/D 1862-1864
Caderno de Língua Grega			
Unidade Arquivo	Matéria	Autoria	Data/ Período
1 - AGP	Caderno de Língua Grega	Princesa Isabel	S/D
Caderno de Língua Italiana			
Unidade Arquivo	Matéria	Autoria	Data/ Período
1 - AGP	Caderno de Língua Italiana	Princesa Isabel	S/D
Caderno de Língua Alemã			
Unidade Arquivo	Matéria	Autoria	Data/ Período
1 - AGP	Caderno com Exercícios de Ortografia Portuguesa e Alemã	Princesa Isabel	1862-1864

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.²⁸⁷

²⁸⁷ A ortografia da escrita, presente nos cadernos, foi atualizada no quadro para a língua portuguesa atual.

Os 24 cadernos de línguas dispostos no Quadro 11 estão distribuídos em sete idiomas, sendo: seis de língua portuguesa, dez de língua francesa, dois de língua inglesa, três de latim, um de grego, um de italiano e um de língua alemã. Além desses, há, no Arquivo Grão Pará, cadernos/estudos de outras matérias não listadas no quadro acima, porém escritos na língua francesa, são eles: história de Portugal (2), história do consulado e império (1), mitologia (1), geografia (1), zoologia (1) teatro (2) análise lógica (1) e história santa (1). Portanto, dos 50 cadernos de lições das Princesas, 24, ou seja, quase 50% são de línguas, havendo entre esses uma preponderância de cadernos na língua francesa até mesmo sob a língua nacional. Coincidência ou não, os idiomas ensinados às herdeiras do Trono são os mesmos proporcionados aos alunos do Colégio Pedro II²⁸⁸, como já mencionado.

Nas próximas seções, vou apresentar um pouco mais sobre as línguas ensinadas às Princesas, desse modo, chamo atenção para caligrafias, textos, marcas, borrões, notas, elogios, reprimendas constantes nos cadernos e, ainda, para as especificidades metodológicas do mundo das letras vivenciado por Isabel e Leopoldina, herdeiras de um Império e de uma nação.

3.1.1 A língua materna, do estudo das “belas letras” à literatura portuguesa

No oitocentos, para o “homem comum”, não oriundo de casas reinantes, o domínio da escrita era um privilégio, e para o homem destinado a governar, uma condição necessária para o pleno exercício de sua função. Isso incluía, também, o dever de zelar para que, no futuro, seus súditos adquirissem os saberes primordiais para o desempenho de suas funções na sociedade. Não por acaso, tanto a instrução pública quanto a particular foram objetos de várias regulamentações e decretos, alguns, inclusive, contaram com a participação de Isabel na condição de Princesa Regente de seu país.

No Arquivo Grão Pará, foram encontrados seis cadernos de língua portuguesa, também entendida como a língua materna da maioria dos habitantes do Brasil. Porém, ainda que se entenda a língua materna como a nativa, da comunidade ou da pátria a qual pertence, de certa forma, no caso das Princesas, o português era, na verdade, a língua paterna já que o pai das meninas era brasileiro e a mãe italiana.

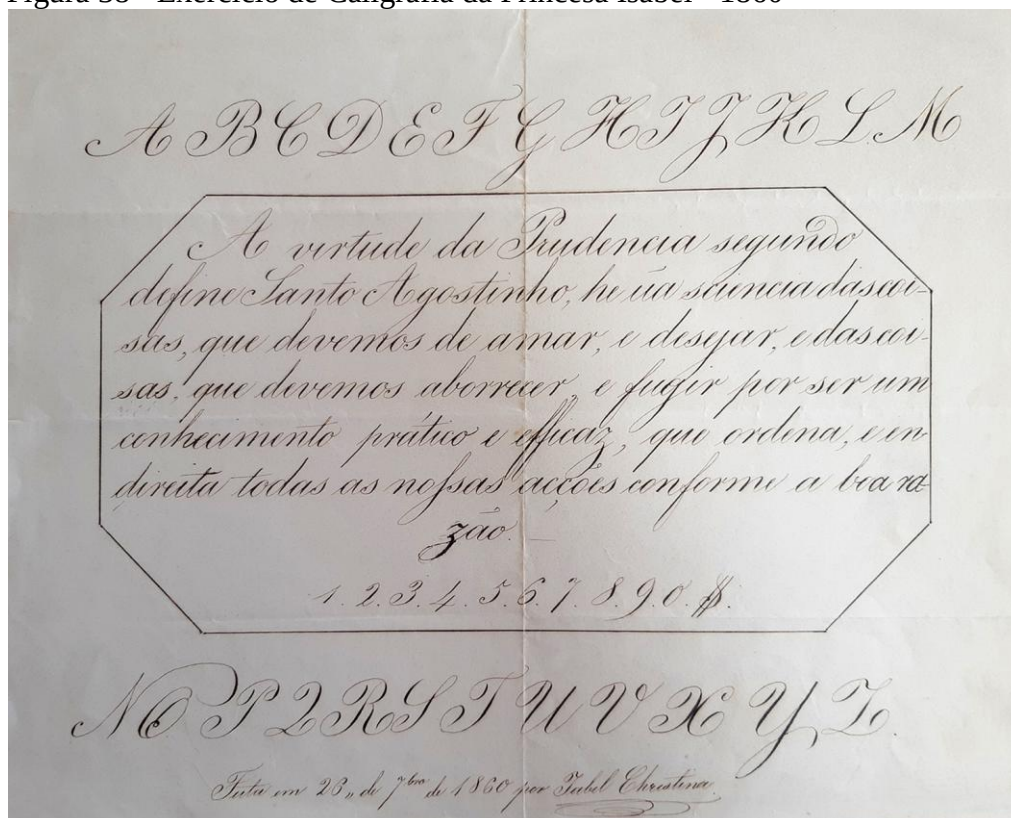
²⁸⁸ Na atualidade, o Colégio Pedro II oferece a alunos de diferentes gêneros e classes sociais o aprendizado da língua portuguesa, francesa, espanhola e inglesa, cujas disciplinas estão distribuídas entre o Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

Os cadernos de língua portuguesa estão divididos em: caligrafia e ortografia (2), gramática (1), literatura (1) e ditado (2), sendo este último um procedimento adotado pelo mestre que dita em voz alta determinado texto, no qual se avalia tanto a caligrafia, quanto a ortografia, a gramática e, até mesmo a literatura, se esse for o objetivo da aula.

3.1.1.1 Questões de Estado e história santa nos traços da caligrafia e ortografia

Os primeiros cadernos ou exercícios analisados neste estudo são os de caligrafia e ortografia e tratam-se de folhas soltas escritas pelas duas Princesas entre os anos de 1854 e 1863, isto é, praticamente durante todo o percurso educacional formal das meninas. Alguns exercícios de caligrafia exibem anotações a lápis, como “1ª”, “42ª”, “44ª”, “61ª”, que indicam o número de vezes em que o exercício foi copiado. As lições específicas de caligrafia aconteciam com o mestre Boulanger (1850), um exímio desenhista das “belas letras” e dos brasões da “Nobreza e Fidalguia do Império”. E ainda havia Valdetaro (1854), mestre de Instrução Elementar, que ensinava caligrafia e ortografia – componentes curriculares desse segmento educacional. As aias reforçavam tais conhecimentos, exigindo de suas alunas dedicação à escrita, conforme orientações do pai das meninas.

Figura 38 - Exercício de Caligrafia da Princesa Isabel - 1860



Fonte: Arquivo Grão Pará.

Na página anterior, a Figura 38 exibe o alfabeto da língua portuguesa, composto por 25 letras, de “A” a “Z”, desenhado pela Princesa Isabel. Nele, não é visualizada a letra “W”, demonstrando que na época da formação das Princesas, ela ainda não fazia parte do alfabeto brasileiro, pois não foi encontrada em nenhum dos exercícios de caligrafia das duas meninas. No interior da imagem, há um octógono com a frase: *“A virtude da Prudencia segundo define Santo Agostinho, he uã sciencia das coisas que devemos de amar, e desejar e das coisas, que devemos aborrecer e fugir por ser um conhecimento pratico e efficaz, que ordena, e endireita todas as nossas acções conforme a boa razão”*. Abaixo dessas palavras, são visualizados números de “0 a 9” e o sinal de “\$”. Nesse exercício, não consta a correção do mestre, mas exibe a data em que foi efetuado “26 de 7^{bro} de 1860” e a assinatura da autora: “Isabel Christina”.

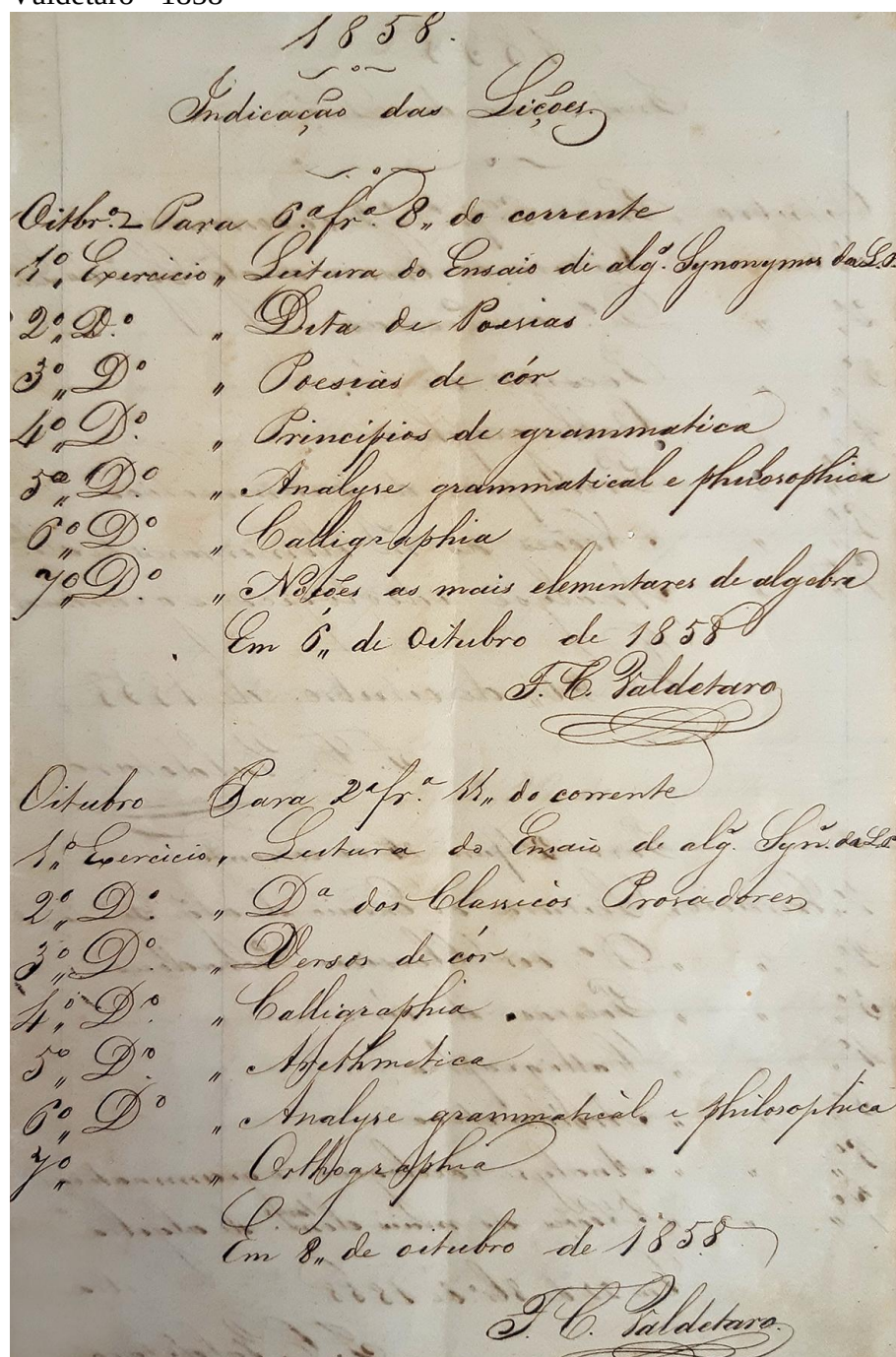
A frase escrita por Isabel no octógono está um tanto confusa, mas é possível que ela seja fruto de uma tradução cujo texto não tenha sido bem compreendido pela Princesa. De qualquer forma, sinaliza a importância da “prudência”, vista como uma virtude. A prudência é pregada por Santo Agostinho (354 - 430)²⁸⁹, teólogo e filósofo que influenciou vários pensadores, inclusive São Tomás de Aquino (1225-1274)²⁹⁰, que, a partir da Escolástica, também enfatizou o valor da prudência. As correntes filosóficas desenvolvidas por esses homens reverberaram por séculos, sendo reafirmadas ou criticadas, chegando ao século XIX, mais precisamente às lições das herdeiras do Trono brasileiro. Ser prudente é ter a “razão prática” permeando seus pensamentos, é a qualidade de discernir em diversas situações o melhor meio para se alcançar determinado objetivo. Um atributo significativo para quem terá o poder político de toda uma nação em suas mãos.

A seguir, encontra-se o documento intitulado “Indicações das Lições” (AGP) (Figura 39), manuscrito que pode ser interpretado como um dos planejamentos das aulas ministradas pelo mestre Valdetaro. Entre os conteúdos de ensino listados estão a caligrafia e a ortografia.

²⁸⁹ Agostinho de Hipona (354 - 430) ficou conhecido como Santo Agostinho, tornando-se um dos maiores teólogos e filósofos dos primeiros séculos do Cristianismo. Suas obras foram de extrema relevância, não apenas no desenvolvimento da religião cristã, mas, também, na filosofia ocidental, influenciando muitos escritores como São Tomás de Aquino, Bertrand Russell e Martin Heidegger.

²⁹⁰ São Tomás de Aquino (1225-1274 - Sicília) foi um frade católico da Ordem dos Pregadores (dominicanos), numa época em que a Igreja Católica ainda mantinha seus pilares nos ideais agostinianos e de seus discípulos. Diferentemente das práticas educativas desenvolvidas na Idade Média, priorizou o estudo do “mundo real e o aprendizado pelo raciocínio”. Tomás de Aquino tornou-se o grande nome da escolástica ao formular um sistema que combinava a fé cristã e a filosofia aristotélica, algo tido como impossível para os teólogos contemporâneos a ele. Teve grande influência no pensamento ocidental e na filosofia moderna, já que muito dela foi construída reafirmando ou criticando aquilo que ele defendia. Sobre o assunto ver: TOMÁS DE AQUINO. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1949/tomas-de-aquino-o-pregador-da-razao-e-da-prudencia>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Figura 39 - “Indicações das Lições” - Planejamento do Mestre Valdetaro - 1858



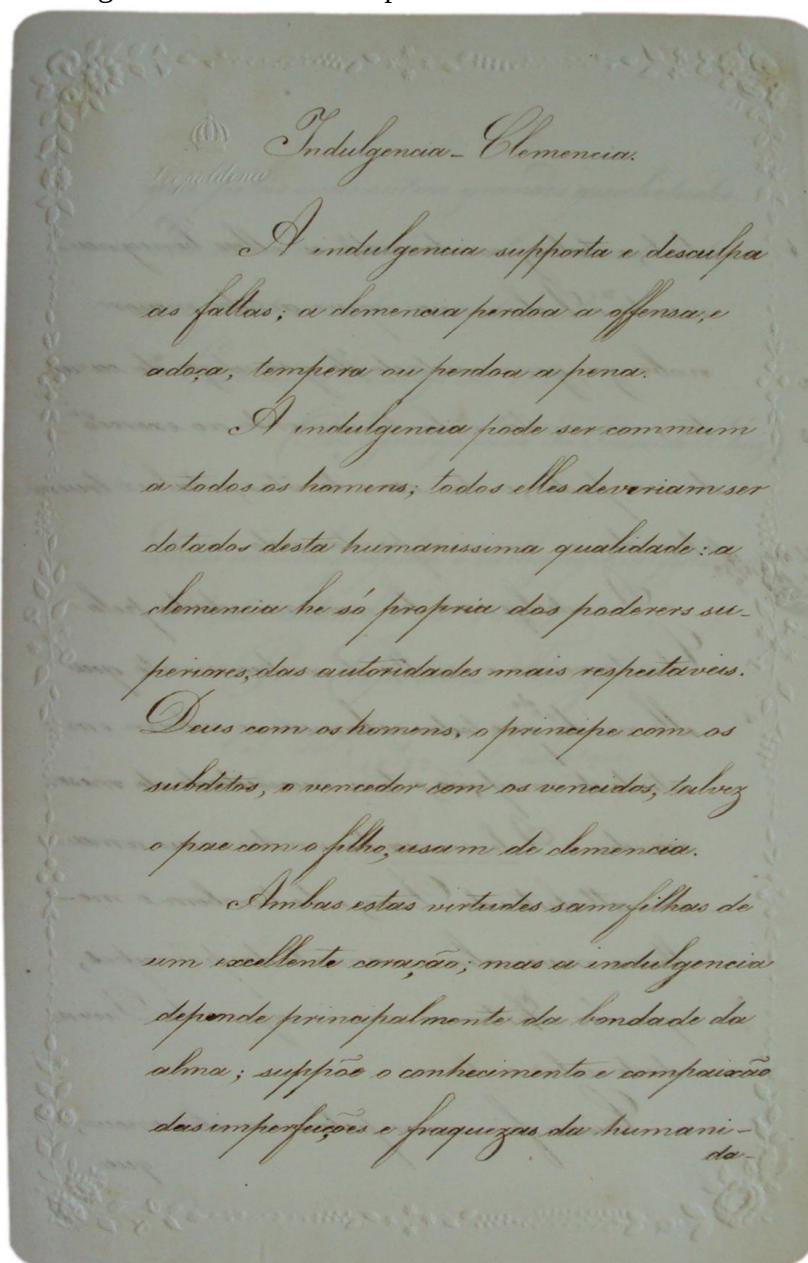
Fonte: Arquivo Grão Pará.

As “Indicações das Lições” do mestre Valdetaro referem-se às aulas dos dias 8 e 11 de outubro de 1858. Para o primeiro dia, ele planejou ensinar às alunas: *exercício*; *leitura do ensaio sobre alguns synonymos da língua portugueza*; *poesias ditadas*; *poesias de cor*; *principios de grammatica*; *analyse grammatical e philosophica*; *calligraphia*; *noções mais elementares de algebra*. No segundo dia, a maioria das atividades foi mantida, com exceção das *poesias ditadas* e da *algebra*, ambas substituídas por *leitura dos classicos prosadores* e

orthografia. O planejamento reflete os ensinamentos propostos por esse professor em conformidade com o que avaliava nos boletins e o que, hoje, se encontra em cadernos e folhas soltas das Princesas. Também evidencia a dimensão de seu comprometimento com a educação das filhas do soberano.

A seguir, duas lições de ortografia e caligrafia da Princesa Leopoldina (Figuras 40 e 41):

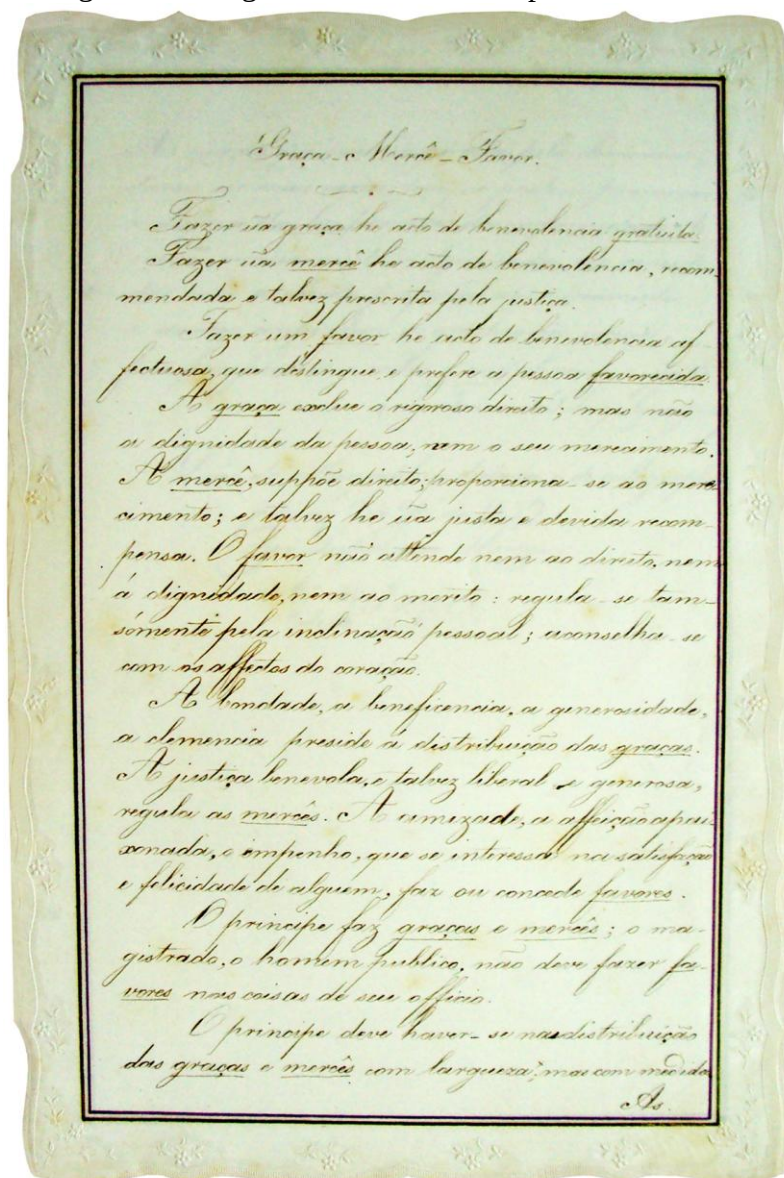
Figura 40 - “Indulgência - Clemência” - Lição de Caligrafia e Ortografia da Princesa Leopoldina - 1859



Fonte: Arquivo Grão Pará.²⁹¹

²⁹¹ Exercício de caligrafia e ortografia da Princesa Leopoldina - AGP. Transcrição: “Indulgencia – Clemencia. A indulgencia supporta, e desculpa as faltas; a clemencia perdôa a offensa, e adoça, tempera ou perdôa a pena. A indulgencia pode ser commum a todos os homens; todos elles deverião ser dotados d’esta humanissima

Figura 41 - “Graça - Mercê - Favor” - Exercício de Caligrafia e Ortografia da Princesa Leopoldina -1859



Fonte: Arquivo Grão Pará.²⁹²

qualidade: a clemencia he só propria dos poderes superiores, das autoridades mais respeitaveis. Deos com os homens, o principe com os subditos, o vencedor com os vencidos, talvez o pae com o filho, usão de clemencia. Ambas estas virtudes são filhas de um excellente coração; mais a indulgencia depende principalmente da bondade da alma; suppõe o conhecimento e compaixão das imperfeições e fraquezas das humanidades e talvez condescende á ellas benignamente. A clemencia requer ainda maior nobreza, generosidade e grandeza de character; renuncia voluntariamente ao exercicio do seu poder, e dos seus direitos, e talvez triumphha de si mesma perdoando. A indulgencia he recommendada pelo Christianismo, e resulta do conhecimento que elle nos dá, de que todos os homens se acham em estado de corrupção, e tem necessidade de mesericordia. A clemencia he um dos mais amaveis attributos de Deos, e he tambem o melhor e mais nobre ornamento dos principes, que nós reputamos como imagens da Divindade sobre a terra. Cesar foi maior pela sua clemencia, que pelas suas outras grandes qualidades. Que diriamos de um soberano adorado, se aqui pudesse caber o seu louvor? *Escreviamos este artigo em 1825. (Dos Synonymos de Fr. Franc de S. Luiz.) Lição de orthographia e calligraphia feita em 21 de setembro de 1859. Por Leopoldina Thereza. Ort. Bb, Cal. B. 21. 9. 1859 F.C.V. [Nota, data e assinatura do mestre Valdetaro].

²⁹² Exercício de caligrafia e ortografia da Princesa Leopoldina - AGP. Transcrição: “Graça - Mercê - Favor. Fazer uma graça he acto de benevolencia gratuita. Fazer uma mercê he acto de benevolência recommendada, e talvez prescrita pela justiça. Fazer um favor he acto de benevolencia affectuosa, que distingue e prefere a

As figuras 40 e 41 revelam lições feitas pela filha caçula do Imperador, certamente compartilhadas com a irmã Isabel. Por meio da pena, Leopoldina pôs-se a escrever a lição que recebeu o título de *Indulgencia – Clemencia*. Para tanto, apropriou-se de uma folha de papel duplo, decorado com vinheta em motivos florais e monograma em carimbo seco da Coroa Imperial do Brasil encimando o nome Leopoldina em alto relevo. Trabalhos dessa natureza costumavam ser encaminhados ao pai, que avaliava o aprendizado de suas herdeiras, portanto, a lição precisava estar perfeita. Ao ensinar caligrafia e ortografia às alunas, Valdetaro adotava o método da cópia de textos oriundos da obra *Synonymos da língua portuguesa*²⁹³, não escolhidos aleatoriamente, pois carregavam consigo teorias, conceitos e valores a serem internalizados pelas meninas.

Por meio do texto (Figura 40), as Princesas aprenderam a importância da indulgência e da clemência sendo orientadas de que, a primeira “suporta e desculpa as faltas” e a segunda, “perdoa a ofensa ou perdoa a pena” ou, ainda, perdoa a sentença aplicada. Ainda que as palavras possam ser vistas como sinônimos, são colocadas diferenças entre elas, já que “a indulgência pode ser comum a todos os homens ou, pelo menos, àqueles dotados desta humaníssima qualidade” e a clemência, por sua vez, “é própria dos poderes superiores, das autoridades mais respeitáveis”. Portanto, nesse contexto, ser clemente é predicado daquele que exerce algum tipo de poder próprio, assim como as alunas do mestre Valdetaro, que, naquele momento, eram duas Princesas, contudo, no futuro, poderiam assumir a função de Imperatriz e, por isso, a importância da plena instrução.

É possível notar, ainda, que indulgência e clemência foram apontadas no texto como virtudes daqueles que possuem um nobre coração. Todavia “a clemência requer ainda maior nobreza, generosidade e grandeza de caráter”, sendo ela “um dos mais amáveis atributos de Deus, e também o melhor e mais nobre ornamento dos Príncipes”, isso porque são vistos como “imagens da divindade sobre a terra”. Já a indulgência é recomendada ao cristão e é

pessoa favorecida. A graça exclue o vigoroso direito; mas não a dignidade da pessoa, nem o seu merecimento. A mercê supõe direito; proporciona-se ao merecimento e talvez he uma justa, e devida recompensa. O favor não attende nem ao direito; nem a dignidade, nem ao mérito: regula-se tão sómente pela inclinação pessoal; aconselha-se com os affectos do coração. A bondade, a beneficência, a generosidade, a clemencia preside á distribuição das graças. A justiça benevola, e talvez liberal, e generosa, regula as mercês. A amizade, a affeição apaixonada, o empenho, que se interessa na satisfação, e felicidade de alguém, faz ou concede favores. O principe faz graças e mercês: o magistrado, o homem publico não deve fazer favores nas coisas de seu officio. O principe deve haver-se na distribuição das graças e mercês com largueza, mas com medida. As graças que são inspiradas pela clemencia, devem ser mais raras; porque podem promover o desprezo das leis por meio da impunidade. As mercês nimiamente vulgarisadas ou concedidas sem a devida proporção aos merecimentos e serviços, confundem as graduações sociaes, por fim perdem o valor, e empobrecem o estado. Lição de orthographia dictada e de calligraphia feita em 9 de 9^{bro} de 1859. Por Leopoldina Thereza. Ort. B, Cal. Bb. 9. 11. 1859 F.C.V. [Nota, data e assinatura do mestre Valdetaro].
²⁹³ FRANCISCO, de S. Luiz. *Ensaio sobre alguns synonymos da lingua portuguesa*. 2.ed. Lisboa: Typografia da Academia R. das Sciencias, 1856.

fruto do conhecimento. Essas são algumas das concepções teóricas ensinadas, cujas ideias passaram a permear o imaginário das duas filhas de D. Pedro II quando tinham 12 e 13 anos, fase da formação do caráter.

O texto acaba por exemplificar algumas das autoridades e suas respectivas relações de hierarquia: “Deus com os homens, o Príncipe com os súditos, o vencedor com os vencidos, o pai com o filho”. E ainda, no desfecho, é sublinhado um exemplo de governante, o escolhido é César de Roma, sobre ele há a afirmação: “foi maior pela sua clemência, que pelas suas outras grandes qualidades”. Em seguida, é colocado o questionamento: “que diríamos de um soberano adorado, se aqui pudesse caber o seu louvor?” Provavelmente, a pergunta tenha suscitado um debate em que qualidades e atributos de um grande chefe de Estado tenham sido externalizados pelas Princesas e seu educador. Ainda na atividade, uma última frase é registrada: “Escrevíamos este artigo em 1825”. A meu ver, uma reminiscência do mestre, saudosos de seu aprendizado na juventude.

O segundo texto (Figura 41), também escrito pela Princesa Leopoldina, quase dois meses depois, recebeu o título: *Graça - Mercê - Favor*. Da mesma forma, encontra-se em folha de papel duplo decorado com vinheta em motivos florais, escrito com caneta tinteiro preta e caligrafia primorosamente desenhada pela filha mais “levada” do Imperador que inicia a cópia da composição escolhida pelo mestre. Mais uma vez os conceitos são explicados e diferenciados por meio das palavras: “fazer uma graça é ato de benevolência gratuita”, já “a mercê é ato de benevolência recomendada e prescrita pela justiça”, e fazer um favor “é ato de benevolência afetuosa, que distingue e prefere a pessoa favorecida”. Desse modo, “a graça exclui o vigoroso direito; mas não a dignidade da pessoa, nem o seu merecimento, enquanto a mercê supõe direito, proporciona-se ao merecimento e, talvez, seja uma justa e devida recompensa”. Quanto ao favor, não se relaciona nem ao direito e nem a dignidade ou ao mérito, é regulado apenas pela “inclinação pessoal e com os afetos do coração. Ao distribuir graças, a pessoa preside bondade, beneficência, generosidade e clemência. A justiça benévola e, talvez, liberal e generosa, regula as mercês”.

Ao final da composição, as diferenças entre as ideias trabalhadas são ainda mais acentuadas, posto que as Princesas foram alertadas de que “a amizade concede favores” e o Príncipe, no que lhe concerne, “faz graças e mercês”. Ele, na condição de magistrado ou homem público, não deve fazer favores nas coisas de seu ofício”, e deve ater-se à “distribuição das graças e mercês com largueza, e com medidas”, mas não de forma irracional e desenfreada, porque pode promover o desprezo das leis por meio da impunidade”. E ainda, uma citação extremamente significativa se pensarmos no objetivo do professor de formar

futuras estadistas comprometidas com o seu país: “as mercês nimiammente vulgarizadas ou concedidas sem a devida proporção aos merecimentos e serviços, confundem as graduações sociais, por fim perdem o valor, e empobrecem o Estado”.

Quando avalia os exercícios de suas alunas, Valdetaro manifesta-se exigente em seu ofício, pois ao primeiro texto (Figuras 40) conferiu nota “Bb” (Bastante bom) à ortografia e nota “B” (Bom) à caligrafia. No segundo (Figura 41), aconteceu o inverso: a caligrafia recebeu “Bb”, a nota mais alta e a ortografia a mais baixa, “B”. Os boletins de Isabel e Leopoldina, exibem até o ano de 1859 notas em caligrafia e ortografia que variam entre *B* e *TB*, o que coincide com os trabalhos acima. No entanto, essas notas consideradas altas podem refletir a dedicação e capricho com a letra apenas no momento do exame, procedimento nem sempre adotado com as epístolas, o que explica as reclamações de D. Pedro II a respeito da caligrafia expressa na correspondência de suas filhas. As missivas enviadas ao pai na década de 1860, por exemplo, são as que mais despertam a insatisfação do soberano, naquele período, fase da adolescência, o desempenho nas avaliações foi mais baixo, chegando a ter notas como *AB* (Suficientemente Bom) e *M* (Razoável) em caligrafia.

Assim, o professor faz uso de conceitos como justiça e direito para exemplificar situações nas quais as Princesas viessem a se deparar no exercício da função de Imperatriz. Também é clara a preocupação de que ambas tomassem ciência de que as “mercês” concedidas sem prudência poderiam causar empobrecimento do Estado. Do mesmo modo, foram alertadas de que o homem público ou a mulher pública, não devia conceder favores em seu ofício, mas atentar à distribuição das “graças e mercês” com cautela e foco no bem maior.

Ainda folheando *Synonymos da língua portuguesa* (1856)²⁹⁴, livro com textos utilizados nos trabalhos de caligrafia e ortografia das Princesas, verifiquei a existência de uma importante composição que se refere à instruções sobre os seguintes títulos nobiliárquicos: *Rei, Monarca, Príncipe, Potentado e Imperador*. Acredito que o mestre tenha, em algum momento, exposto esse conteúdo às alunas, mas, se não o fez, penso ser significativo para este estudo que o leitor compreenda o que se pensava, na época, sobre aqueles que detinham títulos da mais alta nobreza e hierarquia política.

Os ensinamentos começam assim: “*Rei* é o que rege, dirige, e guia, mandando.”; *Monarca* “governa só, sem ter outrem, que participe com ele do governo.”; “*Príncipe* é o primeiro à frente, o cabeça, o chefe”. “*Potentado* é o que tem um grande poder”, isto é, autoridade acompanhada de força sobre uma grande extensão de território” e, finalmente,

²⁹⁴ FRANCISCO, de S. Luiz. *Ensaio sobre alguns synonymos da lingua portuguesa*. 2.ed. Lisboa: Typografia da Academia R. das Sciencias, 1856.

“*Imperador* é o que manda, e se faz obedecer”. Também é referido que *Monarca* exprime a espécie de governo, todavia, o *Rei* não é considerado um *Monarca* quando os poderes políticos se encontram repartidos (FRANCISCO, 1856, p. 18 - 19).

No texto, é tomado como exemplo, a Inglaterra, na época governada pela Rainha Vitória (1837-1901). Nesse país, já não havia *Monarca*, porque a Rainha não governava só, seu poder era dividido por meio do parlamentarismo. De certa forma, o mesmo acontecia com o Brasil, já que, aqui, também vigorava a monarquia parlamentarista, embora houvesse o poder moderador que se mostrava superior a todos os outros poderes (legislativo, executivo e judiciário).

A próxima citação merece uma atenção especial por conter importantes considerações sobre o título de *Rei* e *Príncipe*:

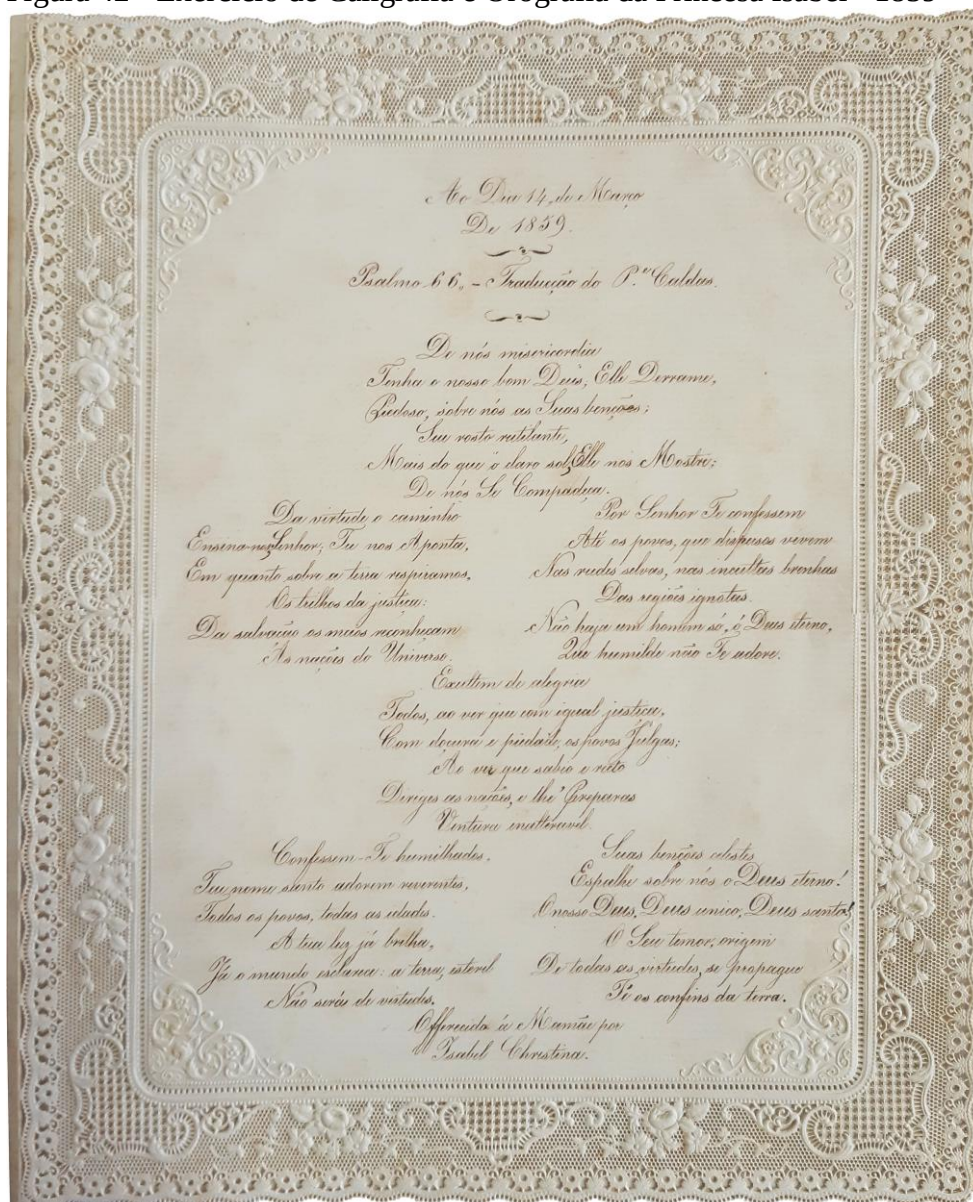
[...] O Rei ou Monarcha tem o primeiro lugar a respeito de toda a nação, e por isso se chama também Príncipe. O herdeiro da coroa tem o primeiro lugar entre os filhos do Rei, e entre todos os vassallos, e por isso se lhe dá a mesma denominação. Os chefes perpétuos de um pequeno povo também se chamão Príncipes. E finalmente chamamos Príncipes dos poetas, dos oradores, dos philosophos aquelles, que pela opinião geral são tidos como primeiro em merecimentos entre os da sua classe (FRANCISCO, 1856, p. 19 - 20).

O conceito de *Príncipe* ou *Princesa* deve ter sido um dos primeiros ensinamentos políticos recebidos por Leopoldina e Isabel, por ocuparem essa posição. Curioso é o destaque dado ao *Rei*, mas, também, ao *Príncipe*, ambos compreendidos como aqueles que têm o primeiro lugar de respeito dentre toda a nação, além disso, a posição ocupada pelo herdeiro da Coroa também é destacada.

Potentado é mostrado como “o que tem grande poder, sendo este resultante da autoridade suprema unida com as forças de um grande Estado”. Também é enfatizado que “não basta ser monarca para se poder chamar *Potentado*: é necessário ser monarca muito poderoso” (FRANCISCO, 1856, p. 20). Por fim, a posição de *Imperador* que, entre os romanos, dizia respeito ao chefe militar, no decorrer do tempo, passou a designar um grande *Príncipe*, seja pela vastidão de seus domínios ou pela vasta supremacia. E o texto explica que nesse primeiro sentido, é *Imperador* o chefe de Estado da Rússia, e o da Turquia devido à vastidão dos domínios; no segundo, o da Alemanha pela supremacia. Os primeiros (Rússia e Turquia) são *Potentados* que dominam sobre vastos estados. O segundo (Alemanha) é um grande *Príncipe*, que é juntamente chefe de uma grande confederação de Príncipes e Reis (FRANCISCO, 1856, p. 20).

Em papel bordado e com escrita caprichada, encontra-se abaixo mais um exercício de caligrafia e ortografia (Figura 42), e dessa vez a autoria é da Princesa Isabel.

Figura 42 - Exercício de Caligrafia e Orografia da Princesa Isabel - 1859



Fonte: Arquivo Grão Pará.²⁹⁵

A Figura 42 mostra um exercício de caligrafia e ortografia da Princesa Isabel, trata-se da cópia do *Salmo 66*, também compreendido como “Obras Poéticas”, oriundo do livro: *Psalmos de David vertidos em Rhythmo Portuguez pelo do R^{do} Antonio Pereira de Souza*

²⁹⁵ Exercício de caligrafia da Princesa Isabel - AGP. Transcrição: “Ao Dia 14, de Março de 1859 - Salmo 66 - Tradução do P. Caldas De nós misericórdia tenha o nosso bom Deus; Elle derrame, piedoso, sobre nós aos suas benções; Seu rosto rutilante, Mais do que o claro sol, Elle nos mostre; De nós se compadeça. Da virtude o caminho ensina-nos, Senhor; Tu nos aponta, em quanto sobre a terra respiramos, os trilhos da justiça: Da salvação os meios reconheçam as nações do Universo. Por Senhor te confessem até os povos, que dispersos vivem nas rudes selvas, nas incultas brenhas das regiões ignotas. Não haja um homem só, ó Deus eterno, que humilde não te adore. Exultem de alegria todos, ao ver que com igual justiça, com doçura e piedade, os povos Julgas; Ao ver que sabio e recto diriges as nações, e lhe preparas ventura inalterável confessem-te humillhados. Teu nome santo adorem reverentes, Todos os povos, todas as idades. A tua luz já brilha, já o mundo esclarece: a terra, estéril não será de virtudes. Suas benções celestes espalhe sobre nós o Deus eterno! O nosso Deus, Deus único, Deus santo! O Seu temor, origem de todos as virtudes, se propague fé os confins da terra. Offerecido á Mamãe por Isabel Christina.”

*Caldas*²⁹⁶. Logo, as questões de Estado não eram a única temática a permear os textos trabalhados pelo mestre Valdetaro, até porque, é relevante atentar que esse professor também era o responsável pelo ensino de história santa²⁹⁷, então, é natural que trabalhasse textos de caráter religioso como o da Figura 42, que incentiva os valores da fé em Deus, da humildade, da misericórdia e da justiça. A escrita caprichada, o carinho e zelo nessa lição têm um motivo especial que quase passou despercebido, a data de “14 de março de 1859”, dia do aniversário de D. Teresa Cristina, o que justifica as últimas palavras escritas: “*Offerecido á Mamãe por Isabel Christina*”.

Vejamos abaixo, alguns excertos provenientes do caderno-diário de Isabel a respeito das lições com o mestre Valdetaro:

9 (de 7^{bro} de 1856) Lição do Valdetaro, e li da Historia Sagrada, quando Sansão sacudio as duas columnas do templo de Dagon. De tarde não fui passear, mas estudei a lição de piano, e a tarde escrevi *La Belle au bois Dormant*. [...]

Estudei as minhas lições; e **dei a lição do Valdetaro, e li da Historia Sagrada Heli, Summo Sacerdote e juiz de Israel. Nascimento de Samuel.** - As 3 horas e meia fomos passear e corri muito com o cerçeau o; e a noite li *Les fees* com a Mamãe. [...]

25 de novembro de 1856. A mana amanheceu um pouco incomoda. Dei a lição de Valdetaro e li a História Sagrada –Reflexões, e *David quer edificar um templo ao senhor - promessas que lhe faz o Senhor – novas vitórias que lhe alcançam*. Dei a geografia e o dictée que teve 9 fautes. [...]

6^a Fra [5 de dezembro de 1856]. **Dei a lição de Valdetano um bocado da lição, David foge para Jerusalem. Seimei ou amaldiçoa. Reflexões - Deus confunde os conselhos de Achitafels - Morte de Absalão - Escrevi uã escrita, li os versos e dei a Analyse Gramatical.** E tudo foi bem dei a Geographia B e dei o Dictée e tive 7 fautes TB. [...].

4F^{ra} 13 [de maio de 1857]. **Dei a lição do Valdetano. Li a Historia Sagrada a Ortographia e a Arithimética Analyse Ideologica, os versos de cor, e a Gramatica Bem e a leitura dos versos** Opt. Dei a lição do Papae TB e fui passear. [...].

8 de junho [de 1857]. Veio a Condessa e fomos passear no Jardim. Dei os Diálogos o Catechismo o *Dictée Francez*, a **Poesia e o Evangelho** tudo TB. Fiz o dictée Francez. Escrevi uã escripta para o Valdetano TB. De tarde dei a lição do Papae. Não fomos passear.²⁹⁸

No caderno-diário, estão relatadas as atividades cotidianas realizadas no período entre outubro de 1856 e junho de 1857. Provavelmente a lição de *escripta*, mencionada acima pela Princesa, fosse a cópia de texto político ou até religioso, como se verificou, um método utilizado por aquele professor. Portanto, ao mesmo tempo em que as alunas treinavam a escrita, também aprendiam política e histórias da bíblia, com o intuito de que, após a leitura e a cópia dos textos, o mestre pudesse realizar uma análise *ideologica* e *philosophica* dos

²⁹⁶ CALDAS, Antônio Pereira de Sousa. *Psalmos de David vertidos em rhythmo portuguez pelo do R^{do} Antonio Pereira de Souza Caldas* Pariz, França: Officina de P. N. Rougeron. 1820.

²⁹⁷ Nos materiais de estudos das Princesas, são encontrados os termos história sagrada e história santa. Optei por adotar no estudo esse último modo, pois é assim que encontra-se registrado no caderno de lição.

²⁹⁸ Diário da Princesa Isabel. 1856 - 1857. Arquivo Grão Pará. [Grifo meu].

mesmos, levando as Princesas a refletirem sobre as temáticas estudadas. Era nesse momento em que aproveitava para ensinar valores morais às meninas, visto que alguns desses princípios as acompanhariam pelo resto de suas vidas.

Uma outra prática pedagógica adotada pelo mestre, consistia em solicitar às alunas que decorassem os versos ensinados e, ao que tudo indica, elas correspondiam sem maiores dificuldades, inclusive, nos trechos do caderno-diário destacados na página anterior, Isabel põe ao lado das matérias estudadas, as notas recebidas.

As lições de história santa ministradas às Princesas atendiam ao *Decreto das Escolas de Primeiras Letras* (1827), que definiu que os professores deviam “ensinar a ler, a escrever, a gramática da língua nacional, os princípios da moral cristã e da “Doutrina da Religião Católica e Apostólica Romana”, mas, também, estava em conformidade com a *Reforma Couto Ferraz* (1854), que determinava obrigatoriedade da “instrução moral e religiosa, da leitura e da escrita, das noções essenciais de gramática, da leitura explicada dos Evangelhos e da história sagrada”. Assim, Leopoldina e Isabel aprendiam, satisfaziam a legislação e também fortaleciam os laços da fé cristã com a Igreja Católica.²⁹⁹

Sobre alguns dos aspectos entre a relação da Igreja Católica com os governantes, há uma frase interessante de Santo Agostinho: “o Imperador justo e cristão é aquele que promove o culto de Deus” (MIATELLO, 2013, p. 21). Um pensamento difícil de se colocar em prática, porque, ainda de acordo com a teologia de Agostinho: “o homem precisa se submeter e obedecer a Deus, como fundamento de seu ser, submeter o seu corpo à sua alma, e seus vícios da razão. Além disso, “precisa pedir a graça e reconhecer todos os bens que de Deus recebe” (MIATELLO, 2013, p. 21).

As ideias de Santo Agostinho, teólogo e filósofo do século IV, são encontradas nos exercícios de caligrafia de Isabel, tal como observado na abertura desta seção, o que nos leva a crer que, de certa forma, o mestre Valdetaro compartilhava pensamentos do filósofo. Todavia, a formação recebida por D. Pedro II e suas irmãs, promovida pelo tutor Marquês de Itanhaém nas primeiras décadas do século XIX, colocava a religião em harmonia com a política e as ciências: “nem exaltados nem desmerecidos por completo, os valores cristãos deveriam se fazer presentes...” (DAIBERT JR, 2007, p. 68 - 69).

Entre os documentos de estudo das filhas de D. Pedro II, há o livro *Nova História Sagrada do Antigo e Novo Testamento* e o Caderno de história santa da Princesa Isabel, este inventariado no Arquivo Grão Pará. Na realidade, não se trata de apenas um, mas dois

²⁹⁹ Cf. Artigo 6º do Decreto Imperial de 15 de outubro de 1827 e do Artigo 47 do Decreto Imperial de 17 de fevereiro de 1854, respectivamente.

conjuntos de folhas duplas costuradas, não pautadas e sem capa: o primeiro é composto por 78 páginas das quais 5 estão escritas e 73 em branco, com dimensão de 22 x 17 cm; o segundo tem por dimensão 21 x 13 cm e contém 92 páginas, sendo 89 escritas e 3 em branco.

O segundo manuscrito é o mais intrigante. Na contra capa, consta a caligrafia da Princesa Imperial na identificação da matéria lecionada e autoria: “*Histoire Sainte - P D I*”, no entanto, ao abrir o caderno, o texto em idioma francês apresenta uma caligrafia extremamente diferente, levando a crer que seu conteúdo possa não ter sido manuscrito por Isabel. Por outro lado, o fato de estar entre seus materiais de estudos, me leva a pensar que possa ser de alguém próximo à Princesa e que tenha, de algum modo, contribuído com seus ensinamentos, até porque, como visto no capítulo anterior, Valdetaro faleceu no ano de 1862 e o caderno é do ano de 1863, então, pode ter havido um professor substituto.

Isto posto, passei a folhear este segundo caderno, cujas folhas exibem margem à esquerda, a lápis, e a escrita do texto é realizada com caneta tinteiro preta e letra cursiva. Os conteúdos abordados são focados em histórias das Escrituras Sagradas do Antigo Testamento. Um dos títulos é “*Différentes formes de gouvernement*”, e, mesmo estando em língua francesa, seu conteúdo se aproxima dos saberes constantes no livro *Nova História Sagrada do Antigo e Novo Testamento*³⁰⁰ da Princesa Isabel. Abaixo encontra-se o fragmento traduzido para o idioma português.

Diferentes formas de governo.

Deus criou o homem para viver em família e em sociedade com seus semelhantes. No princípio, as famílias foram governadas pelo pai, que era o chefe natural delas. Quando as famílias se multiplicaram, elas formaram os povos ou nações. A necessidade de resolver os interesses desses povos, foi criar os governos, as leis e os soberanos. As principais formas de governo estabelecidas foram:

1º. O Patriarcado, ou o governo dos patriarcas (chefes de família)

2º. A Teocracia ou governo dos ministros de Deus.

3º. A Monarquia ou governo de um monarca (só soberano).

4º. A Democracia ou soberania do povo.

5º. A Aristocracia ou governo extraído dos personagens mais consideráveis.

6º. A Oligarquia ou governo de um pequeno número de pessoas.³⁰¹

O trecho transcrito apresenta relevantes conceitos como: *Patriarcado*, *Teocracia*, *Monarquia*, *Democracia*, *Aristocracia* e *Oligarquia*, e, de certa forma, acaba por incutir nas Princesas, a importância de as famílias viverem em sociedade sob lideranças, seja do pai – numa clara ideia patriarcal – ou numa amplitude maior pelos chefes locais de seu povo. Porém, o destaque fica para a figura do soberano já que “a necessidade de resolver os interesses desses povos” cria “os governos, as leis e os soberanos”. Após a leitura desse

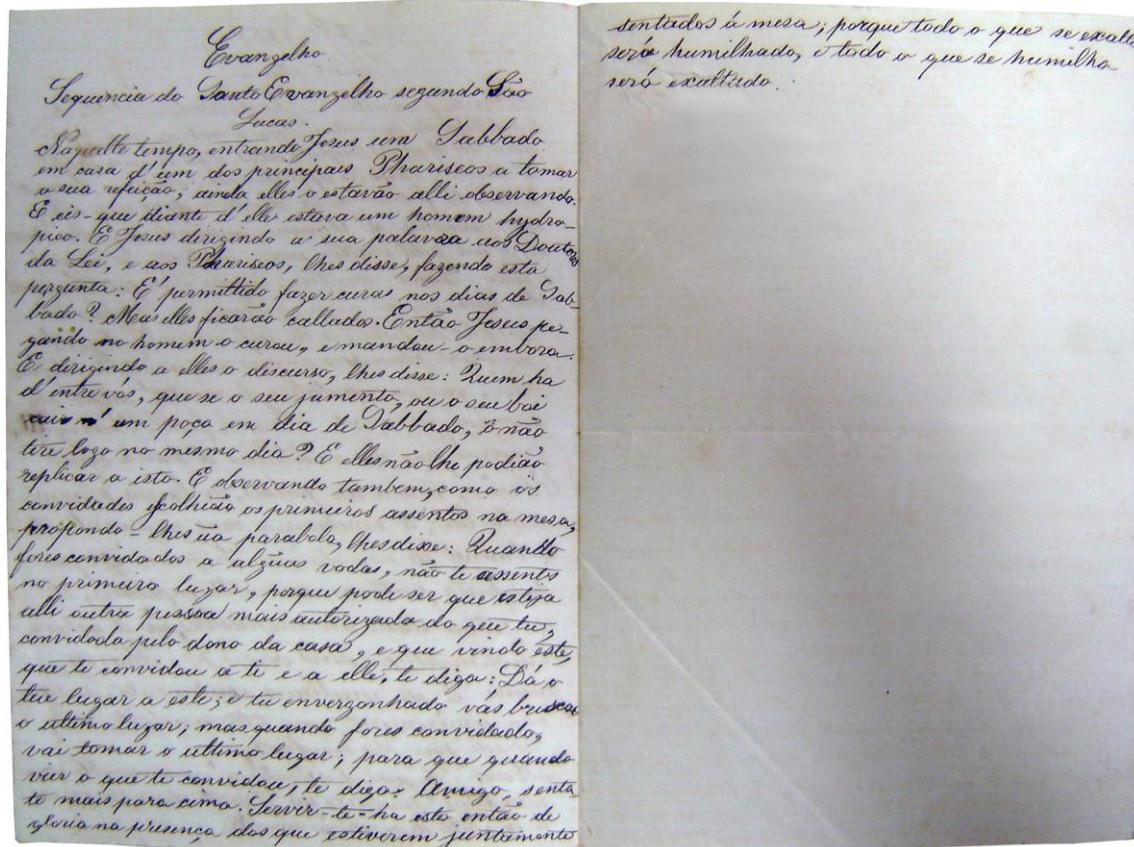
³⁰⁰ CONCEIÇÃO, José Manoel da. *Nova historia sagrada do antigo e novo testamento* [...] Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1857. 242p., il., 17,5 cm.

³⁰¹ Trecho do caderno de história santa da Princesa Isabel - AGP. Original em francês com tradução de Janete Pinto de Almeida.

segundo caderno, resolvi retomar o primeiro, composto por 78 páginas e manuscrito pela Princesa Imperial.

No primeiro caderno (Figura 43), a Princesa Isabel escreve com caneta tinteiro preta e letra cursiva, em papel margeado à esquerda, em idioma francês e português. Ao abrir o caderno, na primeira página está o título em português, “*Primeira Epoca – Adão, ou a criação primeira da idade do mundo*” e no verso, o seguinte o texto: “*Sequencia do Santo Evangelho Segundo São Lucas*”, abaixo digitalizado.

Figura 43 - Página do Caderno de História Santa da Princesa Isabel - 1858



Fonte: Arquivo Grão Pará.³⁰²

³⁰² Transcrição de duas páginas do texto extraído do caderno de história santa da Princesa Isabel (AGP): “Evangelho - Sequencia do Santo Evangelho Segundo São Lucas. Naquelle tempo, entrando Jesus um Sabado em sua casa d’um doa principais Phariseos a tomar a sua refeição, ainda elles o estavão alli observando. E eis- que diante d’elle estava um homem hydropico. E Jesus dirigindo a sua palavra dos Doutor da Lei, e aos Phariseos, lhes disse, fazendo esta pergunta: Mas elles ficarão callados. Então Jesus pegando no homem o curou, e mandou-o embora. E dirigindo a elles o discurso, lhes disse: Quem há d’entre vós, que se o seu jumento, ou o seu boi cai um poço em dia de Sabbado, o não tire logo no mesmo dia? E elles não lhe podião replicar a isto. E observando tambem, como os convidados escolhião os melhores assentos na mesa, propondo-lhes uã parábola, lhes disse: Quando fores convidados a algumas rodas, não te assentes no primeiro lugar, porque pode ser que esteja alli outra pessoa mais autorizado do que tu convidado pelo dono da casa, e que vindo este, que te convidou a ti e a elle, te diga: Dá o teu lugar a este; e tu envergonhado vás buscar o ultimo lugar; mas quando fores convidado, vai tomar o ultimo lugar; para que quando vir o que te convidou, te diga: Amigo, sente-te mais para cima. Servir-te há esta então de gloria na presença dos que estiverem juntamente sentados á mesa; porque todo o que se exalta será humilhado, e todo o que se humilha será exaltado” (AGP).

A Figura 43 mostra um fragmento bíblico do Evangelho de Lucas – Novo Testamento. Na passagem, Jesus, o filho de Deus, deixa claro o que pensa sobre a humildade. Ao ver os convidados do fariseu indo se sentar nos melhores lugares da mesa (mais perto do mesmo), Jesus os condena indiretamente, mostrando que devemos ser humildes, sentando nos lugares mais simples, e não arrogantes, pois, assim, seremos recompensados. Para sintetizar e generalizar esse exemplo, Jesus ainda diz: “Porque todo aquele que se exalta será humilhado, e todo aquele que se humilha será exaltado”. Esse é um trecho bíblico muito rico moralmente, por mostrar o valor da humildade, trabalhá-lo com as Princesas seria uma maneira de cultivar nelas essa qualidade, que é tão importante para a vida de um cristão. Ao mesmo tempo, o texto serve de alerta para uma Imperatriz, ciente de sua posição e atenta aos que “sentam perto” apenas para obter vantagens, cargos e posições; sendo ela perspicaz, mas também clemente na medida exata, a fim de zelar pelo bem e felicidade de seus súditos.

O estudo da Bíblia era proporcionado às Princesas por meio das missas, do catecismo, do Evangelho, e, principalmente, das lições de história santa com o mestre Valdetaro, que adotava como recurso didático tanto o caderno quanto o livro. Os Apêndices D e E³⁰³ trazem quadros com os títulos de *Lições do Velho e do Novo Testamento abordadas no Livro de História Sagrada da Princesa Isabel*, os quais poderão ser conferidos adiante pelo leitor.

Ao analisar os exercícios de caligrafia e ortografia das Princesas, é notória a preocupação de Valdetaro com a escrita correta e legível das meninas, no entanto, muito mais atenção é dada à formação do caráter das Princesas. Nos textos, de cunho político e/ou religioso a ênfase em valores morais é constante e exteriorizam o empenho do mestre em enobrecer o coração de suas pupilas, afastando a possibilidade de, no futuro, os brasileiros conviverem com líderes tiranas. As diversas folhas amareladas com estudos das Princesas trazem cópias de textos, traduções e, também, o desenho de “belas letras”, cujos escritos logo se afirmariam com o passar dos anos, expressando em cada traço a singularidade caligráfica de suas autoras.

3.1.1.2 Literatura para ler, escrever, conhecer e governar

Na obra *A ciência como profissão: médicos bacharéis e cientistas no Brasil 1895-1935*, Dominichi Miranda de Sá (2006) instiga o leitor a refletir sobre a importância da linguagem culta na Corte Imperial e do conhecimento advindo da “literatura”, também

³⁰³ Encontram-se nas páginas 336 e 337.

compreendidos como instrumentos de poder para aqueles que detinham seus saberes, o que, no século XIX, era muito mais possível de se conceber a eles, os homens.

Na linguagem culta da Corte Imperial, a expressão ‘literatura’ significava a soma dos saberes cultivados pelos então chamados ‘homens de letras’. A palavra funcionava na ocasião como um sinônimo de ‘conhecimento e instrução’, englobando a oratória política, a medicina, o direito, a filosofia, as letras, a ciência, a eloquência, a gramática, a filologia, a história e as humanidades. Era o nome pelo qual se fazia menção ao movimento das idéias no Brasil oitocentista. Versados em literatura porque conhecedores de vários ramos do saber, os homens de ciência, jornalistas, artistas, médicos, advogados, bacharéis, historiadores e poetas eram, por exemplo, literatos. Seus demais atributos e significados pares mais imediatos eram ainda ‘homens de espírito’, de ‘letras’, ‘eruditos’ ‘intelectuais’, ‘letrados’, ‘doutos’, ‘ilustrados’ ‘sábios’ e ‘instruídos’ (SÁ 2006, p. 13).

A partir da citação acima, Sá (2006, p. 13) exemplifica que, na vigência do sistema monárquico brasileiro, “a literatura, nela incluídas a ‘retórica’ e as ‘humanidades’, era o saber que contribuía para a formação pessoal. Com o seu aprendizado, os letrados supunham esclarecer a sua inteligência” e os homens de letras “eram bem vistos e respeitados por reterem na memória conhecimentos gerais bastante variados – numerosas referências, línguas e teorias estrangeiras, passagens de livros e máximas de autores, sobretudo, os da Antiguidade Clássica” (SÁ, 2006, p. 13). Porém, e quando o principal cargo político devia ser ocupado por elas, as mulheres, na condição de herdeiras do Trono e da Coroa do seu país? Nesse caso, o conhecimento advindo dos grandes literatos precisava chegar àquelas que desempenhariam tal função, essa é a conclusão a que cheguei, após me deparar com um quadro elaborado por Isabel contendo os principais nomes da literatura portuguesa, manuscrito que foi reproduzido graficamente neste estudo e apresentado por meio do Quadro 12 nas páginas seguintes.

Nada obstante, farei algumas considerações sobre o mesmo, em seguida, peço que o leitor atente para a variedade de literaturas presentes no quadro, cujas obras são dos séculos XII ao XIX, o que a Princesa chamou de “nossos dias” no manuscrito, já que a escrita finda em seu século. Assim, o mestre da matéria, Candido José de Araújo Vianna, instruiu as duas alunas tendo o cuidado de deixá-las atualizadas sobre a literatura portuguesa, ensinamentos que fizeram parte de sua própria formação concluída no Reino português.

O Quadro 12 expõe informações sobre a literatura portuguesa em quatro colunas: “Autores”, “Composições”, “Qualidade dos Escritos” e “Notas” ou “Etc”³⁰⁴. Há análises críticas com riqueza de detalhes sobre as composições e também dados biográficos dos autores. As obras estão relacionadas aos recortes temporais já estabelecidos na época das

³⁰⁴ O título da última coluna está abreviada e não legível no manuscrito original, mas refere-se a notas ou dados biográficos dos autores.

Princesas. Vejamos abaixo, algumas anotações de Isabel sobre essa periodização no seu próprio caderno de ditado.

A Literatura portuguesa pode-se dividir em 5 partes a saber: a Infancia; a Adolescência; a Virilidade; a Decadência (Velhice) e o Renascimento. A Infancia contem só alguns ensaios poéticos; durante a Adolescência a língua começa a perfeição-se uma Virilidade atinge o auge de sua perfeição. Na Decadência perde muito de seu valor pelos gongorismos e muitos outros defeitos que se introduzem na linguagem, e no Renascimento enfim principia de novo a aperfeiçoar-se.³⁰⁵

Isabel faz referências às fases da literatura, palavra que deriva do vocábulo latino *littera*, que significa letra e também pode ser entendida como “a expressão memorável do homem transmitida ao homem, por meio da palavra escrita”. Mas, se for tomada no sentido restrito “é a expressão dos conceitos, sentimentos e paixões do espírito humano feita de modo agradável”. Esse último conceito é o concebido pelos clássicos aos quais também cabe “o epíteto de belas letras, humanidades ou boas letras”. Conhecimentos, infelizmente, não concebidos a todos no século XIX, mas apenas a alguns poucos privilegiados.³⁰⁶

A literatura se divide em duas grandes seções: “a clássica que imita os modelos que nos legou a antiguidade grega e romana, e a romântica, filha da inspiração cristã, fiel intérprete das ideias que dominam as modernas sociedades”. A clássica origina-se do costume adotado de se estudarem nas aulas (classes) os livros de maior nome, geralmente os autores gregos e romanos. Já a romântica deriva da língua romana ou do romance, sobre os quais trovadores escreveram as primeiras poesias ditadas pelo Cristianismo com o objetivo de celebrar as lendas dos santos, a ação dos cavaleiros.³⁰⁷

A seguir, o Quadro 12, uma transcrição fiel ao quadro existente no caderno de literatura portuguesa da Princesa Isabel (AGP):

Quadro 12 - Literatura Portuguesa: autores e composições (Século XII - XIX)

LITERATURA PORTUGUESA			
INFÂNCIA (DE 1139 A 1279)			
Autores	Composições	Qualidade dos Escritos	[Notas]
	O ensaio que se achou no <i>Conselho de Lousã</i> tomado por Sancho I	-	-
	O ensaio que se acredita ser do ano de 1112	-	-
Afonso	Canção dirigida à rainha	-	-

³⁰⁵ Caderno de Ditado em Língua Portuguesa da Princesa Isabel nº 12 - AGP.

³⁰⁶ Cf. Cruzamento de dados provenientes de (SARAIVA e LOPES, 2017) e NOÇÃO E DIVISÃO DA LITERATURA. Disponível em: <<http://www.consciencia.org/nocao-e-divisao-da-literatura-licao-do-curso-de-literatura-nacional>>. Acesso em: 21 de jan. 2020.

³⁰⁷ Cf. Cruzamento de dados provenientes de (SARAIVA e LOPES, 2017) e NOÇÃO E DIVISÃO DA LITERATURA. Disponível em: <<http://www.consciencia.org/nocao-e-divisao-da-literatura-licao-do-curso-de-literatura-nacional>>. Acesso em: 21 de jan. 2020.

Quadro 12 - Literatura Portuguesa: autores e composições (Século XII - XIX)

Henriques	Conquistas de Santarém		
Egas Moniz	Canção de despedida a D. Violante, dama de D. Mafalda	-	-
ADOLESCÊNCIA (DE 1279 A 1500)			
Autores	Composições	Qualidade dos Escritos	[Notas]
D. Diniz	Versos que formam um cancionero	Doçura, naturalidade e alguma elegância	-
D. Pedro I	Nobiliário	-	Um dos criadores da história portuguesa
Ensaaios Poéticos – Romance			
Lobeira	<i>Amadis de Gaula</i>	-	-
D. Duarte	Tratados sobre <i>O Leal Conselheiro</i> , sobre a justiça e deveres	Elegância, ornato	-
D. Affonso V	Escritos sobre tática militar e sobre a astronomia	-	-
Historiografia no Século XV			
Fernão Lopes	Crônica dos reis desde o conde D. Henrique até D. Affonso V	Singeleza, claridade	Secretário de D. Duarte, Pai da História Portuguesa
Gomes Eannes de Azurrara	Feitos de D. João I e a Tomada de Ceuta Começo dos <i>Anais de Affonso V</i> sobre a expedição da África	-	Cronista-Mor do Reino sob D. Affonso V
Ruy de Pina	Fim dos <i>Anais de Affonso V</i> Vida e frutos de D. João II - <i>Cancioneiro</i>	-	Guarda da Torre do Tombo sob D. Manoel
Garcia de Resende	Vida e fatos de D. João II	-	Cronista
Duarte Galvão	Crônica de Afonso Henriques	-	Cronista
VIRILIDADE (DE 1500 A 1625)			
Autores	Composições	Qualidade dos Escritos	[Notas]
Bernardim Ribeiro	Éclogas	Poesia, naturalidade, graça, candura	Nasceu na Vila do Torrão, era Fidalgo do Rei D. Manuel, usou a redondilha maior na composição
Gil Vicente	Comédias, tragédias e autos	Riqueza de invenção	Nasceu em Guimarães Barcelos, Lisboa e foi o fundador do teatro em Portugal
Francisco de Sá de Miranda	Sonetos, hinos, canções, elegias e duas comédias: <i>Os Estrangeiros</i> e <i>Os Vilhalpandos</i>	Estilo vivo, animado e elegante	Nasceu em Coimbra, era considerado melancólico e pensador
Antonio Ferreira	Epístolas, odes, sonetos, elegias, peças dramáticas e duas comédias: <i>O Cioso</i> (1ª comédia de caráter) e <i>Bristo Castro</i> (2ª tragédia regular)	-	Nasceu em Lisboa e foi responsável por dar grande impulso à Língua Portuguesa
Luiz de Camões	Os Lusíadas (epopeia) sonetos, odes pela maior parte elegia e as comédias, elegias	-	-
Diogo Bernardes	De suas obras, a principal é o ' <i>Lema</i> ', que contém suas éclogas e cartas	Pureza de estilo, elegância das formas poéticas, encantadora pintura das cenas em que coloca seus pastores	Nasceu em Ponte de Lima
Pedro de Andrade Caminha	Poesias	Dicção correta e harmoniosa	-
HISTORIOGRAFIA DO SÉCULO XVI			
Autores	Composições	Qualidade dos Escritos	[Notas]
João de Barros	<i>Clarimundo</i> (romance) <i>A Ásia</i> (dividida em décadas e acabada por Diogo do Couto)	Pureza de linguagem, elegância e energia de estilo	Foi chamado o Lívio Português, nasceu em Viseu em 1496 e morreu em 1570
Damião de	Crônica de D. Manoel, Crônica	Pureza de linguagem,	Nasceu em Alenquer em 1501. Foi

Quadro 12 - Literatura Portuguesa: autores e composições (Século XII - XIX)

Goes	de D. João II, Tradução em português do livro de Cícero sobre a velhice	elegância e energia de estilo	Guarda-Mor da Torre do Tombo e Cronista do Reino
Fernão Lopes de Castanheira	História do descobrimento e conquista da Índia pelos Portugueses	-	Nasceu em Santarém, morreu em [1559]
André de Resende	De <i>Antiquitatibus</i> (velho) <i>Lusitania</i> Várias obras em Português como a História das Antiguidades da cidade de Évora	-	Nasceu em Évora em 1495, era pregador de D. João III
Jeronymo Osório	Vida de D. Manoel em latim Cartas em português	-	Bispo de Silves, foi chamado o Cícero português
Fernão Mendes Pinto	<i>Peregrinação</i>	Pureza de linguagem	Nasceu em Montemor Velho e morreu entre 1580 e 1581
Duarte Nunes de Leão	Entre suas obras distingue-se a Descrição do Reino de Portugal e a Primeira Parte das Crônicas dos Reis, por ele reformadas, Origem e Ortografia da Língua Portuguesa	Estilo puro, simples e às vezes muito nobre	Nasceu em Évora, morreu em 1608
Heitor Pinto	Imagem da vida cristã ordenada por diálogos	Pureza da língua e encanto de estilo	Nasceu em Covilhã ou Mello, foi monge de S. Jerônimo e morreu em 1584
Amador Arraes	Diálogos	Estilo natural, elegância de expressão	Nasceu em Beja. Foi bispo de Portalegre
João de Lucena	Vida de S. Francisco Xavier	Propriedade, energia e pureza de linguagem	Jesuíta que nasceu em Trancoso em 1549 e morreu em 1600
ELOQUÊNCIA NO SÉCULO XVI			
Autores	Composições	Qualidade dos Escritos	[Notas]
João de Barros	Panegírico a D. João III; Panegírico à Infanta D. Maria	-	-
Diogo de Paiva de Andrade	Sermões	-	Nasceu em Coimbra em 1528 e morreu em 1575
Luiz de Gramado	Sermões	-	Dominicano
Francisco Fernandes Galvão	Sermões	-	Nasceu em Lisboa, foi arcediogo de Vila Nova de Cerveira e morreu em 1610
PRIMEIRO QUARTEL DO SÉCULO XVII – POESIA			
Autores	Composições	Qualidade dos Escritos	[Notas]
F. Rodrigues Lobo	Élogos encantadoras <i>O Condestabre de Portugal</i> D. Nuno Alvares Pereira <i>Primavera</i> - <i>O Pastor Peregrino</i> - <i>Corte na Aldeia</i> - <i>Noites de inverno</i>	Infeliz composição	Nasceu em Leiria, mereceu o apelido de Teócrito português
Vasco Mousinho de Quevedo	Discurso sobre a vida e morte de S. Isabel Rainha de Portugal <i>Afonso Africano</i> (poema)	Grandeza e energia	Nasceu em Setúbal, estudou em Coimbra
Gabriel Pereira de Castro	<i>Ullisseia</i> (poema em 10 cantos)	-	Nasceu em Braga, em 1571. Foi lente da Universidade. Morreu em 1632
Francisco de Sá e Menezes	<i>Malaca conquistada</i> (poema heroico)	Brilhante imaginação, exata pintura do carácter português	Nasceu no Porto
Braz Garcia	<i>Viriato Trágico</i> (poema em 10 cantos)	Composição defeituosa	Nasceu em Avô

Quadro 12 - Literatura Portuguesa: autores e composições (Século XII - XIX)

Mascarenhas			
Miguel da Silveira	<i>El macabeo</i> (poema em 10 contos) Em espanhol	-	Nasceu em Celorico
Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos	<i>El Affonso, ó La Fundacion</i> (em espanhol) do Reino de Portugal	-	Nasceu em Torre de Moncorvo
HISTORIOGRAFIA			
Autores	Composições	Qualidade dos Escritos	[Notas]
Bernardo de Brito	<i>Crônica de Cister – Elogios dos Reis - Geografia Antiga da Lusitânia – Monarquia Lusitana</i>	-	Nasceu em Almeida em 1569, foi monge Cister e Cronista-Mor do Reino, morreu em 1617
Antonio Brandão	Ajuntou 2 partes à Monarquia Lusitana	Forma encantadora, ingênua e verdadeira	Nasceu em Alcobaça em 1584, foi geral dos Bérnardos, morreu em 1637
Francisco Brandão	Continua a mesma história	Forma encantadora, ingênua e verdadeira	Nasceu em Alcobaça, geral da ordem de Cister
Diogo do Couto	Continua as décadas de Barros Soldado Prático	-	-
Luiz de Souza	<i>Crônica de S. Domingos Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires arcebispo de Braga</i>	Pureza, naturalidade e doçura de estilo	Nasceu em Santarém, foi domênico e morreu em 1682
Jacinto Freire de Andrade	Vida de D. João de Castro	Energia e nobreza	Nasceu em Beja em 1597 e morreu em 1657
VELHICE (DE 1625 A 1750)			
Autores	Composições	Qualidade dos Escritos	[Notas]
D. Violante do Céu	Santa Engrácia, Parnaso Lusitano de divinos e humanos versos	Extravagância de estilo	Nasceu em Lisboa em 1601, foi cognominada a décima musa portuguesa
Manuel Severim de Faria	Várias obras. Discursos Políticos – Notícias de Portugal	Suficiente pureza de estilo	Nasceu em Lisboa, foi chantre da Sé de Évora e morreu em 1655
Francisco Manuel de Mello	Muitas obras, carta de guia de casados, apólogos, diálogos, cartas familiares	Ainda afetou mais os arcaísmos que seus predecessores	Nasceu em Lisboa em 1611 morreu em 1656
Manuel Faria e Sousa	Composições em espanhol	-	Foi comendador de Camões
Macedo	109 obras segundo Barbosa	-	<i>Tomum</i> de <i>vastissima</i> erudição, foi padre
Antonio Vieira	Cartas, vozes saudosas, história do futuro, Sermões	Delicadeza propriedade e energia. Pelo mau gosto do século, seus escritos são em maioria os sermões. Estão recheados de gongorismos	Nasceu em Lisboa em 1608, foi considerado como o melhor pregador do seu tempo e suas obras demonstram seu raro gênio e a atividade e ardor de sua imaginação Morreu na Bahia em 1697
Luiz de Menezes	Enriquecida, Portugal Restaurado	Estilo grave claro e correto	Conde de Ericeira, nasceu em Lisboa
RENASCIMENTO (DE 1750 ATÉ OS NOSSOS DIAS [Século XIX])			
Poetas do V Período, nos fins do século XVIII			
Autores	Composições	Qualidade dos Escritos	[Notas]
Luiz Antonio Vernei	Verdadeiro método de estudar	-	-
P. A. Corrêa Garção	Odes, sátiras, epístolas, sonetos e duas peças de teatro: Novo Teatro, Assembleia	Expressão correta, enérgica e harmoniosa	Foi um dos primeiros reformadores de literatura portuguesa, foi apelidado Horácio Português e sócio da Arcádia chamou-se <i>Carydo</i> .
A. Diniz da	Odes pindáricas ou heroicas	Pureza muito notável de	Sócio da Arcádia chamou-se Elpino

Quadro 12 - Literatura Portuguesa: autores e composições (Século XII - XIX)

Cruz e Silva	sonetos hissope, idílios, uma comédia: o falso heroísmo	estilo	Monacriense, mereceu o cognome de Pindaro português
Domingos dos Reis Quita	Tragédia (<i>Castro</i>), <i>Licore</i> (drama pastoril) e Poesias	Versificação elegante e fácil	-
Francisco Dias Gomes	Poesias	Corretas e elegantes	-
Poetas do século XVIII e Princípio do XIX			
Francisco Manuel do Nascimento	Odes, sátiras, epístolas e outras poesias. Tradução para o português das Fábulas de <i>La Fontaine</i> ; Tradução para o português dos Mártires res de <i>Chateaubriand</i> . Epístolas	-	Filinto Eliseo. Nasceu em Lisboa em 1734. Morreu em 1818. Possuía o mais alto grau do gênio poético
Maximinia no Torres	Éclogas	Grande elegância de estilo, pureza esquisita	Alfino Cynthio
Nicoláo Tolentino de Almeida	Sonetos, odes, epístolas, a sátiras (as principais são as da Guerra e a dos Amantes)	Linguagem familiar sempre corrente	-
Antonio Ribeiro dos Santos	Obras poéticas. Tradução da Lírica de Horácio	Pureza de estilo, gosto clássico	Elpino Duriense
M. M. Barbosa du Bocage	Éclogas, elegias, tragédias, sonetos	-	Desenvolve uma sensibilidade ardente e profunda, com um talento poético que o torna inimitável nesse gênero
José Agostinho de Macedo	<i>O Oriente, Meditação, Newton</i>	Energia e nobreza, linguagem quase sempre pura e correta	Os críticos portugueses consideram o Oriente como a primeira epopeia moderna, escreveu muitas obras em prosa e verso
João Batista de Almeida Garret	<i>Catão, Camões, Dona Branca, Adozinda, Fr. Luiz de Sousa</i>	-	Garret teve grande engenho e espírito criador e teve a glória de lançar os fundamentos do novo teatro português, original no pensamento e na forma
Jeronimo Corte-Real	<i>Cerco de Diu e Naufrágio de Sepúlveda</i>	Nobres imagens e harmoniosa versificação porém estranham-se o maravilhoso mitológico e algumas expressões de mau gosto	

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.³⁰⁸

Como anotado pela Princesa Isabel no caderno de ditado, a literatura portuguesa é tradicionalmente dividida por “fases” ou “épocas” e, até o século em que as Princesas estudavam, eram cinco: infância, adolescência, virilidade, velhice e renascimento. A primeira época, a infância, é a mais curta, 139 anos e vai da fundação da monarquia em 1140 até o *Reinado de D. Diniz*, que começou em 1279. A segunda, chamada de adolescência, vai de 1279 até 1495, 216 anos, tendo como marcos miliários os *Reinados de D. Diniz e D. Manoel*. A terceira fase, a da virilidade, dura 85 anos, indo de 1495 a 1580, contada a partir do Reinado de D. Manoel até o começo do Reinado de D. Filipe II, compreendido por muitos

³⁰⁸ O Quadro 12 foi construído com base no Caderno de Literatura Portuguesa da Princesa Isabel - AGP. A ortografia da escrita, presente no documento, foi atualizada no quadro para a língua portuguesa atual.

como “o século áureo da literatura portuguesa”. A quarta, a velhice, durou 170 anos, de 1580 a 1750 e os limites são os *Reinados de D. Filipe II e o de D. João V*. Entendido como um período decadente, denominado pelos escritores como a “Idade de Ferro”. A quinta e última, o renascimento, tem curta duração de 1750 a 1826, envolve o período de 66 anos, abrange os *Reinados de D. José I ao de D. João VI*, Trisavô e Bisavô das Princesas respectivamente, essa última fase é considerada a época da “Idade de Prata”, pelos grandes engenhos que nela viveram.³⁰⁹

As obras constantes no Quadro 12 não apresentam uma linguagem específica para o público infantil e nem para adolescentes, estágio em que, acredito, as Princesas tenham sido apresentadas às obras. Todavia, essa linguagem condiz com a prática da época, em que não havia uma literatura infantil abordando os clássicos. Por outro lado, essa metodologia aplicada nesse tempo e contexto também respalda possíveis dificuldades de assimilação e aprendizagem que dependem de amadurecimento cognitivo. Além disso, os Príncipes herdeiros eram mais cobrados do que as demais crianças, devido às funções administrativas que desempenhariam no futuro, assim, era comum que lessem um volume extenso de literatura diariamente e, geralmente, as mesmas obras que seus pais leram enquanto crianças. A leitura recebia uma atenção especial, exigindo-se, também, conhecimento de teorias literárias que, posteriormente, eram cobradas a esses mesmos discípulos por meio da retórica.

Ao proporcionar às Princesas a literatura portuguesa constante no Quadro 12, penso que o mestre Candido José de Araújo Vianna e D. Pedro II buscaram desenvolver algumas potencialidades nas meninas. Como, por exemplo, estabelecer uma formação com a finalidade de instituir dados históricos. Tal medida torna-se perceptível quando se constata a preocupação em levar às alunas informações sobre os Reinados de seus antepassados desde a fundação de Portugal até a fase em que o Bisavô das meninas se encontra no poder. É preciso lembrar, porém, que, somente no início do século XIX, a história ensinada como matéria isolada começa a se afirmar lentamente. Sendo comum, até então, seu ensino por meio de literaturas gerais sem uma preocupação com a linearidade e cronologia.³¹⁰

No livro *Chronica do muito alto, e muito esclarecido Príncipe D. Sancho I*, segundo Rei de Portugal, de autoria do cronista Ruy de Pina - fidalgo da Casa Real, é possível perceber que há relatos biográficos como referência de conduta. E a própria história de D. Sancho I, chamado de *O Povoador*, destaca-se na consolidação do Reino de Portugal. E se atentarmos

³⁰⁹ Cf. Cruzamento de dados provenientes de (SARAIVA; LOPES, 2017) e NOÇÃO E DIVISÃO DA LITERATURA. Disponível em: <<http://www.consciencia.org/nocao-e-divisao-da-literatura-licao-do-curso-de-literatura-nacional>>. Acesso em: 21 de jan. 2020.

³¹⁰ Sobre o assunto ver: (CHERVEL, 1990; CHERVEL; COMPÈRE, 1999).

ao Quadro 12, veremos que, nas duas primeiras fases da literatura portuguesa (Infância e Adolescência), ficam mais visíveis o caráter informativo presente nas crônicas, um estilo predominante daquele período.

Educar para governar requisitava um ritmo de estudo fundamentado nos clássicos, por isso o latim e o grego tinham uma atenção maior, como se verificará nas próximas seções deste Capítulo. Contudo, a quarta coluna constante no Quadro 12, traça um paralelo entre clássicos do tipo: “João de Barros - Foi chamado o Lívio Português”; “Diniz da Cruz e Silva - Mereceu o cognome de português”; “P. A. Corrêa Garção - Foi apelidado Horácio Português”, o que mostra que as Princesas tinham o conhecimento de tais obras clássicas.

Além da formação clássica também se cobrava orientações religiosas. E ainda, táticas militares e informações sobre astronomia. A transmissão desse conhecimento, na adolescência, nem sempre se fazia necessária, no entanto, muitos herdeiros precisavam assumir a coroa precocemente, em decorrência do posicionamento sucessório, então, mesmo sem experiência, precisavam arcar com a responsabilidade da administração do Reino, o que passou a justificar o aprendizado precoce.

A cultura palaciana é direcionada para o exercício do poder, assim, a formação de membros da Corte, Príncipes ou Infantes voltava-se para o cerimonialismo, por isso, o preceptor exercia uma forte influência nesse quesito. Portanto, a escolha dos livros também carregava consigo uma certa erudição de acordo com as necessidades da época. Por esse ângulo, é possível ver a presença de tantas obras poéticas nos diversos gêneros: *lírico, épico e dramático*. Destaco ainda os *sermões*, fundamentados em princípios éticos, nesse caso, quando se trata de obras citadas como leitura na fase “virilidade”, é possível identificar uma diversidade maior de gêneros, porém, dentro das mesmas essências que resguardam a Corte: a Nobreza, o Clero e a exaltação das tradições familiares.

O interessante é que as obras constantes no Quadro 12 não ficaram apenas no desenho dos quadros, algumas são mencionadas no diário do Imperador como leituras obrigatórias para as filhas, com destaque para os autores: “João de Barros e “Luís de Camões”³¹¹. Além do que, a grande maioria dos títulos portugueses é minuciosamente listada e comentada no seu caderno de ditado, também sob supervisão do mestre Sapucaí e do pai-mestre D. Pedro II, conforme correções, elogios, notas e reprimendas por eles realizados, desde as primeiras até as últimas páginas.

A seguir, o Quadro 13 com alguns títulos das lições constantes no caderno de ditado:

³¹¹ Sobre o assunto ver: Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo - POB - Maço 37 Doc. 1057. Diário do Imperador D. Pedro II Caderneta 9 - 5 de janeiro de 1862.

Quadro 13 - Alguns Títulos e Notas do “Caderno de Ditado” da Princesa Isabel - [1862]

Nº	TÍTULOS	Nota
1	Deveres de uma princesa	B
2	Sobre as vantagens do estudo	AB
3	Sobre a utilidade do estudo químico	MB
4	O estudo das letras e das artes abrandam os costumes	MB
5	Mostrar a importância do estudo da História	MB
6	Vantagens do estudo das línguas	-
7	Vantagens dos exames	B
8	Sobre a atenção	AB
9	Consolações do estudo	B
10	O ensino, a instrução, desenvolvem o talento	MB
11	Sobre o prazer da música	TB
12	Sobre o sistema planetário	AB
13	Sobre a pintura	TB
14	Necessidade	MB
15	O trabalho vence tudo	MB
16	O que queremos facilmente cremos	-
17	A moderação é necessária em tudo	B
18	Devagar se vai ao longe	MB
19	Eu nunca louvarei o capitão que diz: eu não cuidei	AB
20	Sobre a amizade	AB
21	Do útil emprego do tempo	MB
22	Quem ama ao feio, bonito lhe parece	MB
23	A caridade é a rainha das virtudes	MB
24	Ninguém é inteiramente feliz	B
25	As riquezas não alteram as condições de nascimento e a índole do indivíduo	-
26	O avarento está sempre na miséria	-
27	Da caridade	AB
28	Da justiça	TB
29	Da fé	B
30	Da constância	B
31	Deve em tudo haver moderação	MB
32	Sobre a docilidade	-
33	Conservação sobre a história de Fr. Bartolomeu dos Mártires por Fr. Luís de Souza	B
34	Sobre a religião cristã	-
35	Sobre o zelo materno	TB
36	Sobre o amor fraterno	B
37	A união faz a força dos Estados pequenos, a discórdia traz a ruína dos maiores	MB
38	Sobre as vantagens da livre troca no comércio	B
39	Penetremos na América: os índios	-
40	Narre um fato histórico	TB
41	Batalha de Marengo	B
42	Batalha dos Guararapes	B
43	Sobre o Governo de Esparta	AB
44	Afonso de Albuquerque	-
45	Sobre a morte de Sócrates	B
46	Sobre o caráter de Sócrates	
47	Arte poética de Horácio	B
48	Sobre as poesias de Horácio	AB
49	Lusíadas	TB
50	Sobre a Eneida	-
51	Lusíadas	TB
52	Sobre Gil Vicente e Bernadim Ribeiro	TB

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.³¹²

³¹² A ortografia da escrita, presente no caderno, foi atualizada no quadro para a língua portuguesa atual.

No Quadro 13, foram selecionados 52 títulos e suas respectivas notas, extraídos do caderno de ditado em língua portuguesa da Princesa Isabel em um total aproximado de 103 títulos. Desses, alguns foram ditados, outros manuscritos pelo próprio professor Candido José de Araújo Vianna e também por D. Pedro II, com a finalidade de que Isabel dissertasse sobre aquela determinada temática, igual procedimento deve ter sido requisitado à Princesa Leopoldina, embora seu caderno de ditado não tenha sido encontrado.

A maioria dos títulos está em língua portuguesa, porém há alguns em latim. Conforme apontado no início desta pesquisa, o caderno de ditado da Princesa Isabel nº12 mostra-se como um rascunho, isso porque há muitos erros, rabiscos e correções, revelando certa dificuldade da Princesa para dar conta da escrita de uma grande quantidade de textos, contudo mostra, também, o grau de exigência do mestre e do pai-mestre para que escrevesse da melhor forma possível.

O caderno de ditado da Princesa Imperial apresenta uma grande variedade de temáticas tratadas, algumas voltam-se para literatura portuguesa como, “Sobre Gil Vicente e Bernadim Ribeiro”, “Lusíadas”; outras para a literatura clássica, “Sobre a Eneida”, “Sobre a morte de Sócrates” “Sobre o caráter de Sócrates”, “Arte poética de Horácio” “Sobre as poesias de Horácio” “Sobre a morte de Sócrates” “Sobre o caráter de Sócrates”. E é esboçada, ainda, uma tentativa de abordar textos mais próximos da realidade regional das Princesas como, por exemplo, “Penetremos na América: os índios”.

Os momentos de ditado eram palco para a literatura, a história e os valores morais, sobressaindo-se títulos que tratavam sobre esses três eixos. Chamo a atenção para a constância daqueles que objetivavam incutir nas Princesas conteúdos atitudinais traduzidos por valores morais, os títulos são: “Da caridade”, “Da justiça”, “Da fé”, “Da constância”, “Deve em tudo haver moderação”, “Sobre a docilidade”, “Da Atenção”. Todavia, o valor da instrução é o que se faz mais presente, num objetivo claro de incentivá-las a apreciar a cultura, a reconhecer a importância de cada área do saber e também incentivar a se esforçarem mais nos estudos com títulos do tipo: “Mostrar a importância do estudo da História”, “O estudo das letras e das artes abrandam os costumes”, “Sobre a utilidade do estudo químico”, “Sobre o prazer da música”, “O ensino, a instrução, desenvolvem o talento”, “Vantagens do estudo das línguas”. E ainda, o título que justifica todo esse aprendizado, “Deveres de uma princesa”, numa clara necessidade de alertá-las sobre o compromisso futuro com a nação. Esses e outros ensinamentos contribuíram na formação moral e literária das duas meninas, fazendo com que tivessem um maior contato com sua língua materna e levando-as a entender

melhor a importância de sua instrução e a utilidade de cada um dos saberes enquanto futuras soberanas.

3.1.2 “Todas as pessoas de qualidade falam francês”

- Vos pronunciais muito bem Francez.
- A Lingua Franceza he bella
- Todas as pessoas de qualidade fallão Francez.
- He agora a língua universal
- Em todas as Cortes de Europa se falla Francez
- Eu não pronuncio bem.
- Estou desanimado.
- Quantas lições tomais todos os dias?
- Huma, não mais. [...]
- E eu tomo 2 cada dia.
- Aprendeis os verbos?
- Sim Senhor, isso he o principal.
- Ledes bem?
- Assim, assim.
- Entendeis bem o que Ledes?
- Entendo alguma coisa.
- Entendo melhor que fallo.³¹³

O diálogo, acima transcrito, foi extraído do caderno de língua francesa da Princesa Isabel, que não foi datado, mas, pela caligrafia, acredito que tenha sido escrito entre os anos de 1856 e 1857 e que tais ensinamentos tenham sido passados pela Condessa de Barral, que parecia desejar despertar o interesse pelo idioma com frases do tipo: *“Todas as pessoas de qualidade fallão Francez”*, *“He agora a língua universal*, e, ainda, *“Em todas as Cortes de Europa se falla Francez”*.

O estudo da língua francesa esteve no cerne das preocupações de D. Pedro II desde o início da idealização da formação educacional de suas herdeiras. Basta lembrar que, entre os anos de 1853 e 1856, quando ainda buscava por uma preceptora, o Imperador estabeleceu a

³¹³ Caderno de Língua Francesa da Princesa Isabel.

instrução dessa língua como uma das incumbências da aia. E o excerto do dia 9 de setembro de 1856, marca tanto o dia da chegada da preceptora Condessa de Barral, quanto o início das aulas de francês.

“Estudei francês”, “dei minhas lições em francês” ou frases que denotem o aprendizado dessa língua são frequentes em cartas das Princesas ou no caderno-diário da Princesa Isabel e algumas dessas anotações podem ser visualizadas pela transcrição abaixo.

9 de setembro de 1856. Veio hoje pela primeira vez minha aia a Condessa de Barral e **dei com ella principio ao estudo da língua franceza**, dei lição de piano; as tres horas fomos passear à quinta, e de tarde estudei a lição de piano. [...]
 3 de outubro de 1856. Valdetaro, **francês** e geographia. Passei as horas do meu recreio em casa, para fazer companhia para Maria. [...]
 14 de outubro de 1856. Dei a lição de piano. **Estudei francês**, e fui ver os coelhos no jardim. [...]
 Sabbado [15 de outubro de 1856]. Dia do nome de minha Cara Mamãe. Dei a lição de Valdetaro, li da História Sagrada, David é sagrado rei. De tarde vesti-me com um vestido branco decotado, e veio muita gente ate as 7 horas. **Recitei a fábula de le Rat de Ville et le Rat des champs** e uma de Português e toquei uma música e demos um ramo e eu dei uma magnólia. [...]
 19 de outubro de 1856. Dia de nome de meu Caro Pae. Missa. **Dei a meu Caro Pae uma escrita de francês**, e outra de português e um ramo. De tarde vesti um vestido verde decotado. Decorei o Evangelho XX que se trata do Principe da Sinagoga. E vi uma casinha com telhas. [...]
 30 de novembro de 1856. Sai da minha cama as 2h e **decorei um pouco de francês**. [...]
 12 de janeiro de 1857. **Escrevi o ditado de português e o de francês [...]**. Escrevi História Antiga, dei a lição de piano de manhã e de tarde escrevi música. Não fui passear. [...]
 15 de janeiro de 1857. Estudei piano e dei a minha lição de cor. *TB*. Escrevi a história antiga, depois do jantar **escrevi dictée e li francês**. Papai e mamãe saíram a 1 hora. De tarde veio aqui a Dominique e andou fazendo vizitas dentro de um carrinho chamado *perambolator*. Escrevi a meus Caros Paes, e soube que tinham chegado bem até a fábrica, quem me disse foi o Ciqueira [...].

Com um mês de aprendizado da língua, a Princesa Imperial já se sentia segura para mostrar seus conhecimentos em francês ao pai, presenteando-o com *uma escripta de francês, e outra de português e um ramo*”; e juntamente com a irmã Leopoldina homenagear a mãe no dia de seu nome ao recitar *a fábula de Le Rat de Ville et le Rat des champs*³¹⁴.

Como visto no capítulo anterior, as aulas de idioma podiam ocupar qualquer um dos espaços do conhecimento existentes no Palácio, até o próprio jardim nos horários do intervalo. Além disso, tinham a oportunidade de treinar a língua com conversas instrutivas no trajeto dos passeios de “carro”, a pé ou a cavalo. A identificação com o idioma foi imediata por parte de Isabel, chegando a ser chamada a atenção pelo pai por meio das palavras, “*É preciso escrever com mais cuidado e fugir do phraseado francez*”³¹⁵, ou seja, ela se sentia tão afeiçoada à

³¹⁴ O texto poderá ser conhecido adiante por meio da Figura 48.

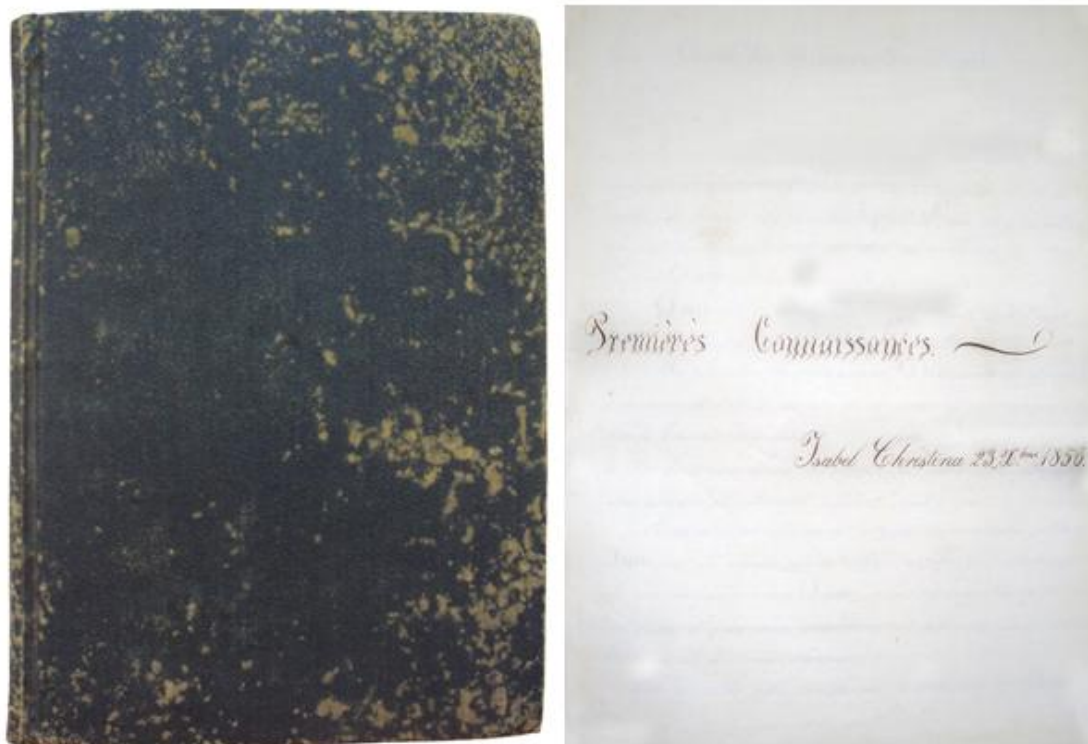
³¹⁵ Frase escrita por D. Pedro II no Caderno de Ditado em Língua Portuguesa da Princesa Isabel nº12. AGP

língua que acabava por escrever alguns termos no idioma francês em textos específicos da língua portuguesa.

No Arquivo Grão Pará, encontrei um número aproximado de dez cadernos de língua francesa, são eles: 1^{os} conhecimentos em língua francesa e de lições de gramática portuguesa (2), ortografia em língua francesa e portuguesa (2), ditado da língua francesa (1), análise gramatical e ortografia francesa (1), gramática francesa (2), língua francesa (1) e estilo em língua francesa (1).

Abaixo, estão capa e folha de rosto daquele que é identificado como o caderno dos “1^{os} conhecimentos em língua francesa” da Princesa Isabel (Figura 44).

Figura 44 - Capa e Folha de Rosto do Caderno de 1^{os} Conhecimentos em Língua Francesa da Princesa Isabel



Fonte: Arquivo Grão Pará.³¹⁶

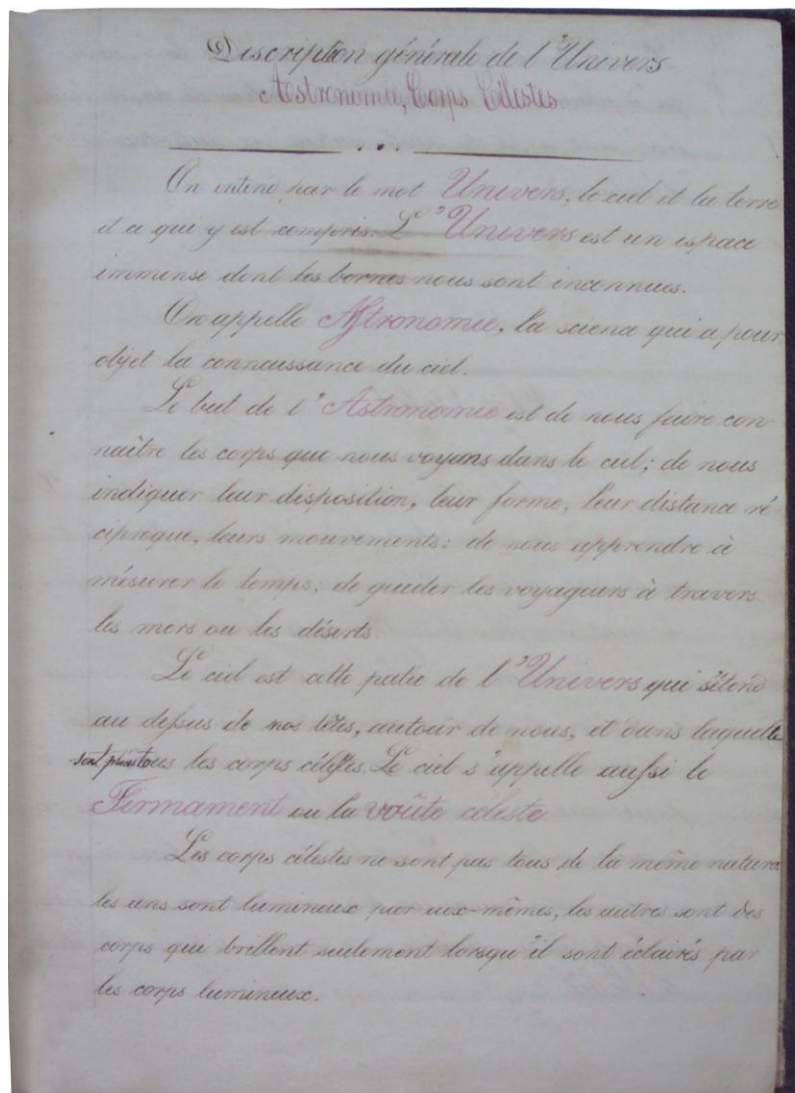
O caderno dos 1^{os} conhecimentos em francês é dividido em duas partes, a primeira é destinada à língua francesa, a segunda à lições de gramática portuguesa. O caderno tem por dimensão 22 x 15 cm e 212 páginas encadernadas. A folha de rosto traz a assinatura de sua autora: “Isabel Christina” e também a data inicial das lições “23 de X^{bro} 1856”.

Embora a Condessa de Barral ministrasse francês às Princesas desde setembro de 1856, o mestre responsável pela matéria era Felix Emílio Taunay³¹⁷ que mantinha contrato

³¹⁶A Figura 44 é composta por imagens da capa e folha de rosto do Caderno de 1^{os} Conhecimentos em Língua Francesa da Princesa Isabel que pertence ao acervo do Arquivo Grão Pará.

com a Casa Imperial desde 24 de outubro de 1838, já que lecionou francês também ao Imperador D. Pedro II e às suas irmãs³¹⁷. É no ano de 1856 que o mestre passa a lecionar às Princesas o mesmo idioma que ensinou ao pai delas. A seguir, imagem digitalizada de uma das lições em francês (Figura 45).

Figura 45 - Caderno dos 1^{os} Conhecimentos em Língua Francesa da Princesa Isabel com textos de Astronomia - 1856



Fonte: Arquivo Grão Pará.³¹⁹

³¹⁷ O mestre francês Félix Émile Taunay (1795 - 1881), chegou ao Rio de Janeiro em 1816, acompanhando o pai Nicolas Antoine Taunay (1755-1830), integrante da Missão Artística Francesa. Sucede ao pai na cadeira de pintura de paisagem da Academia Imperial de Belas Artes - (AIBA), estabelecimento no qual foi professor e diretor (MOYA, 1941, p. 465).

³¹⁸ Conforme Livro de Assentamento dos Mestres de Sua Majestade o Imperador e Sereníssimas Senhoras Princezas - Arquivo Nacional e Folhas dos Vencimentos dos Mestres da Imperial Família - Arquivo Nacional.

³¹⁹ Trecho do Caderno dos 1^{os} Conhecimentos em Língua Francesa da Princesa Isabel. AGP. Transcrição: "Descrição geral do Universo. Astronomia, Corpos Celestes. Entende-se pela palavra Universo, o céu e a terra e tudo o que neles existe. O Universo é um imenso espaço cujos limites nos são desconhecidos. Chama-se Astronomia, a ciência que tem por objetivo o conhecimento do céu. O objetivo da Astronomia é nos fazer

Acredito que a lição de francês (Figura 45), tenha sido ensinada pelo mestre Taunay, o que justifica o título do caderno: “1^{os} Conhecimentos em Língua Francesa” na data de 23 de dezembro de 1856, assim, essas seriam as primeiras aulas com esse professor.

O título da lição é “Descrição geral do Universo”, trata-se de um texto sobre Astronomia e especialmente “Corpos Celestes”. O interessante é que além de aprender o idioma francês, as Princesas também adquiriam os conhecimentos das ciências naturais, cujas aulas eram ministradas pelo Pai-mestre D. Pedro II. Podemos observar na página anterior, o cuidado com a letra bem desenhada com caneta tinteiro preta e ainda algumas palavras grifadas em vermelho, o que não era uma prática comum da Princesa. O mestre Taunay era assíduo, dificilmente faltava às lições, a menos que se encontrasse doente. Em algumas situações, levava seus filhos Adelaide d’Escragnolle Taunay e Luiz d’Escragnolle Taunay, os quais aprendiam com as Princesas e, com o término da lição, brincavam com elas. Adelaide tornou-se com o tempo uma das melhores amigas da Princesa Imperial.

Abaixo encontram-se cartas da Condessa de Barral escritas à D. Teresa Cristina sobre a atuação desse mestre da Casa Imperial e também de outros, todos subordinados à preceptora que fazia questão de deixar os Imperadores informados sobre o que acontecia no Palácio, e especialmente o que era ensinado às suas filhas durante suas ausências.

Senhora [...] O **M^r Taunay** (Felyx) teve um ataque de Cholera Morbus sporadico, de que ficou bom depois de ter chegado às caimbras e á algidez. [...] Condessa de Barral **[outubro de 1859]**³²⁰

O **Taunay** summamente pago p^{las} delicadas expressões d’ interesse de Vossa Majestade, m’ encarrega de lhe beijar a mão em signal de gratidão e respeito. [...] Condessa de Barral **6 de 9^{bro} de 1859.**³²¹

Senhora [...] Ellas [as Princesas] tem estudado regularmente, e não temos tido zangas, nem grandes raivas. - O **Bevilacqua** não tem sido exacto, e são lentos os progressos sobre o piano, os outros mestres tem cumprido suas obrigações. [...] Condessa de Barral. **22 de 9^{bro} de 1859**³²²

Nas páginas seguintes, encontram-se digitalizadas algumas das lições em língua francesa realizada pelas Princesas. Solicito que prestem atenção nos papéis usados, no

conhecer os corpos que vemos no céu; nos indicar sua disposição, sua forma, sua distância recíproca, seus movimentos: nos ensinar à mensurar o tempo; guiar os viajantes através dos mares ou dos desertos. O céu é esta parte do Universo que se estende sobre nossas cabeças, à nossa volta e no qual estão postos os corpos celestes. O céu, chama-se também Firmamento ou a Abóbada Celeste. Os corpos celestes não são todos da mesma natureza, uns são luminosos por si próprios, outros são corpos que brilham somente quando iluminados pelos corpos luminosos.” Original em francês com tradução de Janete Almeida.

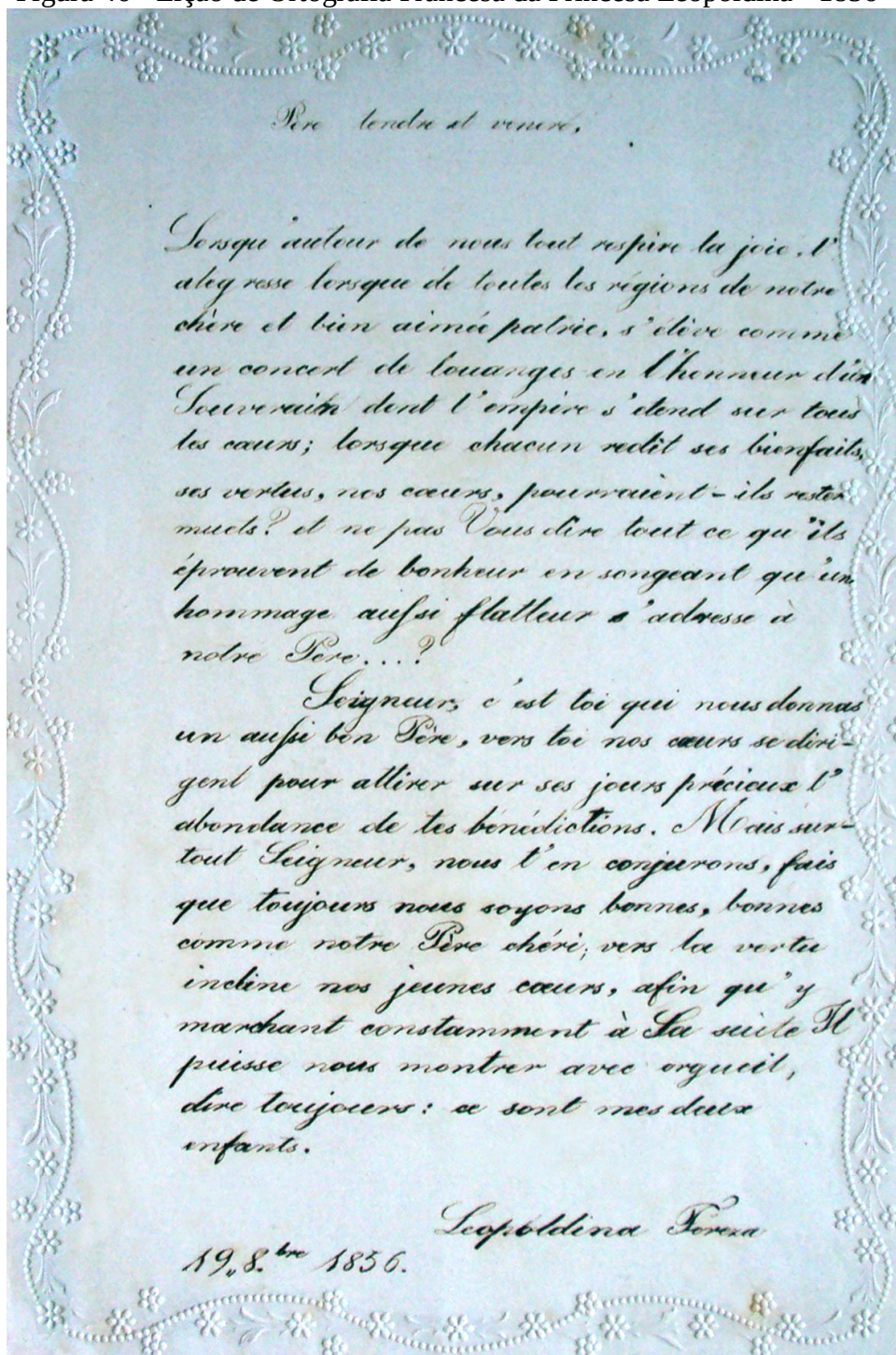
³²⁰ AGP - CCCXXXVII-7- Carta da Condessa de Barral a D. Teresa Cristina. [São Cristóvão], sem dia, outubro de 1859. Arquivo Grão Pará. [Grifo meu].

³²¹ AGP - CCCXXXVII-7- Carta da Condessa de Barral a D. Teresa Cristina [São Cristóvão], 6 de novembro de 1859. Arquivo Grão Pará. [Grifo meu].

³²² AGP- CCCXXXVII-7- Carta da Condessa de Barral a D. Teresa Cristina. [São Cristóvão], 22 de novembro de 1859. Arquivo Grão Pará. [Grifo meu].

capricho empregado em cada atividade e principalmente no teor dos textos transcritos e traduzidos, quase todos endereçados aos pais das meninas, os quais buscavam, sempre que possível, acompanhar e participar das atividades educativas das filhas.

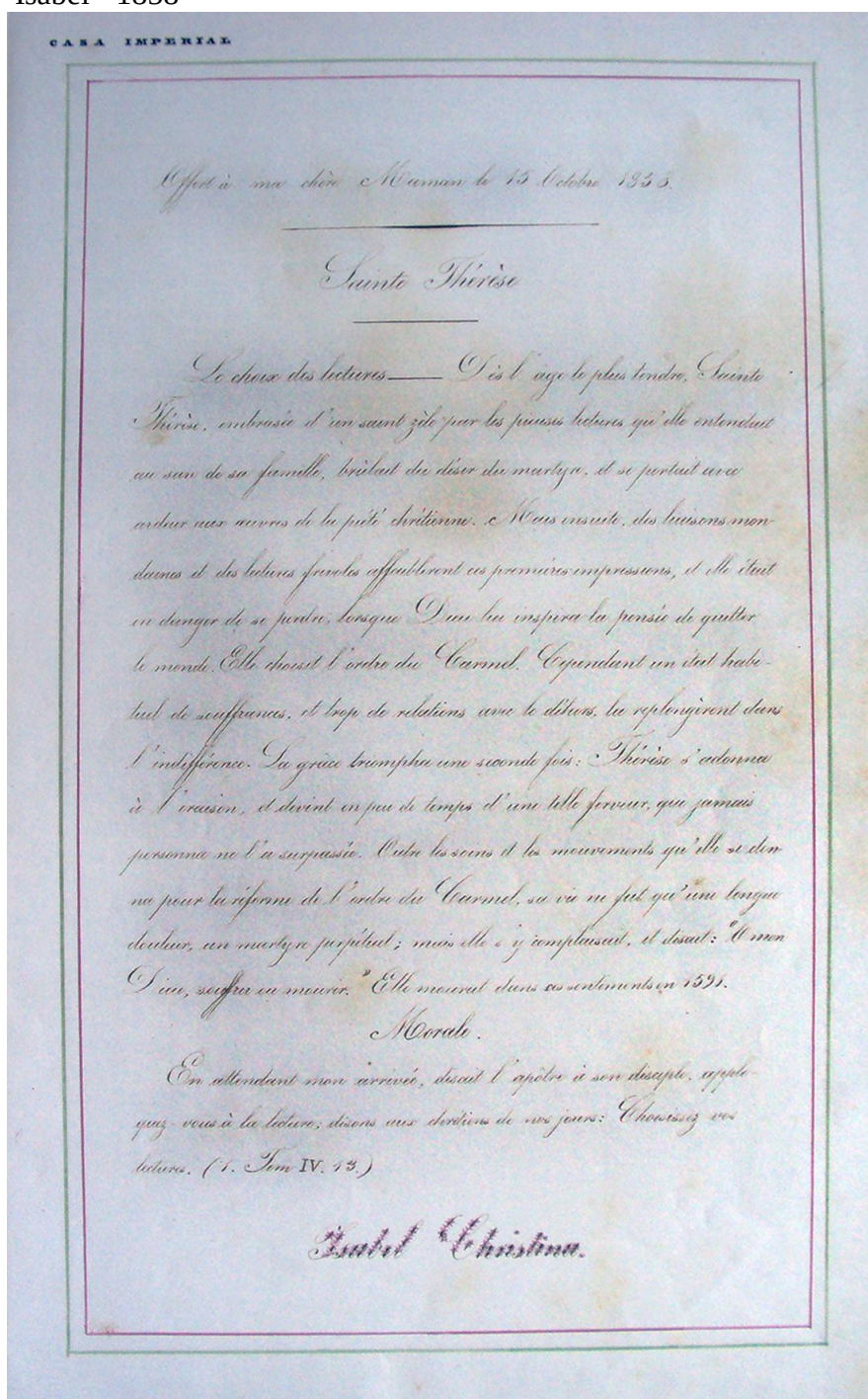
Figura 46 - Lição de Ortografia Francesa da Princesa Leopoldina - 1856



Fonte: Arquivo Grão Pará.³²³

³²³ Lição de ortografia francesa da Princesa Leopoldina. AGP. Transcrição: “Pai amoroso e venerado, Quando à nossa volta tudo respira alegria, a alegria quando de todas as regiões da nossa amada pátria, eleva-se como um concerto de louvores em honra de uma memória cujo império se estende sobre todos os corações; quando

Figura 47 - Lição de Estilo e Ortografia Francesa da Princesa Isabel - 1858

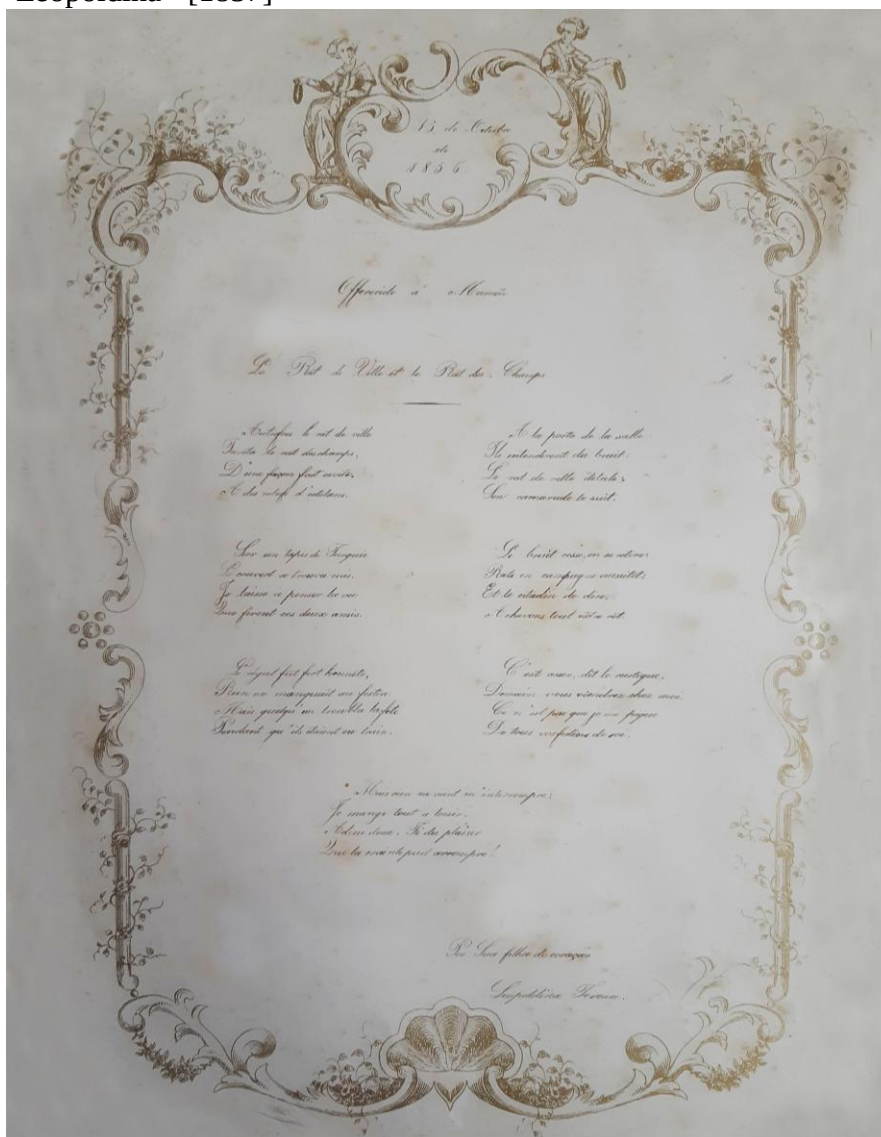


Fonte: Arquivo Grão Pará.³²⁴

cada um conta seus benfeitos suas virtudes, nossos corações podiam ficar mudos? E não vos dizer tudo o que eles sentem de felicidade sonhando que uma homenagem tão lisonjeira se dirige ao nosso Pai. Senhor, foste tu quem nos deste um Pai tão bom, para ti nossos corações se dirigem para atrair a seus dias preciosos a abundância de suas bênçãos. Mas, principalmente Senhor, nós te imploramos que sempre sejamos bons, bons como nosso querido Pai, incline nossos jovens corações em direção à virtude, afim de que nela andando constantemente, ele possa nos mostrar e com orgulho, dizer sempre: são minhas duas filhas. Leopoldina Tereza. 19, 8^{bro} 1856." Original em francês com tradução de Janete Almeida.

³²⁴ Lição de estilo e ortografia francesa da Princesa Isabel. AGP. Transcrição: "Oferecido à minha querida Mãe em 15 de Outubro de 1858 - Santa Tereza - A escolha das leituras - Desde muito tenra idade, Santa Tereza, fervorosa de zelo pelas sólidas leituras que ela ouvia no seio de sua família, ardente do desejo de martírio, e

Figura 48 - Lição de Estilo e Ortografia Francesa da Princesa Leopoldina - [1857]

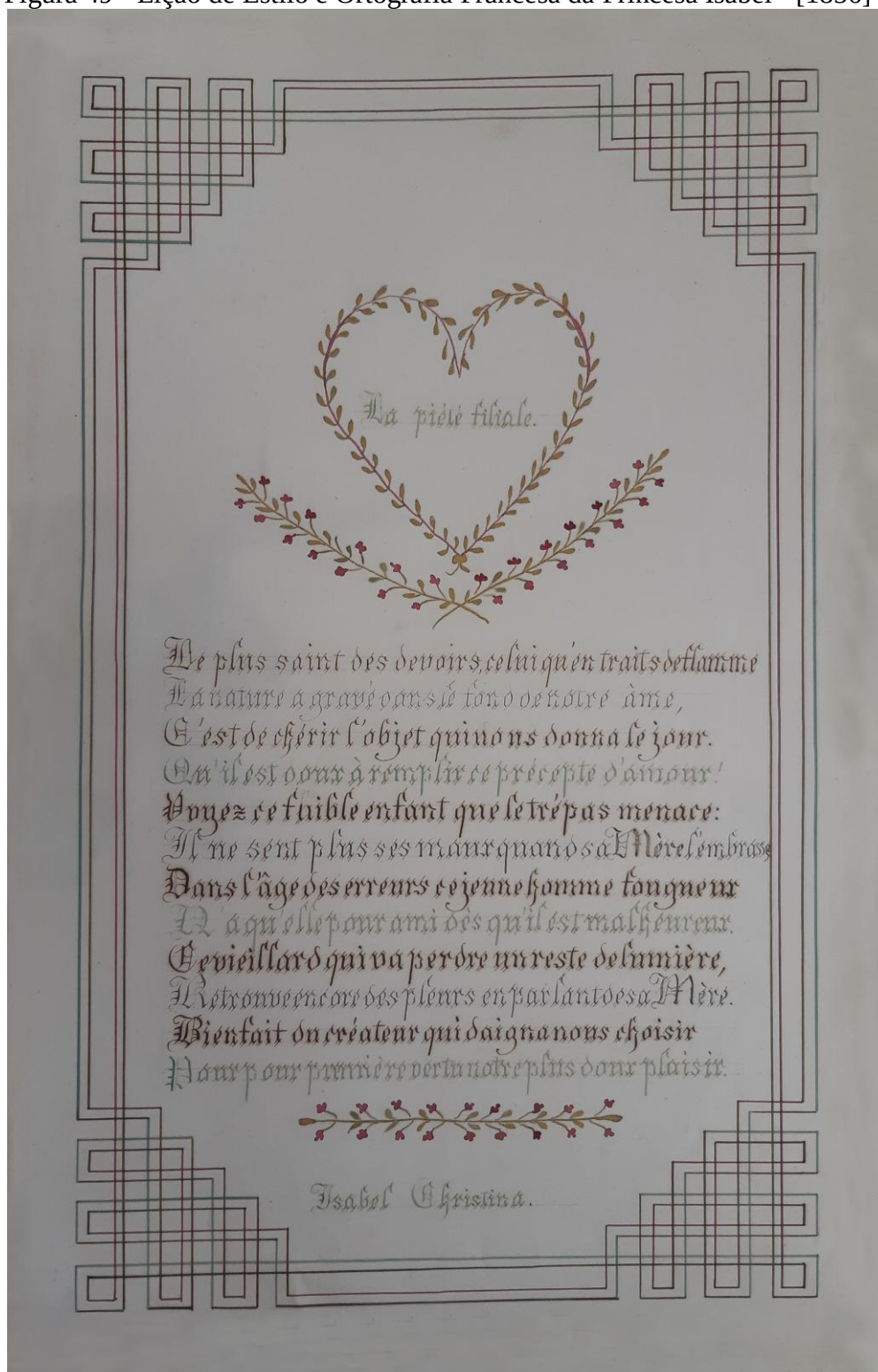


Fonte: Arquivo Grão Pará.³²⁵

fervorosa em relação à piedade cristã em toda parte. Mas em seguida, as fugas mundanas e leituras frívolas enfraqueceram essas primeiras impressões e ela estava correndo o risco de se perder, quando Deus lhe inspirou a ideia de deixar o mundo. Ela escolheu a ordem da Carmelita. Entretanto em estado habitual de sofrimento e demasiadas relações com o exterior tornaram a mergulhá-la na indiferença. A graça triunfou uma segunda vez: com desculpas, tornou-se em pouco tempo de um tal fervor que nunca ninguém a superou. Além dos cuidados e movimentos a que ela se dedicou para a reforma da ordem da Carmelita, sua vida não passou de uma longa dor, um martírio perpétuo, mas ela contava com isso, e dizia: Ó meu Deus, sofrer ou morrer. Ela morreu com esses sentimentos em 1591. Moral: Esperando minha chegada, dizia o apóstolo a seu discípulo, aplique-se à leitura; digamos ao entretenimento dos seus dias. Escolha suas leituras. (Tom IV.13) Isabel Christina.” Original em francês com tradução de Janete Almeida.

³²⁵ Lição de estilo e ortografia francesa da Princesa Leopoldina. AGP. Transcrição: “Oferecido à Mamãe - O Rato da Cidade e o Rato do Campo - Uma vez o rato da cidade convidou o rato do campo, de uma forma muito civil com relevo de galinhola. Sobre um tapete da Turquia os talheres são colocados. Fico a pensar na vida que fizeram esses dois amigos. O banquete foi muito honesto, nada faltava no festim, mas alguém perturbou a festa quando eles estavam a festejar. Na porta da sala eles ouviram um barulho: o rato da cidade foge; seu colega o segue. Cessa o ruído: ratos depressa em Campo; e o citadino à dizer: vamos acabar com isto. Basta, diz o rústico, amanhã irás a minha casa, não que eu esteja a roubar o teu Banquete de rei: mas nada me interrompe eu como tudo, à vontade. Adeus. Foi um prazer, e dizer que o temor pode corromper! Sua filha do coração Leopoldina Thereza.” Original em francês com tradução de Janete Almeida.

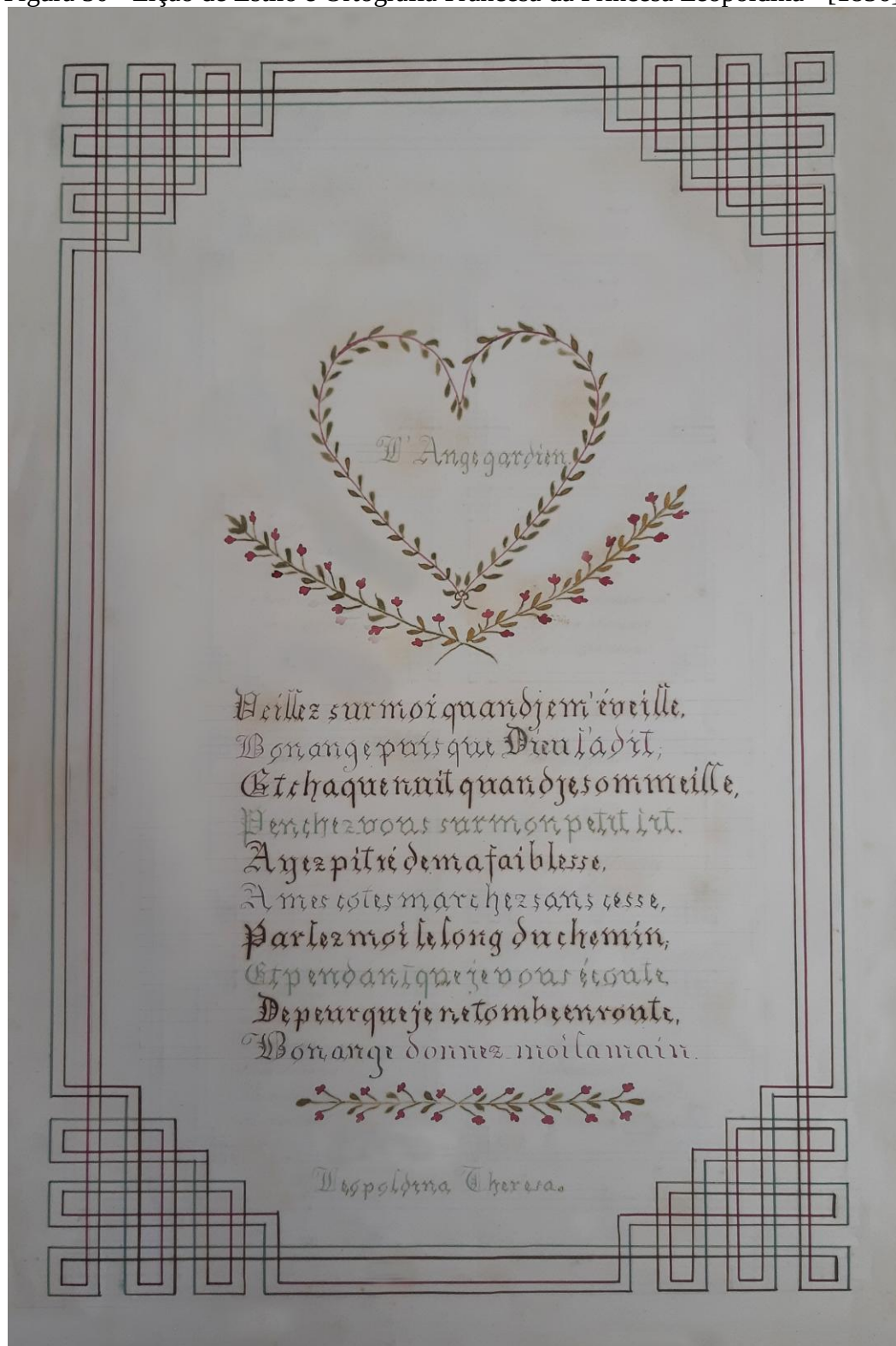
Figura 49 - Lição de Estilo e Ortografia Francesa da Princesa Isabel - [1856]



Fonte: Arquivo Grão Pará.³²⁶

³²⁶ Lição de estilo e ortografia francesa da Princesa Isabel. AGP. Transcrição: "A Piedade Filial. O mais santo dos deveres, o que em chama a natureza gravou no tom da nossa alma. É estimar o objeto que nos deu à luz. Como é doce para encher esse preceito de amor! Vê essa frágil criança que a morte ameaça: ela não sente mais suas mãos quando sua mãe a beija. Na idade dos erros ela é o único amigo que o jovem tosquidador tem. O velho que vai perder um pouco da luz, encontra mais dela falando de sua mãe. Benção ao criador que nos

Figura 50 - Lição de Estilo e Ortografia Francesa da Princesa Leopoldina - [1856]



Fonte: Arquivo Grão Pará.³²⁷

escolheu. Não por primeira virtude nosso mais doce prazer. Isabel Cristina.” Original em francês com tradução de Janete Almeida.

³²⁷ Lição de estilo e ortografia francesa da Princesa Leopoldina. AGP. Transcrição: “Anjo da guarda. Cuide de mim quando acordar, anjo bom então que Deus o disse. E todas as noites quando durmo, Incline-se sobre minha caminha. Anjo piedade de minha fraqueza, ao meu lado caminha continuamente. Fale-me ao longo do

Figura 51 - Estudo de Gramática Francesa da Princesa Leopoldina - [1860]

Verbe <i>aimer</i> .			
Indicatif	Antérieur	Conditionnel	Imparfait
<i>J'aime</i> <i>Tu aimes</i> <i>Il aime</i> <i>Nous aimons</i> <i>Vous aimez</i> <i>Ils aiment</i>	<i>J'ais aimé</i> <i>Tu as aimé</i> <i>Il a aimé</i> <i>Nous aimons aimé</i> <i>Vous avez aimé</i> <i>Ils ont aimé</i>	<i>J'aimerais</i> <i>Tu aimerais</i> <i>Il aimerait</i> <i>Nous aimerions</i> <i>Vous aimeriez</i> <i>Ils aimeraient</i>	<i>Lue j'aimasse</i> <i>Lue tu aimasses</i> <i>L'il aimât</i> <i>Lue nous aimassions</i> <i>Lue vous aimassiez</i> <i>L'is aimassent</i>
Imparfait	Plus que parfait	Plus	Piété
<i>J'aimais</i> <i>Tu aimais</i> <i>Il aimait</i> <i>Nous aimions</i> <i>Vous aimiez</i> <i>Ils aimaient</i>	<i>J'avais aimé</i> <i>Tu avais aimé</i> <i>Il avait aimé</i> <i>Nous avions aimé</i> <i>Vous aviez aimé</i> <i>Ils avaient aimé</i>	<i>J'aurais aimé</i> <i>Tu aurais aimé</i> <i>Il aurait aimé</i> <i>Nous aurions aimé</i> <i>Vous auriez aimé</i> <i>Ils auraient aimé</i>	<i>Lue j'au aimé</i> <i>Lue tu j'au aimé</i> <i>L'is ait aimé</i> <i>Lue nous ayons aimé</i> <i>Lue vous ayez aimé</i> <i>L'is aient aimé</i>
Imperatif	Infinitif	Imperatif	Plus que parfait
<i>J'aime</i> <i>Tu aimes</i> <i>Il aime</i> <i>Nous aimons</i> <i>Vous aimez</i> <i>Ils aiment</i>	<i>J'aimerais</i> <i>Tu aimerais</i> <i>Il aimera</i> <i>Nous aimerons</i> <i>Vous aimerez</i> <i>Ils aimeront</i>	<i>Aime,</i> <i>L'is aime</i> <i>Aimons</i> <i>Aimez</i> <i>L'is aiment</i>	<i>Lue j'eusse aimé</i> <i>Lue tu eusses aimé</i> <i>L'il eût aimé</i> <i>Lue nous eussions aimé</i> <i>Lue vous eussiez aimé</i> <i>L'is eussent aimé</i>
Indicatif	Plus	Indicatif	Infinitif Présent
<i>J'ai aimé</i> <i>Tu as aimé</i> <i>Il a aimé</i> <i>Nous avons aimé</i> <i>Vous avez aimé</i> <i>Ils ont aimé</i>	<i>J'aurais aimé</i> <i>Tu aurais aimé</i> <i>Il aura aimé</i> <i>Nous aurons aimé</i> <i>Vous aurez aimé</i> <i>Ils auront aimé</i>	<i>Lue j'aime</i> <i>Lue tu aimes</i> <i>L'is aime</i> <i>Lue nous aimons</i> <i>Lue vous aimez</i> <i>L'is aiment</i>	<i>Aimer</i> <i>Passé. Avoir aimé</i> <i>Participe Présent</i> <i>Aimant</i> <i>Participe Passé</i> <i>Ayant aimé</i> <i>Infinitif devant aimer</i> <i>Nou Mère</i>
Leopoldina Teresa.			

Fonte: Arquivo Grão Pará.

caminho. E enquanto eu vos escuto, para que eu não caia na estrada. Anjo bom dê-me a mão. Leopoldina Teresa.” Original em francês com tradução de Janete Almeida.

3.1.3 “Você já sabe como falar em inglês?”

Da mesma forma que a língua francesa, o estudo e o conhecimento da língua inglesa, esteve presente nas preocupações de D. Pedro II. Portanto, o soberano definiu a instrução desse idioma como um dos encargos da aia, também ratificado no documento *Atribuições da Aia*, elaborado após a chegada da Condessa de Barral ao Palácio.

Ao consultar o caderno-diário de Isabel e as cartas das Princesas escritas a partir do início das atividades laborais da preceptora, nada foi encontrado sobre as aulas de inglês, apenas sobre as de francês, então, se a Condessa ensinou a língua inglesa à Isabel e Leopoldina, essas lições devem ter sido orais, método sugerido pelo próprio soberano, para que a instrução desses idiomas (inglês e francês) acontecessem por meio de conversas realizadas entre as lições, o que justifica a não existência de registros dessas atividades educativas com a Condessa de Barral. Outra possibilidade seria de que os manuscritos produzidos nessas aulas não tivessem sido guardados pelos descendentes da Família Imperial.

Acredito na hipótese de que as aulas de inglês tenham iniciado, de fato, no ano de 1859, pois é o que se depreende da carta da Princesa Leopoldina enviada à mãe no dia de Natal do mesmo ano. Na missiva, a Princesa passa a impressão de estar tendo contato com o idioma apenas naquele momento. Abaixo a carta encontra-se transcrita para que o leitor possa fazer suas próprias considerações.

Petropolis] 25 de X^{bro} de 1859 Minha cara Mãe

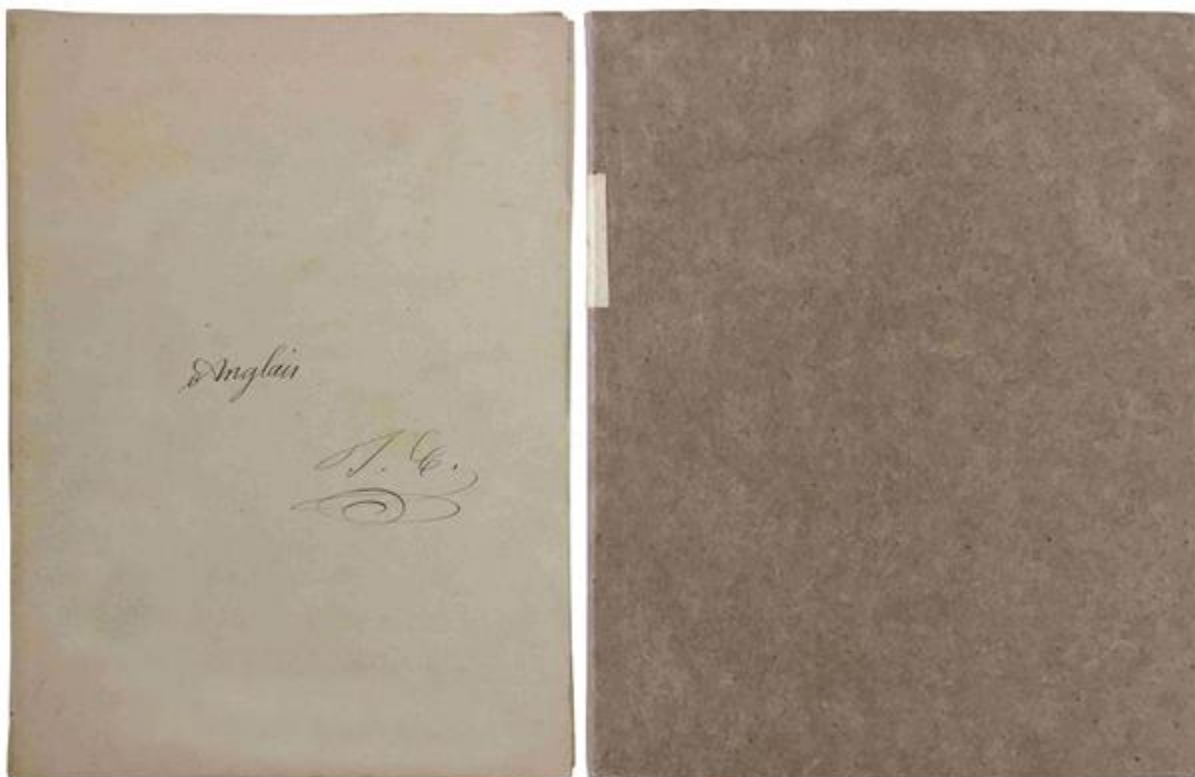
Desejo que esteja boa. Eu estou boa. Hontem a Condessa arranjou uma árvore muito bonita. [...] Eu já estava hontem quase pegando no sonno quando eu ouvi m^a Roza fallar e dizer que tinham as cartas eu logo me levantei. Tambem tinha na árvore 4 palmatorias em que estavam escritos para a mais preguiçosa (eu), para a mais teimosa (mana), para quem não sabe taboada (Dominique) e para quem troca letras (Francisca). Antes de hontem fizemos um passeio bem bom de tarde fomos à cascatinha. Estou com muitas saudades suas e de Papae tomara já fevereiro para ter o gosto de ver-lhes. Muito obrigada [...] **Diga a Papai que eu gosto muito do Inglez e que já começo engatinhar para o fallar.** Já faço phrases mas alguàs vezes sahe muito esquezito e também que *the horse of my sister has a sore foot* (Quer dizer pé) elle é mais na perna que no foot. [...] Leopoldina Teresa.³²⁸

No texto, Leopoldina informa à mãe como foi o seu Natal em companhia da irmã, dos mestres, da aia, das amigas e de um amiguinho especial: Dominique, o filho da preceptora. Adiante, a Princesa pede que informe o pai a respeito das lições de Inglês – atitude que demarca o papel do Imperador como a principal referência na educação dela e de Isabel. Os cadernos de Leopoldina usados durante as lições, infelizmente, não foram encontrados, mas restaram dois

³²⁸ AGP - XLVIII-5 - Carta da Princesa Leopoldina a D. Teresa Cristina. [Petrópolis], 25 de dezembro de 1859. Arquivo Grão Pará. [Grifo meu].

cadernos de inglês da Princesa Isabel tornando possível compreender o que as duas estudaram no ano de 1859 com a contratação do Padre Marcos Neville, o mestre de inglês. As lições realizavam-se de segunda-feira a sábado e tinham duração de aproximadamente 60 minutos. Os cadernos de inglês da Princesa Imperial podem ser conhecidos por meio da Figura 52:

Figura 52 - Cadernos de Língua Inglesa da Princesa Isabel - 1859



Fonte: Arquivo Grão Pará.³²⁹

Os dois cadernos de inglês encontrados são bem diferentes entre si em termos de estética, organização e especificidades do conteúdo. Isso porque o da esquerda, trata-se de um caderno de rascunho, composto por um conjunto de folhas fragilmente costuradas, com dimensão de 21 cm x 15,5 cm, não pautadas e manuscritas com caneta tinteiro preta, sem capa. Cheguei à conclusão de que esse seria um caderno destinado a rascunho ao analisar sua desorganização, a presença de rasuras no mesmo e sua caligrafia mais apressada, características contrastantes com as do outro caderno, à direita, que se mostra muito mais organizado e com caligrafia cuidadosa. Este, por sua vez, apresenta-se com folhas costuradas, pautadas, capa dura encapada e etiquetada, e a dimensão de 22,3 cm x 17,5 cm.

Chamo a atenção para o caderno de inglês sem capa, onde é possível observar que o título: “*Anglais I.C.*” (Inglês - Isabel Cristina) está em francês, fato que me faz pensar na

³²⁹ A Figura 52 é composta por imagem dos dois Cadernos de Língua Inglesa da Princesa Isabel pertencentes ao acervo do Arquivo Grão Pará.

importância desse idioma no oitocentos, já que a Princesa Isabel o internalizou como se fosse sua língua pátria. E as surpresas não param, porque, ao folhear as páginas desse provável caderno de rascunho, constato explicações gramaticais em francês, mas referindo-se a termos da língua inglesa, como, por exemplo, “Who?” e “Qui?”, expressões da língua inglesa e francesa respectivamente, que possuem o significado idêntico: “Quem?”.

Nas páginas subsequentes, há outras explicações na língua francesa referindo-se às particularidades da língua inglesa. Em alguns momentos, os idiomas até se confundem, como numa página em que foi usada a palavra “jardin” e, ao traduzi-la para o inglês, Isabel utilizou “jarden” ao invés de “garden”. Além disso, são apropriados os dois idiomas para formar frases com o mesmo significado: “*The mother loves her children dearly*” e “*La mère aime tendrement ses enfants*”³³⁰. Já no caderno de inglês encapado (Figura 52, à direita), percebe-se o propósito de escrita definitiva, a fim de metodizar o conhecimento exercitado no primeiro caderno. Inicialmente, são apresentadas frases simples e curtas para fixar determinados vocabulários, os quais são classificados por “temas”.

Os temas de três a oito apresentam assuntos do cotidiano: roupas e comidas, utensílios para a costura, posse, diversas temáticas com o uso ligeiro do verbo *to be* e um compilado do que constitui cada tema anterior, respectivamente. Fatos curiosos estão nos temas três e cinco são os diálogos a respeito de diferentes tipos de caneta tinteiro e, em seguida, sobre costura, os quais podem ser lidos abaixo na escrita original, o inglês,

Tema 3 [...]

- Você está com a minha caneta de aço?
- Não estou.
- Que caneta você tem?
- Minha boa caneta de prata.
- O que você tem?
- Tenho nada.
- Você está com a minha caneta de aço ou de prata?
- Estou com a sua caneta de aço. [...].

Tema 5 [...]

- Você está com o meu alfinete ou com o da minha irmã?
- Não estou nem com o seu, nem o da sua irmã; Estou com o da sua mãe.
- Você está com a minha agulha ou a sua?
- Não estou nem com a sua, nem com a minha.
- Com qual agulha você está?
- Com a da amiga da sua tia. [...]

³³⁰ Trecho do caderno de língua inglesa da Princesa Isabel nº17 - AGP. Original em língua inglesa com tradução de Camille Aguiar dos Santos. Tradução: “A mãe ama ternamente seus filhos”.

³³¹ A tradução da língua estrangeira é: *Thème 3 [...]* – *Have you my steel pen?* – *I have it not.* – *Which pen do you have?* – *I have my good silver pen.* – *What have you?* – *I have nothing.* – *Have you my steel or silver pen?* – *I have your steel pen.* [...]. *Thème 5* – *Have you my pin or my sister's?* – *I have neither yours nor your sister's;* *I have your mother's* – *Have you your needle or mine?* – *I have neither yours nor mine* – *Which needle have you?* – *I have your aunt's friend's.* [...] Trecho do Caderno de Língua Inglesa da Princesa Isabel

O primeiro trecho (Tema 3), além de possibilitar a compreensão dos diferentes modelos de canetas tinteiro utilizadas pelas Princesas, também evidencia a importância desse objeto no cotidiano das meninas, já o segundo fragmento (Tema 5) mostra a relevância da habilidade de costurar para uma mulher do oitocentos. É interessante notar que mesmo tendo várias damas para servi-las, elas ainda eram instruídas para as tarefas domésticas, assim a Princesa Imperial se põe a escrever sobre a arte da costura até mesmo em seus estudos, isso porque, além de possíveis futuras governantes, ela e sua irmã seriam esposas e mães, necessitando do domínio da caneta tinteiro para a assinatura de documentos, e do conhecimento das prendas domésticas para participarem das atividades cotidianas do lar, se assim desejassem.

O estudo da língua inglesa era de grande importância para as Princesas. Mesmo com a presença de diplomatas brasileiros em reuniões de países que têm esse idioma como língua materna, a soberana que dominasse esse saber estaria mais capacitada a entender o que estava sendo falado e fazer suas colocações e discursos sem a necessidade de intérpretes. E o conhecimento dessa língua não era requerido para se comunicar com pessoas apenas de origem anglo-saxônica, mas com qualquer indivíduo que a dominasse. A primeira vez em que o entendimento da língua inglesa se mostrou importante também para o entrosamento de Isabel com outras autoridades aconteceu em março de 1865 no Palácio de *Windsor*, quando em viagem de *lua de mel* pela Europa, visitou a Rainha Vitória³³² com quem conversou de forma mais íntima tocando em assuntos pessoais como o convívio com os respectivos maridos, O Conde D'Eu e o Príncipe Alberto, já falecido, ambos consortes, num período em que as relações diplomáticas entre o Brasil e a Inglaterra estavam abaladas devido à *Questão Christie*³³³.

nº17 - Arquivo Grão Pará. Original em língua inglesa com tradução de Camille Aguiar dos Santos e revisão de Julliana de Fátima dos Santos Silva Almeida.

³³² Sobre a visita da Princesa Isabel à Rainha Vitória ver: (LACOMBE, 1989).

³³³ A *Questão Christie* foi um impasse diplomático entre o Império do Brasil e o Reino Unido, que perdurou do ano de 1862 até 1865. Em 1862, naufragou no litoral do Rio Grande do Sul uma embarcação britânica, que teve sua carga saqueada e tripulação não encontrada, desagradando fortemente o embaixador inglês residente no Brasil, fazendo com que este exigisse que a Coroa Brasileira pagasse uma indenização pelo navio. Nesse mesmo ano, alguns marinheiros foram presos por estarem fazendo “arruaça” no Rio de Janeiro, mas foram soltos logo em seguida. Ainda assim, William Douglas Christie, embaixador do Reino Unido, exigiu a punição dos policiais que haviam prendido os marinheiros, além de relembrar do pagamento de indenizações com relação ao navio perdido. Com a recusa brasileira, a Inglaterra, então, confiscou navios mercantis desse país, o que levou o Imperador a romper relações diplomáticas com a nação britânica. Na ocasião, D. Pedro II solicitou uma mediação internacional, e o juiz escolhido para julgar essa questão foi o Rei Leopoldo I da Bélgica, tio da Rainha Vitória, o qual decidiu, em 1863, que o Brasil era o vencedor, levando a um pedido de desculpas oficial, em 1865, feito pela Rainha Vitória e dando fim ao impasse em questão. Cf. cruzamento de informações oriundas de: YOUSSEF, Alain El *Questão Christie em perspectiva global: pressão britânica, Guerra Civil norte-americana e o início da crise da escravidão brasileira (1860-1864)*. Revista de História (USP) v. X, p. 1-26, 2018; QUESTÃO CHRISTIE por Pedro Eurico Rodrigues (UDESC). Disponível em:

Ainda folheando o caderno de inglês com capa, foram constatados nas páginas posteriores diálogos mais completos, reunindo o saber anteriormente trabalhado. Abaixo segue um dos diálogos já traduzidos para a língua portuguesa.

- Há quanto tempo você está estudando inglês?
- Eu tenho estudado inglês por dois meses.
- Você já sabe como falar em inglês?
- Você pode ver que estou começando a falar.
- Tem muito tempo desde que os filhos de general começaram a estudar isso?
- Eles têm aprendido isso pelos últimos dois anos, mas ainda não sabem falar.
- Por que eles ainda não conseguem falar [em inglês]?
- Porque eles estão aprendendo sozinhos.
- Por que eles não aprenderam bem?
- Porque eles não têm um bom professor, portanto, não aprendem muito bem.
- Como você passa o seu tempo?
- Passo meu tempo estudando.
- Como a sua irmã passa o tempo dela?
- Ela passa o tempo dela lendo e brincando. [...]
- Por que você não foi hoje de manhã ao Leblon?
- O alfaiate esqueceu de trazer o casaco que me prometeu, então eu não pude ir até lá.
- O que o sapateiro trouxe?
- Ele trouxe as botas e os sapatos que nos fez.
- Quem são os homens que acabaram de chegar?
- Eles são franceses.
- Você jogou fora seu chapéu?
- Não, porque ele combina comigo.
- Esse homem está esperando há muito tempo?
- Ele acabou de chegar.
- O que ele quer?
- Ele quer conversar com você, você quer fazer isso?
- Eu quero.
- Você consegue fazer isso?
- Eu vou fazer o meu melhor.
- Ele consegue fazer isso?
- Ele consegue, porque fará o seu melhor.
- Por que você correu?
- Porque eu estou com medo.
- De quem você está com medo?
- Eu estou com medo do homem que não me ama.
- Ele é seu inimigo?
- Eu não sei se ele é meu inimigo, mas eu tenho medo de todos aqueles que não me amam, pois se eles não me fizeram nenhum mal, também não farão nenhum bem.
- O que aconteceu com você?
- Grande infelicidade aconteceu comigo.
- O que?
- Eu conheci meu pior inimigo e ele me deu um soco, então eu senti uma profunda tristeza de todo meu coração.³³⁴

<<https://www.infoescola.com/historia-do-brasil/questao-christie/>>. Acesso em: 24 dez. 2019. Coincidência ou não, é após a visita da Princesa Isabel à Rainha Vitória no ano de 1865, que essa última pede desculpas ao Brasil. A Rainha britânica era prima distante de Isabel e deu asilo político à família de seu marido chefiada pelo Rei Luís Filipe da França, quando esse foi destronado desde 1848. Assim, a Princesa Imperial e também Condessa D'Eu aproveitou o parentesco para visitar Vitória, possivelmente o encontro das duas tenha aberto caminho para a resolução do conflito entre o Brasil e a Inglaterra.

³³⁴ Trecho do Caderno de Língua Inglesa da Princesa Isabel nº17 - AGP. Original em língua inglesa com tradução de Camille Aguiar dos Santos e revisão de Julliana de Fátima dos Santos Silva Almeida.

Muitas questões trabalhadas são comuns a estudantes da língua inglesa, destaco: “há quanto tempo estão estudando aquela língua ou o que fazem para passar o tempo”. No entanto, é importante observar como Isabel, por intermédio de seu mestre, usa desses exemplos para mostrar a sua realidade e a relação com a irmã mais nova. Por exemplo, quando fala sobre seus passatempos, diz que está sempre estudando, mas quando questionada sobre os passatempos da irmã, afirma que a caçula se coloca apenas a ler e a brincar, o que demonstra uma certa implicância com Leopoldina que também enfrentava rotina semelhante a sua, porém, era menos cobrada por ser a segunda na linha sucessória.

Ademais, é possível perceber que, mesmo sendo um momento maçante de fixação de lições, Isabel usufruía dele para ativar sua criatividade com muito bom humor, formando frases curtas que, ao serem lidas em conjunto, podiam gerar diferentes contextos ou expressar sua própria opinião. Um exemplo disso, projeta-se na parte em que comenta acerca do aprendizado da língua inglesa dos filhos de general, ela acredita que eles não têm uma boa evolução no idioma devido à ausência da figura de um professor que os oriente. O que mostra o seu reconhecimento pela profissão daqueles que lecionam.

3.1.4 “Mostra que está compreendendo a índole da língua latina”

Vantagens do estudo

O estudo do latim apresentava muitas vantagens [...] Pelo latim conhecemos a fundo a nossa língua e poderemos ter o prazer de lêr Virgílio, Horácio e na própria língua em que escreverão. [...] ³³⁵

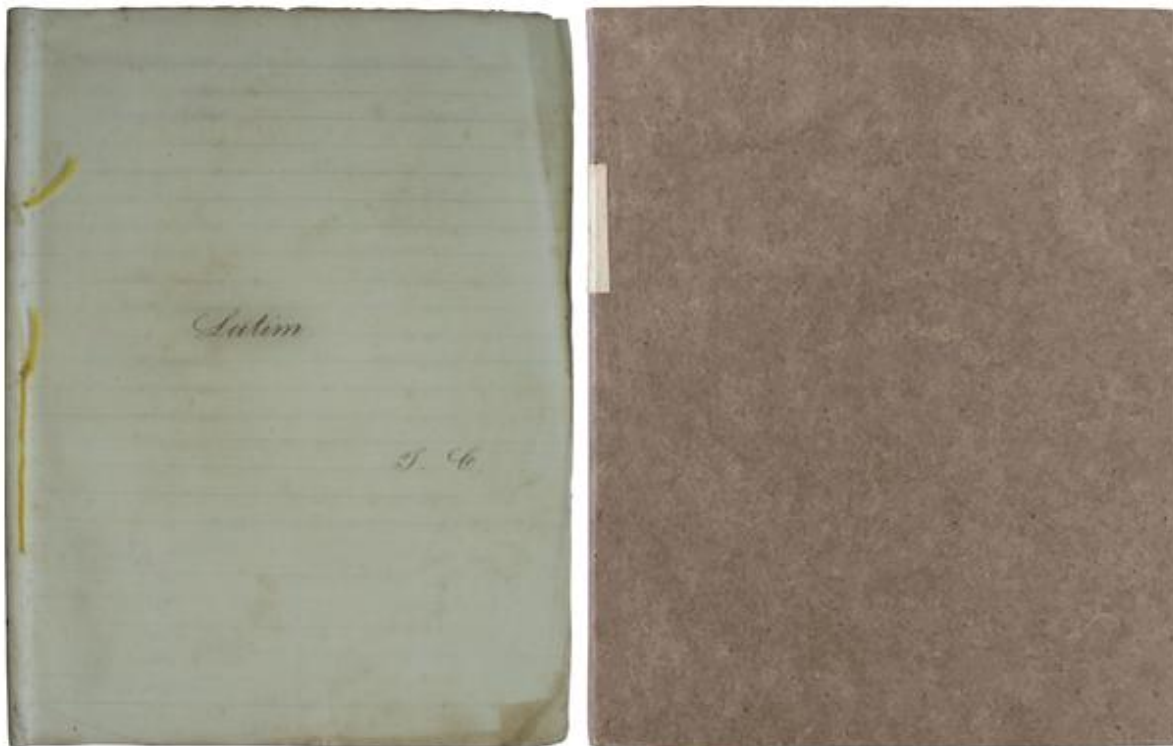
“Vantagens do estudo”, título do texto acima citado, é extraído do caderno de ditado em língua portuguesa da Princesa Isabel. A afirmação é usada claramente como incentivo aos estudos e se repete por várias vezes nesse mesmo caderno, evidenciando a relevância do aprendizado do latim para as Princesas.

Há no Arquivo Grão Pará, três cadernos de latim da Princesa Isabel, mas apenas dois são catalogados como de latim e são adversos tanto na estética, quanto em seu conteúdo. Os cadernos compõem a (Figura 53), o da esquerda por exemplo, traz em sua página inicial a identificação manuscrita da matéria ensinada “latim” e, ainda, as primeiras letras do nome de sua autora, “I. C.”. Esteticamente sua dimensão é de 22 cm x 16,5 cm e constitui-se por um

³³⁵ Trecho do Caderno de Ditado em Língua Portuguesa da Princesa Isabel nº 12. AGP.

conjunto de folhas pautadas e costuradas manualmente com um barbante amarelo e sem capa. Em seu repertório, há a conjugação de verbos em latim, o que se repete do início ao fim das páginas.

Figura 53 - Cadernos de Latim da Princesa Isabel – Século XIX



Fonte: Arquivo Grão Pará.³³⁶

O segundo caderno que compõe a Figura 53, localizado à direita, possui capa dura encapada e etiquetada com o nome da matéria. Seu conteúdo está distribuído entre a “Primeira Lição” e a “Sétima Lição”, sendo estas compostas por frases escritas em latim com a tradução logo abaixo para a língua portuguesa. As frases desse caderno não têm contexto e a estrutura está totalmente desconexa, embora o latim tenha uma sintaxe peculiar e clara. Tudo indica que o texto encontrado seja das primeiras aulas da Princesa e que tenha relação com *Roma Antiga*, porque cita César³³⁷ e Cícero³³⁸, mas, infelizmente, as lições não são objetivas. Nas

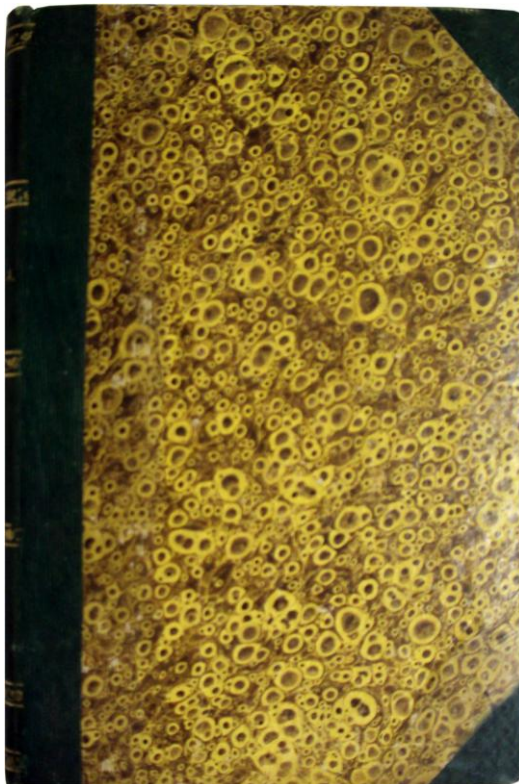
³³⁶ A Figura 53 é composta por imagens de dois Cadernos de Latim da Princesa Isabel pertencentes ao acervo do Arquivo Grão Pará.

³³⁷ Cássio Júlio César (100 a.C. - 44 a.C.), foi um líder romano importante no processo de transição do modelo republicano para o império. Governou em ambiente de contestação e oposição constantes. Realizou diversas reformas tanto no âmbito social quanto no âmbito político, chegando a incorporar um novo calendário, denominado *Calendário Juliano*, a base do *Calendário Gregoriano*, que seguimos até os dias atuais. De seu nome surgiu o Título Imperial, César. A transformação do nome de família em título pode ser datada aproximadamente em 68/ 69 depois de Cristo. Cf. JÚLIO CÉSAR. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/julio-cesar>> Acesso em 23 nov. 2019.

³³⁸ Conforme nota explicativa na página 78, Marco Túlio Cícero (106 - 43 a.C.) foi advogado, político, escritor, orador, filósofo da república romana e cônsul a partir de 63 a.C com Caio Antônio Híbrida. Logo depois da

páginas seguintes, há a conjugação de verbos em quadros ordenados e legíveis. O terceiro caderno está catalogado como *Caderno de Ditado em Língua Portuguesa nº 8*, mas trata-se de um caderno com traduções para a língua portuguesa de textos históricos, originalmente escritos em latim e pode ser contemplado por meio da Figura 54, abaixo:

Figura 54 - Caderno de Latim da Princesa Isabel – 1862 - 1864



Fonte: Arquivo Grão Pará.

Diante do recém-descoberto caderno de latim, fiquei algum tempo contemplando-o e percebi que se destacava dos outros, anteriormente mencionados. Esse terceiro caderno apresenta-se com capa dura estampada e a lombada traz, ornada em dourado, as iniciais do título de nobreza de sua autora: *Sua Alteza Princesa Imperial D. Isabel*. É composto por 127 páginas costuradas, estando 109 escritas e 11 em branco. A dimensão do caderno é de 22 cm x 14,5 cm, seu texto é escrito com caneta tinteiro preta e letra cursiva, trazendo margem à esquerda. As primeiras páginas exibem caligrafia cuidadosamente desenhada, mas as posteriores mostram-se feitas às pressas e com pouco cuidado, um costume de grande parte

morte de César, Cícero se destacou como inimigo de Marco Antônio nas lutas pelo poder que se seguiram, atacando-o numa série de discursos. Acabou expulso como inimigo do Estado pelo Segundo Triunvirato e consequentemente executado por soldados. A influência de Cícero sobre a história da literatura e das ideias europeias em muito excede a de qualquer outro escritor em prosa de qualquer outra língua. Além disso, introduziu os romanos às principais escolas da filosofia grega criando um vocabulário filosófico (Michael Grant). Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%ADcero> >. Acesso em: 30 dez. 2019.

dos estudantes, os quais iniciam a escrita do caderno num formato e o terminam com traços modificados, ainda que não comprometam sua identidade caligráfica.

O caderno de latim (Figura 54) sustenta em seu conteúdo a *História da Roma Antiga* traduzido daquele idioma para a língua portuguesa. É significativo perceber que, de forma não consciente, D. Pedro II e o mestre da disciplina adotavam durante as lições o método da “transdisciplinaridade” ao ensinar às Princesas latim, história e língua portuguesa por meio de um mesmo texto. Abaixo pode ser visualizada uma interessante passagem histórica:

Então Romulo a cidade construiu a qual do seu nome Roma chamou: e como quer que cercasse com muros, declarou que ninguém o muro saltasse, o qual Remo zombando saltou, e [...] morto (foi). Muito bem. 10 de Abril de 1862.³³⁹

O texto acima foi extraído da primeira página do Caderno de Latim da Princesa Isabel (Figura 54) e faz referência à história lendária da fundação de Roma. O caderno exhibe em suas marginais anotações realizadas muito provavelmente por Candido José de Araújo Viana³⁴⁰, mestre da disciplina, que leu e corrigiu o texto registrando: “muito bem 10 de abril de 1862”. No entanto, apesar da avaliação positiva e das poucas modificações propostas pelo professor, nas páginas seguintes, quem avalia cada palavra traduzida e ainda discute a história ensinada, a língua portuguesa, o latim e a caligrafia empregada, é o pai e mestre D. Pedro II, extremamente inflexível com o texto traduzido pela filha, a Princesa Imperial.

No ano de 1862, as lições de latim aconteciam diariamente e ficavam a cargo do mestre Candido José de Araújo Viana, que ministrava suas aulas às segundas feiras das 16h às 17h. Mas, em todos os outros dias da semana, com exceção dos domingos, o responsável pelas aulas era D. Pedro II.³⁴¹ Nesses dias, as Princesas chegavam a estudar com o pai por duas horas consecutivas e, ao final, as lições eram cuidadosamente avaliadas pelo monarca-educador.

Nas primeiras avaliações constantes no caderno de latim com tradução de textos sobre a História Antiga, o soberano adotou o procedimento de anotar acima das palavras traduzidas por Isabel, entre parênteses, outras para serem substituídas. E fazia os seguintes comentários, *Preste atenção sobretudo ao que puz entre parentheses. Mais de mez! As palavras traduzem se menos mal, porém não se procura o sentido. Por que é que o acha quando traduz comigo? Trabalhe ainda que mais lhe custe traduzir sem meu auxilio (Nova lição no dia 11 de 7^{bro})*.³⁴²

³³⁹ Caderno de Ditado em Língua Portuguesa da Princesa Isabel nº8 [Lições de latim]. AGP.

³⁴⁰ O mestre não assinou, mas foi realizado um cotejamento com outros documentos por ele assinado.

³⁴¹ Conforme Quadro 9 que encontra-se na página 170.

³⁴² Trecho manuscrito por D. Pedro II no Caderno de Ditado em Língua Portuguesa da Princesa Isabel nº8 [Lições de latim]. AGP.

D. Pedro II chama a atenção de sua filha para que atente à qualidade dos textos que traduz. Em alguns casos, os termos por ele sugeridos configuram-se apenas como sinônimos mais convenientes ao texto, noutros, identifica uma palavra incorreta e solicita a substituição por aquela que ele acredita ser a mais adequada, ou ainda, pede que a filha traduza o que, por ela, não foi traduzido e que refaça os trechos anteriormente “emendados”. Após realizar a avaliação, o pai-mestre registra a nota concedida à aluna pelo trecho traduzido conforme a anotação abaixo:

(TB) Procure traduzir melhor com tanto que não se afaste muito da letra, para o que basta alguma atenção mais. Estude sempre os logares emendados. Lição nessa 4^a F^{ra}. Pode dal-a não se distrahir. Quero acabar os extractos de César Guerra Gallica, e passe ha traduzir um pouco de Cicero.³⁴³

O Imperador não se contenta apenas com tradução bem-feita, exige também uma caligrafia caprichada. Nas páginas subsequentes, ele abandona o método de escrever acima da tradução realizada por Isabel aquilo que gostaria que fosse modificado e passa a enumerar as palavras identificadas como “má traduzidas”. Esses números são adicionados no final de cada tradução e trazem observações com instruções para mudança das palavras empregadas. Mesmo assim, ele reclama: *25 de 9^{bro} – Mais de mez para traduzir mal – por falta de atenção – tão pouco e facil latim! Nunca se contente com tradução que não faça sentido como na [phrase] em que escrevi – mais atenção! Com tudo lhe darei a nota de (AB) para animação.*³⁴⁴

Assim, as intervenções realizadas pelo soberano estão por todo o caderno e aconteceram ao longo de dois anos (1862 - 1864). D. Pedro II mostra-se extremamente rigoroso com o texto traduzido pela filha e as notas concedidas variam entre *M* e *AB*, o que não a impediu de continuar se esforçando em busca da tradução idealizada pelo pai. Inclusive, as notas altas serviam justamente para estimular o trabalho. Na maioria das vezes ele pede compreensão do texto a ser traduzido, algumas dessas intervenções podem ser conhecidas pelo leitor a seguir.

(AB) 9 de maio. Ainda se contenta com tradução que decerto não entende se prestar atenção. Ainda não traduziu a descrição [da parte]. Emendei as emendas que ainda não tinha visto. Quero a nova traducção 4^a F^{ra} da semana que vem depois de feito o *devoir* (dever). [...]

(M) 1 de junho. Attenda ás emendas. Mais atenção sobretudo aos casos e nada de julgar traduzido o que não entenda bem. Nova lição 4^a F^{ra}. Pode traduzil-a bem, que da tempo para quem presta atenção. [...]

³⁴³ Trecho manuscrito por D. Pedro II no Caderno de Ditado em Língua Portuguesa da Princesa Isabel nº8 [Lições de latim]. AGP.

³⁴⁴ Trecho manuscrito por D. Pedro II no Caderno de Ditado em Língua Portuguesa da Princesa Isabel nº8 [Lições de latim]. AGP.

Não traduza de modo que não entenda. Tudo o que apparecer assim irei cobrindo de tinta. O mais está soffrível porque não foi preciso pensar muito para traduzil-o. Não marco lição para diante sem que me apresente tradução capaz do que risquei. Quem traduzir decentemente estará mais adiantada no livro. [...]

Hoje anda se para traz. É preciso pensar, e pensar sem o que nada se sabe. Uma página de tradução de Julio Cesar é lição diaria para uma estudante soffrível de latim. [...]

Não está má. Com mais atenção traduzirá sem erro. Mostra que vae comprehendendo a indole da língua latina. [...]³⁴⁵

Ao analisar os três cadernos de lições de latim, é possível afirmar que o mestre Sapucaí e também D. Pedro II buscaram oferecer um aprendizado que proporcionasse a evolução do conhecimento da língua dia após dia. O procedimento adotado foi: a aprendizagem de verbos, seguida por frases nas quais as Princesas podiam aplicar a gramática apreendida e por último a tradução de um texto mais longo e complexo que não exigia somente tradução, mas o conhecimento próprio da cultura local. Além disso, as lições, de uma forma geral, não empregavam um texto aleatório para o ensino do idioma. Eram textos que traziam a História de Roma e, ainda, ressaltavam figuras importantes para a história do latim como César e Marco Túlio Cícero. São leituras que exigem compreensão do vocabulário da língua num contexto bem diferente do vivido no século XIX, daí a dificuldade da Princesa em acompanhar os ensinamentos.

O latim, um dos principais idiomas ensinados às Princesas, representa língua base para a compreensão das demais línguas latinas sendo, talvez, por isso, a terceira língua com maior número de cadernos preservados. Seu conhecimento proporciona um pensamento disciplinado, pois funciona como uma equação matemática tendo prefixos e sufixos que informam a função de um termo na frase e quem domina seus códigos acelera o processamento de informações. É preciso lembrar, ainda, que as missas assistidas diariamente pelas Princesas eram rezadas em latim e que havia na biblioteca do Imperador diversos livros escritos nesse idioma, levando-nos a concluir que dominar o conhecimento do latim era uma necessidade no oitocentos.

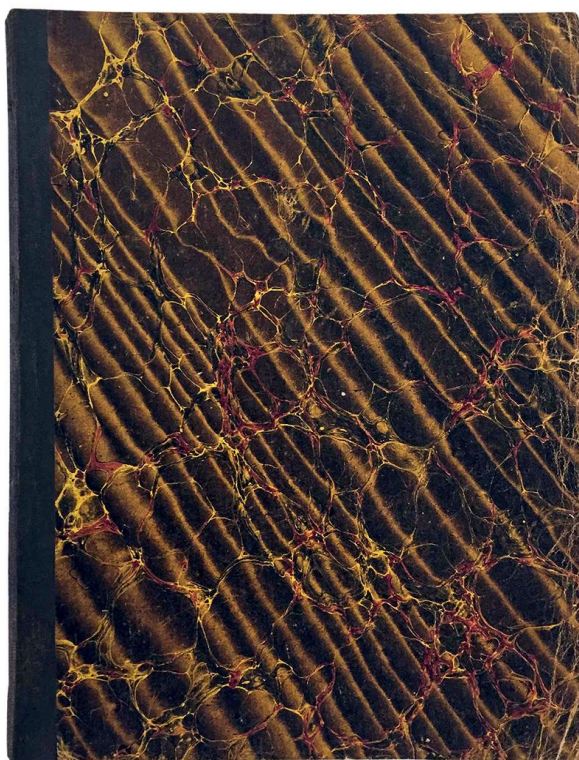
3.1.5 De alfa à ômega, alfabeto grego no caderno da Princesa Imperial

Diferentemente da maioria dos cadernos das Princesas, o de grego (Figura 55), não possui data e também não há menção sobre quem possa ter lecionado a matéria às filhas do soberano. Nem mesmo nos documentos oficiais como o *Livro de Assentamento dos Mestres*

³⁴⁵ Trecho do Caderno de Ditado em Língua Portuguesa da Princesa Isabel nº 8 [Lições de latim]. AGP.

de Sua Majestade o Imperador e Sereníssimas Senhoras Princezas e as Folhas dos Vencimentos dos Mestres da Imperial Família (AN), constam registros do possível professor de grego. Diante desse questionamento, voltei-me para a formação acadêmica dos mestres da Casa Imperial do Brasil e, conforme visto no Capítulo anterior, Candido José de Araújo Viana, o Visconde de Sapucaí, formou-se em Direito no ano de 1821 na Universidade de Coimbra, onde também estudou grego, latim e os clássicos portugueses³⁴⁶, portanto, possuía conhecimento da língua grega. Contudo, nada é encontrado, nas cartas das Princesas, sobre a atuação do mestre Sapucaí na matéria.

Figura 55 - Caderno de Grego da Princesa Isabel - Século XIX



Fonte: Arquivo Grão Pará.

A Figura 55 revela o caderno de língua grega da Princesa Isabel. Trata-se de uma brochura com 316 páginas costuradas e capa estampada, medindo 20,5 cm x 15,0 cm. A contracapa contém uma etiqueta que denuncia o estabelecimento onde o volume foi adquirido: *Ao Livro Verde Olive Irmãos - R. do Imperador, 21. Petropolis*. Em folha não margeada, porém pautada, Isabel, a autora do caderno, escreve com caneta tinteiro nas cores: preta, azul e vermelha e sua caligrafia encontra-se primorosa.

³⁴⁶ ABREU, Cruz. Marquez de Sapucahy. *Álbum Imperial*, São Paulo, n.18, 20 set 1906, p. 2.

Ao abrir o caderno, verifiquei a existência de 216 lições, cada uma delas com dez termos do idioma grego numa espécie de “glossário”, formado com palavras escritas com a primeira letra do alfabeto grego (alfa) até a última letra (ômega) (Figura 56).

Figura 56 - Página do Caderno de Língua Grega da Princesa Isabel - Século XIX

I.	
1. Alpha	Ἄλφα, fait un; prince, augmente, adminire.
2. Adzo	Ἀδζω, j'exhale et j'aspire.
3. Abaze	Ἀβάζ, comptoir, damier, buffets.
4. Habrôs	Ἀβρός, lâche et mou, beau, bien fait.
5. Abrotê	Ἀβρότης, nuit, temps où l'on erre.
6. Agathos	Ἀγαθός, bon, brave à la guerre.
7. Agallo	Ἀγάλλω, pare, orne et polit.
8. Agan	Ἄγαν, trop ou beaucoup se dit.
9. Aganaethos	Ἀγανάκτης, je m'indigne.
10. Agapan	Ἀγαπᾶν, aimer te désigne.
II.	
1. Agão	Ἀγῶν, j'admire en suspects.
2. Aggaroi	Ἀγγάροι, courriers des Persans.
3. Angullo	Ἀγγέλλω, j'annonce nouvelle.
4. Angos	Ἄγος, vase, urne, ou chose telle.
5. Agueirein	Ἀγείρειν, assemble; erre en guery.
6. Aguelê	Ἀγέλη, grand troupeau de bœufs.
7. Aguerôkos	Ἀγέρωκος, fier, intraitable.
8. Haguiôs	Ἄγιος, pur, saint, vénérable.
9. Ankhai	Ἀναί, les bras, Ἐγκανον fait.
10. Ankhiston	Ἀγκίστρον, hamacou, crochets.
III.	
11. Ancôs	Ἄνκος, fond, vallon te figure.
12. Anculê	Ἀγκύλη, dard, coude ou jointure.
13. Anculôs	Ἀγκύλος, aquilon, tortu.
14. Ancura	Ἄγκυρα, l'ancre au bec pointu.
15. Ancôn	Ἀγκών, coude ou chute courbée.

Fonte: Arquivo Grão Pará.

Numa época em que não se podia contar com os aparatos tecnológicos dos dias de hoje, as Princesas, com o auxílio dos mestres, precisavam usar de algum recurso para aprender idiomas e se lembrar da pronúncia e do significado correto das palavras. O método adotado foi dividir o caderno em três colunas, conforme Figura 56: a primeira, em vermelho,

mostra a forma como deviam ser pronunciados os termos da língua grega que figuram na segunda coluna em azul; a terceira coluna, em preto, apresenta as expressões na língua francesa. Logo, para assimilar o vocabulário grego, a Princesa articulava os termos desse idioma com expressões francesas correspondentes e, para não esquecer a pronúncia correta das palavras, escrevia com caneta tinteiro na cor vermelha, a forma exata de como deveria falar determinada palavra ou termo grego.

Ainda determinada a identificar quem havia lecionado grego às Princesas, lembrei-me que D. Pedro II, o pai das Princesas havia estudado grego com o mestre Taunay em 1839 (CALMON, 1938, p. 54-55). Além disso, ao consultar o documento proveniente da pasta *Educação das Filhas*, catalogada no Arquivo Histórico do Museu Imperial, verifiquei que o Imperador estava recebendo lições de grego com o mestre F. Koch na década de 1860, período em que, provavelmente, as Princesas aprenderam o idioma em questão. Abaixo encontram-se informações sobre os dias e horários em que o Imperador estudava grego.

É preciso ir pensando no ensino da química, e daqui a pouco talvez o Paula Cândido deixe alguma lição para estudar do Ganot. **Os dias de Mr. Koch serão ordinariamente nos domingos e 2^{as}, entre 5 e 7, e nos domingos poder-se-á estender mais, começando também mais tarde se eu tiver de sair.** 3^a é toda de audiência em que me procura mais gente, 4^a e sábado terei agora despacho à tarde e 6^a de 15 em 15 dias instituto, quando o não haja não é tão certo como nos domingos e 2^{as} que eu possa dispor das tardes. **Em todo o caso avisarei Mr. Koch de véspera.**³⁴⁷

No documento acima, D. Pedro II refere-se ao ensino de química e também ao de física, ministrado às Princesas pelo mestre Francisco Paula Candido. A anotação seguinte, volta-se para sua agenda pessoal, estabelecendo que, aos domingos e às segundas-feiras teria lições com F. Koch, o mestre de grego. Essa informação me fez pensar na possibilidade de o mestre ter ensinado o idioma também a Isabel e Leopoldina, mas nada foi encontrado em suas cartas e nem nas correspondências trocadas entre o mestre e D. Pedro II nos anos de 1871 e 1872³⁴⁸. Diante da falta de informação sobre o assunto, procurei pelos diários do Imperador, nos quais encontrei os seguintes apontamentos relativos ao idioma grego.

5 de janeiro de 1862

Pretendo distribuir assim o tempo. **Acordar às 6, e até às 7 grego ou hebraico; passeio até 8 ou 8 ½, e desde então até 10 grego ou hebraico.** 10h almoço. De meio-dia às 4 exceto 3^{as} e 5^{as} em que será até às 3, exame de negócios, ou estudo. Jantar, e às 5 ½ passeio. Das 9 às 11 escrita deste livro; depois dormir. [...]

³⁴⁷ Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo - Maço 29 - Doc. 1038 - Papeis relativos à educação das Princesas. 12 páginas de texto, algumas por letra de D. Pedro II. [Grifo meu].

³⁴⁸ Museu Imperial Ibram/Ministério do Turismo - POB - Maço 160 - Doc. 7439 e Maço 162 - Doc. 7480 Cartas de F. Koch a D. Pedro II (1871 -1872).

18 de Junho de 1862

[...] Fui à oficina de impressão e encadernação de E. e H Laemmert na Rua dos Inválidos. Tem 100 e tantos trabalhadores. Vi-os trabalhando todos na mesma divisão da casa, afora dois pequenos quartos pertencentes à repartição da estereotipia. Há máquinas muito curiosas. **Não há para a impressão de livros gregos, e apenas para notas;** e sinais em letras gregas. A oficina de estereotipia é digna de exame cuidadoso. Depois de pronta a página em tipos ordinários, imprimem-na em um cartão feito de 6 folhas de papel de escrita, e este molde pode servir até 10 vezes sem se estragar, para se tirarem chapas estereotípicas de chumbos, que dão até 150 mil impressões. [...]

10 de novembro de 1862 – Parti para o Colégio de Pedro 2º (Externato) e Abrantes ficou de levar lá os decretos. Já o encontrei no colégio [...] **fui para os exames de grego.** Os orais correram melhor que os de latim, distinguindo-se sobre todos o Mayrinck e respondendo pior de todos Eduardo Pereira Rego, o filho de J^e. F^{co}. Diogo lhe foi superior. Ainda mais senti a necessidade das gramáticas serem organizadas pelas mesmas doutrinas na parte comum.³⁴⁹

Nos fragmentos acima, D. Pedro II demonstra grande interesse pela língua grega. Em janeiro de 1862, por exemplo, anotou os horários em que estudaria não só grego, mas também hebraico. Cinco meses depois, visitou a oficina *E. e H Laemmert* na Rua dos Inválidos, no centro do Rio de Janeiro. Lá, obteve informações sobre a tipografia mostrando-se um tanto desapontado por não realizarem impressão de livros gregos. E, por último, já em novembro do mesmo ano, compareceu ao Colégio Pedro II para participar dos exames de grego e de latim, avaliando os alunos, os quais conhecia pelo nome, colocando-se como um verdadeiro professor, ou melhor, um monarca-educador. A partir do grande envolvimento do Imperador com a língua grega, acredito que ele próprio também tenha lecionado o conteúdo a suas filhas, ainda que elas tivessem um mestre específico para o idioma. Principalmente porque o conhecimento da língua grega facilita o contato com estudos linguísticos e com fontes originais da matemática e das ciências, visto que, ter domínio sobre essas áreas, possibilita maior desenvoltura em atividades intelectuais, contribuindo para a atuação de futuras soberanas.

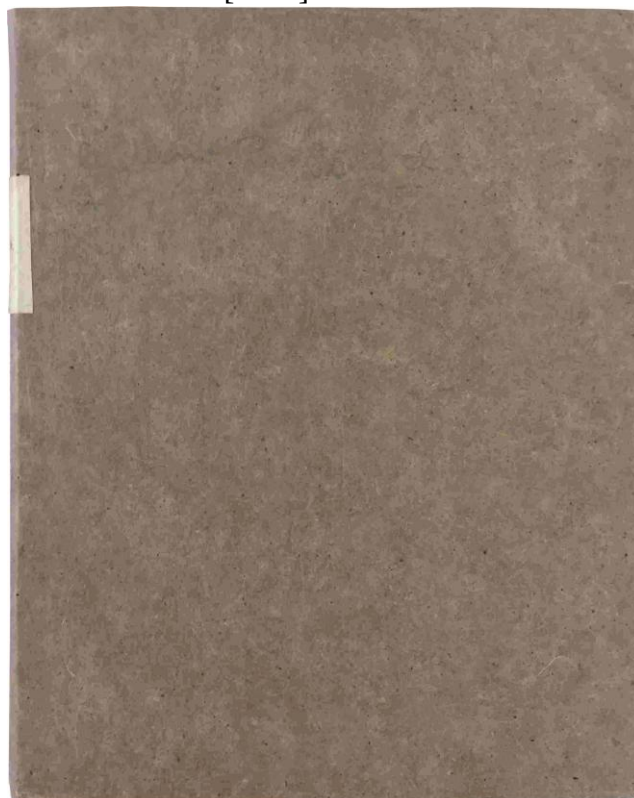
3.1.6 “Começaram as lições de italiano”

No dia 13 de outubro de 1863, D. Teresa Cristina escreveu em seu diário: “começaram as lições de italiano”. Sem dúvida, esse foi um grande dia para a Imperatriz do Brasil, finalmente suas filhas aprenderiam o que podemos chamar de língua materna, no entendimento da mãe das Princesas que nasceu em Nápoles, região da Itália que, na época, ainda se encontrava em processo de unificação. O mestre responsável por lecionar o idioma

³⁴⁹ Museu Imperial/Ibram /Ministério do Turismo - POB - Maço 37 Doc. 1057. Diário do Imperador D. Pedro II – Caderneta 9 - 5 de janeiro, 18 de junho e 10 de novembro de 1862. [Grifo meu].

foi Luís Vivente de Simoni, um nativo que adotou o uso do caderno, cujo objeto da cultura escrita pode ser contemplado por meio da Figura 57.

Figura 57 - Caderno de Língua Italiana da Princesa Isabel - [1863]



Fonte: Arquivo Grão Pará.

Como a maior parte dos cadernos das Princesas, o de italiano é constituído por um conjunto de folhas pautadas, de capa dura encapada costurada e dimensão de 22,5 cm x 18,5 cm. Possui 116 páginas, destas 82 estão escritas e 36 em branco, todas sem o registro de data, mas acredito que sejam de 1863, ano da chegada do mestre ao Palácio. Em virtude de haver poucas cartas das Princesas relativas aos anos de 1863 e 1864, não foi possível identificar quais eram os dias e horários das lições, nem quais as impressões sobre as mesmas. Todavia, quanto ao rendimento das aulas, existem registros em boletins de Isabel referentes aos anos de 1863 e de 1864 e as notas obtidas foram AB e TB, respectivamente, mas não foram encontrados boletins de Leopoldina nos anos em que a matéria foi lecionada às Princesas.

Durante a pesquisa, o encontro com o caderno de italiano da Princesa Imperial possibilitou o conhecimento de parte da metodologia de ensino aplicada pelo professor durante as lições. As primeiras páginas apresentam uma série de frases numeradas, divididas por temas, alguns mostram, inclusive, valores morais da época. Nas páginas seguintes, há

referências à Roma Antiga e a personalidades, como Homero³⁵⁰ e Petrarca³⁵¹. Em seguida, os textos tornam-se mais extensos, complexos e, alguns deles, aparentemente, foram ditados pelo mestre, que fez várias correções ortográficas. Abaixo, encontram-se transcritas e traduzidas para a língua portuguesa, algumas das lições de italiano ministradas por De Simoni:

Tema III

A fisionomia é o espelho da alma.

O silêncio do espírito é o auge da felicidade.

O herói triunfa sobre seus inimigos, o grande homem triunfa sobre seus inimigos e sobre si mesmo.

A verdade é preferível à riqueza, a amizade ao dinheiro e a utilidade aos prazeres.

O interesse, o prazer e a glória são os três motivos das ações e da conduta dos homens.

A educação é do espírito o que é a limpeza para o corpo.

A hipocrisia é um tributo que o vício devolve à verdade.

Da uniformidade vem o tédio, do tédio a reflexão e da reflexão o nojo da vida.

A sabedoria de Sócrates e o valor de Aquiles são (famosos) nas obras de poetas e historiadores.

Os homens não são constantes nem no amor nem no ódio; eles não são constantes nem na inconstância.

Há uma eloquência nos olhos e (no ar) da pessoa que não convence menos do que a palavra.

O homem deve passar a primeira parte de sua vida com os mortos, a segunda com os vivos, a última com ele mesmo.³⁵²

As frases do “Tema III” fazem referências às ações de homens como Sócrates³⁵³ e Aquiles³⁵⁴, ressaltam atributos como a sabedoria do primeiro (extrinsecamente) e a força do segundo (intrinsecamente). Trazem reflexões filosóficas sobre o comportamento humano

³⁵⁰ Homero, poeta grego (850 a.C.). Autor de *Ilíada* e *Odisséia*, consideradas duas das maiores obras da Antiguidade. Cf. HOMERO. Disponível em: <<https://www.sohistoria.com.br/biografias/homero/>>. Acesso em: 23 nov. 2019.

³⁵¹ Francesco Petrarca (1304 -1374) foi um poeta italiano, precursor do Renascimento Cultural, inventor do soneto, poema com 14 versos, ficando conhecido como o pai do Humanismo Italiano. Cf. FRANCESCO PETRARCA – E-BIOGRAFIA. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/francesco_petrarca/>. Acesso em: 23 nov. 2019.

³⁵² A tradução da língua estrangeira é: *La fisionomia e' lo specchio dell'anima. La quiete dello spirito e' il colmo dela felicità'. L'eroe trionfa dei nemici, il grande uomo trionfa dei nemici e di se'. La verita' e' preferibile ala ricchezza, l'amicizia al denaro e l'utilità ai piaceri. L'interesse, il piacere e la gloria sono I tre motivi dele azioni e dela condotta degli uomini. L'educazione e' dello spirito cio' che la pulizia e' al corpo. L'ipocrisia e' un omaggio che il vizio rende alla verita'. Dalla uniformità nasce la noia, dalla noia la riflessione e dalla riflessione il disgusto dela vita. La saggezza di Socrate ed il valore di Achilles sono (celebri) nelle opere dei poeti e degli storici. Gli uomini non sono costanti ne nell'amore, ne nell'odio; non sono costanti che nell'incostanza. Vi e' un'eloquenza negli occhi e (nell'aria) della persona che non persuade meno di quella della parola. L'uomo deve passar la prima parte dela vita con i morti, la seconda con I vivi, l'ultima con se' stesso.* AGP - Trecho do Caderno de Língua Italiana da Princesa Isabel nº 13 - Arquivo Grão Pará. Original em italiano com tradução de Carlo Pagani.

³⁵³ Sócrates nasceu em 470/469 a.C. em Atenas, na Grécia Antiga. Serviu ao exército ateniense durante três temporadas. Depois que se aposentou, passou a exercer os dons pelos quais é mais conhecido: o de educador e de filósofo. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/biografia/socrates-biografia.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2019.

³⁵⁴ Aquiles é considerado herói da mitologia grega, um dos participantes da Guerra de Troia e maior guerreiro da *Ilíada* de Homero. Cf. SÓCRATES – BIOGRAFIA. Disponível em: <<https://www.suapesquisa.com/pesquisa/aquiles.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2019.

valorizando a paz de espírito, o silêncio, a superação de obstáculos advindos do “eu” interior, a verdade, a amizade, a utilidade, a educação e a sabedoria. Despertam para os contravalores, ou seja, aquilo que é considerado sem valor, como a hipocrisia e o vício. Chamam a atenção para “os três motivos das ações e da conduta dos homens: o interesse, o prazer e a glória”. Destacam a inconstância dos homens seja no ódio, seja no amor. Alertam para a verdade e a mentira perceptíveis por meio do olhar. E ainda, concluem demonstrando que o homem devia passar a primeira parte de sua vida, a infância, com os mortos, sugerindo, talvez, que aprendesse com os erros e acertos daqueles que já se foram para a segunda parte da vida, a maturidade, para colocar em prática o aprendizado obtido, e, finalmente, na terceira parte de sua vida, a velhice, passar consigo mesmo, no sentido de refletir e se aceitar independente de erros e acertos presentes em sua trajetória.

As lições de italiano proporcionadas às Princesas eram apreendidas por meio de textos filosóficos, com princípios que lhes dessem base às relações sociais futuras no meio político, contribuição desse mestre para a formação do caráter das duas. Com relação à exaltação de Sócrates e de Aquiles, aparentemente, De Simoni tentou mostrar às alunas a importância da força física e da força racional para que obtivessem o reconhecimento e o respeito num meio político majoritariamente masculino, levando-nos a pensar que, como as meninas não eram dotadas de força bruta, deveriam se sobressair intelectualmente, além de construir um escudo contra os muito prováveis ataques e questionamentos aos seus possíveis governos. A arte de governar exige equilíbrio emocional, habilidade para lidar com situações adversas, poder de articulação com os pares e estratégia política. Diante disso, vemos que os ensinamentos do mestre estavam muito além do aprendizado da língua italiana, preparava-as também para os grandes embates da vida como mulher e como Imperatriz.

3.1.7 “Então eu vi-me obrigada a fazer *dictée* alemão”

Minha querida Isabel Recebi sua cartinha que me fez m^{to} prazer. Quanto a dizer á minha saúde aneio que tenha tido febre todos estes dias mas ella há de passar quando não for mais massada. Como talvez lhe dissesse na m^a carta de hontem as soreé tem-se formado uma escola. Hontem eu já chorei quando Papae quis que se fizesse dictée eu perguntei a elle se eu podia não fazer dicteé hontem elle me disse que sim mas que Augusto ia dictar alemão. O que he que isto me adiantava, nada. Então eu vi-me obrigada a fazer dictée então ficando

triste Mamãe começou a dizer Léopoldine pleure. Voce sabe bem que quando uma pessoa tem vontade de chorar e lhe dizem que Ella chora isto ainda dá mais vontade. Depois Mamãe esta perpetuamente dizendo que eu tenho ciúmes da amizade que Ella tem a elle. Diz tambem que eu não quero fazer prazer a elle. Como! eu! Que gosto tanto d'elle! A minha vontade é só de agradar a elle. Elle gosta tambem mto de mim. Nos ainda não pudemos fallar-dos nossos negócios. Esta cartinha é uma verdadeira lenga lenga mais você bem sabe que depois de Augusto é condessa e você em que posso ter mais vontade de contar mas misérias. Lá vam os livros que você me mandou pedir. [...] Tomára já ir para Petrópolis para que Augusto possa se divertir um pouco caçando e passeando, coitado até agora elle tem estado condemnado a ficar sosinho n'aquelle immenso palácio da cidade. [...] As saudades Sam muitas. Adeus ma querida Isabel saudades a Gaston. Sua amiga e irmã Leopoldina. Todos lhe beijam a mão Lembranças ao General Barão e Baroneza de Lages".³⁵⁵

Na carta acima, Leopoldina escreve à Isabel, muito provavelmente entre o final de outubro e início do mês de novembro de 1864, quando a Princesa Imperial se encontrava em *lua de mel*. A correspondência tem um motivo especial: desabafar com a irmã mais velha que havia partido em viagem após casamento com o Príncipe Luis Felipe Maria Fernando Gastão de Orléans, o Conde d'Eu. A principal queixa de Leopoldina era ter a obrigação de em plena *soirée* – horário noturno de encontro e lazer – fazer lição de *dictée* (ditado) alemão com o noivo, o Príncipe Luís Augusto Maria Eudes, Duque de Saxe-Coburgo-Gotha.

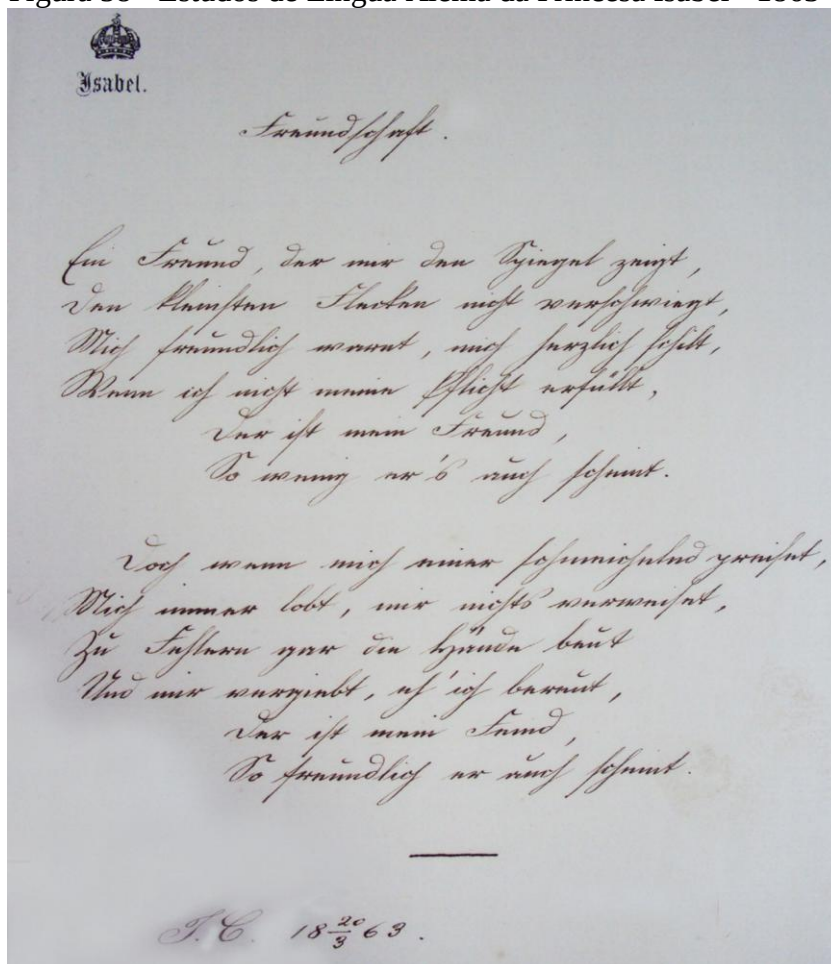
Na missiva, a filha caçula do soberano relata que o estudo se daria entre ela e o pai, mas, após sua reclamação, D. Pedro II acabou dispensando-a e transferindo ao noivo a incumbência de ditar alemão, o que deixou Leopoldina extremamente aborrecida. O comportamento da Princesa é perfeitamente concebível, já que estava a algumas semanas de seu casamento, era natural que desejasse desfrutar dos raros instantes de lazer para conhecer melhor o noivo, sem ter a obrigação de transformar esses momentos em “escola”. O que a mesma não conseguia entender era que o pai deveria incentivá-la aos estudos da língua alemã, afinal, no mês seguinte, se casaria com um Príncipe de família austríaca que falava o idioma

³⁵⁵ AGP - XLVIII - 2 - Carta da Princesa Leopoldina à Princesa Isabel [São Cristóvão, novembro de 1864]. Arquivo Grão Pará. [Grifo meu].

em questão. Assim, o aprendizado da língua alemã serviria para introduzi-la ao círculo social que a aguardava na Europa após contrair o matrimônio.

E quando começaram os estudos de alemão fornecido às Princesas, cujas lições pareciam entediar profundamente a filha caçula do Imperador? É difícil precisar a informação, até porque, Guilherme Shulze³⁵⁶, o mestre da matéria, foi contratado em dezembro de 1860, colocando-se a serviço da Casa Imperial até dezembro de 1864, quando finda a instrução formal da segunda filha de D. Pedro II. No entanto, somente foram encontrados registros do aprendizado da língua alemã entre os anos de 1862 e 1864 como esse que pode ser contemplado por meio da Figura 58.

Figura 58 - Estudos de Língua Alemã da Princesa Isabel - 1863



Fonte: Arquivo Grão Pará.³⁵⁷

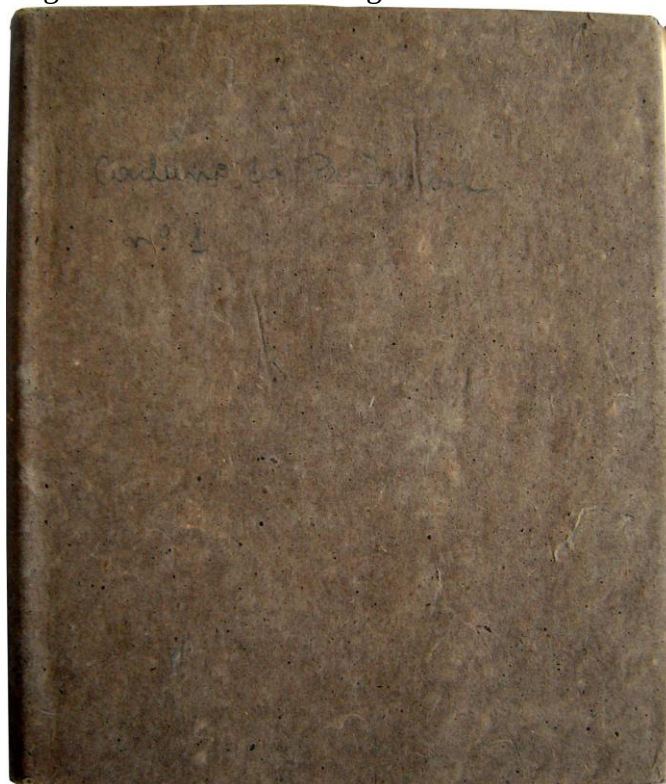
³⁵⁶ O mestre assinava os cadernos de alemão da Princesa Isabel como Wilhelm L. Shulze, mas provavelmente se naturalizou adotando Guilherme Shulze, nome com o qual foi contratado pela Casa Imperial e registrado no Livro de Assentamento dos Mestres de Sua Majestade o Imperador e Sereníssimas Senhoras Princezas - 1833-64. Arquivo Nacional - Mordomia da Casa Imperial - Códice 01 - Volume 81.

³⁵⁷ Não foi possível encontrar profissionais que traduzissem por completo o texto, devido a difícil caligrafia, somente o título e algumas palavras soltas. Desse modo, trabalhei com textos presentes no caderno e já traduzidos pela Princesa Imperial do idioma alemão para a língua portuguesa.

A Figura 58, é a digitalização de um documento catalogado no AGP como *Estudos de língua alemã*, no entanto, percebo que na verdade, trata-se de um texto escrito em idioma alemão, ou seja, é a representação material do aprendizado da língua alemã realizada pela Princesa Isabel no ano de 1863. Provavelmente o estudo caprichado tinha a função de demonstrar seus conhecimentos no idioma alemão a algum ente querido, já que, trata-se de um poema com o título *Freundschaft* (amizade). Na época em que escreveu, a Princesa Imperial tinha 16 anos, idade em que é comum o interesse pela escrita e troca de poesias. Há ainda cartas enviadas por Isabel ao pai no ano de 1862, inicialmente em língua portuguesa e, em seguida, no idioma alemão, e o papel utilizado assemelha-se ao da Figura 58, no qual consta impresso o monograma com o símbolo da Coroa Imperial do Brasil encimando o nome *Isabel*.

Dentre os materiais das Princesas com estudos da língua alemã conservados no Arquivo Grão Pará destaca-se o caderno nº 1, Figura 59.

Figura 59 - Caderno de Língua Alemã - 1862-1864



Fonte: Arquivo Grão Pará.

O caderno de língua alemã da Princesa Isabel constitui-se por um conjunto de 196 folhas costuradas, pautadas, de capa dura encapada com dimensão de 22,0 x 18,0 cm. Ao folhear suas páginas visualiza-se a marca d'água do fabricante, *PIRIE 1858* representada por brasão, exibindo em suas primeiras páginas caligrafia com caneta tinteiro preta margeada à

esquerda. A escrita é constituída por frases em língua portuguesa, seguidas por outras em língua alemã e, também, verbos conjugados em várias temporalidades. Com o passar das folhas e do tempo, as frases tornam-se diálogos divididos por *Themas*. Num dos diálogos, Isabel afirma aprender francês desde os quatro anos, informação que se for verdadeira explica seu domínio do idioma.

As lições de alemão eram avaliadas pelo mestre Shulze que se preocupava em datar e assinar ao final das lições, que aconteciam duas vezes por semana no Paço de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, ou no Paço Imperial de Petrópolis se lá as Princesas estivessem. Vejamos alguns trechos em língua portuguesa encontrados no caderno de língua alemã e efetuados por Isabel em maio de 1862:

- O que fazes tu meu amigo?
- Eu copio o meu thema.
- Se tu tiveres apprendido seu thema, eu te darei uma agradável nova [lição].
- A nova[lição], que vós me deu, é muito agradável.
- Eu te a teria dado mais cedo, se tu tivesse estado mais applicado [...].

Os estudantes applicados são louvados e amados por todo mundo, e os preguiçosos são censurados por seus pais e Mestres [...].³⁵⁸

Nos diálogos acima, referentes aos Temas 32 e 34, Isabel é incentivada a estudar, afinal, “estudantes aplicados eram amados por todos e os preguiçosos censurados”. Ainda folheando o caderno de língua alemã, verifiquei a existência de colunas com palavras na língua alemã traduzidas para a língua francesa, assim, aprendiam os dois idiomas ao mesmo tempo. Ao longo das páginas são visualizados textos em alemão divididos em capítulos, mas, o que chama a atenção no caderno é o fato de ter sido escrito no período entre 1 de abril de 1862 e 14 de outubro de 1864, sendo consumido até o fim. A última página sustenta a décima oitava lição efetuada às vésperas do casamento de Isabel, o que mostra sua responsabilidade para com o estudo de línguas até mesmo no último instante do término oficial de sua instrução.

Ao final da formação educacional, Isabel se casou com o Conde D’Eu e realizou sua viagem de *lua de mel* à Europa em 1865, o que se caracterizou também como uma viagem diplomática e cultural ao Velho Mundo, na qual foi apresentada à várias famílias reinantes do período. Em seu caderno-diário de viagem, a Princesa anotou a pedido de D. Pedro II, parte do vivido no percurso, assim como as apropriações educacionais por ela efetuadas. A pena da Princesa Imperial registrou o que seu olhar estrangeiro conseguiu captar e, enquanto apontava suas novas descobertas por meio de textos e desenhos, lembrava-se com saudades dos mestres

³⁵⁸ Trecho do Caderno com Exercícios de Ortografia Portuguesa e Alemã da Princesa Isabel nº 1. AGP.

e de seus ensinamentos. Afinal, o mundo antes conhecido por meio de livros e cadernos descortinava-se bem diante de seus olhos, provocando tamanha emoção e sentimento de gratidão por tudo o que havia apreendido e que agora conseguia compreender, principalmente por dominar o conhecimento das línguas. Foi nesta ocasião em que pôde conversar diplomaticamente com a Rainha Vitória da Inglaterra. Assim, registrou uma mensagem de agradecimento ao pai: “Oh! Quanto lhe agradeço no meu interior de me ter ensinado e de me ter dado mestres de modo que agora compreendo a maior parte das coisas que vejo, ainda que ignore muito”.³⁵⁹

O estudo das línguas foi proporcionado às Princesas a partir do ensino das primeiras letras que ocorreu na “casa” com o soberano, mas com o passar do tempo ele contratou mestres e os procedimentos adotados foram escrita e leitura de textos políticos e religiosos, seguidos por tradução de livros da antiguidade clássica, uma prática da educação humanística, o que requisitou o conhecimento de várias línguas. Entretanto, o estudo de idiomas proporcionado às Princesas estava muito além da aprendizagem de determinada língua, D. Pedro II e os mestres de línguas souberam utilizar as lições de forma a abordar mais de uma área do saber, tornando o tempo destinado aos ensinamentos mais proveitoso e menos maçante para as alunas. Por fim, acredito que cada idioma ensinado foi escolhido com uma determinada motivação, tendo em pauta as circunstâncias da época, mas indubitavelmente, muito mais desse objetivo foi alcançado pelas meninas, tornando-as pessoas mais compreensíveis e capacitadas para o exercício da diplomacia indispensável a todo governante.

³⁵⁹ Trecho do caderno-diário de viagem da Princesa Isabel nº 20. AGP.

4 “ESTUDEI MINHAS LIÇÕES”: DAS ARTES À ECONOMIA POLÍTICA, CONHECIMENTOS E ORIENTAÇÕES PARA GOVERNAR

Figura 60 - Pássaro - Desenho da Princesa Isabel
- Século XIX



Fonte: Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/ nº44/2019.

A Figura 60 é um desenho da Princesa Isabel composto por um pássaro com penas coloridas sobre um galho com folhas verdes. Esse pássaro foi copiado da obra *Histoire naturelle des oiseaux - Natural History of Birds*,³⁶⁰ publicada em Paris no ano de 1853. O estudo oferecido à Princesa Imperial, por meio da cópia do desenho acima, tem uma perspectiva integrada, pois não se prende a uma só matéria, mas se volta tanto para desenho, quanto para a zoologia. Gláucia Trinchão (2012, p. 88) destaca que “a inter-relação entre determinados saberes pareceu ser o segredo do novo sistema de instrução que se inseria no oitocentos”. A autora reconhece nesse período o desenho como um conhecimento que esteve subordinado à matemática, à geometria, e intimamente ligado à leitura e à escrita.

Durante toda sua vida, D. Pedro II voltou-se para as ciências, as letras e as artes, então, é compreensível que suas filhas também fossem incentivadas a desenvolver o gosto e a aptidão artística sob orientação de seus mestres. Até porque, a apresentação nos salões da Corte fazia parte da boa educação no oitocentos. Nesse espaço, alinhavam-se várias artes: “a de receber

³⁶⁰ Conforme pesquisas de Neibe Cristina Machado, arquivista do Museu Imperial até o ano de 2014.

ou preparar um ambiente de cordialidade e espírito; a de entreter a palestra ou cultivar o humor; dançar uma valsa ou cantar uma ária (melodia), declamar ou inspirar versos, criticar com graça e sem maledicência, realçar a beleza feminina...” (PINHO, 1942, p. 7). Esses encontros culturais tornavam-se muitas vezes palco da oratória e bastidores de grandes decisões políticas que ali se delineavam tomando corpo e escrita nas sessões da Câmara dos Deputados e no Senado Imperial. O contato de futuras governantes com tais manifestações, tanto artísticas quanto diplomáticas, seria uma forma de inseri-las e prepará-las para esse ambiente, no qual se destilavam negociação e festa.

Uma das bases fundamentais da educação humanística é justamente o discurso do orador, a “retórica, moral ou política” exercitada pela leitura e explicação de textos antigos, em contato com saberes não só literários, mas também geográficos, históricos, etnológicos, botânicos, zoológicos e até mesmo, mineralógicos (BRUTER, 2005, p.12). Essa formação humanística tão presente nos liceus franceses e nos colégios jesuítas entre os séculos XVI e XIX, visava formar indivíduos da “elite social, capacitando-os por meio do domínio da linguagem e da eloquência, a fim de serem capazes de administrar negócios públicos e privados, dirigir cidades, influir nos conselhos da cidade e na reformulação das leis e da justiça. Logo, “as Humanidades Clássicas apresentam-se não somente como ‘estudos’, mas como educação do indivíduo, do espírito, da inteligência, da alma” (CHERVEL; COMPÈRE, 1999, p. 152).

Este capítulo toma como foco a educação das Princesas, cuja formação é fundamentada em preceitos humanísticos conforme visto no capítulo anterior. Terei como fontes, as lições constantes em seus cadernos de artes, história, geografia e economia política. São investigados os conteúdos presentes em textos, exercícios, anotações, rabiscos, indagações, reprimendas e correções realizados com a finalidade de formar duas mulheres educadas para governar.

4.1 Lições de artes: o desenhar de soberanas

No Brasil, a arte recebeu influência da *Missão Artística Francesa*, que veio ao país no ano de 1816, numa perspectiva de associar o “neoclassicismo ao mercantilismo” o que favoreceu, a visão sobre o ensino do desenho ligado à industrialização, e não só às Belas Artes. O ensino de arte nas instituições educacionais oitocentistas tem suas origens nas transformações ocorridas no mundo a partir do Iluminismo e do desenvolvimento do pensamento científico (SILVA; MOREIRA, 2013, p. 6).

No contexto internacional, a Revolução Industrial sublinhou a importância da educação escolar para as populações, exigindo “profissionais com a capacidade de

compreender instruções escritas, desenhos e esquemas, além de criar produtos nos diferentes campos de atuação, tornando, desse modo, os desenhistas necessários nas fábricas” (EFLAND apud SILVA; MOREIRA, 2013, p. 6).

O ensino de arte no Colégio Pedro II, teve início desde a inauguração no ano de 1837, sob a forma do ensino do desenho, inserindo-se no que havia “de mais moderno no pensamento educacional mundial, ligado à inauguração de grandes Liceus de ensino secundário e ao ensino da arte” (SILVA; MOREIRA, 2013, p. 7). Quase duas décadas depois, no mesmo período em que Isabel e Leopoldina estavam sendo formadas, o Decreto nº 1.556, de 17 de fevereiro de 1855, estabeleceu algumas alterações no ensino de arte promovido por essa Instituição, vejamos:

Art. 7º O ensino da dança, e os exercicios gymnasticos terão lugar durante as horas da recreação. O da musica e o do desenho serão dados nas quintas-feiras, quando forem feriados. Os respectivos Professores dividirão os seus discipulos em turmas, que possão dar alternadamente as lições das referidas artes. Os ditos Professores serão obrigados a leccionar quatro horas entre a manhã e a tarde.³⁶¹

Nos próximos parágrafos, o leitor terá contato com aspectos do ensino de arte propiciado à Isabel e sua irmã, no que se refere ao desenho, à pintura e ao teatro. As principais fontes utilizadas originam-se dos próprios cadernos de lições. Os desenhos e pinturas selecionados para a análise são compreendidos como artes visuais, ensinados em aulas ministradas por Marianno José de Almeida, formado pela Academia Imperial de Belas Artes (AIBA), enquanto que as lições de teatro eram proporcionadas por Luísa, a preceptora que desfrutava de formação francesa clássica.

4.1.1 Desenhos e pinturas: “uma vez que se expõe alguma coisa, é melhor expor uma coisa bem feita e feita só pela pessoa”

Veio cá hoje o Victor de Meirelles para nos convidar a ir às Belas Artes e me pedir que expusesse algumas das minhas pinturas, este ano havendo muitas de amadoras. Se Papai não acha isso mau, eu lhe pediria que mandasse pelo portador desta carta *Os Cães de Caça* e a *Paisagem escocesa* que lhe fiz. **Uma vez que se expõe alguma coisa, é melhor expor uma coisa bem feita e feita só pela pessoa.** O que trará os quadros terá muito cuidado em os não estragar. Mande-os embrulhar num pano.³⁶²

³⁶¹ Decreto nº 1.556, de 17 de fevereiro de 1855.

³⁶² AGP - XLI-3 - Carta da Princesa Isabel a D. Pedro II. Laranjeiras 4 de junho de 1867. Arquivo Grão Pará.

Em carta enviada a D. Pedro II em junho de 1867, Isabel informa o convite recebido de seu mestre de pintura Victor Meirelles³⁶³, o qual, reconhece as habilidades artísticas de sua aluna propondo que apresente suas obras na *XIX Exposição Geral da Academia Imperial de Belas Artes de 1867*. De acordo com Argon (2009), a Princesa Imperial enviou anonimamente a essa exposição dois quadros e um desenho: *Paisagem da Escócia*, *Cães de Caça* e *O Acordar*.³⁶⁴ No entanto, a comissão julgadora dos quadros expostos na Academia Imperial de Belas Artes, isentou-se da análise das obras por acreditar que Isabel havia recebido colaboração do mestre na produção das mesmas, o que a correspondência íntima acima, escrita antes do evento, contraria veementemente.

Isabel e Leopoldina receberam lições de desenho e pintura durante o período de educação formal, conhecimentos que colaboraram para que a filha mais velha de D. Pedro II fosse convidada a expor suas obras, o que fez com segurança de acordo a epístola citada acima. As lições de desenho e pintura aconteciam no Paço de São Cristóvão e no Palácio Imperial de Petrópolis. No ano de 1862, as aulas foram ministradas pelo mestre Marianno às segundas e quartas-feiras, de 12h até 14h e aos sábados de 20h às 21h. Entende-se com isso que, quase 10% do tempo era ocupado com as lições de desenho e pintura, ou seja, com as artes visuais. Um período consideravelmente extenso se compararmos à distribuição do tempo para as demais matérias ensinadas.

A Princesa Imperial parece ter se identificado com a arte de desenhar e pintar, já que, passados três anos do término de sua instrução formal, continuava a colocar em prática seus dons artísticos, mas dessa vez sob orientação do mestre Victor Meirelles.

O Quadro 14, na página seguinte, traz a lista de desenhos e pinturas das Princesas analisados neste estudo, ordenados conforme data de criação dos mesmos sob orientação do mestre Marianno, fato ocorrido entre os anos de 1862-1864, ainda no período de formação educacional de Leopoldina e Isabel.

³⁶³ Victor Meirelles de Lima (SC/1832 - RJ/1903) filho de Antônio Meirelles de Lima e Maria da Conceição. Pintor, desenhista e professor, iniciou sua trajetória pintando paisagens da cidade. Frequentou a Academia Imperial de Belas Artes, no Rio de Janeiro e aos vinte anos, recebeu o Prêmio Especial de Viagem à Europa. Entre os anos de 1853 a 1861, viveu na Itália e em seguida na França, onde se dedicou ao trabalho e ao estudo. Foi professor da Academia Imperial de Belas Artes, na qual ensinou pintura histórica, e professor do Liceu de Artes e Ofícios, no Rio de Janeiro. Em 1865 foi convidado a ser mestre de Pintura da Princesa Isabel. Victor Meirelles deixou um admirável acervo, esboços, estudos em papel e óleos sobre tela. Para maiores informações ver: (TURAZZI, 2009).

³⁶⁴ Todas constam no catálogo da exposição sob os números 120, 121, e 122 da Seção Geral (Apêndice) - Sem nome de autor. (ARGON In: TURAZZI, 2009).

Quadro 14 - Desenhos das Princesas - 1862-1864

Desenho/ Pintura	Autor	Técnica	Gramatura	Título/data	Dimensão (cm)	Código
	Princesa Leopoldina	Desenho a lápis	250 g/m²	Paisagem Campestre 19/10/1862	28,8 x 40,8	MI-279
	Princesa Isabel	Desenho a lápis	250 g/m²	"L' Innocente Prière" 24/01/1864	35,2 x 25,4	MI-263
	[Mestre Marianno]	Desenho a crayon	250 g/m²	Busto Infantil Século XIX	50 x 35	MI-253
	Princesa Leopoldina	Desenho a lápis	100 g/m²	Busto Infantil 31/01/1864	42,2 x 31,2	MI-281
	Princesa Isabel	Desenho a lápis	250 g/m²	Madona da Cadeira 14/03/1864	50,3 x 31,6	MI-254
	Princesa Isabel	Desenho a lápis	250 g/m²	Braço Feminino 14/03/1864	50,3 x 31,6	MI-252
	Princesa Isabel	Desenho a lápis	250 g/m²	Braço Feminino - 03/07/1864	52,6x36,4	MI-55
	Princesa Isabel	Desenho - aquarela	300 g/m²	Rosas Século XIX	36,5 x 27,9	MI-262
	Princesa Isabel	Desenho a lápis	250 g/m²	"Mulher ao piano" 22/06/1864	54,5 x 36	MI-251

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

Num universo de aproximadamente 64 desenhos e pinturas efetuados por Isabel e Leopoldina no período de 1857 a 1868, foram selecionados 9, relativos aos anos de 1862 e 1864, constantes no Quadro 14. O fato de existirem desenhos das Princesas após o término das lições ministradas pelo mestre Marianno (1864) confirma que continuaram a desenhar e pintar com outros mestres, o que não será abordado nesta pesquisa.

Os desenhos e pinturas escolhidos pertencentes ao Arquivo Grão Pará e ao Arquivo Histórico do Museu Imperial, a escolha priorizou as diferenças e as especificidades de cada desenho, cujo objetivo é expor modelos com técnicas e conteúdos variados. Dentre os eleitos, seis pertencem a Princesa Isabel, dois à Princesa Leopoldina, e um, supostamente, foi produzido pelo mestre Marianno.

O material de pintura “era adquirido nos estabelecimentos de Gaspar & Carneiro, no Rio de Janeiro, e na casa de Clifford, em Londres” (ARGON, 2009, p. 107). A maioria dos desenhos e pinturas selecionados foram identificados pela pesquisadora com títulos de acordo com suas representações, os demais foram nomeados conforme a catalogação no arquivo. A dimensão dos desenhos selecionados varia entre 28 e 54 centímetros. A técnica empregada compreende lápis e aquarela nos desenhos das Princesas e *crayon* no conjecturado desenho do mestre. As cores do papel, em maior quantidade cinza, marfim e ocre, respectivamente. A textura é geralmente lisa e a gramatura³⁶⁵ varia entre 100g/m² e 300g/m², aproximadamente.

Para explorar e interpretar os desenhos selecionados tornou-se necessário aplicar o método indiciário de Ginzburg (1989), que instiga o pesquisador a examinar pormenores, detalhes, indícios, e sinais, visto que as minúcias marginais podem se mostrar extremamente reveladoras. Além disso, buscou-se conhecer alguns dos métodos ensinados na AIBA, local de formação do mestre Marianno que, certamente, aplicou-os nas lições dadas às suas alunas.

Souza (2012) afirma que a formação proporcionada pela AIBA, aos que desejavam se tornar artistas no século XIX, seguia os moldes da academia francesa, a *École des Beaux-Arts*. A instrução pautava-se nos preceitos neoclássicos, valorizando a “Antiguidade clássica como modelo a ser seguido e estudado pelos alunos, influência que se estende – com maior ou menor intensidade – até as primeiras décadas do século XX” (SOUZA, 2012 p. 1).

O autor ainda acrescenta que o desenho era o primeiro domínio a ser adquirido e considerado de grande importância para o pintor, para o arquiteto ou para escultor. A metodologia inicial aplicada era “a cópia de desenhos dos mestres, gravuras e pranchas” (SOUZA, 2012, p. 1)

³⁶⁵ Gramatura é o peso em grama de uma folha de papel, para indicar a sua espessura. SILVEIRA BUENO, Francisco da. *Dicionário da língua portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora FTD. 1956.

A seguir, encontra-se o primeiro desenho a ser analisado nesta pesquisa, que pertence à Princesa Leopoldina e pode ser conhecido por meio das Figura 61:

Figura 61 - Paisagem Campestre - Desenho da Princesa Leopoldina - 1862



Fonte: Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/nº44/2019.

A Figura 61, elencada no Quadro 14, é um desenho a lápis de autoria da Princesa Leopoldina, onde comprova-se a técnica da cópia, uma das evidências é o fato de haver na coleção dois desenhos praticamente idênticos. Exibido por meio da Figura 61, o desenho identificado pelo arquivo como MI-279 traz no canto inferior direito as iniciais do nome de sua autora e a data em que foi confeccionado “LT 19 de 8^{bro} de 1862”. É interessante notar, que duas semanas depois a autora elaborou um outro desenho quase idêntico, registrado pelo arquivo como MI-278, também assinado e datado, “LT 05/11/1862”. O papel de ambos é margeado, possui gramatura de aproximadamente 250g/m², cor cinza, textura lisa e fibra uniforme. Neles estão representados uma paisagem campestre, aparentemente europeia. No primeiro plano há um riacho sob uma ponte ladeada por vegetação, em segundo plano, à direita, há três edificações, e à esquerda, extensa vegetação.

O desenho da Figura 62 também feito em papel margeado, com gramatura de aproximadamente 250g/m², cor cinza, textura lisa e fibra uniforme. Ele retrata cena campestre europeia, possivelmente francesa, conforme a inscrição no centro inferior: “*L’Inocente Prière*”³⁶⁶.

³⁶⁶ A tradução da língua estrangeira é: “A Inocente Oração”.

Figura 62 - L' Innocente Prière - Desenho da Princesa Isabel - 1864



Fonte: Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/nº44/2019.

A imagem exhibe em primeiro plano uma senhora ajoelhada com touca branca plissada, cabelos presos e brincos, trajando vestido comprido e um xale sobre os ombros. A mão esquerda está apoiada no ombro de uma menina que está a sua frente, esta trajando touca escura, cabelo preso, vestido $\frac{3}{4}$, avental branco, sapatos afivelados e traz as mãos em posição de oração. À esquerda, ao alto de uma árvore, dentro de um santuário, há uma imagem para a qual a menina olha com expressão de devoção. À direita do desenho, há uma cesta de palha, coberta com pano branco e apoiado sobre a cesta há um guarda-chuva. Ao fundo, também à direita, há uma figura masculina montada a cavalo. Isabel, a autora, datou e assinou: “I. C. 24 de Janeiro de 1864”. Nota-se um desenho impregnado de valores religiosos, a criança retratada na imagem é incentivada a ter fé, orar e acreditar na existência de um ser superior. É importante reconhecer que a Igreja Católica foi considerada um dos alicerces de monarquia brasileira, dessa forma, salienta-se a importância da manutenção dos laços da monarquia com a Instituição. Laço claro na imagem, acima descrita, que acaba por transmitir tais ideias às Princesas, futuras governantes.

Para Dória (2014, p. 435) as primeiras ações voltadas para o ensino sistemático do desenho no Brasil são características de “um projeto iluminista português de divulgação das artes do desenho, amadurecido a partir da segunda metade do século XVIII, sendo o desenho eleito como saber essencial e necessário tanto às classes populares quanto às elites ilustradas”. Mas o autor destaca a existência de tipos diferenciados de ensino do desenho, conforme as diferenças sociais. Dória (2014) também situa a técnica da cópia como prática aplicada aos alunos de artes no século XIX.

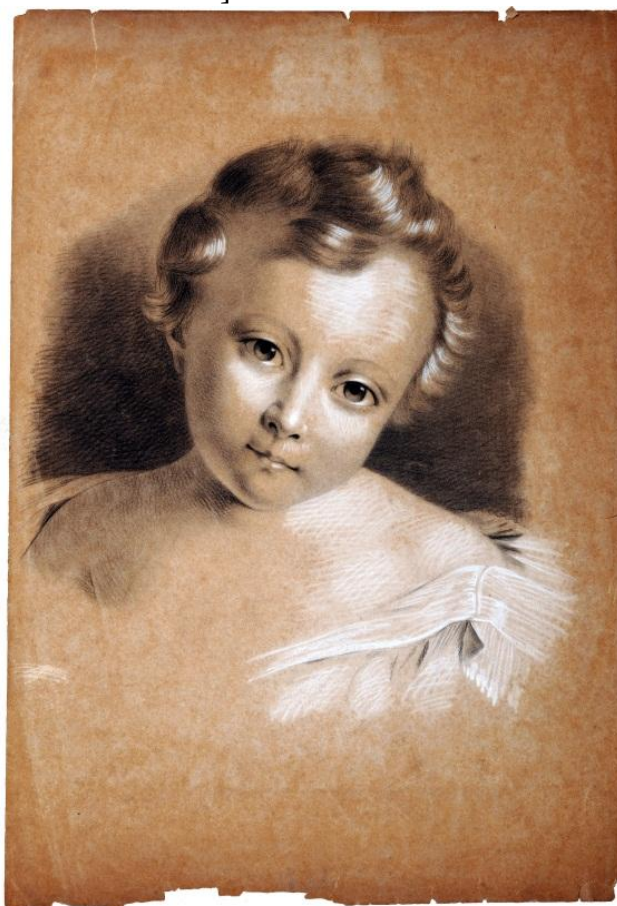
Duve (2003, p. 99) observa que “[...] o ensino acadêmico costumava sinalizar o talento do estudante em sua capacidade de inventar; no entanto, não era essa capacidade que o julgava, e nem se esperava educá-lo pela simulação da invenção. Muito pelo contrário, era pela imposição da imitação [...] da natureza, da antiguidade, dos mestres...”. Souza (2012, p. 2), compartilha de mesma opinião sobre o costume da cópia de obras dos mestres europeus e acrescenta que “o ato de copiar o modelo, o exemplo a ser seguido dentro dos padrões acadêmicos, acompanha toda a formação do artista oitocentista, até que as belas proporções e formas sejam de tal modo introjetadas que o acompanhe em suas próprias criações”.

Os desenhos das Figuras 63 e 64, nas páginas a seguir, são quase iguais. Diferem-se apenas pelo material, o primeiro feito a lápis e o segundo a *crayon*, assim, nota-se que a Figura 64 é a imitação da Figura 63, comprovando mais uma vez que a técnica da cópia era empregada nos *Exercícios de Desenho das Princesas*. As imagens exibem um busto infantil, aparentemente masculino, com cabeça tombada para a direita, cabelos anelados e olhos claros. Seu dorso encontra-se envolto em uma vestimenta branca. No centro inferior da Figura 63, dois detalhes quase passaram despercebidos: a inscrição “Modelo” e a ausência da assinatura, contudo, o desenho está catalogado no acervo como de autoria da Princesa Isabel. Além disso, apesar da ausência de assinatura, ainda consta nele a palavra “Modelo”, o que evidencia sua natureza: servir de exemplo para cópia. Esse detalhe pode indicar que pertença ao mestre Marianno, que o apresentou à Princesa Leopoldina como amostra. O resultado da cópia é a imagem na Figura 64, muito parecida com a da Figura 63, ainda que a profundidade no olhar não tenha sido captada.

Ao se apropriar de Burke (2001), Juri Meda (2014) afirma que os desenhos produzidos na infância, sem dúvida, são uma das categorias de fontes historicamente mais variadas, uma vez que são considerados, por um lado, não decifráveis univocamente em virtude de sua natureza icônica (cuja pluralidade de canais expressivos implica multiplicação de mensagens transmitidas). Ele ainda acrescenta que a indicação da idade dos autores dos desenhos o fez

perceber que quanto mais baixa idade, mais isentas são as expressões gráficas que estão em constante evolução, (MEDA, 2014, p. 153 - 154).³⁶⁷

Figura 63 - Busto Infantil - [Desenho do Mestre Mariano] - Século XIX



Fonte: Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/nº44/ 2019.

Quando copiou o desenho, Leopoldina tinha 16 anos, portanto não era mais uma criança, mas uma adolescente que conseguia expressar sua grafia, vontades e preferências. Em busca de maiores explicações sobre a interpretação dada pela Princesa ao desenho, mais uma vez se recorre à obra de Ginzburg (1989, p. 146), na qual consta a seguinte citação de Wind: “a personalidade deve ser procurada onde o esforço pessoal é menos intenso”. Assim, “nossos pequenos gestos inconscientes revelam o nosso caráter mais do que qualquer atitude formal,

³⁶⁷ A tradução da língua estrangeira é: “*Los dibujos infantiles, de hecho, en el momento en el que se utilizan en ámbito historiográfico, deben ser sometidos a una exégesis rigurosa, que no se limite únicamente al análisis de los elementos estéticos contenidos en los mismos, sino que vaya más a fondo, ya que los niveles de lectura de una ‘fuente visual’ son múltiples y, por tanto, las informaciones que esta nos puede ofrecer no son únicas ni unívocas (BURKE, 2001).*” “*Disponer de la identidad del autor es fundamental para cualquier tipo de fuente, pero en el caso de los dibujos infantiles — además de la identidad — es esencial conocer la edad a la que este hizo el dibujo, en cuanto que la evolución de la capacidad gráfica del niño está en constante evolución durante sus primeros años de vida y el nivel de espontaneidad expresiva de sus representaciones gráficas se puede estimar también (pero no únicamente) a partir de su edad*”.

cuidadosamente preparada por nós”. Talvez Leopoldina não tenha se atentado aos mínimos detalhes da obra a ser copiada ou não conseguiu transmitir para o seu desenho a particularidade presente no modelo – afinal, cada obra é única – ou, ainda, é possível que a Princesa tenha percebido, mas quis fazer diferente, já que a obediência não era o seu forte. De qualquer forma, Leopoldina terminou por imprimir ao desenho uma inesperada alegria interior e um leve sorriso, atributos de sua personalidade, que podem ser conferidos na Figura 64.

Figura 64 - Busto Infantil - Desenho da Princesa Leopoldina - 1864



Fonte: Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/nº34/2019.

Ainda analisando os desenhos expressos pelas Figuras 63 e 64, percebe-se que a autora assinou e datou sua obra: “LT 31/01/1864”, iniciais de seu nome: Leopoldina Teresa. Os dois desenhos também foram confeccionados em um papel produzido na França, mas da marca “CANSON”³⁶⁸. Além disso, sua gramatura é baixa, aproximadamente 100 g/m², em cor ocre,

³⁶⁸ A história da Canson se estende por quase meio milênio desde que a fábrica nasceu em 1557, na pequena aldeia de Vidalon, agora um bairro em Annonay Ardèche na França, e foi desenvolvida pela família Montgolfier. Em 1798, Alexandrine de Montgolfier traz a fábrica de papel de seu pai, reconhecida pela Manufacture Royale desde 1784, quando ela se casou com Barthélémy Barou de la Lombardiére de Canson.

texturizado e bastante absorvente. Ele encontra-se acidificado e com considerável perda nas laterais.

Figura 65 - “Madona da Cadeira” - Desenho da Princesa Isabel - 1864



Fonte: Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/nº44/2019.

A Figura 65 é um desenho da Princesa Isabel, retratando a pintura *Madona da Cadeira e São João Batista Menino*. Refere-se a uma cópia inspirada no modelo europeu, exposto no Anexo C³⁶⁹, de autoria de Rafael Sanzio, renomado artista do Renascimento Cultural³⁷⁰. Ao

Ao longo de gerações, a Canson conseguiu manter o conhecimento dos artesãos e inovar: papel vegetal em 1807, Mi-Teintes, o primeiro papel tingido, um papel fotográfico patenteado em 1865 e utilizado pelos pioneiros da fotografia. Disponível em: <<http://pt.canson.com/sobre-nos>>. Acesso em: 21 fev. 2018.

³⁶⁹ Encontra-se na página 343.

³⁷⁰ O Renascimento Cultural foi um movimento artístico cultural que a partir do século XV, recusou o pensamento religioso medieval, colocando o ser humano no centro de tudo. Foi um movimento com características próprias, uma delas foi o retorno à cultura greco-romana, o humanismo e o antropocentrismo. Disponível em: <<http://historiollando.blogspot.com.br/2013/09/resumo-do-renascimento-cultural.html>>. Acesso em: 21 fev. 2018.

visualizar a imagem percebe-se que ela foi elaborada de forma espelhada em relação à obra de Rafael Sanzio. No desenho, a Princesa retratou Nossa Senhora com tom claro de pele e de olhos, com a cabeça inclinada para a esquerda, cabelo preso com lenço de listras intercalada e sobre a cabeça, uma auréola. Trajando vestido de manga comprida com o punho debruado, sobre as costas um xale com motivos geométricos ao centro e com franjas contornando-o. Sobre o colo, o Menino Jesus com olhos claros e cabelos repartidos ao lado. Ele vestindo túnica clara, descalço e com o pé esquerdo à frente do direito. A figura feminina que faz alusão a Nossa Senhora está sentada, ao seu lado esquerdo há um ornamento de madeira em forma de pináculo. No canto inferior direito está assinado “Isabel Christina - 14 de Março de 1864”. Como visto anteriormente, essa não é uma data qualquer, trata-se do dia do aniversário da Imperatriz D. Teresa Cristina, mãe das Princesas, certamente Isabel pensou em homenageá-la com o desenho.

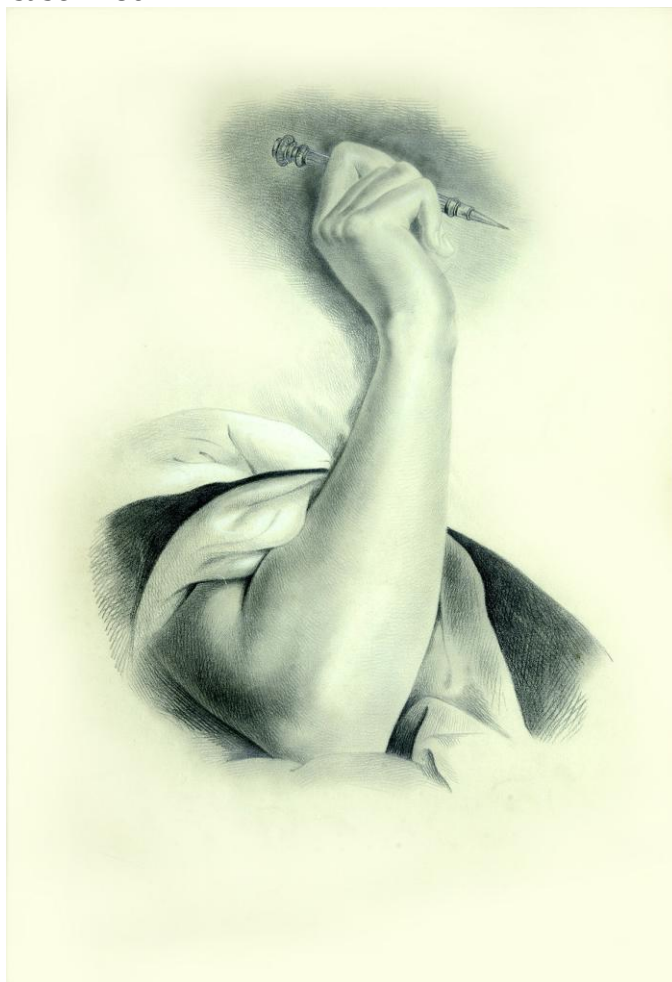
Ao comparar o desenho de Isabel e a Pintura de Rafael Sanzio, percebe-se que, no primeiro, a Princesa, além de desenhar de forma espelhada, descartou a figura do menino São João Batista. Talvez porque seu objetivo fosse apenas enfatizar a mulher e presentear a mãe no dia especial de seu nascimento, não sentindo necessidade de desenhar o Santo e primo de Jesus, o que demonstra certa habilidade, segurança e autonomia por parte da Princesa Isabel. Habilidade e segurança para copiar uma obra tão renomada, e autonomia para solicitar ao mestre a oportunidade de escolher o desenho a ser realizado no dia 14 de março, durante as lições, aquele com o qual homenagearia sua mãe, a Imperatriz, e, também, para não copiar a obra do artista renascentista por completo, apenas o que lhe interessava, o que corrobora a afirmação de que “quanto mais desenvolvido, mais educado, mais instruído, mais decide o sujeito sobre a sua escala de valores e, assim, sobre a sua produção cultural” (WERNECK, 2003, p. 55).

Dória (2014, p. 435), afirma que os desenhos dos alunos oitocentistas costumavam ser diferenciados entre meninas e meninos, o que pode explicar a escolha dos modelos. Os desenhos expostos pelas Figuras 66 e 67 expressam feminilidade. É possível que o mestre tenha apresentado às Princesas alguns exemplos de desenhos femininos de partes do corpo humano, e Isabel tenha escolhido modelos mais delicados.

A Figura 66 retrata um braço feminino, aparentemente o direito, envolto em um panejamento e erguido com cotovelo apoiado com os dedos fechados, o indicador e o polegar em formato de pinça segurando um lápis. No canto inferior direito está assinado e datado, “I.C. 18 3/7 64”, iniciais do nome da autora, Isabel Christina.

Coincidência ou não, ainda que a Figura 66, abaixo, seja um braço feminino, ele segura um lápis, símbolo da sabedoria, e está em posição que impõe força em termos de atitude e de determinação, atributos de um governante que diariamente se coloca a decidir o destino da nação e o faz de forma verbal e/ou escrita. Certamente D. Pedro II, ao contratar o mestre Marianno, o advertiu sobre o tipo de educação que esperava para suas filhas: a educação de governante. A escolha da imagem reforça essa intenção.

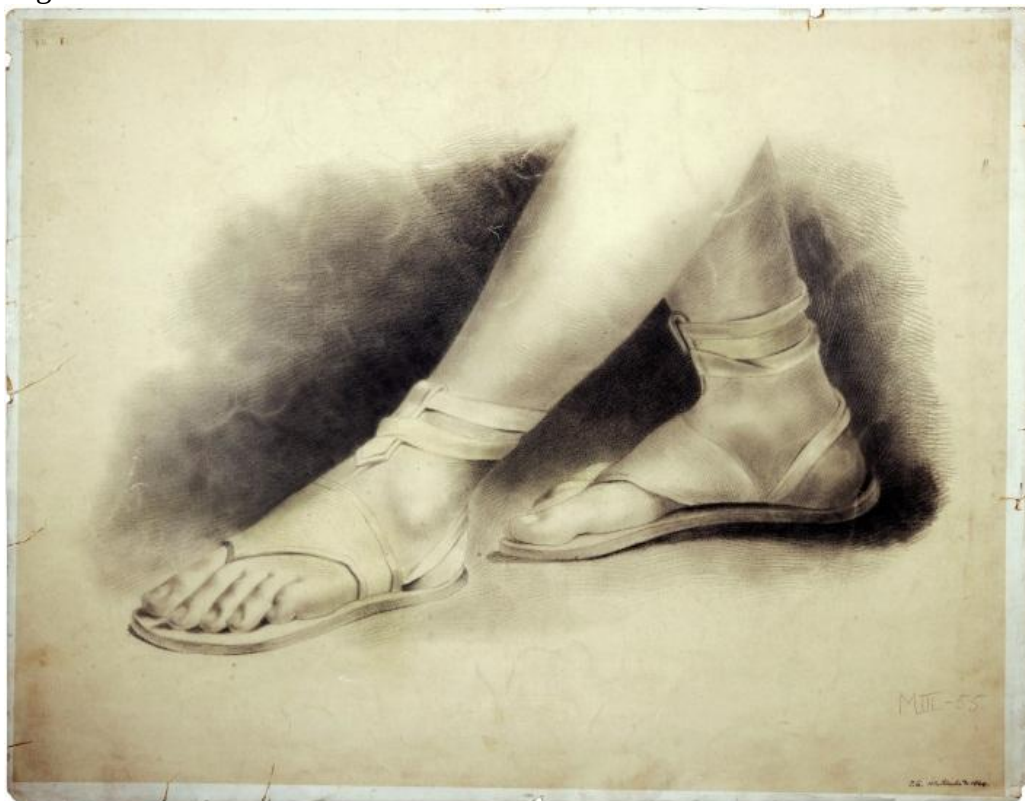
Figura 66 - Braço Feminino - Desenho da Princesa Isabel -1864



Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/nº44/2019.

A Figura 67, da mesma Princesa, exhibe o perfil de tornozelos e de pés femininos, o desenho apresenta o pé esquerdo à frente do direito com sandália antiga, aparentemente, grega. No verso do papel consta o nome do fabricante: “*Mme Pottin à Nantes Invventione e Perfeccionne! Papier pelleé oile de 12 teinte 2*” e no canto inferior direito consta a identificação “I.C. 18 de Setembro de 1864”.

Figura 67 - Pés e Tornozelos Femininos - Desenho da Princesa Isabel - 1864



Fonte: Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/nº44/2019.

A marca d'água, no verso do papel da Figura 67, é um detalhe marginal. No entanto, a análise colaborou para identificar sua procedência – a cidade francesa de Nantes. O papel é margeado e possui gramatura de aproximadamente 250 g/m², cor cinza, textura lisa e fibra uniforme, denunciando sua origem fabril. As Figuras 66 e 67 são compreendidas como desenhos de partes do corpo humano, mas não foram produzidas no início das lições de artes com o mestre Marianno, já que foram concluídas em 1864, ano em que finda a formação educacional formal das Princesas, conforme apontado anteriormente.

A seguir, a Figura 68 traz um desenho que se diferencia dos demais por utilizar a técnica da aquarela, trata-se de duas rosas vermelhas, uma de frente e outra de lado, ambas com pétalas abertas, cabo, folhas e espinhos. O papel de cor marfim é liso, com aproximadamente 300 g/m² de gramatura e encolagem³⁷¹ adequada à técnica aquosa. É mais um desenho com característica delicada e feminina.

³⁷¹ Encolagem é o processo sofrido pelo papel após sua fabricação, quando lhe é aplicada uma substância que tem como finalidade fixar a tinta de escrever e de impressão. O uso desta cola evita que a tinta se espalhe sobre o papel, fixando-a sem borrões no papel impermeável. Caso o papel não receba essa cola, ele absorverá a tinta como um mata-borrão. A encolagem surgiu no século XVIII, objetivando aumentar a produção e reduzir os custos. À época, o processo era feito com colofônia-alumina. Até a segunda metade do século XIX, usava-se a cola de cartilagem de coelho. PAVÃO, Luís. *Conservação de coleções de fotografia*. Lisboa: Dinalivro, 1997.

Figura 68 - Rosas - Desenho da Princesa Isabel – Século XIX



Fonte: Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo/nº34/2019.

“Mulher ao piano”, o último desenho listado no Quadro 14, consta na página seguinte. Trata-se uma obra de arte extremamente significativa, representando um ambiente de interior com destaque para duas figuras femininas: uma sentada de costas, de perfil, olhando à direita e tocando piano, e a outra, atrás do piano, em pé, apoiada na parte posterior do mesmo, segurando na mão esquerda um lenço. A figura feminina que está sentada possui a sua frente uma estante com várias partituras. Ela traja um longo vestido com laço nas costas e sobre seus ombros há um *fichu* preto, cabelos presos em coque baixo. A mulher que está em pé mostra seu rosto parcialmente inclinado, ela apoia o queixo sob um lenço preso a mão e seu olhar é de contemplação, esta traja vestido com pequenos bordados. Ao fundo da imagem, visualiza-se um cortinado e, no chão, um livro fechado sobre outro com folhas espalhadas. O desenho recebeu as iniciais de sua autora e a data: “I.C. 22 de junho de 1864”.

Figura 69 - “Mulher ao piano” - Desenho da Princesa Isabel - 1864



Fonte: Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo nº44/2019.

Ao analisar o desenho (Figura 69), notei que as duas figuras femininas contemplam algum detalhe oculto, imaginei ser um pássaro ou alguém a passar perto de uma provável janela. A explicação para esse questionamento veio com a obra de Isidore Pils, de 1849, que pode ser conferida no Anexo D.³⁷² A obra em óleo sobre a tela exibe Rouget de L'Isle junto a Dietrich no ano de 1792, interpretando em Estrasburgo o tema que daria origem ao hino: *A Marselhesa*.³⁷³ A pintura de Isidore Pils representa um evento político e serviu de modelo

³⁷² Encontra-se na página 344.

³⁷³ “O Hino da França é uma das canções mais conhecidas em todo o mundo. Ela é a síntese da *Era das Revoluções* e do próprio conceito da sociedade ocidental contemporânea, em que ‘todo o poder emana do povo’. No ano de sua composição, 1792, a Monarquia de Luís XVI encontrava-se à beira do colapso total com os revolucionários divididos entre matar, exilar ou coroar novamente o rei e as guerras revolucionárias. Algo precisava reacender a esperança dos franceses nos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, lema da Revolução Francesa (1789-1799). [...] Neste contexto, na parte oriental da França, o prefeito da cidade de Estrasburgo, alguns dias após a declaração de guerra dos franceses aos austríacos, dentro dos esforços de guerra, pede ao oficial e músico Claude-Joseph Rouget de L'Isle que componha uma canção de motivação aos soldados franceses, para animar a frente revolucionária ante os infantess dos Habsburgo. Entre a noite do dia 25 de abril e o dia 26 do mesmo mês, ficou pronta a música que se tornaria o hino francês em poucos

para Isabel executar o desenho da Figura 69. No entanto, a Princesa priorizou o motivo à esquerda, isto é, as duas figuras femininas ao piano e descartou o que se encontrava ao centro e à direita da obra, justamente o que as figuras femininas contemplavam: o intérprete da música que originou o hino francês e um grupo de pessoas que o observa, excluindo assim, o evento político que culmina com a execução dos monarcas franceses, a *Revolução Francesa*.

O desenho de Isabel, demonstra segurança, habilidade e autonomia para copiar uma obra tão renomada, ao mesmo tempo em que a imagem das duas meninas envoltas pela música é feminina e delicada, e lembra o cotidiano das lições vivido por Isabel e Leopoldina nos Paços Imperiais, o que pode revelar sua escolha. “Quando desenhou, Isabel ainda não tinha noção de que algum tempo depois estaria casada com o francês Conde D’Eu, e que a obra de Isidore Pils por ela copiada ao menos em parte, comporia a decoração de sua casa, o Paço das Laranjeiras”³⁷⁴ (AGUIAR, 2019c).

Os cadernos de desenhos e pinturas de Isabel e Leopoldina se configuram como relevantes amostras das técnicas da arte ensinada no Brasil Imperial. Eles são a expressão da cultura material iconográfica educacional oitocentista. Neles, é possível constatar a técnica de cópia a lápis dos modelos, uma prática do ensino das artes no século XIX. Logo, acredita-se que a maioria dos desenhos produzidos pelas Princesas e apresentados neste estudo, tenham sido copiados, ainda que não se tenham encontrado todos os modelos.

As imagens analisadas imprimem, de uma forma geral e predominante, a valorização da vida campestre, da religiosidade, da maternidade, da figura feminina e da infância. Também se encontram, mesmo que em menor número, valores traduzidos pela sabedoria, aplicação aos estudos, força intelectual e poder de decisão esperados de um governante. Os desenhos mostram-se como modelos a serem imitados pelas Princesas em sua vida habitual e certamente não foram escolhidos de forma aleatória pelo mestre e nem pelas meninas, pois estão impregnados de valores a serem decifrados.

A partir do método indiciário de Ginzburg (1989), foi possível analisar detalhes secundários de particularidades, geralmente tratados como insignificantes, com o objetivo revelar valores implícitos e explícitos. Cada desenho, ainda que seja uma cópia, é singular e

anos. Como os marseheses tinham conhecido a canção, foram do Sul à capital, cortando o país, cantando a ‘Marselhesa’ para motivar suas fileiras. Após a chegada à Paris, na tomada do Palácio das Tulherias, a canção já popular entre os parisienses ficou conhecida como *La Marseillaise*.” (Texto adaptado). A MARSELHESA. Disponível em: <<http://www.conservadorismodobrasil.com.br/2017/04/a-marselhesa.html>>. Acesso em: 27 fev. 2019.

³⁷⁴ É o que consta no diário pessoal de André Rebouças (1838-1898) escrito em 14 de janeiro de 1867, após relatar sua ida ao sarau realizado no Paço das Laranjeiras, a casa dos Condes D’Eu. Sobre o assunto ver: (LACOMBE, 1989, p.161-162).

os códigos a serem decifrados variam de acordo com o leitor/observador, o que faz com que as impressões nunca se esgotem e dependam da assimilação de cada olhar.

Da infância à juventude, as Princesas Isabel e Leopoldina desenhavam e pintavam, um costume da educação principesca no oitocentos. Os desenhos foram realizados em folhas soltas que, hoje, se encontram em gavetas do Arquivo Histórico do Museu Imperial. Dentre as várias matérias estudadas pelas Princesas, consta a de arte, abordada nesta tese como lições de desenho, pintura e teatro. Os exercícios demonstram que as meninas eram aplicadas e possuíam alguma habilidade. A arte de desenhar acompanhou, ao menos Isabel, durante a maturidade, hábito constantemente comentado em suas missivas. Quanto à Leopoldina, esta também se mostrou dedicada às lições, ao insistir em copiar os desenhos da melhor forma que conjecturou.

4.1.2 Teatro: a arte de falar em público

O teatro é uma prática valorizada pelas famílias nobres e principescas; a própria Arquiduquesa Leopoldina, 1ª Imperatriz do Brasil, foi incentivada pela mãe quando criança, a praticar a arte de falar em público e ao ar livre.³⁷⁵ E parece que a tradição foi mantida entre os seus descendentes, já que, D. Pedro II e as irmãs representavam peças teatrais na infância, e o mesmo acontecia com Isabel e Leopoldina, filhas do monarca brasileiro. Tais atividades culturais e momentos de descontração, realizavam-se no *Theatro de S. Christóvão*, espaço do conhecimento existente na casa oficial da Família Imperial, o Paço de São Cristóvão. Sobre o assunto, Isabel fez alguns comentários em seu caderno-diário entre os meses de outubro e dezembro de 1856:

Domingo, 26 de 8^{bro}. Missa. Decorei o Evangelho XX⁴. Depois fui tirar um retrato para se ir Litografar. Depois fui brincar, e fiz um limpador de pennas para a minha boneca. **Veio a Jeni para ajustar a comedia em Francez.** De noite joguei o Cassino que a Condessa me ensinou; eu e a mana ganhamos, depois fui cear. [...]

6ª f^a 7 [de novembro de 1856] Não veio o Valdetano. Escrevi um verbo que foi *Finir*, acabar. **Vi o molde de teatro e o pano que estava muito engraçado.** Não fui passear. Dei a Geographia e *dictée*. [...]

Domingo 9 9^{bro} de 1856 Missa. Explicação do Evangelho. **Fiz o 1º ensaio da comedia.** Não fui passear, mas brinquei com a Chiquinha e a Jeni. [...]

Domingo, 24 de 9^{bro} Missa, **o ensaio da comedia já no tablado, representamos 2 vezes, de tarde fui passear de carro.** [...]

Domingo, 31 de 9^{bro} Decorei o Evangelho, e **ensaiei a comedia.** [...]

3ª f^a 2 Dezembro Foi os annos de meu Caro Papae, por isso tive feriado todo o dia de tarde veio o Dominique vestido de soldado que estava muito engraçado, e **fomos ver o Theatro** e depois estudei a lição do Valdetaro. [...]

³⁷⁵ Ver: REZZUTTI, Paulo. *D. Leopoldina: a história não contada: a mulher que arquitetou a independência do Brasil*. Rio de Janeiro: LeYa, 2017, p. 32 - 57.

4^a f^a 3 Dezembro [...] **foi o ensaio geral depois representei a peça *L'aveugle de Spa***, com a Angelica filha do Torres que era Mao. Aglebert a Chiquinha da Totonia a Chiquinha do Jobim eu a mana a Adelaide e a Jeni e a Tereza do Torres. Assistirão Papae e a Mamãe o Mordomo e a sua senhora e outras pessoas que Papae e Mamãe convidaram. O *ponto* foi a Condessa de Barral minha Aia, e o *contra ponto* foi a minha Domitilia. [...] ³⁷⁶

Nos registros acima, a Princesa Imperial menciona suas principais atividades efetuadas na infância: assistir à missa, estudar com os mestres, passear e brincar. As lições de teatro iniciaram-se com a chegada da Condessa de Barral ao Palácio, é a partir da preceptora, educada na França, que Leopoldina e sua irmã, passam a ter contato com peças teatrais francesas, ensinamentos aplicados no cotidiano das duas meninas e por elas compreendidos como um de seus momentos de lazer e divertimento.

No caderno-diário de Isabel, o teatro é mencionado pela primeira vez em 26 de outubro de 1856, nesse dia, a Princesa relata a conversa com a amiga Jeni a respeito de seu “papel na comédia”. Passados dez dias, refere-se ao “molde de teatro e ao pano”, achando tudo muito engraçado. Em seguida, registra o ensaio da comédia, atividade que se repete semanalmente. No mês seguinte, os ensaios se realizam no “tablado”, provavelmente no *Theatro de S. Christóvão*, o que contribuiu para que os “atores mirins” tivessem noção do espaço no qual se apresentariam em público.

Na data de 2 de dezembro comemora-se o aniversário do Imperador D. Pedro II, esse era um dia de gala, feriado e festividade. E assim, a Princesa Imperial expõe sua felicidade ao ter sido contemplada com um tempo livre, ao menos no horário da tarde, o que não a impediu de “ver o *Theatro*” e dar lições com o mestre Valdetaro. Ainda nesse dia, o pequeno Dominique, filho da preceptora, aos dois anos de idade, aproveitou para homenagear seu soberano, vestindo-se de soldado numa data extremamente especial para os brasileiros que, até então, “respiravam” a monarquia, sistema político vigente em seu país.

Após um mês de ensaio, chegou o tão esperado dia da estreia da peça teatral *L'aveugle de Spa* (1829) (O cego de Spa), de autoria de Madame de Genlis³⁷⁷. As Princesas e os demais

³⁷⁶ Diário da Princesa Isabel - 1856 -1857. Arquivo Grão Pará. [Grifo meu].

³⁷⁷ Stéphanie-Félicité Ducrest (1746-1830) de Saint-Aubin- Suíça é originária de família nobre da Borgonha. Aos dezesseis anos casou-se tornando-se a Condessa de Genlis. Em seguida, foi convidada a ser governanta das filhas da Duquesa de Chartres e do filho do Duque de Orléans em 1782, o futuro Rei Luís Filipe da França. Madame Genlis dedicou sua vida aos temas da educação e da moral, escreveu numerosas obras sobre esses propósitos além de ter exercido o posto de governanta-educadora e por esse motivo foi denominada “Condessa-Pedagoga” ou “Governante-Mulher”. No início de sua produção literário-didática, diz haver uma influência de ideias de filósofos como Rousseau e Locke, mas em um segundo momento ela entra em conflito com os filósofos e critica seus trabalhos, principalmente no aspecto da recusa à religiosidade. Madame de Genlis é conhecida por seus romances e teorias da educação infantil, mas ultimamente tem sido lembrada também por seus diários e pela perspectiva histórica que eles fornecem sobre sua vida e seu tempo. Conforme cruzamento de informações provenientes dos sites: <https://www.geriwalton.com/jane-austen-and-madame-de-genlis/>.

“atores mirins”, crianças oriundas de famílias nobres e abastadas, realizaram o “ensaio geral” e em seguida, se apresentaram aos pais, ao Mordomo Paulo Barbosa, sua Senhora e demais convidados do Imperador. Todos deviam estar bem ansiosos, o público para ver a “representação” e os “artistas” para se apresentarem aos mesmos. Todavia, as “estrelas” não precisavam se preocupar tanto, afinal, caso esquecessem suas falas, a aia Condessa de Barral e a açafata, Domitilia Francisca, contornariam a situação participando do espetáculo como *ponto* e *contraponto*, respectivamente. Nessa posição, ficavam incumbidas de lembrar discretamente, as falas dos “atores”, auxiliando-os no que fosse necessário.

Passados algumas semanas após o “espetáculo”, a Princesa Francisca tomou conhecimento da encenação e escreveu de Claremont ao irmão Imperador. Na carta, aprova a atividade cultural sucedida na *Sala de Theatro* ao afirmar: “é excelente para suas filhas essas peças”. A “Mana Chica” também destaca em sua correspondência, a importância de as Princesas exercitarem a memória numa língua estrangeira e “verem meninas e brincarem com elas”.³⁷⁸

O teatro estava entre as lições ministradas à Isabel e sua irmã, essa era uma oportunidade de exercitarem a retórica, ao impostarem a voz para falar em público, com a vantagem de, ao mesmo tempo, conhecer a língua e a literatura francesa. Ensinaamentos importantes para o desempenho da missão que às aguardava no futuro: discursar àqueles que dependiam de sua atuação como governante: seus súditos, desde as classes mais abastadas até os mais necessitados, e ainda, aqueles que eram vistos como não sendo dignos de serem chamados de súditos, afinal, consideravam-nos apenas como mercadoria, os escravizados.

L'aveugle de Spa não foi a única peça teatral encenada pelas Princesas, no ano de 1857, foram encontrados por exemplo, ao menos dois registros no caderno-diário de Isabel sobre outras encenações, vejamos alguns desses apontamentos: *Dei a lição de Valdetano. Dei os diálogos, dei Catechismo TB. De tarde dei a lição do Papae. Depois decorei um bocadinho d'ũa peça [...]. Ouvi missa. Depois fui decorar um bocadinho da peça, depois fui brincar*³⁷⁹.

Os estudos de teatro estão contemplados em dois cadernos da Princesa Isabel. Os mesmos não foram datados, mas, pela caligrafia, considere a possibilidade de que tenham sido escritos entre os anos de 1857 e 1863, o que se confirmou adiante, conforme cruzamento com outros documentos. O primeiro caderno traz a peça *Les Voleurs* (Os Ladrões) e o

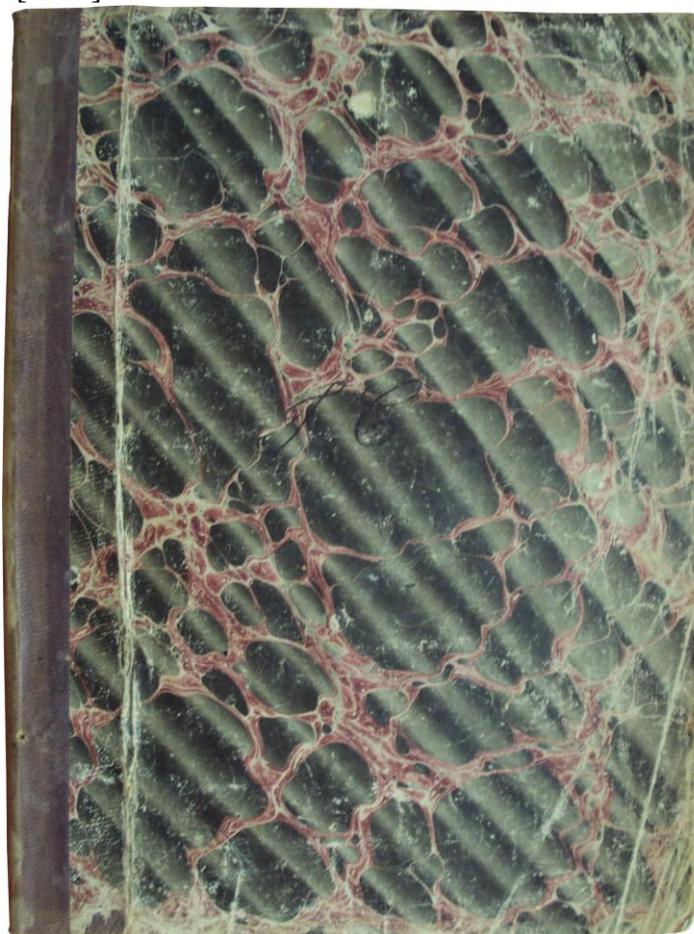
<https://en.wikipedia.org/wiki/St%C3%A9phanie_F%C3%A9licit%C3%A9,_comtesse_de_Genlis> Acesso em 16 Dez. 2019. Os sites encontram-se em idioma inglês e francês sendo traduzidos pela pesquisadora.

³⁷⁸ AGP - XXVIII-1 - Carta da Princesa Francisca a D. Pedro II. Claremont, 7 de fevereiro de 1857 (apud LACOMBE, 1989, p. 44).

³⁷⁹ Diário da Princesa Isabel - 1856 -1857. Arquivo Grão Pará. [Grifo meu].

segundo *Le Revers de la medaille* (O Outro lado da moeda), a capa deste último pode ser vista por meio da Figura 70.

Figura 70 - Caderno de Teatro da Princesa Isabel - [1863]



Fonte: Arquivo Grão Pará.

A Figura 70 trata-se da digitalização de uma brochura contendo 200 páginas costuradas, pautadas e manuscritas com caneta tinteiro preta. A capa com dimensão de 21,0 cm x 15,5 cm é estampada e traz as iniciais de sua autora: “I. C.”. Ao abrir o caderno, encontramos o termo: *Rôles* (Papéis) e, abaixo, a assinatura: *Isabel Christina*. O caderno traz em seu interior a denominação da peça teatral a que se refere: *Le Revers de la medaille* (O Outro lado da moeda), um dos títulos constantes no *Programa de três representações no Teatro de São Cristóvão* (AHMI) (Figura 71).

Revolta das Flores), evento que acontece com a presença de Suas Majestades Imperiais D. Pedro II e D. Teresa Cristina, os pais das principais “artistas” do espetáculo.

Ademais, o Imperador enviava convites para as apresentações das filhas, tanto que na Coleção H. Leitão Teixeira foram encontrados dois convites decorados com os dizeres: *Theatro de S. Christóvão 3ª Representação 16 de X^{bro} de 1860 às 7 horas*” e *Theatro de S. Christóvão 5ª Representação a 18 de outubro de 1863 às 7 horas*³⁸¹, o que nos faz pensar que o teatro era uma atividade frequente no currículo educacional das Princesas.

Todavia, é significativo lembrar que as Princesas não atuavam sozinhas, elas compartilhavam tais atividades culturais com outras crianças, como na peça *L’aveugle de Spa* encenada no ano de 1856. A propósito, quais seriam as meninas e os meninos dignos de dividirem o palco com Leopoldina e Isabel? As crianças e adolescentes contemplados eram filhas e filhos de dignitários da Corte que integravam a rede de sociabilidade do Imperador, sendo possível identificá-los porque seus nomes ficaram grafados no *Programa de três representações no Teatro de São Cristóvão* (Figura 71), bem ao lado das personagens que cada um representou.

Os “distintos artistas” eram: *Flora Barbosa*, filha do mordomo da Casa Imperial Paulo Barbosa; *Adelaide d’Escragnolle Taunay* e *Luiz d’Escragnolle Taunay*, filhos do mestre de francês das Princesas; *Félix Emílio Taunay*, futuro 2º Barão de Taunay; *Francisca Ferreira de Abreu*, filha do mestre de física e química das Princesas; *Francisco Ferreira de Abreu*, futuro Barão de Teresópolis; *Dominique de Barral*, filho da preceptora Condessa de Barral; *Maria Amanda de Paranaguá* e *Argemira Paranaguá*, filhas do político João Lustosa da Cunha Paranaguá, futuro Visconde e Marquês de Paranaguá; *Francisca de Verna Magalhães Fonseca*, neta da Condessa de Belmonte, primeira aia do Imperador; *Teresa Borges* e *Maria Francisca Valladão*, filhas dos médicos das Princesas e também da Imperial Câmara, Cândido Borges Monteiro, o Visconde de Itaúna e Manoel de Valladão Pimentel, o Barão de Petrópolis, respectivamente; *Francisca Lopes*, parenta da dama de Isabel, Dona Rosa de Sant’Anna Lopes, futura Baronesa de Sant’Anna; *Maria Eufrásia Marques Lisboa* e *Isabel Marques Lisboa*, filhas de Joaquim Marques Lisboa, o Visconde e depois Conde e Marquês de Tamandaré; e, ainda, *Amélia Jacobina*, filha de Albino José Barbosa de Oliveira, nomeado ministro do Supremo Tribunal de Justiça.

A Figura 72 traz alguns dos amigos “artistas” das Princesas. Estão presentes na imagem, além de Leopoldina e sua irmã Isabel, as seguintes crianças: Thereza Borges e Joana Borges, Carlota Suruhy, Dominique, Maria Francisca Valladão e Laura Valladão, conforme anotação constante na própria fotografia, redigida cerca de três décadas depois.

³⁸¹ Convites-entradas para as representações de amadores no Paço de São Cristóvão enviados ao Marquês de Tamandaré e sua família. Coleção Leão Teixeira.

Figura 72 - Princesas Isabel e Leopoldina com amigos - 1860



Fonte: (DO LAGO, *et al*, 2013).

As apresentações realizadas no *Theatro de S. Christóvão* não significavam apenas um estudo, uma atividade cultural ou uma brincadeira, mas uma oportunidade de os participantes refletirem sobre quem realmente são, pois, para assumir o papel das personagens, era preciso reconhecer primeiro suas próprias características. Por ser uma atividade de reflexão e mexer com os sentimentos mais profundos do “artista”, acaba sendo um evento marcante que contribui com a formação intelectual e pessoal do mesmo. Além disso, a preparação e a montagem do espetáculo exigiam habilidades de trabalho em equipe e integração entre os membros, promovendo a socialização e fortalecendo os laços entre os envolvidos. Sendo assim, ficou guardado na memória de cada um que compartilhou desses momentos especiais, tanto a alegria do palco, quanto o desenvolvimento individual e em grupo transmitidos a seus descendentes e lembrado nas gerações futuras.

Um desses “artistas” saudosos foi o doutor Luiz d'Escragnolle Taunay, que recordou as representações da infância referindo-se à comédia *La Révolte des Fleurs* de Jean Macé. O enredo consiste na irritação rebelde de flores e plantas contra *Lineu*, personagem por ele interpretado. As encenações teatrais envolviam não somente as crianças e adolescentes que atuavam, mas seus familiares, que recebiam convites e a eles respondiam com sua presença. “A pequena plateia embebida de gosto francês e das ressonâncias do idioma em que era

representada a comédia, aplaudia com calor e decretava, com os pedidos de repetição” (PINHO, 1942, p. 126 -133).

Ao voltar-me para o caderno de teatro e para a peça *Le Revers de la medaille*, encenada por alguns dos distintos artistas citados nos parágrafos anteriores, deparei-me com um texto em língua francesa, de difícil leitura e interpretação, não somente por conta da caligrafia da Princesa, mas por conta do vocabulário empregado. Embora não se saiba o autor e nem a data exata em que o roteiro teatral foi produzido, refere-se a um provérbio do século XVII.

A peça retrata a mudança nos hábitos da vida cotidiana de uma jovem camponesa de nome *Jeannette*, interpretada por Isabel. A personagem é habituada a conviver com os animais, a andar na grama de pés descalços, a comer o quanto tem vontade, quando e como quiser, e, um certo dia, herda a direção dos negócios da família. A partir daí, precisa se submeter às aulas com *Madame Du Fresne*³⁸² para saber se comportar como uma verdadeira dama na sociedade, sobretudo, ter conhecimento de geografia e comportar-se à mesa, do que ela se queixa muito, enquanto sua mãe³⁸³ a aconselha a aceitar a missão e agradecer a Deus. No entanto, *Jeannette*, uma jovem apreciadora de um bom teatro, gostaria de ter sua “liberdade” de volta e conta tudo a que tinha que se submeter e aprender para a amiga *Rosemonde* (personagem de Leopoldina), a qual ouvia tudo e acabava se imaginando no lugar de *Jeannette*. Abaixo encontra-se alguns dos diálogos.

Jeannette - Eu achava que as belas senhoras eram mais felizes que eu e que elas não tinham outra coisa a fazer senão dormir, comer, se divertir e passear. Eu me enganava lindamente!

La Mère Réveille Matin (A mãe) - Minha filha, é preciso ficar contente com a sua posição. O Bom Deus faz bem o que faz.

Jeannette - Não querem me deixar comer como os pássaros.

Rosemonde - Como um ogro!

Jeannette - Eu achava que as belas senhoras só faziam o que queriam!³⁸⁴

De acordo com o roteiro da peça teatral a personagem *Jeannette* vive um dilema, herda os negócios da família, mas por outro lado, adquire obrigações que a fazem ter que se preparar para ter condições de corresponder às novas responsabilidades, abandonando hábitos que já faziam parte de sua personalidade. *Le Revers de la medaille* ou, O Outro lado da moeda é uma metáfora e explica o fato de uma pessoa ou algo ter dois lados: o perfeito e o imperfeito. A expressão nos faz pensar que muitas vezes, o lado perfeito pode conter falhas camufladas de forma agradável que ao serem descobertas decepcionam, e o contrário também

³⁸² Papel desempenhado pela amiga das Princesas de nome Amélia Jacobina.

³⁸³ Personagem representado por Adelaide Taunay, também amiga das Princesas e filha do mestre de francês.

³⁸⁴ Diálogo extraído do Caderno de Teatro da Princesa Isabel nº 19 - Arquivo Grão Pará. Original em francês com tradução de Janete Pinto de Almeida. [Grifo meu].

é possível acontecer, e assim, algo visto como feio e negativo, pode surpreender com um lado belo e cheio de surpresas positivas.

Trabalhar essa peça há um ano do término oficial da formação das duas e ter a Princesa Isabel como a protagonista *Jeanette* parece ser uma forma de mostrar para a mesma a importância de assumir um legado da família e as responsabilidades que isso requer. Outrossim, a obra transmite a mensagem de que mesmo tendo suas complicações e adversidades, a filha mais velha deveria estar apta e disposta a desempenhar o papel a ela designado, com as lições de etiqueta e também de outras matérias, tais como geografia, podendo vir a ser surpreendida positivamente com o que o destino a reservou. Curioso notar que não somente o papel de Isabel na encenação possa ter vindo a ser estratégico, mas também o de Leopoldina ao representar *Rosemonde*, uma amiga da protagonista que a consolava e se imaginava em seu lugar, podendo ser uma forma metafórica de dizer que a filha mais nova do Imperador, mesmo não sendo a primeira na linha sucessória, deveria estar igualmente capacitada para apoiar a irmã ou até mesmo substituí-la em sua ausência.

No decorrer das lições, as Princesas aprenderam uma série de conhecimentos. Nesta seção, o leitor pôde acompanhá-las enquanto desenhavam, pintavam, representavam e falavam em público, ao mesmo tempo, em que podiam perceber o desenhar do caráter e da personalidade das meninas, que, aos poucos, se transformavam em mulheres aptas a governar o Brasil.

O país que herdariam na condição de soberana, no oitocentos, carregava uma história marcada por problemas de ordem econômica, política e social, pois, assim como se destacava por sua dimensão continental e a excêntrica beleza da fauna e flora, atraía os olhares internacionais para uma importante questão: era uma das últimas nações a manter o regime de escravidão.

4.2 “Humanidades”: lições de história, geografia e economia política nos cadernos da Princesa Imperial

Ao longo dos séculos XVI e XIX, o estudo das *Humanidades* esteve pautado na leitura e apropriação de textos clássicos que abarcavam vários campos de conhecimento ainda não independentes entre si, compreendendo uma grande área de saber *Universal*. E por mais que os saberes humanísticos focalizassem a formação da competência retórica e não na transmissão de conteúdos, havia uma necessidade dos alunos dominarem conhecimentos específicos de cada campo para comporem seus discursos. Logo, “história, geografia, filosofia e outros saberes eram amplamente estudados pelos discentes como fundamento para

compreensão dos textos antigos e alimento para o desenvolvimento de sua arte retórica” (MATOS, 2016, p. 120).

No caso de Princesas herdeiras, a importância de estudar esses campos de ensino estava intimamente ligada à função que viria a ser desempenhada no futuro de administrar o país. Primeiramente, porque aquele que não conhece a *História das Nações*, estará mais propenso a repetir os mesmos erros em governo. Além disso, é preciso ter conhecimentos sobre economia política e dimensão sobre as diferentes realidades das regiões de seu próprio país, para melhor direcionar os recursos existentes. Por esses motivos, o estudo das *Humanidades* se mostra indispensável para um bom desempenho político de um soberano, conhecimentos ofertados às Princesas brasileiras que podem ser contemplados a seguir.

4.2.1 “Dei minhas lições: escrevi pela primeira vez a história antiga ... dei a geografia...”

Mostrar a utilidade do estudo da Historia

O estudo da Historia é muito [importante] sobretudo aos Reis e aos Principes para mostrar-lhes o quanto devem fazer pouco caso das lisonjas dos aduladores. A Historia é o espelho em que a vida dos homens vem se estampar [...] devemos mostrar uã alma pura, patriota [...]. Do estudo da Geographia relativamente as suas vantagens

A Geographia é um estudo muito util. Sendo necessario para um negociante conhecer as regiões, sua posição relattiva no mundo [...]. Um Principe que não soubesse Geographia, que papel ridículo faria desconhecendo sua patria e tendo que lidar com pessoas vindas de terras estrangeiras. De que serviria falarmos em Paris, Constantinopla, Berlim, se não soubessemos onde estão colocadas, que adiantamento tem sua população, seus edifícios, suas belezas naturaes.³⁸⁵

Isabel Christina

Os fragmentos citados são do caderno de ditado da Princesa Isabel, o manuscrito, visto no Capítulo 3, contém títulos ditados e/ou escritos por Cândido José de Araújo Vianna e D. Pedro II, com a finalidade de que as Princesas construíssem textos de acordo com as temáticas entregues, era dessa forma que ambos instruíam as alunas à prática da produção textual. Os títulos selecionados acima: *Mostrar a utilidade do estudo da historia e do estudo da*

³⁸⁵ Caderno de Teatro da Princesa Isabel nº 19 - Arquivo Grão Pará. [Grifo meu].

geographia relativamente as suas vantagens são uma clara tentativa de mostrar à Isabel e Leopoldina a relevância e a utilidade da história e da geografia, ensinadas pelos mestres.

No excerto, ao se referir à história, Isabel enfatiza a importância da matéria para Príncipes e Reis, que figuravam nos livros de história oitocentista, afinal, esses eram os personagens privilegiados no processo de escrita, pautado na construção da memória dos “grandes homens”, os “vultos da nação”³⁸⁶, aqueles que ocupavam papel de destaque na sociedade, seja como governante, político ou general. Além disso, a Princesa mostra-se mais uma vez preocupada com *aduladores*, ou pessoas que elogiam em excesso. Acredito que essa seja, na realidade, uma apreensão do pai das meninas com aqueles que fariam parte do círculo social das filhas, cercando-as para obter benefícios ou, até mesmo, prejudicá-las no exercício da função administrativa no futuro, esses jogos de interesses e conspiração eram próprios da Sociedade de Corte, o que justificava a preocupação do soberano.

Quando Isabel menciona as vantagens da Geografia, lembra do homem comum, não possuidor de título e tampouco oriundo de casas reinantes. A profissão lembrada por ela é a de negociante, que, talvez, precisasse se deslocar para vender suas mercadorias e, portanto, “conhecer as regiões e a posição no mundo” era primordial para o desempenho de sua função. Em seguida, recorda-se, ou é lembrada pelo mestre, de apontar o valor da Geografia para o Príncipe ou Princesa. E, parece repetir o que ouviu: “*Um Príncipe que não soubesse geographia, que papel ridículo faria desconhecendo sua patria e tendo que lidar com pessoas vindas de terras estrangeiras.*”. Dessa forma, a Princesa Imperial realça algumas das funções daqueles que estão à frente do poder político: receber chefes de Estado, e, principalmente, conhecer sua pátria, sua população, seu adiantamento, seus edifícios e suas belezas naturais, isto é, conhecer os grupos humanos e sua relação nos espaços físicos e biológicos da superfície terrestre, função primordial da geografia enquanto ciência.

Em busca de vestígios das lições de história e geografia ofertadas às Princesas, dirigi-me ao Arquivo Histórico do Museu Imperial, no qual encontrei vários documentos, dentre eles cadernos, mapas e boletins, alguns já conhecidos pelo leitor no Capítulo 2 desta pesquisa. Separei, inicialmente, os boletins e, após análise, listei as matérias estudadas, e especialmente às relativas à história e geografia, acompanhadas das respectivas notas obtidas pelas alunas nos processos avaliativos. Assim, foi possível considerar as matérias de história e geografia ensinadas à Isabel e Leopoldina entre os anos de 1856 e 1864: geografia - mapa da Grécia e Itália (Anexos E e F), história antiga, história moderna, história da América, história de Roma,

³⁸⁶ Sobre o assunto ver: (ENDERS, 2014).

história do Consulado e do império, história da Inglaterra, história da França, história de Portugal e história do Brasil. Conhecimentos em conformidade com o que era oferecido na Corte, ao menos no Colégio Pedro II.³⁸⁷

Após tomar ciência do que era proporcionado às Princesas, resolvi investigar no Arquivo Grão Pará, os materiais de estudos das meninas sobre as matérias listadas acima e assim localizei: mapa de geografia (2), caderno de mitologia (1), caderno de história do consulado e do império da França (1) e caderno de história de Portugal (2), todos em idioma francês. Ao ampliar a compreensão do contexto em que esses saberes foram desenvolvidos, constatei que os cadernos haviam sido escritos nas lições de história, ministradas pela Condessa de Barral e auxiliada por Victorine Templier, há, inclusive, referência a essas aulas oferecidas às Princesas num dos documentos de estudo que deu origem ao Quadro 8, exibido no Capítulo 2 desta pesquisa.

Contudo, diante de vestígios do que era ensinado às Princesas, senti falta de vários cadernos relativos as matérias ensinadas às Princesas conforme registro em boletins, mas me inquietei, principalmente, com a ausência do caderno de história do Brasil, pois sabia que Joaquim Manuel de Macedo, também professor do Colégio Pedro II, havia lecionado a matéria às Princesas na segunda metade do oitocentos. Logo, tomei a decisão de continuar procurando por maiores informações sobre esse ensino. Passei várias tardes no Museu Imperial lendo cartas de Isabel e de Leopoldina dos anos de 1854 a 1864, época em que os documentos de estudos foram manuscritos por elas. Não obstante, para meu espanto, nada foi encontrado sobre o assunto nas correspondências, então, resolvi considerar duas hipóteses: a primeira é de que o mestre possa não ter feito uso de cadernos no decorrer de suas lições, priorizando a leitura e a compreensão dos livros teóricos, afinal, era escritor e havia publicado, na época, alguns livros, logo, seria natural que privilegiasse o uso desses impressos; a segunda é a possibilidade de que os cadernos possam ter existido, mas descartados ou “esquecidos em um canto qualquer”.

Ciente de que os cadernos costumam conter textos oriundos de livros, dirigi-me à Biblioteca do Museu Imperial e solicitei aos funcionários alguns dos livros provenientes tanto da Biblioteca particular de D. Pedro II quanto do acervo da Princesa Isabel (Apêndice A), com o objetivo de encontrar obras de história do Brasil que possam ter sido utilizadas pelas meninas durante a formação educacional. Dentre os livros solicitados, destaco quatro: *Resumo*

³⁸⁷ O Colégio Pedro II ofertava na época entre várias matérias: “Geographia, Historia Antiga, Historia da Idade Media, Historia Moderna, Corographia e Historia do Brasil”. Cf. Decreto nº. 1.556 de 17 de fevereiro de 1855.

da *História do Brasil* (1855), de Henrique Luís de Niemeyer Bellegarde³⁸⁸, mencionado anteriormente; *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*, 2 vols, (1862/1863)³⁸⁹; *Lições de historia do Brazil para uzo dos alumnos do Imperial Collegio de Pedro Segundo* (1861) (para alunos do 4º ano) e *Lições de História do Brazil para uso dos alumnos do Imperial Collegio de Pedro Segundo* (1863)³⁹⁰ (para alunos do 7º ano), os três últimos de autoria de Joaquim Manuel de Macedo. O interessante é que todos foram editados no período em que ele atuava no Colégio Pedro II e na Casa Imperial, e, ao que tudo indica, esses recursos didáticos eram usados pelo professor nos dois espaços.

Após encontrar livros de história do Brasil usados pelas Princesas durante as lições, retornei ao Arquivo Histórico do Museu Imperial em busca de traços das aulas ministradas pelo mestre Macedo. Desta vez, fui disposta a “avançar no tempo” para ler as cartas escritas pelas Princesas também do período posterior à conclusão da instrução das duas. Foi quando encontrei uma carta de Isabel do ano de 1868, enviada ao Duque de Nemours, seu sogro.

Na correspondência, Isabel comenta com o sogro a ida do historiador e diplomata brasileiro, Francisco Adolfo de Varnhagen³⁹¹, para Viena. É quando deixa aflorar reminiscências da infância ao se referir à leitura de livros do historiador: “*ele compos uma Historia do Brasil que, embora muito bem feita, segundo Papae, muito nos aborrecia, a Leopoldina e a mim, quando durante nossa educação, liam-na para nós*”³⁹². Também me deparei com uma carta de Isabel aos pais contendo a seguinte informação: “*1º de Março de 1860 [...] Leitura da Historia do Brasil.*”³⁹³. Ou seja, as Princesas podem até não ter escrito cadernos de história do Brasil, mas estudavam a história do país a partir de leituras de livros

³⁸⁸ BELLEGARDE, 1855.

³⁸⁹ MACEDO, Joaquim Manoel de. *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typ. Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1862. 363p., il., 21 cm.

³⁹⁰ MACEDO, Joaquim Manoel de. *Lições de historia do Brazil para uzo dos alumnos do imperial collegio de Pedro segundo*. Rio de Janeiro: Typ. Imparcial, 1861; MACEDO, Joaquim Manoel de. *Lições de historia do Brazil para uso dos alumnos do imperial collegio de Pedro segundo*. Domingos José Gomes Brandão, 1863.

³⁹¹ Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, (SP/1816 - Austria/1878) foi militar, diplomata e historiador brasileiro. Formou-se engenheiro militar em 1839, na Real Academia de Fortificação, Artilharia e Desenho. Retornou ao Brasil em 1840, entrando para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1841, onde exerceu o cargo de primeiro-secretário. Em 1844, obteve a nacionalidade brasileira, podendo ser admitido na carreira diplomática. Serviu na legação de Lisboa e na de Madri, obtendo reconhecimento como historiador com a publicação de *História Geral do Brasil* em dois volumes (1854 -1857). Pertenceu ao quadro social de importantes associações científicas internacionais: Academia de Ciências de Munique, Sociedade de Geografia de Paris e Instituto Histórico e Geográfico do Rio da Prata, além da já citada Academia Real de Ciências de Lisboa. Como reconhecimento aos seus méritos, D. Pedro II concedeu-lhe o título de Barão de Porto Seguro, em 1872. Dois anos mais tarde, elevou-o a Visconde com honras de grandeza. Disponível em: <<http://www.usp.br/labteo/varnhagen/>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

³⁹² AGP -VII-3 - Carta da Princesa Isabel ao Duque de Nemours, Petrópolis, 7 de março de 1858. Arquivo Grão Pará.

³⁹³ AGP- XLI-4 - Carta da Princesa Isabel a D. Teresa Cristina. Sem local, 15 de março de 1860. Arquivo Grão Pará.

sobre o assunto, e Isabel ainda deixa claro que não era a matéria favorita das duas. Além disso, os Apêndices F e G trazem os títulos das lições de História do Brasil constantes nesses livros e ensinados às Princesas.

Nas próximas páginas, será realizada uma breve apresentação dos aspectos extrínsecos e intrínsecos de alguns dos cadernos de história das Princesas, assim como da metodologia de ensino empregada pelos mestres. Abaixo, está digitalizada a capa do caderno de história do consulado e império da Princesa Isabel (Figura 73).

Figura 73 - Caderno de História do
Consulado e Império da Princesa Isabel -
1863



Fonte: Arquivo Grão Pará.

A materialidade dos cadernos de história caracteriza-se por conjuntos de folhas costuradas em formato brochura e/ou capa dura. A dimensão e o número de páginas aproximado é de 22,0 cm x 18,0 cm e 150 a 200 páginas respectivamente, escritas em letra cursiva e caneta tinteiro preta. Todos estão catalogados como pertencentes à Isabel, no entanto, ao abrir alguns dos cadernos, foram encontradas caligrafias não só da Princesa, mas da Condessa de Barral e de D. Pedro II.

Com caligrafia bem desenhada, Isabel escreve em idioma francês um resumo de fatos sobre a *história do consulado e império da França*, período reconhecido por muitos historiadores como uma das fases da Revolução Francesa. O texto encontrado nesse caderno é centrado na pessoa do Imperador francês, Napoleão Bonaparte. E se inicia justamente com a

apresentação de seus dados biográficos, destacando, em seguida, suas ações militares e políticas. Abaixo, encontra-se traduzida e transcrita, parte da narrativa expressa no caderno.

Napoleão Bonaparte nasceu em 15 de abril de 1762. Em 1784 passou para a Escola Militar de Paris. Banido de Paris por Paoli, famoso general Corso, aliado dos ingleses, viveu bastante tempo em Marseille com sua mãe e suas irmãs. Em 1793 tornou-se capitão por ter recebido à canhão os Marselheses Federalistas. Nomeado Coronel na sede de Coulon foi parte essencial na tomada desta cidade sobre os ingleses. Casou-se com Joséphine em 1796 e recebeu o comando de Chefe do Exército da Itália, abatida, desorganizada e sem dinheiro. Em um ano surpreendeu cinco exércitos dos quais quatro eram austríacos. Ofereceram-lhe uma expedição que colonizaria o Egito e que seria o ponto de apoio para atacar os ingleses na Índia. Ajudado por Sieyès, seu irmão Lucien e pelo general Leclerc, derrubou o diretório do famoso dia 18 “Brumaire” (1799) quando de fato começou a história do *Consulado e do Império*. Naquele momento não se guilhotinava, mas se deportava. A república moderada tomou enfim duas medidas completamente tirânicas: o empréstimo forçado progressivo, o que chamavam imposto, e que na Inglaterra se chamou “l’inconne tax” (imposto sobre os rendimentos) destinado a atingir os grandes capitalistas e fazê-los suportar as despesas da guerra e a Lei dos Reféns. A França começa a não crer mais na república e se “joga nos braços” do jovem general Bonaparte que vence a Itália e a Espanha. A guerra externa havia sido menos infeliz, trouxeram a vitória de volta, mas os soldados viviam na mais absoluta miséria. A miséria na França era a jamais já vista. Bonaparte ignorava muitas coisas, mas adivinhava as que não sabia. O jovem general tinha decisões de um homem de ação. Ele mesmo trabalhava com o ministério das finanças. Eles só dispunham do que estavam certos de receber e dessa maneira, o principal abuso, aquele da delegação, devia logo a desaparecer. Dessa forma, puderam socorrer os exércitos. O general Bonaparte foi obrigado a enviar assuntos do Estado-Maior sobre lugares onde buscar documentos que lhe faltavam. A Prússia torna-se um centro de influências... Bonaparte toma com respeito à Dinamarca uma medida de excelente efeito, de uma equidade benevolente mostrando ser um político mais justo e moderado.³⁹⁴

Ao ensinar a história do consulado e império da França, a Condessa de Barral, em conjunto com D. Pedro II acabaram por definir a importância desses fatos para as Princesas brasileiras. Logo, elas teriam a possibilidade de compreender a história daquele país e a ressonância daqueles acontecimentos para Portugal, para o Brasil e para o mundo. É importante lembrar, que a vinda da Família Real para o Brasil, no ano de 1808, está intimamente ligada à invasão francesa em Portugal.

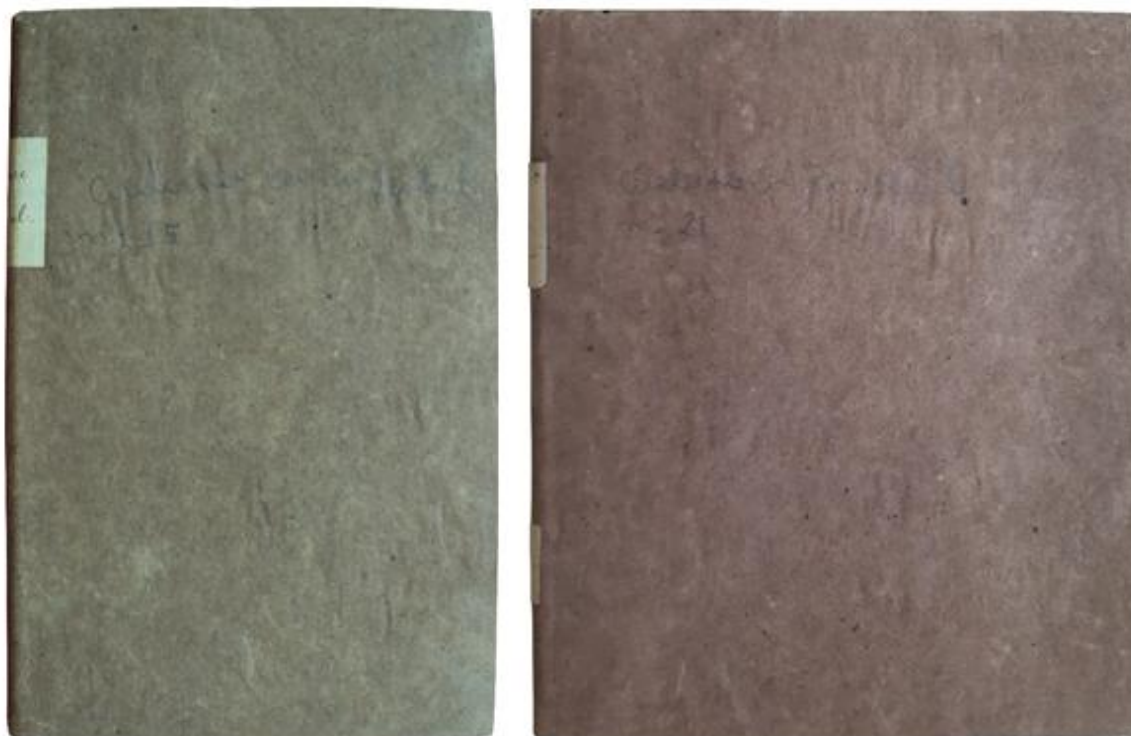
Além de constar como uma parte importante da história da França e ter repercutido pelo mundo, focar nas características e nos resultados do governo francês, bem como na conduta de Napoleão, representam uma forma de mostrar às Princesas que diferentes posturas podem levar uma nação a diferentes caminhos, planejados ou não e, por isso, as decisões precisam ser pensadas com cuidado. Por exemplo, Bonaparte, como era militar, tinha uma marca patriótica e uma personalidade forte, levando a França a um grande projeto expansionista, no entanto, como tinha uma tendência tirânica, ignorava muitos fatos, como a

³⁹⁴ Resumo de alguns dos textos sobre a História da França, contidos no Caderno de História do Consulado e Império pertencente à Princesa Isabel. Texto original em francês com tradução livre de Janete Pinto de Almeida.

questão social na França, que, segundo o trecho citado acima, se agravou naquele período. Todavia é estranho notar que, de certa forma, no final do fragmento Napoleão tenha sido visto como um governante mais “justo e moderado”, uma vez que ele foi responsável por destronar Reis e Rainhas europeus e ainda causou a fuga da Corte portuguesa para o Brasil, dando origem ao Império Brasileiro, que por elas seria governado no futuro.

Abaixo, a Figura 74 traz a capa de mais dois cadernos da Princesa Isabel:

Figura 74 - Cadernos de História de Portugal da Princesa Isabel - 1862 - 1863



Fonte: Arquivo Grão Pará.³⁹⁵

A história de Portugal, talvez, por estar intimamente ligada à história do Brasil, foi contemplada em dois cadernos da Princesa Isabel (Figura 74), o de rascunho à esquerda, e o principal à direita. A primeira página do caderno de rascunho de Isabel exhibe, com a caligrafia de D. Pedro II, as informações: “*Histoire de Portugal I.C. 23 Août de 1862*”, título da matéria ensinada, “História de Portugal”; iniciais do nome da proprietária do caderno, “Isabel Christina”; a data em que essa história começou a ser contada, “23 de agosto de 1862”. O caderno é composto por 150 páginas, das quais cerca de 81 estão escritas pelo Imperador em idioma francês, com participação da Condessa de Barral.

³⁹⁵ A Figura 74 é composta por imagens dos dois Cadernos de História de Portugal da Princesa Isabel pertencentes ao acervo do Arquivo Grão Pará.

Na página seguinte, D. Pedro II inicia a narrativa de fatos da história de sua família, especialmente daqueles que ocuparam o poder monárquico de Portugal nos últimos 60 anos – desde a Regência do avô, D. João VI, até o Reinado de D. Luiz, seu sobrinho. Os títulos contemplados no texto são: *Sequência da Regência de D. João; Reinado de D. João VI 1816-1826; Da morte de D. João VI (1826) à morte de D. Pedro (1834); Reinado de D. Maria da Glória 1834 a 1853*. Lembrando que esse caderno, aparentemente trata-se de um rascunho, pois o principal, traz escrito pela Princesa Isabel esses mesmos títulos acrescidos de outros numa ampliação do recorte temporal em 100 anos (1706-1862).

O novo texto vem com alterações e intervenções propostas pela aia e pelo pai-mestre, anteriormente apontadas no caderno de rascunho. Os respectivos títulos e número de páginas escritas no caderno principal são: *D. João V de 1706 a 1750 (6p.); Reinado de D. José I de 1750 a 1777 (16p.); Reinado de D. Maria I de 1777 a 1816 (4p.); Reinado de D. João de 10 de março de 1792 (17p.); D. João VI de 1816 a 1826 (14p.); Da morte de João VI 1826 à morte de D. Pedro (1834) (20p); Reinado de D. Maria da Gloria 1834 a 1853 (9p).*

De acordo com o número de páginas destinadas à história de cada soberano de Portugal, constata-se maior atenção ao seguinte título: *Da morte de João VI 1826 à morte de D. Pedro (1834)*. É a fase que está profundamente ligada à história do Brasil, já que nessa época D. Pedro I, Imperador do Brasil, abdicou de seu Trono em favor do filho, Pedro de Alcântara, para, então, se dirigir à Europa a fim de lutar com o irmão D. Miguel pela sucessão do Trono em Portugal para sua filha Maria da Glória.

Ao me voltar para os fatos históricos registrados no caderno da Princesa Isabel, resolvi centrar naqueles que mencionavam a mulher governante mais próxima das meninas, trata-se justamente de D. Maria da Glória. O trecho escolhido é uma narrativa escrita de próprio punho do Imperador D. Pedro II, o qual relata o falecimento de seu pai D. Pedro I do Brasil e IV de Portugal e as dificuldades enfrentadas pela herdeira legítima para assumir o Trono de Portugal que quase teve usurpado pelo tio.

Reinado de D. Maria da Glória - De 1834 a 1853

Mal D. Pedro faleceu, as Cortes se agitam, os clubes intrigam, os absolutistas ganham coragem, os vencedores se dividem, e D. Miguel sonha com meios de recuperar a Coroa. Este Príncipe, sem esperar ocasião mais favorável, escapou de repente para auxiliar, diziam de sua presença entre os esforços de seus partidários. Tal evasão comoveu a Europa inteira, por um momento julgaram que o sossego do mundo ficaria decididamente perturbado, mas isto não ocorreu. [...]. A causa da legitimidade estava decididamente ganha em Portugal. Mas era destino desse desgraçado país jamais viver tranquilo. Os principais ministros de D. Maria eram, na época, Palmella, Freire e Carvalho, teria sido difícil encontrar três homens que merecessem mais o poder. Mas fosse qual fosse a dedicação deles, as dificuldades com que tinham de lutar eram tais que não podiam vencê-los de imediato. Tiveram que lutar não só contra uma temível oposição do Parlamento, mas, também, para

reprimir vários motins na rua. [...] D. Maria decretou a dissolução das Cortes; porém esta medida enérgica representou apenas o adiamento de alguns dias e a revolução estourou no dia 9 de setembro de 1836. A multidão avançou contra o Palácio aos gritos de: “Abaixo os ministros, viva a constituição de 1822!” Que fazer sem um exército fiel? D. Maria teve de ceder e aceitar como ministros Bernardo de Sá, Lumiares e Passos, com a promessa formal de convocar imediatamente novas Cortes. Passos e Sá se puseram corajosamente a trabalhar; o primeiro para naturalizar em Portugal a civilização europeia, o segundo para reformar tudo. Mas ainda não se passaram dois meses quando uma súbita Contra Revolução veio questionar o destino de Portugal. A autora disso foi a própria Rainha, inconsolável pelo juramento que lhe tinham [...] imposto, confiante no apoio dos “carlistas”, na ajuda da Inglaterra. Ela retornou em segredo ao seu Castelo de Belém, de onde apelou para o exército, para os servidores e a todos os partidários da Carta de Renúncia [...] que só o medo lhe arrancara. D. Maria julgara excessiva as suas forças, e por causa disso não tomara precauções suficientes. Inutilmente, Lord Howard se declarou favorável às suas tentativas Contra Revolucionárias, e também inutilmente os vassalos de Lord Paget, que então cruzaram o Rio Tejo juntamente com os do almirante Hugon, a fim de proteger Lisboa contra os atentados [...] de D. Miguel, prevendo uma atitude ameaçadora: os constituintes não se deixam intimidar e os próprios “carlistas” vacilaram em apoiar a Rainha, com receio de se tornarem impopulares para sempre por uma coalisão com os estrangeiros. Os ministros não tiveram mais do que ocupar a ponte de Alcântara, entre Belém e Lisboa; e D. Maria, compreendendo que a ocasião falhara, não quis teimar. Assim, renovou o juramento de ser fiel à Constituição, e a nação que só pedia isso para se reconciliar com a soberana, acolheu-a com aclamações entusiastas quando ela voltou ao Palácio.³⁹⁶

Ao me deparar com o fragmento acima, percebo que a história de Portugal ensinada às Princesas apresenta uma narrativa permeada por drama, ação e suspense, um estilo peculiar de se “contar história” no oitocentos, que vive a influência do estilo literário do romantismo. O texto se inicia com uma introdução que chama a atenção do leitor: “Mal D. Pedro faleceu, as Cortes se agitam, os clubes intrigam, os absolutistas ganham coragem, os vencedores se dividem”. Ainda conta com um suposto vilão da história, D. Miguel, que “sonha com meios de recuperar a Coroa. Este Príncipe, sem esperar ocasião mais favorável, escapou de repente...” e uma protagonista que tem que ir contra tudo isso pelo bem maior da Coroa Portuguesa: “D. Maria, compreendendo que a ocasião falhara, não quis teimar. Assim, renovou o juramento de ser fiel à Constituição, e a nação que só pedia isso para se reconciliar com a soberana, acolheu-a com aclamações entusiastas quando ela voltou ao Palácio”.³⁹⁷

No texto, acima transcrito, a parcialidade é algo constante e parece ter como objetivo moldar os acontecimentos nos seguintes formatos: enfatizar a luta de D. Maria da Glória, tia das Princesas, para assumir o papel que era seu por direito; mostrar a força com a qual teve de encarar esses problemas para poder vencê-los; realçar os obstáculos pelo caminho de um soberano, como as revoltas dos súditos e um certo questionamento de sua autoridade por ser uma mulher tão jovem; e, por último, sublinhar a importância de se ponderar e ceder em

³⁹⁶ Transcrição do Caderno de História de Portugal da Princesa Isabel nº 21. Arquivo Grão Pará. Texto original em francês com tradução de Maria Celina Soares de Mello e Silva e de Fernando Py.

³⁹⁷ Trecho do Caderno de História de Portugal da Princesa Isabel nº 21. Arquivo Grão Pará.

algumas ocasiões, já que a soberana o fez e, assim, conquistou certa aprovação dos portugueses.

4.2.2 Exercícios de economia política: “a ciência que ensina como as riquezas são produzidas, distribuídas e consumidas na sociedade”³⁹⁸

Da Academia de Direito de São Paulo à Casa Imperial do Brasil, um dos percursos mais significativos da trajetória de vida do político e professor Carlos Carneiro de Campos, convidado a ser mestre de economia política das Princesas Isabel e Leopoldina no ano de 1863. Os estudos dessa matéria foram acompanhados de perto pelo soberano brasileiro, que deixava comentários, marcas e impressões no caderno de sua sucessora, a Princesa Imperial.

O caderno de economia política de Isabel pertence ao Arquivo Grão Pará e encontra-se armazenado na mapoteca horizontal do Arquivo Histórico do Museu Imperial, catalogado como “Estudos de economia política”, no entanto, em seu invólucro consta a identificação: “Exercícios de economia política”. Ou seja, o material não foi considerado pelo arquivista/catalogador como um caderno, porém, neste estudo, ele será, assim, analisado. O caderno tem dimensão de 31cm x 21cm, é composto por um conjunto de folhas duplas pautadas, costuradas e sem capa num total de 36 páginas manualmente numeradas, sendo 27 escritas e 9 em branco. O texto, em papel margeado à esquerda, foi escrito com caneta tinteiro preta, letra cursiva e encontra-se bastante rasurado com vários descartes de palavras. Essa composição está dividida em 28 capítulos, possivelmente copiados e/ou traduzidos de algum livro, e, embora não esteja datada, acredito que seja relativa aos anos de 1863 e 1864, quando o mestre Carlos Carneiro de Campos esteve no Palácio Imperial a fim de ministrar lições às Princesas brasileiras.

Para melhor compreensão do leitor a respeito dos assuntos tratados neste relevante caderno, elaborei o Quadro 15, abaixo:

³⁹⁸ Frase encontrada no Caderno de Economia Política da Princesa Isabel. Arquivo Grão Pará.

Quadro 15 - Estudos de Economia Política na segunda metade do século XIX

Caderno de Economia Política da Princesa Isabel - [1863-1864]		O Capital: Crítica da Economia Política - Livro I Karl Marx - 1867	
Cap.	Títulos	Cap.	Títulos
1	De que se compõem as riquezas, e o que é o valor	1	A mercadoria
2	O que é a utilidade, e em que se consiste a produção das riquezas	2	O processo de troca
3	Da indústria	3	O dinheiro ou a circulação de mercadorias
4	Das operações comuns a todas as indústrias	4	A transformação do dinheiro em capital
5	O que é um capital e como o empregamos	5	O processo de trabalho e o processo de valorização
6	Dos instrumentos naturais da indústria	6	Capital constante e capital variável
7	Dos serviços produtivos	7	A taxa do mais-valor
8	Da formação dos capitais	8	A jornada de trabalho
9	Dos produtos imateriais	9	Taxa e massa do mais-valor
10	Em que consistem os progressos da indústria	10	O conceito de mais-valor relativo
11	Das trocas e extração	11	Cooperação
12	Da moeda	12	Divisão do trabalho e manufatura
13	Dos sinais representativos da moeda	13	Maquinaria e grande indústria
14	Da importação e da exportação das mercadorias	14	Mais-valor absoluto e relativo
15	Das proibições	15	Variação de grandeza do preço da força de trabalho e do mais-valor
16	Dos regulamentos relativos ao exercício da indústria	16	Diferentes fórmulas para a taxa de mais-valor
17	Da propriedade	17	Transformação do valor (ou preço) da força de trabalho em salário
18	Da fonte das rendas	18	O salário por tempo
19	Da distribuição das Rendas	19	O salário por peça
20	De quais causas que influem sobre as rendas	20	Diversidade nacional dos salários
21	Da renda dos industriais	21	Reprodução simples
22	Da renda dos capitalistas e dos proprietários territoriais	22	Transformação de mais-valor em capital
23	Da população	23	A lei geral da acumulação capitalista
24	Do Consumo em geral	24	A assim chamada acumulação primitiva
25	Dos resultados do consumo	25	A teoria moderna da colonização
26	Dos consumos privados		
27	Dos consumos públicos		
28	Das propriedades públicas e dos impostos		

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.³⁹⁹

Ao construir o Quadro 15, dividi o mesmo em duas partes: à esquerda, expus títulos dos 28 capítulos abordados no caderno de economia política da Princesa Isabel, e à direita, obra exibi títulos dos 25 capítulos de *O Capital: crítica da economia política - Livro I* (1867), títulos dos 25 capítulos da obra clássica do filósofo, historiador e economista alemão, Karl

³⁹⁹ O quadro foi produzido com base nos *Caderno de Economia Política da Princesa Isabel* [1863-1864], e na obra de Marx (1867). A ortografia da escrita, presente nos documentos consultados, foi atualizada no quadro para a língua portuguesa atual.

Marx⁴⁰⁰. As duas produções culturais reunidas no Quadro 15 pertencem à segunda metade do século XIX e seus conteúdos podem ser visualizados lado a lado, justamente para que o leitor perceba a aproximação das ideias constantes tanto no caderno da Princesa Imperial do Brasil, quanto no livro do economista alemão.

Diante do Quadro 15, num primeiro momento, ao atentar apenas às datas do caderno [1863-1864], e do livro (1867), podemos pensar não haver possibilidade de Isabel e Leopoldina terem acesso, durante a formação educacional (1850-1864), às ideias de uma obra publicada três anos após a conclusão de seus estudos formais. Entretanto, ao me aproximar dos conteúdos abordados nas duas produções culturais e encontrar questões como “valor”, “capital”, “propriedade”, “moeda” e “trabalho”, chego à conclusão de que as filhas do Imperador tiveram contato, ao menos, com a circulação dessas ideias tão em voga naquele período, num debate que aconteceu antes mesmo da publicação oficial de *O Capital* de Karl Marx. Isso porque as discussões em prol desses temas estavam em curso desde o século anterior, antes mesmo da Revolução Francesa, com centralidade nos pensamentos de Adam Smith⁴⁰¹ e David Ricardo⁴⁰², entre outros filósofos e economistas da época. No entanto, é após a Revolução de 1848 e a viagem de Karl Marx à Inglaterra (1862)⁴⁰³ que as teorias do filósofo alemão se fortaleceram, acentuando o debate sobre economia política. Portanto, enquanto a obra de Marx não era publicada, suas ideias ganharam fôlego, num diálogo entre

⁴⁰⁰ Karl Marx (1818 -1883) foi filósofo e economista. *O Capital* é, sem dúvida, sua grande obra marcada por uma profunda análise da sociedade capitalista. Ainda que seja uma produção hegemonicamente de Economia Política, o autor consegue ao mesmo tempo dissertar sobre economia, política, filosofia, sociedade e cultura.

⁴⁰¹ Adam Smith (1723-1790) foi economista e filósofo, e é considerado o *Pai da Economia Moderna*. Em suas obras, abordou questões como o crescimento econômico, ética, educação, divisão do trabalho, livre concorrência, evolução social entre outras. Ao menos duas de suas publicações merecem destaque: *A Teoria dos Sentimentos Morais* (1759) e *A Riqueza das Nações* (1776). A primeira lhe rendeu o cargo de tutor do Duque de Buccleuch em 1764, com quem viajou para França, exercendo a função por três anos em troca de um salário anual vitalício duas vezes maior do que o salário de professor universitário. O segundo trabalho lhe proporcionou o convite do Duque de Buccleuch para ser comissário da Alfândega Escocesa de Edimburgo em 1778, com um vencimento duplamente maior que o anterior, função que desempenhou até o fim de sua vida. Smith defendeu a igualdade perante a lei para todos, condenando a ação do governo em conceder vantagens a alguns à custa de outros. Ele acreditava ser inadequado quaisquer leis que freassem a produção dos homens, e sustentava que cada pessoa pudesse buscar livremente seus interesses, desde que não infringisse os direitos de outras pessoas. A “*Mão Invisível*”, termo cunhado por Smith era uma clara oposição à economia planejada dos mercantilistas. Conforme cruzamento de dados disponíveis em: <<https://www.todamateria.com.br/adam-smith/>>; <<https://www.infoescola.com/economia/adam-smith/>> Acesso em: 16 jan. 2020.

⁴⁰² David Ricardo (1772-1823) foi economista e criador da teoria da “lei de ferro dos salários”. Em seu primeiro trabalho, *The High Price of Bullion, a Proof of the Depreciation of Bank Notes* (1810), listava e explicava medidas que achava plausíveis para a prevenção e combate à inflação. Posteriormente, escreveu e publicou sua segunda obra, *Principles of Political Economy and Taxation* (1817), expôs suas principais ideias econômicas, até certo ponto polêmicas, pois politicamente elas favoreceriam a burguesia industrial contra a classe ruralista. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/biografia/david-ricardo.htm>> Acesso em: 16 jan. 2020.

⁴⁰³ Sobre o assunto ver: JOSÉ, Paulo Netto; BRAZ, Marcelo. *Economia política: uma introdução crítica*. 8ª Edição. São Paulo: Cortez, 2006.

os pares à luz dos desdobramentos das Revoluções Burguesas. A leitura de mundo desse tempo e contexto realizada pelo filósofo e economista Karl Marx mostrou-se extremamente avançada para a época e, como não poderia ser diferente, foi interpretada e reinterpretada ao longo dos séculos, com ressonância ainda nos dias de hoje.

O interessante é pensar como o ensino de economia política oferecido à Isabel e Leopoldina estava atualizado e em conexão com as ideias que circulavam na Europa, visto que, algumas teorias atravessaram o oceano e chegaram às Princesas brasileiras no auge de suas discussões. Esses saberes podem ter vindo por meio da circulação de pessoas e ideias, seja a partir de estudantes patrocinados por D. Pedro II, pelo próprio professor Carlos Carneiro de Campos, ou ainda, com a chegada de escritos sobre o assunto, via vapor, já que o Imperador fazia questão de estar atualizado sobre os acontecimentos do Brasil e do mundo, o que favoreceu a formação de suas herdeiras.

Desta forma, o Imperador brasileiro deu por encerrada no ano de 1864, a educação formal de suas herdeiras ao Trono, contudo jamais deixou de ser o pai-mestre e orientador de suas filhas. Podemos tomar como exemplo o ano de 1871, quando perdeu precocemente sua filha Leopoldina e precisou viajar à Europa em busca de seus netos órfãos de mãe. Na ocasião, Isabel foi requisitada pela nação a assumir o poder como Princesa Regente. No entanto, quando ela estava prestes a assumir o poder, o soberano cuidadosamente elaborou um manuscrito composto por 27 páginas, contendo os ensinamentos práticos necessários a um governante, ficando conhecido posteriormente, como: *Conselhos à princesa Isabel de como melhor governar*.

Abaixo, encontra-se transcrita a primeira página do documento, uma espécie de texto introdutório do que estava por vir.

Minha filha

O sentimento inteligente do dever é nosso melhor guia; porem os conselhos de seu Pae poderão aproveitar-lhe.

O systema politico do Brazil funda-se na opinião nacional, que, muitas vezes, não é manifestada pela opinião que se apregoa como publica. Cumpre ao imperador estudar constantemente aquell'a para obedecer-lhe. Difficillimo estudo, com efeito, por causa do modo, porque se fazem as eleições; mas, emquanto estas não lhe indicão seu procedimento político, já conseguirá muito, se puder atender com firmeza ao que exponho; sobre as principais questões, mormente no ponto de vista pratico. Para ajuizar bem d'ellas, segundo os casos occorrentes, é indispensável que o imperador, mantendo-se livre de prevenções partidarias, e portanto não considerando tambem como excessos as aspirações naturaes e justas dos partidos, procure ouvir; mas com discreta reserva das opiniões proprias, ás pessoas honestas e mais inteligentes de todos os partidos; e informar-se cabalmente de tudo o que se disser na imprensa de todo o Brazil e nas Camaras legislativas d'Assemblea-geral e

provinciaes. Não é prudente provocar qualquer outro meio de informação e, cumpre aceitá-lo cautelosamente.⁴⁰⁴

Cada tema tratado no manuscrito recebeu um título seguido por texto dissertativo, os títulos são: “Eleições”, “Administração”, “Educação pública”, “Vias de comunicação e Colonização Emancipação”, “Exército e Marinha”, “Relações Externas”, “Relações com o Ministério”, “Do Poder Moderador e do Chefe do Poder Executivo”, “Lembranças”.

Assim, após proporcionar à Princesa Imperial conhecimentos teóricos e práticos de economia política e política, o soberano deixa uma última lição, “*Cumpra ao Imperador estudar constantemente...*”⁴⁰⁵, e parte rumo à Europa com sentimento de dever cumprido.

⁴⁰⁴ PEDRO II, Imperador do Brasil. *Conselhos à filha Isabel*. [S.1.: s.n.], 1871. 27p., 24cm. Também foi consultado por meio da obra publicada no século XX - D. Pedro II. *Conselhos à princesa Isabel de como melhor governar [1871]*. São Paulo: Edições GRD, 1985.

⁴⁰⁵ PEDRO II, Imperador do Brasil. *Conselhos à filha Isabel*. [S.1.: s.n.], 1871. 27p., 24cm. D. Pedro II; *Conselhos à princesa Isabel de como melhor governar [1871]*. São Paulo: Edições GRD, 1985.

UM “AMOR-PERFEITO” ENTRE A PESQUISA E O OBJETO: FECHANDO OS CADERNOS

Figura 75 - Caderno da Princesa Isabel com um amor-perfeito seco - 1856



Fonte: Arquivo Grão Pará.

Chegou o momento de fechar os cadernos que me acompanharam intensamente nos últimos anos. Encerro este estudo com uma imagem que tive acesso no último dia de pesquisa no Museu Imperial: um “amor-perfeito” seco, uma das flores preferidas de Isabel na infância, encontrado no caderno da Princesa Imperial (Figura 75), provavelmente, ela mesma o tenha guardado no caderno durante as lições já que o conteúdo ensinado em língua francesa refere-se justamente à botânica e ao ciclo de vida vegetal.

O interessante é que, no decorrer da pesquisa, convivi muitas vezes com o “amor-perfeito” desenhado em diferentes cores, tons e tamanhos em cartas das Princesas, então, acabei por me habituar a encontrá-los, mas não em seu estado natural. Esse caderno foi por mim folheado em várias ocasiões, porém, como o “amor-perfeito” estava ao final, em páginas em branco, acredito que tenha passado despercebido e, se não retornasse ao Arquivo Histórico do Museu Imperial na última semana de pesquisa, para conferir alguns dados, jamais o teria notado. Ele parecia desejar mostrar-se apenas para se despedir, num momento em que eu mesma estava me despedindo daqueles arquivos. O encontro desse “amor-perfeito” entre a pesquisa e o objeto, acabou por me fazer recordar os vários momentos vividos no percurso desta tese de doutorado, sobre a qual tecerei minhas considerações finais.

A busca por traços da educação das Princesas Isabel e Leopoldina me conduziu ao encontro de arquivos e casas de guarda de caráter público e privado, nos quais passei dias, semanas, meses e até anos à procura de documentos que pudessem me dar “pistas, indícios e sinais” sobre a formação de duas mulheres que precisavam ser educadas para governar. No início, as cartas foram a principal fonte investigada, no entanto, enquanto pesquisava, estive atenta aos espaços formativos das Princesas e aos objetos que os compunham, imaginando quais poderiam ter sido manuseados pelas Princesas no decorrer das lições.

As constantes idas e vindas às instituições de guarda fizeram com que, numa tarde fria de inverno no Museu Imperial, na cidade de Petrópolis, tivesse o privilégio de ler uma carta enviada por Isabel ao pai no ano de 1859, que acabou por desvelar os cadernos de lições das Princesas herdeiras. A descoberta dessa fonte me possibilitou acesso ao que ainda não havia sido pesquisado sobre a educação de Isabel e sua irmã Leopoldina, tornando-se, então, a principal fonte desta tese de doutoramento.

O encontro com os cadernos das Princesas no Arquivo Grão Pará e no Arquivo Histórico do Museu Imperial despertou questionamentos sem fim e interessei-me por entender sobre quais matérias se referiam e porquê haviam sido guardados, visto que, no Brasil, artefatos dessa natureza costumam ser descartados ou “deixados num canto qualquer”⁴⁰⁶. Tal indagação me levou a pesquisar sobre a historicidade dos arquivos e acervos e, conseqüentemente, a abrir os cadernos, buscando entender quais eram os conteúdos de ensino da área de Humanidades que D. Pedro II entendia como necessários à formação das herdeiras do Trono brasileiro, realizada nos Paços Imperiais de São Cristóvão e de Petrópolis entre os anos de 1850 e 1864.

Os cadernos das Princesas oriundos do arquivo pessoal da Família Imperial, hoje depositados em casas de guarda, referem-se ao ensino das ciências naturais, da geografia, da história de diferentes países, das artes (teatro, música, desenho e pintura), da história santa, da matemática, da economia política e de sete diferentes idiomas. O interessante é que os cadernos não representam tudo o que foi lecionado, pois, nos boletins das duas meninas, existem registros de outros conhecimentos não contemplados nos cadernos encontrados, seja porque não se tenha feito uso desse tipo de suporte, devido à natureza prática da instrução, como é o caso dos “trabalhos de agulha” e a equitação, ou por terem sido descartados com o decorrer dos anos. Até porque as Princesas chegavam a estudar 11 horas diárias num período

⁴⁰⁶ Expressão encontrada na música “O Caderno” (1985) de Toquinho, transcrita na epígrafe dessa tese.

de 14 anos e os cadernos armazenados em prateleiras e gavetas não cobrem todo esse tempo de estudo.

Uma outra descoberta logo no início da pesquisa, foi a de que há muito mais cadernos da Princesa Isabel em relação à Princesa Leopoldina, ainda que as duas tenham recebido a mesma educação em igual período. À vista disso, percebo que a posição ocupada por Leopoldina como Princesa consorte, segunda na linha de sucessão, e sua morte precoce, aos 23 anos, podem ter feito com que não houvesse tanta preocupação de enaltecer sua memória. Isabel por sua vez, além de ser a primeira na linha sucessória, viveu por 75 anos e chegou a reger o poder político do Brasil por três anos e meio, com uma expectativa de que houvesse um Terceiro Reinado em seu país a ser trilhado por ela. Tais motivos podem justificar a prioridade dada na conservação de seus escritos muito bem resguardados, os quais acabam por colaborar com a exaltação de sua memória.

Durante a investigação, cheguei ao número de 52 cadernos, sendo 50 cadernos de lições e 2 cadernos-diário. Os cadernos de lições referem-se aos conteúdos lecionados pelos mestres e voltam-se, principalmente, para o ensino das ciências e das letras, os cadernos-diário narram os acontecimentos do cotidiano vivenciados por Isabel e, na maioria das vezes, compartilhados com sua irmã.

O estudo buscou focalizar os saberes contidos nos cadernos de lições voltados para línguas, (português, inglês, francês, alemão, latim, italiano e grego), literatura, história sagrada, artes, história, geografia e economia política, conhecimentos que integram a área das *Humanidades*, os quais são predominantes no currículo educacional oferecido às Princesas e essenciais para a construção de um futuro governante. O caderno-diário, escrito por Isabel na infância, entrecruzado com cartas e outros cadernos, auxiliou na percepção da dimensão da formação recebida pelas herdeiras do Trono. Todavia, para analisar o que estudavam as Princesas Isabel e Leopoldina, no intuito de compreender como se dava a educação para o governo da nação, precisei realizar a revisão da literatura a partir de trabalhos biográficos que se referissem às Princesas, visto que não se tem conhecimento de livros específicos sobre os cadernos das herdeiras do Trono, afinal, quase todos os cadernos, eleitos como fontes principais para o estudo em pauta, são inéditos.

Diante das obras consultadas, percebi que o arquivo pessoal dos descendentes da Família Imperial e os relatos orais dos que conviveram com as Princesas foram fundamentais para a escrita dos primeiros trabalhos sobre a vida da Princesa Isabel e de sua irmã Leopoldina. Algumas dessas obras chegam a mencionar as matérias estudadas no percurso das duas meninas, no entanto, há um profundo silêncio quanto ao *processo de construção das*

soberanas na Sociedade de Corte, aos conteúdos de ensino e à apropriação dos saberes presentes nos cadernos das Princesas. E assim, tornaram-se categorias de análise ou eixos norteadores desse estudo.

Para compreender como acontece a construção de soberanos na sociedade de Corte, busquei por informações a respeito da instrução de outros Príncipes e debrucei-me sobre obras que tratassem da temática. Um dos questionamentos que permearam minha pesquisa foi: ao se comprometer em propiciar às filhas uma “educação de homem” e, ao mesmo tempo, de “senhoras que viriam a governar um Império”, teria o Imperador do Brasil se inspirado em algum exemplo de governante? A partir da indagação, iniciei a investigação que priorizou a educação de crianças nobres e principescas.

Dentre os escolhidos estão Duques, Príncipes e Princesas, todos dos séculos XVIII ou XIX, são eles: Ferdinando, Duque de Parma (1765-1802); Vitória, Rainha da Inglaterra (1837-1901); D. Pedro II, o segundo Imperador do Brasil (1840-1889); D. Maria da Glória, irmã de D. Pedro II e Rainha de Portugal (1826-1828/1834-1853). Além desses, incluí à pesquisa: o Infante D. Afonso e seu irmão D. Carlos, Rei de Portugal (1889-1908), primos de Isabel e Leopoldina que se formaram em espaços de tempo próximos ao período em que se deu a educação formal das duas irmãs. Todas as crianças escolhidas, da mais distante a mais próxima, faziam parte do círculo familiar de D. Pedro II, então, acredito que, de algum jeito, ele possa ter tomado conhecimento sobre a formação desses Príncipes e Infantes e tenha se orientado sobre o que adotar ou não com suas herdeiras. Há, ainda, a questão de gênero, uma vez que as Cortes priorizavam os homens no poder, o Imperador do Brasil tinha por finalidade ofertar às filhas, além dos conhecimentos comumente propiciados às mulheres, aqueles que, no século XIX, eram próprios da formação deles, os homens.

De uma forma geral, os autores consultados se concentraram em pesquisar, desmembrar e interpretar valores e critérios que orientaram a formação de Príncipes herdeiros, apropriando-se de vestígios presentes em cartas, cadernos, diários e autobiografias, documentos que, por muito tempo, não estiveram acessíveis ao grande público devido sua natureza íntima. Os trabalhos se voltam para aspectos da vida de seus biografados, assim priorizei o período da formação educacional no intuito de compreender os espaços formativos, as matérias ministradas, a escolha dos mestres que os instruíram e, consequentemente, as marcas que estes imprimiram na “fabricação”/formação do pupilo, aquele que, no futuro, iria ocupar os espaços do poder.

As crianças nobres pesquisadas são oriundas de casas reinantes majoritariamente europeias, sendo educadas também nesse continente, a exceção ficou por conta dos irmãos D.

Pedro II e D. Maria da Glória, ambos brasileiros, portanto, nascidos no continente americano. Contudo, mesmo a irmã de D. Pedro II sendo brasileira, tendo recebido sua instrução inicial no país de nascimento como o irmão, sua conclusão se deu na Inglaterra, e, quando chegou o momento, tornou-se Rainha de Portugal e não da terra que a viu nascer.

Todos os herdeiros do Trono investigados foram educados na casa, assim como as Princesas brasileiras Isabel e Leopoldina, todavia, D. Carlos e D. Afonso, netos de D. Maria da Glória, complementaram seu aprendizado formal com uma viagem cultural internacional ao lado de seus mestres. De certa forma, o fato também aconteceu com a filha mais velha de D. Pedro II, ainda que a viagem realizada ao final dos estudos, não tenha ocorrido explicitamente com esse objetivo e nem com seus mestres.

Há, ainda, particularidades na formação de cada um desses herdeiros pesquisados, a título de exemplo destaque: a Princesa Vitória sempre se mostrou uma grande apreciadora das artes. Sua insegurança durante a formação, seu isolamento e temperamento difícil eram vistos como traços muito negativos de sua personalidade, todavia, esses atributos foram de grande relevância durante o exercício de seu governo como Rainha, pois, mesmo que tivesse dúvidas e incertezas, tais características acabaram por torná-la obstinada a levar a Nação Inglesa ao seu apogeu; a pequena Maria da Glória era muito inteligente e sabia agir de forma triunfante durante aparições públicas na infância, ela possuía o dom de conquistar a todos com sua sabedoria e classe. Quando Rainha, tornou-se esclarecida e ciente de seu dever, em seus atos, reconhecia e valorizava a boa educação, acabando por efetivar durante seu governo, várias implementações nesse setor, obtendo o cognome de “Educadora”; quanto ao seu irmão, D. Pedro II, os grandes diferenciais em sua educação foram o conhecimento e domínio das mais variadas línguas, tornando-se um autodidata sedento pela ampliação de seu saber por toda a sua vida; já o Príncipe português D. Carlos e seu irmão D. Afonso, além da formação recebida pelos demais herdeiros, receberam instruções relativas ao direito, aos valores morais e à prática da diplomacia. Ao fim de sua vida, D. Carlos adquiriu a alcunha de “O Diplomata”, devido às inúmeras visitas aos países vizinhos, a fim de contornar questões políticas com essas nações e D. Afonso, o Duque do Porto, esteve ao seu lado representando-o junto às Cortes estrangeiras sempre que se fazia necessário; o Duque de Parma, por sua vez, obteve com prioridade ensinamentos da filosofia iluminista, inclusive, sua educação foi por um caminho diferente da maioria dos programas proporcionados aos herdeiros do Trono de sua época. O objetivo de seus educadores era formar um Príncipe esclarecido e religioso, porém racional, capaz de impor sua lei ao Clero. No entanto, a administração política do Reino de Parma exercida por ele foi um fracasso e a culpa recaiu sobre a formação recebida de seu

preceptor e de seu tutor, destacando a importância daqueles que desempenham a função de preceptoria junto aos Príncipes herdeiros. Contudo, há de se realçar que, corroboraram para o resultado nefasto do governo de Ferdinando, o descaso com seu estado emocional, a violência sofrida durante o processo educativo e a carga de estudos desproporcional a sua faixa-etária. Portanto, a história educacional desse Infante, assim como a dos demais Príncipes e Princesas investigados neste estudo é um grande exemplo da importância do diálogo entre educadores, alunos e pais na formação e no cuidado com a saúde mental dos pupilos, além da busca por valores que os orientem em seu estado emocional, auxiliando-os na construção de sua própria personalidade.

Os Duques, Príncipes e Princesas selecionados receberam ensinamentos muito próximos aos ofertados à Isabel e sua irmã. Após analisar os currículos desses herdeiros, encontrei lições de geografia, história, filosofia, ciências naturais, caligrafia, português, inglês, latim, italiano, grego, francês, alemão, matemática, moral cristã, desenho, pintura, canto, dança, música, equitação, bordado e costura, esgrima, ginástica e instrução militar. Sendo que, há especificidades de gênero como os conhecimentos de esgrima e instrução militar, que são assegurados especialmente a eles, os homens, e as lições de bordado e costura ofertadas, sobretudo, a elas, as mulheres.

Voltando-me para a formação das Princesas brasileiras, sublinho que seus cadernos de lições eram escritos no decorrer das aulas ministradas por seus mestres, pelas aias e pelo pai-mestre D. Pedro II, o que acontecia diariamente das 7h às 22h, nos espaços do conhecimento existentes nos Paços Imperiais. E, mesmo a educação de Isabel e Leopoldina tendo ocorrido na casa, seguia normas e orientações comuns às instituições escolarizadas, com horários de estudo, currículo e procedimentos avaliativos previamente estabelecidos por seus professores, com práticas muito comuns àquelas desenvolvidas no Colégio Pedro II, a joia do Imperador.

Após folhear página por página, notei que a caligrafia das meninas mudou consideravelmente desde o primeiro caderno escrito (1854) até o último (1864). A escrita das duas acompanhava o humor, o estado de espírito e a ocasião em que precisava ser colocada em evidência. Não faltaram repreensões para que se dedicassem a fim de expressarem belas letras. Quando chegava a noite, após um longo dia de lições e já sob a luz de um lampião, as Princesas se recolhiam em seus quartos e, a partir da pena e do papel, davam vida e sentido às letras e palavras, primorosamente desenhadas ou apenas rascunhadas em cartas e seu caderno-diário.

O costume de escrever cartas e diários era constante entre as mulheres letradas do século XIX, era o momento em que suas mentes viajavam por meio das palavras, estivessem

elas em seus quartos, sentadas junto à mesa ou numa aconchegante escrivaninha. E com Isabel e Leopoldina não era diferente. Tive o privilégio e a honra de passar os últimos anos em contato direto com esses manuscritos e a cada página que folheava acompanhava os relatos e as transformações que ocorriam em suas vidas com o passar do tempo. Das páginas, emergiram duas meninas alegres, sorridentes, engraçadas, e, também, dedicadas e cientes de seu dever: estudar para um dia governar.

Em sua infância, Isabel e Leopoldina estudavam, principalmente, evangelho, catecismo, geografia, história, ciências naturais, as línguas, a música, o canto, a dança, os trabalhos com agulha e conteúdos provenientes da Instrução Elementar. Todos esses ensinamentos eram interrompidos com intervalos para passeio e brincadeiras e, em alguns desses momentos, D. Pedro II e D. Teresa Cristina se faziam presentes, talvez, esquecendo-se um pouco de que eram o Imperador e a Imperatriz para apenas brincar com suas filhas na condição de pai e mãe das meninas.

Quando chega a fase da adolescência, constato que D. Pedro II se volta, de fato, para o propósito de formar duas mulheres educadas para governar. Ele passa a priorizar ensinamentos voltados para as ciências e as letras, especialmente economia política, em detrimento dos conhecimentos sagrados, com isso a carga horária de estudos, o número de professores e as matérias ensinadas aumentam consideravelmente. Desde o início, procurou empregar docentes majoritariamente do gênero masculino, dos quais muitos eram doutores e/ou políticos influentes, reconhecidos como “os grandes homens do Império” e que, ao lecionar para as Princesas, passaram a ser vistos como “a nobreza da nobreza”. Alguns desses mestres eram pesquisadores ligados a Comissões Científicas e Instituições Educacionais e Culturais respeitadas como o Museu Nacional, o Colégio Pedro II e o IHGB.

Todavia, ainda que tivesse um seletivo grupo de professores capacitado para educar suas filhas, D. Pedro II continuou sendo pai-mestre das duas: pai, quando precisava cobrar bom comportamento e “lições bem dadas”; mestre, quando entrava em seu Gabinete de Estudos e se propunha a ensinar às filhas conceitos teóricos que acreditava ser importantes para futuras soberanas. Afinal, Isabel e Leopoldina, não estavam sendo formadas para serem Princesas consortes com uma vida ociosa ritmada por convenções sociais de uma Corte, mas as governantes de seu próprio país, com extremas responsabilidades em suas mãos, pois conduziriam o destino de milhões de brasileiros que acreditavam e confiavam na monarquia como sistema de governo viável para a nação.

A aquisição da instrução como valor leva o sujeito a uma maior compreensão da vida e ao domínio de diferentes códigos culturais presentes nas diversas áreas do saber. O que pôde

ser percebido quando o Imperador não mediu esforços para oferecer às filhas os mais variados conhecimentos. E mesmo que as Princesas não tivessem conseguido absorver tudo o que era ensinado, crítica feita por algum dos biógrafos da Princesa Imperial, mostravam-se dedicadas e empenhadas em atender às expectativas do projeto educacional estabelecido pelo pai Imperador. Além disso, dificilmente um aluno consegue reter todas as informações a que tem contato, principalmente, quando se considera que o extenso volume de saberes disponibilizado às Princesas ocorreu num período em que poucas meninas estudavam, e mesmo aquelas que conseguiam permissão dos pais para estudar, raramente teriam um conteúdo tão vasto quanto o ministrado a um Príncipe herdeiro.

Como visto no início desta pesquisa, no Brasil, o *Decreto das Escolas de Primeiras Letras* (1827) determinava que os meninos aprendessem a ler e a escrever, a fazer as quatro operações de aritmética, frações, decimais, proporções, geometria, gramática portuguesa, os princípios da moral cristã e a doutrina da religião católica e apostólica romana. Às meninas, cujas escolas se localizavam apenas nas vilas mais populosas, eram ofertadas as mesmas matérias, mas a matemática ficava restrita às quatro operações aritméticas, excluindo-se decimais, proporções e geometria; a elas eram priorizados conhecimentos de “prendas domésticas”, visando a gerência do futuro lar e a criação dos filhos. O quadro se mantém até a segunda metade do século XIX, isto é, num espaço aproximado de 30 anos, é implementado o *Regulamento de Instrução Primária e Secundária do Município da Corte*, (1854), que promove modificações significativas na estrutura dos ensinos primário e secundário das instituições públicas e particulares do Rio de Janeiro, mas, quase nada muda na educação de mulheres.

Uma das mudanças empreendidas pelo decreto foi a divisão do currículo do ensino primário das escolas públicas em duas classes: na primeira classe, Escolas do Primeiro Grau, de Instrução Elementar, que compreendia a instrução moral e religiosa, leitura, escrita, noções essenciais de gramática, princípios elementares da aritmética e o sistema de pesos e medidas do município; na segunda classe, Escolas do Segundo Grau, de Instrução Primária Superior, com os estudos de evangelho e história sagrada, história e geografia, principalmente, do Brasil; ciências físicas e história natural, geometria, agrimensura, desenho linear, música, canto, ginástica, sistema de pesos e medidas da Corte, das províncias do Império e das nações com que o Brasil mantinha relações comerciais.

As meninas que conseguiam estudar nesses estabelecimentos de ensino aprendiam ensinamentos de Primeiro Grau de Instrução Elementar e conhecimentos voltados para as “prendas domésticas” como bordados e trabalhos de agulha. Quanto às matérias destinadas às

classes de Segundo Grau, eram ofertadas ao gênero feminino somente se houvesse reconhecimento de sua importância, conforme a proposta do Inspetor Geral e a resolução do Conselho Diretor. No que diz respeito ao Ensino Secundário na Corte do Rio de Janeiro, era ofertado no Colégio Pedro II, instituição onde estudavam apenas eles, os meninos, os responsáveis pelo desenvolvimento do país.

Ainda sobre o assunto, o historiador Lacombe (1989) pesquisou 14 colégios destinados às meninas, cujos anúncios figuram no *Almanaque Laemmert* no mesmo período em que as Princesas foram educadas, no qual constatou que grande parte desses estabelecimentos estava sob direção de mulheres estrangeiras⁴⁰⁷. E o que ensinavam nesses colégios?

De acordo com Lacombe (1989), todos ministravam lições de música, piano, canto, dança, desenho, geografia, aritmética e línguas, sobretudo, a gramática e a ortografia portuguesa, francês, e ainda, inglês, italiano ou alemão. Quase todos se ocupavam do ensino da religião cristã. Apenas o colégio dirigido pela professora inglesa M^{rs}. Hitchings ministrava ciências – astronomia, botânica física elementar e “uso dos globos”. As lições de caligrafia, cálculo, escrituração mercantil e retórica foram encontradas somente no colégio da Baronesa de Geslin. As instituições de ensino que ofereciam lições de história, citam somente “história antiga e moderna” e nenhum dos pesquisados indica a matéria história do Brasil (LACOMBE, 1989, p. 42). De acordo com o exposto, é possível concluir que grande parte desses colégios estavam em consonância com a legislação do período, restringindo a educação feminina à Instrução Elementar com pouquíssimas variações nas matérias ensinadas. E, embora Lacombe não tenha citado, acredito que os trabalhos de agulha também constassem nos programas de ensino dos colégios de meninas.

E o que estudavam as mulheres oriundas das classes mais abastadas? Seguiam o determinado pela legislação educacional do Império? Para melhor compreensão do leitor, tomarei como exemplo traços da educação recebida por quatro mulheres contemporâneas das Princesas, oriundas da aristocracia cafeeira e descendentes de nobres, assim como Isabel e Leopoldina, todas instruídas no Brasil em meados do século XIX, são elas: a Viscondessa de

⁴⁰⁷ Lacombe chegou a essa conclusão após ter contato com os nomes dessas diretoras, dentre elas estão: Baronesa de Geslin, Luísa Halbout, M^{rs}. Hitchings, Carolina Hoffmann, Miss Steinmetz, M^{me} Tanière, M^{rs}. Tootal, M^{me} Taulois e M^{me} Rivierre. Em menor número estão as brasileiras ou até portuguesas, são elas: Cândida Cardoso, Teresa de Jesus Araújo Sampaio, M^{les}. de Cerqueira Lima, Maria Fortunata de Almeida Tinoco e Lina Peres de Carvalho e Albuquerque (1989, p. 42). Segundo Vasconcelos (2005, p. 126-127), as preceptoras estrangeiras, especialmente as francesas, alemãs e inglesas representavam um símbolo de maior *status* social para as famílias que as contratavam.

Arcozelo, Maria Isabel de Lacerda Werneck (1840-1912)⁴⁰⁸, filha do fazendeiro Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, Barão de Pati de Alferes e neta materna do fazendeiro Luís Gomes Ribeiro de Avelar; as irmãs Francisca Bernardina Teixeira Leite (1845-1899) e Eufrásia Teixeira Leite (1850-1930)⁴⁰⁹, filhas do político e comissário do café Joaquim José Teixeira Leite e netas de Francisco Teixeira Leite, Barão de Itambé, e de Laureano Corrêa e Castro, Barão de Campo Belo; e Maria Paes de Barros (1851-1952)⁴¹⁰, filha do fazendeiro e comendador Luís Antônio de Souza Barros, neta paterna do Brigadeiro Luiz Antônio de Souza Macedo e Queiroz.

Como visto ao longo deste estudo, no oitocentos, a educação de mulheres nobres e/ou oriundas das classes mais abastadas acontecia, predominantemente, na casa por meio da contratação de professores particulares e/ou preceptores e os pais eram os responsáveis pela escolha do currículo a ser proporcionado às filhas. A formação recebida por essas meninas voltava-se para a vida no espaço doméstico e as aprendizagens destacavam “os trabalhos manuais e as regras sociais não sendo considerada necessidade de aprofundamento de conhecimentos, muito menos aprendizagem de um ofício como ocorria na educação dos homens” (VASCONCELOS, 2005 p. 191).

Lembro ao leitor que ser Princesa herdeira requisitava formação adequada e condizente com a atuação no futuro: governar o seu país; não esquecendo, é claro, de suas obrigações como esposa e mãe. Ser mulher nascida na elite cafeeira exigia instrução capaz de prepará-la para administrar o espaço doméstico; como esposa e senhora do lar, ela deveria se colocar atenta às necessidades do marido, dos filhos, dos netos e dos trabalhadores que circulavam no espaço doméstico, em sua maioria, homens e mulheres escravizados que dependiam de suas ordens para promoverem o bom funcionamento da casa ou da fazenda, evitando os maus tratos e desgostos de seu senhor. O despreparo desta mulher poderia afetar sua vida, a de sua família e a de todos os seus subordinados; o despreparo daquela implicaria na ruína de sua família e daqueles que a cercavam, mas, sobretudo, de sua própria nação.

Maria Isabel de Lacerda Werneck, Viscondessa de Arcozelo e Maria Paes de Barros eram representantes de famílias aristocráticas cafeeiras fluminense e paulista respectivamente. Durante a realização desta tese, não foi possível identificar a preceptora responsável pela

⁴⁰⁸ Sobre a vida de Maria Isabel de Lacerda Werneck (1840-1912), Viscondessa de Arcozelo ver: (CASTRO, 2004); (MAUAD; MUAZE, 2004); (VASCONCELOS, 2015; 2020) e (VASCONCELOS; LOTE, 2016).

⁴⁰⁹ Para obter informações biográficas das irmãs, Francisca Bernardina Teixeira Leite (1845-1899) e Eufrásia Teixeira Leite (1850-1930) consultar as obras: (LAGE, 2010); (FALCI; MELLO 2012) e (VASCONCELOS; LOTE, 2016).

⁴¹⁰ A respeito das memórias de Maria Paes de Barros (1851-1952) consultar: (BARROS, 1998) e (GOMES, 2016; 2018).

instrução da Viscondessa, mas Vasconcelos (2015) acredita que a mestra tenha influenciado consideravelmente sua pupila na aquisição de saberes relativos a organização e cuidado com a administração do lar, o que pôde ser verificado por meio de seu “diário de lembranças” (1887). A partir das pesquisas de Vasconcelos e Mendonça (2011), se tem conhecimento sobre o que fazia parte da “boa” educação feminina, logo, é plausível supor alguns dos ensinamentos que possam ter contemplado a formação de Maria Isabel de Lacerda Werneck, são eles: “escrita, leitura e contas (para a contabilidade doméstica), ensinamentos de português e francês prioritariamente, seguidos de caligrafia, literatura, composição, religião, música, piano, solfejo, canto, gramática portuguesa, latina e francesa” (VASCONCELOS; MENDONÇA, 2011 *apud* VASCONCELOS, 2015, p. 122).

Sobre a vida no Brasil de oitocentos, mais especificamente na cidade de São Paulo, Maria Paes de Barros traz suas memórias condensadas na obra *No tempo de Dantes* (1998)⁴¹¹, e imprime recordações do tempo em que viveu e se educou na casa de seus pais sob o olhar vigilante da preceptora, identificada apenas como “*Mademoiselle*” e das “manas” mais velhas que as auxiliavam nessa importante atribuição. A senhora que se coloca a escrever aos 94 anos, já no século XX, também rememora o cotidiano das inúmeras fazendas de seu pai e a admiração que nutria por sua mãe, Dona Felicíssima, aquela na qual buscava se espelhar, sendo a gestora do lar.

Enquanto os irmãos mais velhos estudavam em colégios na Alemanha, Maria Paes de Barros e suas irmãs eram instruídas e acompanhadas pela preceptora alemã, no espaço doméstico, tendo lições de francês, alemão, gramática portuguesa, inglês, literatura, ciências, geografia, artes, educação moral e religiosa, música (piano e violão) e dança. Os horários de estudos se iniciavam logo após o almoço, o que acontecia por volta das 9 horas da manhã. Ao meio-dia, havia a primeira pausa destinada ao recreio e “merenda composta por pão e fruta”, em seguida, as lições eram retomadas até às 14 horas, quando então era servido um “farto e variado jantar”. Após essa refeição, as mulheres da casa se juntavam à sala para realizar os trabalhos de agulhas e ouvirem da “mana” mais velha, a “Dindinha”, alguma leitura instrutiva, o que poderia se estender até às 17 horas, momento em que acontecia uma segunda pausa destinada às brincadeiras. Às 20 horas, todos precisavam estar reunidos ao redor do pai, que compartilhava com seus filhos acontecimentos políticos e demais notícias publicadas no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, esse era um momento especial, sobretudo, para as

⁴¹¹ BARROS, Maria Paes de. *No tempo de dantes*. São Paulo: Paz e Terra, 1998 - Segunda edição da obra publicada originalmente pela Editora Brasiliense no ano de 1946.

mulheres que desejavam ser informadas sobre acontecimentos do Brasil e do mundo, visto que, não era comum mulheres lendo os jornais, afirma Barros (1998, p. 56).

Ao mesmo tempo em que Maria Paes de Barros vivia sua infância entre a cidade de São Paulo e o “Vale do Paraíba” paulista, Francisca e Eufrásia Teixeira Leite cresciam e se desenvolviam no “Vale do Paraíba” fluminense, na província do Rio de Janeiro. Francisca era cinco anos mais velha que Eufrásia e com ela dividiu momentos de estudo da infância à adolescência. A instrução das irmãs, provavelmente, se iniciou na casa com o acompanhamento de uma preceptora e, além disso, recebiam lições ministradas por seu próprio pai na grande biblioteca da Chácara da Hera, casa da família, costume que se prolongou posteriormente, ainda que estudassem em uma instituição renomada para meninas da região: a Escola de moças de Madame Grivet.⁴¹²

De acordo com Lage (2010), o irmão de Eufrásia e Francisca havia falecido ainda pequeno, deixando a Família Teixeira Leite sem herdeiros masculinos, fato que culminou no posterior investimento do pai, Joaquim, para que as filhas recebessem uma formação diferenciada. As meninas não se limitavam a aprender às matérias que, na época, eram destinadas ao gênero feminino, buscando alcançar muito mais do que o encargo de mães e esposas. Joaquim José Teixeira Leite “desde cedo, ocupou-se pessoalmente com a educação das meninas, afastando-as das bonecas e da costura e aproximando-as dos números e dos livros” (LAGE, 2010, p. 26). O pai via nas filhas o potencial para cuidarem elas mesmas do patrimônio da família, impedindo que este caísse nas mãos de homens despreparados. Ele queria que elas pudessem cuidar de si, mesmo quando não estivessem mais ao seu lado e, para tanto, permitia que as filhas permanecessem na sala de negociações com os homens. Além da Instrução Elementar e das matérias de “boas maneiras”, Francisca e Eufrásia estudaram matemática, finanças, francês, história, geografia, ciências naturais, piano e literatura (LAGE, 2010, p. 108).

Diferentemente da maioria das moças de seu tempo, Eufrásia e Francisca não se casaram. No dia da morte da mãe, seu pai as fez prometer que nunca se casariam e cuidariam uma da outra, administrando, elas mesmas, sua herança. O objetivo era “não casar para não dividir”, protegendo-as da família que almejava se apropriar de seus bens. E no último ano de vida de seu pai, Eufrásia trabalhou ao seu lado, vendo os negócios da família sendo depositados cada vez mais em suas mãos. A pequena que procurava a matemática por todos os cantos da casa, agora era uma financista, considerada uma das primeiras mulheres a

⁴¹² Cf. cruzamento de informações oriundas das obras: (LAGE, 2010); (FALCI; MELLO 2012) e (VASCONCELOS; LOTE, 2016); e do site, EUFRÁSIA TEIXEIRA LEITE. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Eufr%C3%A1sia_Teixeira_Leite>. Acesso em: 12 mar. 2020.

investir na Bolsa de Valores Brasileira, conseguindo multiplicar várias vezes sua herança e residindo em um *hôtel particulier* em Paris com a irmã.⁴¹³

Maria Isabel de Lacerda Werneck, Maria Paes de Barros, Francisca Bernardina Teixeira Leite e Eufrásia Teixeira Leite: o que essas mulheres tiveram em comum? A oportunidade de se educarem no oitocentos, e, ao se tornarem viúvas ou órfãs, a ocasião de assumir os negócios da família, não dependendo do braço masculino para sustentá-las, tal como o destino de muitas mulheres que eram suas contemporâneas.⁴¹⁴ É interessante notar na trajetória dessas mulheres, a independência que a educação as proporcionou, pois nas suas diferentes nuances, todas tiveram relativa autonomia, seja estando no “Vale do Paraíba”, como Maria Paes de Barros e Maria Isabel de Lacerda Werneck, seja desbravando terras estrangeiras, como Francisca e Eufrásia Teixeira Leite, em Paris.

Um ponto semelhante na instrução recebida pelas quatro mulheres da elite cafeeira e pelas Princesas herdeiras foi o ensinamento das “prendas domésticas”, assim como o aprendizado de línguas, que para a mulher do século XIX, estava vinculado, muitas vezes, à necessidade de exibição pública, obtendo posição de destaque e prestígio nos salões ou até mesmo um bom casamento. No entanto, ao priorizar o ensino de vários idiomas à Leopoldina e Isabel, não havia um propósito exibicionista, D. Pedro II desejava que as Princesas soubessem se comunicar com pessoas de várias nacionalidades e, particularmente, tivessem acesso ao saber proveniente de livros, artigos, jornais e revistas existentes em diversas línguas, que, no século XIX, nem sempre eram traduzidos para a língua portuguesa. O aprendizado das línguas acompanhou as Princesas por toda a trajetória educacional formal das duas, fazendo-se presente em diversas ocasiões após o término da formação. A expressiva quantidade e variedade de idiomas estudados pelas meninas evidencia a importância desse tipo de conhecimento na vida das herdeiras.

Por outro lado, um ponto divergente é a clara diferença na inclinação da educação que todas essas moças recebiam em relação à formação das Princesas, pois, ainda que a instrução de algumas, como Eufrásia e Francisca, apontassem um futuro para além do casamento e da

⁴¹³ Cf. cruzamento de informações oriundas das obras: (LAGE, 2010); (FALCI, MELLO 2012); e (VASCONCELOS; LOTE, 2016); e do site, EUFRÁSIA TEIXEIRA LEITE. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Eufr%C3%A1sia_Teixeira_Leite>. Acesso em: 12 mar. 2020.

⁴¹⁴ Com o objetivo de suscitar o debate sobre a instrução feminina no oitocentos, “o editorial do jornal *O sexo feminino* escrito pela redatora, Francisca Senhorinha da Motta Diniz, publicado em 7 de setembro de 1873, em um artigo intitulado *A educação da mulher*, que oferece algumas pistas sobre o desamparo das mulheres, sem instrução suficiente para gerir o patrimônio herdado: *Em vez de paes de família mandarem ensinar suas filhas a coser, engomar, lavar, cosinhar, varrer a casa etc., etc., mandem-lhes ensinar a ler, escrever, contar, grammatica da língua nacional perfeitamente, e depois, economia e medicina doméstica, a puericultura, a litteratura (ao menos a nacional e portugueza), philosophia, a historia, a geografia, a physica, a chimica, a historia natural, para coroar esses estudos a instrução moral e religiosa; que estas meninas assim educadas não dirão quando moças estas tristes palavras: ‘Si meu pai, minha mãe, meu irmão, meu marido morrerem o que será de mim!’*” (VASCONCELOS, 2015, p. 121).

gestão do lar, a educação de Isabel e Leopoldina iria mais longe, almejando capacitá-las para ocupar o lugar central do Império: o Trono. Essa diferença é marcada, principalmente, pelos estudos de economia política e pela vasta leitura de textos com temáticas de governança ou questões de Estado, mostrando que D. Pedro II estava gradativamente preparando-as para que ocupassem, no futuro, o lugar que foi de seu avô, de seu pai e que no futuro seria de uma delas conforme regras de sucessão.

A análise dos cadernos de lições revelou que o pai-mestre, a partir da adolescência das Princesas passou a ter o firme propósito de formar duas mulheres educadas para governar, priorizando ensinamentos voltados para as humanidades, ciências, letras, e, sobretudo, economia política, com orientações e conselhos posteriores de como melhor governar. Durante o processo educativo, foram orientadas pelo pai, aias e mestres a desenvolverem o gosto e a aptidão por tais saberes, estando cientes da importância de cada área, recebendo, ainda, valores morais por meio das lições, para guiá-las em sua conduta pessoal e política.

“O sentimento do dever é nosso melhor guia”, afirma D. Pedro II nos *Conselhos à Princesa Isabel de como melhor governar*. Com essas palavras, ele sutilmente lembra à filha de seu dever, a missão para qual foi preparada durante grande parte de sua vida: assumir o Trono do país que a viu nascer. Os conselhos demonstram tamanho apreço e dedicação do soberano na formulação do documento; o cuidado se justifica por saber que Isabel não estaria à frente apenas de dificuldades hipotéticas e teóricas, ela teria, portanto, a chance de mostrar o resultado de todo investimento e cuidado com sua educação na prática.

No texto, o Imperador do Brasil parece não desejar que sua filha enfrentasse as dificuldades que ele mesmo teve que lidar em sua adolescência quando assumiu o país, assim, preocupou-se não somente com o que era dito e feito, mas com as entrelinhas, zelando para que a filha mantivesse por perto políticos justos, capazes e honestos. Não se ateve às ações decoradas, mas demonstrava valores que orientassem suas ações posteriores, tendo em mente o contexto em que elas se aplicariam: “Respeito sem o sacrifício da honra nacional”⁴¹⁵. Dessa forma, o pai demonstrava o que a filha deveria ter em mente ao enfrentar conflitos com outras nações.

Os conselhos do Imperador são permeados por valores morais, os quais já vinham sendo trabalhados nos cadernos das herdeiras durante a formação, principalmente, nos de ditado, caligrafia e ortografia. A intenção do pai-mestre é assegurar o bom desempenho da filha, pois compartilha conhecimentos que adquiriu ao longo de sua trajetória de governante do Brasil, indo de aspectos extrínsecos até os mais intrínsecos, como a preocupação com a educação pública ou com a moral daqueles que estariam ao redor da Regente. Cada palavra

⁴¹⁵ PEDRO II, Imperador do Brasil. *Conselhos à filha Isabel*. [S.l.: s.n.], 1871. 27p., 24cm.

escrita parece desenhar um Terceiro Reinado próspero para Isabel, reconhecendo as debilidades do Brasil naquele momento, as quais não teve condições de reverter em seu próprio período de governo, mas considerava pertinente que a futura sucessora se empenhasse em realizar enquanto estivesse no poder.

Diante da Isabel Princesa Regente, relembro o primeiro caderno encontrado, aquele que abriu um novo caminho para a pesquisa sobre a educação das Princesas e permitiu a ampliação desses estudos. E pensar que aquele primeiro caderno disposto com toda a sua simplicidade e desorganização me despertaria tamanha inquietação e abriria novas formas de pesquisa sobre a formação dessas meninas. Aquelas com quem sinto que passei muito tempo, debruçando-me sobre seus escritos, acompanhando seu crescimento intelectual, suas dificuldades, anseios e angústias. Aquelas que vi passar de crianças espirituosas, correndo pelos jardins dos Palácios e criando histórias da imaginação, ao seu desabrochar de mulheres, determinadas e capacitadas para conquistar outros espaços. As Princesas que antes eram figuras históricas presentes em livros transfiguravam-se a minha frente com suas incertezas, inseguranças, inquietações, e, também, com inteligência, perspicácia e empatia.

Ao fechar os cadernos, eles retornarão para o mesmo lugar onde os encontrei: em prateleiras e gavetas dos arquivos de uma casa de guarda, de um museu. Esses objetos culturais voltarão a adormecer a espera de outros olhares, de outros pesquisadores, de outros enfoques, de outras ciências e de outros conhecimentos que possam ser examinados a partir daquilo que eles contêm.

E assim como a carta escrita por D. Pedro II a Isabel, no longínquo ano de 1876, período da segunda Regência da Princesa, encerro esta tese com as palavras do Imperador que resumem a minha pesquisa de forma literal e metafórica: “Muito mais poderia escrever-lhe: mas sua experiência tem aumentado. Direi ainda que não tome o que escrevi se não como conselhos”⁴¹⁶.

Em tempos de exortar a importância da memória, espero contribuir com a reescrita de parte da história de todos nós.

⁴¹⁶ Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo - POB - Carta de D. Pedro II à Princesa Isabel, 25 de março de 1876.

REFERÊNCIAS

A AUGUSTA Família Imperial do Brazil - 1860. Litografia sobre chine collé de Sébastien Auguste Sisson Issenheim. Dimensão: 52,9 x 62,6 cm. Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil. Coleção Brasileira/Fundação Estudar. Crédito fotográfico: Isabella Matheus.

AGUIAR, Jaqueline Vieira de. *Mulheres educadas para governar: o cotidiano das “lições” nas cartas das Princesas Isabel e Leopoldina*. 2012. 286 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2012a.

AGUIAR, Jaqueline Vieira de. D. Pedro II: o pai/mestre das Princesas. *Encontros: Revista do Colégio Pedro II*. Rio de Janeiro, Ano 10, p. 59-72, 2012b.

AGUIAR, Jaqueline Vieira de. *Princesas Isabel e Leopoldina: mulheres educadas para governar*. Curitiba: Appris, 2015.

AGUIAR, Jaqueline Vieira de. D. Pedro II: o monarca educador. In: *Encontro de história da ANPUH* 17. 2016, Nova Iguaçu. *Entre o Local e o Global*. Nova Iguaçu: ANPUH RJ, 2016. *Anais...* v. 1. p. 1-13.

AGUIAR, Jaqueline Vieira de. Entre cidades e paços: memórias da educação de duas princesas brasileiras. In: *IX Congresso Brasileiro de História da Educação - CBHE*, 2017, João Pessoa. *Anais...* Eixo 5 - Educação e Gerações. João Pessoa: SBHE, 2017. v. 1. p. 5266-5283.

AGUIAR, Jaqueline Vieira de. Diário, cartas e cadernos: uma análise dos escritos autobiográficos das Princesas Isabel e Leopoldina. In: Willian Douglas Guilherme. (Org.). *Avaliação, políticas e expansão da educação brasileira*. 1ªed. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019a, v. 8, p. 53-69.

AGUIAR, Jaqueline Vieira de. Candido José de Araújo Viana, o marquês de sapucaí: político e mestre da casa imperial do Brasil. In: *X Congresso brasileiro de história da educação* 2019, Belém. *Anais...* Eixo 5 - Educação e Gerações. 2019b. v. 1. p. 3044-3056.

AGUIAR, Jaqueline Vieira de. Cadernos de lições: os desenhos das princesas. In: 39ª *Reunião Nacional da ANPED - Educação Pública e Pesquisa: Ataques, Lutas e Resistências*. *Anais ...* GT02 - História da Educação, 2019, Niterói, 2019c. v. 1. p. 1-10.

AGUIAR, Jaqueline Vieira de. De palácio a museu: uma visita a espaços do conhecimento de Isabel e Leopoldina. In: *ANUÁRIO DO MUSEU IMPERIAL / Museu Imperial - Nova Fase*. vol. 1. Petrópolis: Museu Imperial/ Ministério do Turismo, 2020, p. 103-122.

AGUIAR, Jaqueline Vieira de; VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. Um professor para a corte brasileira: aspectos biográficos de Luiz Aleixo Boulanger. In: *Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica (VII CIPA)*, 2016, Cuiabá. *Anais...* Eixo 4 - (Auto)biografias, narrativas digitais, história, literatura e artes. Salvador: Biograph, 2016. v. 1. p. 1-13.

AGUIAR, Jaqueline Vieira de. A Escrita Epistolar como objeto de pesquisa: um estudo sobre as cartas das princesas brasileiras. *Indagatio Didactica*, v. 9, p. 113-127, 2017b.

AGUIAR, Jaqueline Vieira de. Marquês de Sapucaí, street name and carnival theme: the contributions of a teacher to the consolidation of the brazilian empire. In: ISCHE INTERNATIONAL STANDING CONFERENCE FOR THE HISTORY OF EDUCATION, 39 2017a, Buenos Aires. *Anais... Educación y emancipación*. Buenos Aires: UMET, 2017a. v. 1. p. 1-1. Disponível em: <<http://eventosacademicos.filo.uba.ar/index.php/ische/39ische/paper/view/671>>. Acesso em: 25 jan. 2018.

A JOVEM RAINHA VITÓRIA. Direção de Jean-Marc Vallée. Reino Unido: INCE, 2009. (105 min.), DVD, Cor. Oscar 2010 - Melhor Figurino.

ALBUQUERQUE, Samuel. *A carta da condessa: família, mulheres e educação no Brasil do século XIX*. São Cristóvão: Editora UFS, 2016.

ALEGRIAS E TRISTEZAS [*Joies et Tristesses* - Autobiografia da Princesa Isabel]. [1905] POB- Maço 204 Doc. 9335. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.
ALVES, Rosana Llopis. Trajetórias femininas no Colégio Pedro II. In: ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. *Anais...* Fortaleza, 2009, p.1-10.

AMENO, Francisco Luiz. *Escola nova, christã, e politica, na qual se ensinão os primeiros rudimentos, que deve saber o menino christão, e se lhes dão regras para com facilidade, e em pouco tempo aprender a ler, escrever e contar*. Bahia: Typog. de Manoel Antonio da Silva Serva, 1813.

AMELANG, James. Apresentação do dossiê “De la autobiografia a los egodocumentos: un fórum aberto”. In: *Revista Cultural escrita & Sociedad*, n.1. Gijón, Espanha: Ediciones Trea, 2005.

ARAUJO, Eduardo Oliveira Henriques de. *O masculino e o feminino imperiais: uma análise sistêmico-funcional da biografia “o castelo de papel”*. 2016. 130 f. Dissertação (Mestrado em LETRAS) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

ARGON, Maria de Fátima Moraes. O mestre de pintura da Princesa regente. In: TURAZZI, Maria Inez; ROSSETO, Lourdes. (Orgs.). *Victor Meirelles: novas leituras*. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

ARQUIVO deslizante vertical do Museu Imperial - Fotografia - Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo. 2018.

ARTIÉRES, Philippe. Arquivar-se: a propósito de certas práticas de autoarquivamento. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN, Luciana (orgs.). *Arquivos pessoais: reflexões interdisciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
ATRIBUIÇÕES DA AIA [1856-1857]. POB- Maço 29, Doc. 1038. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.

BADINTER, Elisabeth. *O infante de Parma: a educação de um príncipe iluminista*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BAIRD, Julia. *Vitória, a rainha: a biografia íntima da mulher que comandou um império*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

BARMAN, Roderick. *Princess D. Isabel of Brazil: gender and power in the nineteenth century*. Wilmington: Scholarly Resources, 2002.

BARMAN, Roderick. *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX*. São Paulo: UNESP, 2005.

BARRAL e da PEDRA BRANCA, Luísa Margarida Portugal de Barros, Condessa de. *Cartas a suas majestades, 1859-1890*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1977.

BARROS, José D'Assunção. *O projeto de pesquisa em história: da escolha do tema ao quadro teórico*. 6. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

BARROS, M. P. de B. *No tempo de dantes*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

BELLEGARDE, Henrique Luís de Niemeyer. *Resumo da historia do Brasil*. 4. ed. cor. aum. Rio de Janeiro: Emp. Typ. Dous de Dezembro de P. Brito, 1855. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.

BILHETE de D. Pedro II a Paulo Barbosa. Sem assinatura, data e local. APB Tomb.: 2865/97 - Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.

BILHETE de D. Pedro II a Paulo Barbosa. Sem local, sem data. APB - Tomb.: 2876/97 Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BONECA de Porcelana - Registro - 74289. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo. [1860].

BRAGANÇA, Carlos Tasso de Saxe-Coburgo e. *A intriga: retrospecto de intricados acontecimentos históricos e suas consequências no Brasil Imperial*. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2012.

BRASIL. Constituição Imperial de 1824 - Art. 105.

BRASIL. Constituição Imperial de 1824 - Art. 117.

BRASIL. Constituição Imperial de 1824 - Art. 110.

BRASIL. Constituição Imperial de 1824 - Art. 116.

BRASIL. Constituição Imperial de 1824 - Art. 46.

BRASIL. Decreto Imperial de 15 de outubro de 1827.

BRASIL - Regulamento de Instrução Primária e Secundária do Município da Corte, aprovado pelo Decreto n.º 1.331-A de 17 de fevereiro de 1854.

BRASIL. Decreto nº 1.556, de 17 de Fevereiro de 1855 - Approva o Regulamento do Collegio de Pedro Segundo.

BRASILEIROS. Joaquirn Manuel de Macedo, meio corpo, ligeiramente voltado para a direita. Rio de Janeiro. O album contém um índice de nomes assinado por João Lacerda Mota Foto: HENSCHER, Alberto. 111-8-1-N0 125. [Século XIX]. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.

BRUTER, Annie. Um exemplo de pesquisa sobre a história de uma disciplina escolar: a história ensinada no século XVII. *História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n.19, p. 7-21, abr./2006. Tradução de Maria Helena Camara Bastos. Disponível em: <<http://fae.ufpel.edu.br/asphe>>. Acesso em: 25/12/2019.

BOLETINS com notas e horários de estudos das Princesas. Relativo ao período de 1858 - 1864 - AGP.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006. p. 183-191.

BURKE, Peter. *Eyewitnessing: the use of images as historical evidence*. London: Reaktion Books, 2001.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. São Paulo: EDUSC, 2004.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Trad. Sergio Goes de Paula. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BURKE, Peter. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luis XIV*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2009.

CADERNO de Análise Gramatical em Francês e Ortografia da Princesa Isabel. Relativo ao período de 1856 -1864 - AGP.

CADERNO de Análise Lógica e folhas avulsas da Princesa Isabel. S/D - AGP.

CADERNO de Anatomia da Princesa Isabel. Relativo ao período de 1859-1861. Nº11 - AGP.

CADERNO de Aritmética da Princesa Isabel. 1859 - AGP.

CADERNO de Botânica da Princesa Isabel. S/D. Nº14 - AGP.

CADERNO de Cosmografia da Princesa Isabel.1857. Nº 2 - AGP.

CADERNO de Ditado em francês e folhas avulsas da Princesa Isabel. Relativo ao período de 1857-1860 - AGP.

CADERNO de Ditado em português. S/D. Nº6 - AGP.

CADERNO de Ditado em português. S/D. Nº12 - AGP.

CADERNO de Ditado em português. [Latim - 1862 -1864]. Nº8 - AGP.

CADERNO de Estilo em Língua Francesa da Princesa Isabel. S/D. Nº22 - AGP.

CADERNO de Exercícios de Ortografia Portuguesa e Alemã da Princesa Isabel. Relativo ao período de 1862 a 1864. Nº 1 - AGP.

CADERNO de Filosofia da Princesa Isabel. S/D – AGP.

CADERNO de Filosofia da Princesa Isabel. S/D - Nº18 - AGP.

CADERNO de Gramática Francesa da Princesa Isabel. 1863. Nº24 - AGP.

CADERNO de Gramática Portuguesa da Princesa Isabel. 1859 - AGP.

CADERNO de Grego da Princesa Isabel. S/D. Nº7 - AGP.

CADERNO de História de Portugal da Princesa Isabel. Relativo ao período de 1862 - 1864. Nº 15 - AGP.

CADERNO de História de Portugal da Princesa Isabel. Relativo ao período de 1862- 1864. Nº 21 - AGP.

CADERNO de História do Consulado e do Império da França da Princesa Isabel. 1863. Nº 23 - AGP.

CADERNO de História Santa da Princesa Isabel. Relativo ao período de 1858-1863 - AGP.

CADERNO de Inglês da Princesa Isabel. S/D - AGP.

CADERNO de Inglês da Princesa Isabel. 1859. Nº 17 - AGP.

CADERNO de Italiano da Princesa Isabel. [1863]. Nº 13 - AGP.

CADERNO de Latim da Princesa Isabel. S/D - AGP.

CADERNO de Latim da Princesa Isabel. S/D. Nº16 - AGP.

CADERNO de Língua Francesa da Princesa Isabel. S/D. Nº 5 - AGP.

CADERNO de Mineralogia da Princesa Isabel. 1862. Nº10 - AGP.

CADERNO de Mitologia da Princesa Isabel. S/D. Nº 9 - AGP.

CADERNO de Química da Princesa Isabel. 1863 - AGP.

CADERNO de Teatro da Princesa Isabel. S/D - AGP.

CADERNO de Teatro da Princesa Isabel. [1863]. Nº19 - AGP.

[CADERNO -] DIÁRIO da Princesa Isabel. Nº 4. Relativo ao período de 1856 -1857 -AGP.

[CADERNO -] DIÁRIO de Viagem de lua-de-mel à Europa da Princesa Isabel, escrito a D. Pedro II. 1865. Nº20 - AGP.

CADERNO dos 1^{os} Conhecimentos em Língua Francesa e de Lições de Gramática Portuguesa da Princesa Isabel. 1856. Nº 3 - AGP.

CALDAS, Antônio Pereira de Sousa. *Psalmos de David vertidos em rhythm português pelo do R^{do} Antonio Pereira de Souza Caldas* Pariz, França: Officina de P. N. Rougeron. 1820.

CALLAC, Emmanuelle. «Écriture ordinaire», sous la direction de Daniel Fabre. In: Genèses, 16, 1994. *Territoires urbains contestés*. pp. 166-167. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/genes_1155-3219_1994_num_16_1_1691_t1_0166_0000_6>. Acesso em: 20 mar. 2020.

CALMON, Pedro. *O rei cavaleiro: vida de D. Pedro I*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1933.

CALMON, Pedro. *O rei do Brasil: vida de D. João VI*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1935.

CALMON, Pedro. *O rei filósofo: a vida de D. Pedro II*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1938.

CALMON, Pedro. *A Princesa Isabel: a “Redentora”*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1941.

CÂNDIDO Batista de Oliveira. Fotografia de Sebastião Augusto Sisson. Prancha da obra de Sisson, Sebastião Augusto Galeria dos brasileiros illustres (os contemporaneos): retratos dos homens mais illustres do Brasil, na Politica, Sciencias e Letras, desde a Guerra da Independencia até os nossos dias, copiados do natural / Sebastião Augusto Sisson. Rio de Janeiro: Lith. de S. A. Sisson, 1861. 2v.: il.; 54cm. 1861. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.

CARDOSO, Teresa; ALARCÃO, Isabel; CELORICO, Jacinto Antunes. *Revisão da literatura e sistematização do conhecimento*. Porto: Porto, 2010.

CARLOS Carneiro de Campos. Iconografia. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. [Século XIX].

CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

CARVALHO, José Murilo de. José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

CARTA da Princesa Isabel ao Duque de Nemours, Petrópolis, 7 de março de 1858. AGP-VII-3. Arquivo Grão Pará.

CARTA da Princesa Isabel a D. Teresa Cristina. Sem local, 15 de março de 1860. AGP- XLI-4. Arquivo Grão Pará.

CARTA de D. Pedro II a Paulo Barbosa, sem data e sem local. Museu - APB - 2878/97 Imperial/Ibram/Ministério do Turismo

CARTA (Rascunho) de D. Pedro II a D. Amélia Imperatriz do Brasil. [1853] POB Cat. B, Maço 29, Doc. 1046 - Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.

CARTA da Rainha Maria Amélia (França) a D. Pedro II. 1857. AGP - CCXIX-1. Arquivo Grão Pará.

CARTA de Victorine Templier à Princesa Isabel.1862. AGP- CCCX-1. Arquivo Grão Pará.

CARTAS da Condessa de Barral a D. Teresa Cristina. Relativo ao período de 1859 a 1862. AGP - CCCXXXVII-7. Arquivo Grão Pará.

CARTAS da Princesa Francisca a D. Pedro II. Relativo ao período de 1856-1857. AGP- XXVIII -1. Arquivo Grão Pará.

CARTAS da Princesa Isabel a D. Pedro II. Relativo ao período de 1855 a 1867. AGP-XLI -3. Arquivo Grão Pará.

CARTAS da Princesa Leopoldina a D. Pedro II. Relativo ao período de 1856 a [1862]. AGP- XLVIII -1. Arquivo Grão Pará.

CARTAS da Princesa Leopoldina a D. Teresa Cristina. Relativo ao período de 1859 a 1861. AGP- XLVIII-5. Arquivo Grão Pará.

CARTAS da Princesa Leopoldina a Princesa Isabel. [1864]. AGP - XLVIII - 2. Arquivo Grão Pará.

CARTAS da Viscondessa/Condessa de Barral a Paulo Barbosa - Relativo ao ano de 1856. APB - Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.

CARTAS de D. Amélia ao Imperador D. Pedro II. Relativo ao período de 1853 a 1856. AGP II-1. Arquivo Grão Pará.

CARTAS de D. Pedro II à Princesa Isabel. Relativo ao período de 1859 a 1862. AGP-XXXIX -1. Arquivo Grão Pará.

CARTAS de Paulo Barbosa à Viscondessa de Barral Relativo ao ano de 1856. Arquivo Paulo Barbosa - APB. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.

CARTAS de F. Koch a D. Pedro II (1871 -1872). POB - Maço 160 - Doc. 7439 e Maço 162 - Doc. 7480 - Museu Imperial IBRAM/Ministério do Turismo

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. Educação e cultura escrita: a propósito dos cadernos e escritos escolares. *Educação: Revista da PUCRS*. Porto Alegre, PUCRS, v. 35, n. 1, jan./abr.

2012, pp. 66-72. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/10366>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. Escribir y archivar los documentos. In: *Colóquio Internacional*. Madrid: Universidad de Alcalá de Henares, 2013.

CASTRO, Maria Werneck de. *No tempo dos barões: histórias do apogeu e decadência de uma família fluminense no ciclo do café*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2004.

CERQUEIRA, Carlindo. *D. Pedro II e a Condessa de Barral não foram amantes*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1963.

CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 2007.

CHARTIER, Roger. (Org.). *Práticas da leitura*. São Paulo, Estação Liberdade, 1986.

_____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. 2. ed. Distrito Federal: Editora da Universidade de Brasília, 2017.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*. v. 2, 1990, 177-229.

CHERVEL, André; COMPÈRE, Marie-Madeleine. As humanidades no ensino. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 25, n. 2, p. 149-170, jul/dez, 1999.

CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. Exercícios de desenho no acervo do Museu Mariano Procópio: ser ou não ser a Princesa Isabel? Comunicação apresentada no V Seminário do museu D. João VI (2014).

COLL, César *et al.* *Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

COLÉGIO Brasileiro de Genealogia. *Grandes mestres servindo aos reis e príncipes. A nobreza da nobreza: 1734-1889*. Disponível em: <http://www.cbg.org.br/arquivos_genealogicos_m_05.htm>. Acesso em: 17 set. 2019.

CONCEIÇÃO, José Manoel da. *Nova historia sagrada do antigo e novo testamento dividida em 104 capitulos narrando em resumo e por ordem chronologica os sucessos mais notaveis desde a criação do mundo até a propagação do evangelho pelos apóstolos*: traduzida da lingua allemã da 100^{ma} edição jubilada e dedicada á toda a mocidade brasileira pelo seu patricio o Padre [...] adornada com 118 vinhetas. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1857.

CONDESSA de Barral. Iconografia - Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 1882. Conselhos de D. Pedro II, Imperador do Brasil, a D. Isabel. 25/03/1876. Maço 175 - Doc. 7972 - Arquivo da Casa Imperial do Brasil (POB). Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.

COSTA, Marcos. *O reino que não era deste mundo: crônica de uma república não proclamada*. Rio de Janeiro: Valentina, 2015.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do baú ao arquivo: escritas de si, escritas do outro. *UNESP – FCLAs – CEDAP*, v.3, n.1, 2007, pp. 45-62. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/8/455>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

CUNHA, Maria Teresa Santos. *(Des)arquivar*: arquivos pessoais e ego-documentos no tempo presente. São Paulo: Florianópolis: Rafael Copetti Editor, 2019.

CUNHA, Maria Teresa Santos; SOUZA, Flávia de Freitas. *Cadernos e escritas ordinárias, de um professor catarinense (Século XX)*. Florianópolis: Insular, 2015.

DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. *A casa do imperador: do paço de São Cristóvão ao museu nacional*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2007. Dissertação de Mestrado em Memória Social.

DIÁRIO da Imperatriz D. Teresa Cristina - POB - Maço 38 Doc. 1058 - Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.

D. AMÉLIA - Fotografia de F. A. Gomes. S/D. I-1-6- Nº 1 - Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.

D. FRANCISCA, Princesa de Joinville. Fotografia de L. Angerer. S/D. I-1-10- Nº 1 - Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.

D. PEDRO II. Conselhos à princesa Isabel de como melhor governar [1871]. São Paulo: Edições GRD, 1985.

DAIBERT JR, Robert. *Princesa Isabel (1846-1921): a política do coração entre o Trono e o altar*. 2007. 302 f. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

DECRETO nº 1.556, de 17 de Fevereiro de 1855 - Approva o Regulamento do Collegio de Pedro Segundo.

DEL PRIORE, Mary. *Condessa de Barral: a paixão do Imperador*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

DEL PRIORE, Mary. *O castelo de papel: uma história de Isabel de Bragança, princesa imperial do Brasil, e Gastão de Orléans, conde d'Eu*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

DETALHE do arquivo deslizante vertical do Museu Imperial com fontes. Fotografia - Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo. 2018.

[DESENHO da Princesa Isabel - “Braço Feminino”]. ISABEL, Princesa do Brasil. Desenho. Lápis sobre papel. Assinado: “I.C. 18 3/7 64”. Coleção D. Teresa Cristina Maria. Dimensão: 52,6x36,4cm - MI-252 - Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo. 1864.

[DESENHO da Princesa Isabel - “L’ Inocente Prière”]. ISABEL, Princesa do Brasil. Desenho. Lápis sobre papel. Assinado: “I. C. 24 de Janeiro de 1864”. Coleção D. Teresa

Cristina Maria. Dimensão: 35,2x25,4cm. MI-263 - Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo. 1864.

[DESENHO da Princesa Isabel - “Madona da Cadeira”]. ISABEL, Princesa do Brasil. Lápis sobre papel. Assinado: “Isabel Christina - 14 de Março de 1864”. Da Coleção de D. Teresa Cristina Maria. Dimensão: 50, 3 x 31,6cm. MI-254 - Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo. 1864.

[DESENHO da Princesa Isabel - “Mulher ao piano”]. ISABEL, Princesa do Brasil. Desenho. Lápis sobre papel. Assinado: “I. C. - 03/11/1862”. Coleção D. Teresa Cristina Maria. Dimensão: 55,4x36cm. MI-251- Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo. 1864.

[DESENHO da Princesa Isabel - “Pés e Tornozelos Femininos”]. ISABEL (Princesa). Desenho. Lápis sobre papel. Ass.: I.C. 18 de Setembro de 1864”. Coleção D. Teresa Cristina Maria. Dimensão: 46,4x60cm. MIII-55 - Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo. 1864.

[DESENHO da Princesa Leopoldina - “Busto Infantil”]. LEOPOLDINA, Princesa do Brasil. Desenho. Lápis sobre papel. Assinado: “LT 31/01/1864”. Coleção D. Teresa Cristina Maria. Dimensão: 42,2x31,2cm - MI-281- Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo. 1864.

[DESENHO da Princesa Leopoldina - “Paisagem Campestre”]. LEOPOLDINA, Princesa do Brasil. Desenho. Lápis sobre papel. Assinado: “LC 19 de 8^{bro} de 1862”. Coleção D. Teresa Cristina Maria. Dimensão: 28,8x40,8cm MI-279 - Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo. 1862.

DESENHO de autoria de D. Isabel, Princesa do Brasil - [“Rosas”] Assinado: “Isabel Christina” - Da coleção de D. Teresa Cristina Maria. MI-262 - Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo. S/DATA.

[DESENHO - Modelo do mestre Marianno - “Busto Infantil”]. ISABEL, Princesa do Brasil. Desenho. Crayon sobre papel. Coleção D. Teresa Cristina Maria. Dimensão: 50x35cm MI-253- Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo. S/DATA.

DESENHOS diversos. ISABEL, Princesa do Brasil. Pássaro. Pintura sobre cartão. II-POB-Maço 34 - Doc. 1054. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo. S/DATA.

DO LAGO, Pedro Corrêa; DO LAGO, Bia Corrêa. *Coleção Princesa Isabel: fotografia do século XIX*. 2. ed. Rio de Janeiro, Capivara, 2013, p.13.

DÓRIA, Renato Palumbo. Publicações e práticas do ensino do desenho entre Brasil e Portugal no século XIX. In: *Oitocentos - Tomo III: Intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal*. 2ª. edição / Arthur Valle, Camila Dazzi, Isabel Portella (organizadores). – Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2014. Il.

DUVE, Thierry de. Quando a forma se transformou em atitude – e além. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais*. EBA. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. p. 93-105.

ECHEVERRIA, Regina. *História da Princesa Isabel: amor, liberdade e exílio*. Rio de Janeiro: Versal, 2014.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador - formação do estado e civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. 2v.

_____. *A Sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ENDERS, Armelle. *Os vultos da nação: fábrica de heróis e formação dos brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

ESTUDOS de Álgebra da Princesa Isabel. 1858 - AGP.

ESTUDOS de Economia Política da Princesa Isabel. [1863] - AGP.

ESTUDOS de Estilo e Ortografia da Princesa Isabel e da Princesa Leopoldina. Relativo ao período de 1857-1859 - AGP.

ESTUDOS de Geografia da Princesa Isabel. Relativo ao ano de 1858 - AGP.

ESTUDOS de Gramática Francesa da Princesa Isabel. 1860 - AGP.

ESTUDOS de Literatura Portuguesa da Princesa Isabel [1862] - AGP.

ESTUDOS de Música da Princesa Isabel e da Princesa Leopoldina. Relativo ao período de 1856-1857- AGP.

ESTUDOS de Ortografia Francesa e Portuguesa da Princesa Leopoldina. Relativo ao período de 1856-1859 - AGP.

ESTUDOS de Zoologia da Princesa Isabel. S/D - AGP.

EXERCÍCIOS de Alemão da Princesa Isabel. 1863 - AGP.

EXERCÍCIOS de Ortografia da Princesa Isabel. Relativo ao período de 1854-1863- AGP.

FABRE, Daniel (org). *Ècritures ordinaires*. Paris: Centre Georges Pompidou. Bibliotheque Publique d'Información, 1993.

FACHADA do Museu Imperial. Fotografia de George Milek. 2011- Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.

FAGUNDES, Luciana Pessanha. *Do exílio ao Panteão: D. Pedro II e seu reinado sob o(s) olhar(es) republicano*. 2012. 347 f. (Tese de Doutorado em História, Política e Bens Culturais) - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2012.

FALCI Miridan Britto; MELLO, Hildete Pereira de. *A sinhazinha emancipada: a paixão e os negócios na vida de uma ousada mulher do século XIX: Eufrásia Teixeira Leite (1850-1930)*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2012.

FALLAS do Throno desde o ano de 1823 até o ano de 1889. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889.

FIGUEIREDO JÚNIOR, Affonso Celso de Assis. *O imperador no exílio*. São Paulo: Linotipo Digital, 2013.

FILGUEIRAS, Carlos A. L. - A Química na Educação da Princesa Isabel; Química Nova, Vol. 27, No. 2, 349-355, 2004. Disponível em: <<http://quimicanova.sbq.org.br/qn/qnol/2004/vol27n2/30-AG03120.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2019.

FOISIL, Madeleine. A escritura do foro privado. In: ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger. (Org.). *História da vida privada 3: da renascença ao século das luzes*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 330-369.

FOLHAS dos Vencimentos dos mestres da Imperial Família. Relativo ao período de 1833 a 1862. Casa Imperial - Arquivo Nacional.

FRAGUAS, Alessandra Bettencourt Figueiredo; MARTINS, Thais Cardoso. A viagem dos papéis. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA –ANPUH, 26. jul. 2011, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/15979349-O-habitus-e-o-habito-de-d-pedro-ii-novos-olhares-sobre-os-diarios-do-imperador.html>> Acesso em: 15 fev. 2018.

FRAGUAS, Alessandra Bettencourt Figueiredo. *Entre Júpiter e Prometeu, a complexa trajetória de D. Pedro II: um agente no campo científico (1871 - 1891)* Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019. 207f.

FRANCA S. J., Leonel. *O método pedagógico dos jesuítas - o “ratio studiorum”*: introdução e tradução. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1952.

FRANCISCO, Ana Cristina Borges López Monteiro. *A condessa preceptora: o cotidiano nos paços imperiais e a construção do mito*. 2017. 319 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2017.

FRANCISCO Freire Alemão de Cisneiros - Óleo sobre tela - Museu Nacional. S/D. In: *Os diretores do Museu Nacional*. Organizado pela seção de Museologia do Museu Nacional - UFRJ, Rio de Janeiro, 2007/2008.

FRANCISCO, de S. Luiz. *Ensaio sobre alguns synonymos da lingua portugueza*. 2.ed. Lisboa: Typografia da Academia R. das Sciencias, 1856.

GARCIA, Rodolfo. Os mestres do imperador. In: *ANUÁRIO DO MUSEU IMPERIAL*. vol. 7. Petrópolis: Museu Imperial/Ministério da Educação e Saúde, 1946, p. 7-20.

GAVETA da mapoteca horizontal do Museu Imperial - Fotografia - Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo. 2018.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Gen/LTC, 2018.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução: Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais*. São Paulo: Cortez, 2010

GOMES, Ângela Maria de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. *Revista Estudos Históricos*, v. 11, n. 21, p. 121-128, 1998.

GOMES, Eveline Viterbo. Condição feminina e educação nas memórias de Maria Paes de Barros. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, VII, 2016, UFMT-Cuiabá. *Anais VII CIPA – Narrativas (auto)biográficas: conhecimentos, experiências e sentidos*. Cuiabá: BIOgraph, 2016.

GOMES, Eveline Viterbo. Maria Paes de Barros: memórias de omissão em tempos de luta pela emancipação. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, VIII, 2018, UNICID-São Paulo. *Anais VIII CIPA – Pesquisa (auto)biográfica, mobilidades e incertezas: novos arranjos sociais e refigurações identitárias*. São Paulo: BIOgraph, 2018.

GRAHAM, Maria, [1785- 1842]. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Tradução: Américo Jacobina Lacombe, 1956. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

GUEDES, Carmina Correia (Texto); GODINHO, Isabel Silveira (Coord.) *A educação dos príncipes no paço da Ajuda [1863-1884]*. Lisboa: Palácio Nacional da Ajuda. 2004.

GREENBLATT, Stephen. Ressonance and wonder. In: KARP, Ivan; LAVINE, Steven L. (Ed.). *Exhibiting cultures: the poetics and politics of museums display*. Washington: Smithsonian Institution Press, 1991a. p. 42-56.

GREENBLATT, Stephen. O novo historicismo: ressonância e encantamento. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 244-261, 1991b.

GUIMARÃES, N.C. Miguelismo e a linguagem liberal moderada do Jornal A Aurora Fluminense. In: *Encontro de Pós-Graduandos da Sociedade Brasileira de Estudos dos Oitocentos*, 2016, São João del-Rei. *Encontro de Pós-Graduandos da SEO*, 2015. v. 1.

HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escritura pessoal e seus suportes. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio *et al.* *Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000.

HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias o espaço gráfico do caderno escolar (França – Séculos XIX e XX.) *Revista brasileira de história da educação*, n. 1, p.115-141, jan./jun. 2001. Disponível em: <<http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/277>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

IMITATION de Jésus-Christ: Traduction du R. P. de Gonnelieu de la Compagnie de Jésus avec une pratique et une prière a la fin de chaque chapitre. Tours: Ad. Mame, 1853. 852p., il., 15cm. T52351. Imperial /Ibram/Ministério do Turismo
JOSÉ de Santa Maria Amaral – Iconografia - Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. [Século XIX].

JOSÉ, Paulo Netto; BRAZ, Marcelo. *Economia política: uma introdução crítica*. 8ª Edição. São Paulo: Cortez, 2006.

JORNAL do Commercio. Folha comercial e politica. Edição 00484. Rio de Janeiro, sexta-feira 29 de maio de 1829. Página 3 de 4.

KLOH, Fabiana Ferreira Pimentel. Quando a escola não faz parte da biografia: depoimentos de vida em homeschooling. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, v. 1 n.2, p. 343-355, 2016.

KLOH, Fabiana Ferreira Pimentel. De Canela a Brasília: nas vozes de um processo, a educação domiciliar chegou à suprema corte brasileira. 2020. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

KOSELLECK, R. *Futuro Passado: contribuições à semântica dos tempos históricos*. RJ: Contraponto: Ed PUC-Rio, 2006.

LACOMBE, Lourenço Luiz. A Educação das Princesas. In: *ANUÁRIO DO MUSEU IMPERIAL*. vol. 7. Petrópolis: Museu Imperial/Ministério da Educação e Saúde, 1946, p. 241-257.

LACOMBE, Lourenço Luiz. *Isabel: a princesa redentora*. Petrópolis: Instituto Histórico de Petrópolis, 1989.

LACOMBE, Lourenço Luiz. *Biografia de um palácio*. Petrópolis: Museu Imperial, 2007.

LAGE, Claudia. *Mundos de Eufrásia: a história do amor entre a incrível Eufrásia Teixeira Leite e o notável Joaquim Nabuco*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

LIVRE D'Heures complet en latin et en français: A l'usage de Paris et des diocèses qui suivent le rit parisien. [S.l.]: J. Hetzel, Librairie Paulin, 1838. 792p., il. color., 14cm. T39653 - Museu Imperial /Ibram/Ministério do Turismo.

LIVRO de assentamento dos mestres de sua majestade o imperador e sereníssimas senhoras princezas. Mordomia da Casa Imperial - Códice 01 - Volume 81- Arquivo Nacional. 1833-1864.

LIVRO de Pagamento dos Servidores da Casa Imperial do Brasil. Com a identificação de alguns mestres das Princesas. L. 110 – 1858-1859. AGP.

LIVRO de Pagamento dos Servidores da Casa Imperial do Brasil. Com a identificação de alguns mestres das Princesas. L. 111 – 1860-1861. AGP.

LIVRO de Pagamento dos Servidores da Casa Imperial do Brasil. Com a identificação de alguns mestres das Princesas. L. 112 – 1860-1861. AGP.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. *Teorias de currículo*. São Paulo: Cortez, 2011. (Apoio: Faperj).

LUIZ Aleixo Boulanger escrivão da nobreza e fidalguia do Império. “Busto, ligeiramente voltado à direita”. 01/01/1871 - Cumprimento de Ano Bom. NOTA: Processo colortype. 1871. Fotografia colorida - Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.

LUTERO, Martinho [1483-1546]. *Martinho Lutero: obras seleccionadas*. São Leopoldo: Comissão Interluterana de Literatura, v. 5, 1995, p. 318.

LYRA, Heitor. *História de d. Pedro II*, Itatiaia/Edusp: Belo Horizonte, 1977.

MACEDO, Joaquim Manoel de. *Lições de historia do Brazil para uzo dos alumnos do imperial collegio de Pedro segundo*. Rio de Janeiro: Typ. Imparcial, 1861.

MACEDO, Joaquim Manoel de. *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typ. Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1862.

MACEDO, Joaquim Manoel de. *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typ. Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1863.

MACEDO, Joaquim Manoel de. *Lições de historia do Brasil para uso dos alumnos do imperial collegio de Pedro segundo*. Domingos José Gomes Brandão, 1863.

MADMOISELLE Templier. *Carte de Visite*. 1871. In: DO LAGO, Pedro Corrêa; DO LAGO, Bia Corrêa. *Coleção Princesa Isabel: fotografia do século XIX*. 2. ed. Rio de Janeiro, Capivara, 2013, p. 414.

MADONA da Cadeira e São João Batista Menino. Autoria: Rafael Sanzio. 1514. Galleria Palatina (Palazzo Pitti). [Original usado pela Princesa Isabel para produção de seu desenho].

MAGALHÃES JUNIOR, R. *D. Pedro II e a Condessa de Barral*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S/A, 1956.

MAPOTECA HORIZONTAL - Fotografia - Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo. 2018.

MARTÍN ABAD, Julián. In: SEMINARIO DE ARCHIVOS PERSONALES, 2004, Madrid. *Anais...* Madrid: Biblioteca Nacional, 2004.

MARTÍN FRAILE, Bienvenido; RAMO RUIZ, Isabel. *La historia contada em los cuadernos escolares: escrituras al margen*. Madrid: Catarata, 2015.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política - Livro I* (1867). 16ª ed. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

MATOS, Julia Silveira. Memória e história do ensino das humanidades: do nascimento do conceito de disciplinas escolares à atual ciências humanas. *Momento: Diálogos em Educação*, v. 25, p. 111-128, 2016.

MAUAD, Ana Maria; MUAZE, Mariana. A escrita da intimidade: história e memória no diário da viscondessa do Arcozelo. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si. Escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

MAUSS, Marcel. *Manuel d'ethnographie*. 2. ed. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1967.

MAUSS, Marcel. *Introducción a la etnografía*. 2. ed. Madrid: Ediciones ISTMO, 1974.

MARQUES, Adílio Jorge. *O professor do jovem imperador- Alexandre Antônio Vandelli (1784-1862): um naturalista luso brasileiro*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2010. Parei aqui

MEDA, Juri. Los dibujos infantiles como fuentes históricas: perspectivas heurísticas y cuestiones metodológicas. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 14, p. 139-165, 2014.

MESQUITA, Maria Luíza de Carvalho. *O terceiro reinado: Isabel de Bragança, a imperatriz que não foi*. 2009 189 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Severino Sombra, Vassouras, 2012.

MIATELLO, André Luis Pereira. *Santos e pregadores nas cidades medievais italiana: retórica cívica e hagiografia*. 1. Ed. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MIGNOT, A. C. V. Cadernos escolares. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. *Dicionário: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM. Disponível em: <<http://www.gestrado.net.br/pdf/63.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. n. 3. Rio de Janeiro, 1939.

MINUTA de D. Pedro II, sem assinatura, sem data e sem local. APB - 2864/97 - Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.

MOYA, Salvador de. *Anuário Genealógico Brasileiro - a.03-1941*. São Paulo: Instituto de Estudos Genealógicos, 1941.

VIEIRA, L. M. F. *Dicionário: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM. Disponível em: <<http://www.gestrado.net.br/pdf/63.pdf>>. Acesso em: 15. mar. 2017.

MONTINO, Davide. As crianças e a escrita de si: ocasiões, limites e ambiguidades da autobiografia infantil na contemporaneidade. In: Maria da Conceição Passeggi (Org). *Tendências da pesquisa autobiográfica*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

NEDER, Gislene. *Os compromissos conservadores do liberalismo no Brasil*. Curitiba: Prismas, 2015.

O DESPERTAR da Redentora. Direção de Humberto Mauro. Brasil: INCE, 1942. (13 min.), DVD, P&B.

OFÍCIO com o decreto de nomeação de Frei José de Santa Maria Amaral como mestre de História da Filosofia de Suas Altezas Imperiais em 03/3/1863. - Doc. 20 - Cx16 - Pacote 2. Casa Real e Imperial - Mordomia Mor. Arquivo Nacional.

OFÍCIO do Marquês de Olinda (Pedro de Araújo Lima) ao Senhor Paulo Barbosa da Silva comunicando-lhe decreto de nomeação de D. Maria Amalia de Azambuja Carvalho de Moraes, como dama de palácio honoraria em 3 de junho de 1863. Casa Imperial - Caixa 16 - Pacote 2. Arquivo Nacional.

PAIVA, Eduardo França. *História & imagens*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PALÁCIO Imperial - Petrópolis - 007A5P3F14-017 - Coleção: Gilberto Ferrez. Instituto Moreira Salles - Brasileira Fotográfica. c.1860.

PAPÉIS relativos à educação das princesas. 12 páginas de texto, Maço 29 – Doc. 1038 - Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.

PAROISSIEN: elzevir; Rite Romain. [S.l.]: Gruel Engelmann, 1870. 628p., il., 16cm. T52451 - Museu Imperial /Ibram/Ministério do Turismo.

PARTICIPAÇÃO a João Dias Camargo sobre sua nomeação como membro da comissão do exame, e a data da próxima reunião - Manuscrito -Fundação Biblioteca Nacional - I-48,32,35.

PAVÃO, Luís. *Conservação de coleções de fotografia*. Lisboa: Dinalivro, 1997.

PEDRO II, Imperador do Brasil. *Conselhos à filha Isabel*. [S.l.: s.n.], 1871. 27p., 24cm.

PENA usada pela Princesa Isabel para assinar a Lei Áurea. Ouro, diamantes e pedras vermelhas. Dimensão: 22 cm X 2,5 cm. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo. 1888.

PEDRO AFONSO, a Imperatriz Teresa Cristina e seus filhos, Pedro Afonso, Leopoldina e Isabel - Óleo sobre tela de F. Krumholz. 1849. Disponível em: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File: A_imperatriz_e_filhos.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:A_imperatriz_e_filhos.jpg)>. Acesso em: 10 fev. 2020.

PERROT, Michelle. Traços: práticas da memória feminina. In: PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005, p. 27-43.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PINHO, Wanderley. *Salões e damas do segundo reinado*. São Paulo: Livraria Martins, 1942.

PRÉDIO do Arquivo Histórico do Museu Imperial - Fotografia. Fachadas do Museu Imperial. 2018.

PRINCESA Isabel [entre cadernos e livros] - Fotografia de Victor Frond. Fundação Biblioteca Nacional. 1858.

PRINCESA Isabel [com livro] - Fotografia de Klumb. 1861. In: DO LAGO, Pedro Corrêa; DO LAGO, Bia Corrêa. *Coleção Princesa Isabel: fotografia do século XIX*. 2. ed. Rio de Janeiro, Capivara, 2013, p. 36.

PRINCESA Leopoldina e Princesa Isabel. Fotografia. Arquivo D. Carlos -1860.

PRINCESA Leopoldina [entre cadernos e livros] - Fotografia de Victor Frond. Fundação Biblioteca Nacional. 1858.

PRINCESA Leopoldina [com livro] - Fotografia de Klumb. 1861. In: DO LAGO, Pedro Corrêa; DO LAGO, Bia Corrêa. *Coleção Princesa Isabel: fotografia do século XIX*. 2. ed.. Rio de Janeiro, Capivara, 2013, p. 36.

PRINCESAS Leopoldina e Isabel - Arquivo Dom Carlos. 1860.

PRINCESAS Isabel e Leopoldina com amigos. Fotografia [1860]. In: DO LAGO, Pedro Corrêa; DO LAGO, Bia Corrêa. *Coleção Princesa Isabel: fotografia do século XIX*. 2. ed. Rio de Janeiro, Capivara, 2013, p. 38.

PROGRAMA de uma representação no Teatro de São Cristóvão - 18 de Outubro de 1863 - Maço 133 - Doc. 6532. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.

QUEIROZ, Diná Silveira de. *A princesa dos escravos: Isabel para a juventude*. Rio de Janeiro: Record, 1966. (Coleção Mirante - Literatura Brasileira, 2).

RANGEL, Alberto. *Gastão de Orléans: o último conde D'Eu*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1935.

RANGEL, Alberto. *A educação do príncipe*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editôra, 1945.

REGULAMENTO, que há de ser observado no quarto de minhas filhas, tanto por elas como pelas criadas. Maço 29 - Doc. 1038. S/D. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.

REVEL, Jacques. Entre história e memória: a Corte da França. In: REVEL, Jacques. *Proposições: ensaios de história e historiografia*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

REZZUTTI, Paulo. *D. Leopoldina: a história não contada: a mulher que arquitetou a independência do Brasil*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

REZZUTTI, Paulo. Paulo. *D. Pedro II: o último imperador do novo mundo revelado por cartas e documentos inéditos*. São Paulo: Leya, 2019.

ROUGET DE L'ISLE E DIETRICH em 1792 interpretando o hino que deu origem A *Marselhesa* - Isidore Pils - 1849. Coleção Museu Histórico de Estrasburgo.

SANTOS, Vinícius Teixeira. *O olho e a mão da autoridade: a inspeção da instrução pública na província do Rio de Janeiro (1850-188)*. Rio de Janeiro: Gramma, 2017.

SILVA, Daviana Granjeio da. *A construção da pátria amada: educação, patriotismo e nacionalismo na Paraíba durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945)*. 2016. 129f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, 2016.

SILVA, M. C. P. C. E.; MOREIRA, Laélia Portela. O ensino da arte no colégio Pedro II: políticas e práticas. In: 36ª. Reunião Nacional da Anped, 2013, Goiânia. 36ª. *Reunião Anual da Anped: Sistema Nacional de Educação e Participação Popular: Desafios para as Políticas Educacionais*, 2013.

SILVA, Margareth da. *O arquivo e o lugar: custódia arquivística e a responsabilidade pela proteção dos arquivos*. Niterói: Eduff, 2017.

SISSON, Sebastião Augusto Augusto. *Galeria dos brasileiros illustres (os contemporaneos): retratos dos homens mais illustres do Brasil, na Politica, Sciencias e Letras, desde a Guerra da Independencia até os nossos dias, copiados do natural*. Rio de Janeiro: Lith. de S. A. Sisson, 1861. 2v.: il.; 54cm. 1861. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.

SODRÉ, Alcindo. O Arquivo do Museu Imperial. *Anuário do Museu Imperial*. Petrópolis: Ministério da Educação e Saúde, 1950. v. 11.

SODRÉ, Alcindo. *Abrindo um cofre*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1956.

SOUZA, Viviane Viana de. *O uso das cópias na formação do artista na Academia Imperial de Belas Artes/Escola Nacional de Belas Artes.19&20*, Rio de Janeiro, v. VII, n. 1, jan./mar. 2012. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/vvs_copias_aiba.htm>. Acesso em: 15 set. 2016.

TINTEIRO - pertenceu a Princesa D. Leopoldina. Prata e pele de cobra. Dimensão: 7,5 x 4 cm. [Século XIX]. Museu Imperial /Ibram/Ministério do Turismo.

TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN, Luciana (orgs.). *Arquivos pessoais: reflexões interdisciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa. (Org.). *Do desenho das belas letras à livre expressão no desenho da escrita*. Salvador: EDUFBA, 2012.

TURAZZI, Maria Inez; ROSSETO, Lourdes. (Orgs.). *Victor Meirelles: novas leituras*. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Dicionário do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. *A casa e seus mestres: a educação no Brasil de oitocentos*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. Uma mulher educada no oitocentos: a escrita feminina no diário da viscondessa de Arcozelo. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 53, n. 39, pp. 104-131, set./dez. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8522>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. Escritas femininas na casa oitocentista: memórias sobre o diário da viscondessa de Arcozelo. *HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, v. 24, p. 1-31, 2020.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. O quanto da vida cabe em uma «caixa de lembranças»? Fotografias e egodocumentos de uma trajetória de formação. In: Sara González; Juri Meda; Xavier Motilla; Luigiaurelio Pomante. (Org.). *La práctica educativa historia, memoria y patrimonio*. 1ed. Salamanca, España: FahrenHouse, 2018, v. 1, p. 1011-1021.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. Educação na casa: perspectivas de desescolarização ou liberdade de escolha? *Pro-Posições* (Unicamp), v. 28, p. 122-140, 2017.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves; FRANCISCO, Ana Cristina Borges López Monteiro. Entre cadernos e pincéis: a obra inacabada na educação da princesa-flor. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, v. 3, p. 578-590, 2018.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves; LOTE, Karine Torres. Entre barões, condes e viscondes: a educação doméstica na província fluminense. In: AMORIM, Simone Silveira; Nascimento, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do (Orgs.). *Panorama da instrução Primária no Brasil*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

VECHIA, Ariclê; LORENZ, Karl Michael (Orgs.). *Programa de ensino da escola secundária brasileira: 1850-1951*. Curitiba: Ed. dos Orgs. 1998.

VIEIRA, Hermes. *A princesa Isabel no cenário abolicionista do Brasil*. São Paulo: São Paulo Editora limitada, 1941.

VIEIRA, Hermes. *A princesa Isabel, uma vida de luzes e sombras*. São Paulo: GRD, 1989.

VISTA do Palácio de São Cristóvão - Faucher Gudín, *Dessiné d'après une photographie de Marc Ferrez, do Rio*. Dimensão: 14,7x22,5cm. Estampa colorida a mão posteriormente - MI-199 - [Século XIX]. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.

VIGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. 2ª ed. Rio de Janeiro: WMF - Martins Fontes, 2009.

VIGOTSKI, L. S. *Pensamento e linguagem*. 4ª ed São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Las autobiografías, memórias y diarios como fuente histórico-educativa: tipología y usos. *Teias*: Revista da Faculdade de Educação. Rio de Janeiro, UERJ, n. 1, jun. 2000, p.82-97. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23827>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. (Org.). *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

VISCONDE de Sapucahy - Fotografia de Sebastião Augusto Sisson. Prancha da obra de Sisson, Sebastião Augusto Galeria dos brasileiros illustres (os contemporaneos): retratos dos homens mais illustres do Brasil, na Política, Sciencias e Letras, desde a Guerra da

Independencia até os nossos dias, copiados do natural / Sebastião Augusto Sisson. Rio de Janeiro: Lith. de S. A. Sisson, 1861. 2v.: il.; 54cm. 1861. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.

VISTA da Cascata do Itamaraty. Petrópolis. Paisagem. Litografia de Eugène Cicéri segundo Fotografia de Victor Frond. I-5-2-1-1- N° 16. S/D. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.

WERNECK, Maria Helena. *O homem encadernado: Machado de Assis na escrita das biografias*. 3. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

WERNECK, Vera Rudge. *Cultura e valor*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

WITTE, Cláudia Thomé. *Maria da Glória, uma princesa brasileira no trono de Portugal: seus primeiros anos no Brasil, em Inglaterra e em França*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança, 2019.

YOUSSEF, Alain. El Questão Christie em perspectiva global: pressão britânica, Guerra Civil norte-americana e o início da crise da escravidão brasileira (1860-1864). *Revista de História: (USP)* v. X, p. 1-26, 2018.

ZÚQUETE, Afonso Eduardo Martins. *Nobreza de Portugal e do Brasil*. Vol. I. Lisboa, 1989.

APÊNDICE A - Lista de livros que pertenceram à Família Imperial Brasileira

Quadro 16 - Lista de livros que pertenceram à Família Imperial Brasileira, depositados na Biblioteca do Museu Imperial - 1776 -1891

LIVROS QUE PERTENCERAM À PRINCESA ISABEL				
ANO	TÍTULO DA OBRA	IDIOMA	REFERÊNCIA	NOTA
1855	<i>Resumo da historia do Brasil</i>	Língua portuguesa	BELLEGARDE, Henrique Luís de Niemeyer. <i>Resumo da historia do Brasil</i> . 4. ed. cor. aum. Rio de Janeiro: Emp. Typ. Dous de Dezembro de P. Brito, 1855. 296, vip, 16 cm.	Exemplar com assinatura na folha de guarda: “Isabel Christina 2/7 1859”. O mesmo ainda contém o monograma da Princesa Isabel na folha: “Advertencia”. Selo: “Agra & Irmão - Mercadores de Papel”.
[1856]	<i>Deos meu consolo: devoções catholicas e manual da missa para a mocidade de ambos os sexos</i>	Língua portuguesa	SCHNID Cristovão. <i>Deos meu consolo: devoções catholicas e manual da missa para a mocidade de ambos os sexos</i> . Tradução de Miguel Archanjo Ribeiro de Castro Camargo. Rio de Janeiro: Eduardo & H. Laemmert, [s.d.]. 304p., il., 13 cm.	A obra foi oferecida à Princesa Isabel por Francisco Crispiniano Valdetaro, seu professor de Instrução Elementar e história santa, em 28/07/1858, por ocasião de seu 12º aniversário, conforme dedicatória manuscrita constante na folha de guarda. O exemplar é enriquecido com estampas e possui a seguinte nota explicativa: “Do Traductor – Este opúsculo reúne a instrução à piedade.
1857	<i>A Confederação dos Tamoyos</i>	Língua portuguesa	MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. <i>A confederação dos tamoyos: poema</i> . Empresa Typografica Dous de Dezembro, 1857. 324p., il, 26,5 cm.	A obra possui monograma da Princesa Isabel, gravura de Domingos José Gonçalves de Magalhães e dedicatória impressa: “À Sua Majestade Imperial o Senhor D. Pedro II Imperador Constitucional e defensor perpétuo do Brasil”. ⁴¹⁷
1857	<i>Nova historia sagrada do antigo e novo testamento dividida em 104 capitulos narrando em resumo e por ordem chronologica os sucessos mais notaveis desde a criação do mundo até a propagação do evangelho pelos apostolos</i>	Língua portuguesa	CONCEIÇÃO, José Manoel da. <i>Nova Historia Sagrada do Antigo e Novo Testamento dividida em 104 capitulos narrando em resumo e por ordem chronologica os sucessos mais notaveis desde a criação do mundo até a propagação do evangelho pelos apostolos</i> : traduzida da lingua allemã da 100 ^{ma} edição jubilada e dedicada á toda a mocidade brasileira pelo seu patricio o Padre [...] adornada com 118 vinhetas. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1857. 242 p., il., 17,5 cm.	Encadernação em couro com detalhes dourados, contendo a inscrição “D. Isabel” em seu centro. Além disso, possui na página de rosto o monograma da Princesa Isabel.
1861	<i>Lições de historia do</i>	Língua	MACEDO, Joaquim Manoel de. <i>Lições de</i>	-

⁴¹⁷ Tudo indica que D. Pedro II tenha recebido a obra e presenteado sua filha Isabel com a mesma.

	<i>Brazil para uzo dos alumnos do imperial collegio de Pedro segundo</i>	portuguesa	historia do Brazil para uzo dos alumnos do imperial collegio de Pedro segundo. Rio de Janeiro: Typ. Imparcial, 1861. 143p., 21cm.	
1862	<i>Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro</i>	Língua portuguesa	MACEDO, Joaquim Manoel de. <i>Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro</i> . Rio de Janeiro: Typ. Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1862. 363p., il., 21 cm.	Obra rara com monograma da Princesa Isabel e ilustrações em lâminas fora do texto.
1863	<i>Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro</i>	Língua portuguesa	MACEDO, Joaquim Manoel de. <i>Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro</i> . Rio de Janeiro: Typ. Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1863. 362p., il., 21 cm.	Obra rara com monograma da Princesa Isabel e ilustrações em lâminas fora do texto.
1863	<i>Lições de historia do Brasil para uso dos alumnos do imperial collegio de Pedro segundo</i>	Língua portuguesa	MACEDO, Joaquim Manoel de. <i>Lições de historia do Brasil para uso dos alumnos do imperial collegio de Pedro segundo</i> . Domingos José Gomes Brandão, 1863. 300p., 21cm.	Obra rara procedente do Castelo D'Eu.
1870	<i>Paroissien</i>	Língua francesa	PAROISSIEN: elzevir; Rite Romain. [S.L]: Gruel Engelmann, 1870. 628p., il.,	Exemplar da Col. <i>Bibliothèque du Duc de Chartres</i> , que pertenceu à Princesa Isabel. Fechos em esmalte com as Armas acostadas de Orleans e Bragança, encimadas pela Coroa Imperial. <i>Calha dorée sur tranche</i> .
1871	<i>Conselhos à filha Isabel</i>	Língua portuguesa	PEDRO II, Imperador do Brasil. <i>Conselhos à filha Isabel</i> . [S.l.: s.n.], 1871. 27p., 24cm.	Manuscrito por D. Pedro II à Princesa Isabel. Documento (reprodução) encadernado.
1882	<i>Étude sur la morgue au point de-vue administratite et médical</i>	Língua francesa	GAVINZEL, J.C. <i>Étude sur la morgue au point de-vue administratite et medical</i> . Paris: Libr. J.. – Baillère et Fils, 1882. 47p., 22 cm.	Encadernação de luxo com as Armas da Família Imperial e dedicatória do autor para Princesa Isabel: “A Son Altesse Madame la Comtesse D'Eu, Princesse Impériale du Brésil”
S/D	<i>Nouveaux exercices Journaliers: extraits des sonates de Beethoven</i>	Língua francesa	BEETHOVEN, Ludwig van. <i>Nouveaux exercices journaliers: extraits des sonates de Beethoven</i> . Classes et doigtés par Lucien Lambert. Paris: Colombier, [18--], 44p., 35cm.	
LIVROS QUE PERTENCERAM A D. PEDRO II				
ANO	TÍTULO DA OBRA	IDIOMA	REFERÊNCIA	NOTA
1776	<i>Calendario astronomico, historico, chronologico e</i>	Língua portuguesa	Calendario astronomico, historico, chronologico e eclesiastico para o anno de 1777 primeiro depois do biffesto.	Com ficha anexa onde lê-se: “Pertence ao Arquivo da Casa Imperial (Sigla: POB) - Maço 8 - Doc. 104. Tombado na Biblioteca sob o nº 144/49 (Inventário de 1950).

	<i>eclesiastico para o anno de 1777 primeiro depois do biffesto</i>			
1828	<i>Auli persii flacci: satirae, ad opitimorum codd</i>	Latim	QUICHERAT, L. <i>Auli persii flacci: satirae, ad opitimorum codd</i> . Et edd. Fidem recensuit, et variorum suisque notis illustravit. Paris: L. Hachette, 1828. 48p., 15cm.	“Adusum scholarum”. Obra rara. Encadernação de luxo em couro verde com ornatos e as Armas do Império dourados. Anotação escrita a lápis: “Exemplar que pertenceu a D. Pedro II.”
1843	<i>Épreuves de caractères</i>	Língua francesa	<i>Epreuves de caractères</i> . Imprimé par Béthune et Plon. Paris: Fonderie Générale des Caractères Français et Étrangers, 1843. p., il., 25 cm.	Obra rara com dedicatória dos diretores da <i>Fonderie Générale de Paris</i> ao Imperador D. Pedro II. Carimbo: “Biblioteca Particular de S. M. J.” Encadernação de luxo em couro vermelho, tendo nas capas as Armas do Império.
1843	<i>Reflexões sobre o estado actual das finanças do Brasil e proposta de alguns melhoramentos e medidas que lhe podem ser applicadas</i>	Língua portuguesa	LIMA, José Dias da Cruz. <i>Reflexões sobre o estado actual das finanças do Brasil e proposta de alguns melhoramentos e medidas que lhe podem ser applicadas</i> . Rio de Janeiro: Typ. Americana de I. P. da Costa, 1843. 75p., 22 cm.	Obra rara. Segundo informação no processo, a obra pertenceu ao Imperador D. Pedro II. Encadernação de luxo em couro escuro com ornatos dourados, tendo na capa as Armas do Império.
1847	<i>Plutarco brasileiro</i>	Língua portuguesa	SILVA, J. M. Pereira da (João Manuel Pereira). <i>Plutarco brasileiro</i> . Rio de Janeiro: Laemmert, 1847. 2v 20 cm.	Obra rara em dois volumes encadernados com dedicatória ao Imperador D. Pedro II.
1851	<i>Novo curso pratico, analytico, theorico e synthetico de lingua ingleza</i>	Língua portuguesa	ROBERTSON, T. <i>Novo curso pratico, analytico, theorico e synthetico de lingua ingleza</i> . Traduzido e aplicado por João Maximiano Mafra, George Gibson. 2. ED. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1851. 379+52 p., 21,5 cm.	Obra rara pertencente ao Imperador D. Pedro II. <i>Calha dorée sur tranche</i> . Encadernação de luxo em couro verde escuro, com a dedicatória: “Offerecido a S. M. o Imperador”. Na capa anterior, e na posterior, sob a Coroa, a sigla P. II e a expressão “Pelos Traductores”.
1852	<i>Memorias do grande exercito alliado libertador do sul da America, na guerra de 1851 a 1852, contra os tyrannos do Prata: e bem assim dos factos mais graves, e notaveis, que precederam-na desde</i>	Língua portuguesa	TITÁRA, Ladisláo dos Santos. <i>Memorias do grande exercito alliado libertador do sul da America, na guerra de 1851 a 1852, contra os tyrannos do Prata: e bem assim dos factos mais graves, e notaveis, que precederam-na desde vinte annos, e dos que mais influiram para a politica...</i> Rio Grande do Sul: Typographia de B. Berline, 1852. 296p., il., 22 cm.	Encadernação de luxo em couro verde com ornatos dourados, tendo na capa a inscrição D. Pedro II, encimada pelas Armas do Império. Obra rara com assinatura do autor e anotações. Segundo consta no processo, a obra pertenceu ao Imperador D. Pedro II.

	<i>vinete annos, e dos que mais influiram para a politica...</i>			
1854	<i>Eneida brasileira ou traducção poetica da epopéa de Publio Virgilio Maro</i>	Língua portuguesa	MENDES, Manuel Odorico. <i>Eneida brasileira ou traducção poética da epopéa de Publio Virgilio Maro</i> . Paris: Rignoux, 1854. 392p., 22cm.	Obra rara. Carimbo: “Bibliotheca Particular de S. M. J.” Exemplar que pertenceu à Biblioteca particular do Imperador D. Pedro II, conforme carimbo à p. 6. Encadernação de luxo em couro verde tendo nas capas as Armas do Império.
1859	<i>Manual de máquinas, instrumentos e motores agrícolas: segundo manual agrícola publicado por ordem da sociedade auxiliadora da industria nacional</i>	Língua portuguesa	BURLAMAQUI, Frederico Leopoldo Cezar. <i>Manual de máquinas, instrumentos e motores agrícolas: segundo manual agrícola publicado por ordem da sociedade auxiliadora da industria nacional</i> . Rio de Janeiro: N. L. Vianna e Filhos, 1859. 224p., illus., 22 cm.	Obra rara, encadernação de luxo em couro verde com ornatos dourados, tendo na capa as Armas do Império. Segundo informação no processo, a obra pertenceu ao Imperador D. Pedro II.
[185-]	<i>The book of poetry</i>	Língua inglesa	THE BOOK of poetry. Philadelphia: Presbyterian Boar os Publicaton, [185-?]. 256p., il., 20 cm.	Obra que pertenceu ao Imperador D. Pedro II. <i>Calha dorée sur tranche</i> . Encadernação de luxo em couro verde com ornatos dourados, tendo na capa a dedicatória: “ <i>To her Imperial Majesty the empress of Brazil</i> ”.
1861	<i>Brazil pittoresco: album de vistas, panoramas, paisagens, monumentos, costumes, etc., com os retratos de sua majestade imperador Don Pedro II et da Familia Imperial</i>	Língua portuguesa	FROND, Victor; RIBEYROLLES, Charles. <i>Brazil pittoresco: album de vistas, panoramas, paisagens, monumentos, costumes, etc., com os retratos de sua majestade imperador Don Pedro II et da Familia Imperial</i> . Paris: Lemerrier, 1861. Pranchas, il., 67cm.	“Oferecido a S. M. I. o Senhor D. Pedro II por seu Rev. Servidor J. B. Lombaerts”. Lembrança da 4ª Exposição Nacional. Álbum com encadernação de luxo em marroquim verde e desenho <i>rapoussé</i> , com folhagens em grinalda, emoldurando ao centro uma vista da Baía da Guanabara. Retrato do Imperador em miniatura rebaixado em <i>passe partout</i> oval. Dedicatória em letras douradas sobre folha de gorgorão. Coleção Thereza Cristina Maria, Museu Imperial – Aquisição por transferência da Biblioteca Nacional. Obra rara.
1861	<i>Memorias do marquez de Santa Cruz, arcebispo da Bahia, D. Romualdo Antônio de Seixas, metropolitano e primaz do Brasil</i>	Língua portuguesa	SEIXAS, Romualdo Antônio de. <i>Memorias do marquez de Santa Cruz, arcebispo da Bahia, D. Romualdo Antônio de Seixas, metropolitano e primaz do Brasil</i> . Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1861. XX, 184 + 4p., 22 cm.	Com dedicatória do autor ao Imperador D. Pedro II. Notas ao pé das páginas. Obra rara.

1862	Rasgos memoraveis do senhor Dom Pedro I, imperador do Brasil, excelso duque de Bragança	Língua portuguesa	PASCUAL, A. D. de (Antonio Diodoro), <i>Rasgos memoraveis do senhor Dom Pedro I, imperador do Brasil, excelso duque de Bragança</i> . Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1862. xxxiv+186p., ret. 22cm.	Encadernação de luxo em couro escuro com arabescos dourados na lombada e capa, com iniciais D.F (Dona Francisca) encimadas por Coroa. A página de rosto apresenta timbre do autor. Litographia com estampa de D. Pedro I, de A. de Pinho, desenho de A. J. Rocha. Após a página de rosto, há uma dedicatória impressa do autor a D. Pedro II. Obra rara.
1864	Compendio elementar de geographia geral e especial do Brasil	Língua portuguesa	BRASIL SOBRINHO, Thomaz Pompeu de Souza. <i>Compendio elementar de geographia geral e especial do Brasil</i> . 4º ed. Rio de Janeiro: Laemmert, 1864. V.iii, 556p., 18cm.	Obra rara, com dedicatória do autor a D. Pedro II. Há bibliografia e notas ao pé das páginas.
1864	Estatutos da sociedade caridade de S. João Evangelista installada a 27 de dezembro de 1863 na cidade da Parayba do Norte	Língua portuguesa	SOCIEDADE CARIDADE DE S. JOÃO Evangelista (João Pessoa, PB). <i>Estatutos da sociedade caridade de S. João Evangelista installada a 27 de dezembro de 1863 na cidade de Parayba do Norte</i> . Paraíba: Typ. de J . R. da Costa, 1864. 16p., 15cm.	Encadernação de veludo azul-marinho com placa em metal identificando pertencer ao gabinete de D. Pedro II. Ex-libris da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro com inscrição na Coleção Thereza Christina Maria.
1865	Repertorio ou indice alphabetico da reforma hypothecaria e sobre sociedades de credito real	Língua portuguesa	MALHEIRO, Agostinho Marques Perdigão. <i>Repertorio ou indice alphabetico da reforma hypothecaria e sobre sociedades de credito real</i> . (L. n° 1237 de 25 de setembro de 1864; reg. N°3453 de 26 de Abril de n° 3741 de 3 de junho de 1865). Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1865. 168p., 22,5 cm.	Com anotações, possivelmente, feitas pelo Imperador D. Pedro II. Selo: “A. L. Garraux & Cª”.
1866	Leonor: poema brasileiro em oito cantos	Língua portuguesa	CUNHA, José Antonio d' Almeida, <i>Leonor: poema brasileiro em oito cantos</i> . Recife: Garraux, Lailhacar & Cia., 1866. 221p., 22 cm.	Obra rara, com dedicatória do autor ao Imperador D. Pedro II. Encadernação de luxo em couro verde escuro com ornatos e a sigla “D. P. II” dourados.
1866	Esboços biographicos dos principaes pintores italianos e rapida descripção artistica e historica dos quadros existentes nas galerias de Florença	Língua portuguesa	COSTA, Henrique Feijó da. <i>Esboços biographicos dos principaes pintores italianos e rapida descripção artistica e historica dos quadros existentes nas galerias de Florença</i> . Lisboa: Typographia Universal, 1866. 275p., 16 cm.	Obra rara, com dedicatória de D. Maria do Carmo Feijó ao Imperador D. Pedro II. Encadernação de luxo em couro verde com as iniciais D. P. II encimadas por Coroa.
1869	Australie: voyage	Língua	BEAUVOIR, Ludovico Herberto. <i>Australie:</i>	Obra rara, com dedicatória do autor ao Imperador D. Pedro II.

	autor du monde	francesa	<i>voyage autor du monde</i> . Henri Plon, 1869. 363 p., il., 18 cm.	
1869	Java, Siam, Canton: voyage autor du monde	Língua francesa	BEAUVOIR, Ludovico Herberto. <i>Java, Siam, Canton: voyage autor du monde</i> . Henri Plon, 1869. 451 p., il., 18 cm.	Obra rara, com dedicatória do autor ao Imperador D. Pedro II.
1869	Les droits publics chez les anciens et chez les modernes	Língua francesa	COUVREUX, Gustave. <i>Les droits publics chez les anciens et chez les modernes</i> . Bruxelles: P.-J.-D. de Somer, 1869. 22 cm.	Obra rara, com dedicatória impressa: “ <i>Á Sa Majesté Pedro II Empereur du Brésil - Hommage de l'auteur</i> ”. Encadernação de luxo em couro vermelho com ornatos dourados, tendo na capa a sigla P. II encimada pela Coroa.
1872	Estudos agrícolas	Língua portuguesa	Silva, João José Carneiro da. <i>Estudos agrícolas</i> . Rio de Janeiro: Typ. Academia, 1872. 231p., 22 cm.	Encadernação de luxo em couro verde com ornatos dourados, tendo na capa as Armas do Império. Segundo informação no processo, a obra pertenceu ao Imperador D. Pedro II. Obra rara.
1872	O novo assessor forense: juízo criminal	Língua portuguesa	ARAÚJO, José Tito Nabuco de. <i>O novo assessor forense: Juízo criminal</i> . Rio de Janeiro: A. A. da Cruz Coutinho, 1872. 391p. 23,5 cm.	Obra rara, com dedicatória do autor ao Imperador D. Pedro II, datada de 11/06/1872. <i>Calha dorée sur tranche</i> . Encadernação de luxo em couro verde com ornatos dourados, tendo na capa as Armas do Império. O autor era “Moço Fidalgo com Exercício na Casa Imperial, 1º Promotor Publico da Corte, Bacharel em Sciencias Jurídicas e Sociaes pela Faculdade de Direito de S. Paulo, em Letras pelo Imperial Collegio Pedro II, Membro do Instituto Historico Geographico Brasileiro, da Ordem dos Advogados, da Auxiliadora da Industria Nacional, etc.”
1874	Recurso a coroa interposto pela [...] contra a portaria do vigario geral do bispado que a suspendeu o exercicio das funcções religiosas e julgou interdicta a sua capella	Língua portuguesa	VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DA PENITÊNCIA (PARÁ); João Florentino Meira de Vasconcelos. <i>Recurso a coroa interposto pela [...] contra a portaria do vigario geral do bispado que a suspendeu o exercicio das funcções religiosas e julgou interdicta a sua capella</i> . Pará: Typ. do Diário do Gran Pará, 1874. 44p., 22 cm.	Obra rara, com dedicatória à D. Pedro II.
1874	Estudo sobre o missal de Estevam Gonçalves	Língua portuguesa	CASTILHO, José Feliciano de. <i>Estudo sobre o missal de Estevam Gonçalves</i> . Rio de Janeiro: Typ. Americana, 1874. 41p., 23 cm.	Encadernação de luxo em couro verde com ornatos dourados, tendo na capa as Armas do Império. Obra rara. Segundo informação no processo, pertenceu ao Imperador D. Pedro II.
1874	O cedro vermelho	Língua portuguesa	AMORIM, Francisco Gomes de. <i>O cedro vermelho</i> . Lisboa: Imprensa Nacional, 1874. 269, 303p., 18 cm. (Theatro de Francisco	Obra rara, proveniente da Biblioteca do Castelo D'Eu. Edição dedicada ao Imperador D. Pedro II. A Parte II (Notas e esclarecimentos) está encadernada junto à Parte I.

			Gomes de Amorim).	
1875	A provincia de S. Paulo: trabalho estatístico historico e noticioso destinado à exposição industrial de Philadelphia, Estados Unidos	Língua portuguesa	GODÓI, Joaquim Floriano de. <i>A provincia de S. Paulo: trabalho estatístico historico e noticioso destinado à exposição industrial de Philadelphia, Estados Unidos</i> . Rio de Janeiro: Diario do Rio de Janeiro, 1875. 147p., mapa, Graf., 24 cm.	“Oferecido a S.M. Imperial o Sr. D. Pedro II, pelo senador do Imperio Dr. Joaquim Floriano de Godoy. Gráficos em folhas dobradas fora do texto. Mapa em folha dobrada no fim do v”. Obra rara.
1875	Consolidação das leis relativas ao juizo da provedoria	Língua portuguesa	ALVES, Joaquim Augusto Ferreira. <i>Consolidação das leis relativas ao juizo da provedoria</i> . Rio de Janeiro: Typ. Universal de Eduardo & Henrique Laemert, 1875. 196p., 21cm.	Encadernação de luxo em couro verde escuro, com as Armas Imperiais na capa e com dedicatória do autor ao Imperador D. Pedro II.
1876	O assassinato do dr. João Baptista Badaró: 46º aniversário O. C. D. à nação italiana	Língua portuguesa	PINTO JÚNIOR, Joaquim Antônio. <i>O assassino do dr. João Baptista Badaró: 46º aniversário O. C. D. à nação italiana</i> . Typographia do Globo, 1876. 15p., 22 cm.	Encadernação de luxo em couro verde, com ornatos dourados tendo gravada na capa a dedicatória: “À Sua Magestade Imperial o Snr. D. Pedro II. O. D. e C. o Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior”.
1876	The empire of Brazil at the universal exhibition of 1876 in Philadelphia	Língua inglesa	FILADÉLFIA (EUA). Exposição Universal, 1876. <i>The empire of Brazil at the universal exhibition of 1876 in Philadelphia</i> . Rio de Janeiro: Typographia e Lithographia do Imperial Instituto Artistico, 1876. 494p., 25cm.	Obra rara, com dedicatória do Imperador D. Pedro II ao “ <i>President of Yale College</i> ”.
1880	La logique de l'hypothèse	Língua francesa	NAVILLE, Ernest. <i>La logique de l' hypothèse</i> . PARIS: Libr. G Baillièrre, 1880. 288p., 23 cm.	Encadernação de luxo em couro verde com ornatos dourados, tendo na capa a Coroa Imperial. Possui ainda, dedicatória do autor a D. Pedro II e anotações, a lápis, do próprio Imperador.
[1881] Prefácio	L'espace céleste ou description de l'univers accompagnée de récits de voyages entrepris pour en compléter l'étude dessins de Yan' Dargent	Língua francesa	LIAIS, Emmanuel. <i>L'espace céleste ou description de l'univers accompagnée de récits de voyages entrepris pour en compléter l'étude dessins de Yan' Dargent</i> . Paris: Garnier Frères, [pref. 1881]. Xxii+616p., il côre., 27 cm.	Obra rara com notas ao pé das páginas e desenho em que se vê o Imperador visitando o observatório de Olinda. ⁴¹⁸
1883	These para o concurso	Língua	GERVAIS, Alberto Desnele de. These para o	Encadernação de luxo em couro verde escuro, tendo no centro da

⁴¹⁸ No processo, há menção a duas cartas do autor Emmanuel Liais ao Imperador D. Pedro II, oferecendo sua obra, *L'espace celeste et la nature tropicale*, e agradecendo pela comunicação que o soberano do Brasil fez a respeito de suas observações sobre o eclipse. Paris, 24/01 e 24/06/1865.

	<i>a cadeira de italiano do externato do imperial collegio dom Pedro II apresentada a congregação do mesmo collegio</i>	portuguesa	concurso a cadeira de italiano do externato do imperial collegio dom Pedro II apresentada a congregação do mesmo collegio. Rio de Janeiro: Typographia Montenegro, 1883. 78p., 23 cm.	capa as Armas Imperiais. Obra rara, com dedicatória do autor ao Imperador D. Pedro II.
1887	<i>Catalogo delle Rr. gallerie di Venezia</i>	Língua italiana	MARQUES, Joaquim Candido de Azevedo. <i>Catalogo delle Rr. Gallerie di Venezia</i> . Venezia: Tip. Dell’Ancora, 1887. 318p., 16cm.	Obra rara, com anotações do Imperador D. Pedro II.
1888	<i>Algumas palavras sobre a pena de morte</i>	Língua portuguesa	MAHY, Julio. <i>Algumas palavras sobre a pena de morte</i> . Tradução de Alexandre dos Reis Araujo Goes. [Queimados]: Typ. dos Dois Mundos, 1888. 21p., 23cm.	Obra rara, com anotações do Imperador D. Pedro II e notas do Visconde de Ouro Preto.
1888	<i>Obras poeticas e oratorias</i>	Língua portuguesa	GARÇÃO, A Corrêa; CASTRO, José Antonio de Azevedo (Org.). <i>Obras poeticas e oratorias</i> . Roma: Typ. Dos Irmãos Centenari, 1888. 622p., 16cm.	Obra rara, com dedicatória de José Antonio de Azevedo Castro ao Imperador D. Pedro II, datada em 28/07/1888.
1889	<i>Le Brésil</i>	Língua francesa	LEVASSEUR, Pierre-Émile. <i>Le Brésil</i> . Colaboração de José Maria da Silva Paranhos, Eduardo Prad, D’ Ourém, Henri Gorceix, Paul Maury, E. Trouessart, Zaborowski. 2. ed. Paris: H. Lamitault, 1889. 100p., il, 31cm.	Encadernação em couro, tendo na capa o pavilhão Armas do Império.
1891	<i>Algumas verdades: a proposito de um opusculo</i>	Língua portuguesa	TAUNAY, Alfred d’Escragnolle Taunay, Visconde de. <i>Algumas verdades: a proposito de um opusculo</i> . Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1891. 37p., 20cm. (Estudos Sociais).	Obra rara, com anotações manuscritas indicando ser do Imperador D. Pedro II.
[18--]	<i>Recordações da patria: hymno dedicado a sua magestade o senhor d. Pedro II, imperador do Brazil</i>	Língua portuguesa	BOTELHO, Maria da Glória Coutinho. <i>Recordações da patria: hymno</i> dedicado a sua magestade o senhor d. Pedro II, imperador do Brazil. Lisboa: Lith. Lopes, [18--]. 3f., il., 35 cm.	Encadernação de luxo em veludo verde claro com as Armas do Império em dourado. Dedicado a: “Sua Magestade o Senhor D. Pedro II Imperador do Brazil”. Coleção Thereza Cristina.
S/D	<i>As victimas da usurpação, ou, a aclamação de d. João IV</i>	Língua portuguesa	As victimas da usurpação, ou, a aclamação de D. João IV	[O Autor:] “Fidalgo Cavalleiro da Casa Imperial, Cavalleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro, condecorado com a medalha da Guerra da Independencia”. Obra rara.
LIVRO QUE PERTENCEU A D. TERESA CRISTINA				

ANO	TÍTULO DA OBRA	IDIOMA	REFERÊNCIA	NOTA
[18 --]	<i>La journée du chretien</i>	Língua francesa	<i>LA JOURNÉE du chretien</i> . Paris: Lith, H. Maugé, [18 --]. 215p ., 11., 13,5 cm.	Livro de horas que pertenceu à Imperatriz D. Teresa Cristina. Na folha de rosto está escrito, “G. Huysmans” e no rodapé, “Gruel-Engelmann”. A folha de guarda é forrada com chamalote creme tem gravadas a ouro, as iniciais T.M.C. (Teresa Maria Cristina), encimadas por Coroa Imperial. Calha dourada a fogo, com trabalho de gravação. Ao centro as iniciais T.M.C. encimadas por Coroa Imperial em prata. Ao redor a legenda “Adoramus Te Christe Quia Mundum per Tuam Sanctam Crucem redimistit”. Na capa posterior ao centro, um painel em cruces douradas e a inscrição repetida: “Pregos e fechos em prata dourada”.
LIVROS QUE PERTENCERAM AO CONDE D'EU				
ANO	TÍTULO DA OBRA	IDIOMA	REFERÊNCIA	NOTA
1850	<i>Esempi di bello scrivere in poesia</i>	Língua italiana	FORNACIARI, Luigi. <i>Esempi di bello scrivere in poesia</i> . 5. Ed. Lucca: Tip. Giusti, 1850. 399., 17cm.	Carimbo com monograma do Conde D'Eu. Obra rara.
1871	<i>La retraite de Laguna</i>	Língua francesa	TAUNAY, Alfredo d' Escragnolle. <i>La retraite de Laguna</i> . Rio de Janeiro: Typ. Nationale, 1871. 224p., 26 cm.	Encadernação de luxo em couro verde tendo na capa o monograma do Conde D'Eu, em dourado, encimado por Coroa. Há sinais de revisão ortográfica feitos a lápis no miolo, a inscrição, “ <i>Imprimé par ordre de Son Excellence le Vicomte de Rio Branco, Ministre de la Guerre</i> ”, e dedicatória impressa: “ <i>A Sa Majesté L'Empereur de Brésil</i> ”. Obra rara, proveniente da Biblioteca do Castelo D'Eu.
1875	<i>Breve noticia sobre a provincia do Maranhão: exposição nacional</i>	Língua portuguesa	REGO, Fábio Hostílio de Moraes. <i>Breve noticia sobre a província do Maranhão: exposição nacional</i> . Rio de Janeiro: Typ. da Reforma, 1875. 78p., 23 cm.	Dedicado “A sua Alteza Real o senhor Conde D'Eu e aos exmos membros da comissão superior da Exposição Nacional”. Obra rara.
1876	<i>O padre Esmerati: romance militar</i>	Língua portuguesa	SILVA, Theotônio Meirelles da. <i>O padre Esmerati: romance militar</i> . Rio de Janeiro: typ. Academica, 1876. 30p. 18cm.	Obra rara, com dedicatória do autor ao Conde D'Eu.
1884	<i>Historia naval brasileira... para uso das escolas a cargo do ministerio dos negocios da marinha</i>	Língua portuguesa	SILVA, Theotônio Meirelles da. <i>História naval brasileira... para uso das escolas a cargo do ministerio dos negocios da marinha</i> . Rio de Janeiro: Garnier, 1884. Xv. 376p. , 19 cm.	Oferecido ao Conde D'Eu. Obra rara.
1884	<i>D. João I e a alliança inglesa: investigações historico-sociaes</i>	Língua portuguesa	[VILLA FRANÇA, Conde de]. <i>D. João I e a alliança inglesa: investigações histórico-sociaes</i> . Lisboa: Livr. Ferreira, 1884. 304p.,	Obra rara, proveniente da Biblioteca do Castelo D'Eu.

			22cm.	
1888	<i>Ensaio sobre as construções navaes indígenas do Brasil</i>	Língua portuguesa	CAMARA, Antonio Alves. <i>Ensaio sobre as construções navaes indígenas do Brasil</i> . Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1888. 209 p., il., 23 cm.	Obra rara, proveniente da Biblioteca do Castelo D'Eu. Encadernação de luxo com douramento e Brasão de Armas da Princesa Isabel e dedicatória do autor ao Conde D'Eu.
1888	<i>Relatorio dos estudos e experiencias feitos no Brasil pela comissão especial com os canhões de bange de 80mm</i>	Língua portuguesa	<i>RELATÓRIO dos estudos e experiências feitos no Brasil pela comissão especial com os canhões de bange de 80mm</i> . Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1888. 120p, il., 22cm.	Encadernação de luxo em couro verde com ornatos dourados, tendo na capa as Armas da Princesa Isabel e Conde D'Eu. Obra rara.
1889	<i>Compendio de geographia e chorographia do Brasil</i>	Língua portuguesa	NOGUEIRA, Manuel Tomás Alves. <i>Compendio de geografia e chorographia do Brasil</i> . Leipzig: Brockhaus, 1889. 234p., mapas. 21cm.	Obra rara, com dedicatória do autor ao Conde D'Eu. São encontrados mapas em folhas desdobráveis no fim do volume.
S/D	<i>Journal d'une promenade autour du monde en 118 jours: Éta-Unis – Japon – Chine – Ceylan – Inde – Égypte – Terre – Sainte</i>	Língua francesa	<i>JOURNAL d'une promenade autour du monde en 118 jours: Éta-Unis – Japon – Chine – Ceylan – Inde – Égypte – Terre – Sainte</i> . Paris: Fayard Frères, s.d. 404., il., 20 cm.	Anotação escrita à tinta pelo Conde D'Eu: "Offerecido pelo autor". Autógrafo: "Gastão D'Orleans Conde D'Eu".

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora⁴¹⁹

⁴¹⁹ Este quadro foi produzido conforme ficha técnica entregue pela Biblioteca do Museu Imperial. É possível que algum dos livros informados como pertencente a determinado membro da família, seja na verdade, de outro membro da respectiva família.

APÊNDICE B - Regulamento sobre a educação das filhas de D. Pedro I

“Regulamento, que há de ser observado no quarto de minhas filhas, tanto por elas como pelas criadas”⁴²⁰

Art. 1º

Será governanta do quarto em que não houver dama, a açafata mais antiga. A mim, ou à Imperatriz, a governanta é responsável pela execução do presente regulamento.

2º

A governanta vigiará sobre tudo, quer seja guarda-roupa, quer jantar, etc. em suma será a fiscal do quarto e todos os meses apresentará os pedidos e as contas para serem examinadas, e pagas uma vez aprovados.

3º

Cuidará em que tudo ande bem arranjado e asseado, fazendo poupar o que for possível, e compatível com a decência de nossas augustas filhas.

4º

Não consentirá no seu respectivo quarto ajuntamento, ainda que eles sejam de criadas, e vigiará, que não haja conversas indecentes em ocasião alguma.

5º

Porá este regulamento em execução conforme as idades e desenvolvimento das meninas.

6º

Regulará os passeios e irá a eles quando lhe parecer, forcejando por ir sempre.

7º

Finalmente a governanta cuidará da educação física da pessoa de que está encarregada, dar-lhe-á bons conselhos e exemplos, explicar-lhe-á a razão porque lhe nega certas coisas, ou

⁴²⁰ REGULAMENTO, que há de ser observado no quarto de minhas filhas, tanto por ellas como pelas criadas. Maço 29 - Doc. 1038. Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo. S/D. A ortografia da escrita, presente no documento, foi atualizada no Apêndice B para a língua portuguesa atual. Foi consultada a transcrição realizada por (LACOMBE, 1846).

lhes proíbe, não consentirá que se lhe meta medos com coisa alguma, só sim lhe infundirá temor de Deus, respeito, e amor a seu pai e mãe, e humanidade para com seu próximo, não lhe deixando fazer mal, mesmo a animal algum, para que o seu coração não se endureça, ensinar-lhe-á a rezar, a ouvir missa, a coser, a bordar, e a tudo mais que constitui uma senhora ordinária bem prendada, pois que muito convém, que saiba tudo.

8º

A governanta tem autoridade para quando a menina não lhe obedecer, de em meu nome, e da imperatriz prendê-la no quarto por aquele tempo, que lhe parecer ou de não a deixar ir passear de tarde.

9º

Quando qualquer das meninas se achar incomodada a governanta nos virá dar parte imediatamente, e quando não nos achar em casa, mandará ordem à cocheira, para que a sege vá buscar o médico [...].

Art. 10º

Todas as criadas farão a sua obrigação à risca, sem dela poder dispensar.

11º

Nunca as meninas estarão sem ser acompanhadas duma açafata.

12º

As retretas e moças do quarto só virão aos ditos, em ocasião de serviço, ou quando para este forem chamadas.

13º

Quando as meninas passearem, somente irão com as suas açafatas ou damas, e não será admitida a esta honra pessoa que não seja de reconhecida probidade, para isto mesmo será necessário que a governanta nos peça primeiro licença.

14º

Não consentirão que as meninas conversem com os pretos ou pretas, nem que brinquem com os molequinhos, e cuidarão muito especialmente que as meninas os não vejam nus, provendo para o alcance deste fim o que mais conveniente lhe parecer.

15º

Quando as meninas se vestirem, terão todo o cuidado, que elas se não descomponham, fazendo-lhes conhecer que elas não só devem ter pudor de si, mas vergonha das suas próprias criadas.

16º

Cuidarão que as meninas comam com asseio e que não comam coisas indigestas.

17º

As meninas serão obedientes às suas criadas, e executarão o que elas lhes ordenarem, e com especialidade a governanta, e se lhes parecer mal nos representarão para decidirmos à vista também do que a governanta expuser.

18º

As meninas estando em perfeita saúde se principiarão a levantar às sete horas constantemente.

19º

Se estiverem dormindo a esta hora, serão acordadas com toda cautela para que se não assustem, e se acordarem antes esperarão pela hora.

Art. 20º

Lavar-se-ão todas, depois se vestirão e pentearão.

21º

Irão depois ouvir missa e depois nos virão beijar a mão.

22º

Às 8 horas almoçarão.

23º

Depois do almoço darão as suas lições.

24º

Das dez horas da manhã até às quatro da tarde, sem contar a hora e meia de jantar, e sexta como abaixo se determina, darão aquelas lições que fr. Antônio d'Arrabida diretor dos seus estudos lhes mandar.

25º

Ao meio-dia jantarão, e depois darão graças a Deus, assim como em todas as mais ocasiões de comer.

26º

Depois de jantar, ficarão nos seus quartos até que sejam chamadas.

Se as meninas não tiverem sono, contudo [serão] obrigadas a descansar um quarto de hora.

28º

Quando a quinta não estiver molhada, as meninas irão sempre a pé, saindo no verão às cinco horas, e no inverno às quatro, não fazendo calor.

29º

Estando a quinta molhada, irão no carro ou ficarão em casa conforme a governanta lhe parecer, e se estiver somente úmida sairão a pé para este pequeno jardim de cima com botins grossos.

30º

Quando o sol estiver entrando já deverão estar cá em cima no jardim, e quando tocar *Ave Marias*, entrarão para casa, e se recolherá cada uma ao seu respectivo quarto.

Art. 31º

Quando chegarmos de fora virão receber-nos na varanda do Oratório.

32º

Às sete horas irão ao terço e depois logo cearão, brincarão depois se quiserem, e deitar-se-ão quando tiverem sono não excedendo das 8 ½.

33º

Não poderão sair dos seus quartos senão nas horas de brincar, e somente para os quartos de suas manas, ou para os nossos, não entrando em pousada alguma, nem demorando-se nos corredores, somente interrompendo esta marcha quando tiverem de agradecer as felicitações, que se lhes fizerem, o que farão com toda a polidez, e acolhimento.

34º

Os mestres de línguas acompanharão nos passeios a pé, para irem conversando com as meninas, e ensinando ao mesmo tempo o uso das línguas de que são mestres, visto ser o modo mais fácil de as aprender a falar.

35º

Este regulamento não poderá ser alterado sem ordem nossa.

36º

Este regulamento será lido, logo que for recebido, perante todas as criadas do quarto, e logo que houver qualquer falha na execução a governanta o tornará a ler da mesma maneira.
Imperador

N.B. Altera-se o art. 32 relativo às horas da ceia, pois que às sete deverão ir todas as senhoras ao oratório rezar o terço e ladainhas com o capelão, e depois seguir-se-á a mesma marcha acima determinada.

Artigo Adicional

A governanta do quarto vigiará não só as criadas do quarto, mas as criadas desta, a fim de que nunca hajam questões ou bulhas, e quando aconteça qualquer novidade, nos dará imediatamente parte.

APÊNDICE C - Regulamento sobre a educação das filhas de D. Pedro II e “Atribuições da Aia”

“Atribuições da Aia”⁴²¹

Só ela poderá intervir direta, ou indiretamente na educação de minhas filhas, lembrando-me a mim e à imperatriz, tudo o que puder facilitar o preenchimento deste dever do seu cargo, e a nossa direção superior exercer-se-á quando as circunstâncias o consentirem, por intermédio dela, para que não fique prejudicada a força moral de sua autoridade.

Inspecionará o ensino dos diferentes mestres, e fará a mim só as reflexões que lhe parecerem acertadas, quando o caso permitir demora, assim como me proporá tudo o que for a bem da instrução de minhas filhas, mesmo relativamente ao que se acha disposto neste regulamento.

Quanto à educação, só direi que o caráter de qualquer das princesas deve ser formado tal qual convém a senhoras que poderão ter que dirigir o governo constitucional de um Império como o do Brasil.

A instrução não deve diferir da que se dá aos homens, combinada com a do outro sexo; mas de modo que não sofra a primeira. Convirá conformar se quando for de proveito aos *Regulamentos da Instrução Pública Primária e Secundária*.

Poderá impor castigos, e quando forem leves sem meu conhecimento prévio devendo minhas filhas não saber que o tenho, quando isto não for conveniente, sendo o maior deles a reclusão em um dos quartos dos respectivos aposentos, assim como representar-nos mesmo perante nossas filhas, sobre a justiça da concessão de algum prêmio.

Das senhoras e outras pessoas dos quartos

As criadas de honra e de serviço dos quartos terão as atribuições e deveres que indicam suas respectivas denominações e velarão sobre as pessoas de minhas filhas assim como a aia que poderá acompanhá-las sempre.

Obrigações da aia

Deverá acompanhar, quanto lhe for possível, as minhas filhas desde as 9 horas da manhã até 8 da noite com a exceção adiante permitida, inspecionando os mestres; guiando-as

⁴²¹ Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo - POB - Maço 29, Doc. 1038. Atribuições da aia [1856 -1857]. A ortografia da escrita, presente no documento foi atualizada no Apêndice C para a língua portuguesa atual. Foi consultada a transcrição realizada por LACOMBE, 1846.

no preparo das lições, lendo com elas, e aproveitando até o tempo de descanso e de recreio para aumentar-lhes a instrução. A língua francesa, e depois a inglesa, deve ser empregada utilmente nas explicações, conversa e em qualquer outra ocasião. Não receberá visitas durante as horas do exercício efetivo do seu cargo.

Distribuição das horas do dia

Levantar às 7 no inverno e 6 no verão. Até às 7 ½, hora da missa, vestir, rezar, e no verão, enquanto não vão para a missa, ler catecismo ou algum livro pio. 8 almoço; meio-dia recordação do preparo das lições, leituras instrutivas com a aia e lições; descanso de meia hora conversando com a aia, e continuação das lições até 2 horas; jantar; descanso como ao meio-dia até 3 ½; até 5 ½, nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro, 5, nos de março, abril, agosto, setembro, outubro e novembro, e 4 ½ nos de maio, junho e julho, preparo das lições; passeio de uma hora; descanso de meia hora; até as 8 preparo das lições, e leituras instrutivas, ou conversa com a aia, conforme chegar o tempo; ceia, e às 9 ½ devem estar deitadas. Nos domingos e dias santos de guarda, desde às 9 até a hora da missa, que ouvimos juntos, catecismo e leituras pias, e depois do descanso que se segue ao passeio, o qual poderá começar mais cedo, contanto que o sol não esteja ainda ardente, ou saiam de carro devendo também então ir a aia em sua companhia, recordação do preparo das lições e leituras instrutivas ou conversa com a aia, conforme chegar o tempo. Desde ½ hora depois do jantar até o passeio brincarão e a aia poderá não estar presente. Os de festa nacional serão empregados da mesma maneira, à exceção das leituras pias substituídas pelas outras.

As leituras instrutivas devem ter relação com as matérias ensinadas, sendo ora em português, ora em qualquer das outras línguas.

As visitas que procurarem as princesas serão recebidas unicamente nos domingos; nas festas de guarda e nacionais; nos dias dos seus anos; nos dos nossos; nos de seus nomes e nossos, e em qualquer outra ocasião que eu determinar, à exceção dos criados de honra e serviço.

Só haverá férias em Petrópolis, onde talvez seja alterada a distribuição do tempo.

APÊNDICE D - Quadro 17 com títulos de lições do “Velho Testamento” abordadas no livro de história sagrada que pertenceu à Princesa Isabel

Quadro 17 - Lições do “Velho Testamento” abordadas no livro de história sagrada que pertenceu à Princesa Isabel

HISTÓRIA SAGRADA - VELHO TESTAMENTO					
Nº	Título	Livro/ Capítulo	Nº	Título	Livro/ Capítulo
1	A criação do mundo	Gênesis 1	27	Os exploradores	Números 13
2	A queda no pecado	Gênesis 2	28	Murmuração dos Israelitas	Números 16
3	O Fratricídio	Gênesis 4	29	Balaão	Números 21
4	O dilúvio	Gênesis 5	30	Morte de Moisés	Deuteron. 1
5	A Torre de Babel	Gênesis 9	31	Josué	Josué 3
6	A vocação de Abrão	Gênesis 12	32	Dos Juízes	Juízes 6
7	A fé de Abrão	Gênesis 15	33	Rute	Rute 1
8	Sodoma e Gomorra	Gênesis 19	34	Eli e Samuel	1R eis 1
9	Ismael	Gênesis 16	35	Samuel e Saul	1Reis 8
10	Isaac	Gênesis 22	36	David quando pastor	1Reis 16
11	Morte e sepultura de Sara	Gênesis 23	37	Perseguição de Davi	1Reis 18
12	Casamento de Isaac	Gênesis 24	38	Morte de Saul; Davi é feito Rei	1Reis 27
13	Jacob e Esaú	Gênesis 25	39	Morte de Urias	2Reis 5
14	Peregrinação de Jacob	Gênesis 28	40	História de Absalão	2Reis 13
15	José é vendido	Gênesis 35	41	Peste em Israel	2Reis 20
16	José no Egito	Gênesis 39	42	Salomão	Crôn. 23
17	Os irmãos de José chegam ao Egito	Gênesis 41	43	Divisão do Reino	3Reis 12
18	Segunda viagem dos irmãos de José	Gênesis 43	44	O Profeta Elias	3Reis 17
19	Jacob parte para o Egito	Gênesis 45	45	Eliseu	3Reis 19
20	Moisés	Êxodo 1	46	Cativeiro assírio	4Reis 17
21	Moisés em presença do Faraó	Êxodo 3	47	O Profeta Jonas	Jonas 1
22	A saída do Egito	Êxodo 11	48	Últimos Reis de Judá	4Reis 16
23	Israel no deserto	Êxodo 15	49	Os profetas	Isaías 13
24	Legislação	Êxodo 19	50	Cativeiro de Babilônia	Reis 24
25	Leis civis e eclesiásticas	Êxodo 21	51	Daniel	Daniel 1
26	Sepulturas da concupiscência	Números 10	52	Reedificação de Jerusalém	Esdras 1

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.⁴²²

⁴²² Foi tomado como base o índice da obra (CONCEIÇÃO, 1857). A ortografia da escrita, presente no documento, foi atualizada no quadro para a língua portuguesa atual.

APÊNDICE E - Quadro 18 com títulos de lições do “Novo Testamento” abordadas no livro de história sagrada que pertenceu à Princesa Isabel

Quadro 18 - Lições do “Novo Testamento” abordadas no livro de história sagrada que pertenceu à Princesa Isabel

HISTÓRIA SAGRADA - NOVO TESTAMENTO					
Nº	Título	Livro/ Capítulo	Nº	Título	Livro/ Capítulo
1	Gabriel é mandado a Zacarias e a Maria	Lucas 1	27	Continuação (Discursos de Jesus sobre o juízo final)	Mateus 25
2	O Nascimento de Jesus Cristo	Lucas 2	28	O lava-pés e a ceia do Senhor	João 13
3	Os magos do Oriente	Mateus 2	29	Jesus em Getsêmani	Mateus 26
4	Jesus na sua infância	Lucas 2	30	Prisão de Jesus. Negação de Pedro	Mateus 26
5	Jesus é batizado por S. João e tentado pelo demônio	Lucas 3	31	Jesus Perante Caifás	João 18
6	Vocação dos discípulos de Jesus Cristo. Bodas de Caná	João 1	32	Jesus em presença de Pilatos e Herodes	Mateus 27
7	A samaritana	João 2	33	Jesus condenado à morte	João 19
8	A pesca de Pedro e o Stater	Mateus 4	34	Jesus na cruz	Marcos 15
9	O sermão da montanha	Mateus 5	35	Sepultura de Jesus	João 19
10	Milagres de Jesus	João 5	36	Ressurreição de Jesus	Mateus 28
11	Continuação (Milagres de Jesus)	Lucas 7	37	A ida para Emaús	Lucas 24
12	Continuação (Milagres de Jesus)	Marcos 6	38	A aparição de Jesus a S. Tomé e no Lago de Genesaré	João 20
13	A grande pecadora e a mulher cananeia	Lucas 7	39	Ascensão de Jesus	Mateus 28
14	Morte de São João Batista	Mateus 14	40	Festa de Pentecostes	Atos 1
15	Parábolas de Jesus	Lucas 8	41	Ananias e Safira	Atos 5
16	Continuação (Parábolas de Jesus)	Mateus 13	42	A morte de Santo Estevão	Atos 6
17	Continuação (Parábolas de Jesus)	Lucas 15	43	O camarista da Etiópia	Atos 8
18	O homem rico e Lázaro	Lucas 16	44	A conversão de Saulo	Atos 9
19	Os meninos são chamados, os homens provados	Marcos 10	45	O centurião Cornélio	Atos 10
20	O compassivo samaritano, o servo mau	Lucas 10	46	S. Pedro libertado da prisão	Atos 12
21	Da humildade	Lucas 18	47	S. Paulo em Listra	Atos 14
22	Transfiguração de Jesus	Mateus 17	48	Lídia e o carcereiro	Atos 16
23	Três visitas de Jesus à Betânia	Lucas 10	49	Paulo em Atenas	Atos 17
24	Entrada de Jesus em Jerusalém	Mateus 21	50	A prisão de S. Paulo em Cesaréia	Atos 21
25	Dos vinhateiros e das bodas do rei	Mateus 21	51	Viagem de S. Paulo a Roma	Atos 27
26	Discursos de Jesus sobre o juízo final	Mateus 24	52	Propagação do Evangelho pelos Apóstolos	Filpenses 1

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.⁴²³

⁴²³ Foi tomado como base o índice da obra (CONCEIÇÃO, 1857). A ortografia da escrita, presente no documento, foi atualizada no quadro para a língua portuguesa atual.

APÊNDICE F - Quadro 19 com títulos do livro *Lições de História do Brasil* presentes nas obras de Joaquim Manuel de Macedo, mestre das Princesas Isabel e Leopoldina

Quadro 19 – Títulos do livro *Lições de História do Brasil* de Joaquim Manuel de Macedo, mestre das Princesas Isabel e Leopoldina

LIÇÕES DE HISTÓRIA DO BRASIL – JOAQUIM MANUEL DE MACEDO		
XI LIÇÕES - LIVRO DO 4º ANO		
Lição	TÍTULO	Página
I	Considerações preliminares	7
II	Descobrimento do Brasil	23
III	Primeiras explorações	33
IV	Cristóvão Jaques e Martim Afonso de Souza	43
V	O Brasil em geral – Povos que o habitavam na época do seu descobrimento	55
VI	Sistema de colonização do Brasil empregado por D. João III	83
VII	Primeiros donatários de capitanias hereditárias no Brasil	93
VIII	Estabelecimento de um governo geral no Brasil: Tomé de Souza – primeiro governador geral	107
IX	Duarte da Costa – segundo governador geral do Brasil	117
X	Mem de Sá – terceiro governador geral do Brasil	127
XI	Divisão do Brasil em dois governos, subsequente reunião em um só – Domínio espanhol	137
XXIII LIÇÕES - LIVRO DO 7º ANO		
Lição	TÍTULO	Página
I	Domínio da Espanha: considerações gerais, estado em que se achava o Brasil em 1581	9
II	Governança-Geral de Manoel Teles Barreto: dois governos provisórios, um precedendo e outro sucedendo aquela	19
III	D. Francisco de Souza, e Diogo Botelho, sétimo e oitavo Governadores-Gerais do Brasil	30
IV	Nova divisão do Brasil em dois governos: subsequente reunião em um só – franceses no Maranhão	44
V	Primeira invasão dos holandeses: perda de e restauração da cidade de Salvador	55
VI	Segunda invasão dos holandeses: perda de Olinda e Recife, e subsequente guerra até a retirada de Matias de Albuquerque	69
VII	Guerra holandesa: desde a retirada de Matias de Albuquerque até a Aclamação de D. João IV no Brasil	85
VIII	O Estado do Maranhão e as diversas Capitanias da Bahia para o Sul, desde a primeira invasão dos holandeses até a época da regeneração de Portugal	98
IX	Guerra holandesa no Brasil: desde a Aclamação de D. João IV até o rompimento da insurreição pernambucana	109
X	Último período da guerra holandesa: desde o rompimento da Insurreição Pernambucana até a capitulação da Campina do Taborda	119
XI	Paz de Portugal com a Holanda, causas da ruína do poder holandês no Brasil e do triunfo dos pernambucanos. Resultados da guerra	139
XII	Erros administrativos no Brasil: motins populares, descobrimentos, modificações e desenvolvimento da administração civil e eclesiástica – Luta entre os jesuítas e os colonos. Companhia do Estanco no Maranhão – Revolta de Beckman	146
XIII	Destruição dos Palmares: guerras civis dos mascates em Pernambuco e dos emboabas em Minas	163
XIV	Efeitos da Guerra de Sucessão da Espanha no Brasil: lutas com os espanhóis ao Sul, hostilidades dos franceses comandados por Duclerc e por Duguay no Rio de Janeiro, Tratados de Utrecht e de Madri	177
XV	Desenvolvimento e progresso do Brasil no Reinado de D. João V	193
XVI	Reinado de D. José I: questões e lutas no Sul do Brasil, jesuítas e sua expulsão, o Marquês de Pombal	201
XVII	Primeiras ideias de Independência do Brasil: conspiração malograda em Minas Gerais – o Tiradentes	215
XVIII	Transmigração da Família Real de Bragança para o Brasil: sede da monarquia portuguesa no Rio de Janeiro	228
XIX	Guerras com os espanhóis ao Sul e com os franceses ao Norte do Brasil. Revolução republicana em Pernambuco	238
XX	Revolução de Portugal em 1820, seus efeitos no Brasil – regresso da Corte portuguesa para Lisboa	259
XXI	Primeiros meses da Regência de D. Pedro no Brasil	269
XXII	Desde o dia do “Fico” até o dia do Ipiranga	281
XXIII	Aclamação e Coroação do Primeiro Imperador do Brasil, guerra da independência – Conclusão	294

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.⁴²⁴

⁴²⁴ Foi tomado como base o índice das obras de (MACEDO, 1861; 1863). A ortografia da escrita, presente nos documentos, foi atualizada no quadro para a língua portuguesa atual.

APÊNDICE G - Quadro 20 com títulos da obra: *Resumo da História do Brasil* de Henrique L.H. Bellegarde, livro que pertenceu à Princesa Isabel

Quadro 20 – Títulos da obra: *Resumo da História do Brasil* de Henrique L.H. Bellegarde, livro que pertenceu à Princesa Isabel - 1855

RESUMO DA HISTÓRIA DO BRASIL - AUTORIA DE HENRIQUE L.H. BELLEGARDE			
Aluna: Isabel Christina		Mestre: Joaquim Manuel de Macedo	
TÍTULO	Pág.	TÍTULO	Pág.
INTRODUÇÃO	1	Descobrimento de minas de ouro	145
Descrição geográfica – extensão e limites	1	Povoação de Minas Gerais	147
Rio e lagos	5	Guerra dos Emboabas	148
Serras	9	Expedições de Duclerc e Duguay Trouin	150
Ilhas e portos	11	Povoação de Piauí, Mato Grosso e Goiás	156
Costa	12	Minas de diamantes	160
Climas	13	Povoação de S. Pedro	161
Produções naturais – Zoologia	15	Levantamento das missões jesuíticas do Uruguai	162
Fitologia	25	Tomada da Colônia do Sacramento	163
Mineralogia	28	Paz com a Espanha	164
Povos indígenas	31	Transferência da capital do Brasil para o Rio de Janeiro	164
1ª ÉPOCA	51	Admissão do Marquês de Pombal	165
Descobrimento e colonização do Brasil	51	Restauração de S. Pedro	167
Viagem de Cabral	52	Expedição de Cevallos contra o Brasil	168
Outras viagens	56	Paz com a Espanha	169
Pau Brasil	57	Conspiração do Tiradentes	170
Magalhães e outros viajantes	58	Guerra de 1801	174
Povoação de S. Vicente	60	Conquista das Sete Missões do Uruguai	175
Povoação de Pernambuco	63	Guerra com a França	178
Povoação da Bahia	64	4ª ÉPOCA	181
Nomeação do 1º Governador geral	66	O Brasil sede da Monarquia Portuguesa	181
Fundação de S. Paulo	69	Chegada do Príncipe Regente ao Brasil e liberdade do comércio	181
Estabelecimento de Villegagnon	69	Conquista de Caiena	183
Sua expulsão e fundação do Rio de Janeiro	74	Administração do Conde de Linhares	184
Divisão do Brasil em dois governos	77	Elevação do Brasil ao título de Reino	186
Explorações pelo interior	78	Campanha do Sul de 1811	187
Reunião dos dois governos	79	Batalhas de Índia Morta e Catalan	190
Morte do Rei D. Sebastião	80	Ocupação de Montevidéu	191
2ª ÉPOCA	81	Revolução de Pernambuco de 1817	192
O Brasil sob o domínio espanhol	81	Casamento do Príncipe Real D. Pedro de Alcântara e aclamação de D. João VI	196
Povoação de Sergipe	82	Guerra do Sul	197
Minas de prata e de ferro	83	Batalha de Taquarembó	201
Expedições de Cavendish e Lancaster	84	Nova Constituição política em Portugal	202
Povoação do Rio Grande do Norte	86	Sua adoção no Brasil	205
Novas explorações pelo interior	87	Desordens da Praça do Comércio	208
Aimorés	88	Retirada de D. João VI para Portugal	209
Povoação do Ceará	89	5ª ÉPOCA	211
Estabelecimento dos franceses no Maranhão	90	D. Pedro I	211
Sua expulsão e criação do Governo do Estado do Maranhão	92	Regência do Príncipe D. Pedro	212
Povoação do Pará	93	Conduta das Cortes Portuguesas	213
Ataque da Bahia pelos holandeses	94	O Príncipe resolve ficar no Brasil	214
Expedições dos paulistas pelo interior	99	E aceita o título de Defensor Perpétuo do Brasil	217

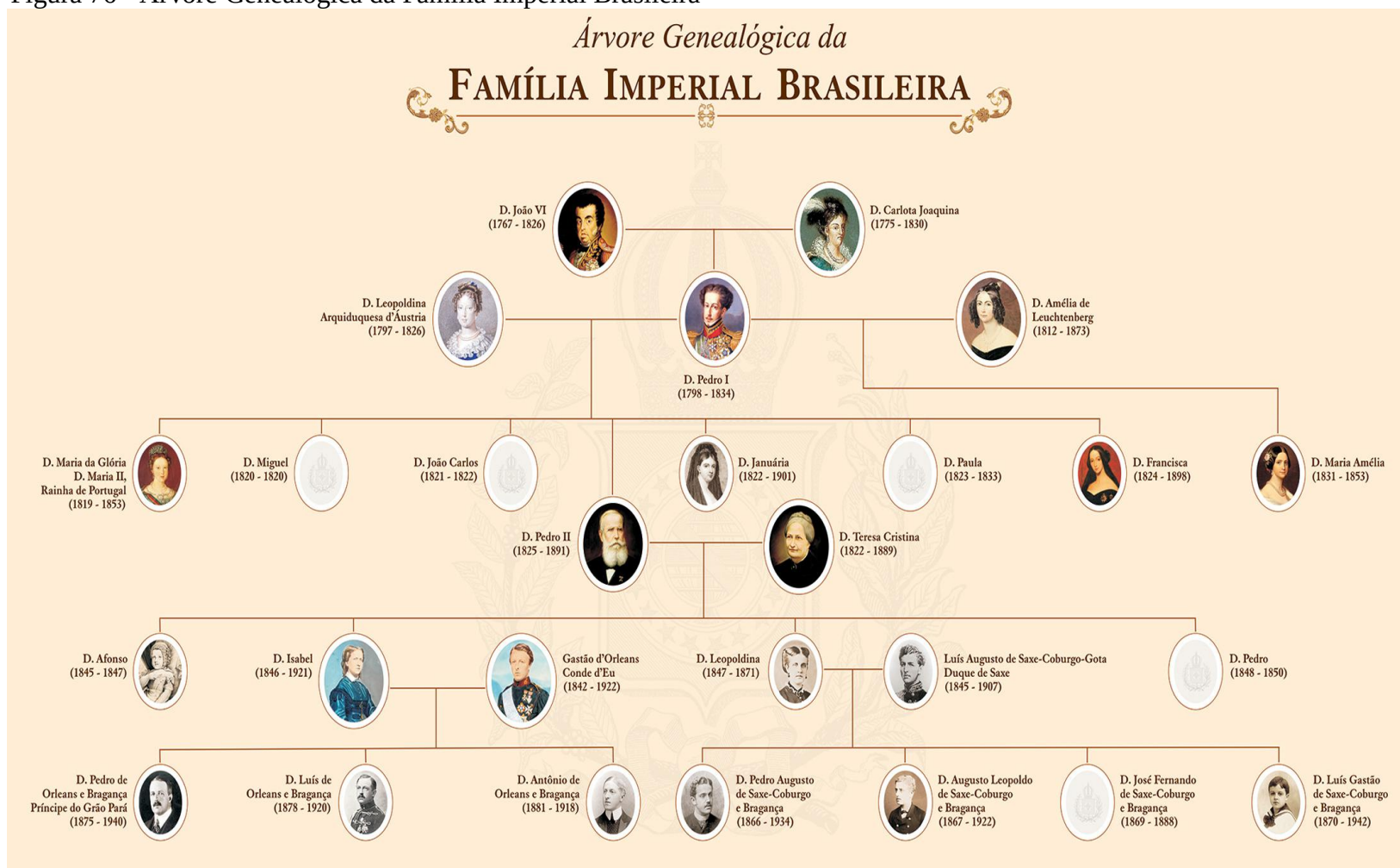
Tomada de Recife e de Olinda pelos holandeses	100	Declaração da Independência e Aclamação de D. Pedro I	218
Batalha naval ao mar da Bahia	105	Guerra da Independência	219
Total conquista da Capitania de Pernambuco pelos holandeses	109	Desordens do Pará	226
E das Alagoas	113	Incorporação de Montevidéu ao Brasil	228
Ataque da Bahia pelos holandeses	113	Dissolução da Constituinte	230
Tomada do Ceará pelos mesmos	114	Constituição oferecida pelo Imperador	231
Viagem de Pedro Teixeira pelo Amazonas até Quito	115	Revolução de Pernambuco de 1824	231
O Governador do Brasil tem o título de Vice-Rei	119	Desordens na Bahia	234
3ª ÉPOCA	121	Reconhecimento da Independência	236
O Brasil livre do jugo da Espanha	121	Viagem do Imperador à Bahia e falecimento do Rei D. João VI	237
Restauração de Portugal e lealdade de Amador Bueno	122	Guerra com Buenos Aires	238
Tomada do Maranhão pelos holandeses e sua expulsão	124	Morte da Primeira Imperatriz	241
Levantamento de Vieira contra o domínio holandês em Pernambuco	127	Batalha de Ituzaingó	243
Ataque da Bahia pelos holandeses	132	Desordens dos soldados estrangeiros no Rio de Janeiro	247
Primeira Batalha dos Guararapes	134	Tratado de paz com Buenos Aires	249
Segunda Batalha dos Guararapes	136	Segundo casamento de D. Pedro I	
Expulsão total dos holandeses do Brasil	138	Abdicação de D. Pedro I	253
Título de Principado conferido ao Brasil	140	Sucessos mais notáveis durante a menoridade do Sr. D Pedro II (1831-1840)	255
Povoação de Santa Catarina	140	ADITAMENTO	
Povoação das Alagoas	142	Estado do Brasil no princípio do ano de 1855 –	263
Fundação da Colônia do Sacramento	143	Do Império em geral e das Províncias	

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.⁴²⁵

⁴²⁵ Foi tomado como base o índice da obra (BELLEGARDE, 1855). A ortografia da escrita, presente no documento, foi atualizada no quadro para a língua portuguesa atual.

ANEXO A - Ilustração da Árvore Genealógica da Família Imperial Brasileira

Figura 76 - Árvore Genealógica da Família Imperial Brasileira



Fonte: Museu Imperial/Ibram/Ministério do Turismo.

ANEXO B - Imagem do Boletim da Princesa Isabel referente ao mês de setembro do ano de 1864

Figura 77 - Boletim da Princesa Isabel - 1864

Princesa Isabel							
Le 18 Septembre 1864	Dimanche	Lundi	Mardi	Mercredi	Jeudi	Vendredi	Samedi
Sagesse							
Ordre							
Evangelisme et Catéchisme							
Poésie portugaise							
Écriture							
Lecture portugaise et française							
Orthographe							
Prose française							
Littérature portugaise							
Style en Portugais		devoir				devoir	
Style en Français							
Cosmographie							
Géographie							
Histoire du Brésil		devoir		étude			
Histoire Moderne							
Histoire de France							
Histoire d'Angleterre							
Histoire du Consulat et de l'Empire							
Histoire Ancienne							
Histoire Romaine							
Histoire Ecclésiastique							
Histoire de l'Amérique							
Rhetorique		étude					
Physique		lecture					
Economie politique				devoir			
Minéralogie et Géologie		lecture		lecture		lecture	
Latin		devoir					
Grec							
Platin				devoir		devoir	
Allemand							
Italien		1 heure				1 heure	
Espagnol							
Arabe							
Calbre							

Fonte: Arquivo Grão Pará.

ANEXO C - Imagem da obra *Madona da Cadeira e S.J. Batista Menino* de Rafael Sanzio - original usado pela Princesa Isabel para produção de seu desenho - 1514

Figura 78 - Madona da Cadeira e S.J. Batista Menino - 1514



Fonte: A autoria de Rafael Sanzio – Galleria Palatina (Palazzo Pitti).

ANEXO D - Imagem da obra *Rouget de L'Isle e Dietrich em 1792 interpretando o hino que deu origem A Marselhesa* de Isidore Pils – 1849, original usado pela Princesa Isabel para produção de seu desenho

Figura 79 - Rouget de L'Isle e Dietrich em 1792 interpretando o hino que deu origem A Marselhesa - 1849



Fonte: A autoria de Isidore Pils - Coleção Museu Histórico de Estrasburgo.

ANEXO E - Imagem do mapa da Itália em processo de unificação desenhado pela Princesa Isabel no ano de 1858

Figura 80 - Mapa da Itália em processo de unificação - 1858



Fonte: Arquivo Grão Pará.

